



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Marina Siqueira Drey

**Fuga, abandono e sigilo:** a biografia desarquivada de Jorge Amado

Florianópolis  
2023

Marina Siqueira Drey

**Fuga, abandono e sigilo: a biografia desarquivada de Jorge Amado**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Literatura. Linha de pesquisa: Subjetividade, Memória e História. .

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Tânia Regina Oliveira Ramos, Dr.<sup>a</sup>

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Drey, Marina Siqueira  
Fuga, abandono e sigilo : a biografia desarquivada de  
Jorge Amado / Marina Siqueira Drey ; orientadora, Tânia  
Regina Oliveira Ramos, 2023.  
348 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Literatura, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Biografia. 3. Jorge Amado. 4. Acervo  
literário. 5. 1941-1942. I. Ramos, Tânia Regina Oliveira.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em Literatura. III. Título.

Marina Siqueira Drey

**Fuga, abandono e sigilo:** a biografia desarquivada de Jorge Amado

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 25 de agosto de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.<sup>a</sup> Maria Eunice Moreira, Dr.<sup>a</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof.<sup>a</sup> Susan Aparecida de Oliveira, Dr.<sup>a</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof Ricardo Gaiotto de Moraes, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Literatura.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Oliveira Ramos

Orientador(a)

Florianópolis, 2023

Sempre, eterna e infinitamente: mãe e pai, com todo o amor, e por todo o amor, dedico a vocês esta conquista.

## AGRADECIMENTOS

Para chegar até aqui precisei me despir da vergonha da imperfeição, tive que entender minhas limitações e aceitar que o realizar não está circunscrito à capacidade objetiva do saber fazer. O curso do tempo atravessou meus dias e dissociou o andar do relógio do cotidiano da então exaustão do viver. Por isso, agradeço pela materialidade deste trabalho porque ela sempre me fará lembrar que tese alguma vale a vida. Honrada pela vitória de adicioná-la a minha trajetória, mas também, e finalmente, consciente de não ser resumida a isso.

Mãe, pai, João e Luiza, eu quero renascer mil vezes se for para retornar para essa família. Partir sempre para voar mais alto, voltar sempre para repartir as asas. Vamos juntos, vamos todos. Dreyzito, meu quase rebento, imensamente grata por tua dedicação e partilha, pela luz que me trouxeste daquele teu jeito bobo que não deixa outra saída além do fazer rir e crescer o esperar. Minha mãe, meu pai, amor maior, absolutos e inquestionáveis companheiros, fortaleza minha, agradeço um sem fim de mundos pelo apoio, cuidado, amparo e amor desmedido. Com vocês ao meu lado posso tudo, posso o mundo. Lu, minha irmã, diferente em muito, solidária em tanto; que o laço siga reestabelecido para sempre em nó, independentemente das nossas diferenças. Obrigada tanto pelo conforto da palavra quanto pela objetividade da ação.

Ricardo, amor meu, bem sabes que você está em mim desde o iniciar desta trajetória, ainda na graduação, e assim quero que permaneça, na cabeça, no coração, no corpo, e na vontade do viver partilhando o caminhar. Obrigada por nós. Camis, Picurus, gatinha manhosa que expandiu nossos corações, alegria e agradecimento por sermos, juntos, lar. De novo: a vocês, minha família, um milhão de vezes obrigada! Eu amo vocês sem limites, sem mensura, apenas infinito. Quem tem a família que tenho, tem tudo na vida. Quem tem a família que tenho, tem vida.

Roberta, companheira, referência e inspiração. Que sorte a minha termos nos encontrado nessa trajetória. Muitas das durezas do meu caminhar foram superadas porque tive você comigo, fortalecendo, dividindo, somando e resistindo. Agora, quero rir muito contigo, minha amiga, porque a gente já chorou demais. Celebro minha vitória, celebro tua vitória; reconheço tua grandeza, agradeço pela amizade e admiro tua generosidade abundante. Obrigada.

Alan, pelas palavras do impulsionar, obrigada.

Reafirmo meu agradecimento à professora Tânia, pela confiança e pelos ensinamentos, que iniciaram na graduação se estendem para a vida, obrigada. Agradeço ainda às professoras e aos professores do Curso de Letras Português e da Pós-Graduação em Literatura, por minha formação como professora e como pesquisadora. Obrigada pelo ensino de qualidade. Estendo a gratidão à UFSC, minha casa, minha mestra, minha universidade múltipla, diversa, plural pela qual sinto orgulho e honra de ter sido formada. Agradeço à CAPES pelo financiamento da pesquisa em parte dessa trajetória.

*“Cale o cansaço, refaça o laço.”  
Emicida.*

## RESUMO

Esta tese de doutoramento tem o objetivo de descrever a pesquisa por mim desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse estudo, propus-me a analisar o discurso biográfico sobre Jorge Amado em 1941 e 1942, investigando a prática narrativa do contar a vida, o rol de publicações de caráter biográfico a respeito do autor, o período histórico em foco, e a materialidade de um acervo literário a fim de elaborar uma biografia a partir deste compilado documental denominado Acervo Mala de Jorge Amado; arquivo literário compilado no exílio do escritor em Buenos Aires e em Montevideo nos anos supracitados. Tal intervalo de tempo é condizente com a redação de *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*, bem como com o afastamento de Amado do Brasil, tendo em vista o contexto político em voga no período: a ditadura do Estado Novo. Para cumprir a proposta, em um primeiro momento, construo tanto um panorama acerca dos formatos do biográfico no contemporâneo quanto apresento a gênese dessa tessitura narrativa; seguidamente, investigo o entorno do qual emergiu esse material a fim de entender os contornos histórico-constitutivos de sua formação — perfilando tanto o conjunto dos acontecimentos objetivos quanto os efeitos subjetivos plausíveis desses episódios —; ainda, analiso um *corpus* de obras que tomam Jorge Amado como protagonista com o objetivo de localizar informações referentes ao período de exílio em questão; para, por fim, construir meu recorte biográfico na qualidade de arconte desse arquivo localizado no Núcleo Literatura e Memória (Nulime) da UFSC.

**Palavras-chave:** Biografia. Jorge Amado. Acervo literário. 1941-1942.



## ABSTRACT

This doctoral thesis aims to describe the research I conducted in the Postgraduate Program in Literature at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). In this study, I set out to analyze the biographical discourse about Jorge Amado in 1941 and 1942, investigating the narrative practice of recounting his life, the range of biographical publications about the author, the historical period under focus, and the materiality of a literary collection in order to create a biography based on this documentary compilation known as the 'Mala de Jorge Amado' Archive; a literary archive compiled during the writer's exile in Buenos Aires and Montevideo in the aforementioned years. This timeframe corresponds to the writing of *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* (something like *The life of Luiz Carlos Prestes, the Knight of Hope*), as well as Amado's distance from Brazil, given the prevailing political context: the dictatorship of the Estado Novo (New State). To fulfill this objective, I first provide an overview of contemporary biographical formats and present the genesis of this narrative framework. Subsequently, I investigate the context from which this material emerged to understand the historical and constitutive aspects of its formation, profiling both the objective events and the plausible subjective effects of these episodes. Furthermore, I analyze a *corpus* of works that feature Jorge Amado as the protagonist to gather information related to the period of exile in question. Finally, I construct my biographical perspective as the archon of this archive located in the Literature and Memory Nucleus (Nulime) at UFSC.

**Keywords:** Jorge Amado. Biography. Literary collection. 1941-1942.

## RESUMEN

Esta tesis de doctorado tiene como objetivo describir la investigación desarrollada por mí en el Programa de Posgrado en Literatura de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC). En este estudio, me propuse analizar el discurso biográfico sobre Jorge Amado en 1941 y 1942, investigando la práctica narrativa de contar la vida, el conjunto de publicaciones de carácter biográfico sobre el autor, el período histórico en cuestión y la materialidad de un acervo literario para elaborar una biografía a partir de este compendio documental denominado Acervo Mala de Jorge Amado, un archivo literario recopilado durante el exilio del escritor en Buenos Aires y Montevideo en los años mencionados. Este intervalo de tiempo coincide con la redacción de *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*, así como con la separación de Amado de Brasil, teniendo en cuenta el contexto político imperante en ese período: la dictadura del Estado Novo. Para llevar a cabo la propuesta, en un primer momento, construyo un panorama sobre los formatos de lo biográfico en la contemporaneidad y presento la génesis de esta estructura narrativa; posteriormente, investigo el entorno del cual emergió este material para comprender los contornos histórico-constitutivos de su formación, perfilando tanto el conjunto de los acontecimientos objetivos como los efectos subjetivos plausibles de estos episodios; además, analizo un *corpus* de obras que tienen a Jorge Amado como protagonista con el objetivo de ubicar información referente al período de exilio en cuestión; y, finalmente, construyo mi recorte biográfico en calidad de archivero de este archivo localizado en el Núcleo Literatura y Memoria (Nulime) de la UFSC.

**Palabras clave:** Biografía. Jorge Amado. Archivo literario. 1941-1942.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira edição da publicação <i>Vida de Luiz Carlos Prestes – el Caballero de la Esperanza</i> , Editora Claridad (1942) (capa).....	
Figura 2 – Primeira edição da publicação <i>Vida de Luiz Carlos Prestes – el Caballero de la Esperanza</i> , Editora Claridad (1942) (lombada).....	93
Figura 3 – Panfleto da campanha para Deputado Federal (1945).....	93
Figura 4 – Em frente, à esquerda, na Assembleia Constituinte, ao lado da bancada comunista (1946).....	93
Figura 5 – Recorte Jornal do Estado da Bahia (17/12/1937)	
Figura 6 – Capa da primeira edição da publicação <i>Vida de Luís Carlos Prestes – O Cavaleiro da Esperança</i> , pela Livraria Martins (1945).....	110
Figura 7 – Foto da Coluna Prestes.....	110
Figura 8 – Folha de rosto da primeira edição da publicação <i>Vida de Luís Carlos Prestes – O Cavaleiro da Esperança</i> , pela Livraria Martins (1945) .....	110
Figura 9 – Capa <i>Jorge Amado: 30 anos de literatura</i> .....	115
Figura 10 – Capa <i>Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura</i> .....	115
Figura 11 – Capa <i>Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa</i> ....	115
Figura 12 – No cais.....	118
Figura 13 – Em meio a livros.....	118
Figura 14 – Capas de livros.....	119
Figura 15 – Jorge Amado e amigos 1.....	121
Figura 16 – Jorge Amado e amigos 2.....	121
Figura 17 – Jorge Amado e amigos 3.....	122
Figura 18 – Genealogia.....	131
Figura 19 – Capa <i>Jorge Amado: vida e obra</i> .....	133
Figura 20 – Capa <i>Jorge Amado: retrato incompleto</i> .....	134
Figura 21 – Capa <i>Conversando com Jorge</i> .....	134
Figura 22 – Capa <i>Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor</i> .....	135
Figura 23 – Capa <i>A odisseia de Jorge Amado</i> .....	135
Figura 24 – Capa <i>Jorge Amado, meu tio</i> .....	136
Figura 25 – Jorge e Zélia 1.....	146
Figura 26 – Jorge e Zélia 2.....	146
Figura 27 – Com amigos no castelo de Dobris.....	151

Figura 28 – Jorge e Zélia na Tchecoslováquia.....	151
Figura 29 – Jorge e Zélia 3.....	151
Figura 30 – Jorge, Zélia e João Jorge.....	152
Figura 31 – Entre amigos.....	152
Figura 32 – Jorge e Zélia 4.....	152
Figura 33 – “Pescador”.....	154
Figura 34 – Início de capítulo: Fama, tristeza e prisão.....	154
Figura 35 – Início de capítulo.....	155
Figura 36 – Ilustração margem.....	156
Figura 37 – A(a)mados: primeira página.....	160
Figura 38 – A(a)mados: última página.....	160
Figura 39 – Noite de autógrafos.....	161
Figura 40 – Os irmãos no apartamento de Higienópolis.....	162
Figura 41 – Família no apartamento de James e Fanny.....	162
Figura 42 – Figurino doméstico.....	162
Figura 43 – Jorge e Joelson pós-almoço.....	163
Figura 44 – Jorge, Joelson e Paloma.....	163
Figura 45 – Jorge e sobrinhos.....	163
Figura 46 – Jorge, Zélia e Heloísa Ramos.....	164
Figura 47 – Capa <i>O baiano Jorge Amado e sua obra</i> .....	176
Figura 48 – Capa <i>Jorge Amado: Literatura comentada</i> .....	176
Figura 49 – Capa <i>Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado</i> .....	177
Figura 50 – Capa <i>Caderno de leituras – a literatura de Jorge Amado</i> .....	177
Figura 51 – Capa <i>Caderno de leituras – o universo de Jorge</i> .....	178
Figura 52 – Família Amado.....	179
Figura 53 – <i>Cadernos 1</i> .....	183
Figura 54 – <i>Cadernos 2</i> .....	183
Figura 55 – Página para <i>download</i> dos <i>Cadernos</i> .....	186
Figura 56 – Página 14 de <i>Cadernos</i> .....	188
Figura 57 – Página 13 de <i>Cadernos</i> .....	189
Figura 58 – Jorge e Rachel.....	190
Figura 59 – Na igreja de Nosso Senhor do Bonfim (1940).....	191
Figura 60– Casamento de Vinicius de Moraes (1972).....	191
Figura 61 – Aos 10 anos (1922).....	191

Figura 62 – Jorge Amado nos 1990.....	193
Figura 63 – Jorge e Zélia em contexto questionável.....	196
Figura 64 – Abertura do ensaio.....	197
Figura 65 – Organização da seção biográfica.....	200
Figura 66 – Capa <i>Reportagem incompleta</i> .....	203
Figura 67 – Capa <i>Fotobiografia</i> .....	203
Figura 68 – Ilustração de <i>Terras do sem fim</i> , de Diego Rivera.....	205
Figura 69 – Dedicatória, de Ilya Ehrenbourg.....	205
Figura 70 – Filhos, João Jorge e Paloma (1962).....	206
Figura 71 – Neta, Mariana (1974).....	207
Figura 72 – Benção para Mãe Menininha (1972).....	207
Figura 73 – Renaud de Jouvevel, André Wurmser, Claude Morgan e Paul Eluard – Paris (1949).....	207
Figura 74 – Medidas para o fardão (1961).....	208
Figura 75 – Com ilustrador Floriano Teixeira (1980).....	208
Figura 76 – Alice Raillard (1985).....	208
Figura 77 – Samuel Wayner e os filhos e Iuri Gagarin (1962).....	209
Figura 78 – Nicolás Guillén e Chi-pai-che (1952).....	209
Figura 79 – Trabalhando (1966).....	209
Figura 80 – Carlos Scliar (1961).....	210
Figura 81 – Zélia Gattai.....	210
Figura 82 – “Retrato de Jorge”, de Frantsek Irosek.....	212
Figura 83 – “Retrato de Jorge Amado”, de Quirino da Silva.....	213
Figura 84 – “Retrato de Jorge Amado”, de Cândido Portinari.....	214
Figura 85 – “Retrato de Jorge Amado”, de José Pancetti.....	215
Figura 86 – “Retrato de Jorge Amado”, de Flávio de Carvalho.....	216
Figura 87 – “Retrato de Jorge Amado”, de Carlos Scliar.....	217
Figura 88 – Jorge, Rio, 1939.....	219
Figura 89 – Retratos de Jorge.....	220
Figura 90 – Conferência em Salvador (1943).....	220
Figura 91 – Pablo Neruda, Luís Carlos Prestes e Jorge, São Paulo (1945).....	221
Figura 92 – Parte da bancada comunista na Câmara dos Deputados em 1947.....	221
Figura 93 – Geoge Luckás preside a mesa em solenidade em homenagem a Jorge Amado e Umberto Barbaro, Budapeste, Hungria, 1949.....	221

Figura 94 – Jorge e Pedro Mota Lima, com escritores tchecos nos jardins do Castelo de Dobris, Tchechoslováquia, 1950.....	222
Figura 95 – Com Mister Pickwick, na praia da Pedra do Sal, Itapoã, 1980.....	222
Figura 96 – Capa <i>Jorge Amado</i> .....	223
Figura 97 – Capa <i>Jorge Amado – uma cortina que se abre</i> .....	224
Figura 98 – Capa <i>Jorge, o amado escritor</i> .....	224
Figura 99 – Capa <i>Jorge Amado – uma biografia</i> .....	224
Figura 100 – Ilhéus, século XX.....	227
Figura 101 – Jorge e Zélia, por Colasans Neto.....	227
Figura 102 – Picasso para tradução italiana de <i>Terras do sem fim</i> .....	227
Figura 103 – Academia dos Rebeldes, 1930.....	228
Figura 104 – Com Pierre Verger e Carybé.....	288
Figura 105 – Início do livro: 1.1.....	230
Figura 106 – Início do livro: 1.2.....	230
Figura 107 – Excerto de <i>Suor</i> .....	231
Figura 108 – Final da biografia.....	231
Figura 109 – Suplemento didático 1.....	232
Figura 110 – Suplemento didático 2.....	232
Figura 111 – No Hotel do Juca, com Matilde, João Nascimento e Neuza.....	236
Figura 112 – No Hotel do Juca, com Lila.....	236
Figura 113 – Lila, Jorge e frequentadores da Papelaria Modelo.....	236
Figura 114 – Matilde e Jorge no convés do <i>Comandante Alcídio</i> , 1938.....	236
Figura 115 – Matilde e Lila.....	237
Figura 116 – Matilde e Neuza, 1936.....	237
Figura 117 – <i>A descoberta do mundo</i> , de Matilde e Jorge.....	238
Figura 118 – Certidão de casamento de Matilde e Jorge.....	238
Figura 119 – Páginas de <i>Jorge, o amado escritor</i> .....	240
Figura 120 – Mariá Sampaio, o primeiro amor.....	244
Figura 121 – Certidão de Jorge.....	245
Figura 122 – Lila, 1948.....	245
Figura 123 – Dom Casmurro, 13/01/1940.....	272
Figura 124 – Dom Casmurro, 13/01/1940, nota em zoom.....	272
Figura 125 – Dom Casmurro, 20/01/1940.....	272
Figura 126 – Dom Casmurro, 20/01/1940, nota em zoom.....	272

Figura 127 – Dom Casmurro, 13/04/1940.....	272
Figura 128 – Dom Casmurro, 13/04/1940, nota em zoom.....	272
Figura 129 – Diretrizes, fevereiro de 1940, p. 43.....	273
Figura 130 – Diretrizes, fevereiro de 1940, p. 44.....	273
Figura 131 – Capa de <i>Agonia da noite</i> (versão azul 2) .....	274
Figura 132 – Parte introdutória ao <i>Agonia da noite</i> (versão preta) .....	275
Figura 133 – Início do nono capítulo de <i>Agonia da noite</i> (versão preta) .....	276
Figura 134 – Início do sétimo capítulo de <i>Agonia da noite</i> (versão vermelha).....	277
Figura 135 – Original de <i>Agonia da noite</i> que contém o excerto citado (versão azul 2) .....	278
Figura 136 – Original de <i>Agonia da noite</i> com a continuação excerto citado (versão azul 2) .....	279
Figura 137 – Início do primeiro capítulo de <i>Agonia da noite</i> (versão azul 1).....	280
Figura 138 – Original de <i>Luiz Carlos Prestes</i> , poema de Adelmo Botto Aparicio (1).....	284
Figura 139 – Original de <i>Luiz Carlos Prestes</i> , poema de Adelmo Botto Aparicio (2).....	285
Figura 140 – Original de <i>Luiz Carlos Prestes</i> , poema de Adelmo Botto Aparicio (3).....	286
Figura 141 – Endereços.....	288
Figura 142 – Endereços: em perspectiva.....	289
Figura 143 – Carteira A Noite: capa.....	290
Figura 144 – Carteira A Noite: interna 1.....	290
Figura 145 – Carteira A Noite: interna 2.....	291
Figura 146 – Carteira A Noite: em perspectiva.....	291
Figura 147 – Envelope recebido por Jorge Amado (Buenos Aires).....	292
Figura 148 – Envelope a ser enviado por Maria Amado.....	292
Figura 149 – Listagem da obra I.....	294
Figura 150 – Listagem da obra II.....	296
Figura 151 – Listagem da obra III.....	299
Figura 152 – Envelope recebido por Jorge Amado (Montevideú).....	301
Figura 153 – Envelope recebido por Matilde Amado.....	301
Figura 154 – Sobrado da Calle José Martí, nº 3138, fachada.....	301
Figura 155 – Sobrado da Calle José Martí, nº 3138, endereço.....	301

Figura 156 – <i>São Jorge dos Ihéus</i> , Rio, 1940.....	305
Figura 157 – <i>São Jorge dos Ihéus</i> , Buenos Aires, 1942.....	306
Figura 158 – Carta para Joaquim – frente.....	313
Figura 159 – Carta para Joaquim – verso.....	314
Figura 160 – <i>SJI/Terras</i> versão Buenos Aires I (1941).....	315
Figura 161 – <i>Leocadia, Olga y Anita, madre, esposa e fija</i> .....	316
Figura 162 – <i>Carta de agradecimento à Conferência proferida no Liceo Liceo Rosarino de Mujeres</i> .....	317
Figura 163 – Carta de Lygia, de 20 de junho de 1942.....	318
Figura 164 – Plano para entrada da literatura, drible à censura.....	319
Figura 165 – Original <i>Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Sweig</i> I.....	320
Figura 166 – Original <i>Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Sweig</i> II.....	321
Figura 167 – Original <i>Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Sweig</i> III.....	322
Figura 168 – Página do <i>La Razon</i> com o texto sobre Stefan.....	323
Figura 169 – Texto publicado sobre Stefan em close.....	324
Figura 170 – Original de <i>Presença no porto de Tocopilla</i> .....	326
Figura 171 – Contrato de <i>A descoberta do mundo</i> .....	327
Figura 172 – <i>Os Poemas de Jorge Amado</i> .....	328
Figura 173 – Subtítulo <i>Poemas de amor</i> .....	329
Figura 174 – Carta Maria (frente).....	332
Figura 175 – Carta Maria (verso).....	333
Figura 176 – Carta abandonada para Rosalía e Noemí.....	334
Figura 177 – Envelope para Matilde 1. ....	335
Figura 178 – Envelope para Matilde 2.....	336
Figura 179 – Carta de Bluma.....	336
Figura 180 – Carta para Matilde.....	337



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Obras biográficas .....	113
-----------------------------------	-----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIB – Ação Integralista Brasileira

ANL – Aliança Nacional Libertadora

CCE – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina

FCJA – Fundação Casa de Jorge Amado

FGV – Fundação Getúlio Vargas

JC – Juventude Comunista

NuLime – Núcleo Literatura e Memória

PCB – Partido Comunista Brasileiro

POS DR – Partido Operário Socialdemocrata Russo

STF – Supremo Tribunal Federal

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UEB – Unidade de Estudos Biográficos

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>2 O ESPAÇO BIOGRÁFICO: NARRAR A VIDA</b> .....	<b>32</b>
2.1 BIOGRAFIA NO CONTEMPORÂNEO: RECORTE E CONSTRUÇÃO .....	32
2.2 BIOGRAFIA NA MEMÓRIA DO TEMPO: MONUMENTO E DESCONSTRUÇÃO .....	54
<b>3 REVOLUÇÃO, HISTÓRIA E LITERATURA</b> .....	<b>82</b>
3.1 HOMEM DE PARTIDO, ESCRITOR DO PARTIDO .....	82
<b>3.1.1 Homem de partido, escritor do Partido: em imagens</b> .....	<b>93</b>
3.2 TRIUNFOS E DERROTAS DO CAVALEIRO DA ESPERANÇA: PARALELOS HISTÓRICOS .....	94
<b>3.2.1 Triunfos e derrotas do Cavaleiro da Esperança: paralelos históricos em imagens</b> .....	<b>110</b>
<b>4 VIDAS ESCRITAS: MAPEAMENTO E ANÁLISE BIOGRÁFICO</b> .....	<b>111</b>
4.1 DE QUARENTÃO A CENTENÁRIO: NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE 1961 A 2021 .....	114
<b>4.1.1 Edições comemorativas: 30, 40 e 80 anos de vida literária</b> .....	<b>114</b>
<b>4.1.2 A vida em unidades de materializações: ensaio, entrevista, relato, poema e memória</b> .....	<b>133</b>
<b>4.1.3 A vida em narrativas híbridas: da cronologia à entrevista</b> .....	<b>175</b>
<b>4.1.4 A vida e(m) imagens: fotobiografias</b> .....	<b>202</b>
<b>4.1.5 Bio-grafado</b> .....	<b>223</b>
4.2 SOB LUPA: REGISTROS DE 1941-1942 .....	246
4.3 SEIS DÉCADAS PERSONAGEM: JORGE AMADO EM (DES)ENCONTROS .....	261
<b>5 DESARQUIVANDO: CONTAR A VIDA</b> .....	<b>266</b>
5.1 GRAFIAS DO EXÍLIO, BAGAGENS DA VIDA .....	267
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	<b>309</b>
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>343</b>

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

*Os personagens desse romance são baseados na mais pura realidade, deturpados apenas pelas exigências da realidade artística do romance.*

(Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 403 01A)<sup>2</sup>.

Em novembro de 2018, dei a uma comunicação o título “Quanto vale uma biografia?”; na ocasião, retomava e aprofundava as leituras teóricas acerca do universo de produção narrativa a que Leonor Arfuch ([2002] 2010) denominou “espaço biográfico”: esse lugar metafórico no qual estão inscritas as escritas de vida sobre o eu, sobre o outro. A indagação não somente persistiu como se estendeu a uma porção de outros questionamentos que me fizeram, e fazem, pensar o gênero biográfico e, em específico, o gênero biográfico no contexto ao qual me inscrevo. Recupero o episódio a fim de ilustrar um incômodo que se ramificou e a mim acompanhou no decorrer do curso da redação desta tese; dado que, decorridos cerca de 40 anos daquilo que os estudos da área admitiram como uma “virada subjetiva”<sup>3</sup>, é seguro

---

<sup>1</sup> TOMO I —

Não sou leitora de biografias. Agora sim pela motivação acadêmica, mas nunca fui. Fiz um esforço para localizar quando e qual foi o primeiro livro com *status* biográfico que comprei ou li por fruição e nada me ocorreu, possivelmente porque ele não existiu. Chego à conclusão de que os fragmentos de vida me bastaram. Com esses pedaços — que me encontraram no despertar do interesse, ou com interesse os encontrei — construí narrativas particulares sobre os atores e figurantes que transitaram pelo meu universo e foi isto: o suficiente. Poderia nisso admitir preguiça, mas decido-me por “autoria”, talvez porque, até então, menos atrativos seriam fulanas e fulanos pelo olhar de outrem. Também pouco fui leitora de Jorge Amado. Agora muito pela motivação acadêmica, mas pouco fui. Não preciso de esforço para localizar quando e qual foi o primeiro título que não comprei, mas li por fruição: *Capitães da areia* (1937); provavelmente porque já o tinha em casa. Mais provavelmente, porque o roxo daquela capa mole chamou minha atenção. A edição em minhas mãos trazia cara de exemplar meia vida: cortes com sujidades, carcomido na esquina das lombadas, brochura quase meio solta, páginas com indícios de umidade, ponta de folha denunciando sua função de marca-páginas, e o toque especial anos 2000: papel *contact* fosco (era *contact* ou plástico com Durex?), sugerindo o razoável tempo que servia como proteção. Nessa fase, cuja precisão não alcança mais que a noção genérica de “adolescência”, iniciei e também pausei minha relação com a palavra de Jorge Amado. Hoje especulo o porquê: imagem demais para digerir. Dessa azia, queimava a crueza da possibilidade daquele viver e não descia determinada violência; “o que eles têm a perder?”, ouvi de minha mãe quando compartilhei a descrença diante dos desdobramentos de uma passagem (veja só, a mocinha aqui procurava verossimilhança). O “o que eles têm a perder?” fez-me deglutir com amargor as cenas e por longos anos não mais me encontrei com Jorge Amado. Ao menos, não no formato de livro, já que adaptações diversas surgiam e seguiam, de uma forma ou outra, fazendo parte do horizonte do meu repertório. Naquela altura: o suficiente. Poderia nisso admitir desinteresse, mas decido-me por “salvaguarda”.

<sup>2</sup> Nota introdutória de *Agonia da noite*, romance inédito inacabado de Jorge Amado, constituinte do Acervo Mala de Jorge Amado. Desde já, destaco que seu conteúdo difere daquele de título homônimo publicado como segundo volume da trilogia dos *Subterrâneos da liberdade* (1954): *Os ásperos tempos*, *Agonia da noite*, e *A luz no túnel*.

<sup>3</sup> Em *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), Beatriz Sarlo denomina esse movimento como “guinada subjetiva”.

reconhecer a superação dos fatigados debates às voltas do retorno do gênero biográfico: não há mais espaço para o titubeio, ele está de volta.

Na mesma direção, também não se pode mais alegar desconhecimento ou inocência quanto à ilusão da redação de uma biografia linear no sentido de “recuperação do vivido”: ele jamais será apreendido. Ainda, há pouco mais de uma década, também lemos a biografia como o exercício do *desafio*<sup>4</sup>; além disso, hoje, seguimos discordando de Philippe Lejeune (1980) quando afirmava — há mais de 40 anos, sejamos justos — que, apesar de um dos gêneros mais praticados, a biografia era um dos menos estudados; não mais. A crítica biográfica, por sua vez, ao mesmo tempo em que explicita a desconstrução do lugar da biografia enquanto manual pedagógico, problematiza as construções éticas em relação às narrativas de vida da contemporaneidade: para qual leitura do mundo nossos biografados colaboram?

Então, assim, o “quanto vale o uma biografia?” despontou em 2018, atravessou 2019, ampliou-se em 2020-2021 em muitos, muitos, longos e desorientados meses epidêmicos, passou por 2022 e aqui em 2023 permanece para perguntar: o que resta ser dito?; quais relações poderiam ser engendradas?; quais contribuições ainda podem ser ouvidas?; quais os contornos de uma biografia proposta no tempo presente a partir da pesquisa em um acervo literário? — especialmente levando-se em conta que um acervo, por excelência, é materialização descontínua, aberta e fragmentária — ou ainda, quais os contornos darei à escrita biográfica dos personagens que dali emergem?

Específico: o “dali” diz respeito ao arquivo ao qual me aproximei há cerca de uma década, quando graduanda, e atualmente me acompanha como objeto de estudo, agora como doutoranda, em um recorte biográfico: o Acervo Mala de Jorge Amado. Acervo literário com 1543<sup>5</sup> páginas que contextualiza e descreve a produção intelectual, tanto literária quanto política, de Jorge Amado nos anos de 1941 e 1942. Originalmente reunidos em uma mala, os documentos referem-se ao intervalo temporal em que o escritor esteve exilado em Buenos Aires e em Montevideu para escrever a biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes, bem como para desertar

---

<sup>4</sup> Em referência ao *O desafio biográfico: escrever uma vida*, de François Dosse ([2007] 2009).

<sup>5</sup> O montante dessas páginas foi determinado por mim e por Roberta de Fátima Martins, companheira de pesquisa no Nulime, em nossa reorganização do material. Embora catalogado por outra equipe do núcleo — em um primeiro momento, em 2012, assim que fora aberto, e posteriormente, em 2016, com mais demora — no andamento de nossas leituras/investigações no Acervo, deparamo-nos com lacunas e inconsistências que nos obrigaram a esse trabalho arquivístico o qual, como mencionado, identificou a existência de 1543 páginas documentais.

da ditadura do Estado Novo do Governo Vargas, perseguidor assíduo dos militantes e simpatizantes da ideologia marxista-leninista. No contexto de partida à Argentina, Amado sequer havia chegado ao trigésimo aniversário de vida, porém o relacionamento com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), capaz de justificar a expatriação do escritor, estendia-se há aproximadamente 10 anos, desde a filiação à Juventude Comunista (JC), em 1932.

Tal contato, portanto, é fundamental para a trama constitutiva desse acervo e, conseqüentemente, desta pesquisa, em razão da geratriz dessa reunião documental estar circunscrita às tarefas de Jorge Amado como militante. Embora sua atuação não fosse a de dirigente, o escritor trabalhava com a “alta direção do Partido”<sup>6</sup>, proximidade que lhe direcionou à elaboração da biografia de Prestes para “servir à campanha que pedia pela sua anistia.” (Amado, 1990, 104). Assim, em 1942, publicou *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* pela Editora Claridad, em Buenos Aires, e alguns meses depois retornou ao Brasil.

Todavia, antes de tomar o avião para Porto Alegre, precaveu-se: manteve no Uruguai tanto os documentos que recolheu quanto os que produziu no período de afastamento. A partir do abandono não houve, por conseguinte, compartilhamento documental desse material; além disso, ele mesmo afirmou que não socializou, e sequer viria a socializar, os acontecimentos referentes ao intervalo de tempo em que manteve relação direta com o Partido<sup>7</sup>: “Sobre tais lembranças não fiz anotações, morrem comigo”, escreveu no seu memorialístico *Navegação de cabotagem* (Amado, [1992] 2006, p.14).

Como efeito, ficaram para trás reportagens, fotografias, contratos editoriais, rascunhos, recortes de jornais, planejamento de publicações, textos literários em prosa e em verso, excertos de dois romances, livretos, correspondências — tanto pessoais quanto políticas trocadas com militantes do PCB e da Aliança Nacional Libertadora (ANL) — etc. Embora seja verdade que não houve registro posterior por parte do escritor, como dito anteriormente, essa compilação veio à tona quase 70 anos após o seu abandono, porque uma militante comunista os guardou na ocasião de

---

<sup>6</sup> “Eu não era um dirigente do Partido, eu exercia funções de direção, mas não detinha funções para as quais tivesse sido eleito. Não era membro de comitê nenhum. Era um membro de base. A única diferença é que eu não pertencia a nenhuma célula, trabalhava diretamente ligado à alta direção do Partido” (Amado, 1990 *apud* Raillard, 1990, p. 264).

<sup>7</sup> É pertinente observar que o escritor rompe oficialmente suas relações com o PCB na década de 1950 (1955). Logo, a declaração a que se faz menção estende-se a todo o período em que se manteve ligado ao Partido e não somente aos anos de 1941-42.

partida de Jorge Amado, em 1942. Rosa, nome que escolheu para ser identificada — uma homenagem à Rosa Luxemburgo — foi guardiã desses papéis até o fim da vida, de forma que sua herdeira, Leonor, tornou-se a responsável pela doação, e consequente socialização, documentais do que até então era seu espólio. Atualmente, o material está sob os cuidados do Núcleo Literatura e Memória (Nulime), do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação da professora e pesquisadora Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Oliveira Ramos.

Foi o contato com este arquivo, inicialmente como pesquisadora de Iniciação Científica<sup>8</sup>, que a mim despertou a percepção, naquela ocasião, de que os anos de 1941 e 1942 foram suprimidos das narrativas de vida de Jorge Amado. Isso porque as idas e vindas às obras biográficas que o traziam como protagonista pouco me auxiliavam para a compreensão contextual desse Acervo<sup>9</sup>, na medida em que continuamente pareciam reverberar as mesmas informações: “Em 1941 e 1942 Jorge Amado exilou-se na Argentina e no Uruguai para produzir, e posteriormente publicar, uma biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes”.

À vista disso, em investigação posterior, no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)<sup>10</sup>, identifiquei o abandono da “mala” aliado ao silêncio do escritor como primeira explicação para a carência de informações referentes ao período. Em outras palavras, creditei tal hiato biográfico à falta de dados pelo não compartilhamento tanto documental, tendo em vista o recém socializado Acervo Mala de Jorge Amado, quanto testemunhal, considerando-se que Amado não se dispôs a elucidar questões referentes a sua vida com o PCB.

Todavia, em investigação mais aprofundada, em minha Dissertação de Mestrado<sup>11</sup>, na busca pela comprovação material de que os anos de 1941 e 1942 eram efetivamente lacunares nas narrativas de vida de Jorge Amado, analisei 11

---

<sup>8</sup> No segundo semestre de 2013 fui selecionada como pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC do Projeto “A Mala de Jorge Amado: 1941-1942”. Na ocasião, a investigação deteve-se no mapeamento literário do arquivo.

<sup>9</sup> Neste trabalho, o substantivo “acervo” estará registrado como próprio, em maiúsculo (Acervo), quando se referir ao Acervo Mala de Jorge Amado. Assim, quando grafado na forma comum (acervo) indicará uso genérico do vocábulo.

<sup>10</sup> Em meu TCC identifiquei a ocorrência de dois movimentos distintos em relação aos registros de vida de Jorge Amado acerca de 1941 e 1942, com base em duas importantes obras biográficas, a saber i) *Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado* (1997); do Instituto Moreira Salles; e ii) *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei* (2006), de Jorge Amado.

<sup>11</sup> No Mestrado, propus-me a investigar documentos que corroborassem para o alargamento da narrativa biográfica de Jorge Amado nos dois anos em que esteve exilado na Argentina e no Uruguai.

publicações do espaço biográfico<sup>12</sup> cujo protagonista é o escritor; a partir disso, pude identificar que minhas afirmações referentes à lacuna eram equivocadas, ou pelo menos o eram em partes. Primeiro, porque localizei obras que falavam, sim, ao espaço de tempo em questão, tanto em relação à quantidade, que ultrapassava a ideia inicial das “parcas linhas” dedicadas ao período, quanto em relação ao conteúdo, que se estendia para além de 1941 como o ano em que Amado se autoexilou no Uruguai para escrever a biografia do líder comunista, e 1942 como o período em que publicou *Vida de Luiz Carlos Prestes*. Segundo, porque eu partia do pressuposto de que a lacuna estava estritamente relacionada à existência ou não de registros textuais a respeito dos referidos anos<sup>13</sup>.

Dessa forma, no momento em que comecei a encontrá-los, passei a atentar para a possibilidade de que o espaço obscuro em relação aos anos da década de 40 em foco nas narrativas biográficas de Jorge Amado se construía devido a uma sobreposição de discursos, na qual as materializações biográficas mais contemporâneas publicadas até ali figuravam como obras cujo desinteresse pelos registros e acontecimentos do exílio em questão se fazia ver. Frente a isso, passei a mudar as perguntas, isto é, se existiam informações biográficas acerca de 1941 e 1942 em publicações mais antigas, por qual motivo esses anos de vida do escritor seguiam sendo silenciados no tempo presente? A que, ou a quem, servia o apagamento biográfico que menciono? Quero dizer, mesmo localizando informações

---

<sup>12</sup> “Espaço biográfico”, no caso, como terminologia que Leonor Arfuch (2010) emprestou de Philippe Lejeune para conceituar o que identificou como uma zona interdiscursiva na qual convivem outras valorações culturais, como o caderno de notas, a entrevista, o *blog* etc., que falam ao (auto)biográfico, além dos gêneros historicamente canônicos nessa área. Cito-a: “A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida. Inscrevem-se assim, para além do gênero em questão, numa das grandes divisões do discurso, a narrativa, e estão sujeitas, portanto, a certos procedimentos compositivos, entre eles, e prioritariamente, os que remetem ao eixo da temporalidade. Efetivamente, o que mais a atribuição (auto)biográfica supõe além da ancoragem imaginária num tempo ido, fantasiado, atual, prefigurado?” (Arfuch, 2010, p.111, grifos da autora).

<sup>13</sup> Cito passagem da Dissertação com comentário acerca do tópico: “[...] eu partia do pressuposto de que a lacuna estava subordinada diretamente à existência ou não de materialidades textuais a respeito desses anos. Assim, no momento em que comecei a localizá-las frustrei-me, e essa decepção esteve ancorada na crença de que a pesquisa havia perdido o sentido, porque, afinal, havia achado informações que falavam de 1941 e 1942. E qual sentido faria trazer à tona o que nunca desapareceu da vista? Eis o meu equívoco. Erro crasso, eu diria, esquecer, ou demorar para notar, que não basta “se fazer ver”, há que “se fazer legítimo” antes de tudo. E foi justamente quando me dei conta de que “achei”, depois de muito pesquisar, obras que não ignoram o autoexílio, que pude reorganizar as diretrizes deste trabalho. Em outras palavras, dei-me conta de que encontrei tais dizeres de 1941 e 1942 após, objetiva e continuamente, procurá-los. Ou seja, apenas depois de frustrar-me com buscas “erradas” consegui reunir um *corpus*. E quem mais, além de um pesquisador ou um leitor muito, muitíssimo interessado, o faria? Quero dizer, por qual motivo demorei para encontrá-las?” (Drey, 2017, p. 27).



a respeito dessa lacuna, algo não se preenchia, pois os dados, por si só, não conseguiam suprir o espaço deixado por esse intervalo de tempo que não fora desenvolvido nas discursividades mais recentes sobre o escritor até a ocasião do trabalho em curso, em 2017 (ano de defesa da Dissertação).

Também, ainda, pude notar que as obras encontradas não dispensavam o Acervo, isto é, evidentemente, um acervo literário não cabe em algumas páginas de livro, mas não é a respeito disso que me referia. A questão residia/reside na percepção de que a lacuna existia mesmo diante desses materiais, que o hiato edificava-se não porque há poucas linhas sobre o período, mas porque há uma realização maior, que inicia desde a constituição histórica e factual do Acervo Mala de Jorge Amado até a consolidação dos discursos biográficos contemporâneos que se fazem, a exemplo da própria Fundação Casa de Jorge Amado<sup>14</sup>.

Ou seja, passou a interessar-me a comprovação do contínuo de ilegitimidades que abrem e solidificam essa lacuna para além de questões narrativas. Em outras palavras, acredito que seja sua formação motivada por uma intimação partidária autoritária, em um regime violento de exceção, por sujeitos escondidos atrás dos pseudônimos das correspondências, pelo abandono de sua materialidade por parte de Jorge Amado, por recortes e omissões dos arcontes desse tempo e, possivelmente, por outros desdobramentos que se conseguiu solidificar esse espaço em aberto. Isto posto, não me parece gratuito dizer que a lacuna biográfica em foco seria resultante de um contínuo de silenciamentos tendenciosos, que, embora abarquem desencontros, antes, falam muito de escolha, de interesse, na medida em que a narrativa desse período de vida tenha ficado entre o “não poder” e “não querer” dizer.

Dessa forma, a partir de investigação anteriormente iniciada, é possível afirmar que de tempos em tempos uma nova obra de caráter biográfico é publicada sobre Jorge Amado e, embora elas justifiquem a sua publicação assegurando a informação de novos dados ou pontos de vista a respeito da vida do autor, nenhuma delas, de fato, conseguiu suprir ou reestruturar a tessitura biográfica de Amado no que diz respeito aos anos de 1941 e 1942. Com isso, a hipótese desta tese de

---

<sup>14</sup> A Fundação Casa de Jorge Amado <[www.jorgeamado.org.br](http://www.jorgeamado.org.br)>, instituição privada de caráter cultural, inaugurada no dia 2 de julho de 1987, é o abrigo oficial da materialidade da obra e da vida do escritor Jorge Amado e, em vista disso, a maior instituição que se ocupa da recuperação, preservação, e circulação da memória social do escritor baiano.

doutoramento, motivada pelas conclusões suscitadas no Mestrado, passa pela percepção de que como não é possível comprovar a lacuna dos dois primeiros anos da década de 1940 na vida de Jorge Amado apenas com dados biográficos, esse espaço em aberto deve ser compreendido pelo próprio recolhimento e pela materialidade desse arquivo, bem como pela constituição histórica e factual do período.

Assim, o norte geral dessa proposta é o de sustentar a hipótese de que a lacuna biográfica em questão pode ser comprovada somente com o entrelaço de dados biográficos, constituição histórica, recolhimento e armazenamento do Acervo e envolvimento de seus partícipes. A partir disso, enfim, mobilizo uma nova leitura desse período por meio das *imagens dialéticas*<sup>15</sup> que “saltam” desse arquivo. À vista disso, tive como objetivos específicos: i) mapear, apresentar e ler a pertinência do gênero biográfico no tempo presente com vistas a elaborar posteriormente uma outra narrativa biográfica sobre o período que, à semelhança do que postulou Benjamin ([1982] 2018), “salta” em vez de progredir, isto é, a imagem que procura romper com as visões tradicionais da história, a considerar que os arquétipos podem ser interpretados com base nos desejos do tempo presente, seja destruindo o fio da continuidade, seja reivindicando um tempo por vir; ii) investigar o gênero biográfico em sua composição histórica a fim de compreender os alicerces desse gênero e melhor avaliar as obras que o constituem no contexto em foco; iii) mapear, apresentar e avaliar a formação da lacuna dos anos de exílio (1941 – 1942) sob uma perspectiva histórico-contextual, na medida em que a complexidade de sua compilação ultrapassa justificativas maniqueístas; iv) mapear, apresentar e avaliar as publicações biográficas

---

<sup>15</sup> A expressão é um empréstimo do termo utilizado por Benjamin (2018, p. 767-768 [N 3, 1]) na seguinte passagem: “O que distingue as imagens das ‘essências’ da fenomenologia é seu índice histórico. (Heidegger procura em vão salvar a história para a fenomenologia, de maneira abstrata, através da ‘historicidade’). Essas imagens devem ser absolutamente distintas das categorias das ‘ciências do espírito’, do assim chamado *habitus*, do estilo etc. Índice histórico das imagens diz, pois, não apenas que elas pertencem a uma determinada época, mas, sobretudo, que elas só se tornam legíveis numa determinada época. E atingir essa ‘legibilidade’ constitui um determinado ponto crítico específico do movimento em seu interior. Todo o presente é determinado por aquelas imagens que lhe são sincrônicas: cada agora é o agora de uma determinada cognoscibilidade. Nele, a verdade está carregada de tempo até o ponto de explodir. (Esta explosão, e nada mais, é a morte da *intentio*, que coincide com o nascimento do tempo histórico autêntico, o tempo da verdade). Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não de natureza temporal, mas imagética. Somente as imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens não arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura.”

que tomam Jorge Amado como protagonista, vez que interessa à hipótese deste trabalho o conhecimento dos discursos sobre os anos biográficos em foco, seja em termos gerais, identificando a proposta macro de cada obra, seja em termos específicos, pormenorizando os registros sobre 1941-1942; por fim, v) elaborar uma narrativa biográfica de 1941-1942 assentida no Acervo Mala de Jorge Amado. Para cumprimentos dos objetivos lançados, organizei o trabalho em cinco capítulos, os quais descrevo adiante.

Início, portanto, com este momento introdutório que ora apresento, no qual mapeio a pesquisa desde sua motivação e identifico as partes de seu desenvolvimento. Já no segundo capítulo, intitulado “O espaço biográfico: narrar a vida”, tanto teço um panorama do gênero biográfico no tempo presente valendo-me de lentes direcionadas para o contorno do contemporâneo quanto elaboro um painel de retorno à gênese dessa produção textual a fim de aprofundar a compreensão de sua constituição e evolução. Para isso, na seção “Biografia no contemporâneo: recorte e construção” empreendo uma breve leitura do mercado editorial brasileiro no segmento de biografias e seu entorno, mencionando títulos e seus respectivos números e características, sendo a partir desse rol que localizo a proeminência do subgênero *true crime* — seja nas estantes com publicações biográficas, seja nas plataformas audiovisuais de mesma temática —. Ernest Mandel ([1982] 1988), Pierre Bourdieu ([1986] 2006) e Matheus Beck (2018) auxiliam-me na construção dessas reflexões. Ainda, na busca por delinear as emergências da redação biográfica do hoje, reconheço e conceituo o que denominei de gênero dos “recém vivos”, isto é, um segmento voltado para a escrita da vida de jovens celebridades. Também nessa seção, em contraposição à “ordenação inteligível” própria da narrativa biográfica sobre a qual Bourdieu (2006) discorre, avalio a lacuna biográfica de 1941-1942 como um *desordenamento* na tessitura biográfica de Jorge Amado.

Na seção posterior, “Biografia na memória do tempo: monumento e desconstrução”, parto das considerações de François Dosse (2009) para tratar da historiografia do gênero biográfico, passo por Roland Barthes ([1971] 2005) em seu conceito de “biografema”, leio Paula Sibilia ([2008] 2016) a fim de discorrer a respeito do uso confessional da internet como fomento às escritas em foco para, finalmente, com Leonor Arfuch (2010), apresentar a amplitude conceitual do gênero biográfico assumido neste trabalho. Especificamente, refiro-me ao conceito de “espaço biográfico”, que incorpora tanto formatos uniformes, como os clássicos biografia e

memórias, quanto os formatos dissimilares, como o Instagram e o Twitter, sejam eles materializados em suportes físicos ou em suportes digitais. Além disso, recorro a Jacques Derrida ([1995] 2001) para contextualizar a demanda teórica arquivística que emerge desse enunciado de investigação a fim de se colocar o procedimento interpretativo como prática arcôntica intrínseca ao movimento do desarquivamento. Por fim, leio Anna Caballé (2018) com o objeto de explorar os “padrões de objetividade” da narrativa biográfica contemporânea com o interesse de apresentar, refletir e discutir o fazer biográfico do agora. Para isso, as ponderações de Jordi Garcia (2018) entram no rol quando recupero o conceito de “imaginação moral” para colaborar com a compreensão do procedimento metodológico biográfico, bem como para fomentar a discussão acerca da perspectiva ficcional comum aos gêneros das escritas de vida. Finalmente, a partir de Janet Malcolm ([1994] 2012), tenho a possibilidade de ilustrar o fronteiroço turno entre os limites teóricos, criativos, empíricos, documentais, e subjetivos das narrativas do vivido.

Seguindo os capítulos, no terceiro, o qual denominei “Revolução, história e literatura” dediquei-me à apresentação e à investigação histórica constitutiva e contextual do Acervo Mala de Jorge Amado. Isto é, dada a compreensão de que o vazio biográfico discursivo não se resume à ausência documental por si, nesse momento do texto, ocupei-me em discutir a lacuna para além de uma análise quantitativa de informações pertencentes a 1941-1942. Assim, em “Homem de partido, escritor do Partido”, abordo a relação de Amado com o PCB desde o ingresso na JC (em 1932) até a atuação como Deputado Federal (de 1946 a 1948) e posterior rompimento na década de 1950. Assim, toco no atravessamento da política partidária na sua produção literária e na conseqüente apreciação dessa obra, seja na leitura de críticos que o consideravam um “cronista de tensão mínima”, para citar Bosi ([1970] 2017), seja na leitura de críticos que reconheciam em sua escrita uma “contribuição que não abdica do enredo bem tramado e que passa distante dos ‘jogos gratuitos’ com a linguagem”, para citar Duarte (1995).

Também fizeram parte do exercício de abranger as adjacências a 1941-1942, as considerações redigidas em “Triunfos e derrotas do Cavaleiro da Esperança: paralelos históricos”, seção posterior na qual me ocupo a discorrer sobre acontecimentos nacionais e internacionais pertinentes à compreensão desta investigação. Assim, os tópicos discutidos passam por Getúlio Vargas, Luís Carlos Prestes, Coluna Prestes/Miguel Costa, fundação do PCB, Governo do Estado Novo,

e Segunda Guerra Mundial, com seus líderes e países envolvidos. Para tais mapeamento, pesquisa e discussão geopolítica, recorri a Lilia Schwarcz e Heloisa Starling ([2015] 2018), Gildásio Santos (2009), Astrojildo Pereira (1952), Edward Carr (1966; [1979] 1981), Raquel Vaz-Pinto (2015), Ludo Martens ([1994] 2009), dentre outros.

O próximo, e quarto, capítulo deste texto, “Vidas escritas: mapeamento e análise biográficos”, traz um contínuo do que iniciei na investigação do Mestrado, isto é, a comprovação de que obra biográfica alguma supre a narrativa biográfica do Acervo. Nesse caso, a versão que então apresento foi revisitada e expandida, dado que incluí dez publicações para análise, além de dez oriundas do *corpus* lido na Dissertação<sup>16</sup>. Antes, um aviso: os títulos do rol constituem-se como “formas dissimilares” (Arfuch, 2010) de narrar a vida, na medida em que apenas três deles anunciam-se nominalmente como biografias.

No total, trabalho com 20 livros, sendo estes 10 já examinados em minha Dissertação de Mestrado: i) *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1961), da Editora Martins; ii) *Jorge Amado: vida e obra* (1961), de Miécio Táci; iii) *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (1972), da Editora Martins; iv) *Jorge Amado – Literatura comentada* (1981), de Álvaro Cardoso Gomes (org.); v) *O baiano Jorge Amado e sua obra* (1982), de Paulo Tavares; vi) *Conversando com Jorge Amado* (1990), de Alice Raillard; vii) *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (1992), de Rosane Rubim e Maried Carneiro; viii) *Jorge Amado: retrato incompleto* (1993), de Itazil Benício dos Santos; ix) *Cadernos de literatura brasileira – Jorge Amado* (1997), do Instituto Moreira Salles; e x) *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (2002), de Zélia Gattai, João Jorge Amado e Paloma Jorge Amado.

Quanto aos dez títulos que inauguram sua participação no *corpus* da pesquisa, temos: i) *Reportagem incompleta* (1986), de Zélia Gattai; ii) *Jorge Amado – Fotobiografia* (1986), de Salvador Monteiro e Leonel Kaz; iii) *Jorge Amado* (2003), de Myriam Fraga; iv) *Jorge Amado – uma cortina que se abre* (2008), de Rui Nascimento; v) *Caderno de leituras – a literatura de Jorge Amado*, (2008) de Norma Seltzer

---

<sup>16</sup> Na Dissertação, analisei 11 títulos, dos quais dez retomei neste trabalho. Especialmente, na Tese, optei por tirar do rol do capítulo de leitura das narrativas biográficas (Capítulo 4) *Navegação de cabotagem – apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei* (2006), livro de memórias de Jorge Amado, em razão de manter sob lupa apenas obras cujo personagem e autor não coincidissem; com o objetivo de preservar um recorte isento da coincidência entre vida vivida e vida narrada.

Goldstein (org.); vi) *Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado*, (2009) de Lilia Moritz Schwarcz e Ilana Seltzer Goldstein (org.); vii) *A odisséia de Jorge Amado* (2012), de Piligra; viii) *Jorge, o amado escritor* (2012), de Lúcia Fidalgo; ix) *Jorge Amado – uma biografia* (2018), de Joselia Aguiar; e x) *Jorge Amado, meu tio* (2021), de Roberto Amado.

À exceção das obras de Josélia Aguiar — largamente publicizadas na ocasião do seu lançamento — de Lúcia Fidalgo, e de Roberto Amado — localizadas em pesquisa no Google, na opção “shopping”<sup>17</sup>, encontrei as demais insistindo no processo que melhor rendeu frutos tanto neste quanto no trabalho anteriormente cumprido: utilizei-me de ferramentas de intermediação entre sebos e compradores<sup>18</sup>. Para a Tese, em especial, tive retorno na Estante Virtual<sup>19</sup>, plataforma que possibilita a visualização do acervo de sebos/ livreiros cadastrados de todo o país, disponibilizando, por conseguinte, livros antigos, fora do mercado editorial contemporâneo. Como o registro dos exemplares nessa plataforma é diário e contínuo, segui averiguando-a em intervalos regulares na busca por novos títulos e fechei o repertório no segundo semestre de 2022. Feito isso, revisitei as considerações anteriores, ajustei o que julguei pertinente, ampliei a análise e incorporei ao painel as demais obras mencionadas.

Esse capítulo de reconhecimento e de avaliação das 20 narrativas está organizado tanto em seção macro, “De quarentão a centenário: narrativas biográficas de 1961 a 2021”, que discorre sobre a composição da publicação em foco como um todo, quanto em seção micro, “Sob lupa: registros de 1941-1942”, que aborda com especificidade as passagens referentes (ou não) aos dois anos em questão. Ainda, partindo desse mapeamento, em “Seis décadas personagem: Jorge Amado em (des)encontros”, tecer reflexões acerca dos discursos que se podem depreender do intervalo biográfico em questão para, finalmente, no quinto capítulo, lançar-me à

---

<sup>17</sup> O Google shopping é uma ferramenta de busca por itens/serviços da multinacional de produtos online Google, sendo disponibilizada em aba de pesquisa. A listagem gerada pela ferramenta é resultado de ofertas monetizadas pelas empresas/comerciantes. Ou seja, somente itens pagos à companhia têm seus produtos divulgados.

<sup>18</sup> Na Dissertação, precisamente, utilizei as plataformas Livronauta e Estante Virtual.

<sup>19</sup> A Estante Virtual <[www.estantevirtual.com.br](http://www.estantevirtual.com.br)> é um site brasileiro de comércio que dispõe do maior acervo de sebos e livreiros do país. O portal, comprado pela varejista Magazine Luiza em 2020, oferece a comercialização de milhões de exemplares, entre itens novos e usados. Embora a plataforma organize seu acervo em seções, “estantes”, de acordo com o gênero/ tipo do exemplar, nem sempre os exemplares atendem corretamente a essa segmentação, o que motivou a pesquisa por entrada padrão (“Jorge Amado”) em todas as estantes disponíveis. Com essa entrada, encontrei obras que, no site, não correspondiam à categoria biográfica.

elaboração da minha versão biográfica de 1941-1942 sobre a narrativa de vida de Jorge Amado.

Antes de deter-me na descrição do discurso biográfico, entretanto, uma ressalva: o *corpus* analisado no capítulo quatro não corresponde à totalidade de títulos pré-identificados no percurso da pesquisa. Ao todo, localizei outros nove livros os quais não compuseram o rol por diferentes motivos. Dois, especificamente, dedicam-se a narrativizar a criança Jorge Amado; isto é, sequer chegam a tratar da idade adulta de seu protagonista. São eles: *O menino grapiúna* ([1981] 2010), registro de memórias autobiográficas de Jorge Amado (Companhia das Letras), e *Crianças famosas – Jorge Amado*<sup>20</sup> ([2002] 2019), biografia de Myriam Fraga, com ilustrações de Angelo Bonito, (Calles Editora). Os demais são títulos não pertencentes ao universo biográfico, isto é, como a descrição das obras é bastante sucinta na plataforma de busca supracitada, acabei por adquirir exemplares cujo conteúdo não significa diretamente à investigação em curso. Foram eles: i) *Revista 365 – Seleção de literatura e informação* (1952), com Gil Clemente e Leila Moraes como editores, traz um excerto superficial sobre o autor (Editora ABZ); ii) *Conheça o escritor brasileiro Jorge Amado* (1977), de Lygia Marina Moraes, compilação de análises críticas com exercícios de compreensão para estudantes do ensino básico (Record Cultural); iii) *Jorge bem/mal amado* (1987), de Jean Roche, obra de crítica literária (Círculo do Livro); iv) *Comemoração Jorge Amado 80 anos* (1995), de Carlos Eduardo da Rocha que, embora catalogado como estudos biográficos, é uma publicação que retoma comentários de críticos, amigos etc., e publicações sobre a obra de Amado (Conselho Estadual de Cultura da Bahia); v) *Jorge Amado, o romancista* (1996), livro de Aluysio Mendonça Sampaio com mapeamento/considerações gerais sobre os romances do escritor (Maltes); e, por fim, vi) *Jorge Amado: a sabedoria da fábula* (2011), de Eduardo Portela, uma compilação de textos de crítica literária do autor na Revista Tempo Brasileiro (Editora Tempo Brasileiro).

O último capítulo, “Desarquivando: contar a vida”, é dedicado para a elaboração da minha versão da biografia de Jorge Amado em 1941-1942 por meio da

---

<sup>20</sup> A obra participa à coleção *Crianças famosas* cuja proposta é a de apresentar a infância de escritores, compositores, pintores e inventores do mundo. Além do “Jorge Amado” a Coleção conta com os seguintes títulos: Aleijadinho, Anita Malfatti, Bach, Beethoven, Brahms, Carlos Gomes, Cartola, Castro Alves, Cecília Meireles, Chiquinha Gonzaga, Chopin, Handel, Haydn, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Monteiro Lobato, Mozart, Picasso, Portinari, Santos-Dumont, Schubert, Schumann, Tchaikovsky, Toulouse-Lautrec, Villa-Lobos, Vinicius de Moraes e Volpi.

materialidade do Acervo Mala de Jorge Amado. Desse modo, em “Grafias do exílio, bagagens da vida”, exercito o entrelaçar do registro da memória, via documentação do Acervo, com a inventividade narrativa do imaginário possível. Por fim, na seção seguinte, registro minhas conclusões.



## 2 O ESPAÇO BIOGRÁFICO: NARRAR A VIDA<sup>21</sup>

*Meu caro Joaquim: um abraço. Ontem, aniversário do Pompeu, recebi sua carta. Boiamos aqui com o Pompeu, o Costa, o Pedro. Hoje estou lhe respondendo, após ter escrito 30 folhas da biografia. Está saindo um livro grande, o material é muito e é assombroso. Creio no livro. Diante desse material, se eu não escrever um livro que preste então é que não nasci para isso.*

(Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 926 02A)<sup>22</sup>.

### 2.1 BIOGRAFIA NO CONTEMPORÂNEO: RECORTE E CONSTRUÇÃO

Embora, como afirmou François Dosse (2009, p. 11), “Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica”, a geração do tempo presente parece cada vez mais seduzida pelos produtos do fazer biográfico. Nos últimos anos, a procura por biografias — e demais gêneros comuns ao universo do eu, como os relatos memorialísticos e as próprias autobiografias — seguiu se consolidando no mercado editorial brasileiro. A cotação por amostragem da PublishNews<sup>23</sup> de 2020, por

<sup>21</sup> TOMO II —

Até me ver, já no final da graduação, com a febre do arquivo — que a mim me trouxe a construção da *bio via grafia* —, apenas passei pelo biográfico. Assim: passagem sem atravessamento, lateralidade; *studium* sem *punctum*. Poderia falar da rarefação de ofertas de estudos sobre as narrativas de vida no meu currículo de Letras, mas detenho-me na memória afetiva: olá, Anne, lembro-me de você. Lembro-me de sua capa vermelha, com um xadrez texturizado em alguma parte, lembro-me de vê-la sentada, em fotografia ao centro, sorrindo, com os cabelos livres, vestindo uma camisa de gola redonda, lembro-me da fonte em letras garrafais na parte em que trazia seu nome, assim: “*O diário de Anne Frank*”; lembro-me do seu volume abundante e do folhear determinado exigido pela grossa gramatura daquelas páginas: sempre uma série de flexões do anelar, com um bom número de repetições, em intervalos constantes, com revezamento. Lembro-me, lembro-me bem, e assim o faço sem precisar fechar os olhos: desço as escadas do CCE, vou pelo Bloco B, passo pelo térreo, ofereço e recebo um “bom dia” da segurança, ando em paralelo às mesinhas de cimento inter-blocos, olho para o Centro Acadêmico, onde alguns letristas riem jogados num sofá gasto, sigo na diagonal, sem o limite do cubo azul do curso de Cinema, pois ainda não havia essa construção ali; continuo com passos moles e vagarosos, saudando o Sol, ou talvez me preparando para a insalubridade por vir: o labirinto da matemática, o *bunker* da matemática, a meia luz da matemática, com aquela infiltração descarada e o pensamento de que o prédio poderia desabar a qualquer momento: ninguém estranharia. Era ali, numa fotocopiadora do bloco úmido das exatas que a professora deixava o material para ser copiado, porque a do nosso Centro era “muito bagunçada” (ou será por que buscava uma dramaticidade para Teoria II?). No fim, com tão vívida lembrança, custo a acreditar que materialmente a textura, a cor, o peso da página d’*O diário* se fizeram existir apenas no idealizar, nunca em minhas mãos. A verdade é que isso pouco importa porque a lembrança do encontro com Anne continuará assim, com a imagem daquele livro que nunca tocou minhas palmas.

<sup>22</sup> Excerto de carta enviada de Buenos Aires por Jorge Amado a Joaquim, em 16 de dezembro de 1941.

<sup>23</sup> O indicativo do *ranking* dos livros mais vendidos, computados pela PublishNews, é organizado por meio da soma simples dos 20 primeiros títulos em quantidade de vendas dos seguintes comércios: A Página, Argumento, Blooks, Cultura, Curitiba, Escariz, Leitura, Livcruz, Livraria Cameron, Livraria LDM, Livraria Santos, Livraria da Vila, Lojas Americanas, Loyola, Martins Fontes SP, Nobel, Saraiva,

exemplo, trouxe, na lista dos 20 títulos anuais mais vendidos, estas cinco obras de cunho biográfico: i) *Minha história* (Objetiva), de Michelle Obama — 7ª posição, com 26.780 exemplares —; ii) *Uma terra prometida* (Companhia das Letras), de Barack Obama — 9ª posição, com 15.758 exemplares —; iii) *Batismo de fogo* (Planeta do Brasil), de Padre Marcelo Rossi — 11ª posição, com 15.092 exemplares —; iv) *Prólogo, ato, epílogo* (Companhia das Letras), de Fernanda Montenegro — 14ª posição, com 7.177 exemplares —; e v) *Morte a Vossa Excelência* (Citadel), de Alexander Stille — 19ª posição, com 5.955 exemplares.

Na construção da atribuição de sentido para os caminhos que culminaram nesse recorte, leio 2020 e espelho acerca das motivações para cada colocação, que inicia com Michelle e Barack Obama no topo do ranking em um ano de eleições presidenciais nos EUA, passa por padre Marcelo Rossi<sup>24</sup> no país mais católico do mundo<sup>25</sup>, é seguido por uma das mais consagradas atrizes do país, Fernanda Montenegro, e chega a Alexander Stille, com livro cujo prefácio traz o mais conhecido ímprobo dos ex-juízes brasileiros, Sérgio Moro. Ícone político, religião e respingo de arte: seriam essas pistas do tempo do agora? *Mezzo média* do/no Brasil?

Seguindo com a PublishNews, na listagem de 2021, deparamo-nos com as seguintes narrativas do universo biográfico que compõe os 20 primeiros títulos desse ano: i) *Lady Killers: assassinas em série* (DarkSide), de Tory Talfer — 4ª posição, com 25.363 exemplares; ii) *Uma terra prometida* (Companhia das Letras), de Barack Obama — 10ª posição, com 15.870 exemplares —; iii) *Minha história* (Objetiva), de Michelle Obama — 12ª posição, com 13.069 exemplares; iv) *Lula, volume 1* (Companhia das Letras), de Fernando Morais — 14ª posição, com 12.704 exemplares; v) *Contra o sistema da corrupção* (Primeira Pessoa), de Sergio Moro — 17ª posição,

---

Submarino, Travessa, Vanguarda, Vitrola e Vozes. Dessa forma, o dado serve antes como uma amostragem do consumo de obras nessas grandes varejistas e não como mapeamento minucioso do mercado editorial brasileiro.

<sup>24</sup> Em verdade, anunciado nas estantes de religião, autoajuda etc., mas presente nesse rol em razão dos motes do livro, que se estruturam em narrativas pessoais para construção das lições de vida registradas pelo autor.

<sup>25</sup> “De acordo com Anuário Pontifício 2018 e o Annuarium Statisticum Ecclesiae 2016, cuja redação esteve aos cuidados do Departamento Central de Estatística da Igreja, hoje o continente com o maior número de católicos é a América, à qual pertencem 48,6% dos fiéis batizados no mundo. Destes, 57,5% vivem na América do Sul, 14,1% na América do Norte e 28,4% na América Central. [...] Desses religiosos da América, 27,5% são do Brasil, transformando-nos na nação com o maior número de católicos do mundo.” O Anuário Pontifício 2018 e o Annuarium Statisticum Ecclesiae. **Vatican News**, 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-06/anuario-pontificio-2018-annuarium-statisticum-ecclesiae.html>. Acesso em: 18/10/21.

com 8.717 exemplares, e vi) *Travessia: de banqueiro a companheiro* (Civilização Brasileira), de Eduardo Moreira — 19ª posição, com 7.273 exemplares.

De imediato, vale o destaque de que, a despeito da redução da vendagem, as autobiografias de Michelle e Barack seguiram constituindo o rol e garantiram larga margem em relação à última colocada. A permanência destas nas duas primeiras posições do recorte, a meu juízo, encontra justificativa no entremeio do casal como ícones em várias instâncias: poder, sucesso, família, intelectualidade, carisma, representatividade étnica, política, e, claro, mídia; resultado de um projeto de marketing contínuo e eficiente em torno de suas imagens. A autobiografia de Eduardo Moreira, uma “*Travessia* real, e não retórica”, no julgamento do teólogo e prefaciador Leonardo Boff (2021)<sup>26</sup>, desperta interesse especialmente pela guinada de seu personagem ao descrever como o economista e ex-banqueiro, hoje ativista social, passou a “companheiro” após despertar para a dimensão da pobreza no país, até então pouco visível para os olhos de acionista do mercado financeiro.

Já *Lula, volume 1* e *Contra o sistema de corrupção* ganham interesse por seus papéis no cenário político nacional. O primeiro uma biografia sobre o, na ocasião, ex-presidente e o segundo uma autobiografia do ex-magistrado. Ambas as obras tiveram repercussão midiática e foram acompanhadas, e comparadas, lado a lado quanto à evolução de vendas a partir de seus lançamentos, em 2020; a primeira na segunda metade de novembro e a segunda na primeira quinzena de dezembro. Na ocasião das publicações, os protagonistas desenhavam a construção de suas candidaturas como presidenciáveis para as eleições de 2022 no Brasil. Ao longo de 2021, Lula e Moro seguiram reiterando seus posicionamentos, e as obras biográficas participaram da construção dessas personas. Isto é, cada uma, a sua maneira, colaborou para o controle do discurso público de suas figuras.

Em *Lula, volume 1* a narrativa empreendida por Fernando Morais, autor consagrado no gênero, corroborou para o registro de seu biografado como líder popular politicamente perseguido e injustamente encarcerado. O livro começa descrevendo as horas que antecederam a prisão do então ex-presidente — em sete abril de 2017 — e termina em 1982, como candidato derrotado para o governo de São Paulo. Assim, a relevância desse título passa também pelo o que não é dito, já que

---

<sup>26</sup> De banqueiro a companheiro: Eduardo Moreira. **LeonardoBoff.org**, 2021. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2021/11/18/de-banqueiro-a-companheiroeduardo-moreira/>. Acesso em 30/10/2021.

não cobre diversos episódios da vida do personagem em foco. Logo, como sinalizado pelo próprio título da biografia, pensou-se em um “*Lula, volume 2*”, cujo lançamento estava previsto para o ano de 2023, segundo o próprio Moraes (2021)<sup>27</sup>: “[...] para não parecer que o livro está querendo induzir isso ou aquilo”. Ou seja, a obra chegou às prateleiras físicas e digitais após as eleições presidenciais de 2022.

Em *Contra o sistema de corrupção*, por seu turno, há a preocupação do autor em desassociar sua imagem a do Governo então vigente<sup>28</sup> — o qual ajudou a eleger, em 2018 —, bem como de reiterar o mote do protagonista como atuante “contra a corrupção” que o levou, nada curiosamente, de juiz à Ministro da Justiça. Assim, Moro comenta episódios de obstrução à justiça, cometidos pelo presidente em exercício (2018-2022), e reitera o discurso condenável à figura de Lula. Isto é, trabalha para solidificar sua imagem como sujeito probo a fim de se apresentar como nome à Terceira Via<sup>29</sup> nas eleições do ano em questão. No final, embora a biografia tenha

<sup>27</sup> Fernando Moraes: “Não basta eleger Lula. É preciso ter uma bancada que o ajude a governar” (Entrevista). **Brasil de Fato**, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/22/fernando-morais-nao-basta-eleger-lula-e-preciso-ter-uma-bancada-que-o-ajude-a-governar>. Acesso em 30/10/2022.

<sup>28</sup> De Jair Messias Bolsonaro: 2018 a 2022.

<sup>29</sup> Embora corresponda a um conceito histórico, nas eleições de 2022, no Brasil, a expressão foi vulgarizada, passando a definir qualquer coisa entre slogan eleitoral, eco jornalístico, síntese mal delimitada e/ou amálgama de projeto político. Em conjuntura que se colocava a propor alternativas a ilusórios polos equidistantes, a “Terceira Via” foi reivindicada como saída à imaginária equivalência dos “extremos” ideológicos dos dois primeiros favoritos, Luís Inácio Lula da Silva, ao centro-esquerda, candidato pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e Jair Messias Bolsonaro, à direita fascista, candidato pelo Partido Liberal (PL). No seio do conceito em foco, portanto, não seria descabido afirmar que, em verdade, a própria candidatura de Lula seria, pois, a Terceira Via reivindicada em outras figuras, como Simone Tebet e Ciro Gomes, em razão das características moderadas e conciliatórias do ex-presidente e, na ocasião, candidato do Partido dos Trabalhadores — características, aliás, incompatíveis com a esquerda revolucionária que tentam lhe atribuir —. Em relação à expressão, propriamente, “Terceira Via” teve suas primeiras aparições na década de 1970, diante da polarização entre o alinhamento de países ao capitalismo ou ao socialismo, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial; cerca de duas décadas depois, no final da década de 1990, em *A Terceira Via – reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da socialdemocracia* (1999), o sociólogo Anthony Giddens formaliza o termo: “A ‘Terceira Via’ é fórmula política histórica proposta na metade dos anos setenta do século passado, por dirigentes e intelectuais ligados ao Partido Comunista Italiano, no contexto do debate sobre o ‘Eurocomunismo’. Propugnavam-na nomes como Giorgio Napolitano, que depois veio a ser Presidente da República Italiana, e Pietro Ingrao, então presidente da Câmara dos Deputados. Ingrao, em 1978, pouco após o assassinato de Aldo Moro, publicou longa entrevista concedida ao jornalista Romano Ledda, sob o título *Crisi e Terza Via*, na qual propunha, grosso modo, um programa de governo situado ‘à esquerda’ da socialdemocracia clássica, então dominante no SDP [Partido Socialdemocrata] alemão, no PS [Partido Socialista] francês e no Labour [Partido Trabalhista] britânico, e ‘à direita’ do comunismo também clássico, de matriz soviética e inspiração leninista. Duas décadas mais tarde, na Inglaterra, no contexto do debate sobre o New Labour, voltou-se a falar de ‘Terceira Via’. Desta feita, após vinte anos de neoliberalismo thatcherista e em meio à crise ideológica causada pelo desaparecimento da URSS e pela queda do muro de Berlim, a discussão se colocava sobre como promover o aggiornamento do trabalhismo, situando-o programaticamente ‘à direita’ da socialdemocracia clássica e ‘à esquerda’ do neoliberalismo. Os partidários do ‘novo trabalhismo’, que sustentaram a ascensão de Tony Blair à chefia do governo britânico, pretendiam recriar o trabalhismo (ou a socialdemocracia), apresentando-o como uma alternativa ao neoliberalismo que, no entanto, incorporasse certos elementos deste último, tidos

tido papel nesse trajeto, o caminho ruiu, dado que em 2022 a candidatura a presidenciável do ex-juiz fora abandonada.

Enfim, sigo na listagem de 2021 e alongo-me com mais demora para discorrer acerca da primeira posição do rol apresentado em razão da repercussão atual, da herança literária, e do nicho de produção em torno desse formato de narrativa biográfica que assim se anuncia na publicação em foco:

[...] *Lady Killers: assassinas em série* é um dossiê de histórias sobre assassinas em série e seus crimes ao longo dos últimos séculos, [sendo] o material perfeito para você mergulhar fundo em suas mentes. Com um texto informativo e espirituoso, a autora recapitula a vida de catorze mulheres com apetite para destruição, suas atrocidades e o legado de dor deixado por cada uma delas. [...] Além disso, questiona a “amnésia coletiva” a respeito dos assassinatos cometidos por mulheres. Por que falamos de Ed Kemper e não de Nannie Doss, a Vovó Sorriso, que dominou as páginas dos jornais norte-americanos em 1950 por seu carisma e piadas mórbidas (ela matou quatro maridos)? Por que continuamos lembrando apenas de H.H. Holmes quando Kate Bender recebia viajantes em sua hospedaria (e assassinava todos que ousavam flertar com ela)? A linha que divide o bem e o mal atravessa o coração de todo ser humano. [...] Através das páginas de *Lady Killers: assassinas em série* os leitores vão perceber que estas damas assassinas eram inteligentes, coniventes, imprudentes, egoístas e estavam dispostas a fazer o que fosse necessário para ingressar no que elas viam como uma vida melhor. Foram implacáveis e inflexíveis. Eram psicopatas e estavam prontas para dizimar suas próprias famílias. Mas elas não eram lobos. Não eram vampiros. Não eram homens. Mais uma vez, a ficha mostra: elas eram horrivelmente, essencialmente, inescapavelmente humanas (Sinopse, 2019).

A obra é o primeiro livro de Tori Telfer — escritora, editora e professora formada em Redação Criativa pela Universidade do Noroeste (Northwestern University/ EUA) — e foi inspirada em sua coluna homônima no site Jezebel.com<sup>30</sup>. Nas livrarias, o livro ocupa as estantes de “biografias e memórias”, bem como as de

---

como inescapáveis no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo (Giraud; Genro, 2021). A partir desse cenário, Giddens (1999) propõe a Terceira Via como um programa “centro-esquerda progressista”: a socialdemocracia “revisitada”, a partir do atravessamento do neoliberalismo. Nessa conjuntura, “O conceito de cidadania ganha nova forma, e os governos, para desenharem suas políticas sociais, devem partir do princípio de que ‘não há direitos sem responsabilidades’, criando um novo contrato social, no qual todos aqueles cidadãos que gozam de algum benefício devem ser onerados, retribuindo de alguma forma à sociedade. Assim, a Terceira Via julga que o governo, a economia, e as comunidades da sociedade civil — as três mais importantes áreas do poder — devem estar restritas ao interesse da solidariedade e da justiça social. a igualdade de renda não deve ser tão almejada como propõem as políticas de esquerda, pois ela é incompatível com a diversidade social. O que Giddens propõe em seus ensaios sobre a Terceira Via é que as oportunidades sejam maximizadas e que haja um controle da desigualdade de renda, através do estabelecimento de um limite, afirmando que a Terceira Via não despreza a esfera pública por considera-la fundamental à reconstrução e renovação das instituições públicas. O sociólogo salienta a importância da sociedade civil ao bom funcionamento tanto do mercado quanto de um governo democrático” (Pavese, 2003, p. 241-242).

<sup>30</sup> O site Jezebel < <https://jezebel.com/>>, sediado nos Estados Unidos, apresenta conteúdo voltado para mulheres. Foi lançado pela Gawker Media, em 2007, com direção de Anna Holmes. Sua proposta seria a de operar como um contraponto, mais politizado e feminista, às tradicionais “revistas femininas” cujas pautas giram entorno de artigos de moda, beleza, saúde, relacionamento e estética.

“*true crime*”, subgênero criminal com raízes norte-americanas que promete narrativas fiéis aos casos criminais amplamente conhecidos pelo público. Embora a prática de escrever sobre assassinos/psicopatas cujos crimes estamparam distintas mídias do papel à tela seja recorrente na historiografia da literatura do subgênero criminal, a vertente se consolidou no século XX com o intuito de restaurar o realismo das confissões criminais, perdidas no sensacionalismo comercial. A ideia seria a de construir um perfil biográfico complexo e verossímil tanto das vítimas quanto dos criminosos incorporando à trama discussões sobre ciências forenses, sociologia, psicologia e criminalística (Sasse, 2019)<sup>31</sup>. Não é raro o conteúdo de tais obras trazerem entrevistas, gravações dos tribunais, reproduções de reportagens, áudios dos processos e afins, incorporando, ainda, o próprio testemunho dos acusados/condenados para que elaborem, sob suas perspectivas, a narrativa sobre o acontecimento e seu entorno.

Ernest Mandel, em *Delícias do Crime – História social do romance criminal* (1988), ajuda-nos a compreender as motivações e os interesses em torno das narrativas criminais. Segundo o economista e teórico marxista, que mapeou e analisou questões sociais e econômicas presentes na ascensão das publicações sobre crime nas décadas de 1930 e 1940, estas são resultantes da expansão acelerada da criminalidade urbana no começo do século XIX, a qual estabeleceu um mercado editorial direcionado para a utilização do crime como temática central nas obras tanto ficcionais quanto jornalísticas.

Tais acontecimentos, conforme apontou o autor, estiveram aliados ao barateamento dos meios de produção impressos, o que possibilitou à literatura criminal ampla inserção não apenas entre a elite econômica, mas também entre a população como um todo. Embora a leitura de Mandel tenha como enfoque o universo do subgênero do romance policial suas considerações se estendem para além, uma vez que ele não se limita a situar as reflexões somente no recorte temporal específico do fenômeno analisado, pois reivindica bases socioeconômicas da sociedade capitalista para empreender um debate a respeito da natureza desse tipo de criação. Assim, ler a ascensão das narrativas de crimes reais no contexto atual a partir desse estudo anterior nos ajuda a elucidar tópicos relevantes e pertinentes às narrativas biográficas do contemporâneo.

---

<sup>31</sup> Retirei a ideia central da definição e origem das *true crime* da tese de Doutorado *As narrativas criminais na literatura brasileira*, de Pedro Puro Sasse (2019).

Na obra supracitada, Mandel destaca que um produto só possuirá valor de mercado se possuir também valor de uso, e a prova do valor de uso dos romances policiais poderia ser verificada por meio do enorme sucesso comercial desse gênero; fato compartilhado também pelas obras que se querem fiéis aos crimes reais, seja via publicação de impressos, seja via lançamento de audiovisuais ou até mesmo apenas de áudios, quando incluímos no rol os podcasts. Independentemente do formato, é incontestável que a produção do gênero está em voga e é largamente noticiada pela mídia nos últimos anos, ilustro: “O que é o *true crime* e como ele tem aparecido cada vez mais na cultura pop — O gênero que traz investigações e crimes reais está presente em filmes, livros, podcasts e mais” (2020)<sup>32</sup>, “*True crimes*: por que crimes reais despertam tanto interesse nas pessoas? — Seja através de filmes, livros, séries ou podcasts, *true crime* é um gênero cada vez mais presente no mundo do entretenimento.” (2021)<sup>33</sup>, “Rio2C debate de tributação do streaming a podcasts sobre crimes reais — Evento de inovação volta ao presencial discutindo transformações da indústria criativa neste pós-pandemia” (2022)<sup>34</sup>, “Crime, assassinato e mistério: 'true crime' é a novela da geração streaming” (2023)<sup>35</sup>.

A editora Darkside, por exemplo, cujo selo é o responsável pela publicação de *Lady Killers*, tem uma coleção denominada “Crime Scene”, definida como uma linha editorial que se debruça sobre a mente dos psicopatas (DARKSIDE, 2022). Participam dessa coletânea títulos a exemplo de *Manson, a biografia* (2014), de Jeff Guinn<sup>36</sup>; *Casos de família – arquivos Richthofen e arquivos Nardoni* (2016), de Ilana

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/direto-do-bunker/o-que-e-o-true-crime-e-como-ele-tem-aparecido-cada-vez-mais-na-cultura-pop/>. Acesso em: 05/05/2022.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/09/true-crimes-por-que-crimes-reais-despertam-tanto-interesse-nas-pessoas/>. Acesso em: 05/05/2022.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/04/rio2c-debate-de-tributacao-do-streaming-a-podcasts-sobre-crimes-reais.shtml> Acesso em: 05/05/2022.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/03/16/true-crime-filmes-e-series-de-crimes-reais.htm> Acesso em: 17/06/2023.

<sup>36</sup> “A diabólica imagem de Charles Manson está gravada no inconsciente popular e é reconhecidamente assustadora. Após quatro décadas dos seus terríveis atos, os assassinatos orquestrados por ele continuam a exercer um mórbido fascínio. Dezenas de livros já foram escritos sobre Manson nesses mais de quarenta anos, e agora uma meticulosa pesquisa desenvolvida pelo biógrafo Jeff Guinn surge como o guia definitivo do homem que entrou para a história como sinônimo do mal. Ler o livro é como vivenciar aquela época.”. Darkside Books, 2022. Disponível em: <https://www.darksidebooks.com.br/>. Acesso em: 05/05/2022.

Casoy<sup>37</sup>; *Ted Bundy – Um estranho ao meu lado* (2019), de Ann Rule<sup>38</sup>; *BTK: Meu pai* (2021), de Kerri Rawson<sup>39</sup>, e *Anatomia true crime dos filmes* (2022), de Harold Schechter<sup>40</sup>. O Spotify, plataforma de áudio com maior popularidade no Brasil, lista cerca de 50 podcasts nacionais dedicados às narrativas true crime<sup>41</sup> — no mundo, a apuração chega a impactantes 30 mil desses ficheiros de áudio<sup>42</sup> —; são destaques do seguimento no país podcasts como o *Modus Operandi*, de Carol Moreira e Mabê Bonafé<sup>43</sup>, *Leila*, produção original Globoplay<sup>44</sup>, *Café Com Crime*<sup>45</sup>, de Stefanie Zorub,

<sup>37</sup> “O assassinato do casal Richthofen e de Isabella Nardoni foram reunidos em um só livro e trazem novos detalhes observados por quem estava nos bastidores. [...] Em ‘Arquivos Richthofen’ o leitor vai acompanhar o comportamento dos três assassinos — as contradições e os erros decisivos; a distância de Suzane ao relatar os fatos, o descontrole de seu namorado Daniel na reprodução simulada do crime, os depoimentos e técnicas de investigação da polícia, dos médicos legistas, peritos e especialistas [...]. Em ‘Arquivos Nardoni’ o mergulho é em um dos casos criminais mais polêmicos já ocorridos no Brasil, que contou com um qualificado trabalho da polícia técnico-científica — única ‘testemunha’ do crime” (Darkside, 2022).

<sup>38</sup> “Quando Ann Rule conheceu Ted Bundy em um centro de atendimento de prevenção ao suicídio, ela não fazia ideia de que aquele rapaz simpático e inteligente — que sentava ao lado dela e de quem até chegou a receber um cartão de Natal — se tornaria um dos serial killers mais proeminentes da história” (Darkside, 2022).

<sup>39</sup> “Para a autora, a discrepância é inaceitável entre o pai que a levava para pescar e para caminhadas no Grand Canyon e o assassino torturador que vitimou tantas mulheres conhecido como BTK, um acrônimo em inglês para Bond (amarra), Torture (tortura) e Kill (mata). Segredos, carinhos e memórias podem ser manchados pelo sangue dos atos horrendos de seu pai? O leitor vai tirar suas próprias conclusões ao acompanhar as dúvidas, as angústias, a revolta e a redescoberta da esperança de Kerri, em um texto honesto e impactante” (Darkside, 2022).

<sup>40</sup> “Anatomia true crime dos filmes ajuda a contextualizar o fascínio que o casal Bonnie e Clyde, os ladrões de corpos Burke e Hare, a dupla Leopold e Loeb, e o psicopata Ed Gein, entre muitos outros, exerceram para se fixar na imaginação do público e se tornar uma fértil fonte de inspiração para a tradição cinematográfica. A obra também destrincha a realidade por trás de obras consagradas como *Psicose*, de Hitchcock; *Assassinato no expresso oriente*, de Sidney Lumet; *O fugitivo*, de Andrew Davis; e *Anatomia de um crime*, de Otto Preminger” (Darkside, 2022).

<sup>41</sup> Considero os números levantados pela Chartable (2022), empresa de medição do formato. O ranking está disponibilizado neste endereço: <https://chartable.com/charts/spotify/brazil-true-crime>. Acesso em 13/10/22.

<sup>42</sup> A apuração foi divulgada em matéria da Carta Capital (em 09 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/gosto-de-sangue-2/>. Acesso em: 13/10/22.

<sup>43</sup> Criado em 2020, o programa identifica-se como um podcast tanto sobre crimes reais e serial killers quanto sobre casos sobrenaturais. Os episódios estão disponíveis em: <https://www.modusoperandipodcast.com>.

<sup>44</sup> Lançado em 2022, “Leila conta o desenrolar cheio de reviravoltas da história da atriz Leila Cravo. O podcast começa com a queda da ainda jovem atriz da varanda de um motel luxuoso no Rio de Janeiro, em 1975, no auge da ditadura militar no Brasil. O que primeiramente foi tratado como uma tentativa de suicídio se transforma em um caso chocante que marcou para sempre a vida de Leila e de sua família. Um podcast original Globoplay, produzido pela bigBonsai em coprodução com a Multiverso Produções.” (Globoplay, 2022). Todos os episódios estão disponibilizados em: <https://globoplay.globo.com/podcasts/leila/7d0f3305-5854-4c12-a7de-92f0a894c350/>.

<sup>45</sup> Lançado amadoramente em 2018, apresenta-se como “Um podcast onde você pode ser o aficionado por crimes reais que você é sem julgamentos.” (Café com crime, 2022). Passou a integrar o Spotify Podcast Academy em outubro de 2022 — projeto que objetiva amplificar o alcance de criadores que já tenham um programa, auxiliando-os na produção e no engajamento dos programas —; portanto, a partir dessa data, o Café Com Crime é uma publicação exclusiva da empresa supracitada. Até a última revisão desta tese, 03/07/2023, o programa conta com 123 episódios, disponíveis em: <https://open.spotify.com/show/2HuFd4vu8PsXGnJLvdPCb6>



*Praia dos Ossos*, produzido pela Rádio Novelo<sup>46</sup>, dentre outros. As plataformas de *streaming*, por seu turno, não ficam atrás e são a maior fonte de difusão desse gênero; os motivos são vários — sejam econômicos, sociais ou culturais e nem um pouco novos para o contexto do país<sup>47</sup>. Assim, temos produções cujo o mote traz a temática da morte ao mesmo tempo em que traça um perfil biográfico, seja da vítima ou seja do algoz. Assim, encontramos *Bandidos na TV* (2019), na Netflix<sup>48</sup>, *O caso Evandro* (2021), na Globoplay<sup>49</sup>; *A menina que matou os pais* e *O menino que matou meus pais* (2021), no Prime Vídeo<sup>50</sup>, *Pacto brutal – O assassinato de Daniella Perez* (2022), na HBO Max<sup>51</sup>, *Linha direta* (2023), na Rede Globo de Televisão/ Globoplay<sup>52</sup> — para citar somente exemplos de produções nacionais — além de projetos em andamento já anunciados<sup>53</sup>.

Apesar do valor de uso a que Mandel (1988) referia-se poder ser mapeado e sinalizado nas recorrências dessas produções, é necessário ir além de tais indícios para compreender o que exatamente isso significa. Interpretar os sentidos desse valor

---

<sup>46</sup> Lançado em 2020, em oito episódios, o podcasts narra o assassinato de Ângela Diniz, socialite brasileira morta pelo namorado, Raul Fernando do Amaral Street, o “Doca Street”. O título da sequência alude o local do crime: a Praia dos Ossos, no Rio de Janeiro. Os episódios estão disponibilizados no endereço: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/creditos>>.

<sup>47</sup> Do acesso (por ser mais barato) à sedução (pelo tom apelativo).

<sup>48</sup> A produção explora a vida do apresentador de televisão e político brasileiro Wallace Souza, responsável por encomendar uma série de assassinatos para melhorar os índices de audiência de seu popular, e sensacionalista, programa Canal Livre, que ficou no ar por dez anos na TV Rio Negro, uma afiliada da Band em Manaus, Amazonas.

<sup>49</sup> Originário de uma temporada do podcast Projeto humanos, transformada em documentário por Ivan Mizanzuk, a produção conta a história do desaparecimento e da morte de Evandro Ramos Caetano, então com seis anos, no interior do Paraná, em 1992.

<sup>50</sup> Ambos os filmes foram lançados no mesmo dia e contam a mesma história: o assassinato do casal Von Richthofen, Marisia e Manfred. Todavia, cada um sob uma visão — um de Suzane, a filha, e outro de Daniel Cravinhos, o genro — o que faz dos longas duas narrativas completamente diferentes em argumentação e ponto de vista. Ambos os filmes basearam-se nos depoimentos dos acusados durante o processo de julgamento que os condenou a 39 anos e seis meses de prisão. Em 2022, anunciou-se a produção de um terceiro filme, até então intitulado *A menina que matou os pais: a confissão*, que deverá abordar os passos dos protagonistas após o crime, bem como o andamento das investigações. Não há data anunciada para estreia, apenas a confirmação da produção seguir na Prime Vídeo.

<sup>51</sup> A produção aborda o entorno e a morte de Daniella Perez, assassinada por Guilherme de Pádua, ator com quem contracenava em *De corpo e alma* — novela escrita pela mãe da atriz, Glória Perez — e Paula Thomaz, sua então esposa.

<sup>52</sup> Retorno de programa que foi ao ar de 1997 a 2007. Sua proposta era/é a encenação de crimes reais.

<sup>53</sup> Ainda sem data para lançamento, a HBO Max, por exemplo, anunciou uma produção baseada no livro *Caso Henry: morte anunciada*, de Paolla Serra; obra que trata do assassinato de Henry Borel, morto em março de 2021 no apartamento em que residia com a mãe, Monique Medeiros, e o padrasto, conhecido como “Dr. Jairinho”. Ainda, Ilana Casoy e Raphael Montes, roteiristas de *A menina que matou os pais* e *O menino que matou meus pais*, também anunciaram a produção de uma série do gênero, o enredo foca o assassinato de Isabella Nardoni, morta em 2008 no apartamento do pai, Alexandre Nardoni, e da madrasta, Anna Carolina Jatobá. Até a última revisão desta tese, 03/07/2023, não foram encontradas novas informações sobre essas produções (BARBOSA, 2022). Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/quatro-producoes-de-true-crime-que-ainda-va-estrear-nos-streamings>. Acesso em: 12/10/22.

de uso somente a partir da psicologia individual poderia nos levar a equívocos como o de construções de hipóteses a-históricas, baseadas em referências simplistas que se explicam por impulsos agressivos do inconsciente e/ou desejos reprimidos individuais, o que não é suficiente para uma ampla compreensão desse fenômeno. Mesmo porque tais impulsos e desejos em torno da morte já existiam no passado, ainda que se expressassem de outras formas que não por meio das contemporâneas produções *true crime*, ou da própria literatura do romance policial, para citar o estudo em foco do teórico marxista, por exemplo.

A título de ilustração, em Foucault ([1975] 1987) temos também amostragem desse interesse pelos espetáculos de violência. Logo nas primeiras linhas de *Vigiar e punir* há a descrição de execução da sentença de morte de Robert-François Damiens, a qual era assistida e concomitantemente comentada pelo público:

[Damiens fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida] na dita carroça, na Praça de Greve, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atezado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atezado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e seu corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento. Finalmente foi esquartejado [relata a Gazette d'Amsterdam]. Essa última operação foi muito longa, porque os cavalos utilizados não estavam afeitos à tração; de modo que, em vez de quatro, foi preciso colocar seis; e como isso não bastasse, foi necessário, para desmembrar as coxas do infeliz, cotar-lhe os nervos e retalhar-lhe as juntas... Afirma-se que, embora ele sempre tivesse sido um grande Praguejador, nenhuma blasfêmia lhe escapou dos lábios; apenas as dores excessivas faziam-no dar gritos horríveis, e muitas vezes repetia: "Meu Deus, tende piedade de mim; Jesus, socorrei-me". Os espectadores ficaram todos edificadas com a solicitude da cura de Saint-Paul que, a despeito de sua idade avançada, não perdia nenhum momento para consolar o paciente (Foucault, 1987, p. 09).

Na esteira desse exemplo, é possível identificar outras manifestações de interesse pela violência na vida social, seja em cultos religiosos, seja em batalhas travadas durante guerras ou mesmo em criações artísticas e literárias. Todavia, uma análise resumida a essas ocorrências — sem adentrar nas causas subjacentes que as produzem — faria com que continuássemos sem compreender o porquê do interesse biográfico se voltar, no tempo presente, de forma tão massiva também às *true crime*. É certo que os fatores relativos à psicologia individual possuem algum papel na explosão desse gênero específico, mas devem ser compreendidos de forma

integrada ou subordinada a fenômenos mais gerais de ordem social, levando-nos, possivelmente, à verdadeira pergunta que deveria ser feita, qual seja: atualmente, quais condições econômico-sociais e, conseqüentemente, relações sociais fazem homens e mulheres buscarem satisfazer seus impulsos mais agressivos, seu desejo de sangue e curiosidade pela morte vivida por outrem, antes, no formato de romances policiais e, agora, nas narrativas criminais?

Para responder a pergunta lançada, novamente leio Mandel (1988) cujas considerações sinalizam que a busca por esse tipo de narrativa decorre de dois fenômenos distintos. A começar, por um lado, pelo abandono progressivo da prática do ato de violência corriqueira da população comum na sociedade contemporânea, ao menos entre suas camadas médias, substituindo-o pela violência experimentada de forma vicária. Por outro lado, complementarmente, haveria o fato de que a expansão da escolaridade trouxe como efeito a democratização da alfabetização<sup>54</sup>, deixando de ser um privilégio das classes dominantes, sempre em número muito reduzido quando comparadas às grandes massas, para se tornar a regra para parcela significativa da população geral.

É preciso destacar, entretanto, que o abandono da violência prática não ocorreu/ocorre como um fenômeno natural e intrínseco ao progresso da civilização. É

---

<sup>54</sup> Para tal consideração, vale pormenorizar a noção de que democratização e universalização não são equivalentes; isto é, das primeiras ações do “democratizar” até o alcance do “universalizar” o caminho é longo, as pernas curtas e os passos muitos. Especialmente no contexto do Brasil, temos: “[...] a visão do sistema educativo brasileiro hoje, ainda é ofertar situação de oportunidade através do acesso aos alunos de diferentes grupos sociais, mas não se entende igualdade de oportunidade para grupos diferentes e heterogêneos apenas pelo fato do acesso à escola e menos ainda pelo tratamento idêntico a pessoas diferentes. Em decorrência da democratização da escola pública, surgiu a massificação do ensino público brasileiro, na década de 1980, antes mesmo da atual Constituição Federal Brasileira de 1988, porém, não registrou bons rendimentos, a repetência e a evasão cresciam a cada ano, principalmente nas séries iniciais da Educação Básica; isso elevou o número de pessoas sem lograr êxito a abandonar a escola pública. Buscaram então, ações alternativas a solução do problema na educação Pré Escolar, mas as ações precisavam de uma articulação política, de orientação do crescimento quantitativo, para garantir recursos materiais e preparar os recursos humanos para um funcionamento eficaz. Aparentemente se articulou herculeamente um acesso verticalizado do Governo para os diversos grupos sociais menos favorecidos, sem que os mesmos estivessem em condições de usufruir disto. Por exemplo, como crianças que trabalhavam poderiam se manter nesse ambiente? Só bem depois a Organização Internacional do Trabalho e a Organização das Nações Unidas exigiram a erradicação do trabalho infantil, do qual surgiram programas como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, PETI. Nesse apoio, de acordo com a Declaração Universal da Educação para Todos (1990), procurou-se desfazer a visibilidade de acesso à escola como equivalência à universalização da educação [...]. Em relação ao aspecto quantitativo, o processo de democratização das oportunidades teve grandes limitações, uma vez que a escolaridade não teve um desenvolvimento homogêneo para todo o país; isto porque ocorreram grandes desigualdades no acesso em algumas regiões, visto que o sistema de ensino se aproximou apenas do ideal pedagógico de algumas escolas; universalizando em outras áreas, ou seja, em estados mais pobres, zonas rurais e periferias dos centros urbanos estiveram e continuam a estar ainda longe de absorver a totalidade da população escolarizável, principalmente no 1º e 2º ano da Educação Básica” (Santos, 2021, p. 04-08).

imposto por fora, a partir de uma série de mecanismos que vão i) da subordinação à autoridade dos pais — imposta no seio da família nuclear monogâmica — à disciplina ensinada nas escolas; ii) da submissão às regras impostas no ambiente de trabalho — condição necessária à parcela majoritária da população para garantir o próprio sustento na sociedade capitalista — à coerção exercida pelo espectro das crises e do conseqüente medo de cair na miséria; e, finalmente, iii) da punição das violências praticadas no âmbito privado à própria violência exercida pelo Estado, quando todas as anteriores não são suficientes para reprimirem os impulsos agressivos dos indivíduos. Tais condições produziram um aumento da monotonia, da uniformidade e da padronização do trabalho e da vida, e também criaram a necessidade de algum tipo de fuga temporária.

Esse processo de domesticação dos indivíduos caminha lado a lado com o progresso das forças produtivas, com a necessidade de trabalhadores minimamente instruídos, capazes de operarem máquinas e ferramentas cada vez mais tecnológicas, computadores, sistemas etc. É essa necessidade que dirige o processo de expansão e de ampliação da alfabetização entre as massas e cria as condições materiais para a popularização e a massificação da produção e do consumo da literatura no contexto analisado por Mandel (1988) e, com mais precisão, no contexto contemporâneo, também do arcabouço audiovisual disponível no tempo presente. Nesse sentido, consumir — ler e assistir — narrativas sobre a violência e fantasiar acerca dela emerge como alternativa para satisfazer as pulsões suprimidas pelo avanço civilizatório, ainda que de forma inconsciente.

Não muito longe disso, na minha avaliação, podemos localizar as justificativas frente ao interesse pela vida do outro tanto por meio do entusiasmo mórbido a respeito de sua morte quanto a partir do interesse indiscreto para conhecer os infortúnios de sua vida privada. Curiosidade esta maximizada no tempo presente, o da “sociedade do espetáculo”, que coloca em contínua pauta a vida alheia sob lupa para consumo de entretenimento. Especialmente, a de celebridades, capitalizando a tragédia e fazendo disso um mercado cada vez mais profícuo. O jornalismo não cessa de fomentar essa prática e, sem obstáculos, as ferramentas de busca oferecem-nos distintas narrativas dessa ordem. Ilustro:

Chifres do ano: veja os famosos que tiveram traições expostas publicamente (2023).<sup>55</sup>

Ex-globais, atores de Hollywood: famosos que faliram ou perderam quase tudo (2022).<sup>56</sup>

A vida íntima de George Harrison, um Beatle nem tão calado nem tão pacato – Sai pela primeira vez em espanhol ‘I me mine’, um livro onde o músico, morto há mais de 20 anos, descreve suas angústias e vícios, expondo a sua complexa personalidade (2021).<sup>57</sup>

Morto durante gravação de filme: relembre o trágico fim do ator Brandon Lee – Recentemente, o ator Alec Baldwin disparou com arma cenográfica durante filmagens e matou diretora; fazendo com que o caso de 1993 fosse lembrado (2020).<sup>58</sup>

As 12 biografias mais polêmicas do cinema – Filmes sobre Lady Di, Freddie Mercury, Elton John e Neil Armstrong são algumas das produções controversas do gênero (2019).<sup>59</sup>

Além de Anitta: Relembre biografias não autorizadas e polêmicas dos famosos – Polêmica envolvendo cantora Anitta e fofoqueiro Leo Dias reativou discussão sobre liberdade de imprensa e biografias não autorizadas (2018).<sup>60</sup>

Silvio Santos, Hebe e Caetano Veloso: histórias das biografias não autorizadas que geram curiosidade nos fãs – Obras lançadas recentemente, que passam a limpo a vida de celebridades nacionais, seguem fascinando leitores, e gerando curiosidade. Com a liberação pelo STF, até biografia não autorizada de Roberto Carlos vem por aí (2017).<sup>61</sup>

Essa satisfação frente ao dano ou ao infortúnio de terceiros chegou a ser denominada em alemão como “*Schadenfreude*”<sup>62</sup>, termo sem equivalência em

<sup>55</sup> Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/fotos/chifres-do-ano-veja-os-famosos-que-tiveram-traicoes-expostas-publicamente-06072023>. Acesso em: 08/07/2023.

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/10/14/famosos-que-perderam-tudo-e-faliram.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 08/07/2023.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-09-13/a-vida-intima-de-george-harrison-um-beatle-nem- tao-calado-nem- tao-pacato.html>. Acesso em: 06/03/2022.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/bbc/2021/10/23/como-foi-o-acidente-em-que-o-ator-brandon-lee-morreu-durante-gravacao-de-filme-em-1993.htm#:~:text=Doze%20horas%20depois%2C%20o%20jovem%20ator%20morreu%20em,Halyna%20Hutchins%20durante%20uma%20grava%C3%A7%C3%A3o%20do%20filme%20%22Rust%22>. Acesso em: março de 2022.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Listas/noticia/2019/06/12-biografias-mais-polemicas-do-cinema.html>. Acesso em: 06/03/2022.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://gente.ig.com.br/cultura/2018-09-18/biografias-nao-autorizadas.html> Acesso em: 06/03/2022.

<sup>61</sup> Disponível em: <http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2017/05/silvio-santos-hebe-e-caetano-veloso-historias-das-biografias-nao-autorizadas-que-geram-curiosidade-nos-fas-9787459.html> Acesso em: 06/03/2022.

<sup>62</sup> Deparei-me com o termo quando lia pesquisas de diferentes áreas do conhecimento que, de uma maneira ou outra, ajudavam-me a compreender as motivações e os interesses frente à vida de outrem para além do meu universo de formação teórico: a faculdade de Letras- Português, o Mestrado e o Doutorado em Literatura. No caso específico, a dissertação “SCHADENFREUDE: O enquadramento da rivalidade no agendamento da dor do outro”, de Matheus Passos Beck (2018), apresentou-me o conceito e seu entorno. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8017>. Acesso em: 27/03/2022.

português, pois a tradução ficaria entre “alegria (*freude*) + dano (*schaden*)”, não correspondendo a uma única unidade lexical; algo como ocorre com a tradução do vocábulo “saudade” para outras línguas. Assim, para nós, o sentimento de *Schadenfreude* seria explicado pela unidade frasal “sentir satisfação, prazer e alegria com o dano alheio”.

Matheus Passos Beck (2018) recupera a gênese desse termo desde o Antigo Testamento, no livro de Provérbios<sup>63</sup>, passa por Aristóteles<sup>64</sup> com menções à equivalente “*epikhairekakia*”, registra a classificação feita por Arthur Schopenhauer<sup>65</sup> e chega a Friedrich Nietzsche, o qual aborda o conceito em uma perspectiva ambígua, que supera a compreensão pela abordagem da moralidade dado que “Em seu pensamento, é importante a introdução do olhar sobre o outro como reflexo de si próprio, observando o semelhante como igual e, portanto, com sofrimento comparável” (Beck, 2018, p. 24). Dessa forma, para o filósofo:

A *Schadenfreude* se origina do fato de que, em vários aspectos de que tem plena consciência, cada um se encontra mal, sente aflição, dor ou arrependimento: o mal que atinge o outro o equipara a ele, abrandando a sua inveja. — Encontrando-se bem ele mesmo, ainda assim acumula a infelicidade do próximo como um capital em sua consciência, a fim de opô-la à sua própria desgraça, quando esta ocorrer; também aí tem *Schadenfreude*. Ou seja, a disposição para a igualdade estende a sua medida para o âmbito da felicidade e do acaso: *Schadenfreude* é a mais comum expressão da vitória e restauração da igualdade, também na mais elevada organização do mundo. Apenas depois que o ser humano aprendeu a ver nos outros humanos os seus iguais, isto é, depois da fundação da sociedade, existe *Schadenfreude* (Nietzsche, 2005, p. 194 *apud* Beck, 2018, p. 24).

---

<sup>63</sup> Cito Beck (2018, p. 22): “Segundo consta, ‘se teu inimigo cai, não te alegres, e teu coração não exulte se ele tropeça, para que Yahweh não veja isso, fique descontente, e dele retire sua ira’ (Bíblia, p. 1057). Já no Livro de Jó, um integrante da tríade filosófica da Bíblia, o protagonista apresenta dessa forma, no capítulo 31, versículo 29, um dos motivos para sua contrição a Deus: ‘Se me alegrei com a desgraça do meu inimigo e exulte com a infelicidade que lhe sobreveio’ (Bíblia, p. 841).”

<sup>64</sup> “Nem toda ação ou paixão admite a observância de uma devida mediana. Com efeito, a própria designação de algumas implica diretamente o mal, tais como a malevolência (*epikhairekakia* expressão composta que significa analiticamente o ato de se regozijar com a infelicidade alheia), a imprudência, a inveja e, entre as ações, o adultério, o roubo e o homicídio. Todas estas e outras ações e paixões semelhantes são condenáveis como sendo más em si mesmas — não é o excesso ou a deficiência delas que condenamos. É impossível, portanto, agir corretamente ao praticá-las, estando nós necessariamente errados ao fazê-lo; tampouco agir certo ou errado no caso delas depende das circunstâncias — por exemplo, se alguém comete adultério com a mulher certa no momento certo e da maneira certa; o seu mero cometimento é errado” (Aristóteles, 2002, p. 74-75 *apud* Beck, 2018, p. 23).

<sup>65</sup> “[...] um prazer malicioso com o infortúnio do outro, que é o pior traço da natureza humana. É um sentimento que se assemelha muito à crueldade, e difere dela, para dizer a verdade, apenas como teoria da prática. Em geral, pode-se dizer que toma o lugar que a piedade deve tomar — a piedade que é o seu oposto, e a verdadeira fonte de toda justiça e caridade real” (Schopenhauer, 2004, p. 42-43 *apud* Beck, 2018, p. 23).

Ou seja, em maior ou menor grau, o interesse por narrativas biográficas pode ser entendido também pela atração a tragédias e a infelicidades do outro para, em certa medida, amenizar nossas próprias dores. Daí entende-se com maior precisão a facilidade com que se expõe e se vende sensacionalismo e recortes da vida privada. Em narrativas impressas e documentários *true crimes*, especialmente, a questão da morte está cada vez mais em voga aos olhos do público. A respeito da temática, a psicóloga Lana Veras de Carvalho (2014, p. 65), cuja atuação ocorre no campo da psicologia social com ênfase no luto e morte, comenta:

A morte deixou de ser um tema completamente interdito? A princípio sim, mas não enquanto experiência de dor, paralisação, sofrimento, reflexão, impotência ou resignificação. Somente é permitida ao tempo em que constrói consumidores de uma gama de produtos ligados a ela, desde cuidados médicos no processo de morrer, medicalização do luto, psicoterapias, toda a ampla rede de serviços funerários e até produtos em geral como turismo, cosméticos, vestuário, jornal... A morte é visível quando a morte vende.

Isto é, a incessante expansão do mercado e a transformação de todos os aspectos da vida humana em mercadorias não poderia deixar de ver também na tragédia e na morte a oportunidade de se obter lucros; o ditado popular: “Enquanto uns choram, outros vendem lenços” expressa bem essa questão. Além disso, o fato de a morte se tratar de uma experiência comum a todos os seres vivos faz desse um nicho de mercado com potenciais consumidores virtualmente ilimitados. Nesse sentido, se entendemos que o crescimento do consumo de narrativas biográficas como as *true crime* e demais temas ligados à morte surge como um fenômeno produzido por questões sociais, é correto afirmar que a busca por demais obras biográficas, no geral, segue a mesma dinâmica. Nesse caso, não como consequência da supressão dos impulsos ligados à agressividade, mas sim como resultado de outro processo engendrado pela organização social contemporânea: o crescente isolamento dos indivíduos.

Das antigas comunidades e entidades familiares compostas por uma grande quantidade de pessoas convivendo em conjunto, passamos, agora, a uma nova etapa, na qual a convivência social é fragmentada e destituída do convívio comum, ao menos de um convívio comum que não esteja constantemente sob observação. A necessidade de sociabilidade, cerceada pela redução do número de integrantes que compõem a família contemporânea, somada às restrições impostas ao convívio durante o período de trabalho, precisa encontrar vazão em outros mecanismos. A

curiosidade pela vida do outro passa a ser, então, canalizada também para o mundo dos livros, assentando-se na busca por narrativas biográficas.

Logo, através dos personagens biografados, conhecemos mais detidamente os indivíduos que romperam com o cotidiano monótono do casa-trabalho-trabalho-casa os quais, portanto, são responsáveis por ensejar a curiosidade das pessoas por essas narrativas, seja pela sua violência, seja pela prática de atos grandiosos ou mesmo pela indiscrição em sabermos o pouco que resta de “privado” em “vida”. Ainda, como disse e reitero, na era da imagem e das mídias, não se torna surpreendente a narrativa biográfica contemporânea ter encontrado fonte profícua na montagem audiovisual e, mais detidamente, no cenário desenhado até aqui; isto é, nos recortes dos infortúnios pelos quais passam as vidas.

Nas produções de séries das plataformas de *streaming*, que cooptaram com perspicácia essa tendência, há diversos casos de destaque, os quais obtiveram repercussão nas suas estreias e, hora e outra, retornam ao interesse do público a partir de novos desdobramentos do caso ou mesmo da promoção de publicidade encomendada pelas produtoras. Um desses casos é *Elize Matsunaga: era uma vez um crime*<sup>66</sup>, minissérie a qual, na ocasião de seu lançamento, 2021, permaneceu três semanas seguidas no Top 10 brasileiro<sup>67</sup> da plataforma que a abriga, a Netflix, e segue sendo mencionada na mídia com certa frequência. O intervalo de tempo entre a entrada da série no ar e o momento de redação destas minhas considerações não é exatamente longo, é verdade. Todavia, teço a afirmação levando em conta o contexto do tempo do agora, da efemeridade e do descarte, do consumo do *já*, dos segundos de *views*, e da profusão contínua de novas produções com o mesmo recorte temático. Em razão dessa efemeridade, julgo dizer, o ciclo de produções e suas conseqüentes reverberações, no geral, como matérias e reportagens, é contínuo e nada homeopático. Seguindo no exemplo supracitado, cerca de um ano após ter estreado, deparamo-nos com o anúncio de que sua protagonista, Elize, prepara uma

---

<sup>66</sup> Série documental produzida pela Boutique Filmes, com direção de Eliza Capai, disponível na Netflix a partir de 08 e julho de 2021. Em quatro capítulos, conta tanto a história da morte e do esquiteamento de Marcos Kitano Matsunaga, cometidos pela então esposa, Elize Matsunaga, quanto a própria história de Elize, na infância e na vida adulta. O episódio ficou conhecido nacionalmente como o “Caso Yoki”, dado que Marcos era presidente da empresa de alimentos Yoki.

<sup>67</sup> A informação é encontrada no ranking disponibilizado pela empresa no endereço <https://top10.netflix.com/brazil>, que identifica as dez produções mais vistas em cada país semanalmente.



auto/biografia até então denominada, nada sutilmente, de “*Piquenique no inferno*”<sup>68</sup>. Registro “auto/biografia” porque o livro mescla dois narradores, há passagens em primeira e em terceira pessoa, quando escreve como um narrador onisciente.

A minissérie *Elize Matsunaga: era uma vez um crime*, em quatro capítulos — i) *Estado civil: viúva*; ii) *Uma vida de princesa*; iii) *A infeliz ideia de Elize*; e iv) *Os ecos do crime* —, com cerca de 50 minutos cada, traz como fio narrativo o depoimento da personagem central, Elize, na primeira e única entrevista que concedeu ao longo dos mais de dez anos entre prisão e condenação pelo crime confesso de matar e esquartejar o marido, Marcos Kitano Matsunaga. O relato autobiográfico em questão é interessante para pensar a montagem do gênero, pois quebra alguns pressupostos de ordenação temporal entre os capítulos, ao mesmo tempo em que sugestiona para o expectador a montagem dessa linha de crescente causa-consequência. Desse modo, é reconstruída a dinâmica da relação conjugal como também a própria trajetória da personagem, desde sua infância, contextualizando-a no mundo como sujeito humano, vulnerável e falho. Esse perfil é contrastado com as narrativas biográficas entregues pelos personagens secundários da obra, ligados a Marcos e/ou ao casal, especialmente.

Registro propositalmente o vocábulo “trajetória” porque, embora a série não seja apresentada em um formato prototípico da noção de vida como o conjunto de eventos cronológicos sucessivos e cumulativos que constroem um caminho — como uma estrada linear e coesa para um fim — desde o começo, ela acaba produzindo esse efeito, pois sugere ao expectador um itinerário. Isto é, ainda que não comece com Elize relatando a infância e a vida cronologicamente, ao término dos quatro episódios disponibilizados, o efeito que fica para o público é este: uma organização temporal, estruturada a partir da coleta das peças fornecidas, que preenchem os espaços em aberto e dão significado contínuo à narrativa. Essa ideia de vida como trajetória de unidade e progressão é um trunfo da narrativa “biográfica clássica”<sup>69</sup>, que oferece uma unidade para o leitor e facilita a organização da leitura, dando a noção

---

<sup>68</sup> “10 anos após matar marido, Elize revela manuscrito de livro em que pretende contar à filha sua vida e por que matou Matsunaga — Condenada pelo assassinato de Marcos Matsunaga, Elize está impedida de ver a filha desde 2012, quando baleou e esquartejou herdeiro da Yoki. g1 teve acesso a trechos das 178 páginas de ‘Piquenique no Inferno’, escrito por ela no cárcere. Nele, lembra estupro na adolescência e violência doméstica ao se casar.” Disponível em: (<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/19/apos-10-anos-elize-matsunaga-escreve-piquenique-no-inferno-para-contar-a-filha-sua-vida-e-como-matou-marido-para-se-protoger.ghtml>)

<sup>69</sup> Isto é, aquela que começa com a vida, nascimento, e termina com a morte do personagem biografado.

de se apreender o “todo” de uma vida. Não à toa, o subtítulo “tudo o que você precisa saber sobre Fulano de Tal” estampa inúmeras capas de obras biográficas, artifício de marketing que ignora a impossibilidade lógica de uma vida “caber” em x páginas e/ou minutagens de vídeo, mas eficaz, pois segue sendo reproduzido e aceito pelo leitor/expectador, seduzido pela promessa de espiar pela fechadura “só o importante”.

Tal concepção de unidade progressiva e totalitária foi denominada por Pierre Bourdieu ([1986] 2006) como “ilusão biográfica”. Para ele, os elementos estruturantes da biografia são construções sociais legitimadas pelos contratos sociais a que somos resignados, tais como os documentos oficiais de identificação, o nome próprio etc., de forma que o arranjo oferecido pela biografia é um, mas poderia ser outro; aliás, outros, inúmeros, diversos. Bourdieu assinala que o ato de biografar é uma ilusória crença de que a vida seria um todo ou, para usar os seus termos, “[...] um conjunto coerente e orientado que pode e deve ser apreendido como uma expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto” (Bourdieu, 2006, p.184).

O sociólogo aproxima a prática biográfica ao conceito de “projeto original”<sup>70</sup>, de Jean Paul Sartre, o qual se insere na perspectiva da psicanálise existencial, cuja máxima defende que “a existência precede a essência”. A partir disso, uma pessoa seria uma unidade e não um acúmulo de desejos e costumes sem relação, tendo, cada uma delas, um roteiro determinado de vida, isto é, o seu projeto original, responsável por todas as características de seu comportamento. Sob essa perspectiva, Bourdieu lê as biografias como produções circunscritas a esse projeto, especialmente nas marcações de expressões como “já”, “desde então”, “desde pequeno”, “sempre” (Bourdieu, 2006, p. 184) etc., pois as biografias acabam não só apresentando a vida seguindo uma ordem cronológica como também instituindo essa ordenação. Sendo, em vista disso, o registro biográfico

[...] uma história que transcorre, *segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde o começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo.* O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que ‘se entrega’ a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre

<sup>70</sup> Cito Sartre (1997, p. 692 *apud* Sass, 2016, p. 112): “O projeto original que se expressa em cada uma de nossas tendências empiricamente observáveis consiste, portanto, no projeto de ser [...] nada há à parte da expressão simbólica que se encontra nos desejos concretos. Não há primeiro um desejo de ser e depois milhares de sentimentos particulares, mas sim que o desejo de ser só existe e se manifesta no e pelo ciúme, pela avareza, pelo amor à arte, pela covardia, pela coragem, as milhares de expressões contingentes e empíricas que fazem com que a realidade humana jamais nos apareça a não ser manifestada por tal homem em particular, por uma pessoa singular.”

em sua estrita sucessão cronológica [...] tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis (Bourdieu, 2006, p. 184, grifos meus).

Ou seja, essa noção nos instrumentaliza a olhar o fazer biográfico como uma narrativa cuja exposição traz uma vida como foi pensada e não como foi vivida. Isso porque tal ordenação elimina o que objetivamente não tem finalidade para o discurso que se quer fazer/ ver/construir. Nessa perspectiva, ainda com Bourdieu (2006) como horizonte conceitual, poder-se-ia entender a lacuna 1941-1942 como uma “desordem”<sup>71</sup>, na medida em que ela instituiu uma quebra da/logicidade na biografia de Jorge Amado, explicitando, por conseguinte, a ruptura da noção de vida como narrativa coerente e unitária, pois tal *desordemento* tanto impede que o exercício retro e prospectivo do relato biográfico seja cumprido dentro dos limites tradicionais da cronologia dos acontecimentos quanto impossibilita a construção do relato de vida em uma realidade coesa crescente.

Isso significa, por conseguinte, que o trabalho biográfico com acervos literários, e precisamente com o Acervo Mala de Jorge Amado, demanda a criação objetiva de uma narrativa que organize um projeto de dizer e, em certa medida, a versão de um “fechamento” interpretativo a fim de se perseguir uma lógica discursiva. No caso, levando em conta que um acervo é *locos* máximo de permissividade/abertura, no sentido de continuamente receber um número sem fim de materiais de distintas naturezas — além de oferecer um número sem fim de combinações —, emerge a necessidade de ficcionalizar os percursos, a fim de se construir uma narrativa legível dos objetos narrativos que dali emergem. Para esse movimento, a teórica e pesquisadora Eneida Maria de Souza (2011, p. 11) afirma que “Ficcionalizar os dados significa considera-los como metáforas”. Direcionando essa ficcionalização à redação biográfica, abre-se a compreensão daquela ser inerente a esta, pois, também segundo Eneida Souza (2011, p. 11), “O gesto ficcional de composição de biografias torna-se obrigatório para elaboração de uma dicção que se situa entre a teoria e a ficção” em razão de o trato arquivístico de uma história de vida — ou de histórias de vida — ordenar o que, na essência, não aceita ordenamento, seja a materialidade de um acervo, seja a vida como vivida.

---

<sup>71</sup> A provocação motivadora dessa reflexão partiu da indagação de Maria Eunice Moreira, no Exame de Qualificação deste trabalho. A pergunta feita pela professora foi: “Tu poderias dizer que a lacuna de 1941-1942 seria uma desordem?”.

Isso porque a ordenação, seja qual for — do arquivo ou da vida —, descarta redundâncias, incoerências, repetições etc. O equilíbrio entre a factualidade e a ficcionalidade, portanto, é o que licencia a composição biográfica oriunda de um acervo literário de seguir viva, ativa, continuamente como um território originário, selvagem, primitivo, cuja criação de novos, e outros, territórios sempre é renovado, seja pela montagem infinita que oferece, seja pela abertura do arquivo, que nunca está pronto ou fechado para abrigar novos documentos e, portanto, novas narrativas.

Seja, portanto, em uma realidade “comum” do contar vida, seja em uma realidade arquivística de construção material da vida, no *modos operandi* intrínseco à construção narrativa desse vivido, edita-se e elimina-se os acasos, os espaços em branco, as incoerências, e as recorrências indesejadas. Essa “fórmula” acomoda a leitura e alimenta o senso comum de se conhecer o todo de um sujeito: nascimento, vida e morte; ou ainda: nascimento, vida e vida, quando levamos em conta o interesse ascendente, a partir do final do século XX, de escrever a vida dos vivos.

Essa prática é resultante do culto midiático a celebridades, nicho inicialmente dominado por astros da música, do cinema, e das artes, no geral, e hoje estendido também aos novos fenômenos da imagem: *youtubers* e influenciadores digitais. O jornalismo, em muito responsável pela manutenção da atenção do público, alimenta as narrativas do cotidiano desses personagens que têm status de personalidade. Especialmente, como já mencionado, destacam-se os episódios de infortúnios nessas janelas indiscretas cujo interesse biográfico é mantido. Daí se constrói um ciclo de interdependência no qual o aparato midiático coloca em foco polêmicas ou embaraços da vida particular a fim atrair o expectador bem como o/a personagem cuja vida (não tão privada assim) mantém-se em foco; nesse contínuo, tal persona tem a imagem constantemente em voga a partir do interesse alheio em seus tropeços. Assim, a narrativa do sofrimento pessoal transforma-se em moeda, que financia e consome a narrativa do interesse alheio sobre o outro.

Além disso, também é possível dizer que a panorâmica contemporânea da produção biográfica delinea e incorpora novos perfis a sua montagem, destaco particularmente a antecipação do recorte de idade dos personagens que atualmente estampam as capas do universo desse gênero. Se alguns anos atrás passávamos a reiterar a então dissociação da biografia como apenas um gênero dos mortos, hoje, com esse fato superado, já não basta dizer que ela também é um gênero dos vivos. É preciso reconhecê-la ainda como um gênero dos “recém vivos”, quero dizer, a

existência de obras do universo biográfico sobre jovens celebridades é muito comum. A apresentadora e atriz brasileira Maisa<sup>72</sup>, por exemplo, teve sua autobiografia publicada aos 14 anos; já se via o rosto do astro pop canadense Justin Bieber<sup>73</sup> nas vitrines das livrarias desde cedo: aos 22, três biografias sobre sua vida estavam lançadas no Brasil; o youtuber Felipe Neto<sup>74</sup> contava com biografia e autobiografia em circulação no país aos 33 anos de idade. A despeito da discussão de valoração de tais títulos, fica a curiosidade sobre o entorno do interesse da legião de leitores desse recorte biográfico.

A meu ver, tal cenário, ao contrário de anunciar o fim da “boa” escrita biográfica, ou ainda de denunciar o gênero como estrito produto de consumo, deve ser visto como um filão comercial do gênero. Nada inédito, deve-se dizer, dado que a proposta está afinada ao sistema econômico vigente, isto é, levando-se em conta o acesso entre artista e público viabilizado pelas redes sociais, aliado ao apelo midiático e à narrativa da imagem e dos *views*, não surpreende o segmento de biografias ser cooptado e se tornar nicho rentável na lógica capitalista. Continuaremos a ter biografias e biografias, tal qual existem inúmeros debates sobre “boa literatura” e “boa arte”. No final, questões de indissociabilidade da pretensão de valoração aos padrões de uma época seguem sendo fundamentais para o debate<sup>75</sup>.

Valores de juízos à parte, é fato que o interesse para consumir a narrativa de vida de determinados nomes próprios venha se destacando nos últimos anos no país.

---

<sup>72</sup> Maisa da Silva Andrade é uma atriz e apresentadora brasileira nascida em 2002. Começou sua carreira aos três anos de idade no programa de auditório “Raul Gil”, na Band (2005). Ficou nacionalmente conhecida a partir de sua participação no “Programa Silvio Santos” e no “Bom Dia & Companhia”, ambos do SBT.

<sup>73</sup> Justin Drew Bieber é um cantor e compositor canadense nascido em 1994. Em 2007, ganhou notoriedade a partir de seus covers publicados no Youtube. Em 2019, assinou contrato com a Island Records, gravadora do grupo Universal Music, dando início a sua carreira profissional.

<sup>74</sup> Felipe Neto Rodrigues Vieira é um youtuber brasileiro nascido em 1988. É conhecido por ter um dos maiores canais brasileiros do YouTube, com milhões de inscritos e bilhões de visualizações. O quadro que lhe rendeu visibilidade estreou na plataforma em 2010 e se chamava “Não Faz Sentido!”.

<sup>75</sup> Antoine Compagnon ([1999] 2014) bem fala dessa questão em *O demônio da teoria – literatura e senso comum*. Suas considerações acerca da relação intrínseca entre os valores literários e as tradições de determinado período histórico nos servem para pensarmos os produtos culturais, no geral, e por extensão as narrativas biográficas. No título mencionado, o autor argumenta que a apreciação e interpretação das obras literárias passam por transformações ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas perspectivas culturais, sociais e intelectuais. A partir disso, ressalta-se que não existe uma forma definitiva de avaliar a literatura, uma vez que o valor atribuído a uma obra é moldado pelas influências e preconceitos presentes na sociedade em que é lida e interpretada. Portanto, a compreensão e valoração da literatura e, por extensão, da escrita biográfica, estão em constante evolução, à medida que novas ideias e sensibilidades emergem, afetando nossa maneira de perceber e entender as produções culturais.

Dados da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil<sup>76</sup> (2019) afirmaram que cerca de 17 milhões de pessoas consomem obras de caráter biográfico no Brasil, cerca de dois milhões a mais do que a apuração da edição anterior (2015). Corrobora para esses números a sentença do Supremo Tribunal Federal (STF), de 2015, que decidiu, unanimemente, liberar a produção e publicação das denominadas “biografias não autorizadas”. Na ementa do processo que chegou à maior instância judiciária do país, lemos que

Autorização prévia para biografia constitui censura prévia particular. O recolhimento de obras é censura judicial, a substituir a administrativa. O risco é próprio do viver. Erros corrigem-se segundo o direito, não se coartando liberdades conquistadas. A reparação de danos e o direito de resposta devem ser exercidos nos termos da lei. A liberdade é constitucionalmente garantida, não se podendo anular por outra norma constitucional (inc. IV do art. 60), menos ainda por norma de hierarquia inferior (lei civil), ainda que sob o argumento de se estar a resguardar e proteger outro direito constitucionalmente assegurado, qual seja, o da inviolabilidade do direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem (STF, 2015).

A deliberação finaliza a batalha judicial — iniciada pela notificação civil do cantor Roberto Carlos à Editora Planeta — que retirou *Roberto Carlos em detalhes* (2007), de Paulo César de Araújo, das prateleiras. À época do lançamento, o cantor anunciou a intenção de processar a editora e o autor do livro com base no argumento legal de invasão de privacidade, ofensa moral e uso indevido de imagem.

Até o STF decidir pela liberação, as manifestações de ambos os lados foram demarcadas. Artistas consagrados da Música Popular Brasileira, como Chico Buarque e Caetano Veloso, fizeram coro à voz de Roberto Carlos, editoras e biógrafos, por outro lado, destacavam o cerceamento da liberdade de expressão somado ao argumento da pessoa pública como integrante da narrativa da historiografia social, política e cultural de um país, construída por muitas vozes. No meio disso, os exemplares que fugiram à censura cresciam em moeda e chegaram a custar até R\$ 1.300 reais, segundo afirmação de veículo jornalístico<sup>77</sup>. Por fim, prevaleceu a

---

<sup>76</sup> Estudo sobre o comportamento do leitor brasileiro, que objetiva avaliar impactos e orientar ações e políticas públicas em relação ao livro e à leitura, com vistas a otimizar os indicadores de leitura e o acesso ao livro. É promovido pelo Instituto Pró-Livro (IPL), Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem fins lucrativos. A Organização foi fundada e é mantida pelas Associação Brasileira de Editores e Produtores de Conteúdo e Tecnologia Educacional (Abrelivros), Câmara Brasileira do Livro (CBL), e Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Seu intuito é o de motivar a leitura no país. Para isso, promover pesquisas e ações de fomento à leitura. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em: março de 2022.

<sup>77</sup> A informação é do Jornal o Estado de Minas, matéria assinada por Flávia Denise Magalhães: Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/04/23/interna\\_pensar,1259643/os-10-fatos-mais-relevantes-da-producao-literaria-do-pais-na-ultima-decada.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/04/23/interna_pensar,1259643/os-10-fatos-mais-relevantes-da-producao-literaria-do-pais-na-ultima-decada.shtml) Acesso em: 15/11/2021.

compreensão de que a história é construída a partir do embate de discursos e que o silenciar também é uma forma do historiar, especificamente, forma de repressão e de manutenção da prática do historicismo, aquele que se quer detentor, propagador e mantenedor não de *uma*, mas *da* História.

## 2.2 BIOGRAFIA NA MEMÓRIA DO TEMPO: MONUMENTO E DESCONSTRUÇÃO

Levando-se em conta as considerações debatidas até aqui, não me parece antecipado afirmar que se foi o tempo em que a narrativa biográfica representava um monumento, ou melhor, foi-se o tempo em que a narrativa biográfica representava só um monumento. No que diz respeito à historiografia do gênero biográfico, François Dosse (2009) traça uma divisão metodológica da evolução<sup>78</sup> desse formato de escrita em três tomos gerais: i) da Antiguidade Clássica à Idade Moderna; ii) na Idade Contemporânea: final do século XX; e iii) na Idade Contemporânea: do final do século XX até os dias atuais<sup>79</sup>.

Segundo essa divisão, da Idade Antiga ao período moderno, o gênero biográfico serviu para in(formar):

Prestou-se ao discurso das virtudes e serviu de modelo moral edificante para educar, transmitir valores dominantes às gerações futuras. [Nesse período] O gênero biográfico participa, pois, de um regime de historicidade no qual o futuro é a reprodução dos modelos existentes, que devem perpetuar-se. Inscreve-se, durante esse longo período, no respeito absoluto a uma tradição que se organiza na Antiguidade em torno dos valores heroicos: em seguida, com a cristianização, os valores religiosos é que se difundem tomando por modelo as vidas exemplares (Dosse, 2009, p. 123).

Tal decurso temporal englobou o que o autor chamou de “a idade heroica” e teve, portanto, uma função pedagógica de representação de valores morais do protagonista, o “herói” biografado. Esses textos descreviam práticas e valores a serem seguidos como modelos pela sociedade; assim, pretendia-se não somente descrever uma vida, mas também uma maneira de como se viver. Dosse (2009, p. 126) identifica Plutarco — nascido por volta de 45 d.C — e Suetônio — nascido aproximadamente em 70 d.C. — como “os dois grandes mestres da biografia antiga”. A atribuição se dá

<sup>78</sup> Faço uso do vocábulo “evolução” no sentido de mudança, alteração, e não de melhoria, avanço.

<sup>79</sup> Ao menos, até a data de publicação da obra: 2009.

em razão de que foi a partir de seus trabalhos, especialmente o de Plutarco, que o gênero biográfico se fixou em sua particularidade:

[...] Plutarco concebeu suas biografias sob a forma de comparação dupla, confrontando os méritos e os defeitos de um herói grego e um romano. Platônico, não tem muita simpatia pela história e nega escrevê-la, dissociando desde logo sua escrita biográfica do gênero histórico: “Não escrevemos *Histórias* e sim *Vidas*”, esclarece ele no prefácio “Vida de Alexandre”. A seguir, explicita em que seu objeto de curiosidade difere do gênero histórico e define sua ambição acrescentando: “De resto, nem sempre são as ações espetaculares que mostram a melhor virtude ou o vício: um fato insignificante, uma palavra, uma pilhéria às vezes revelam com mais clareza o caráter que combates sangrentos, batalhas acirradas, ou assédios portentosos” (Dosse, 2009, p. 127).

Ou seja, Plutarco objetivava desvelar características comuns de um perfil psicológico em sua polaridade, levando em conta as complexidades desses traços em suas qualidades ambivalentes, fazendo nascer, assim, a escrita de um modelo de vida com ênfases moralizantes. Tal formato instaurado por ele perpetuou-se por longos anos, da Idade Antiga ao século XVIII, quando se deu a quebra do estatuto da historicidade.

É interessante ver, na contemporaneidade, os resquícios da conservação desse formato também no presente. Resguardadas as características de cada tempo histórico, ainda há público em busca da “narrativa edificante”, em outros termos: aquela que, entre erros e acertos do biografado, descreve o percurso seguido por determinado personagem de sucesso com vistas a servir de modelo de inspiração. Na busca por discussões acerca do comportamento editorial do entorno das escritas de si, não raro deparamo-nos com materiais jornalísticos próximos a esse tom. Ilustro com matéria veiculada no Conselho Regional de Biblioteconomia de São Paulo (2021, grifos meus) especulando os motivos para ascensão do consumo de biografias, lê-se: “Além de apresentar os principais passos da história de sucesso de personalidades incríveis, essas obras *forneem grandes lições de vida e aprendizados valiosos*”<sup>80</sup>. Isto é, não à toa, refiro-me à “biografia clássica” quando objetivo fazer alusão a uma narrativa mais tradicional de montagem biográfica, herdeira da prática de Plutarco e não esquecida pelos projetos de marketing editoriais quando na promoção de novas obras que aparentemente nos mostram os exatos passos da Fulana X ou do Ciclano Y para alcançar sucesso.

---

<sup>80</sup> Disponível em: <https://crb8.org.br/oldsite/segmento-de-biografias-cresce-com-grandes-livros-e-licoes-valiosas/> Acesso em: 19/12/ 2021.



O segundo momento de um modelo biográfico apareceu somente no final do século XX, posto que o século XIX, segundo Dosse (2009, p. 195),

[...] não foi propício ao desenvolvimento pleno das biografias eruditas. Gênero inferior e desprezado, a escrita biográfica fica relegada aos amadores. A história – no auge da fama, passando por uma verdadeira idade do ouro – vê então contestada em sua pose doutoral pelas jovens ciências sociais ávidas por cientificidade, notadamente uma sociologia apoiada em sua inspiração durkheimniana<sup>81</sup>, muito vindicativa. O assalto dos sociólogos à fortaleza histórica, bastante agressivo, terá por efeito reforçar ainda mais o desdém à biografia.

Assim, sob influência do estruturalismo sociológico, a narrativa do herói individual perdeu espaço para a narrativa de uma nação. A perspectiva mudou e o interesse pela singularidade deslocou-se para os amplos processos históricos, minimizando a importância do indivíduo e maximizando a importância do coletivo. Isto é, o indivíduo só teria relevância na medida em que ilustrasse o coletivo, a essas biografias generalizantes Dosse (2019) denominou “modais”.

Uma biografia digna de interesse, nesse contexto, deveria direcionar um perfil particular a um geral, de forma a identificar no problema específico uma demanda global, já que sua abordagem teria que ser suficiente para representar um enfoque social. Isto é, a partir dessa narrativa seria possível conhecer determinada realidade de uma época, seja ela social, política, econômica ou intelectual. Todavia, se, por um lado, as características compartilhadas por um coletivo seriam pertinentes para se perfilar uma realidade comum — como dito, seja ela social, política, econômica ou intelectual — de uma nação por determinado tempo, por exemplo, por outro lado acabariam por cristalizar a noção de que os anseios e as ações de um conjunto são equivalentes à soma dos desejos e comportamentos de cada um dos seus indivíduos, o que se torna impossível em razão de cada sujeito ser um universo particular. Isto é, mesmo que exista compartilhamento comum entre os grupos, é impossível existir unicidade.

Seguindo a divisão de criação/produção biográfica, ao terceiro e último contorno, Dosse denominou “A Idade Hermenêutica”. Aqui estão inseridas as narrativas que falam à heterogeneidade e à multiplicidade do contemporâneo, vindas

---

<sup>81</sup> “Segundo Durkheim (1969), os fatos sociais são coisas, e essas coisas se manifestam pela coerção que exercem sobre o indivíduo. Isso significa dizer que até as atitudes mais individuais tem as suas causas pautadas pelo universo social. Para ele, a sociedade funciona segundo os princípios de uma física social, com um sistema de forças que atua sobre os indivíduos” (Nascimento, 2019, p. 03).

de um tempo mais “sensível”, para usar o termo escolhido pelo autor, às manifestações da individualidade,

[...] que legitimam não apenas a retomada de interesse pela biografia como a transformação do gênero num sentido mais reflexivo. Na escola da escrita romanesca, os historiadores, sociólogos, antropólogos e psicanalistas transgredem o tabu que até então cercava o gênero biográfico. A pergunta sobre o que é o sujeito e os processos de subjetivação alimenta essa renovação da escrita biográfica, que a nosso ver já entrou na era hermenêutica, a da reflexividade. Já não se trata de identifica-la, mas de proceder a uma abordagem do outro como, ao mesmo tempo, um *alter ego* e uma entidade diversa (Dosse, 2009, p. 229, grifo do autor).

Essa “renovação da escrita biográfica” diz respeito à virada subjetiva<sup>82</sup>, que procurou romper com o estruturalismo e com as generalizações na interpretação da história. Esse movimento refere-se especialmente ao aumento das narrativas das escritas de si, por volta dos anos de 1980, “ressuscitando”<sup>83</sup> o sujeito em uma guinada crítica que colocou em voga a constituição heterogênea do ser e valorizou o exercício da literatura do *eu* como objeto de manifestação pública — além de privada —: “[...] [foi] o retorno do sujeito após um longo eclipse ao peso das estruturas” (Dosse, 2009, p. 252). Tal deslocamento esteve/está ligado sobretudo à singularidade e ao rompimento do ideário cumulativo da linearidade da trajetória de uma vida, reconhecendo a fratura e a lacuna como inerentes à narrativa biográfica, de forma a romper tanto com as biografias cronológicas da idade heroica quanto com as narrativas totalizantes da biografia modal.

Para tratar dessa recorte temporal com mais precisão, Dosse dividiu o que denominou de Idade Hermenêutica e dois momentos: “a unidade dominada pelo singular” e “a pluralidade de identidades”. O primeiro período coincide com um amplo retorno ao biográfico, com reflexo direto ao mercado editorial de produção e de consumo do gênero. Esse é o momento de ruptura com os paradigmas estruturantes anteriores, na medida em que o sujeito e a subjetividade ganham status, de forma que

A intrusão do biográfico e do autobiográfico nas ciências sociais sacode alguns postulados “científicos” em nome dos quais essa dimensão fora até a época expelida das pesquisas eruditas, pois os relatos se situam num espaço entre escrita e leitura literárias ou entre escrita e leitura científicas (Dosse, 2009, p. 242).

<sup>82</sup> Para Sarlo (2007), uma “guinada subjetiva”, como mencionei anteriormente, em nota na Introdução.

<sup>83</sup> Referência à *A morte do autor*, de Roland Barthes (1968).

A partir de então decorre o desenvolvimento da problematização acerca dos vínculos entre fato *versus* fabulação, ficção *versus* história, que motivaram a discussão em torno da construção de uma narrativa biográfica. Isto é, no embate histórico da definição desse gênero, “história” e “biografia” ficaram em espaços antagônicos na maioria das vezes, pois o status desta aparecia como *menor* diante daquela, devido à eminente fabulação intrínseca à narrativa biográfica. Disso, virou lugar-comum dizer que a biografia seria um “gênero impuro” (Dosse, 2009, p.55), “um misto instável entre fabulação e experiência vivida” (Ricoeur, 1991, p. 191), síntese de uma hibridização que resulta na dificuldade em classificá-la em uma disciplina organizada, encerrando em si a possibilidade de consumir e/ou delimitar o que seria prática de gênero literário e o que seria prática de gênero científico. Todavia, esse caráter supostamente inclassificável, antes utilizado como depreciativo, na fase hermenêutica “[...] passou a ser um trunfo, pois o gênero biográfico está à altura de abrir as portas ao conjunto das ciências humanas e literárias graças à sua receptividade. Tornam-se possíveis a prática de estudos transversais e o diálogo entre universos de interpretação diferentes (Dosse, p. 2009, p. 17).

Seguindo na discussão, Dosse recupera Michel de Certeau — cujas considerações apontam para uma necessidade de se manter a tensão entre os polos da escrita/leitura literária e da escrita/leitura científicas no relato biográfico — para localizar a biografia “[...]o ensejo da adesão de ambas as disciplinas a uma epistemologia do entremeio” (Dosse, 2009, p. 242). Com isso, diante da insatisfação de reproduções de modelos ideais de vida ou da demonstração de perfis representante de coletivos, os biógrafos passam a reduzir a escala a partir das micro histórias centrada no sujeito comum. O ponto de partida é deslocado porque não se parte mais do modelo típico de uma categoria, mas sim de “[...] estudos de caso, de microcosmos, valorizando as situações-limite de crises” (Dosse, 2009. p. 254). São percussores dessa abordagem Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi, Giovanni Levi, e Carlo Poni. De maneira geral, as narrativas biográficas construídas por essa proposta, segundo Dosse (2009, p. 285) nos mostram o “[...] caráter inelutavelmente parcial, e sempre aberto a novas leituras, de qualquer biografia ou trabalho histórico. Os dossiês nunca são fechados, pois o enfoque pode incidir nos lugares mais diversos”.

O segundo momento da Idade Hermenêutica é o da experimentação, no qual os relatos biográficos procuraram acompanhar direcionamentos de múltiplas intensidades por meio da exploração de contradições, ambiguidades, complexidades

e tensões apresentadas sobre as personagens em foco, pois, ao entender o sujeito como fundamentalmente plural, com vínculos e predileções diversos, a abordagem do gênero biográfico passou a ser remodelada. Desse lugar, a linearidade da biografia tradicional foi colocada em xeque e, por conseguinte, também as marcações de nascimento e de morte como lugares absolutos de partida e de chegada. Igualmente, as fontes históricas canônicas passaram a dividir importância com “[...] traços minúsculos de identidade [que] respondem a um biopoder que procura identificar as pessoas, recuperar suas pegadas no estado civil” (Dosse, 2009, p. 301).

Esses “traços minúsculos de identidade” mobilizaram Roland Barthes a revisitar o sujeito por intermédio de fragmentos escritos registrados no que, a partir de *Sade, Fourier, Loyola* ([1971] 2005), passou a denominar “biografemas”. Nessa publicação, o que se discute não é mais a “morte do autor”, mas sim sua vida, o corpo inscrito no texto. O autor retorna sem fechamento, sem unidade, apenas como fratura e fragmento:

[...] se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos “biografemas”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão; uma vida esburacada, em suma, como [...] um filme à moda antiga, de que está ausente toda palavra e cuja vaga de imagens [...] é entrecortada, à moda de soluços salutares, pelo negro apenas escrito no intertítulo, pela irrupção desenvolta de outro significante (Barthes, 2005, p. 17).

Isto é, o neologismo é entendido como um significante que recorta um lance, um detalhe, gosto ou gesto da vida civil do biografado e, sem o objetivo de construir uma vida linear e coerente, converte-o em signo, com inúmeros sentidos. De saída, portanto, a ideia do biografema se afasta do delírio da descrição da totalidade de uma vida aproximando-se à realidade contemporânea do fragmento, sem pretensão de definição ou união com x, y ou z; é um signo fluido que versa na mobilidade e

[...] surge numa sólida relação com o desaparecimento, com a morte; remete a um tipo de arte da memória, a um *memento mori*, a uma evocação possível do outro que já não existe. Barthes propõe uma evocação superficial por meio de um detalhe distanciador e revelador de uma singularidade: “É um traço sem união... O biografema não define nunca. Não cabe sequer numa definição. Trata-se, pois, de um bom objeto. Diferentemente da imagem, ele não adere, não é pegajoso, mas desliza...”. Daí a multiplicação de biografemas para falar de Sade, Fourier ou Loyola, sempre evitando a armadilha da vetorização. Eles remetem à singularidade de gostos e dos corpos dos indivíduos (Dosse, 2009, p. 306-307).

Em suma, o biografema ocupa-se com os pequenos detalhes da *bio* do sujeito, *grafando* aquilo que por si só muito ou nada pode-se dizer a seu respeito, de modo que o efeito dessa leitura sobrepõe-se ao conteúdo.

Acompanhando as narrativas do tempo do agora, é interessante observar o espaço destinado às (auto)biografias nas plataformas digitais, como o Twitter, por exemplo, como uma oportunidade performática contemporânea do biografema. Quer dizer, na condensação dos atuais 160 caracteres disponibilizados pela rede no espaço destinado ao registro biográfico, na página inicial de cada perfil, cabe a apresentação de um sujeito reduzido a breves detalhes, “um simples plural de encantos” para citar Barthes (2005, p. 16); assim, lemos resíduos sógnicos de um personagem que se assume enquanto linguagem, representação.

Em relação a essas atuais narrativas biográficas midiáticas, que se constroem por meio das redes sociais, Paula Sibilia, em *Show do eu: a intimidade como espetáculo* (2016), aponta o uso confessional da internet como fonte renovadora do gênero auto/biográfico, destacando a fragmentariedade dessas escritas a partir desse universo cibercultural. Dialogando com Guy Debord em *A sociedade do espetáculo* (1967), a autora descreve os processos que impulsionaram os comportamentos de espetacularização do que outrora pertencia ao domínio da intimidade. As discussões refletem o atravessamento da tecnologia no cotidiano social e a incorporação de selfies, vídeos, e posts na criação do ser, do agir e do mostrar o eu:

Quanto mais a vida cotidiana é ficcionalizada e estetizada com recursos midiáticos, mais avidamente se procura uma experiência autêntica, verdadeira, não encenada. Busca-se o realmente *real* – ou, pelo menos, algo que assim *pareça*. Uma das manifestações dessa fome de veracidade na cultura contemporânea é o anseio por consumir lampejos da intimidade alheia. Em meio ao sucesso dos reality-shows, o espetáculo da realidade faz sucesso: tudo vende mais se for real, mesmo que se trate de versões dramatizadas de uma realidade qualquer. Como duas caras da mesma moeda, o excesso de espetacularização que impregna nosso ambiente tão midiático anda de mãos dadas com as diferentes formas de “realismo sujo”<sup>84</sup> hoje em voga. A internet é um palco privilegiado deste movimento, com sua proliferação de confissões reveladas por um *eu* que insiste em se mostrar sempre ambigualmente real, mas o fenômeno é bem mais amplo e atinge as mais diversas modalidades de expressão artística e midiática (Sibilia, 2016, p. 247-248, grifos da autora).

---

<sup>84</sup> O termo é uma alusão à noção cunhada por Beatriz Juagaribe em *Realismo sujo e experiência autobiográfica*, texto no qual discute como as estéticas do realismo “sujam”, embaçam, o limítrofe entre o real e o ficcional. O artigo faz parte de sua obra *O choque do real: estética, mídia e cultura* (2007).

Na obra, a construção biográfica dos sujeitos do contemporâneo são recortadas em infinitos “eus” fragmentários que nos pertencem: o *eu narrador* e a vida como relato, o *eu privado* e o declínio do sujeito público, o *eu visível* e o eclipse da interioridade, o *eu atual* e a subjetividade instantânea, o *eu autor* e a devoção à personalidade, o *eu real* e os abalos da ficção, o *eu personagem* e o pânico da solidão, e o *eu espetacular* e a gestão de si como uma marca (Sibilia, 2016). Isto é, a teórica discorre acerca dessas multifaces de *eus* como um fenômeno que aponta para uma distinta sensibilidade do tempo presente, que nos converte, todos, em personalidades do agora:

Milhões de usuários de todo o planeta – gente considerada comum, como *eu* ou *você* – têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis on-line, que não cessam de se expandirem, e as utilizam para expor publicamente aquilo que algum tempo atrás teria sido protegido por fazer parte da intimidade. Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de vidas privadas que se oferecem despididamente aos olhares do mundo inteiro. As confissões diárias de *você*, *eu*, e todos *nós* estão aí, em palavras e imagens, à disposição de quem quiser bisbilhotá-las. Para isso, basta apenas um clique no mouse; e, de fato, tanto *você* como *eu* e todos *nós* costumamos dar esse passo (Sibilia, 2016, p. 52, grifos da autora).

Esse movimento seria justificado pela sociedade do espetáculo do tempo presente, na qual a imitação antepõe-se à autenticidade em razão da reprodução de padrões pré-estabelecidos como modelos a serem seguidos.

As considerações de Leonor Arfuch (2010), por seu turno, colocam-se para além do diagnóstico da exposição do eu no espaço público como um movimento circunscrito à dinâmica do espetáculo e da exposição narcísica. Ainda que reconheça tais características como inerentes ao processo de comunicação do recorte temporal atual, a autora sustenta a correlação entre público e privado como uma possibilidade de democratização das narrativas biográficas, no sentido de ampliação e pluralização dos sujeitos que dizem, das identidades que se constroem, das subjetividades que se mostram.

Para Arfuch (2010), portanto, na trama da cultura contemporânea, os gêneros biográficos não só podem como devem ser reconhecidos para além dos gêneros canônicos — como a biografia, a autobiografia, o diário íntimo, as memórias e as confissões — devido às progressivas alterações econômicas, políticas e culturais promovidas pelo capitalismo pós-industrial, o qual intensificou a produção de narrativas de vidas ante a era informacional “sob a metáfora da ‘globalização’” (Arfuch, 2010, p. 18), admitindo, nesse movimento, gêneros mais abrangentes e transversais,

como a entrevista, o retrato de autoajuda, o anedotário, o testemunho, o blog, e o *reality show*, por exemplo, nesse universo de escrita. Assim, canônicos ou não, todos eles participam do que Leonor Arfuch denominou de o *espaço biográfico* a partir de um contexto que se evidenciou:

[...] a pertinência de considerar essas formas não só em sincronia, mas em intertextualidade: mais do que um mero repertório de ocorrências, impunha-se uma articulação que outorgava sentidos, um *modo de olhar*. [...] a ideia de um *espaço autobiográfico* se revelou altamente produtiva, enquanto horizonte analítico para dar conta da multiplicidade, lugar de confluência e circulação, de semelhanças de família, proximidades e diferenças. A expressão, tomada emprestada de Philippe Lejeune (1980), vinha assim introduzir uma delimitação do universo. [...]

O empréstimo – na verdade, quase metafórico – se abria, no meu projeto, a outro desenvolvimento conceitual: *uma espacialização* [...] onde confluíam num dado momento formas dissimilares, suscetíveis de serem consideradas numa interdiscursividade sintomática, por si só significantes, mas sem renunciar a uma temporalização, a uma busca de heranças e genealogias, a postular relações de *presença e ausência* (Arfuch, 2010, p. 21-22, grifos da autora).

A proposta do *espaço biográfico* como lugar ao qual pertencem diferentes formatos de subjetivação está relacionada ao que na seção anterior denominei “virada subjetiva”, ao discorrer sobre a Idade Hermenêutica apresentada em Dosse (2009); reitero: a virada é identificada em razão do crescimento das narrativas das escritas de si, que trouxeram à tona o sujeito — eclipsado na ocasião — a partir da guinada crítica da valorização do exercício da escrita do *eu* como objeto de manifestação pública, por volta de 1980. Tal virada, portanto, ganha relevância tanto pela chamada à vida do sujeito quanto pelas multiplicidade de seus formatos narrativos.

Tais formatos, todavia, não autorizam uma percepção reducionista do espaço biográfico como um somatório de gêneros. Arfuch defende-os, ao contrário, como possibilidades para se construir um lugar de inteligibilidade no qual uma subjetividade dialógica e plural se constrói. Incorporados à perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso, a autora reforça a multiplicidade destes (gêneros discursivos)

[...] como agrupamentos marcados constitutivamente pela heterogeneidade e submetidos a constante hibridização no processo da interdiscursividade social, e também a consideração do *outro* como figura determinante de toda a interlocução. O *dialogismo*, como dinâmica natural da linguagem, da cultura e da sociedade, que inclusive autoriza a ver dessa maneira o trabalho mesmo da razão, permite justamente apreender a combinatória peculiar que cada uma das formas realiza. Por outro lado, [...] habilita a ler, na dinâmica funcional do biográfico, em sua insistência e até em sua saturação, a marca da falta, esse vazio constitutivo do sujeito que convoca a necessidade de identificação e que se encontra [...] no valor biográfico – outro dos conceitos bakhtinianos – enquanto ordem narrativa e atribuição de sentido à (própria)

vida, uma ancoragem sempre renovada (Arfuch, 2010, p. 29-30, grifos da autora).

À vista disso, o universo do espaço biográfico pode se constituir somente no interior da categoria da narrativa, pois o contar uma vida ou, mais ambiciosamente, o “restaurar o vivido”, é pretensão que se realiza apenas em uma tessitura na qual fatos, sentimentos e afetos estão arrolados sob o fazer ficcional da escritura, já que o registro da anotação é um esforço de memória. Ou seja, independentemente do decorrido entre evento, pensamento e escrita, a temporalidade separa o vivido do narrado e, por isso, torna-se uma diferenciadora que fica entre a enunciação e a história, entre o tempo do narrado e o tempo do ocorrido, para fazer referência a Paul Ricoeur (1994). Ainda a partir de Leonor Arfuch (2009, p. 373), é possível consentir o arranjo do texto biográfico — sustentado “num tempo ido” e “prefigurado”, pois irrecuperável — em uma aproximação com o arquivo, dado que os dois são estruturados por meio do eixo espaço-tempo, “[...] já que a simples lembrança ou vivência — como o texto, a fotografia, o objeto — trazem consigo o tempo e o lugar.” Entretanto, a autora ressalva:

[...] o “ordenamento” do arquivo, expressão já presente desde o distante vocábulo grego — que é, como a narrativa, uma disposição de forma e de sentido — depende exclusivamente da trama, desse tecido caprichoso que tanto a memória como a escrita, ou a busca de indícios que aproxima o arquivista do detetive, possam requerer. O relato não repõe uma ordem prévia da vida, a qual concebe como inexistente, *já que se trata de uma ordem construída performaticamente, no próprio trabalho da narração, o que comprova o trabalho narrativo do arquivo*. Recorrendo a Derrida, “o arquivamento, além de registrar, produz o acontecimento” (Arfuch, 2009, p. 373, grifos meus).

E é pontualmente a realidade factível de se construir outros registros, discursos e cenários que faz da investigação em arquivos uma oportunidade para se desconstruir discursos hegemônicos e, especificamente no estudo em foco, o discurso hegemônico da vida de Jorge Amado em 1941-1942, dado que, tal qual postula Derrida (2001, p. 91, grifos do autor), o arquivo enlaça o presente ao futuro, especialmente “um futuro radicalmente *por vir*, isto é, indeterminado, determinado apenas por esta abertura”. “Abertura”, no caso, como alusão a uma das passagens de *Sobre o conceito da História*, na qual Walter Benjamin (2005, p.142) fala sobre “a porta estreita pela qual podia entrar o Messias”<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> “Apêndice B – O tempo, ao qual os adivinhos perguntavam o que ele ocultava em seu seio, não era, certamente, experimentado nem como homogêneo, nem como vazio. Quem mantém isso diante dos olhos talvez chegue a um conceito de como o tempo passado foi experienciado na rememoração: ou seja, precisamente assim. Como se sabe, era vedado aos judeus perscrutar o futuro. A Torá e a oração,



Essa porta encontra-se aberta justamente no ordenamento do arquivo, na reconstrução, na interpretação, e na leitura historiográfica praticadas, cumpridas em razão de que o historiador participa a sua obra, faz ver e oculta, enfatiza e ameniza, imprime seu lugar discursivo e político no arquivo:

[...] a interpretação do arquivo não pode esclarecer, ler, interpretar, estabelecer seu objetivo, isto é, uma herança dada, senão inscrevendo-se nele, isto é, abrindo-o e enriquecendo-o bastante para então aí ocupar um lugar de pleno direito. Não há meta-arquivo. [...] É talvez da estrutura geral de todo arquivo que este corpo e este nome sejam espectrais. Incorporando o saber que se demonstra sobre este tema, o arquivo aumenta, cresce, ganha em *auctoritas*. Mas perde, no mesmo golpe, a autoridade absoluta e metatextual que poderia almejar. Jamais se poderá objetivá-lo sem um resto. *O arquivista produz arquivo, e é por isso que o arquivo não se fecha jamais. Abre-se a partir do futuro* (Derrida, 2001, p. 88, grifos meus).

Considerando-se que o arquivo está aberto para contínua (re)construção, o arquivamento tem o poder de controlar o discurso da memória, isto é, da elaboração uma narrativa do passado, devido a sua característica dupla de ser tanto espaço da gestão da memória quanto lugar para/do esquecimento, contendo em si a prática da autoridade.

Essa questão está sinalizada já na etimologia do termo se considerarmos que *arkhê*, tal qual observou Derrida (2001, p.11), implica simultaneamente as concepções de *história* e de *lei*, dado sua raiz indicar, em sincronia, *começo* e *comando*. Ainda, independentemente de qual concepção tomarmos como via, ambas estruturam-se no interior do *arkheion* grego — um local, um endereço, um domicílio — detido pelo *arconte*:

Aos cidadãos que detinham e assim denotavam o poder político reconhecia-se o direito de fazer ou de representar a lei. [...] Não eram [os arcontes] responsáveis apenas pela segurança física do depósito e do suporte. Cabiam-lhes também o direito e a competência hermenêuticos. Tinham o poder de interpretar os arquivos. [...] Para serem assim guardados, na jurisdição desse *dizer a lei* eram necessários ao mesmo tempo um guardião e uma localização [o *arkheion*]. Mesmo em sua guarda ou em sua tradição hermenêutica, os arquivos não podiam prescindir de suporte nem de residência. [...] A morada, este lugar onde se demoravam, marca esta passagem institucional do privado ao público, o que não quer sempre dizer do secreto ao não-secreto (Derrida, 2001, p. 12-13, grifos do autor).

---

em contrapartida, os iniciavam na rememoração. Essa lhes desencantava o futuro, ao qual sucumbiram os que buscavam informações junto aos adivinhos. Mas nem por isso tornou-se para os judeus um tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia entrar o Messias” (Benjamin, 2016, p. 142).

A “passagem institucional” a que se refere Derrida marca os arquivos pessoais especialmente nos princípios topológicos e nomológicos<sup>86</sup>. Quanto ao primeiro, há a mudança de domiciliação, isto é, a passagem física do material de um lugar para outro; quanto ao segundo, há nova “legislação” de organização e manuseio. Nesse ínterim, ajustes e embates são cumpridos entre as partes, doadores de espólios e instituições que os recebem; no processo, o *arquivo pessoal* recebe outro delineado que permite sua identificação, a partir daí, como um *arquivo literário*. Nessa mudança, os documentos são subordinados a saberes disciplinares e a suas respectivas orientações teórico-metodológicas, atravessadas por filtros subjetivos de cada pesquisador. Levando esse movimento em conta entende-se também o interminável ordenamento do arquivo, subscrito ao ponto de vista de cada arconte que o detém, o qual reivindica seu poder hermenêutico:

Uma ciência do arquivo deve incluir uma teoria dessa institucionalização, isto é, ao mesmo tempo, da lei que aí se inscreve e do direito que a autoriza. Este direito põe ou supõe um conjunto de limites que têm uma história, uma história desconstrutível [...]. Esta desconstrução em curso diz respeito, como sempre, à instituição de limites declarados intransponíveis, seja direito das famílias ou do Estado, sejam as relações entre o secreto e o não-secreto, ou, o que é outra coisa, entre o privado e o público, sejam os direitos de propriedade ou de acesso, de publicação ou de reprodução, sejam a classificação e a ordenação: o que pertence à teoria ou à correspondência particular, por exemplo? O que pertence ao sistema? À biografia ou à autobiografia? À anamnese pessoal ou intelectual? (Derrida, 2001, p. 14-15, grifos do autor).

Logo, fazer uma leitura crítica de um arquivo e propor, partindo dele, uma narrativa alternativa àquela que se perpetuou via “vencedores” (Benjamin, 2016) requer não somente uma interpretação do passado da tradição ocidental, mas, especialmente, sua abertura para o porvir, ao considerarmos que o movimento acima descrito localiza, os arquivos, no provisório infinito. Tendo como horizonte tal noção, entende-se que o processo arquivístico não pode operar senão como prática política que, na origem, provoca a existência de uma ação autoritária, pois a seleção documental do que expor e dizer, isto é, as escolhas que constroem as narrativas dos

---

<sup>86</sup> “[...] os documentos, que não são sempre escritos discursivos, não são guardados e classificados no arquivo senão em virtude de uma topologia privilegiada. Habitam este lugar particular, este lugar de escolha onde a lei e a singularidade se cruzam no privilégio. No cruzamento do topológico e do nomológico, do lugar e da lei, do suporte e da autoridade, uma cena de domiciliação torna-se, ao mesmo tempo, visível e invisível. [...] Esta função arcôntica não é somente topo-nomológica. Não requer somente que o arquivo seja depositado em algum lugar sobre um suporte estável e à disposição de uma autoridade hermenêutica legítima” (Derrida, 2001, p. 13, grifos do autor).

corpos biográficos estarão sempre subordinadas ao *arconte*, dado que lhe é incumbida a organização, seleção, identificação e categorização de um arquivo.

Isto posto, não há como fugir da ação que o tempo presente impõe na perspectiva do hoje para olhar o ontem; o então autor, antes personagem, não tem como abdicar de tal imposição. Por isso, a composição biográfica é sempre recorte e escolha, é a fragmentação do sujeito encadeada sobre uma identidade em construção, produção e, por conseguinte, invenção; não há o como delimitar o “real” resgatado, sobretudo na escrita autobiográfica, resultado da interpretação de um “eu” que evoca seletivamente os repertórios que lhe convém do viver.

É nessa direção que a crítica biográfica contemporânea endossa noções como a de Eneida Maria de Souza (2011) quando afirma que “Biografar é metaforizar o real”, no sentido de que tal operação significa ter em conta tanto os fatos quanto as ações praticadas pelo biografado como possibilidade de inserção na esfera ficcional. Daí entendemos a narrativa biográfica como um terceiro tempo, que reivindica tanto a ficção quanto a história para construir a vida. Em outras palavras, o tempo cronológico, detentor de uma sucessão de acontecimentos, é articulado ao tempo linguístico que, nas palavras de Arfuch (2010, p. 113-114, grifos da autora): “[...] se desdobra no ato da enunciação não mais como manifestação individual, mas *intersubjetiva*, enquanto coloca em correlação presente atual, um eu, e um você: *meu* hoje é *seu* hoje. Essa continuidade temporal é a possibilidade mesma do relato biográfico.” Daí decorre a afirmação de que o ato biográfico encontra *valor*<sup>87</sup> na sua competência de indagar a vida e a relação entre os indivíduos já que as escritas de caráter biográfico devem ser vistas como construções discursivas e, por isso, não restritas a relatos objetivos nos quais identidades essencialistas se configuram. Isto é, para a pesquisadora, na direção oposta, as formas de narração do “eu” reivindicam uma leitura de si como lugares em que há uma identidade narrativa dialogicamente constituída, o que implica o reconhecimento das subjetividades entre os sujeitos que dali emergem, das formas de narrar, e, por fim, da responsividade dialética entre o *eu* e o *outro*.

Ainda, para Leonor, o espaço biográfico é um *locus* transversal e interdisciplinar dos gêneros que ali encontram guarida, vez que trazem em si o

---

<sup>87</sup> A ideia de valor da narrativa biográfica é oriunda das considerações de Bakhtin que postula que “um valor biográfico não só pode organizar uma narração sobre a vida do outro, mas também ordena a vivência da vida mesma e a narração da nossa própria vida, esse valor pode ser a forma de compreensão, visão e expressão da própria vida” (Bakhtin, [1979] 1982 *apud* Arfuch, 2010, p. 55).

questionamento acerca dos contornos da história de uma vida, pela multiplicidade de suas formas. Ao mesmo tempo, o discurso da historiografia delinea o(s) gênero(s) e exibe uma indagação a partir da noção de história de vida que, quando tomado pelo senso comum — como já observei ao discorrer acerca do conceito de “ilusão biográfica”, de Bourdieu (2006) — parte da premissa de que uma vida pode ser compreendida como uma narrativa na qual a existência dos sujeitos é resultado de uma série de desdobramentos espaço-temporais demarcados por um começo, um meio e um fim (neste trabalho, anteriormente denominado “trajetória”). Isto é, a provocação em foco seria algo com: é possível o descolamento de uma vida de forma tão linear e objetiva? “Não”, responde o espaço biográfico.

Isso porque, como pontua Arfuch (2010), a competência de reflexão acerca do que fazemos e, nesse caso, acerca do que fazemos conosco (e também daquilo que permitimos que seja feito) é resultado da nossa condição humana, e esta se dá pela linguagem, que autoriza uma (re)invenção, (re)construção, (re)criação de nós mesmos. Assim,

Não se tratará então de adequação, da “reprodução” de um passado, da captação “fiel” de acontecimentos ou vivências, nem das transformações “na vida” sofridas pelo personagem em questão, mesmo quando ambos — autor e personagem — compartilharem o mesmo contexto. Tratar-se-á, simplesmente, de literatura (Arfuch, 2010, p. 55).

Literatura que delinea os contornos de uma vida, tornando possível uma linearidade, apenas e somente, em razão da categoria narrativa, que supre as lacunas inerentes ao existir com ... Linguagem, vez que ao biógrafo resta a operação de “fazer escolhas drásticas e dolorosas, aceitar as falhas, as lacunas na documentação, e preenche-las com a dedução lógica ou com a imaginação; é o espaço sonhado da invenção, da ficção. É o instante da escrita” (Dosse, 2009, p. 16). Enfim, esse “instante da escrita”, caráter duplo do biográfico, ora propenso ao ficcional, ora ambicionando o relato do real vivido é o que lhe permite manter a porta aberta e se fazer enquanto *locus* profícuo de estudo, revisitado frequentemente pelo conjunto das ciências humanas e literárias (Dosse, 2009, p. 17) nas últimas décadas. Diante desse interesse, no que diz respeito à investigação no universo acadêmico, não é surpresa identificar um “refinamento” teórico e metodológico quanto à prática e à investigação das escritas de vida. Anna Caballé, por exemplo, coordenadora de um dos mais ativos e relevantes centros de pesquisa da atualidade, o Unidade de Estudos Biográficos da

Universidade de Barcelona<sup>88</sup> (Universitat de Barcelona / ES), fala da relevância dos “padrões de objetividade” (Caballé, 2018) sobre os quais se estruturam as escritas biográficas no contemporâneo.

Para a autora, um padrão de objetividade é um modelo que dá conta de estabelecer uma tradição própria e coerente. A partir dessa noção, Caballé (2018, p. 205) menciona as seguintes possibilidades:

Pues bien, uno de esos patrones de objetividad en la biografía no incluye el conocimiento directo del objeto (entendiendo por objeto el sujeto biografiado, según la diferencia establecida por la filosofía en cuanto al mecanismo del conocimiento entre dos entidades: el que conoce o cognoscente llamado sujeto y la cosa conocida llamada objeto), bien porque es un personaje del pasado, porque ya ha fallecido o bien porque el biógrafo prefiere asegurarse la autonomía de su investigación manteniéndose a distancia. Hay una forma de operar relativamente afín entre cualquiera de los biógrafos de Cervantes y el autor de una biografía actual que no ha querido contar con el trato directo de su biografiado a fin de asegurarse la libertad que requería su trabajo. Claro que cuando la época de biógrafo y biografiado es coincidente (ocurre en la mayoría de biografías de políticos) se dispone de un conocimiento si no directo del personaje, al menos osmótico del mismo que facilita grandemente la tarea. Mientras que un biógrafo de Cervantes debe imaginarlo todo, no solo a su personaje sino cualquiera de los detalles concurrentes en la vida de finales del siglo XVI, un biógrafo de Felipe González no requiere de esta imaginación para ubicarse. [...]

El segundo patrón de objetividad parte precisamente del aspecto contrario, del conocimiento directo del objeto. En este caso, las posibilidades básicas son dos: el biógrafo se beneficia de él o bien no se beneficia; puede solicitar la colaboración del biografiado, la de su entorno, la de sus colaboradores, puede acceder a documentación inaccesible a otras personas, puede incluso someter su manuscrito a la lectura y aprobación de su personaje para que éste corrija o matice aquello que crea oportuno; o bien escribe su biografía distanciándose por alguna razón de su influencia<sup>89</sup>.

<sup>88</sup> Anna Caballé é idealizadora e coordenadora do Unidade de Estudos Biográficos (UEB) da Universidade de Barcelona, centro de pesquisa criado em 1994, cujo foco é a preservação e investigação das escritas auto/biográficas. O UEB desempenha um papel fundamental na promoção de estudos biográficos, oferecendo um espaço dedicado à análise crítica e teórica dos gêneros autobiográficos. Durante o período de 1996 a 2007, o UEB publicou o Boletín de la Unidad de Estudios Biográficos, uma revista reconhecida por seu papel na divulgação de pesquisas e discussões acadêmicas sobre a autobiografia e a biografia. Posteriormente, o periódico foi renomeado para Memoria, mantendo seu compromisso em abordar a diversidade e a relevância dessas formas de escrita. Além de seu papel como pesquisadora e coordenadora, Anna Caballé é também uma renomada biógrafa. Sua contribuição para a literatura biográfica rendeu-lhe reconhecimento e prestígio. Em 2019, ela recebeu o prestigioso Prêmio Nacional de História da Espanha pela sua obra Concepción Arenal. O caminhante e sua sombra, uma biografia que oferece uma perspectiva aprofundada sobre a vida e o pensamento da notável pensadora espanhola do século XIX. Através dessa obra, Caballé retrata Concepción Arenal como uma das mais importantes figuras intelectuais de seu tempo, destacando sua originalidade e contribuições significativas para a sociedade e o pensamento espanhol. O trabalho de Anna Caballé na preservação do legado biográfico, sua atuação como pesquisadora e sua escrita biográfica de qualidade a consolidam como uma figura de grande relevância no campo dos estudos biográficos e literários na Espanha.

<sup>89</sup> “Pois bem, um desses padrões de objetividade na biografia não inclui o conhecimento direto do objeto (a compreensão do objeto do sujeito biografado, segundo a diferença estabelecida pela filosofia quanto ao mecanismo de conhecimento entre duas entidades: aquele que conhece ou conhecedor chamado sujeito e o conhecido chamado objeto), seja porque é um personagem do passado, porque já faleceu,

Tais gradações de proximidade, ou “padrões de objetividade”, para ficarmos nos termos da autora, tocam em distintos elementos de importância constitutiva das escritas de vida; os quais, minimamente, passam pelas seguintes questões: a liberdade narrativa do biógrafo, a aproximação daquele que escreve com aquele que virá a ser personagem, a facilidade /dificuldade de acesso à material documental, a relevância do nome próprio do biógrafo, o direcionamento da trajetória da investigação para a redação da obra e, finalmente, o conhecimento do próprio biógrafo não apenas sobre o protagonista em foco, mas também acerca do entorno daquela vivência na sua amplitude: a geografia do lugar, a(s) história(s) do recorte do tempo, a política do período, a legislação em voga, o cenário cultural, a prática e o acesso à educação institucionalizada da época, o espaço ocupado pela ciência e pela religião naquela altura etc.

Assim, em se tratando do “conhecimento direto do objeto” (Caballé, 2018, p. 205), além das questões concernentes à impossibilidade de aproximação devido à morte do personagem, à preferência pelo afastamento em razão da manutenção da autonomia da escrita, e à possibilidade do beneficiamento decorrente dessa aproximação — já mencionadas pela autora —, detenho-me na constatação de que a materialidade final de uma escrita biográfica não está, pois, circunscrita apenas à qualidade de seu biógrafo. É verdade que tal consideração é óbvia, especialmente no contexto discursivo em voga. Insisto, entretanto, na previsibilidade para lançar o questionamento: óbvia para quem?

Certamente, não para nossa sociedade contemporânea, enquanto público, enquanto consumidora da performance contínua, que não problematiza — ou pouco

---

seja porque o biógrafo prefere assegurar a autonomia de sua pesquisa mantendo distância. Existe uma forma de operar relativamente semelhante entre qualquer um dos biógrafos de Cervantes e o autor de uma biografia atual que não quis ter contato direto com seu biografado para garantir a liberdade que sua obra exigia. É claro que quando o tempo do biógrafo e do biografado é coincidente (acontece na maioria das biografias de políticos) há, senão conhecimento direto do personagem, pelo menos conhecimento osmótico do personagem, o que facilita muito a tarefa. Enquanto um biógrafo de Cervantes deve imaginar tudo, não apenas seu personagem, mas qualquer um dos detalhes concomitantes da vida no final do século XVI, um biógrafo de Felipe González não precisa dessa imaginação para se localizar. [...]

O segundo padrão de objetividade parte precisamente do aspecto oposto, do conhecimento direto do objeto. Nesse caso, as possibilidades básicas são duas: o biógrafo se beneficia dele ou não; você pode solicitar a colaboração da biografia, do seu ambiente, dos seus colaboradores, pode acessar documentação inacessível a outras pessoas, pode até submeter seu manuscrito à leitura e aprovação de seu personagem para que ele corrija ou esclareça o que ele considere apropriado; ou ele escreve sua biografia distanciando-se por algum motivo de sua influência. (Caballé, 2018, p. 205, tradução nossa).

problematiza — os bastidores do espetáculo, seja ele determinado a partir das escolhas das famílias do sujeito biografado, das decisões editoriais, das tendências de mercado ou mesmo do percurso investigativo, narrativo e criativo de quem escreve. Seja o background que for, este cria autoridades narrativas, as quais vemos, assistimos, e ouvimos em distintos eventos — comerciais, editoriais, acadêmicos —, os quais estabelecem os sujeitos que viram as referências na área. Essa configuração, por exemplo, promove uma dinâmica na qual se criam os “biógrafos oficiais”, que se tornam detentores dos “discursos certos” sobre determinadas figuras. Essa realidade merece nossa atenção, pois levanta questionamentos a respeito da pluralidade de vozes e perspectivas na escrita biográfica e do poder que algumas instituições e atores sociais exercem na legitimação dessas narrativas.

Isto é, fica evidente a influência de distintos fatores preponderantes na recepção de uma biografia, a começar pelo mercado editorial, como sinalizado, que desempenha papel significativo nessa conjuntura, podendo ter preferências e estratégias comerciais que afetam a escolha e a divulgação de determinada obra biográfica. Ainda, a relevância histórica, a popularidade ou o interesse do público pelo personagem em foco igualmente determinam como uma obra será percebida. Soma-se a esse contexto a participação ativa da família do biografado na preservação e na divulgação de sua imagem, que será outro fator mobilizador da abordagem biográfica adotada. Seguindo, a posição de destaque do próprio biógrafo é de relevância significativa, dadas suas conexões com figuras influentes, seu acesso a fontes privilegiadas e afins — e, claro, a própria capacidade para desenvolver uma narrativa envolvente—. Por fim, a publicidade e a cobertura da mídia trazem ao centro ou marginalizam o conhecimento sobre determinada narrativa. Portanto, e definitivamente, vê-se que a qualidade de um texto biográfico é moldada por uma interseção complexa de fatores que vão além das habilidades de quem escreve, envolvendo questões comerciais, preferências, relacionamentos e contexto cultural.

Além do produto biográfico estar circunscrito a determinadas influências de seu entorno ele também é resultado das metodologias empregadas na pesquisa, dos critérios de seleção e análise das fontes, da organização/interpretação das informações, e da abordagem adotada pelo biógrafo para lidar com as incertezas do conhecimento disponível. Acerca desses procedimentos, Caballé (2018, p. 206-207) defende que o ponto de partida desse tipo de narrativa precisa considerar que

La epistemología de la biografía exige que el conocimiento del personaje arranque de lo que ya se sabe sobre él, ya sea para ir más lejos o en otra dirección, pero, en todo caso, el punto de partida del biógrafo no es tanto el propio personaje sino el conocimiento que se tiene sobre él en el momento de iniciarse la investigación<sup>90</sup>.

Ou seja, ao se compreender a epistemologia da biografia, percebemos que o biógrafo está lidando constantemente com um conjunto de informações preexistentes que igualmente moldam sua percepção do personagem em questão. Essas informações podem ser de ordem diversa: documentos históricos, relatos de testemunhas, correspondências e outras fontes que forneçam *insights* sobre a vida e as experiências do indivíduo. Cientes de tal conjuntura, é importante concordar, enfaticamente, que a busca pelo conhecimento biográfico não é um processo estático. Isso porque, à medida que novas informações emergem, interpretações e compreensões anteriores podem ser revistas e até mesmo redefinidas. Portanto, a epistemologia da biografia é um processo, nunca finito e sempre contínuo, no qual a visão do sujeito que escreve evolui em concordâncias às evidências analisadas e/ou descobertas.

Nesse sentido, a pesquisa biográfica se assemelha a uma jornada intelectual, na qual o biógrafo explora o que já é conhecido para construir uma outra perspectiva a partir do desconhecido e propor outros arranjos sobre a vida e o contexto do personagem; sendo capaz de contextualizar e de interpretar as informações existentes, ao mesmo tempo em que se mantém aberto a novas descobertas, prática essencial para a construção de uma narrativa não reducionista. Sobre tal procedimento, Caballé (2018, p. 207) afirma que:

El horizonte intelectual de la biografía no tiene fin, como no lo tiene ningún horizonte humanista. Nuestro objetivo no es identificar un nuevo virus o descubrir las leyes que gobiernan los genes. Nuestro objetivo es comprender el pasado en una dimensión lo más compleja posible, reconstruirlo a partir de las múltiples huellas disponibles (a pesar de la destrucción) y eso es una tarea siempre revisable. Tal vez esta sea la diferencia esencial en relación a la escritura estrictamente creativa, una diferencia señalada de forma pionera por Virginia Woolf. Una obra de ficción no es susceptible de mejora, permanece en su singularidad sin que otros relatos puedan desdecirla. Por el contrario, la escritura biográfica es una escritura histórica basada en la interpretación de hechos y experiencias que sucedieron y, en este sentido, es ampliamente revisable. El tiempo juega a favor de toda escritura histórica, matizando, corrigiendo, corroborando, en el mejor de los casos, con nuevas y tal vez inéditas aportaciones lo escrito en el pasado. Por ello no me parece adecuado

---

<sup>90</sup> “A epistemologia da biografia exige que o conhecimento do personagem parta do que já é conhecido sobre ele, seja para ir mais longe ou em outra direção, mas, em todo caso, o ponto de partida do biógrafo não é tanto o próprio personagem, mas o conhecimento que se tem dele no momento de iniciar a investigação” (Caballé, p. 2018, p. 206-207, tradução nossa).



hablar de biografías definitivas, cuando el conocimiento de una vida humana nunca lo es, ni puede serlo.<sup>91</sup>

Essa reconstrução “a partir de las múltiples huellas disponibles” a que a teórica faz referência, deve(ria) ser cumprida(s), segundo Jordi Garcia (2018), pela “imaginação moral” isto é, pela escritura que leva em conta um caráter imaginativo de natureza moral como instrumento para recriar a complexidade interior dos personagens biográficos, transcendendo a confiabilidade empírica da documentação, seja ela pública ou privada. A partir dessa conjuntura, a compreensão é a de que a contribuição biográfica inicia justamente após o domínio dos fatos estabelecidos sendo a transição para a interpretação seu momento crucial, pois, nesse exercício analítico, crítico e narrativo, há a construção de sua credibilidade e solidez. Nessa fase, o biógrafo faz uso de sua habilidade para conectar e organizar os dados disponíveis, criando um encadeamento lógico e coerente; assim, a supracitada imaginação moral entra em voga para compreender e interpretar a vida do biografado com base em valores próprios do biógrafo — a questão, claro, passa pelo filtro: o que é ético e moral para o sujeito que escreve? — os quais atribuem sentido às informações contidas nos registros documentais ou nos relatos recolhidos.

Moral ou não, fato é que uma narrativa biográfica vai além de um *checklist* de dados comprovados, já que envolve uma interpretação habilidosa dos materiais e o uso da imaginação para dar significado e profundidade à história de uma pessoa. Nesse contexto, o biógrafo desempenha um papel criativo, pois interpreta e conecta informações, construindo uma narrativa coerente e significativa sobre a vida do seu personagem. Aqui, finalmente, a perspectiva ficcional entra em jogo, dado que o sujeito que escreve utiliza-se de sua imaginação para preencher lacunas, construir o contexto e representar a complexidade interior do sujeito por trás daquela *bio* que ele se dispôs a *grafar*.

---

<sup>91</sup> “O horizonte intelectual da biografia não tem fim, assim como nenhum horizonte humanista. Nosso objetivo não é identificar um novo vírus ou descobrir as leis que regem os genes. Nosso objetivo é compreender o passado em uma dimensão o mais complexa possível, reconstruí-lo a partir das múltiplas pegadas disponíveis (apesar da destruição) e essa é uma tarefa que pode sempre ser revista. Talvez esta seja a diferença essencial da escrita estritamente criativa, uma diferença iniciada por Virginia Woolf. Uma obra de ficção não é suscetível de aperfeiçoamento, permanece na sua singularidade sem que outras histórias o possam negar. Ao contrário, a escrita biográfica é uma escrita histórica baseada na interpretação de eventos e experiências que aconteceram e, nesse sentido, é amplamente passível de revisão. O tempo joga a favor de toda escrita histórica, matizando, corrigindo, corroborando, no melhor dos casos, com novas e talvez inéditas contribuições ao que foi escrito no passado. Portanto, não me parece adequado falar de biografias definitivas, já que o conhecimento de uma vida humana nunca o é, nem pode ser” (Caballé, p. 2018, p. 207, tradução nossa).

Como se leu acima, para Caballé (2018, p. 207), é nesse momento em que ocorre a diferença basilar entre a escrita literária e a escrita biográfica: a literatura diferenciar-se-ia da biografia em razão de seu estabelecimento final, na medida em que não está suscetível a reparos e reescritas, isto é, não precisa dessas. Ela existe por si, basta por si, como um universo completo, independente de reparos e/ou novas versões; em palavras breves, diria a autora: biografia não é literatura. Aqui, pois, distancio-me de Caballé.

Pormenorizo: em primeiro lugar, destaco minha compreensão de que a escrita biográfica demanda habilidades literárias por parte do sujeito escritor que vão desde a seleção de informações, passam pela organização coerente dos eventos e chegam à utilização de recursos estilísticos e narrativos. Em segundo lugar, levo em consideração o próprio processo interpretativo no qual o biógrafo busca compreender e dar sentido à vida do indivíduo retratado, pois tal interpretação está, necessariamente, atravessada pelo filtro pessoal de quem escreve, uma vez que é composta por carga subjetiva que permite ao biógrafo explorar e especular acerca das motivações, dos dilemas e das nuances psicológicas do personagem biografado, tendo a chance de criar uma narrativa complexa. Em terceiro lugar, a biografia tem potencialidade para desafiar o leitor a refletir sobre suas próprias experiências, promovendo uma conexão emocional e uma reflexão intelectual ao abordar temas universais e explorar dilemas pessoais, experiências comuns ao texto literário. Ainda, como quarta justificativa, identifico a capacidade do texto biográfico funcionar, única e exclusivamente, como fruição, isto é, como leitura e experiência estética em si mesma. Esse conjunto de práticas, a meu juízo, transcende a mera exposição factual e não se confunde com uma sequencialização de informações; ao contrário, ao explorar a profundidade da condição humana por meio da narrativa, o texto biográfico aproxima-se da prática literária.

Ademais, é importante considerar o dinamismo e a ampliação do conceito de literatura na passagem da história<sup>92</sup>. Tal definição tem se expandido para incluir

---

<sup>92</sup> A discussão acerca do conceito de literatura tem sido amplamente debatida ao longo da história da literatura mundial ocidental. Desde tempos remotos, surgem questionamentos e reflexões sobre o que constitui a literatura e quais são seus limites e características essenciais. Essa problemática envolve não apenas a definição do que é considerado literário, mas também as diferentes abordagens teóricas e perspectivas adotadas pelos estudiosos ao longo do tempo. Ao longo das eras, diversas correntes teóricas e pensadores influentes contribuíram para a evolução da teoria literária e para as respostas dadas à pergunta “o que é literatura?”. No século XX, o Formalismo Russo, representado por nomes como Roman Jakobson (1921), Viktor Shklovsky (1917) e Boris Eikhenbaum (1925), trouxe uma abordagem estruturalista para o estudo da literatura, enfatizando a importância da linguagem e da

diferentes formas de escritas e, nesse quadro, a biografia também pode ser vista como uma das modalidades reconhecidas. Todavia, ressaltar: uma biografia poder ser considerada uma forma de literatura não significa dizer que toda biografia seja necessariamente literária. Isto é, a simples sobreposição de informações, datas e fatos não constitui uma obra literária. No entanto, quando uma escrita biográfica está para além do empírico e busca explorar e retratar o emaranhado de uma vida, inserindo elementos da imaginação, reflexão e construção narrativa, ela pode, na minha avaliação, ser considerada uma expressão desse universo de criação artística.

Nesse sentido, um texto biográfico com caráter literário seria aquele que se utiliza da escrita criativa para fabular e transmitir a experiência de uma vida de forma mais profunda e significativa, possibilitando ao leitor um mergulhar na subjetividade do biografado por meio da ficcionalização de suas emoções, realizações, reveses e transformações; ao passo que a biografia tão somente informativa não seria/é capaz de se enquadrar nessa realidade em decorrência da restrição a sua apresentação

---

forma artística na criação literária. Posteriormente, a Escola de Frankfurt, com pensadores como Theodor Adorno (1970) e Walter Benjamin (1987), trouxe uma perspectiva crítica e sociológica para a análise da literatura, explorando temas como a indústria cultural e a relação entre literatura e sociedade. Na década de 1960, o Estruturalismo, com nomes como Roland Barthes (1967) e Claude Lévi-Strauss (1955), destacou a importância dos sistemas de significação e das estruturas narrativas na literatura, questionando a noção de autoria e enfatizando a intertextualidade e a interação entre o texto literário e outros discursos. Já na década de 1970, o Pós-estruturalismo trouxe novas perspectivas, com pensadores como Jacques Derrida (1972) e Michel Foucault (1969), que questionaram as bases do estruturalismo e exploraram temas como a desconstrução, o poder e as relações de saber e poder na produção e recepção da literatura. Após o período pós-estruturalista, as discussões sobre o conceito de literatura continuaram a evoluir, incorporando abordagens mais contemporâneas que ampliaram o escopo da reflexão sobre a natureza e os limites da literatura. Um dos debates centrais é a questão da literariedade, ou seja, o que diferencia um texto literário de outros tipos de discurso. Essa discussão envolve a análise de elementos como estilo, linguagem, estrutura narrativa e a capacidade de evocar experiências estéticas e emocionais. Diversos teóricos contribuíram para essas discussões, trazendo novas perspectivas e questionando conceitos estabelecidos. Por exemplo, Wolfgang Iser, em sua obra *O ato da leitura* (1972), enfatizou a importância da interação entre texto e leitor na construção do significado literário. Já Hans Robert Jauss, em *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1982), defendeu a ideia de que a recepção e interpretação das obras literárias são influenciadas pelo contexto histórico e cultural. Outra linha de pensamento relevante é representada pelos estudos pós-coloniais, que trouxeram uma perspectiva crítica em relação ao cânone literário ocidental. Teóricos como Edward Said, em *Orientalismo* (1978), e Homi Bhabha, em *O local da cultura* (1994), examinaram como a literatura e a cultura são influenciadas por relações de poder e colonialismo, questionando as hierarquias estabelecidas e dando voz a diferentes perspectivas e narrativas. Além disso, a inclusão da biografia como uma forma de literatura também tem sido objeto de discussão. A biografia, ao narrar a vida de indivíduos, combina elementos históricos com elementos literários, criando uma representação artística baseada em fatos reais. Essa abordagem reconhece a relevância da biografia como uma forma de conhecimento que combina rigor histórico com a expressão artística (Carvalho, 2012). Em suma, a discussão acerca do conceito de literatura é complexa e multifacetada, envolvendo teóricos e abordagens diversas ao longo da história. A compreensão da literatura tem se expandido para além das fronteiras tradicionais, incorporando novas perspectivas e valorizando a pluralidade de vozes e formas de expressão literária. Através dessas reflexões, é possível ampliar o entendimento e apreciação das obras literárias, reconhecendo sua importância como manifestações artísticas e fontes de conhecimento.

objetiva dos eventos. Em síntese, a percepção que me ocorre passa pela consideração de que a qualidade literária de uma biografia está necessariamente circunscrita à superação dos limites da exposição de fatos de uma vida, avançando à materialização de um texto suficientemente elaborado e afim à estética da própria literatura.

Destaco preventivamente que esse reconhecimento não autoriza a diminuição da importância factual desse formato de narrativa. Na direção oposta, reconhecer a dimensão literária da biografia, antes, valoriza a diversidade criativa das formas do olhar o *outro* bem como estima a construção narrativa do trabalho imagético do biógrafo, que se preocupa com a compreensão dos motivos, sentimentos, intenções e dilemas enfrentados pelo biografado; aspectos os quais não se encontram — ou nem sempre se encontram — documentados.

Tendo isso em vista, entende-se que a criação do biógrafo sob uma perspectiva ficcional envolve a habilidade de conectar os dados empíricos por meio de uma redação mais labiríntica, capaz de lançar uma biografia para além de questões à superfície da vida do protagonista, via construção narrativa, que nos dá ideia do nome próprio em foco à frente das métricas numéricas. A respeito dessa contribuição própria da biografia, Garcia (2018, p. 242) afirma:

[...] su virtual aportación empieza sólo después del dominio de los datos probados — sean los que sean, más o menos ricos, públicos o privados —, y en ese tránsito a la interpretación es donde una biografía se juega su crédito y su solvencia; es desde ahí donde el biógrafo fabrica, encadena y anuda los datos y es donde empieza a operar con la imaginación moral que dota de sentido las notaciones de las partituras o las palabras de los relatos.<sup>93</sup>

Esse processo, ainda nas palavras desse autor, é “posiblemente lo que salva o condena una biografía” (Garcia, 2018, p. 242)<sup>94</sup> para além de sua credibilidade como documento. Isto é, a ação não se resume a inserir informações adicionais ou oferecer uma interpretação X, o objetivo é imbuir a história com a visão global e contínua do personagem:

En el fondo, la operación es peligrosamente parecida a la del novelista que fabula sobre sus personajes desarrollando, exagerando, reprimiendo o

<sup>93</sup> “[...] sua contribuição virtual só começa após o domínio dos dados comprovados — sejam eles quais forem, mais ou menos ricos, públicos ou privados —, e é nesse trânsito à interpretação que uma biografia joga seu crédito e sua solvência. É a partir daí que o biógrafo fabrica, encadeia e amarra os dados e é onde ele começa a operar com a imaginação moral que dá sentido às anotações das partituras ou às palavras das histórias” (Garcia, 2018, p. 242, tradução nossa).

<sup>94</sup> “[...] possivelmente o que salva ou condena uma biografía” (Garcia, 2018, p. 242, tradução nossa).

ensanchando rasgos de su propia personalidad de escritor. De ella extrae la conjetura, fiable o equivocada, consecuente o imprevista, sobre la experiencia de vivir de sus personajes. El novelista carece de límites para esa operación, y en uno u otro personaje, o incluso en el relato de esta o aquella crisis, puede estar desnudándose como jamás lo haría en un texto autobiográfico, precisamente porque la ficción mantiene a salvo su intimidad (o la desnuda enmascarándola). Disfrazado de personaje se desnuda como persona y usa en la medida que sepa ese desafortado rencor que al autor le suscita la paz del campo, ese incontrolado afán de conquista que le despiertan las mujeres o esa ingobernable propensión a reñir a los demás. Da igual el motivo concreto, lo que importa es la impunidad con la que juega el novelista y el uso indisciplinado, reversible, corrupto, malintencionado, tramposo o fraudulento de sus propias vivencias, ideas y sentimientos. Es la virtud de la ficción como ancho campo de la libertad<sup>95</sup> (García, 2018, p. 243).

Para o teórico, esse é o limite para a semelhança entre o romancista e o biógrafo, dado que a restrição da imaginação reside, a seu juízo, na ligação precisa do texto às palavras encontradas nas biografias ou nos testemunhos, e esta na tentativa de fazê-los expressar, à sua maneira, seus pensamentos e experiências. Em vista disso, Garcia (2018, p. 243) entende que:

[...] El freno para la fantasía está en ese anclaje del texto a la palabra exacta de los biografiados o sus testigos, y está en el empeño de hacerles decir a ellos, a través de sus palabras, su pensamiento y su experiencia. La aspiración más secreta del método en el fondo es desafortadamente inalcanzable: hallar el punto de fusión entre mi voz de narrador y la voz de ellos como confidentes y transmisores de sus sentimientos, de modo que el lector sienta que les escucha a ellos en sus vidas y no en las vidas que les impone el biógrafo.

*Contra todas las apariencias, el biógrafo actúa con la misma libérrima condición imaginativa del novelista si aspira a rastrear el movimiento interior de una intimidad y no se satisface con la crónica de los hechos y las obras. Contra todas las apariencias, uno y otro, el novelista de ficción y el biógrafo, comparten la disposición a imaginar y encandear causas íntimas y externas, movimientos anímicos y momentos esenciales.* Pero mientras al novelista nada le sujeta a una verdad necesaria, el biógrafo proyecta su imaginación sobre la disciplina de los textos y hechos de que dispone, y en esa masa de información planifica, ordena y selecciona las palabras que mejor recrean al biografiado: no a su mejor yo, sino al yo múltiple que fue entre varios sucesivos, contradictorios y simultáneos.<sup>96</sup>

<sup>95</sup> “No fundo, a operação é perigosamente semelhante a do romancista que fábula sobre seus personagens desenvolvendo, exagerando, reprimindo ou ampliando traços da personalidade de seu próprio escritor. Dele extrai a conjetura, confiável ou errada, consequente ou imprevista, sobre a experiência de vida de seus personagens. O romancista não tem limites para essa operação, e em um ou outro personagem, ou mesmo na história desta ou daquela crise, pode estar se despindo como jamais faria em um texto autobiográfico, justamente porque a ficção guarda sua privacidade (ou se despe dela mascarando-a). Disfarçado de personagem, ele se despe de pessoa e usa, na medida do que sabe, aquele ressentimento ultrajante que a paz do campo desperta no autor, aquele desejo descontrolado de conquista que as mulheres lhe despertam, ou aquela propensão incontrolável de brigar com os outros. Não importa o motivo específico, o que importa é a impiedade com que joga o romancista e o uso indisciplinado, reversível, corrupto, malicioso, trapaceiro ou fraudulento de suas próprias experiências, ideias e sentimentos. É a virtude da ficção como um amplo campo de liberdade” (Garcia, 2018, p. 243, tradução nossa).

<sup>96</sup> “[...] O freio da fantasia está nessa ancoragem do texto à palavra exata das biografias ou de seus testemunhos, e está no esforço de fazê-los dizer, por meio de suas palavras, seus pensamentos e sua

A literatura do biógrafo reside, então, na recriação do múltiplo *eu* do biografado e do seu entorno; criação na qual a inventividade desempenha um papel fundamental na compreensão e na expressão das vidas retratadas, ao mesmo tempo em que ressalta a importância de manter um vínculo com a realidade por meio de documentos e testemunhos. Essa abordagem epistemológica valoriza o conhecimento produzido por meio das biografias como produção interpretativa baseada em evidências e narrativas disponíveis — as quais dão valor à pertinência dos contextos históricos, sociais e culturais na compreensão de uma vida — e destaca a biografia como gênero literário e histórico sujeito a perspectivas, vieses e escolhas do próprio biógrafo.

Em verdade, a defesa de uma biografia como expressão literária com potencial de transcender a apresentação de fatos e impactar emocionalmente os leitores não é novidade. Uma das abordagens que sustentam essa compreensão é *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia* ([1994] 2012), na qual Janet Malcolm analisa todas as biografias publicadas sobre Plath até a ocasião — em 1993, pois a primeira edição do livro é de 1994 —. Conhecida por suas reflexões sobre ética e verdade na escrita biográfica, Malcolm propõe uma interessante discussão acerca dos desafios e das responsabilidades inerentes à prática das escritas da vida. Na obra — uma espécie de amálgama teórico, literário, crítico e biográfico — a autora desautoriza e, em certa medida, dissimula a problemática da “realidade *versus* ficção”, ressaltando a complexidade e a subjetividade envolvidas na construção desse tipo de narrativa ao reconhecer que a “verdade biográfica” (Malcolm, 2012) consiste, em muito, na colagem de fragmentos contraditórios interpretados de diferentes maneiras por diferentes biógrafos. Assim, embora Malcolm se aprofunde nos detalhes e episódios da vida de Plath, seu objetivo não é descobrir quem foi ou

---

experiência. Infelizmente, a aspiração mais secreta do método é inatingível: encontrar o ponto de fusão entre minha voz de narrador e a voz deles como confidentes e transmissores de seus sentimentos, de modo que o leitor sinta que os está ouvindo em suas vidas. As vidas que o biógrafo lhes impõe. Contra todas as aparências, o biógrafo age com a mesma condição imaginativa livre do romancista, se aspira traçar o movimento interior de uma intimidade e não se contenta com a crônica de acontecimentos e obras. Contra todas as aparências, um e outro, o romancista ficcional e o biógrafo, compartilham a disposição de imaginar e encadear causas íntimas e externas, movimentos psíquicos e momentos essenciais. Mas enquanto o romancista não está sujeito a uma verdade necessária, o biógrafo projeta sua imaginação na disciplina dos textos e dos fatos de que dispõe, e nessa massa de informações planeja, ordena e seleciona as palavras que melhor recriam o biógrafo: não ao seu melhor eu, mas sim ao eu múltiplo que estava entre vários outros sucessivos, contraditórios e simultâneos” (GARCIA, 2018, p. 243, tradução nossa, grifos meus).

como viveu a poeta norte-americana, mas sim analisar como sua identidade foi construída por meio de distintas publicações sobre ela. Nesse percurso, por conseguinte, deparamo-nos com distintas cargas de fabulação de seus biógrafos, as quais, cada uma a sua maneira, oferecem ao leitor sua Sylvia em particular.

Nessa conjuntura, portanto, em *A mulher calada*, a personagem Sylvia Plath aparece como uma alegoria (ou um estudo de caso?) para ilustrar o estatuto da verdade biográfica através das narrativas sobre essa vida que ganhou particular interesse a partir da morte, precoce e trágica, nos idos 11 de fevereiro de 1963 quando, meses após a separação decorrente da traição do marido, Ted Hughes, Sylvia abriu o quarto de suas crianças, colocou pão e leite próximo às camas, fechou a porta, vedou as frestas, consumiu narcóticos e deitou a cabeça sobre uma toalha no cômodo ao lado, dentro do forno, com o gás ligado. Para Janet Malcolm (2012, p. 14-15):

[...] uma pessoa que morre aos trinta anos, no meio de uma separação tumultuada, fica para sempre fixada no tumulto. Para os leitores de sua poesia e de sua biografia, Sylvia Plath será sempre jovem e implacável com a infidelidade de Hughes. Nunca chegará à idade em que as dificuldades da vida de um adulto jovem podem ser lembradas com uma tolerância pesarosa, sem ódio ou desejo de vingança. Ted Hughes já atingiu essa idade<sup>97</sup> — há algum tempo —, mas a paz que ela costuma trazer foi-lhe negada pela fama póstuma de Sylvia Plath e pelo fascínio que a história de sua vida exerce sobre o público. E, como era parte dessa vida — a figura mais interessante de seus últimos seis anos —, Hughes também continua fixado no caos e na confusão de seu período final. Como Prometeu, cujo fígado devorado se recompunha diariamente para tornar a ser diariamente devorado, Hughes se viu reduzido à posição de espectador enquanto biógrafos, estudiosos, críticos, articulistas e repórteres de jornais se acotovelavam para esmiuçar a ele próprio quando jovem.

No entanto, talvez os próprios biógrafos, estudiosos, críticos etc. não tenham previsto o fato de que aqueles que sobreviveram a Sylvia — especialmente Ted e sua irmã, Olwyn Hughes — empreenderiam uma verdadeira cruzada contra a veracidade desses relatos biográficos. E é exatamente essa controvérsia que alimenta o debate a respeito dos limites éticos e estéticos da criação biográfica no contexto dessa publicação. A começar, pela própria inversão que a morte de Plath desafiou à norma das biografias, pois, ao contrário do esperado, seu falecimento não resultou na perda de privacidade e na exposição de sua vida pessoal. Ao contrário, a profunda ligação emocional do público com sua obra e o turbulento relacionamento com Hughes,

---

<sup>97</sup> Ted Hughes morreu em outubro de 1998 após um infarto do miocárdio, estava internado em tratamento contra um câncer de cólon.

levaram a uma determinação coletiva em proteger a imagem da poeta como uma figura frágil e desamparada em oposição à figura de Hughes como ex-marido maquiavélico e monstruoso. Para a solidificação desse imaginário, Malcolm chama-nos atenção para o fato de que quando se deseja criar um personagem vilão não basta *dizer* que ele é terrível, não basta, também, *descrevê-lo* como alguém terrível, é preciso utilizar estratégias retóricas para que *o próprio leitor* chegue a essa conclusão. Em suas palavras:

Falar mal dos outros é uma das operações mais difíceis e delicadas da retórica: ser persuasivo, produzir no leitor a impressão da maldade de X e de seus próprios desinteresse e boa-fé, requer muito talento. Não basta afirmar — como fizeram Dido e Olwyn — que X era uma pessoa horrível. Isto só tende a despertar a simpatia do leitor por X (Malcolm, 2012, p. 57).

Essa dificuldade, e até limitação, de representar pessoas no papel é significativa, pois, enquanto no âmbito do inconsciente é plausível ser simultaneamente virtuoso e vil, nutrir tanto amor quanto ódio por alguém, ao transpor essas representações para o texto, encontramos-nos irremediavelmente compelidos a retratar de forma verossímil aqueles que são objeto de nossa narração. Essa reflexão nos confronta com a questão de que o ato de escrever sobre algo ou alguém confere àquele que escreve um poder sobre o objeto dessa escrita. Em outras palavras, a construção das representações narrativas dos personagens do biográfico, pois, são guiadas a critério da mão do biógrafo. E Malcolm (2012) não somente fala sobre, mas demonstra, esses olhares de reconstrução do passado que se fizeram do seu objeto.

A título de ilustração, por exemplo, destaco já a primeira parte de *A mulher calada*, na qual há um excerto de Hughes (1982 *apud* Malcolm, 2012) sobre as possíveis “falsas identidades” de Plath<sup>98</sup>. A passagem compartilhada participa da

---

<sup>98</sup> A passagem completa é a seguinte: “Ted Hughes escreveu duas versões de seu prefácio para *Os diários de Sylvia Plath*, uma seleção de entradas de diário cobrindo o período de 1950 a 1962. A primeira versão (que aparece no livro, publicado em 1982), é um breve ensaio lírico construído a partir de um tema blakeano único — o tema de uma “identidade verdadeira” que finalmente emergiu dentre as “falsas identidades” conflitantes de Sylvia Plath e alcançou uma expressão triunfal nos poemas de Ariel, que foram escritos no último semestre de sua vida e são toda a razão de sua reputação poética. Para Hughes, seus outros escritos — os contos que ela se obstinava em produzir e submeter, quase sempre em vão, a revistas de grande circulação; o romance *The bell jar* [*A redoma de vidro*]; suas cartas; seus poemas de aprendizado, publicados em sua primeira coletânea, *The colossos* — “eram como impurezas descartadas ao longo dos vários estágios da transformação interna, o refúgio do seu trabalho interior”. E escreve um notável monumento prefigurativo: [citação da fala de Hughes] ‘Embora eu tenha passado todos os dias a seu lado por seis anos e raramente tenha ficado longe dela por mais de duas ou três horas de cada vez, nunca a vi mostrar sua verdadeira identidade a ninguém — exceto, talvez, em seus últimos três meses de vida. Sua verdadeira identidade se revelara de relance em sua produção literária três anos antes, e quando a reconheci — a identidade, afinal, com que eu me casara, que tinha sempre a meu lado e conhecia tão bem —, naquele breve instante, em três versos



versão inaugural do prefácio por ele assinado para a coletânea *Diários de Sylvia Plath: 1950-1962* (1982). Desse recorte, a autora chama-nos atenção para a explícita admissão de Hughes (1982 *apud* Malcolm, 2012, p.11) na destruição de textos biográficos pessoais de Plath<sup>99</sup>, quando diz: “O último deles [dos diários] continha entradas escritas ao longo de vários meses e eu o destruí”. Mais adiante, Malcolm reproduz também a segunda versão desse prefácio<sup>100</sup>, no qual ele agora escreve: “O segundo desses cadernos seu marido destruiu [...]” (Hughes, 1982 *apud* Malcolm, 2012, p.11). Isto é, o “eu o destruí” dá lugar ao “seu marido destruiu”, de forma que

Hughes não tem mais como sustentar a ficção — em que se apoia todo o texto autobiográfico — de que a pessoa que escreve e a pessoa sobre quem escreve formam uma entidade única e indissolúvel. Em seu segundo prefácio, ele precisa explicitar sua consciência da dissociação entre a identidade que observa e a que é observada: a identidade observada (“seu marido”) representa os interesses dos filhos, que precisam ser poupados de informações destrutivas, enquanto a identidade do observador — que ele chama “nós”, como em “[Nós] não podemos deixar de perguntar-nos se os escritos dos últimos três anos não seriam a parte mais importante” — representa os interesses do leitor, desejoso de compreender a relação entre os poemas de *Ariel* e a vida de sua autora. É evidente que a publicação dos diários de Sylvia Plath só ocorreu a fim de elucidar essa relação. Mas o ato destruidor de “seu marido” reduziu o empreendimento a uma espécie de caricatura, pois justamente os diários capazes de lançar alguma luz sobre os poemas de *Ariel* — os diários escritos na época em que os poemas eram compostos — foram destruídos e se perderam. [...]

Em seu segundo prefácio, Hughes executa manobras dignas de Houdini para escapar do baú em que se enfiou antes de ser atirado nas águas de um rio. À medida que fala do processo misterioso, urgente e hermeticamente selado de renascimento psicológico que tem lugar na psique de Sylvia Plath, do qual resultam os poemas de *Ariel* e cuja chave dão os diários sobreviventes, os papéis conflitantes de marido destruidor e editor impaciente vão perdendo mansamente seus contornos. As designações dissonantes — “seu marido” e

---

declamados enquanto ela transpunha uma porta, percebi o começo de alguma coisa que eu sempre soubera que um dia haveria de acontecer: que sua verdadeira identidade, a verdadeira poetisa, agora passaria a falar com sua própria voz, descartando todas as identidades secundárias e artificiais que até aquele momento monopolizavam suas palavras. Era como uma pessoa muda que aprendesse a falar de uma hora para outra” (Malcolm, 2012, p. 10-11, grifo meu).

<sup>99</sup> A citação completa é esta: “Os diários foram escritos numa série variada de cadernos e em pilhas de folhas soltas. Esta seleção contém talvez um terço do volume total, que hoje se encontra na Biblioteca Neilson, no Smith College. Dois outros cadernos sobreviveram por algum tempo, livros-razão encadernados em couro marrom como o volume de 57 a 59, e cobrem o período que vai de fins de 59 até três dias antes de sua morte. O último deles continha entradas escritas ao longo de vários meses e eu o destruí porque não queria que os filhos dela fossem obrigados a lê-lo (naquele momento, eu considerava o esquecimento parte essencial da sobrevivência). O outro desapareceu” (Hughes, 1982 *apud* Malcolm, 2012, p. 11, grifos meus).

<sup>100</sup> A citação completa é esta: “Os diário de Sylvia Plath formam um conjunto de cadernos e muitas folhas soltas e a seleção aqui publicada inclui cerca de um terço do volume total. Dois outros cadernos sobreviveram por algum tempo depois de sua morte. Continuavam do ponto onde o registro existente se interrompe, em fins de 1959, e cobriam os três últimos anos de sua vida. O segundo desses cadernos seu marido destruiu, pois não queria que os filhos dela fossem obrigados a lê-lo (naquele momento, considerava que o esquecimento era parte essencial da sobrevivência). O anterior desapareceu em data mais recente (e, presumivelmente, ainda pode ser encontrado)” (Hughes, 1982 *apud* Malcolm, 2012, p. 12, grifos meus).

“nós” — são ouvidas com frequência cada vez menor, enquanto uma figura nova, uma serena inteligência crítica, surge no ensaio e se encarrega de conduzi-lo com mão firme a seu destino, capturando nossa atenção com a narrativa fascinante e cheia de *suspense* sobre a erupção poética de Sylvia Plath. Ao final do texto, a questão dos diários perdidos reduz-se a um simples ponto no horizonte longínquo (Malcolm, 2012, p.12-13, grifo da autora).

Ou seja, “simples ponto no horizonte longínquo” porque o discurso biográfico está circunscrito ao biógrafo e, por extensão, às formas narrativas desse corpo que escreve, nada despido de intenções, todo parcial, o qual organiza os enunciados como melhor couber a seu discurso; este utiliza-se de sua subjetividade para estabelecer paralelos entre acontecimentos e pessoas, distanciando aqueles cujas narrativas são “suspeitas” ou pouco confiáveis ao leitor, oferecendo, finalmente, sua própria leitura de seus discursos. Em definitivo, fica posto que o texto biográfico não se reduz à discussão verdade *versus* mentira, factuality *versus* ficcionalidade; ele está para além. “Além” no sentido de não importar, pois a biografia é o produto do discurso da linguagem, na essência, corrompido, construído e selecionado. A lição que sai disso, talvez, poderia passar pela pergunta: quantos sujeitos cabem no sujeito?

### 3 REVOLUÇÃO, HISTÓRIA E LITERATURA<sup>101</sup>

*Chove chuva chuverando/  
Sobre as misérias do mundo.*

(Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 494A)<sup>102</sup>.

#### 3.1 HOMEM DE PARTIDO, ESCRITOR DO PARTIDO

Era junho de 1941 e Jorge Amado desembarcava em Buenos Aires, dali pouco mais de dois meses faria 30 anos. Pisava em solo argentino com um objetivo claro: reunir material para produzir uma biografia de Luís Carlos Prestes<sup>103</sup>. Na ocasião, a

---

<sup>101</sup> TOMO III — Desde quando graduanda, experimentei recepções diversas para meu recorte de pesquisa, das entusiasmadas às entediadas, das respeitadas às desdenhosas, das colaborativas às competitivas. No universo entre o que máximo! e o que lixo! há um tipo particular de prática que a mim ainda desperta sentimentos múltiplos: a do/da pesquisador/ra “meu objeto, minha vida”: sujeito com dificuldade para dissociar o amor/admiração por seu tema de pesquisa da ação prática, teórica e intelectual da investigação científica. Assim, não raro, ignora ou diminui contradições oriundas de seu tópico a fim de ler ações e reações em perspectiva maniqueísta. Por conseguinte, atribui como prática para o outro aquilo que toma como hábito para si. Ou seja, volta e meia esperavam, alguns de meus interlocutores, ou a idolatria ou o repúdio de minha parte para com Jorge Amado. Simplesmente assim: pápum! Ou um, ou outro. O encontro com esses colegas não era incomum, especialmente porque não bastasse o protagonista de minha investigação ser Jorge Amado, tanto fenômeno de aceite de público quanto fenômeno de rejeição acadêmica, ele o é atravessado pelo mais polêmico ideal político partidário do país: o comunismo. Assim, de saída, por um lado, encontrava-me com o desdém explícito acerca da investigação da vida de um autor com tamanho apelo popular e presumidamente — por eles — não digno das cadeiras universitárias devido a sua literatura menor e, de outro lado, achava-me diante da expectativa pelo compartilhamento de admiração incondicional pelo autor. Não fechei com parte alguma. Apurando um pouco mais o contorno, chego a um tipo muitíssimo comum entre os pesquisadores desse escritor: seus apreciadores apesar do comunismo. É fato (fonte: confia), quero dizer, tenho por certo que há resistência entre a maioria esmagadora dos pesquisadores de Amado em efetivamente estudar esse tópico para elaborar avaliação individual para além das usuais e já prontas “passagem infantil”, “ideal imaturo”, “momento passageiro” etc. Isto é, ao longo desses anos na trajetória acadêmica, pareceu-me haver um verdadeiro medo de associação pessoal à doutrina comunista no caso de colocarmos-nos abertos e interessados a tal investigação. De certo modo, esse não deixa de ser um pensamento (e um posicionamento) imaturo, já que somos, pois, pesquisadores. No entanto, de outra parte, não é preciso dar um salto histórico distante para encontrarmos-nos com a aversão generalizada à nomenclatura e entender determinados posicionamentos. Olhemos para nosso país em 2022, 2021, 2020, 2019, 2018, 2017, 2016... adentro. Enfim, foram um sem fim de debates, palestras, conversas, apresentações etc. que me fazem afirmar não ser raridade a prática de uma análise histórica vulgar que, desprezando o ponto de vista da totalidade, compromete a compreensão da dinâmica real do objeto de pesquisa, no caso em foco, portanto, do fator decisivo que o PCB e a teoria comunista no geral influíram na formação política, literária e pessoal de Jorge Amado. Isto é, independentemente da subjetividade anticomunista individual, é fato incontestável que o Partido se configurou enquanto um agente histórico basilar no desenvolvimento humano e profissional de Jorge Amado, sendo, portanto, um afronte aos pressupostos da pesquisa histórico-científica considerar um atravessamento de quase 20 anos como fator de menor relevância na vida desse escritor. Não pretendo, pois, incorrer nesse erro.

<sup>102</sup> Poema do Acervo, sem título; exatamente com esses versos, escritos à esquerda do início de uma página A4, datiloscrito em tinta azul.

<sup>103</sup> Em sua certidão de nascimento, foi registrado “Luís”, com “s”, mas ao longo da vida assinou “Luiz”, com “z”.

obra faria parte de um plano que previa a anistia do líder comunista, preso desde 1936 na Colônia Correccional de Dois Rios, em Ilha Grande, após ser encontrado pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) em uma pequena casa no Méier, zona norte do Rio de Janeiro em 5 de março daquele ano. A biografia saiu cerca de onze meses depois pela editora Claridad, em maio de 1942, e foi denominada *Vida de Luís Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* (ver Figura 1). O livro era escrito em língua portuguesa e concomitantemente traduzido para o espanhol pelo, também exilado e então amigo, Tomás Pompeu de Acioli Borges, contratado para o trabalho.

Ao publicar a obra, Jorge Amado traçou com mais força a linha que perfilava sua biografia como um escritor militante; na ocasião, já há quase uma década ligado à Juventude Comunista (JC)<sup>104</sup>, a qual se filiou em 1932 sob incentivo de Rachel de Queiroz — amiga e também escritora da denominada “geração do romance de 30” — e de Carlos Echenique<sup>105</sup> — amigo com quem dividia uma casa Ipanema, quando morou no Rio —. O período de sua relação oficial com a militância comunista deu-se entre esses primeiros anos da década de 1930 até a metade da década de 1950, mais precisamente em 1954. Ou seja, cerca de 20 anos da produção intelectual de Amado esteve relacionada a esse engajamento político-partidário, o que faz dessa proximidade elemento substantivo para a sua constituição, desenvolvimento e amadurecimento como escritor.

---

<sup>104</sup> A Juventude Comunista é a juventude do PCB, fundada em 1927 por Leoncio Basbaum, importante personagem da história desse partido. Posteriormente, o nome foi alterado para União da Juventude Comunista (UJC).

<sup>105</sup>A informação acerca da influência de Rachel de Queiroz na filiação de Amado à Juventude é amplamente conhecida no universo da pesquisa acadêmica, já a afirmação da influência de Carlos Echenique é uma informação da historiadora Joselia Aguiar (2018, p. 61): “Aqueles dias, os do encerramento precoce da militância comunista da cearense — que depois iria abraçar o trotskismo —, seriam justamente os da adesão de Jorge, que, meio século depois, ainda considerava Rachel, assim como Echenique, incentivadores de sua entrada definitiva no partido”.

Sobre Carlos Echenique Júnior, Amado (2006, p. 71), comenta em *Navegação*: “Rio de Janeiro, 1932, Cobra Norato — Juntos com Carlos Echenique alugamos casa em Ipanema — em 1932 o bairro apenas começava a se erguer sobre as areias — para nela residir e receber senhoras de nossas relações, não demorou vivia tanta gente, tanta, na sala e nos dois quartos que Raul [Bopp] teve de mudar-se para um quarto do outro lado da rua. Ficamos amigos no dia em que nos conhecemos e o fomos até o fim de sua vida.” (Amado, 2006, p. 71). Jorge Amado não comenta em *Navegações*, mas Carlos Echenique foi, junto a José Auto Cruz de Oliveira, testemunha de seu casamento com Matilde Mendonça Garcia Rosa, em 1933. Soube do dado na obra *Jorge Amado: uma cortina que se abre*, de Rui Nascimento ([2007] 2008). José Auto, por sua vez, foi o primeiro marido de Rachel de Queiroz (estiveram juntos de 1932 a 1939).

No período supracitado, o engajamento resultou no que a crítica literária convencionou denominar, *grosso modo*, “primeira fase”<sup>106</sup>: sob orientação da estética do realismo socialista, esse recorte da obra deixa progressivamente latente o compromisso ideológico de seu escritor, expresso na função pragmática que as publicações adquiriram, vez que essa literatura exerceria a função de objeto político conscientizador da classe oprimida. Participam desse recorte temporal: *O País do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936), *Capitães da areia* (1937), *ABC de Castro Alves* (1941), *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* (1942), *Terras do sem fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Bahia de Todos os Santos* (1945), *Seara vermelha* (1946), *O Amor do soldado* (1947), *O mundo da paz* (1951) e a trilogia *Subterrâneos da liberdade* (1954): *Os ásperos tempos*, *Agonia da noite* e *A luz do túnel*.

Nesse elo de mais de duas décadas, houve, naturalmente, gradações nessa união. Como destaque da militância, evidencia-se o período de 1946 a 1948, quando atuou como Deputado Federal da Constituinte pelo Partido Comunista do Brasil. Sendo o mais votado, Amado foi eleito por São Paulo com mais de 15 mil votos, legislou até ter o mandato interrompido devido à cassação do registro do PCB e consequente ilegalidade de seus membros, embora declarara que o acordo inicial, firmado com o próprio Prestes, seria o de exercer o mandato por três meses. O combinado visava o rápido retorno à profissão a que se considerava pertencente, escritor; escritor cujo objetivo primeiro, dizia, era o de escrever para o povo. Esse compromisso foi reivindicado e anunciado por ele continuamente no curso de sua produção literária, ilustro essa fala com um recorte de seu *Discurso de posse*, da Cadeira 23, da Academia Brasileira de Letras, em 17 de julho de 1961, quando discorreu sobre a relação indissociável entre escrita e política:

Muitas vezes fui acusado de interessado e parcial, de escritor comprometido e limitado por esses compromissos, de escritor político e participante. Jamais tal acusação me doeu ou pesou, jamais me senti por ela ofendido. Qual o escritor não político? De mim não sei de nenhum. A própria condição de escritor é uma condição política, tão politicamente poderosa que ultrapassa a própria atuação imediata de escritor e por vezes a ela se opõe como sucede inclusive no caso de Alencar, cuja obra sob tantos aspectos revolucionária não coincide com determinadas posições do senador do Império. Políticos somos todos nós escritores, a começar por aqueles que exigem seu horror a política, seu nojo à participação. Ao agir assim, que estão fazendo senão

<sup>106</sup> Jorge Amado identificava como marco bem-sucedido para o início efetivo de sua obra a publicação de *Jubiabá*, em 1935. Antes disso, segundo ele, escrevera “cadernos de aprendiz de romancista” (Amado *apud* Duarte, 1995, p. 45).

assumir uma posição política, sem dúvida a mais desalentadora e triste, a de fuga da vida? Aos demais, cumpre notar um curioso detalhe; só é considerado engaje e comprometido merecer de censura e culpado de manchar a pureza da literatura, quem se compromete com o povo e se engaja nas batalhas da libertação de povos e países nas lutas pela modificação da sociedade atual os que se comprometem e se engajam do outro lado, não sei por que espécie de mistério, jamais são acusados, sua literatura não sofre restrições, continua da maior pureza e jamais contra ela se levanta a acusação de participante e político. São méritos da crítica literária que um modesto romancista baiano não pode perceber.

Quanto ao meu comprometimento e à minha parcialidade, meu único compromisso, dos meus começos até hoje, e espero, certamente até a última linha que venha a escrever tem sido com o povo, com o Brasil e com o futuro. Minha parcialidade tem sido pela liberdade contra o despotismo e a prepotência; pelo explorado contra o explorador; pelo oprimido contra o opressor; pelo fraco contra o forte; pela alegria contra a dor; pela esperança contra o desespero, e orgulho-me dessa parcialidade. Jamais fui nem serei imparcial nessa luta do homem, na luta do futuro e o passado entre o amanhã e o ontem.

Nunca desejei senão ser um escritor de meu tempo e de meu País. Não pretendi e não tentei nunca fugir ao drama que nos coube viver, de um mundo agonizante e um novo mundo nascente. Não pretendi nem tentei jamais ser universal senão sendo brasileiro e cada vez mais brasileiro (Amado, 1961, s/p).

O comprometimento de “escrever para o povo” ao qual se inscreve Jorge Amado é uma larga característica de sua produção literária. Eduardo de Assis Duarte, no já canônico estudo crítico *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* (1995), defende que esse objetivo norteia a produção do escritor cuja tradição popular é reivindicada em várias frentes, nos recortes de aventuras, nas inspirações do cordel, no modelo folhetinesco, nas narrativas de “causos”, nas influências da estética modernista, na insurreição do povo contra a opressão capitalista, dentre outras as quais são enunciadas por uma linguagem marcadamente oral. Em suas palavras: “Uma contribuição que não abdica do enredo bem tramado e que passa distante dos ‘jogos gratuitos’ com a linguagem. E que não se envergonha do que é popular, do que popularizado [...]” (Duarte, 1995, p. 314).

Alfredo Bosi, por seu turno, no seu *História concisa da literatura brasileira* ([1970] 2017) enfatiza as ressalvas à produção amadiana, a qual identifica, especialmente em relação às décadas de 1930 e 1940, como “esquemas de literatura ideológica” (Bosi, 2017), período condizente com a reivindicação de criação com motivações revolucionárias por parte Amado. O crítico contrapõe a noção de “arte revolucionária” a de “populismo literário”, localizando a obra do escritor no período supracitado nessa segunda classificação, a fim de ajuizá-la como imitação barata da primeira noção. Em linhas gerais, a depreciação à obra de Amado assim se formula:

Cronista de tensão mínima, soube esboçar largos painéis coloridos e facilmente comunicáveis que lhe franqueariam um grande e nunca desmentido êxito junto ao público. Ao leitor curioso e glutão a sua obra tem dado de tudo um pouco: pieguice e volúpia em vez de paixão, estereótipos em vez de trato orgânico dos conflitos sociais, pitoresco em vez de captação estética do meio, tipos “folclóricos” em vez de pessoas, descuido formal a pretexto de oralidade...

Além do uso às vezes imotivado do calão: o que é, na cabeça do intelectual burguês, a imagem do *eros* do povo. O populismo literário deu uma mistura de equívocos, e o maior deles é passar por arte revolucionária. No caso de Jorge Amado, porém, bastou a passagem do tempo para desfazer o engano (Bosi, 2017, p. 434).

A “passagem do tempo” a que se refere Bosi é argumento corriqueiro para desmerecer a produção literária coincidente com o envolvimento político-partidário de Amado, bem como para deslocar sua importância na trajetória literária do autor. O fato de depararmos-nos com redefinições intelectuais, criativas e políticas de Jorge Amado não nos desautoriza a considerar as pertinências desse momento anterior. Mais do que isso, estas são basilares para a compreensão do fenômeno como um todo, em sua amplitude e complexidade. Alfredo Wagner Berno de Almeida (1979) argumenta que, quando na leitura da obra de Amado, ao não levarmos em conta essa relação, a crítica acaba por desconsiderar

[...] as características intrínsecas do processo de autonomização do campo intelectual, que marcam profunda e inexoravelmente a produção literária do período em jogo. A crítica ulterior em congelando a perspectiva histórica ou a importância relativa de cada gênero e suas repercussões concretas no período de sua ocorrência, alimenta impasses ao não conseguir elucidar as regras que amparam essa produção (Almeida, 1979, p. 89).

Paulo Bezerra (1995), por sua vez, defende uma recorrência relativa à avaliação da obra de Jorge Amado. Para ele, a crítica da produção do escritor é caracterizada pela ausência de amplitude e de profundidade, resultantes especialmente de um preconceito estético correlacionado a um preconceito ideológico. Ainda,

Sob o pretexto de defender a continuidade do projeto estético do modernismo, essa crítica, ora à esquerda, ora à direita, acaba resvalando na unilateralidade ao enfatizar aqui os aspectos apenas positivos, ali os aspectos apenas negativos, caindo num reducionismo centrado nas fragilidades ou nos méritos, sem nunca chegar a uma compreensão mais profunda e abrangente do objeto em estudo (Bezerra, 1995, p.10).

Escoro-me na avaliação de Bezerra para breve endosso e expansão de sua fala como se um parênteses, um aceno concordante com a cabeça, um encontro de ponderações; de minha parte, sem comprovação sistematizada, sem *corpus*, não mais

que vivência acadêmica como pesquisadora desse personagem há quase dez anos por meio do Acervo Mala de Jorge Amado. Primeiro, a percepção do abismo entre a recepção do público comum, leitores no geral, com a recepção do público especializado, leitores acadêmicos: destes o recorrente desdém que demarca o descaso para, em suas avaliações, uma literatura *menor* — literatura esta, é bom dizer, que pouco (ou nada) leram — daqueles a comoção do encontro com o passado por meio das peças deixadas por um dos mais conhecidos, e consumidos, escritores da literatura brasileira. O buraco entre esses dois olhares nos diz muito, mas, como acadêmica, destaco a histórica, e elitista, concepção de bem cultural valioso como item *exclusivamente* extraordinário — para e de poucos — e nunca ordinário — por e para todos —.

Segundo, o também abismo, agora entre mim e alguns de meus pares, colegas pesquisadoras e pesquisadores de Jorge Amado, quando o tópico de pesquisa traz o envolvimento político-partidário à tona. Mais especificamente, refiro-me às discussões concernentes ao comunismo e suas ressalvas. Denomino “ressalvas” por força de eufemismo, mas, encorajo-me a nomear, é quase infantil, o medo diante dos estudos que se debruçam sobre o recorte temporal cujo plano de fundo traz o comunismo; e aqui refiro-me à área de literatura, em específico, espaço por onde transito em eventos acadêmicos e corredores institucionais. Como prática, tal influência político-partidária é diminuída, mesmo diante das duas décadas já citadas de envolvimento do autor com essa agremiação. Mesmo nas enunciações “progressistas” de esquerda é curioso o desconforto com que se lida com a doutrina marxista levando-se em conta o quórum que majoritariamente ocupa eventos acadêmicos: pesquisadores.

Fechando o parênteses e seguindo para outra cadeira que ocupou, agora na Câmara Legislativa Federal (ver Figura 4), a estratégia do Partido supervalorizou o estereótipo de Jorge Amado como *escritor representante do povo* a fim de se explorar a noção de *escritor pelo povo*. Isto é, uma vez que era conhecimento comum do público a preocupação social em sua obra, estampada já nos primeiros romances — bem como nas biografias de Castro Alves e de Prestes —, o slogan que o elegeu fez coro a essa imagem: “Para Deputado Federal Jorge Amado, romancista do povo”, trazia registrado o panfleto da campanha, com fotografia do candidato à máquina, aludindo o ofício pelo qual ganhou notoriedade (ver Figura 3).



Ao longo da vida, ao ser interpelado sobre questões relativas à atuação como deputado, Amado se reconheceu como um político responsável e participativo; acerca do entorno de seu mandato, anos depois, em *Navegação de cabotagem*, no registro intitulado “Liberdade religiosa” — Rio de Janeiro, 1946 — escreveu:

Em janeiro de 1946 tomei posse na Câmara Federal de Deputados da cadeira para a qual fora designado pelos votos dos eleitores de São Paulo. Assumira com Prestes o compromisso de exercer o mandato durante três meses, voltando em seguida a meu trabalho de escritor. Fiquei dois anos, até que, num dia de janeiro de 1948, fomos expulsos do Parlamento, eu e meus companheiros de bancada. Dia triste, de derrota política, a batalha pelos mandatos durara meses, árdua e áspera —, batalha perdida, sabíamos desde o começo. Dia alegre, pois me liberei do fardo da deputação, não nasci para parlamentar, sou refratário às tribunas e aos discursos, só amo fazer o que me dá alegria, o que me diverte. Custou-me esforço colocar-me à altura do mandato, creio que não fui de todo mau deputado, apesar de minhas limitações e das decorrentes da suspeição que cercava a bancada comunista e do sectarismo que dirigia sua atuação. Fiz o possível, tarefa difícil e chata. Se de algo me envaideço quando penso nos dois anos que perdi no Parlamento é da emenda que apresentei ao Projeto de Constituição — Senado e Câmara reunidos em Assembleia Constituinte, discutimos e votamos a Constituição de 1946 —, emenda que, vitoriosa, mantida até hoje veio garantir a liberdade de crença no Brasil (Amado, 2006, p. 67-68).<sup>107</sup>

Ainda, em diversas oportunidades, mencionou seu alinhamento disciplinar às diretrizes do PCB, desde a presença assídua nas sessões da Câmara até a entrega mensal do salário à diretoria da agremiação. Em entrevista à Alice Raillard, declarou:

Eu era um quadro do Partido que não ganhava nada, nem um centavo. Por exemplo, durante o tempo de meu mandato de deputado, fiquei endividado. Foi a única vez que fiquei devendo a um editor. Eu não ganhava nada, a ajuda de custo que me davam não cobria meus custos de transporte, e eu não recebia nada mais porque parara com todo trabalho literário. De tal forma que, no fim do meu mandato, eu tinha dívidas. Paguei tudo, claro, e desde então nunca mais fiz um centavo de dívida.

*Eu não era um dirigente do Partido, eu exercia funções de direção, mas não detinha funções para as quais tivesse sido eleito. Não era membro de comitê nenhum. Era um membro de base. A única diferença é que eu não pertencia a nenhuma célula, trabalhava diretamente ligado à alta direção do Partido (Amado apud Raillard, 1990, p. 264, grifos meus).*

Esse trabalho “diretamente ligado à alta direção do Partido” é também capaz de contextualizar a expatriação de 1941-1942 para a elaboração da biografia de Prestes, quando foi “servir à campanha que pedia pela sua anistia” (Amado apud Raillard, 1990, p. 104). A meu juízo, o alcance da relação interna de Amado com o círculo hegemônico do PCB foi mediada por seu papel como escritor com grande

<sup>107</sup> Inciso VI do 5º artigo da Constituição, cito: “VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (Brasil, 2022).

apelo popular. Daí surgiu a função do “romancista do povo” de espalhar a história de seu herói, e foi exatamente o que ele faz. Em nota à vigésima edição da obra, Amado (1980, p. 03, grifos meus) comenta:

Escrito em 1941, durante a vigência da ditadura do Estado Novo, *com o objetivo fundamental de servir à causa da anistia aos presos (e exilados) políticos, O Cavaleiro da Esperança – vida de Luiz Carlos Prestes* circulou amplamente no Brasil, mesmo antes do lançamento de sua primeira edição em língua portuguesa, através da tradução em espanhol, publicada naquele mesmo ano. Cumpriu, creio eu, o objetivo visado, concorrendo para popularizar e intensificar a campanha pela anistia naquele então apenas iniciada. [...]  
Pessoa amiga que somente agora leu este livro, achou-o ingênuo, a classificação não me desgosta. A ingenuidade não representa um mau maior; perigoso é o cinismo que vem se transformando em hábito no pensamento político no país. A condição ingênua destas páginas, escritas quando Hitler ameaçava dominar o mundo e a ditadura do Estado novo parecia inabalável, nasce então a minha obstinada crença no futuro. — J.A. Bahia, fevereiro de 1979.

Embora seja indefinida a origem da ideia por trás do autoexílio a que se sujeitou para escrever a biografia — porque Jorge mesmo dizia que fora uma iniciativa pessoal<sup>108</sup>, além de não existir registro de comprovação do mandante da decisão — ao levarmos em conta a estrutura organizativa do Partido Comunista na época, guiada pelo centralismo-democrático<sup>109</sup>, Amado, enquanto militante do Partido, não tinha poder individual para tal decisão. De acordo com o ex-militante João Falcão, em *O Partido Comunista que eu conheci – 20 anos de clandestinidade* (1988), o PCB recomendava a seus membros que lessem o livro *Fundamentos do Leninismo* (1924)<sup>110</sup>, especificamente a parte em que se é falado da disciplina partidária. No capítulo no qual o tema é tratado, registra-se:

<sup>108</sup> Ilustro: “Literatura comentada: Em 1940, você começou a publicar, em folhetins, o *ABC de Castro Alves*.

Jorge Amado: Eu não tinha nenhum livro circulando. Então comecei a escrever o *ABC de Castro Alves*, cujos primeiros capítulos saíram na revista *Diretrizes*, mas a revista foi várias vezes apreendida e a publicação do livro proibida.

LC: Por isso, você termina o livro em 1941, confia os originais à Livraria Martins Editora e se exila na Argentina?

JA: Não foi por isso. Em 41, conversando com pessoas, com gente do Partido, decidi escrever um livro sobre Prestes, já pensando em uma campanha pela anistia. Como não tinha o material necessário aqui, eu saí do Brasil” (Espinosa; Amado *apud* Gomes, 1980, p. 19).

<sup>109</sup> Doutrina disciplinar e organizativa dos partidos comunistas seguidores do marxismo-leninismo. Segundo tal doutrina, todos os militantes do partido, independentemente de célula ou cargo, possuem o direito e o dever, além do mesmo peso de voto, de manifestarem-se livremente no interior do partido. Esse é o princípio da “liberdade para criticar”. Entretanto, ao se chegar em determinada decisão em relação a um tema, todos os militantes deverão respeitar e colocar em prática essa decisão, mesmo os contrários a ela. Esse é o princípio da “unidade de ação”.

<sup>110</sup> Folheto escrito por Josef Stalin, então secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética logo após a morte de Lenin, em 1924. Posteriormente, ganhou formato de livro.

A conquista e a manutenção da ditadura do proletariado não são possíveis sem um partido forte pela sua coesão e sua disciplina de ferro. Mas não se concebe uma disciplina férrea no Partido sem unidade de vontade, sem uma completa e absoluta unidade de ação de todos os membros do Partido. Isto não significa, naturalmente, que desse modo se exclui a possibilidade de uma luta de opiniões no seio do Partido. Ao contrário, a disciplina férrea não exclui, mas pressupõe, a crítica e a luta de opiniões no seio do Partido. Com maior razão, não significa que a disciplina deva ser “cega” [...] Mas, uma vez terminada a luta de opiniões, esgotada a crítica, *tomada uma decisão, a unidade de vontade e a unidade de ação de todos os membros do Partido são uma condição indispensável, sem a qual não se podem conceber nem um partido unido nem uma disciplina férrea no Partido* (Stalin, [1924] 2018, p. 140, grifos meus).

À vista disso, portanto, mesmo supondo-se um cenário de apreensão superficial das diretrizes por parte de Amado, isto é, caso ele não se dedicasse à apreender com profundidade as orientações disciplinares a ponto de ler os documentos<sup>111</sup>, por exemplo, ainda assim, o cenário com prescrições do universo acima descrito se sobressai na formulação da hipótese que sustenta o PCB como agente do projeto da escrita — e de seu respectivo contexto — da biografia de Prestes. Isso porque existia um entorno, ou seja, nem que fosse oralmente as orientações eram levadas a conhecimento do coletivo. Dessa forma, dizer que o escritor “resolveu se autoexilar para escrever uma biografia sobre Prestes” minimiza tanto o contexto político da época — que passava pela repressão do Governo de Getúlio Vargas — quanto o peso da orientação político-partidária dessa decisão, pois, mesmo Amado tendo afirmado que partiu de si a ideia da redação da obra, a deliberação não poderia ter sido individual.

Logo, o prefixo “auto” em “autoexílio” é antes um eufemismo, tendo em vista o já citado contexto do projeto a que ele estava subordinado, o qual reitero e sintetizo: a campanha pela liberdade de Prestes e de todos os presos políticos do regime varguista, sob liderança rígida do centralismo político de um partido que não tolerava insubordinações. Anos mais tarde, o mesmo Jorge Amado declarou que o sectarismo do Partido foi uma das principais motivações para o seu afastamento. Não menos

---

<sup>111</sup> A hipótese é motivada pelas diversas declarações em que Jorge Amado afirma não ser um teórico do marxismo. Ilustro: “Literatura comentada: Coisa curiosa. Você é um escritor de esquerda. Foi militante comunista, chegou até ser deputado. E, ao falar das influências, cita romancistas, alguns poetas, mas não cita um único teórico, um único filósofo marxista. Jorge Amado: Você quer que eu te diga uma coisa? Pouco ou nada sei de teorias. Lembro-me de uma confissão de Gorki, dizendo que nunca tinha lido O Capital. Também eu não li essas brochuras sobre marxismo que nossos marxistas porretas leem... essas edições reduzidas, pequenininhas e mal traduzidas, essas compilações de O Capital. Eles leem tais coisas em muito más traduções e engravidam de ideologia de segunda mão... ficam catando regras. Eu sou muito ignorante, nunca li Marx (Espinosa; Amado, 1981, p. 14).

importante que a disciplina partidária, ainda, era a necessidade da fuga do governo de Getúlio, que não cessava a perseguição aos aliados dos preceitos comunistas.

Nas narrativas biográficas sobre Amado, não é raro depararmos com afirmações que desconsideram o período de estudo aqui focalizado como um exílio político forçado. O segundo momento de expatriação do escritor, ocorrido entre 1948 e 1952, com facilidade, é identificado como “o” exílio de sua vida. Sendo 1941 e 1942, por conseguinte, localizado com amenidade em distintas escritas de vida que o tomam como protagonista, como se diminuta fosse a urgência política de perseguição na conjuntura do Estado Novo. Ilustro:

1941 – [...] Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa campanha pela anistia. *Sai do Brasil em busca de material para o livro*. Vive entre 1941 e 1942 na Argentina e no Uruguai, pesquisando. [...]

1948 – Seu mandato de deputado é cassado pela Câmara Federal por ter sido cancelado o registro do Partido Comunista, do qual fazia parte. (8 de jan.) *Nesta época, possuir livros de Jorge Amado era altamente comprometedor*. Quando encontrados pela polícia eram apreendidos como material subversivo. *Viaja para Europa em exílio voluntário* (Rubim; Carneiro, 1992, p. 38; 43-44, grifos meus).

1941 – Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa possível campanha por sua anistia. *Viaja para o Uruguai a fim de recolher material; também faz pesquisas sobre o tema na Argentina*. Lança *ABC de Castro Alves*, que marca o início de seu contato com a Livraria Martins Editora, de São Paulo (seus últimos livros vinham saindo pela José Olympio). [...]

1948 – Com o cancelamento, em janeiro, do registro do Partido Comunista, o mandato de Jorge Amado é cassado. Sem assento na Câmara Federal e tendo seus livros considerados como “material subversivo”, o escritor, ainda no mês de janeiro, *parte sozinho para exílio voluntário em Paris* (Cadernos de Literatura Brasileira, 1997, p. 12; 14, grifos meus).

Insisto no tópico com outro exemplo a fim de endossar minha afirmação, agora com passagem sem localização de data:

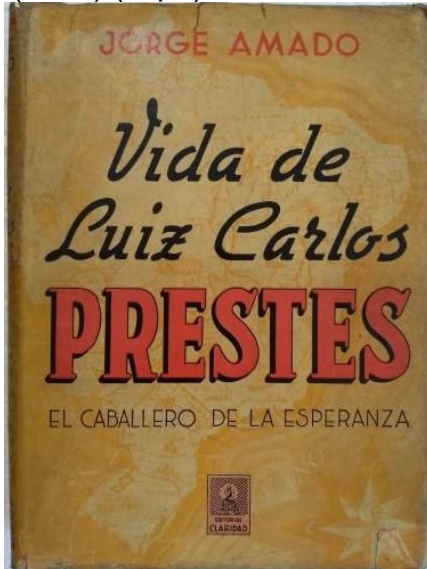
Em sua casa, no Quai des Célestins, *em seu exílio voluntário*, Jorge Amado me apresentou Alice Raillard, com quem passei, dias depois, uma agradável tarde de julho, às vésperas do bicentenário da Revolução Francesa, onde pudemos conversar sobre Jorge, Gláuber, Vinícius, Darcy Ribeiro, entre tantos que fizeram história literária em nosso país (Nery, 1990, p. 12, grifos meus).

O excerto acima é de Hermes Rodrigues Nery no ensaio de apresentação de uma das narrativas biográficas lidas neste trabalho, *Conversando com Jorge Amado*, livro-entrevista de Alice Raillard (1990). Do fragmento, destaco a ausência de data e o registro do adjunto no singular, “*em seu exílio voluntário*”, sugestionando a existência de somente um episódio dessa natureza na vida do escritor. No caso,

àqueles que pouco conhecem da biografia de Amado, na busca pela localização do episódio, caberia a conclusão de que Nery referia-se ao ano de 1948, especialmente porque a passagem é ambientada na França. Ou seja, novamente, vê-se a supressão de 1941-1942 em sua realidade de expatriação política forçada tanto em razão dos interesses do PCB quanto devido à violência dedicada à oposição do governo na época.

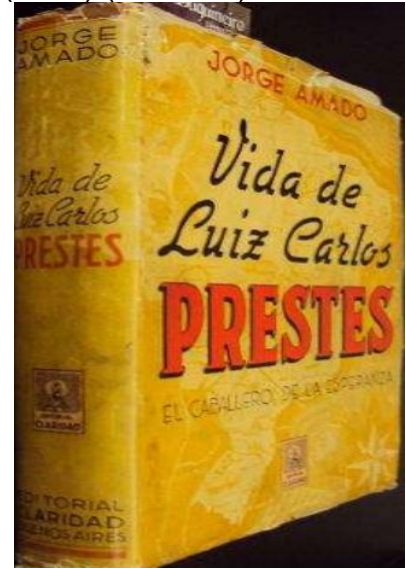
### 3.1.1 Homem de partido, escritor do Partido: em imagens

Figura 1- Primeira edição da publicação *Vida de Luiz Carlos Prestes – el Caballero de la Esperanza*, Editora Claridad (1942) (capa)



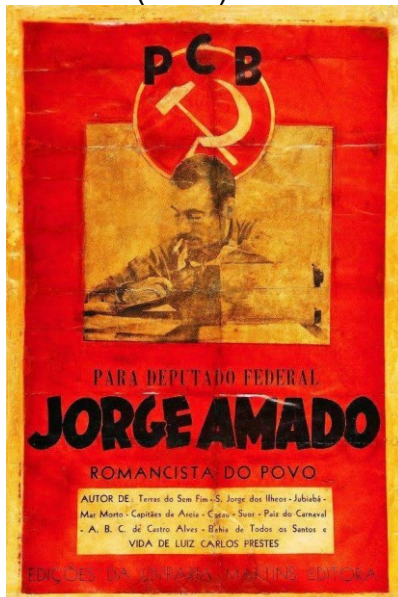
Fonte: Amado, 1942.

Figura 2- Primeira edição da publicação *Vida de Luiz Carlos Prestes – el Caballero de la Esperanza*, Editora Claridad (1942) (lombada)



Fonte: Amado, 1942.

Figura 3- Panfleto da campanha para Deputado Federal (1945)



Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, 2022.

Figura 4- Em frente, à esquerda, na Assembleia Constituinte, ao lado da bancada comunista (1946)



Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, 2022.

### 3.2 TRIUNFOS E DERROTAS DO CAVALEIRO DA ESPERANÇA: PARALELOS HISTÓRICOS

Governando o país desde 1930, a figura do então presidente Getúlio Vargas é, senão a mais, uma das mais controversas na história do Brasil. De nacionalista, habilidoso e articulado a dissimulado, ditador e fascista; atributos como esses são constantes nas descrições de seu percurso como presidente do Brasil, de 1930 a 1934<sup>112</sup>, de 1934 a 1937<sup>113</sup>, de 1937 a 1945<sup>114</sup> e, finalmente, de 1951 a 1954<sup>115</sup>. Antes de assumir o maior posto do Executivo, Vargas já havia ocupado os cargos de Deputado Estadual, Deputado Federal, Ministro da Fazenda e Governador do Rio Grande Do Sul.

Sua chegada ao Catete foi cumprida pela Junta Governativa Provisória<sup>116</sup>, que a ele entregou o poder:

Getúlio pendurou a farda, vestiu um terno, arrematou a fatiota com uma gravata escura e subiu as escadas do Palácio do Catete para tomar posse como chefe do Governo Provisório. A mudança não era só de indumentária: com sua posse, o Executivo assumia plenos poderes e passava a ter condições de promover uma radical intervenção do sistema político. O Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas Estaduais e as Assembleias Municipais foram dissolvidas, os políticos eleitos durante a Primeira República perderam seus cargos, os presidentes dos estados foram substituídos por interventores, a imprensa de oposição foi censurada — pela primeira vez, desde a Constituição de 1824, todos os postos de poder no país estavam sendo ocupados por civis e militares não eleitos (Schwarcz; Starling, 2018, p. 361).

Mesmo entre vereditos reducionistas, que polarizam a atuação de Vargas entre “herói” e “vilão”, é difícil não considerar “polêmico” o adjetivo básico de caracterização de “Getúlio Vargas”. Frente a isso, não causa espanto depararmos-nos

<sup>112</sup> Chega ao poder via Governo Provisório, instituído após o movimento denominado “Revolução de 1930”, golpe de Estado que depôs o então presidente Washington Luís.

<sup>113</sup> Eleito indiretamente pela Assembleia Nacional Constituinte, em tese, até 1938, dando início ao Governo Constitucional.

<sup>114</sup> “Autogolpe” da ditadura do Estado Novo, em 1937, sob alegação de proteger o país da tomada de poder pelos Comunistas.

<sup>115</sup> Eleito democraticamente, tomou posse em 31 de janeiro de 1951 — sucedendo Eurico Gaspar Dutra —, em um mandato que deveria se estender até 1956, mas que foi interrompido por seu suicídio, em cinco de agosto de 1954.

<sup>116</sup> Também denominada Primeira Junta Militar, foi um triunvirato governamental que assumiu a presidência entre a deposição de Washington Luís (24/10/1930) e a ascensão de Getúlio Vargas (em 03/11/1930). Os três governantes foram os generais Augusto Tasso Fragoso e João de Deus Mena Barreto e o Almirante José Isaías de Noronha.

com apreciações distintas em torno de sua figura em depoimentos de contemporâneos aos períodos de sua atuação política:

Getúlio Vargas foi um representante lídimo do que se chama caudilhismo. Ele não era um estadista, era um caudilho. [...] Ele não empregou jamais sua inteligência em benefício do país [...] o que Getúlio fez de permanente foi consolidar a corrupção dentro do país, porque em torno dele formaram todos os ladrões públicos da época. Getúlio Vargas foi nazista até o momento que percebeu que a Alemanha estava perdida [...] ele era absolutamente fascista (Duarte, s/d *apud* Revista Getúlio Vargas, p. 20).

Vargas deve ser encarado como o último grande caudilho gaúcho da história do Brasil e não como um ditador nos moldes europeus. [...] A sua vocação nacionalista vinha de longe, provavelmente das mesmas raízes que fazem dos homens os mais exaltados patriotas de qualquer comunidade. [...] E foi como que procurando preservar na história esta sua liderança nacionalista, que Getúlio Vargas nos seus tão agitados e trágicos três anos e meio de governo de retorno tomou as iniciativas mais audaciosas de sua longa carreira política [...]. Ao dar o golpe que o tornou ditador em 1937 [...], acabou por evitar que o Brasil caísse prisioneiro do fascismo em sua graduação mais sinistra (WAINER, s/d, *apud* Revista Getúlio Vargas, p. 20).

O Getúlio era absolutamente incompatível com um regime democrático. [...] Ele precisava refletir [...], o maquiavelismo dele era um maquiavelismo a prazo, não era à vista. Ele precisava de tempo para conceber os seus planos políticos (LACERDA, s/d *apud* Revista Getúlio Vargas, p. 20).

Diziam-no maquiavélico, mas seu maquiavelismo nada tinha que ver com o de *O Príncipe*; antes era temperado pela sedução e bondade, sublinhado pelo “homem cordial” que o tornou sempre acolhedor, [...] envolvente, sem deformação ou mistificação (LEITE, s/d *apud* Revista Getúlio Vargas, p. 20).

Membro do Partido Democrático, Paulo Alfeu de Junqueira Duarte foi jornalista e adversário político de Vargas a partir da “prorrogação” do Governo Provisório. Fora, antes, apoiador da Revolução de 1930 que, visando romper com as oligarquias econômicas, entretanto não com a estrutura fundiária, culminou com o empossamento do “caudilho” no poder — no recorte, com sentido pejorativo: autoritário e autocrático —. Samuel Wainer<sup>117</sup>, jornalista, adversário político no primeiro período de governo, diretor e dono do *Última Hora*, jornal pró e “por” Vargas, já que foi de interesse e apoio do “caudilho” — no recorte, como líder carismático —, que o compêndio pode ser lançado. Carlos Frederico Werneck de Lacerda, continuamente lembrado como o “pior inimigo político de Getúlio Vargas”, foi o principal articulador da campanha contra sua eleição em 1950, além de perseverante opositor em todo o mandato constitucional. Cassiano Ricardo Leite, poeta modernista,

<sup>117</sup> É válido o registro de que a escolha pelo depoimento de Samuel Wainer não é gratuita, uma vez que ele aparece nas correspondências do Acervo. Na época, dirigia a Diretrizes, representativo periódico na luta contra o regime de Vargas.



nacionalista, diretor — por convite e escolha de Vargas — do jornal *A Manhã*, órgão oficial do Estado Novo.

A polaridade discursiva em torno da imagem desse histórico “caudilho” — e aqui lanço mão da dubiedade do termo — se explica pelos posicionamentos antagônicos tomados no curso de seus governos. A começar, comprometeu-se tanto em urbanizar e industrializar as cidades quanto a impulsionar e fortalecer o Estado, pois o Brasil era essencialmente agrário-exportador quando assumiu a presidência. Oriundas desse compromisso são a Companhia Siderúrgica Nacional e a Vale do Rio Doce, posteriormente privatizadas em 1990, aquela por Fernando Collor de Mello e esta por Fernando Henrique Cardoso.

Embora importantes para o desenvolvimento do país, não foram estes os maiores marcos da política getulista. Particularmente, o âmbito trabalhista teve papel preponderante e antagônico na sua atuação, porque no primeiro período de governo já inaugurava o salário mínimo, regulamentava a Justiça do Trabalho e, por volta de dois anos antes de ser deposto (1943), sancionava a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Associadas à promoção e à manutenção de sua imagem como “protetor” da classe trabalhadora, a qual foi garantida pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), essas medidas estabeleceram um ambiente de culto à personalidade do governante que passou a receber o predicativo de “o pai dos pobres”. Paralelamente a esse cenário, por outro lado, o regime varguista empenhava-se a reprimir os militantes do PCB, em específico, após o apoio de Luiz Carlos Prestes ao Levante de 1935; manifestação que serviu de pretexto tanto para as perseguições às atividades do Partido quanto para o fomento do medo “ao credo vermelho” pela população. Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2018, p. 362) comentam sobre essas questões:

Um assunto dominava a atenção de Getúlio: a política trabalhista. Foi nessa área que ele mostrou quem era e a que viera. Dividiu sua política em duas metades. Numa, criou as leis de proteção ao trabalhador — jornada de oito horas, regulação do trabalho da mulher e do menor, lei de férias, instituição da carteira de trabalho e direito a pensões e à aposentadoria. Na outra, reprimiu qualquer esforço de organização dos trabalhadores fora do controle do estado — Sufocou, com particular violência, a atuação dos comunistas. Para completar, liquidou com sindicalismo autônomo, enquadrando os sindicatos como órgãos de colaboração com o Estado e excluiu o acesso dos trabalhadores rurais aos benefícios da legislação protetora do trabalho.

Ou seja, coube ao contexto de produção do que posteriormente foi denominado “Acervo Mala de Jorge Amado” a prática da segunda metade da política

getulista. Especialmente porque foram os acontecimentos motivados pela perseguição ao PCB e a seus membros/simpatizantes que orientaram o exílio forçado de Jorge Amado para os vizinhos latinoamericanos em 1941-1942 a mando do Partido. Além disso, pessoalmente, “Jorge Amado” era um nome visado: foi preso em 1936 e depois em 1937. Além das prisões, também em 1937, 1694 exemplares de seus romances foram queimados em praça pública: “Incinerados vários livros considerados propagandistas do credo vermelho”, anunciava a manchete do Jornal do Estado da Bahia, de 17 de dezembro (ver Figura 5). Arderam em frente à Escola de Aprendizes de Marinheiros de Salvador títulos como *Capitães da areia*, *Mar morto*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá* e *O país do Carnaval*.

A primeira prisão, no Rio de Janeiro, foi devido à acusação na participação do Levante de 1935 — movimento pejorativamente denominado “Intentona Comunista” em alusão à intenção malsucedida de deposição do governo vigente, algo entendido a nível de “intento insensato”, “tentativa louca” — liderado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), com o apoio do Partido Comunista. A insurreição, enquanto movimento revolucionário de caráter nacionalista, antilatifundiário e anti-imperialista, visava conter o avanço do fascismo — materializado nacionalmente pela Ação Integralista Brasileira (AIB)<sup>118</sup> — e a derrubada de Vargas para a instauração de um governo popular.

Fazendo jus à acusação que posteriormente motivou sua prisão, Jorge Amado efetivamente integrou o movimento; em entrevista a Antônio Roberto Espinosa (1981.p. 05) — a serviço da publicação *Jorge Amado: Literatura comentada* — e, posteriormente, a Raillard (1990, p. 101), por exemplo, lembrou o tempo em que atuou junto à ANL, período coincidente com a militância na Juventude e a formação no curso de Direito<sup>119</sup>. Sobre o episódio, declarou a ambos os entrevistadores, respectivamente:

Eu tive uma militância grande na Aliança Nacional Libertadora... O Congresso Juvenil Proletário-Estudantil... não me lembro mais o nome, de 34, foi

<sup>118</sup> A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi o partido do que ficou conhecido como “integralismo”: doutrina que se fundamentava em valores morais, religiosos, e em um ideal nacionalista, sintetizado no seu próprio lema, “Deus, Pátria e Família” (Barbosa, 2016). Teve como líder o escritor Plínio Salgado. Na década de 30 houve uma série de confrontos físicos entre seus militantes e os comunistas (tanto da Juventude quanto do Partido).

<sup>119</sup> “Forma-se em Direito [1935], mas nunca exerceu a profissão; sequer foi buscar o diploma.” (RUBIM; Carneiro, 1992, p. 35).

convocado com três assinaturas: a minha, a do Carlos Lacerda, e a de um rapaz cujo nome não recordo, que era secretário da Juventude Comunista.<sup>120</sup>

Particpei da Aliança, das reuniões, das manifestações, e de tudo o que era da Aliança [...] Formávamos um grupo de jovens intelectuais com uma participação muito ativa no movimento.<sup>121</sup>

O Levante surgiu pela mobilização das camadas proletárias da sociedade, ainda em ânimo pelo marco da Coluna Preses. Por conta da fama da alcunha de “Cavaleiro da Esperança”, Prestes foi condecorado como presidente de honra da ANL e cumpriu papel fundamental nas atividades aglutinadoras da Aliança, que visaram reunir cada vez mais os setores populares contra as manifestações do fascismo em solo brasileiro e a derrubada do governo vigente sob o lema “Pão, terra e liberdade” e “Todo poder a ANL”. Em *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes* ([1945]1980)<sup>122</sup>, Jorge Amado afirma que

Sem a Coluna não seria possível a Aliança Nacional Libertadora em 35. Sem a Coluna Prestes teria participado do levante de 30 e talvez fosse hoje apenas um general do exército. A Coluna dá-lhe visão exata do drama do Brasil. A ele, a seus soldados e ao Brasil todo. [...] Já em 30, A Aliança Liberal apresenta reivindicações concretas ao país, resultantes da experiência da Coluna. (Amado, 1980, p. 97).

Para a historiadora Anita Leocádia Prestes (2011, p. 22):

A ANL transformou-se numa grande frente formada tanto através de adesões individuais de destacadas personalidades da cultura, da ciência e da política, quanto de organizações populares, sindicais, femininas, juvenis, estudantis, democráticas, etc. Sua composição estava marcada pela presença de setores das camadas médias urbanas, de segmentos do movimento operário e de jovens militares, oriundos em grande parte das lutas tenentistas dos anos de 1920.

Dentre as “lutas tenentistas dos anos de 1920” a que a autora faz referência, o levante de maior repercussão foi o da Coluna Prestes/Miguel Costa (ver Figura 7), cujo objetivo inicial visava a derrubada armada do governo oligárquico de Arthur Bernardes. A Coluna ganhou notoriedade ao marchar, entre 1925 a 1927, por cerca de 25 mil quilômetros pelo interior do Brasil, testemunhando a miséria em que vivia a

<sup>120</sup> O questionamento que motivou a resposta do entrevistando foi “Você atribuiu sua prisão a seus livros?” (Espinosa *apud* Gomes, 1980, p. 17).

<sup>121</sup> O excerto por mim citado é uma pequena fração da resposta à pergunta feita pela entrevistadora, a saber: “O ano de 1935 foi marcado por um indicador duplo, tanto literário quanto político: é o ano da publicação de *Jubiabá* — uma época de muita força em sua obra, uma espécie de ‘salto qualitativo’ —, e é um momento político intenso no Brasil, com a Aliança Nacional Libertadora, da qual você participou. Uma conjugação singular...”. (Raillard, 1990, p.101).

<sup>122</sup> Essa foi a data de publicação da primeira tradução da obra para o Brasil (1945). Como se vê, no país, o título saiu com o registro igual ao da certidão de nascimento de Prestes: “Luís”, com “s”.

população e combatendo as tropas de Bernardes. Sobre o movimento, Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2018, p. 348) comentam:

[...] Se o motivo imediato era derrubar o governo do presidente Artur Bernardes, outras demandas tinham fôlego maior. Seus membros exigiam voto secreto, a reforma do ensino público, a obrigatoriedade do ensino primário e a moralização da política. Denunciavam, também, as miseráveis condições de vida e a exploração dos setores mais pobres. A Coluna era fruto da união do grupo de tenentes paulista (vinculados a Miguel Costa) com os militares sublevados no Rio Grande do Sul e comandados por Luís Carlos Prestes. Este último logo se converteria em símbolo do espírito por mudança que animava os tenentes, ganharia a admiração dos setores médios urbanos e se converteria no Cavaleiro da Esperança, tendo a Coluna suas fileiras engrossadas pela entrada de voluntários vindos de diferentes pontos do país. Percorreriam no espaço de dois anos e cinco meses 25 mil quilômetros, atravessando doze estados brasileiros; contavam com um núcleo fixo de cerca de duzentos homens, o qual, no entanto, chegou a alcançar um contingente de 1500 participantes em certos momentos da caminhada.

Há que se falar, ainda, da recepção ambígua do movimento. Se, por um lado, a passagem despertou apoio popular e solidariedade às pautas levantadas, por outro, o ódio, o medo e a fuga também coexistiram. Há depoimentos históricos oriundos dos mais diversos prismas do discurso. O coronelismo, por óbvio, apoiador do governo de Arthur Bernardes, colocava-se expressamente contrário à Coluna; havia também constante propaganda pejorativa da mídia, como a do governista *O País*. Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2018, p. 348) avaliam a passagem dúbia do movimento pelo interior do Brasil:

Nas cidades visitadas pela Coluna, a reação era ambígua. Se alguns saudavam os tenentes e os viam como salvadores, outros reagiam a eles e às práticas arbitrárias que realizavam: arrebanhavam cavalos e gado sem o consentimento das populações; ordenavam o confisco de remédios, ataduras e alimentos em povoados e pequenas cidades.

Cito a investigação do historiador Gildásio Alves dos Santos (2009), que recuperou depoimentos de residentes antigos da região do município de Condeúba, Nordeste — local onde mora e por onde passou a Coluna — a fim de elucidar a discussão em torno da complexidade de debater esse recorte histórico; no sentido de não reduzir sua leitura a simples interpretação maniqueísta. A lembrança da passagem da Coluna como um grupo que cometia saques, delitos e era violento aparece nos depoimentos de Laurinda Maria de Carvalho, então com 83 anos, e de Maria Andrade, com 77 anos na época da entrevista:

A revolta veio e quebrou as portas da casa do meu pai. Foi muito sentimento pra nós, mas passou larga para lá [...] Roubaram requieirão. Não tinha nem

um cachorro para comer as cascas, pois a tirambada acabou com tudo. Foi um tempo feio. Ave Maria! [...] Eles matavam criação para as mangas e trazia para rancharia. Fazia aquela danura. Soube que matava gente e quando não matava judiava. Pediram um para mostrar os animais de um amigo e ele não quis ir. Pegaram esse velho e botaram num cabo de burro que eles estavam montando. O velho foi obrigado a mostrar para não morrer. Eles ficaram muito tempo rondando pela região e a gente tinha muito medo (Carvalho *apud* Santos, 2009, p. 08).

Eu me lembro que quando nós soubemos que vinha esses revoltos para cá, naquela época a gente saía tudo de carro de boi para se esconder no mato. Eu me lembro que era pequena e a gente saiu e foi esconder aqui perto no Riacho Seco. Nós ficamos escondidos numa casinha no mato e só depois que terminou todo este movimento da revolta é que voltou. [...] todos fugiram da cidade (Andrade *apud* Santos, 2009, p. 08).

Há nos depoimentos dos moradores João da Cruz e Remígio e José da Silva, com 85 e 78 anos na ocasião da entrevista, respectivamente, visão favorável à passagem da Coluna:

O meu tio João da Silva Torres, que começou a vida como intendente de Condeúba tinha um comércio, uma loja. Quando ele fugiu fez um apelo aos revolucionários. Isso foi as palavras do meu tio para mim: Senhores revolucionários, sou um homem pobre, negócio com dinheiro a juros. Peça aos senhores que retirem d'aqui o necessário para o seu uso pessoal. Após, fechar a minha casa. E foi atendido pelos revolucionários. Depois que os revolucionários saíram, eu vim com meu pai, que era intendente ver a cidade como estava. Eles pegaram mercadorias das casas comerciais e puseram lá no paço municipal, naquela sala onde funcionava a Câmara de Vereadores. [...] então eu vi com meus olhos que a terra há de comer se eu não morrer afogado, a latinha de esmalte e escova de dente que eles escreveram aquela frase. [...] Compunha os revolucionários, o general Távora, o Carlos Prestes e muitos outros, mas eu não sei o nome. Os soldados da polícia que vieram depois fizeram mais bagunça que os revoltosos. Isso eu ainda era criança, então não procurei saber o motivo (Silva *apud* Santos, 2009, p. 07-08).

Quem era do exército não fazia bagunça não, não matava ninguém [...]. Aqueles que faziam as coisas ruins era gente que entrava no bando, mas o exército que era Luiz Carlos Prestes, a parte do exército que revoltou, não. A minoria não pode vencer a maioria. Lá no Paço Municipal está escrito os dizeres que um general escreveu (Silva *apud* Santos, 2009, p. 08).

Inequivocamente, as narrativas dos moradores de Condeúba ilustram a máxima do registro da memória como um espaço de disputa circunscrito às posições que cada sujeito ocupava no mundo no recorte de tempo em questão. Destacam-se, assim, tais narrativas como fatores de coesão e de demarcação de vivências; como discurso, atuam e influenciam o comportamento social. À pesquisa, coube/cabe a leitura do evento histórico levando em conta os fenômenos dessa conjuntura como partícipes de uma construção maior, que perde ao ser reduzida ao olhar maniqueísta.

Por fim, quanto à Coluna, esta é dissolvida por iniciativa de Prestes após amadurecimento teórico, pois este passou a crer que, embora ela representasse algo

importante, uma nova tática de luta se fazia necessária. Isto é, o já denominado *Cavaleiro da Esperança* entendeu que para solucionar os problemas sociais candentes da época não bastava a troca de lideranças no poder, havia a necessidade de ir além da “política burguesa”, além da propriedade privada. Era necessário a instauração de um novo domínio: o poder dos trabalhadores<sup>123</sup>. À época em exílio na Argentina, Uruguai e União Soviética (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS), por meio de militantes do PCB como Astrojildo Pereira, Prestes teve acesso à literatura marxista e pode observar a realidade brasileira a partir de novas lentes revolucionárias. Desse ponto, em 1934 — transcorridos dois anos da adesão de Jorge Amado à JC — decorre a entrada desse que se tornaria o maior ícone comunista da América do Sul; após, portanto, doze anos de existência do Partido no país.

As origens do PCB coincidem com as influências pelas quais o movimento operário estava em contato no período, sendo elas tanto nacional quanto internacional. Astrojildo Pereira (1952), jornalista, ex-anarquista e um dos fundadores do “Partidão”, afirma que, à época, o fenômeno nacional caracterizava-se pelas lutas operárias que marcaram o país, especialmente entre 1917 e 1920. Essas lutas ocorreram por meio de grandes greves das classes populares — que almejavam melhores condições de vida e de trabalho — conduzidas pela então vanguarda anarquista. Em relação ao fenômeno internacional, despontava a Revolução de Outubro, movimento proletário ocorrido em outubro de 1917, na Rússia. Para Astrojildo (1952), o anarquismo encontrava-se como vanguarda do movimento operário por conta da debilidade teórico-prática da militância socialista e comunista em solo brasileiro; assim, emergia a percepção da incapacidade do anarquismo de conduzir um grande movimento de massa para vitória do proletariado (Pereira, 1952).

Em contraposição ao anarquismo, o bolchevismo<sup>124</sup> ganhava mais apreço nas cenas de esquerda no Brasil e diversos militantes, da então corrente anarquista,

---

<sup>123</sup> Para acessar o documento escrito por Prestes em 1930, no qual rompe com o tenentismo, ler o Manifesto de Maio. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/prestes/1930/05/manifesto.htm>

<sup>124</sup> Ala revolucionária do extinto Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR). Em 1903, no Segundo Congresso do POSDR, houve um racha no interior do partido. Os que defendiam a queda do Tsar pela via pacífica passaram a denominarem-se “menchevique”, que significa minoria, enquanto os que defendiam a queda do Tsarismo pela via revolucionária ficaram conhecidos como “bolcheviques”, que significa maioria. (Carr, 1966). Isso perdurou dentro do POSDR até 1917 quando o Tsar é derrubado pela Revolução de Março e o Governo Provisório, liderado por Karenski, é instaurado. Enquanto os mencheviques defendiam uma coalização com o Governo Provisório, os bolcheviques defendiam a queda de Karenski e a política de “Paz, Pão e Terra”, sendo: a “paz” pela retirada da Rússia da Primeira Guerra Mundial; o “pão” pela erradicação da fome entre os setores populares russos — que compunham a esmagadora maioria da população — e a “terra” pela instauração da reforma

desiludiram-se com esta linha e migraram para aquela. É nesse contexto, de luta de classes nacional e internacional, que o partido é construído: entre 25 e 27 de março de 1922, em Niterói, nove delegados representando um pequeno número de militantes a nível nacional fundam, então, o Partido Comunista do Brasil.

Na criação, a agremiação não reunia sequer 500 membros, os quais apenas conhecidos entre si e pela polícia, costumava dizer Astrojildo (*apud* Viana, 2015, p. 01). Desde a origem, o embate com a força policial existiu, ganhando maior força, como é de se esperar, nos períodos de governos autoritários. No contexto em foco, particularmente após o movimento de 1935, tudo ficou mais voraz no cenário político e o PCB foi posto na ilegalidade. Militantes e simpatizantes da ideologia marxista-leninista eram perseguidos, presos, torturados ou mortos. Não só Amado, como já citado, mas inúmeros militantes progressistas e intelectuais eram continuamente encarcerados em 1936. Também para recuperar os desdobramentos desse recorte temporal, mencionado no início deste capítulo, reitero a informação relativa à prisão política de Prestes e Olga Benário: Luís estava isolado no Rio de Janeiro ao passo que Olga fora deportada para a Alemanha nazista sob alegação de ser uma ameaça à segurança nacional do país.

Na ocasião, grávida de Anita Leocádia Prestes, sua filha com Luís Carlos Prestes, Olga sofreu as consequências da publicação de um decreto de Vargas, no qual se estipulava a suspensão de medidas protecionistas e direitos antes assegurados aos brasileiros e estrangeiros. Assim, ela teve o *Habeas corpus* negado pela Corte Suprema dos Estados Unidos do Brasil (hoje Supremo Tribunal Federal) e conseqüentemente uma terrível passagem de volta à Alemanha onde, em 27 de novembro de 1936, pariu Anita Leocádia Prestes em um presídio feminino do Campo de Concentração de Barnimstrasse.

Da gravidez de Olga ao nascimento de Anita, Luís Carlos esperou cerca de nove anos para conhecer a filha, pois somente em 1945 foi liberto devido à anistia decretada aos presos políticos do regime do Estado Novo; mesmo diante da pressão internacional por sua libertação, que reconhecia sua importância nacional, seu papel de protagonista enquanto líder da Coluna, e agitador e aglutinador político de massas. Foram Leocádia Prestes, a mãe, e Lygia Prestes, a irmã, as precursoras da campanha

---

agrária, que confiscaria terras dos latifundiários e da Igreja Ortodoxa e a distribuiria aos camponeses. Após 1917, entretanto, o termo “bolchevique” ganhou outra direção e passou a ser utilizado para fazer referência ao Governo Russo (Carr, 1981).

pela anistia, ação que ganhou fama e repercutiu mundialmente. Da América do Norte à Ásia, da Europa à América Latina, a liberdade de Prestes e dos demais presos políticos era demandada. No plano de fundo europeu, uma conjuntura violenta se fortalecia: a Guerra Sino-Japonesa, declarada formalmente em julho de 1937 após a perpetuação da invasão imperialista japonesa contra a Manchúria, em setembro de 1931 (Vaz-Pinto, 2015). O nível de intensidade desse conflito forçou o Partido Nacionalista — o Kuomintang, chefiado por Chiang Kai-shek — e o Partido Comunista — liderado por Mao Zedong (1937) — a se unirem em 1936 na “frente única nacional antijaponesa” (Tsetung, 1937), como a denominava o Partido Comunista da China.

Em setembro de 1938, o Acordo de Munique, que concebeu a Checoslováquia de “brinde” a Hitler, era sancionado entre a Itália, a Alemanha, a França e o Reino Unido (Martens, 2009). Em abril de 1939, o General Francisco Franco, liderando os nacionalistas na luta contra os republicanos durante a Guerra Civil Espanhola, sai vitorioso do conflito e assume o poder na Espanha, dando início ao período ditatorial conhecido como franquismo (Fins, 2015). Em agosto de 1939, o Pacto Ribbentrop-Molotov — tratado de não-agressão entre a URSS e a Alemanha — é selado em Moscou após diversas tentativas da União Soviética de buscar formar uma aliança antifascista com o Ocidente (Estados Unidos, França e Inglaterra), tendo este recusado todas (MARTENS, 2009). Ainda em 1939, em setembro, a Alemanha invade a Polônia dando início à Segunda Guerra Mundial, a qual perdurou até 1945.

No contexto de fervilha do Brasil, Getúlio precisava de sustentação para seu projeto de repressão, considerando que as eleições presidenciais estavam previstas para 1938<sup>125</sup>. Assim, junto ao Exército, forjou um documento que supostamente continha o plano dos comunistas, atribuído ao *Komintern* — denominação russa à Internacional Comunista —, para tomada de poder no Brasil: denominava-se “Plano Cohen”, fora anunciado pelo general Góis Monteiro em 30 de setembro do ano de 1937, em uma comunicação de rádio no programa Hora do Brasil<sup>126</sup>. A partir disso, Vargas levou a cabo um “autogolpe” sob pretexto de proteger o país da “ameaça

---

<sup>125</sup> O Governo Vargas desrespeitou o 3º parágrafo do artigo 1º das “Disposições Transitórias” da Constituição da República, de 1934, que previa a eleição presidencial para o ano de 1938: “§ 3º – O Presidente eleito prestará compromisso perante a Assembleia, dentro de quinze dias da eleição e exercerá o mandato até 3 de maio de 1938.” (Brasil, 1934).

<sup>126</sup> Em 1945, o próprio Góis Monteiro desmentiu a notícia, revelando que a descoberta do plano foi uma manobra para justificar a instauração do golpe de 1937.



comunista”: solicitou ao Congresso Nacional a decretação do Estado de Guerra<sup>127</sup> e fez uso dos poderes legais dessa condição iniciando uma obstinada perseguição àqueles que se opunham a seu Governo; no dia 10 de novembro estava instaurada a ditadura do Estado Novo. Sobre o episódio, em *O Cavaleiro da Esperança*, Jorge Amado (1980, p. 317-318) afirma que

A preparação do golpe de 10 de novembro começou em 1935, quando o governo criou para a palavra “comunismo” a mais ampla acepção. Comunista era todo aquele, democrata, liberal ou socialista, homem de esquerda ou homem de centro, que se opunha aos desmandos do poder. Nas prisões abarrotadas estava gente de toda cor política. Agora não eram somente os aliancistas e os revolucionários de novembro que sofriam torturas nos cárceres. Os opositoristas de todos os matizes eram englobados dentro da mesma definição: comunistas.

Na ocasião do 10 de novembro, com apoio militar e popular, Getúlio e seu conchavo asseguraram a derrubada da Constituição sob a proteção do Estado de Guerra para gerir esse Governo que durou de 1937 a 1945 e no qual, como dito, greves e manifestações políticas foram proibidas e brutalmente esmagadas. Também no período foram cancelados os votos de analfabetos, dos militares em serviço ativo, das pessoas em situação de rua, dentre outras medidas, como a do artigo 177, a partir do qual o Estado poderia encarcerar qualquer civil ou militar em nome da “ordem social” (Falcão, 1988, p. 31). Conseqüentemente, a repressão aos militantes comunistas elevou-se a um grau nunca antes vistos. Perseguições, prisões, torturas, assassinatos, depredação de sedes e imprensas do Partido eram comumente praticadas. Jorge Amado comentou sobre tais práticas em algumas entrevistas, dentre as quais reproduzo duas:

[...] começou um período de reação só comparável com as coisas de 64 em matéria de torturas, prisões. Os anos de 39, 40 e 41 foram terríveis... a gente aguentou uma barra pesada”. (Amado *apud* Gomes, 1980, p. 18).<sup>128</sup>

Getúlio Vargas criou uma legislação trabalhista que representou um progresso importante, depois tirou partido da popularidade que adquirira [...].

<sup>127</sup> “Situação em que uma nação, com ou sem declaração de guerra, inicia hostilidades contra outra suspendendo internamente todas as garantias constitucionais consideradas direta ou indiretamente prejudiciais à segurança nacional. Prevista em todas as constituições brasileiras, em 1935 essa situação foi equiparada, através da Emenda Constitucional nº 1, à ‘comoção intestina grave, com finalidades subversivas das instituições políticas e sociais’. Com essas características foi decretado o estado de guerra no país nos anos 1936-1937. Instaurado pelo Decreto nº 702, de 21 de março de 1936, com vigência inicial de 90 dias, prorrogado entretanto até meados de junho de 1937, o estado de guerra voltou a ser implantado em 2 de outubro de 1937, pelo Decreto nº 2.005, vigorando até 10 de novembro do mesmo ano, quando foi decretado o Estado Novo” (Fundação Getúlio Vargas – FGV, 2022).

<sup>128</sup> A pergunta do entrevistador foi: “Solto em 1938, você vai para Sergipe?” (Espinosa *apud* Gomes, 1980, p. 18).

Em dado momento, tirou partido disto para se tornar ditador, assumir o tom durante oito anos, instaurar a ditadura do Estado Novo (Amado *apud* Raillard, 1990, p. 71).<sup>129</sup>

A partir dos excertos, pode-se ter uma ideia das práticas as quais os opositores políticos do Governo eram sujeitados. Frente à continuidade de tais acontecimentos, somados à tensão contínua vigente, Amado entende a emergência de deixar o Brasil para conseguir ter êxito no projeto de escrever a biografia. Alice Raillard o questiona a respeito da obrigatoriedade do ato do exílio em 1941<sup>130</sup>, ao que Amado responde:

*Fui expressamente obrigado. As dificuldades, eram grandes, a situação se agravava muito em 39. Em 39, Vargas fizera uma série de discursos em Minas Gerais, onde tomou posição, colocando o Brasil praticamente ao lado do Eixo, das forças nazifascistas. Desde então a repressão foi muito forte, muito violenta, foi um momento em que o PC foi praticamente aniquilado, houve torturas e prisões em massa. Nos 39-40, eu era preso sem cessar — a todo momento, fosse pelo 7 de setembro, pelo 1º de maio, em todas estas datas eram detidas quantidades enormes de pessoas a fim de garantir a ordem. E em 41, diante da decisão de escrever um livro sobre Prestes e da impossibilidade de fazê-lo no Brasil, fui para a Argentina, onde fiquei, sem passaporte. Deixei o Brasil sem quaisquer papéis, atravessei a fronteira e ali fiquei. Eu sequer tinha uma identidade. E lá, assim que cheguei, comecei a atuar politicamente; aliás, para mim era impossível retornar ao Brasil. Lá, eu escrevi (Amado *apud* Raillard, 1990, p. 125, grifos meus).*

É neste contexto que o escritor parte para o exílio para fugir da repressão e, reitero, escrever a biografia que em português saiu como *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes* (ver Figura 6), pela Livraria Martins Editora apenas em 1945, cerca de três anos, portanto, após o lançamento pela Claridad, na Argentina. Almeida (1979) também comenta a emergência do exílio para a redação da biografia, bem como o atravessamento do Estado Novo na produção e veiculação da obra de Amado à época:

Com relação à ingerência do Estado, ao acompanharmos o percurso literário de Amado no transcorrer da última metade dos anos 30 e da primeira dos anos 40 registramos inúmeras sanções emanadas do campo de poder se abatendo sobre ele e inúmeros outros produtores intelectuais. Desde sanções relativas às possíveis atividades do escritor, como a proibição velada de ocupar cargos públicos, até restrições várias à circulação de seus trabalhos: queima de livros (*Capitães da areia, Mar morto, Cacaú, Suor, Jubiabá, O país do Carnaval*) em praça pública, impedindo de seus livros (*ABC de Castro Alves*) serem expostos em vitrines de livrarias ou mesmo impedindo de serem

<sup>129</sup> A pergunta da entrevistadora foi: “O problema que eu sempre me coloquei é como eram articulados o regionalismo e o nacionalismo que me parecem acompanhar a Revolução de 1930. Sinto que a questão do nacionalismo é uma questão primordial destes anos 30, do ‘getulismo’ – a coisa mais complicada do mundo de se entender, assim como o peronismo!” (Raillard, 1990, p. 69).

<sup>130</sup> A pergunta feita por ela foi: “Em 1941 Você foi obrigado a deixar o Brasil?” (Raillard, 1990, p. 125).

editados e colocados no circuito comercial, obrigando inclusive a que pelo menos uma primeira edição (*Vida de Luís Carlos Prestes*) tenha sido publicado em outro país, sendo só mais tarde aqui reeditado (Almeida, 1979, p. 148).

Antes da tardia reedição brasileira de *O Cavaleiro da Esperança* (1945), o escritor retorna ao Brasil. Muito antes, aliás. Cerca de três meses após a publicação da edição espanhola da biografia, uma notícia motivou a mobilização de Jorge Amado e demais exilados a retornarem ao Brasil: em 22 de agosto de 1942 o governo brasileiro entrava em “estado de beligerência”<sup>131</sup> e declarava apoio aos Aliados (União Soviética, Reino Unido e Estados Unidos); decisão resultante do torpedeamento a cinco embarcações brasileiras pelos países do Eixo (Alemanha, Japão e Itália). Acerca desse episódio, registra o episódio no seu memorialístico *Navegação de cabotagem* (2006):

Vou visitar Júlio de Mesquita Filho para comunicar-lhe a decisão tomada na reunião de Montevideu pelos exilados comunistas, ratificada na véspera em Buenos Aires: dado que o Brasil declarou guerra ao eixo nazifascistas, colocou-se ao lado das Nações Unidas, nosso lugar, nosso posto de combates é na pátria, o tempo do exílio terminou, a nova tarefa é ajudar o governo no esforço de guerra. Recito meu relambório com convicção e jactância, Julinho Mesquita, ouve-me com boa educação e ceticismo:  
— Vocês vão se entregar à polícia? É demais (Amado, 2006, p. 53).

Desembarcou em Porto Alegre já à procura de Cordeiro de Farias, na ocasião interventor do Estado no Rio Grande do Sul, em missão determinada por Rodolfo Ghioldi, dirigente do PC Argentino: Amado deveria recorrer à influência de Farias para romper o isolamento de Prestes em Ilha Grande. No episódio, Ghioldi apostou tanto no prestígio do escritor quanto no ego de Farias, um dos comandantes da Coluna Prestes que recebeu menção elogiosa na biografia em questão, sendo descrito como um dos heroicos membros da marcha de 1925-1927. Farias efetivamente recebeu o escritor e militante do Partidão, ouviu o recado, reiterou sua simpatia pelo líder da Coluna (mesmo após ter rompido com o PC), mas, embora tenha se comprometido a tentar, não podia garantir o feito, o problema era Dutra, Filinto e Góes Monteiro<sup>132</sup>.

Na despedida, diz a Jorge Amado (2006, p. 298): “Vá ficando por aqui, mas se receber ordens do Rio não terei outro jeito senão mandar lhe prender [...]”. De fato,

<sup>131</sup> “Disposição de uma nação em estado de guerra com outra. Direito de declarar e promover guerra com o uso de tropas e armas, observados os princípios das leis internacionais. Opõe-se a neutralidade” (Vademecum, 2022).

<sup>132</sup> Eurico Dutra foi ministro da Guerra. Junto com o general Góis Monteiro, apoiou Vargas na instauração do Estado Novo. Filinto Müller foi o responsável por enviar Olga Benário para um campo de concentração nazista na Alemanha, onde foi executada em 1942.

dias depois, o escritor partia da capital gaúcha em um trem, escoltado por um policial, rumo ao Rio de Janeiro, onde ficou preso na Casa de Correção. Todavia, foi pego sem nenhum material que o compromettesse e, cerca de três meses depois, acabou sendo posto em liberdade, sob a condição de fixar residência obrigatória em Salvador e se apresentar semanalmente à Delegacia de Ordem Política e Social.

Muito provavelmente, caso Jorge Amado tivesse embarcado para Porto Alegre, nas vésperas da missão com Farias, com aquilo que recolheu e produziu enquanto esteve exilado em Montevideu e Buenos Aires — reportagens, fotografias, contratos editoriais, textos literários em prosa e em versos, correspondências trocadas com militantes do PC e da ANL etc. —, mais precisamente 1.543 páginas de documentos, a história teria sido outra. Para o estudo desse material que hoje constitui o Acervo Mala de Jorge Amado distintos recortes, de distintas pesquisas, têm sido feitos, mas, foi somente em 2015, na ocasião de pesquisa acadêmica, que o “lampejo” (Benjamin, 2005) dessa imagem biográfica foi visto. Recorro à metáfora, nesse caso, como referência à Tese V, de *Sobre o conceito da História*, na qual se lê:

A verdadeira imagem do passado passa célere e furtiva. É somente como imagem que lampeja justamente no instante de sua recognoscibilidade, para nunca mais ser vista, que o passado tem de ser capturado. “A verdade não nos escapará” – essa frase de Gottfried Keller indica, na imagem que o Historicismo faz da história, exatamente o ponto em que ela é batida em brecha pelo materialismo histórico. Pois é uma imagem irrestituível do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se reconhece como nela visado. (Benjamin *apud* Löwy, 2005, p. 62).

Quer dizer, “verdadeira imagem do passado” porque incide sobre o presente de forma a operar como um procedimento crítico e, por isso, nunca recuperável porque não estática<sup>133</sup>. Dessa forma, afirma-se a impossibilidade da apreensão da verdade pretendida pelo historicismo<sup>134</sup>. Em outras palavras, o que Benjamin (2016) faz

---

<sup>133</sup> Segundo Löwy (2005, p. 62), podemos compreender melhor as implicações políticas dessas relações motivadas por essa(s) imagem(s) se retomarmos algumas variantes das teses, pois, conforme aponta, essa conexão com o passado “[...] é explicitada em uma das nossas notas preparatórias da tese: ‘Esse conceito [do presente] cria entre a escrita da história e a política uma conexão, idêntica àquela, teológica, entre a lembrança e a redenção. Esse presente se traduz em imagens que podem ser chamadas de dialéticas. Elas representam uma intervenção salvadora (rettenden Einfall) da humanidade.’ (GS I, 3, p.1248). Reencontramos a ideia paradoxal — mas essencial à atitude intelectual de Benjamin — de uma espécie de identidade entre certos conceitos teológicos e seus equivalentes profanos, revolucionários. Por outro lado, não convém perder de vista que a ‘intervenção salvadora’ tem por objeto tanto o passado quanto o presente: história e política, lembrança e redenção são inseparáveis.”

<sup>134</sup> “O Historicismo culmina, como tinha de ser, na história universal. [...] O seu método é aditivo: oferece a massa dos fatos acumulados para preencher o tempo vazio e homogêneo. A historiografia materialista, por seu lado, assenta sobre um princípio construtivo. Do pensar faz parte não apenas o movimento dos pensamentos, mas também a sua paragem. Quando o pensar se suspende

chamar atenção passa pela oposição à noção da história como um processo linear e contínuo de evolução, no qual aquele que se estabeleceu como “vencedor” deve ser tomado como símbolo absoluto de desenvolvimento, avanço. Isto é, o que está posto é a problematização da noção de história universal, fornecendo aparatos para se fazer ver que “Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo ‘tal como ele foi’. Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo” (Benjamin, 2016, p. 11).

Assim, sob essa perspectiva, o “lampejo biográfico” que se faz emergir do Acervo Mala de Jorge Amado apresenta-se como uma outra forma para se contar a história desses dois anos da década de 40, pois rompe com a tradição do discurso do vencedor, a considerar a pluralidade de peças que o constituem e que foram desconsideradas tanto no discurso dominante da história de vida de Jorge Amado e, por conseguinte, da própria história da literatura brasileira. Isto é, consta na montagem das peças desse arquivo a operação do pensar a história a contrapelo como oposição à ideia de uma projeção linear do tempo, como o faz o historicismo, a considerar que um acervo literário, por excelência, é descontínuo e livre de qualquer pretensão de fechamento. Nesse sentido, o Acervo comporta muitas histórias nas cerca de 1500 páginas que o compõe.

É nessa proposição de revisão e de reconstrução que esse “lampejo biográfico” se apresenta, a considerar que a leitura dos registros desse arquivo são postas como uma abertura de discussão sobre o passado no presente e, por isso, um exercício de descontinuar os discursos até então estabilizados. Com isso, entre a partida para a redação biográfica de *Vida de Luís Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*, sua publicação e o retorno de seu autor ao Brasil há muito a dizer. Começo essa enunciação, pois, no próximo capítulo, que objetiva mapear, apresentar e analisar o que as narrativas biográficas que o tomam como protagonista têm a dizer acerca do período em foco. Em seguida, no capítulo posterior, parto do mapeamento cumprido e assumo minha condição de *arconte* para construir minha versão da vitrine da Mala no Nulime, nosso *arkheion* que domicilia o Acervo Mala de Jorge Amado.

---

subitamente, numa constelação carregada de tensões, provoca nela um choque através do qual ela cristaliza e se transforma numa mônada. O materialista histórico ocupa-se de um objeto histórico apenas quando este se lhe apresenta como tal mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma paragem messiânica do acontecer ou, por outras palavras, o sinal de uma oportunidade revolucionária na luta pelo passado reprimido. E aproveita essa oportunidade para forçar uma determinada época a sair do fluxo homogêneo da história [...]” (Benjamin, 2016, p. 19).



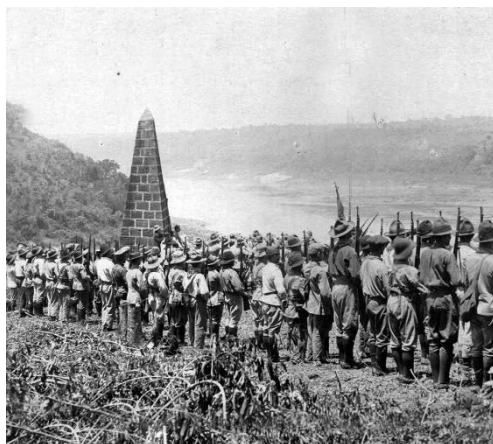
### 3.2.1 Triunfos e derrotas do Cavaleiro da Esperança: paralelos históricos em imagens

Figura 5- Recorte Jornal do Estado da Bahia (17/12/1937)



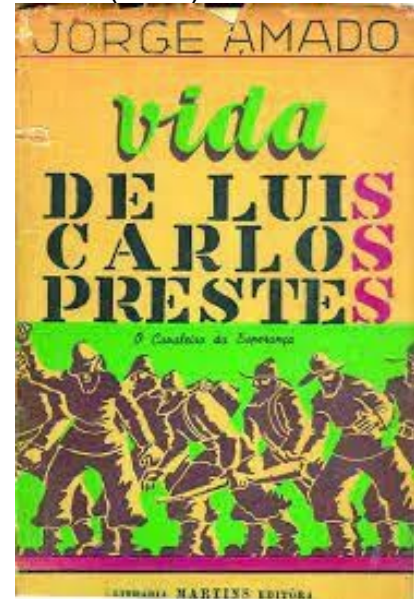
Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, 2022.

Figura 7- Foto da Coluna Prestes



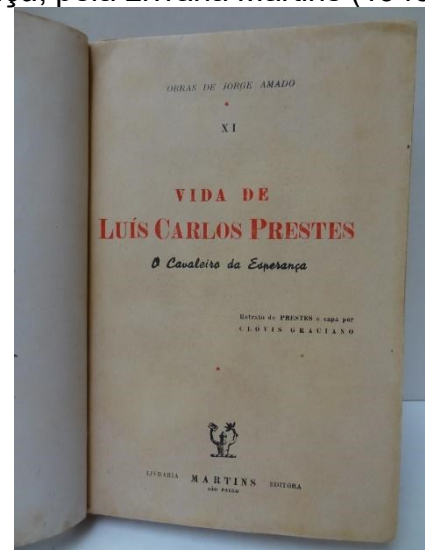
Fonte: Dysarsz, 1924.

Figura 6- Capa da primeira edição da publicação *Vida de Luís Carlos Prestes – O Cavaleiro da Esperança*, pela Livraria Martins (1945)



Fonte: Amado, 1945.

Figura 8- Folha de rosto da primeira edição da publicação *Vida de Luís Carlos Prestes – O Cavaleiro da Esperança*, pela Livraria Martins (1945)



Fonte: Amado, 1945.

#### 4 VIDAS ESCRITAS: MAPEAMENTO E ANÁLISE BIOGRÁFICO<sup>135</sup>

*Buenos Aires, 29 de dezembro de 1941. Meu caro Joaquim, [...] O secr. lhe escreve a dá a nossa opinião sobre seu trabalho e pede a sua sobre o "memorandum" do S.*

*Eu lhe escrevo para o seguinte: estou na reta final do livro, o secr. está com a tradução bem adiantada. Acreditamos ter o livro entregue à oficina até o dia 15 de janeiro. Penso, em tendo isso decidido, viajar para aí para tratar daquela outra edição. Sobre ela falei com o R. (e só com ele). Ele aprovou a ideia com entusiasmo, desde que haja certeza dos exemplares chegarem à terra. Havendo essa certeza, acha que devemos fazer a edição imediatamente. Ela só poderá ser feita aí. Ora, muito bem, você me espera aí para fazê-la comigo? Ha vários detalhes que eu não poderei resolver (financiamento, etc.) além de que me falte qualquer classe de experiência nesse trabalho. Por isso peço que você me mande dizer se eu lhe encontrarei ainda aí ou então como devo agir. E, por hoje é só. De tanto escrever à máquina já vejo os tipos baralhados. Tou mesmo rebentado. Nesse tempo já fiz 360 páginas do livro. Penso ainda ter umas 100 na minha frente. Estou chegando à parte de 35. E os dados de T.?*

*Um abraço para T. e para G. Para você lembranças de M. E um grande abraço do seu amigo, J.*

---

#### <sup>135</sup> TOMO IV –

Passo pelas prateleiras de angelim que sustentam os exemplares do meu construir acadêmico e percebo o — quanto lamentável será eu me valer da exploração barata entre denotação e conotação deste próximo vocábulo? — peso desta formação enquanto leitora, pesquisadora, crítica, teórica. Facilmente, dá para notar que o comprimento da seção sobre Jorge Amado supera proporcionalmente qualquer outro em relação à manutenção temática das demais seções entre minhas obras. Passo os olhos por esses títulos e encontro-me com cada fase da Marina pós e graduada: o início do investigar, os passos curtos, os passos largos, as corridas e também a imobilidade. O frio na barriga de algumas audácias, o questionamento do entorno, o questionamento interno, os acertos e os erros, medidos ou não pela sucessão de descobertas e associações, construídas em diferentes ritmos, paulatinos ou imediatos. Por vezes, tomada pela emoção de me deparar com as respostas por que tanto procurei, noutras desacreditada, invadida pelas raiva, decepção e vergonha ao me dar por conta que algumas chaves estiveram sempre ali, eu só precisava ter sabido por qual porta entrar, eu só precisava ter sabido olhar a fechadura para identifica-la, eu só precisava ter sabido posicionar o objeto para conseguir manuseá-lo. Os livros desse *corpus* têm muito desse movimento, desse processo, desse esforço e desse aborrecimento. Alguns me acompanham na busca pela compreensão da construção biográfica de Jorge Amado desde o período da graduação, quando ainda pesquisadora de iniciação científica no Acervo, outros chegaram agorinha, quando já havia começado a fechar a casa. Seja em qual etapa nos encontramos, mais do que nunca, uma certeza: estamos juntos por uma perseguição determinada e disciplinada de minha parte. Estamos juntos pelo meu eu stalker, daqueles sorrateiros, com luz apagada e binóculo na mão para espiar a vizinhança. Só assim para conseguir, no pulo do gato, fotografar as adjacências, a redondeza, a periferia desse centro que se fez tal qual Brasília emergindo do nada. E é nesse movimento da busca determinada e objetiva que reside muitas respostas sobre essa vida que se conta, sobre essa vida que se constrói, sobre essa vida que se inventa. É nesse movimento que me encontrei com os silenciamentos e é também nesse momento que procuro o exercício do desilenciar, do perceber, do questionar. Embora tenha avançado, as respostas ainda não estão completas, não me dei por satisfeita; hipóteses, ambições, convicções e apostas continuam no ar, mas, para o agora, o tempo acabou. Tic-tac, tic-tac, tic-tac...



(Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 958 01A)<sup>136</sup>.

A seguir, como movimento para a exploração da proposição que aqui se intenciona discutir, isto é, a lacuna de 1941-1942 nas materializações textuais partícipes desse espaço transversal de estudo, proponho, além do registro específico de ocorrência (ou não) dos anos em questão em cada uma das obras do *corpus* selecionado, o reconhecimento macro desses lugares de fala. Isto é, procuro compreender e analisar o discurso geral de cada obra, a fim de melhor compreender as menções a 41 e 42.

Para isso, em “De quarentão a centenário: narrativas biográficas de 1961 a 2021”, organizei-as por cinco blocos de semelhança, com o intuito de identificar aproximações em suas composições. Ao primeiro bloco, “Edições comemorativas: 30, 40 e 80 anos de vida literária”, coube a descrição dos três livros produzidos em homenagem aos aniversários de publicação do primeiro romance de Jorge Amado, *O país do carnaval* (1931). O segundo, “A vida em unidades de materializações: ensaio, entrevista, relato, poema e memória”, foi organizado com seis publicações que se dedicaram a trabalhar a vida e a obra do escritor por meio de padronização de escolha de gênero. Dessa forma, nessa seção há “livro-entrevista”, “livro-ensaio”, “livro-relato”, “livro-poema” e “livro-memória”. O terceiro bloco, “A vida em narrativas híbridas: da cronologia à entrevista”, é constituído por cinco títulos que privilegiaram mais de um gênero textual para manifestarem suas considerações biográficas a respeito do autor. Portanto, o mesmo livro pode ser constituído por ensaio, entrevista, fotografia, depoimento etc. O quarto bloco, “A vida e(m) imagens: fotobiografias”, traz duas fotobiografias de Jorge Amado, ambas não só da década de 1980 como também do mesmo ano: 1986. Finalmente, no quinto e último grupo, “Bio-grafado”, encontramos com o cânone do gênero: apresento as únicas quatro obras que se reconheceram como efetivas biografias sobre o protagonista em questão.

Com intuito de facilitar a identificação dos livros ao longo da análise, optei por indicar entre parênteses, após o título, um número cardinal, de 1 a 20. Assim, o leitor poderá ser guiado pela menção do numeral, mais fácil de assimilar do que os títulos das publicações, por vezes, extensos e de difícil memorização. A ordenação dos

---

<sup>136</sup> Carta de Jorge Amado a Joaquim. Para maiores informações sobre esse personagem, acessar: *Enlaces: memória e subjetivação no Acervo Jorge Amado* (2015), de Roberta Martins. Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PLIT0620-D.pdf>. Acesso em: 28/07/2023.

algarismos organiza-se pela posição em que cada livro foi citado nas apresentações dos blocos de semelhança. Isto é, o primeiro será formado pelas obras 1, 2, 3; o segundo, pelas 4, 5, 6, 7, 8 e 9; o terceiro, pelas 10, 11, 12, 13, e 14; o quarto, pelas 15 e 16; o quinto, pelas 17, 18, 19 e 20. Em síntese, temos:

Tabela 1 – Obras biográficas

<p>1) Edições comemorativas: 30, 40 e 80 anos de vida literária</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Jorge Amado: 30 anos de literatura</i> (1961), da Editora Martins [1]</li> <li>• <i>Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura</i> (1972), da Editora Martins [2]</li> <li>• <i>Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa</i> (1992), de Rosane Rubim e Maried Carneiro [3]</li> </ul>
<p>2) A vida em unidades de materializações: ensaio, entrevista, relato, poema, e memória</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Jorge Amado: vida e obra</i> (1961), de Miécio Tati [4]</li> <li>• <i>Jorge Amado: retrato incompleto</i> (1993), de Itazil B. dos Santos [5]</li> <li>• <i>Conversando com Jorge Amado</i> (1990), de Alice Raillard [6]</li> <li>• <i>Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor</i> (2002), de Zélia</li> <li>• <i>Gattai, João Jorge Amado e Paloma Jorge Amado</i> [7]</li> <li>• <i>A odisseia de Jorge Amado</i> (2012), de Piligra [8]</li> <li>• <i>Jorge Amado, meu tio</i> (2021), de Roberto Amado [9]</li> </ul>
<p>3) A vida em narrativas híbridas: da cronologia à entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>O baiano Jorge Amado e sua obra</i> ([1980] 1982), de Paulo Tavares [10]</li> <li>• <i>Jorge Amado: Literatura comentada</i> (1981), de Álvaro Cardoso Gomes (org.) [11]</li> <li>• <i>Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado</i> (1997), do Instituto Moreira Salles [12]</li> <li>• <i>Caderno de Leituras – a literatura de Jorge Amado</i>, (2008) de Norma Seltzer Goldstein (org.) [13]</li> <li>• <i>Caderno de Leituras – o universo de Jorge Amado</i>, (2009) de Lilia Moritz Schwarcz Ilana Seltzer Goldstein (org.) [14]</li> </ul>
<p>4) A vida e(m) imagens: Fotobiografias</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Reportagem incompleta</i> (1986), de Zélia Gattai [15]</li> <li>• <i>Jorge Amado – Fotobiografia</i> (1986), de Salvador Monteiro e Leonel Kaz [16]</li> </ul>
<p>5) Bio-grafado</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Jorge Amado</i> (2003), de Myrian Fraga [17]</li> <li>• <i>Jorge Amado – uma cortina que se abre</i> ([2007] [2008]), de Rui Nascimento [18]</li> <li>• <i>Jorge, o amado escritor</i> (2012), de Lúcia Fidalgo [19]</li> <li>• <i>Jorge Amado – uma biografia</i> (2018), de Joselia Aguiar [20]</li> </ul>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Posteriormente, feito o primeiro reconhecimento, no qual me ocuparei em situar cada um dos exemplares — tanto em termos gerais quanto em itens específicos

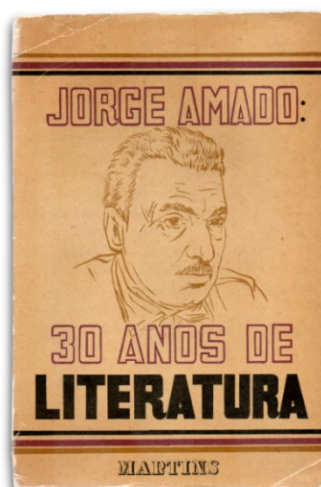
os quais, a meu juízo, interessam ao contexto e/ou à investigação em curso —, em “Sob lupa: registros de 1941-1942” compartilho os excertos pontuais desses dois anos em evidência. Isto é, reproduzo as informações objetivas registradas sobre o recorte temporal analisado tal qual trazem (ou não) as publicações. Nessa seção, a opção foi a de apresentá-las seguindo a ordenação cronológica dos títulos, de 1961 a 2021, em razão de possíveis apropriações narrativas entre elas; com isso, almejo uma visão temporal linear das informações registradas para ter maior clareza na evolução histórica da construção biográfica em torno de Jorge Amado. Portanto, nessa seção, a sequencialidade não obedecerá à ordenação inicial dos blocos de semelhança; entretanto, tal organização não atrapalhará a identificação dos títulos, que seguirão numericamente os mesmos. Assim, a leitura ocorrerá nesta ordem: 1, 4, 2, 10, 11, 15, 16, 6, 3, 5, 12, 7, 17, 18, 13, 14, 19, 8, 20 e 9. Por fim, em “Seis décadas personagem: Jorge Amado em (des)encontros” avalio o compartilhamento narrativo dos dois anos em foco e de seu entorno a fim de destacar tópicos sobressalientes para a redação biográfica a partir do Acervo Mala de Jorge Amado, no capítulo posterior.

#### 4.1 DE QUARENTÃO A CENTENÁRIO: NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE 1961 A 2021

##### 4.1.1 Edições comemorativas: 30, 40 e 80 anos de vida literária

Das três edições lançadas em homenagem aos aniversários de *O país do Carnaval*, duas foram organizadas pela Editora Martins, responsável oficial pela obra do autor na época. São elas: *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1961) e *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (1972). A última e mais jovem da tríade, *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa*, foi organizada pelas pesquisadoras Rosane Rubim e Maried Carneiro e publicada no ano de 1992. As três assim se fazem ver:

Figura 9- Capa *Jorge Amado: 30 anos de literatura*



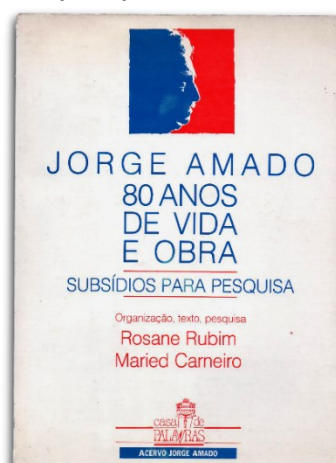
Fonte: Martins, 1961.

Figura 10- Capa *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*



Fonte: Martins, 1972.

Figura 11- Capa *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa*



Fonte: Rubim; Carneiro, 1992.

*Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) tem capa assinada por Clovis Graciano, o desenhista, pintor, ilustrador e muralista brasileiro não apresenta uma personalidade qualquer, mas uma estrela: são 377 páginas de livro cuja capa, dourada, indica o status do homenageado. O livro foi publicado no auge da carreira literária de Jorge Amado, fenômeno de vendas na época; distinção também confirmada na segunda página, pelo editor, que registra a impressão de dez exemplares “em papel especial”, fora do comércio, com rubricagem do autor.

Em nota ao leitor, a editora apresenta a obra:

Este livro é uma homenagem da Livraria Martins Editora ao escritor Jorge Amado, quando é comemorado, pelos intelectuais e pelo povo, o trigésimo aniversário da publicação da primeira edição de *O país do carnaval*, seu romance de estreia [...].

Conta este volume de uma primeira parte, constituída de matéria inédita. Numa segunda parte, reunimos artigos, trechos de ensaios, estudos, críticas, crônicas, entrevistas, opiniões, cartas e referências diversas aos livros de Jorge Amado e à sua figura humana. (Martins, 1961, p. 07).

Esta publicação alusiva ao romance inaugural acabou por estabelecer certa tradição de ações literárias, críticas, artísticas, midiáticas etc. nas décadas subsequentes, a cada aniversário d’*O país*, para se revisitar obra e vida de Amado; seja com matérias em jornais, eventos acadêmicos, adaptações ou publicações de obras<sup>137</sup>. Quanto à homenagem anunciada pelo título em análise, destaca-se que a Martins publicava os livros do escritor desde a década de 1940, ou seja, passava-se mais de 20 anos da relação entre Amado com a casa e, principalmente, com José de Barros Martins, seu fundador. Acerca desse contato, o sobrinho, Roberto Amado (2021, p. 20), afirma que a ligação entre ambos era tamanha a ponto do seu tio “[...] recusar inúmeros convites e oportunidades de outras editoras, com promessas de acordos financeiros melhores e maior penetração no universo mundial da literatura” mas “Jorge Amado mantinha-se leal e fiel ao amigo com o qual repartia momentos de lazer amistoso, almoços e festas em São Paulo”. Feita a leitura do material e tomando

---

<sup>137</sup> Como indicado, esta seção abordará três produções em homenagem ao aniversário do primeiro romance publicado por Jorge Amado. No entanto, registro que há ainda outro título que segue esse mote, mas não constituirá o *corpus* desta análise, trata-se do *Itinerários 90 anos de literatura amadiana – navegações pela vida e obra do escritor* (2021), organizado por Douglas Souza, e publicado pela Editora UEMA. O motivo para a exclusão da obra é que esta é constituída por dois textos biográficos, um que se detém no entorno de *O menino grapiúna* e, portanto, discorre sobre episódios da infância do escritor, e outro que, embora trate do entorno em foco, é uma produção de minha autoria. Ou seja, obviamente, não faz sentido trazê-lo para o rol.

conhecimento desse depoimento, antecipo que, em minha avaliação, *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1961) acaba se fazendo mais como uma publicação do *amigo* Martins do que do *editor* Martins.

Assim, embora sua apresentação registre a ambição de que o livro “[...] seja útil ao estudo e à compreensão da obra de Jorge Amado” (Martins, 1961, p. 08), adiante, o próprio editor, assina um relato de três páginas sobre sua relação com Amado, denominando o texto: “Jorge Amado, meu editado”. Ali marca seu relacionamento pessoal com o escritor, mas assegura que a produção é fruto de seu trabalho profissional: “se a amizade aqueceu meu coração, não me tirou o senso de análise” (Martins, 1961, p. 09); não sei. Talvez, no máximo, um *mezzo a mezzo*. O motivos para essa impressão são alguns, incluem os equívocos de registro, que assinalam um trabalho não tão profissional para a apuração dos dados, a variedade de reunião testemunhal que se ocupa em laurear o protagonista, bem como a imprecisão material do controle de registro do volume, que sobrepõe um grande número de páginas sem indicação numérica, como irei descrever adiante.

Quanto à sua composição, precisamente, além das considerações de apresentação e do prefácio, o livro é organizado em cinco seções, identificadas pelos títulos, e sem registro numérico, assim denominadas: i) Cronologia; ii) Títulos, Prêmios, Livros; iii) Traduções e adaptações das obras de Jorge Amado; e v) Depoimento sobre um escritor e um homem. No geral, destaco a preocupação do título com a “narrativa da imagem”, se for possível colocar nesses termos. Isso porque as fotos selecionadas sustentam o estereótipo de Amado como homem simples, mesmo grandioso; a exemplo da primeira, que traz o autor no cais de Salvador entre barcos, vestido com uma camisa comum, cigarro na mão, semblante pacato, olhar reflexivo e, possivelmente, ensaiando um sorriso (Figura 12).

Ainda, um destaque polêmico: Eduardo Portella<sup>138</sup>, também amigo pessoal do homenageado, membro da ABL, escritor, crítico e Ministro da Educação na ditadura de 1964-1986 — no governo de João Figueiredo —, é quem prefacia o compêndio. Nele, discorre acerca da obra e da crítica da produção amadiana, além de tecer considerações a respeito dessa criação literária. Segundo sua avaliação,

---

<sup>138</sup> Uma das principais polêmicas relacionadas a Portella foi sua postura a respeito das censuras e liberdade de expressão no campo cultural. Enquanto esteve à frente do Ministério da Educação do governo ditatorial de Figueiredo, 1964-1986, muitos artistas e intelectuais foram perseguidos e tiveram suas obras censuradas. Nesse contexto, foi criticado por não se posicionar de maneira contundente contra tal prática, o que gerou descontentamento em diversos setores da sociedade.

A composição novelística de Jorge Amado ao longo de sua carreira literária oscila, de forma inquietante e clara, entre dois planos que se inscrevem, cada um deles, no território do mágico e do real, do símbolo e da evidência, do temporal e do anacrônico. O que não quer dizer que o suporte realístico de sua ficção seja, em nenhum momento, negligenciado ou colocado em plano secundário. De modo algum. O que acontece é que a realidade é sempre mais rica, e na realidade habitam o real e o fantástico. (Portella, 1961, p. 14).

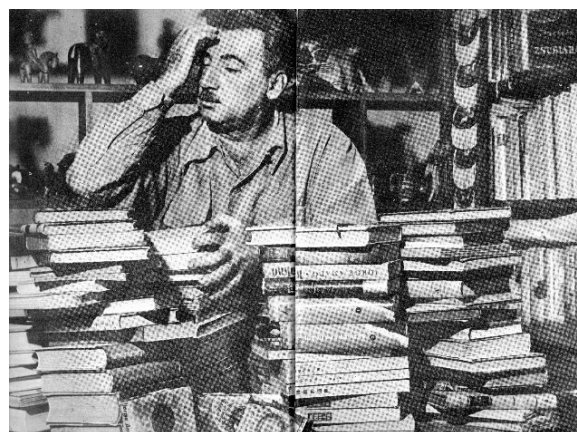
Em seu ensaio há o endosso da denominada “narrativa da imagem” porque, no meio do texto, há oito páginas seguidas com imagens relacionadas a Jorge Amado. Seis são de capas de livros publicados pelo autor em outros idiomas: alemão, albanês, árabe, búlgaro, chinês, eslovaco, esloveno, finlandês, grego, hebreu, húngaro, holandês, ídiche, inglês, islandês, italiano, lituano, norueguês, polonês, francês, romeno, russo, servo-croata, sueco, tcheco e ucraniano; e as outras duas são dedicadas a uma mesma foto na qual Jorge Amado se encontra em meio a vários livros. São estas:

Figura 12- No cais



Fonte: Martins, 1961, s/p.

Figura 13- Em meio a livros



Fonte: Martins, 1961, s/p.

Figura 14- Capas de livros



Fonte: Martins, 1961, s/p.

Aliadas à sugestão inicial da imagem do cais (Figura 12), forma-se o lugar-comum: “homem importante, mesmo do povo”. Quero dizer, a camisa displicente, com o botão aberto, colarinho torto, tecido mal passado, e a simplicidade do ambiente, com estante de madeira e alguns objetos aparentemente simples (Figura 13), se “fundem” aos livros que, não bastasse serem muitos, estão em diversos idiomas, ilustrando a presença da literatura amadiana ao redor do mundo (Figura 14).

Seguidamente, “Cronologia” cumpre o exercício sugerido pelo nome da seção, pois as dezesseis páginas apresentam, em ordem cronológica crescente, a vida e a obra de Jorge Amado; do nascimento (1912) à data de publicação do livro (1961). Nesse ínterim, não há interrupção na organização das informações, isto é, a elas não se interpõem as imagens, quadros ou notas explicativas. Assim, tem-se uma ordenação linear e, diga-se, desamparada de uma diagramação interessante, pois os tópicos, padronizados em uma grande bloco de letras miúdas centralizadas, não se destacam aos olhos do leitor.



Dessa parte, a ênfase recai nos equívocos de registro, como em “1941 – Junho – Jorge Amado desquita-se da esposa” (Martins, 1961, p. 35). No caso, a esposa era Matilde Garcia Rosa, primeira companheira do escritor, com a qual se casou em 1933. Desse recorte, a data do desquite está equivocada, pois o evento só ocorreu em 1944. Além disso, cito a ausência de informações sobre Eulália Dalila Amado, filha do escritor com Matilde; não há menção da menina, de apelido Lila, nessa seção que pretende descrever os acontecimentos relevantes da vida do autor, todavia, mais adiante, na seleção de fotos, ela aparece em um retrato no colo do pai.

“Títulos, Prêmios, Livros” inicia e finda na mesma folha. São duas páginas para apresentar oito títulos, sete prêmios e 18 livros. Seguidamente, “Traduções e adaptações das obras de Jorge Amado” se vale de sete páginas para mencionar as traduções e as adaptações da produção literária do escritor que, na época, não chegavam nem à metade do que alcançou na vida.

“Duvidosas” talvez seja o adjetivo que melhor sintetize as impressões que a organização de “Depoimento sobre um escritor e um homem” a mim me despertou. Isso porque a seção tem um “quê” de última hora: após a reprodução da espirituosa frase que Jorge Amado declarou em entrevista a Moacyr Felix (1958), “Sou apenas um baiano romântico e sensual”, há nada menos que a sucessão de 80 imagens — 63 fotografias, quatro capas de livros e 13 obras de arte (ilustração, retrato, escultura, desenho, pintura) —, distribuídas em 40 páginas, não numeradas; simplesmente ignoradas, tanto na contagem da paginação quanto no índice do final do livro, fazendo com que a obra, efetivamente, tenha mais de 400 páginas. Por outro lado, as figuras selecionadas, como já mencionado, elaboram uma narrativa bastante sólida no que se refere a um discurso de vida. Aqui, particularmente, a ordenação apresenta um literato culto, viajado, com amigos de renome em todo o mundo: escritores, artistas, políticos. Moscou, Paris, Tchecoslováquia, Berlim, Polônia.... Ilustro:

Figura 15 - Jorge Amado e amigos 1



Fonte: Martins, 1961, s/p.

Figura 16 - Jorge Amado e amigos 2



Fonte: Martins, 1961.s/p.

Figura 17- Jorge Amado e amigos 3



Fonte: Martins, 1961.s/p.

A distribuição de fotos segue uma certa ordenação cronológica não rígida e, como visto acima, as imagens são legendadas com o nome dos sujeitos e, geralmente, com o local e ano em que foram produzidas. Além disso, não há grande quantidade de referências familiares. Zélia Gattai, por exemplo, segunda esposa de Jorge Amado e presença constante nos discursos mais contemporâneos da vida do escritor, demora a ser vista mesmo que seja o membro familiar com a maior quantidade de aparições, cinco. Já Matilde não tem vez nessa seção e, como dito, Lila aparece em uma fotografia com o escritor. Evidentemente, também há retratos com João Jorge Amado e Paloma Jorge Amado, seus filhos com Zélia. Ainda a respeito da justificativa de o porquê duvidosa, tem-se, para concluir essa quinta e última parte do livro, nada menos que 310 páginas de declarações; com exatos exatamente 317 depoimentos<sup>139</sup>, não tão bem organizados, que registram críticas, resenhas e afins

<sup>139</sup> Estes são os autores, e a ordem, citada: Augusto Frederico Schmidt, Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Marques Rabélo, Sisógenes Costa, Pedro Damas (Prudente de Moraes Neto), Octávio de Faria, Heitor Marçal, Manuelito Dornelas, Braga Montenegro, Amadeu Amaral Junior, Jorge de Lima, José Geraldo Vieira, Cândido Motta Filho, Juan Marin, Hermes Lima, Luiz da Câmara Cascudo, Alves Ribeiro, Murilo Mendes, Arnaldo Tabayá, João Cordeiro, José Auto, Barreto Filho, Fábio Luz, Aloysio Branco, Max-Paol Fouchet, Alberto Passos Guimarães, Ubaldo Soares, Odilo Costa Filho, Benjamin Lima, Omer Mont'Alegre, Anne Villelaur, Agripino Grieco, Alvaro Moreyra, Samuel Putnam, Graciliano Ramos, Nelson Werneck Sodré, Paulo Setubal, Dias da Costa, V. de Miranda Reis, Renato Almeida,

acerca da obra e vida do homenageado. Em tese, estão dispostos conforme a obra/obras a que fazem referência, no entanto, mais de uma vez, é possível identificar erro na sequenciação das passagens.

---

Aderbal Jurema, Almir de Andrade, José Lins do Rêgo, Lucia Miguel Pereira, Rodrigo Otávio, Martin Maurice, Oscar Mendes, Octávio Tarquínio de Souza, Rachel de Queiroz, Humberto Bastos, Edgard Cavalheiro, Luiz Anibal Falcão, Newton Madruga, Albertino Moreira, Lemos Brito, Rubem Braga, Jeanine Delpech, Reinaldo Moura, Murilo Miranda, João Lyra Filho, Erico Veríssimo, Peregrino Júnior, Gerardo Reys, Edson Carneiro, Dante Costa, Josué de Castro, Georges Readers, Telmo Vergara, Renato Mendonça, Ademar Vidal, Roberto Alvim Corrêa, Almeida Sales, Adolfo Casaes Monteiro, Jayme de Barros, Oliveira Franco Sobrinho, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Raul Bopp, Stella Leonardos, Gilberto Amado, Tasso da Silveira, João Duarte Filho, Severiano Manuel de Abreu (Jubiabá), Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Raul Bopp, Stella Leonardos, Gilberto Amado, Tasso da Silveira, J. Paulo de Madeiros, Manuel Diegues Júnior, Dorival Caymmi, Afranio Peixoto, Aluisio Napoleão, Ferreira de Castro, Dario Puccini, Maestro Camargo Guarnieri, Gastão Vieira, Aurélio Monteiro, Henrique Cândia, Lauro Escorel, Mário Dionísio, João Vasconcelos, Antônio Olinto, Louis Malle, Aydano do Couto Ferraz, José Alípio Goulart, Sílvio Caldas, Edmundo Corrêa Lopes, Antônio Botto, Maria Jacinta, Anna Maria Linch, Brasil Gerson, Alceu Marinho Rêgo, Raul S. Xavier, Rodolfo Ghioldi, Pinheiro de Lemos, Carlos da Costa Leite, Oswald de Andrade, Moacir Weneck de Castro, João Mangabeira, Luiz Martins, Antônio Cândido, Ascendino Leite, Alvaro Lins, Guilherme Figueiredo, Plínio Barreto, Elcias Lópes, Judas Isgorogota, Wilson Martins, Gilberto Freyre, Rui Bloem, Anna Seghers, Nestor de Holanda, Otávio Dias Leite, Roger Bastide, Domingos Carvalho da Silva, Rolmes Barbosa, Carlos Burlamaqui Kopke, Haroldo Bruno, Paulo Dantas, Lia Corrêa Dutra, Oliveiros Litrento, Aluisio Medeiros, Hélio Pólvora, Alexandre Laureiro, Wilson Lins, Hildon Rocha, Roberto Lira, Nélio Reis, Gevaldino Ferreira, Eloy Pontes, Edmund Kauer, Paulo Zingg, Camilo de Jesús Lima, Carlos Cunha, Ilya Eremburg, Jacinto Passos, Freed P. Ellison, Raul de Navarro, Miécio Tati, Clóvis Melo, Feu Rosa, Mario Fiorani, Zora Seljan, Sérgio Nóbrega de Oliveira, Pompeu de Souza, Pedro Motta Lima, Dalcidio Jurandir, Nicolai Gabinski, Álvaro Augusto Lopes, Vera Kuteischikova, Fernando Pedreira, Gerardo Pisarello, Inna Tinianova, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Jean-Paul Sartre, Antônio Maria, R. E. Dimmik, Afrânio Coutinho, Adonias Filho, Elsie Lessa, Josué Guimarães, José Américo de Almeida, Eneida, Tiago de Melo, M. Cavalcanti Proença, Marcos André, Lucia Benedetti, Abdias Lima, Maria de Lourdes Teixeira, Nóbrega de Siqueira, Jorge Medauar, Helena Silveira, Henrique Pongetti, Divo Marino, Jacob Guinsburg, Raul Lima, Juan Carlos Portantiero, Esdras do Nascimento, Leonardo Arroyo, Menotti Del Picchia, Natércia Freire, José Gonçalves de Oliveira, Carlos Ribeiro, Eduardo Campos, Ricardo Ramos, Brito Broca, Manuel Lamana, Herculano Pires, Permínio Asfora, Rubio Brasileiro, Olívio Montenegro, Suzana Rodrigues, Nilo Pereira, Antônio Rangel Bandeira, Luiz Israel Ferrot, Luiz Henrique, Eurico Nogueira França, Cyro Monteiro, A. Mendes Neto, Quirino Campofiorito, José Paulo Moreira da Fonseca, Dinah Silveira de Queiróz, Paulo Bonfim, Nelson Palma Travassos, Dulce G. Carneiro, Joel Pontes, Mauro Mota, Antônio Carlos Villaça, João Clímaco Bezerra, Alberto Deodato, Levi Carneiro, José Alberto Gueiros, Maluh de Ouro Preto, Fritz Teixeira Sales, Urbano Tavares Rodrigues, Renato Jobim, Yuri Galugin, José Calazans, Jacinto de Thormes, Tarcilo Vieira de Melo, Ernani do Amaral Peixoto, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Pereira Filho, Antônio Calado, Virgínius da Gama e Mello, Otávio Malta, Fernando de Barros, Claribalte Passos, Ary Vasconcelos, José Tavares de Miranda, Antônio Pedro, Vinícius de Moraes, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), Lúcio Rangel, Sérgio Milliet, Valdemar Cavalcanti, Bráulio Pedroso, Eugênio Gomes, Rivadávia de Souza, Glauber Rocha, Jorge da Cunha Lima, Fábio Lucas, Leão Borges, Renard Perez, Flávio Costa, Zdenek Hampejs, Eve Freden, Eugênio Lyra Filho, Dominique Desanti, Wladimir Guimarães, Lenita Miranda de Figueiredo, Joracy Camargo, Ruggero Jacobbi, Celso Kelly, Joel Silveira, Jânio Quadros, Juracy Magalhães, Paulo Mendes de Almeida, João Condé, Mário da Silva Brito, Aluisio de Carvalho Filho, Antônio Vieira de Melo, Ruy Santos, Egidio Squeff, Carlos Pena Filho, Dirceu Quintanilha, Pedro Bloch, Camila Amado, Regina Helena, José Condé, José Alves Sobrinho, Santos Moraes, Homero Homem, Barbosa Melo, Vasconcelos Maia, Ricardo Beluzi, Fernando Goes, Hélio Fernandes, Manuel Bandeira, Josué Montello, Giovanni Guimarães, Hécio Martins, Mauritônio Meira, Pomona Politis, Odorico Tavares, R. Magalhães Júnior, Walter da Silveira, Heron de Alencar, Clarival Prado Valadares, Austregésilo de Athayde Clóvis Graciano, Raimundo de Menezes, Joaquim Cardoso, Opiniões de Leitores, Pablo Neruda.

Por fim, dizer que *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) é, muito antes de fonte profícua de informações sobre o autor, uma obra fundamentalmente mercadológica, não me parece exagerado. As faltas da obra dão testemunho de um período em que publicar Jorge Amado era sinônimo de venda, o que explica o volume de páginas (para justificar o preço) e os equívocos de ordens diversas, que denunciam uma produção às pressas, para fins de rápida comercialização. Ainda, há a questão da relação entre seu editor e homenageado, que contextualiza o título também como uma espécie de presente fraternal de reconhecimento e celebração. No geral, esse livro pode ser lido em uma proposta laudatória do gênero biográfico, na medida em que seu foco é exhibir um perfil de personalidade-monumento. Como se viu, quanto à forma, esta não se enquadra na expectativa estrita de uma biografia tradicional e pode ser vista pelas lentes do biográfico somente a partir do universo espacial conceituado por Leonor Arfuch (2010). Nesse contexto, então, estaríamos lidando com o primeiro registro de narrativa biográfica do autor, ocorrido, como citado, vinte anos após a publicação de seu primeiro romance. A título de ilustração, vale a rememoração ao conceito dos “recém vivos” sugerida na primeira parte deste trabalho, a fim de se pensar as diferenças entre o mercado editorial dos idos 1960 e este em voga. Fosse Jorge Amado uma personalidade “desse tempo”, ao comemorar 30 anos de sua obra inaugural, em quantas biografias já publicadas estaríamos falando será?

Adiante, pouco mais de dez anos depois, em 1972, com *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2), a Editora Martins repete a publicação de uma obra comemorativa a *O país do Carnaval*, agora com 40 anos. O livro de 247 páginas tem capa assinada por Carybé, o argentino “[...] mais baiano dos baianos” (Amado, 1972, p. 23), e amigo muito íntimo do escritor homenageado. Artista que em muito se dedicou a retratar a cultura baiana, Carybé se fez presente por diversas vezes como ilustrador de livros de Amado. De forma que o público detentor de edições mais antigas do conjunto da obra amadiana já está familiarizado com os traços desse artista.

Quanto à obra-homenagem, *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2) é uma publicação na qual se organizam dois momentos distintos de leitura — descontadas a breve apresentação inicial e a também objetiva relação de títulos, prêmios, livros, traduções e adaptações referentes ao protagonista (ao final do livro). No primeiro, encontramos dois textos de Amado, são eles: o discurso proferido na posse da cadeira nº 23 da ABL (1961), e “Carta a uma leitora sobre romance e

personagens”. Aqui, vê-se a inserção de um recorte novo em comparação à publicação anterior da Martins (1961), refiro-me à exploração do registro autobiográfico, especialmente em relação ao compartilhamento do discurso da ABL, no qual Jorge recupera sua trajetória como escritor. Seguidamente, em “Alguns ensaios e artigos sobre a obra de Jorge Amado” — segundo direcionamento de reflexão — abre-se a palavra a 18 sujeitos que falam, cada um, acerca de algum aspecto da obra ou da vida do escritor. De romance, poesia e estilo à povo, terra e vida. De Eduardo Portella (de novo!) e Miécio Táci — amigos particulares de Amado e assíduos à obra em questão — a Tristão de Athayde e Antonio Candido<sup>140</sup>.

Nesse contexto, não é difícil concordar com a Editora quando menciona os “universitários e secundaristas” como os principais destinatários do livro, porque “Este volume enfeixa artigos e depoimentos sobre a obra amadiana dando-nos um painel crítico de grande importância para sua correta compreensão e localização.” (Martins, 1972, prefácio). Restrições óbvias ao “correta”, ademais, é bem plausível de se concordar com o editor. Os textos têm condições de contextualizar, nortear e refletir Jorge Amado, o jovem aspirante à revolução, o militante, o homem, o político, o romancista.

Para esse movimento, a edição não se perdeu na arquitetura do monumento, isto é, não buscou construir uma trajetória moralizante e/ou edificante do seu biografado. Diferentemente da publicação anterior, que elaborou uma espécie herdeira do que Dosse (2009) identificou como biografia heroica. Um motivo para isso pode ser atribuído à própria multiplicidade da publicação, que se preocupou em oferecer uma leitura ampla tanto da vida quanto da obra do escritor. Nesse sentido, o ensaio biográfico precisou dar lado à crítica literária e é por esse motivo que, do conjunto de *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura (2)*, deter-me-ei

---

<sup>140</sup> Precisamente, os autores presentes nesta compilação, por ordem de aparição, são: i) Roger Bastide, com Sobre o romancista Jorge Amado; ii) Eduardo Portella, com A fábula em cinco tempos; iii) Juarez da Gama Batista, com Gabriela e Dona Flor; iv) Antonio Candido, com Poesia, documento e história; v) Miécio Táci, com Estilo e revolução no romance de Jorge Amado; vi) Haroldo Bruno, com O sentido da terra na obra de Jorge Amado; vii) Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), com Gabriela ou o crepúsculo dos coronéis; viii) Wilson Martins, com A comédia baiana; ix) Vinicius de Moraes, com A morte e a morte de Quincas Berro D’água; x) Fábio Lucas, com Plano, com epígrafe, de um estudo sobre a Morte de Quincas Berro D’água; xi) Luís Forjaz Trigueiros, com Implacável, ardente saga; xii) M. Cavalcanti Proença, com Pastores da noite e da liberdade; xiii) Ricardo Ramos, com Os pastores de Jorge Amado; xiv) Adonias Filho, com Jorge Amado; xv) Antônio Olinto, com Tenda dos milagres, magia e revolução na literatura de língua portuguesa; xvi) R. Magalhães Júnior, com Discurso de recepção na Academia Brasileira, na posse de Jorge Amado; e xvii) Renard Perez, com Jorge Amado: notícia biográfica.

estritamente nos ensaios “Sobre o romancista Jorge Amado”, de Roger Bastide, e “Jorge Amado: notícia biográfica”, de Renard Perez, dado que o compêndio ingressou no rol de materializações desse espaço biográfico em razão dos dois textos, pois os demais são críticas literária da produção amadiana.

Nas 31 páginas publicadas por Bastide, a biografia está a serviço da obra de Amado, na medida em que as inserções a respeito da vida do autor são dadas mediante a contextualização da produção amadiana. Assim, por exemplo, o leitor acessa a origem social a qual pertence Amado:

Pois bem, a originalidade de Jorge Amado é justamente a de ter quebrado esse molde. Ele poderia perfeitamente, aliás, aí ficar encerrado, pois também pertence a uma família desta velha aristocracia decadente. Não se destingue, portanto, em suas origens sociais, de um José Lins do Rego, ou de um Graciliano Ramos, mas tem em si um tal dom de simpatia que irá tornar-se povo e, peça primeira vez, o povo irá poder expressar-se na literatura brasileira com personalidade própria, em toda a sua espontaneidade criadora de cultura, no sentido em que o romance naturalista irá mudar completamente de caráter para deixar de ser romance e tornar-se epopeia. (Bastide, 1972, p. 42).

Ainda, Bastide apresenta dados biográficos em meio a especulações acerca dos possíveis cenários e influências que constituíram e atravessaram a vida do biografado, como em:

Jorge Amado nasceu em 1912, em Itabuna, numa fazenda de cacau nas proximidades de Ferradas, no sul do Estado da Bahia. É bem provável que, pequenino ainda – como todos os filhos dos patrões – tenha brincado com os negrinhos, escutado as estórias dos velhos, ou, então au cair da noite, sonhado, na hora em que o canto dos “colonos” e dos “camaradas”, uma vez terminado o trabalho, narra ao som dolente do violão o sofrimento dos homens, o amor das mulheres e a valentia dos bandidos, vingadores das injustiças, no sertão. [...] Aos treze anos, foge [do colégio religioso] e, aos quinze, encontra trabalho num jornal. Há aí, ao que nos parece, um fato importante para que se compreenda Jorge Amado: ele não sofreu de maneira bastante longa e forte a influência da educação escolar, religiosa, humanista, burguesa, para chegar a desligar-se da natureza e do povo [...]. (Bastide, 1972, p. 43).

Como se vê, o ensaio ilustra a prática da construção biográfica no entremeio entre a apresentação/interpretação do sujeito em foco e a criação narrativa do sujeito que escreve a partir de suas concepções pessoais e análise/especulação do perfil biográfico e de suas mediações. Nesse exercício, o leitor é guiado por um texto pormenorizado, ora pelo dado factual ora pela imagem ficcionalizada.

O ensaio de Perez, por sua vez, dá-se em 12 páginas corridas, sem subdivisões ou marcações de destaque; a narrativa parte do nascimento de Jorge Amado e chega a 1971, data de escrita do texto. De imediato, vê-se que sua materialidade traz a clássica hibridização entre factualidade e fabulação comum às escritas biográficas, uma vez que prevê cenários e elabora enredos às informações empíricas que utiliza sobre a vida do escritor. Ilustro:

Essa época do nascimento do romancista vem coincidir com o das grandes lutas pela conquista da terra, na região, quando o cultivo do cacau começava a substituir o do café e da cana-de-açúcar: devastavam-se as imensas matas para o plantio do fruto, e os diversos proprietários, na ambição da terra e do mando, se hostilizavam em rixas permanentes. Dessas lutas seria vítima o pai do romancista, que certa ocasião, chegou a ser atingido por um tiro de tocaia, mesmo à varanda de casa. Tinha o filho ao lado; mas, mesmo ferido, conseguiu proteger a criança, levando-a até o interior de casa, tombando aí (Perez, 1972, p. 231).

Ainda, o ensaio opta pela recorrente ordenação cronológica linear para apresentar a vida do biografado, aproximando-se da noção de ordenamento sobre a qual discorre Bourdieu (2006), entretanto, abdica-se das datas para orientar a escritura do texto, de forma que elas participam, mas não determinam a fala de Perez. Também não há preocupação em padronizar as informações. Por vezes, demora-se mais de um parágrafo para dar conta de determinado recorte temporal, enquanto em outros momentos aborda-se um ano em uma linha.

São comuns as imprecisões temporais, como em “a essa época” ou “a esta altura”, mas, no geral, tem-se bastante informações atreladas às datas. Precisamente, há 39 registros de anos, o que é bastante significativo numa materialização de 12 páginas. Mais significativos ainda são os registros que trazem as informações completas —, isto é, com a indicação do dia e do mês, além do ano —, pois não passam de quatro: i) 10/08/1912, nascimento de Jorge Amado; ii) 08/07/1945, casamento com Zélia Gattai; iii) 29/11/1945, eleição como deputado federal pelo PCB; e iv) 06/04/1961, eleição para a ABL. Em suma: nascimento, casamento, política e imortalidade literária.

Para finalizar esta seção de obras comemorativas, *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3), de organização de Rosane Rubim e Maried Carneiro, tem muito a dizer. Esse, indubitavelmente, foi o livro que mais rendeu surpresas: o mais simples, pela materialidade física e quantidade de páginas, 179, e um dos mais completos, pelo conteúdo biográfico, o mais maçante, pela exposição



dos dados, no sentido de abdicar de qualquer indício de fabulação em virtude do objetivo proposto: o de figurar como fonte para pesquisadores. Intenção destacada não somente na apresentação, na nota introdutória, como também no título, “subsídios para pesquisa” e, para arrematar, no excerto presente na parte de trás da obra:

Este trabalho é o resultado de cinco anos da organização técnica e do atendimento ao usuário do Acervo Jorge Amado. Não tem como objetivo analisar o trabalho do escritor, mas apenas condensar, de maneira sistemática, as informações contidas no acervo nos seus diversos suportes, para assim contribuir com futuras pesquisas sobre sua vida e obra (Rubim; Carneiro, 1992).

Além de pesquisadora, em investigação mais apurada, encontrei a informação de que Rosane objetivamente trabalhou como secretária da Fundação Casa de Jorge Amado, dentre outras funções, também mediando pedidos particulares do escritor<sup>141</sup>. Quanto ao livro, em si, esse é o único que desconsidera o público em geral como destinatário, endereçando-se, precisamente, aos investigadores da obra e da vida de Jorge Amado. Noto, nesse caso específico, uma diferença de público que repercute diretamente na sua constituição, essa, fundamentalmente, é uma pesquisa para pesquisas.

Ainda, entre as três organizações comemorativas, é a menor em tamanho, haja vista suas 190 páginas, porém uma das mais completas fonte de compilação sobre o autor de todo o rol no que diz respeito a dados da, e acerca de, sua obra e vida. É interessante perceber a diferença estrutural de *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3) em comparação a qualquer outro livro do *corpus*. Aqui, não há envolvimento narrativo, o material apresenta-se quase que como um banco de dados. Isto é, não houve o exercício daquilo que Eneida Souza (2011) denominou de “ficcionalização dos dados”, o que foi intencional por parte de suas autoras.

Quanto à composição, a apresentação do texto tem a assinatura de Myriam Fraga: a Diretora Executiva da Fundação por quase 30 anos, de 1986 a 2015; isto é, desde a criação da instituição — local que abriga todo o acervo oficial de Amado —

---

<sup>141</sup> Neste link há uma cópia de carta de 24/05/1993; enviada a Cid Seixas, na qual Rosane assinava como “secretaria” e requeria exemplares de livros a pedido de Jorge Amado. Disponível em: [http://linguagens.ufba.br/imagens/jorge\\_amado/rosane\\_jorge\\_amado\\_24.05.93.jpg](http://linguagens.ufba.br/imagens/jorge_amado/rosane_jorge_amado_24.05.93.jpg) Acesso em: 01/07/2023.

até pouco antes de seu falecimento, em 2016<sup>142</sup>. Assim, vê-se que o projeto de Rosane e Maried teve o absoluto aval dos arcontes ali instituídos. Tanto é que Zélia Gattai toma a palavra logo após Myriam, assinando o texto “Pontual ou pontualíssimo?” e deixa registrado, registradíssimo, os seus 50 anos de onipresença na vida do escritor:

De minha parte, jamais me nego a responder a questões sobre Jorge Amado, pois seus leitores, espalhados pelos quatro cantos do mundo, querem saber dele, como é, como não é, e eu vou respondendo, na medida do possível, o que sei sobre o homem que é meu marido há quase meio século (Gattai, 1992, p. 23).

Findo o depoimento de Zélia, há o registro de um bate-volta cujo título é “Perfil 80 anos” com o próprio Jorge Amado. Dessa curta seção de duas páginas, não há como passar despercebidas as menções à Zélia Gattai. Ilustro: “Meu ideal de felicidade: é a Zélia”, “Novela: *Anarquistas, graças a Deus*”<sup>143</sup>, “Mulher marcante: Zélia Gattai” (Amado, 1992, p. 26). Ora, 80 anos de uma vida bem vivida, como repetiu uns mil pares de vezes, viajador do mundo, residente em vários países, amigo de um sem fim de sujeitos oriundos das mais distintas realidades sociais, conhecedor de inúmeras culturas, artistas, obras, escritor profissional antes dos 20, leitor por uma vida inteira, mas, curiosamente, “*Anarquistas, graças a Deus*” foi sua escolha quando lhe pediram uma novela. Ainda, em “homem marcante” escolheu o inacessível cronológico: “Cervantes”; de “mulher marcante”, como se viu acima: Zélia... Quero dizer, em uma obra a qual se propõe mapear toda a sua vida de forma abrangente e, por extensão, todos os seus relacionamentos “oficiais”, Jorge Amado deixa claro, na parte que lhe cabe, que Zélia é a única memória possível.

Seguindo no livro, abre-se a seção “Cronologia”, na qual se dispõem os acontecimentos da vida/obra do escritor tal qual o título indica, de forma cronológica. Literalmente, ano a ano, uma vez que, com exceção de 1916 e 1919, todos, absolutamente todos os anos de vida de Jorge Amado são mencionados. Para isso 81 páginas são requeridas. O início se dá em 1880, ano de nascimento do pai do escritor, João Amado, e o fim em 1992, com informações às vésperas da publicação da

---

<sup>142</sup> Ao tomar conhecimento do Acervo Mala de Jorge Amado, Myriam Fraga entrou em contato com a prof<sup>a</sup> Tânia Regina Oliveira Ramos, pesquisadora que recebeu a doação do material. Em um telefonema, Myriam mostrou-se entusiasmada pela documentação estar em uma universidade com a finalidade de servir à pesquisa acadêmica.

<sup>143</sup> Gattai, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

compilação. Nesse ínterim, localiza o nascimento dos familiares, pais e irmãos, filho e filhas, esposa e ex-esposa. Isto é, nessa parte, além do reconhecimento comum à Zélia Gattai, João Jorge e Paloma Jorge, Matilde Mendonça Garcia Rosa, primeira esposa, e Eulália Dalila, primeira filha, também são citadas e, mais do que isso, contextualizadas nessa publicação. Prática

A seção em questão, “Cronologia”, é constituída tanto por informações que sequer ocupam toda uma linha, como “1915 Nasceu seu irmão Jofre.” (Rubim; Carneiro, 1992, p. 3), quanto por registros que ultrapassam páginas, a exemplo do ano de 1961 que inicia na página 57 e termina na 59. À exceção de uma árvore genealógica, não há imagens na cronologia, ela é elaborada apenas por texto escrito, de forma que se evidencia a intenção do compêndio em manter a objetividade sem abdicar do detalhamento. Assim, contextualiza-se acontecimentos relevantes para o próprio Jorge Amado e seu entorno, mas não se demora nos excessos. Noto uma intenção de mapear a construção paulatina de Amado como grande escritor; logo, obviamente, a obra não deixa de registrar anedotas famosas que endossam essa trajetória, a exemplo do episódio de escrita de “O mar”<sup>144</sup>.

Matilde Garcia Rosa, como já antecipado, é tanto citada quanto contextualizada em um tempo histórico real na obra, para além do espectro que se faz em outras narrativas biográficas que a localizam, quando muito, no casamento e no desquite com o escritor. Aqui, por exemplo, tem reconhecida sua condição de coautora, pouco mencionada nas retrospectivas de vida dedicadas a Jorge Amado:

1933: Casa-se com Matilde Garcia Rosa, em Estância, Sergipe. (dez.)  
É publicado pela Schmidt o livro infantil *Descoberta do mundo*, coautoria com Matilde Garcia Rosa, ilustrações de Santa Rosa e publicado também no suplemento juvenil, do Rio de Janeiro (Rubim; Carneiro, 1992, p. 35).

Também não são deixadas de lado as criações literária que Jorge Amado dedicou a ela, como:

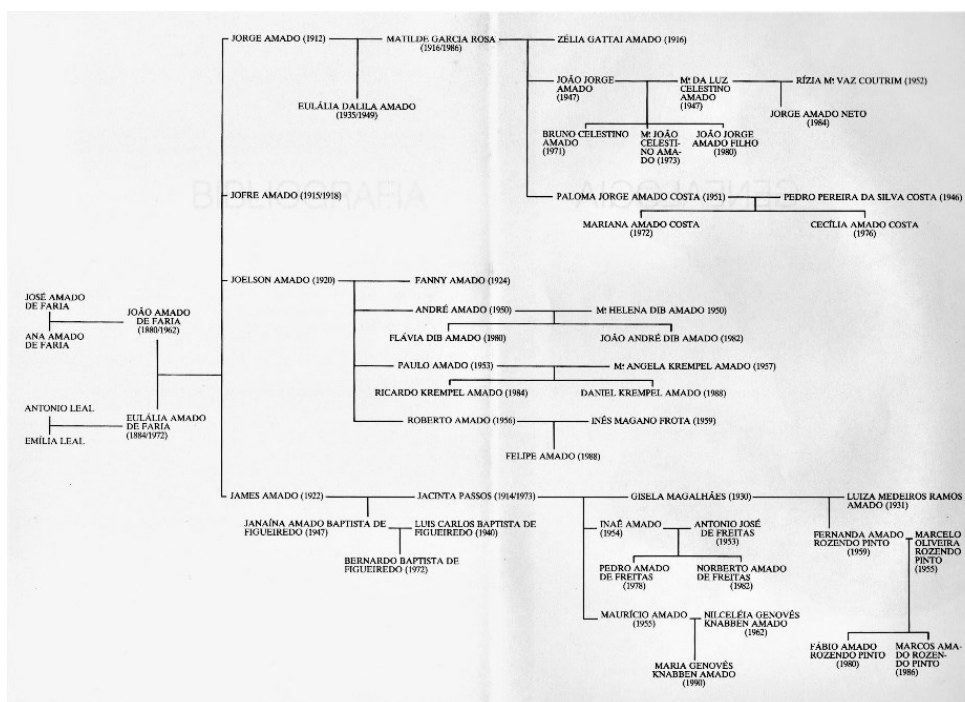
1937: Publica o poema Cantiga da Amazônia na revista “A selva”, em Manaus. Este poema faz parte da coletânea *A estrada do mar*, publicada um ano depois, e que inicialmente se chamaria “Cantiga do pacote voador: poema de viagem e de angústia para Matilde”. (out.) (Rubim; Carneiro, 1992, p. 36).

---

<sup>144</sup> Conta-se que quando Jorge Amado tinha 11 anos (1923) foi chamado na frente da turma pelo professor Pe. Cabral, que lhe conferiu inúmeros elogios à sua redação, denominada “O mar”. Ao que se diz, o Padre olha para ele e fala: “esse vai ser escritor!” A partir disso, passa-lhe a emprestar clássicos da literatura mundial.

Essa edição ainda proporcionou a descoberta do “Mendonça” no sobrenome de Matilde, “1986: Falece aos 73 anos Matilde Mendonça Garcia Rosa, ex-esposa de Jorge Amado. (fev.)” (Rubim; Carneiro, 1992, p. 88), conhecido somente em razão da menção na obra. Após “Cronologia”, é a vez de “Genealogia” falar Jorge Amado. Aqui Lila e Matilde são colocadas em par de igualdade com os demais membros da família do autor:

Figura 18- Genealogia



Fonte: Rubim; Carneiro, 1992, p. 113.

A meu juízo, exemplos como esses tornam possível afirmar que o discurso que se empreende nessa obra transgride a personalidade comum às demais narrativas do autor, de modo que equilibra informações a respeito de sua vida, isto é, não apaga os acontecimentos do início da trajetória de Jorge Amado, como é comum ocorrer em outras construções — o que será explicitado mais adiante, nas análises das obras subsequentes —.

Não há vaidades ou cuidados pessoais, o objetivo é informação para o pesquisador e, por isso, os recortes são mais amplos, de tamanho suficiente para caber (várias vezes) uma ex-esposa, por exemplo, o que pode ser possível, em meu julgamento, devido à própria construção da obra: são acontecimentos sobrepostos, um a um. No caso, organiza-se uma tessitura sem “romanceio” e, também por isso,

possivelmente, não exista o espaço para elaboração de testemunhos de “amor perfeito” — segundo casamento perfeito — como ocorre em outras obras, as quais serão lidas à frente.

*Jorge Amado 80 anos de vida e obra* (3), minuciosamente, ainda, oferece o registro da obra de Jorge Amado para além da identificação já apresentada em “Cronologia”. Na seção “Bibliografia” a relação da produção literária do autor é proposta por títulos em ordem de publicação, com um resumo catalográfico, contendo: nome do livro, local de publicação, editora, ano da publicação (1ª ed.) e número de páginas. Alguns mencionam o artista/fotógrafo responsável pela capa, também em alguns exemplares há indicação da pessoa que prefaciou o livro. Por fim, indica a “edição atual” da obra — lembrando que essa é uma publicação de 1992.

Um detalhe pertinente, e nada casual, é o que Zélia Gattai foi a responsável por todas as fotos dos romances/edições indicadas como “atuais” (1992), o que sugere, além da ampla presença nas menções, também seu trabalho objetivo em direção à preservação da obra do marido. Além dos romances, há um catálogo das demais produções de/sobre Jorge Amado: teatro (uma peça), poesia (um livro), literatura infantil, memória, guia, conto, coautorias — aqui também estão inclusas as parcerias musicais do autor que, por exemplo, compôs com Caymmi famosas canções da MPB, como *Alegre menina*, comumente atribuída a Djavan —, produções cinematográficas, músicas, traduções, discursos, palestras e conferências, dentre outros.

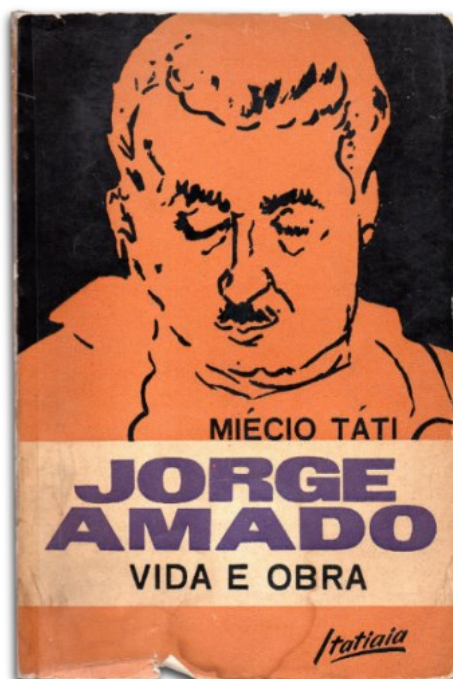
A partir da leitura das três obras apresentadas, *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1), *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2) e *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3), é possível identificar dois macro movimentos editoriais em voga. O primeiro, engloba os dois livros (1;2) editados pela Martins e tem como objetivo geral a apresentação de publicações de caráter mais mercadológico, voltadas para o público em geral. O segundo, por seu turno, conta com um livro (3) destinado a pesquisadores da obra e da vida do escritor baiano. Assim, a diferença substancial entre essas duas propostas reside tanto no conteúdo — já que *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3) traz denso e profícuo material para investigação enquanto *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) e *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* recortam e “pincelam” elementos da obra e da vida do escritor — quanto na forma, dado que a primeira citada (3) abdica

do lugar comum da fabulação narrativa biográfica, e as outras duas (1,2) não se furtam em delinear um perfil biográfico narrativo ficcionalizado de Amado.

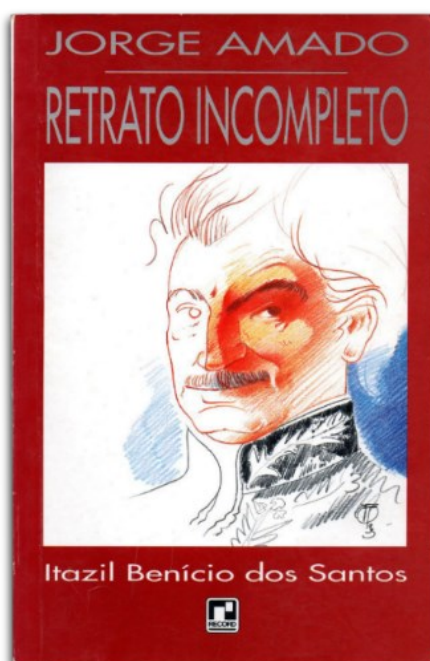
#### 4.1.2 A vida em unidades de materializações: ensaio, entrevista, relato, poema e memória

Das seis obras que mantém o que aqui será identificado como uma “unidade de materialização”, duas coincidem na opção de gênero: *Jorge Amado: vida e obra*, de Miécio Táti (1961) e *Jorge Amado: retrato incompleto*, de Itazil Benício dos Santos (1993), apresentando-se em um formato de ensaio; já a entrevista é encontrada em *Conversando com Jorge Amado*, de Alice Raillard (1990); o relato pessoal é redigido em *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*, de Zélia Gattai, João Jorge Amado e Paloma Jorge Amado (2002); o poema aparece em *A odisseia de Jorge Amado* (2012), de Piligra (pseudônimo de Lourival Pereira Júnior); e, por fim, fechando o rol, encontramos-nos com memórias em *Jorge Amado, meu tio*, de Roberto Amado (2021). As seis publicações assim se fazem ver:

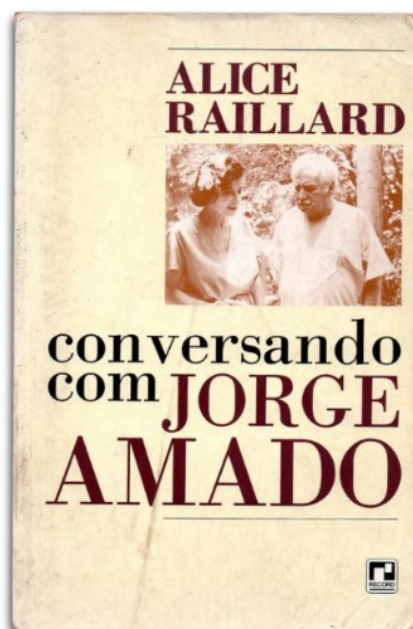
Figura 19- Capa *Jorge Amado: vida e obra*



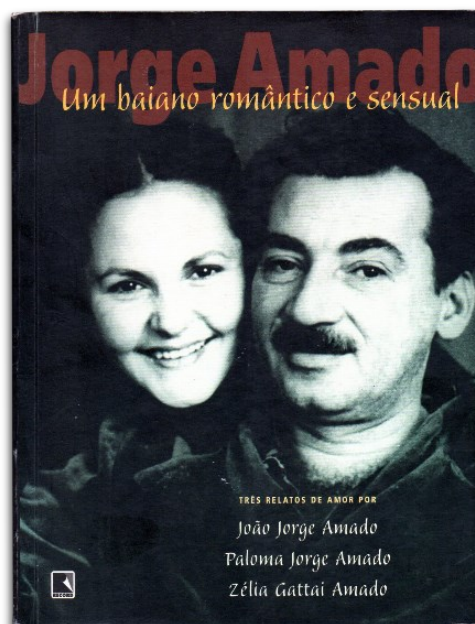
Fonte: Táti, 1961.

Figura 20- Capa *Jorge Amado: retrato incompleto*

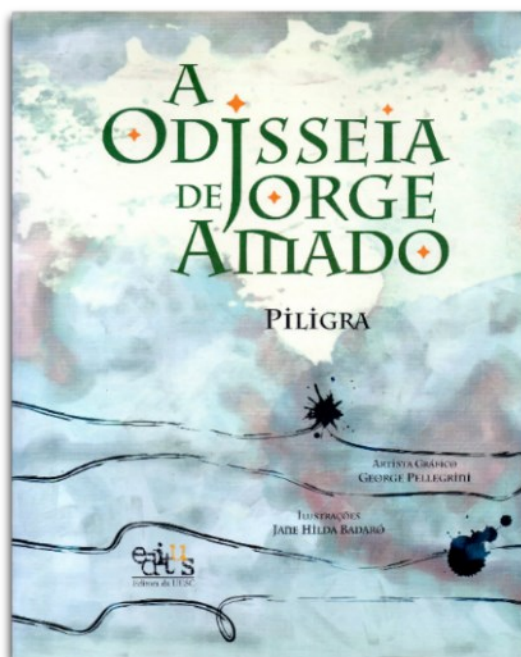
Fonte: Santos, 1993.

Figura 21- Capa *Conversando com Jorge Amado*

Fonte: Raillard, 1990.

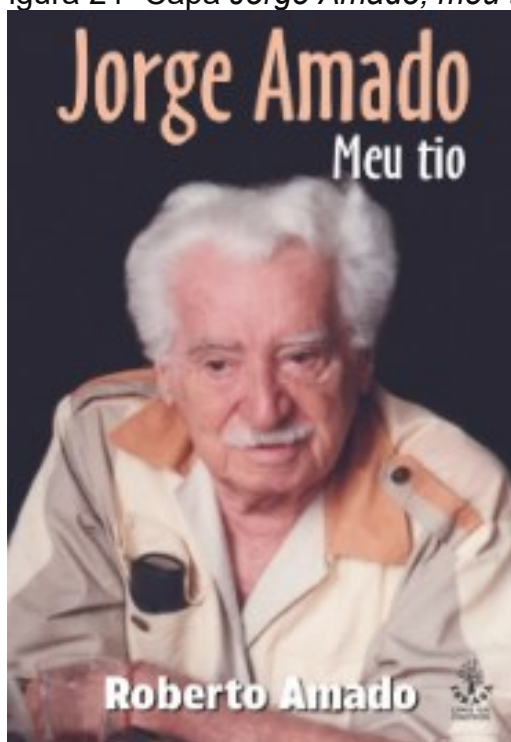
Figura 22- Capa *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*

Fonte: Gattai; Amado; Amado, 2002.

Figura 23- Capa *A odisseia de Jorge Amado*

Fonte: Piligra, 2012.



Figura 24- Capa *Jorge Amado, meu tio*

Fonte: Amado, 2021.

As orelhas de *Jorge Amado: vida e obra* (4) convidam o leitor a

[...] *tudo aquilo que é importante saber sobre o autor de Gabriela cravo e canela* [...] o escritor, o jornalista, o “descobridor” generoso e desinteressado de vocações, o escritor brasileiro provavelmente mais conhecido no estrangeiro, o ideólogo e o idealista – o leitor trava conhecimento com Jorge Amado sob todas as suas diferentes faces. Faces que, de resto, se integram na face singular e única do homem.

Embora seja cotado entre os bons ficcionistas brasileiros de hoje, *Miécio Táci em nenhum momento se deixou levar pela ficção* [...] (Táci, 1961, s/p, grifos meus).

Naturalmente, considerando-se seu momento de produção e publicação, é compreensível tal consideração para registro da intenção da obra, mesmo que nos dias atuais sejam até risíveis materializações nestes termos tão absolutos, “tudo aquilo que é importante”, “em nenhum momento se deixou levar pela ficção”. Isto é, essa tentativa “preto no branco” de limpar a linguagem. De todo modo, fica a informação de que esse livro, nas suas 180 páginas, promete-se relevante quanto aos recortes de vida de Jorge Amado. Agora, basta saber o que para Miécio Táci é “importante saber sobre o autor de *Gabriela cravo e canela*”.

Para socializar os acontecimentos que julga de maior destaque da vida do protagonista, que também é seu amigo, Táci, que foi escritor, romancista e tradutor,

optou por redigir miniensaios temáticos os quais, ao final da leitura, intentam construir a “unidade Amado”. Assim, o livro é regido por títulos que trazem informações não fixadas pela linearidade espaço-temporal. Vale a observação de que os próprios títulos, se lidos à parte do texto, seguidamente um a um, contam uma história. História esta, diga-se, por muito deixada levar pela ficção, a considerar os complementos que o próprio leitor pode atribuir a ela. Não por acaso, aliás, o índice da obra encontra-se ao final do livro, como se não quisesse deixar o leitor criar sua própria trajetória de Jorge Amado. São, precisamente, 52 momentos de criações em potencial a partir dos títulos indicados<sup>145</sup>. Antes de seguir, uma observação, caso a data não tenha chamado atenção, destaque: Miécio publicou essa obra também nos 30 anos d’*O país do carnaval*, sendo ela também uma deferência a Amado.

É, portanto, por meio desses recortes que nos deparamos com a vida de Jorge Amado, sendo que não há registros de fotografias na obra. A única imagem que se faz ver é aquela que se depreende do texto do autor. Este, por seu turno, por óbvio e mesmo tendo negado, faz uso contínuo da fabulação da linguagem ao descrever cenários e episódios, ao supor sucessões de acontecimentos e assim por diante. A partir dessa perspectiva, a título de exemplo, o leitor lê e projeta o homenageado no contexto do Movimento Modernista, em atuação na Academia dos Rebeldes, na sua profissão de repórter, redator e, finalmente, romancista; prevista desde menino, quando já “[...] exímio em composições sobre o mar.”, avalia Táci (1961, p. 16).

Da grande narrativa que se constrói, não se pode deixar de mencionar o impertinente e recorrente discurso machista que localiza, por exemplo, a mãe de Jorge Amado continuamente como coadjuvante em relação ao marido, pois “homem de

---

<sup>145</sup> Os títulos são: i) Um jovem entre rebeldes; ii) Cenário e alma de uma obra; iii) Um pouco de Deus e fuga, com castigo; iv) A palmatória de dona Guilhermina; v) Nascimento há 48 anos; vi) O Bar Brunswick entra na História; vii) *Lenita*, uma abominação; viii) Rio e Faculdade; ix) *O país do Carnaval*; x) *Rui Barbosa número 2*; xi) Descoberta de caminhos; xii) *Cacau*; xiii) Teorias e discussões sobre literatura interessada; xiv) *Suor*; xv) Menino de buço, fazedor de amigos; xvi) Publicitário e jornalista em prisão por ideias; xvii) *Jubiabá*; xviii) *Mar morto*; xix) Literatura, romance e política como resultados sociais; xx) Reexaminando o modernismo; xxi) Sete meses vivendo de romances; xxii) Viagem por toda a América e segunda prisão; xxiii) *Capitães da areia*; xxiv) Romances incinerados; xxv) *A estrada do mar*; xxvi) A atividade jornalística; xxvii) Macumba radiofonizada, a comédia Philadelpho e outros planos; xxviii) *Agonia da noite e Sinhô Badaró*; xxix) *Brandão entre o mar e o amor*; xxx) *ABC de Castro Alves*; xxxi) Sobre “neutralidade na arte” e sobre “arte pela arte”; xxxii) *Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*; xxxiii) Revolução & Letras; xxxiv) A Bahia por mensagem; xxxv) *Terras do sem fim*; xxxvi) Do palco às ruas da Bahia e novamente Ilhéus; xxxvii) *São Jorge dos Ilhéus*; xxxviii) *Bahia de Todos os Santos*; xxxix) Da Bahia para São Paulo; xl) *Seara vermelha*; xli) *O amor do soldado*; xlii) Da Câmara ao exílio; xliiii) *O Mundo da paz*; xliv) Volta ao Brasil; xliv) *Os subterrâneos da liberdade*; xlvi) Para Todos; xlvi) *Gabriela, cravo e canela*; xlvi) Duas novelas; xlix) Planos para breve; l) Trinta anos depois; li) e Jorge Amado analisa Jorge Amado.

vontade” era João Amado, que “[...] reuniu economias, comprou novamente terras, novamente progrediu.” (Táti, 1961, p. 18). Afinal, parece que pouco importa ao autor dessa obra que as economias reunidas foram resultado do trabalho de ambos, Eulália Leal e João Amado, em sua tamancaria. Essa construção narrativa me fez lembrar a questão da “imaginação moral” postulada por Garcia (2018); no caso, fica mais que ilustrado que, definitivamente, a interpretação da vida do biografado está circunscrita aos valores próprios do biógrafo.

Na mesma direção de menor importância, Matilde aparece como um adendo nas informações destacadas entre parênteses:

Tentaria a volta ao mundo nos sertões da Bahia, de Sergipe e Alagoas (1933), depois de casado (casara-se com Matilde Garcia Rosa, nesse mesmo ano), guardando carinhosamente, para futuras narrativas, a lembrança dos “casos” a contar e que por essas e outras viagens a vida lhe ensinava (Táti, 1961, p. 40-41).

Nesse caso, no meu entendimento, a menção parece somente querer explicar a posterior aparição desta, que foi a primeira companheira de vida do escritor, em algumas dedicatórias de Jorge Amado, pois Táti registra todos os “oferecimentos” dos livros feitos pelo escritor baiano até 1961, data da publicação da compilação. Assim, há, por exemplo: *Jubiabá*, “A Matilde, lembrança da viagem para recolher material [...]” (Táti, 1961, p. 68), *Mar morto*, “A Matilde, esse romance de Gamboa de Cima [...]” (Táti, 1961, p. 81), *Capitães da areia*, “Matilde: Jogávamos jogos de prenda. Andávamos de carro-de-boi. Morávamos em casa mal assombrada. Conversávamos com moças e mágicos. Achavas a Bahia imensa e misteriosa. A poesia deste livro vem de ti” (Táti, 1961, p. 94) e *Bahia de Todos os Santos*, “A Matilde, quase baiana” (Táti, 1961, p. 183).

De resto, saliento que *Jorge Amado: vida e obra* (4), antes de ser um ensaio destinado a pensar a vida do autor, é um trabalho que contextualiza a aparição e constituição do “escritor Jorge Amado” por meio de acontecimentos com o “homem Jorge Amado”. Quero dizer, os registros de vida estão subordinados às informações de sua produção intelectual, a fim de fazerem entender como esta se deu no curso da vida daquele identificado como o “autor de *Gabriela, cravo e canela*”.

De saída, há de se dizer, a respeito da segunda obra-ensaio aqui apresentada, *Jorge Amado: retrato incompleto* (5), que o constrangimento é sentimento constante na leitura do texto. Também não deixa de ser menor a

impaciência despertada pela elaboração da narrativa, quase um canto de louvor a Jorge Amado. Hagiografia da mais pura; terrível. A começar pela opção de registro: o autor lança mão de uma materialidade linguística que se quer rebuscada — vide uso desmedido de próclises, por exemplo — e acaba por pecar no quesito “situacionalidade”, já que a obra não alcança a formalidade que Itazil Benício procurou atingir.

No que diz respeito à organização, o livro tem 207 páginas também regidas por orientações temáticas. Ao final, na mesma direção do livro de Táci (4), tem-se um ensaio a respeito de determinados pontos da obra e da vida de Jorge Amado. *Jorge Amado: retrato incompleto* (5), todavia, como se registra no título, tem uma ambientação mais contemporânea e abdica do caráter totalitário de se apreender o sujeito, isto é, de discorrer acerca do “tudo” importante na vida do escritor. A obra também faz uma seleção de recortes da vida de Jorge Amado, trazendo 21 divisões no total. Aqui, no entanto, os títulos dos minicapítulos parecem inclinarem-se mais para o lado do “genérico”<sup>146</sup>. Também nessa obra (5), vê-se a abstenção do uso tradicional da organização cronológica comum às escritas biográficas. Assim, sem marcações rígidas de lugares e datas — “muito tempo” ou “naquela época” —, o autor procura construir-se enquanto um contador de histórias (“reais”). Bem verdade, o livro não leva a cabo (tampouco se propõe a fazê-lo) a proposição cronológica de ordenação dos fatos, de forma que os miniensaios são guiados somente pelos eixos-temáticos, que desobrigam o autor à coesão imediata entre si.

Importante, ainda, é a localização que o próprio Itazil faz de seu livro:

Este livro não tem, de longe sequer, a pretensão de estudar, muito menos do ponto de vista da crítica literária, a obra de Jorge Amado. Pela simples razão de que o autor jamais estudou, jamais praticou, jamais fez crítica literária. Médico, exercendo especialidade médica abrangente e em constante evolução, professor de medicina na especialidade, ninguém mais ciente das responsabilidades que assume quem emite conceitos, juízos e opiniões sobre qualquer assunto. Conhece, além disso, o autor a complexidade que envolve a crítica literária e a objetividade com que deve ser encarada e tratada (Santos, 1993, p. 11).

<sup>146</sup> São eles: i) Palavras iniciais; ii) A varinha de condão – O gênio artístico; iii) A nação grapiúna; iv) O menino grapiúna; v) A Rebeldia; vi) A vocação; vii) O movimento modernista; viii) O povo; ix) As religiões – O culto afro-brasileiro; x) A linguagem; xi) A criação; xii) O ano de 1930; xiii) Os cadernos do aprendiz de romancista; xiv) I Congresso de Escritores Brasileiros; xv) O longo exílio na Europa; xvi) A partir de Gabriela – nova fase na vida e na obra do escritor; xvii) O humor; xviii) As academias; xix) Os prêmios; xx) “Vou passar vinte anos esquecido...”; e xxi) A esperança – uma réstia de Luz.

De imediato, pergunto ao autor: seria o ensaio biográfico um estudo sem seriedade? Quer dizer, se ele não se arrisca à crítica literária devido à complexidade que a envolve, seria plausível chegar à conclusão de que a mesma consideração não se estende às narrativas do espaço biográfico? Em sua avaliação, parece que sim, e como argumento de autoridade para sustentar-se diante do leitor, a quarta capa da obra afirma que Itazil “[...] dá continuidade à tradição, entre nós, de grandes médicos que se dedicam, a um só tempo, à ciência e às letras” (Santos, 1993, quarta capa). Como se vê, é bastante difícil levar a sério a publicação.

Dado o panorama mais genérico da obra, destaco três questões que me chamaram atenção na leitura do livro. A primeira reside nas escolhas lexicais que denotam imprecisão quando se refere, Itazil Benício, ao momento de militância política de Jorge Amado no PCB, como se ambientando, estivesse ele, o lugar do inominável, do perigoso, ilustro:

Jorge, que desejou ‘viver ardentemente’, além da atuação política, *em certa fase de sua vida*, mantém intensa atividade intelectual. Rebelde, afeito sempre às mudanças, à renovação, sua *atuação política foi destacada em certa fase de sua vida*. Amante da liberdade e sempre engajado nos movimentos para a liberdade, militante comunista, deputado pelo Partido Comunista, preso político, exílios, não dispunha do seu tempo, dedicado a reuniões e viagens, até 1955, quando deixa o partido, cessa sua atividade militante, *para escrever apenas* (Santos, 1993, p. 19, grifos meus).

Também ganha meu interesse, como segundo ponto de destaque, os juízos de valor que o escritor dessa obra elabora. Exemplifico:

Por outro lado, *é a essência estética que confere perenidade à obra de arte, e, pois, condições para resistir ao curso do tempo*. O trabalho artístico, a obra de arte de real valor, em qualquer dos seus múltiplos aspectos, no romance, no conto, na poesia, na pintura, no cinema, resiste ao tempo, que costuma passar sobre todas as coisas, resiste ao modismo e às inovações (Santos, 1993, p. 20, grifos meus).

Fica, para mim, a dúvida: com qual autoridade Itazil Benício tece tais considerações? A do médico? A do leitor? A do sujeito que desconhece a crítica literária? Por fim, como terceira e última observação de destaque, falo sobre as passagens em que Zélia Gattai se torna personagem na obra, como em:

Chamava-se Zélia, Zélia Gattai. Leitora assídua e constante dos livros de Jorge Amado, vibrava com a mensagem social e humana neles contida, mensagem que se espalhava e desdobrava em múltiplas faces e aspectos, de ordem econômico-social, mas, na verdade, expressões de seu conteúdo nuclear – liberdade. [...] Trazia consigo um desejo íntimo, muito íntimo mesmo: o de conhecer o escritor Jorge Amado, o escritor famoso e festejado,

mas, também, o militante político antifascista, de quem já reunia, dispostos com carinho em sua estante, alguns relidos, todos os livros publicados, inclusive o último saído, *São Jorge dos Ilhéus* (Santos, 1993, p. 143).

A partir desse excerto, não me parece exagero afirmar que o autor do livro empreende um discurso laudatório em torno do relacionamento de Zélia Gattai e Jorge Amado, ambientando um cenário quase de conto de fadas, cujo final desemboca no “final feliz” que une o intelectual de grande destaque e a “fã” com consciência de classe — afinal “vibrava com a mensagem social e humana”, pois ciente dos valores que realmente importavam, “liberdade” —. Novamente, encontramos-nos diante do “herói” biográfico (Dosse, 2019), agora, no caso, encontrando sua “heroína”. Enquanto pesquisadora, atenta às aparições de Gattai, é difícil não questionar essa presença, especialmente porque ela se dá a todo tempo, na maioria das publicações, como se viu até então e como se confirmará adiante. Tal realização vai se mostrando cada vez mais estrutural na narrativa de Jorge Amado, no sentido de se identificar uma organização objetiva de continuidade entre os dois personagens.

Registro, por fim, a diferença de exposição textual da passagem acima com a que menciona Matilde e Lila:

[...] Jorge não regressou, com a delegação de que fora presidente, à Bahia. Permaneceu em São Paulo, passando a residir, em um apartamento alugado, na Avenida São João, com sua filha Lila, do primeiro casamento, de nove anos de idade, então em sua companhia, [...]. Jorge desquitara-se de Matilde Garcia Rosa em dezembro de 1944. Do casamento, que se dera em Estância, Sergipe, em dezembro de 1933, nascera, a 25 de janeiro de 1935, Eulália Dalila Amado (Lila) (Santos, 1993, p. 16).

Nada mais se diz sobre elas.

Findas as considerações acerca das obras-ensaios, *Conversando com Jorge Amado* (6) passa a objeto dessa contextualização de narrativas do espaço biográfico. A obra, com suas 318 páginas, é uma entrevista concedida pelo escritor, em Língua Portuguesa, à Alice Raillard, estudiosa, tradutora e entusiasta da obra de Jorge Amado. Conforme apresentação, esta “longa conversa”

[...] é um painel da vida política e cultural do Brasil desde os anos 30, com romances de Jorge Amado sendo analisados pelo próprio escritor ao longo da narrativa. São depoimentos reais, através de uma visão crítica e às vezes bem humorada, onde desfilam homens do estado, intelectuais, atores, músicos, políticos, pessoas famosas do mundo todo e o povo da Bahia – matéria viva de seus romances (Raillard, 1990, apresentação).

Para isso, Alice organizou a fala de Jorge Amado em 13 momentos distintos, porém complementares; são eles: i) A Casa; ii) A Academia do Rebeldes; iii) *País do carnaval*; iv) O milagre brasileiro; v) *A tenda dos milagres*; vi) *Jubiabá*; vii) *Os subterrâneos da liberdade*; viii) Terras violentas I; ix) Terras violentas II; x) Terras violentas III; xi) Do Brasil e de outras partes; xii) *Gabriela*; e xiii) O mundo em forma de romance.

Nessa entrevista, indagações muito bem estruturadas provocaram o escritor a um retorno profundo e profícuo à sua obra e à sua vida. Juntos, entrevistadora e entrevistado conseguiram produzir uma das mais completas narrativas biográficas do autor. De forma que assuntos de natureza doméstica, pessoal, pública, política, literária, sentimental etc. estão presentes nas questões e respostas sem, contudo, marcarem fronteiras rígidas e artificiais. Quer dizer, os registros são fluidos, contextualizados e condizentes com a vida em sua realidade plural e múltipla. Assim, em uma direção que problematiza seu entorno e consequentes desdobramentos, Jorge Amado e Alice Raillard conversam desde as motivações do escritor no engajamento na causa comunista (desde a Juventude Comunista) aos azulejos da Casa do Rio Vermelho, todos de Carybé. Da Academia dos Rebeldes<sup>147</sup> a *Gabriela*,

---

<sup>147</sup> Não há unanimidade acerca do reconhecimento da criação da Academia dos Rebeldes, que fica localizado entre os anos de 1927 e 1928. Na época, Jorge Amado tinha cerca de 16 anos quando, sob a liderança do jornalista e poeta Pinheiro Viegas, juntamente a João Cordeiro, Alves Ribeiro, Edison Carneiro, Sosígenes Costa, Válder da Silveira, Áidano do Couto Ferraz e Clóvis Amorim fundaram a Academia dos Rebeldes. O grupo buscava fazer uma produção moderna, sem aderir completamente ao modernismo então vigente. Sua proposta era antecipar a ênfase social e o teor realista que caracterizariam o romance do Movimento de 30; compartilhavam entre si uma postura engajada de esquerda. Seus órgãos de divulgação foram os periódicos Meridiano e O Momento, através dos quais levaram adiante suas preocupações com questões nacionais e sociais. Esse movimento literário também se destacou por sua forte conexão com figuras populares, como capoeiristas, malandros, estivadores, boêmios e prostitutas, buscando dar voz às camadas marginalizadas da sociedade brasileira. A “sede” da Academia ficava no Café das Meninas, situado na esquina das Ruas do Tira Chapéu e da Ajuda, próximo ao Bar Brunswick, em Salvador. Esse local tornou-se um espaço de debates e de reflexões sobre a identidade literária brasileira, provocando seus membros a pensarem o desenvolvimento de uma literatura autêntica e conectada com a realidade social do Brasil.

Em seu discurso de posse da Cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, Jorge Amado lembrou a Academia; reproduzo a passagem: “Procuro num milagre de imaginação, reviver no dia de hoje o adolescente magro, membro da Academia dos Rebeldes, na Bahia, nos anos de 1928 a 1930. Pequeno aprendiz de escritor em cerrada fita com outros de sua idade e condição, levantava-me em imprecizações contra a Academia Brasileira e toda a literatura de então, disposto a arrasar quanto existia, convencido de que a literatura começava com a minha incipiente geração, nada devendo-se fizera antes do nosso aparecimento, nenhuma beleza fora criada, nenhum resultado obtido. Que diria o jovem de dezesseis anos, assombrado ante a vida e o mundo, solto ao mistério da Bahia, ao ver o quase cinquentão de hoje, envergando fardão, espadim e colar acadêmico. Dentro de mim, senhores, neste coração que resiste a envelhecer, ouço o riso moleque do rebelde um busca de caminho. Rio-me com ele, não há entre nós oposição, não existem divergências fundamentais entre o menino de ontem e o homem de hoje, apenas um tempo intensamente vivido. São muitos homens em diversas idades a encontrarem-se nessa tribuna somados num homem maduro, mas ainda de experiência e vida vivida que de idade.

*cravo e canela*. Do Candomblé às ditaduras argentina e brasileira. De seu processo criativo à visita de Sartre e Beauvoir ao Brasil.

No que diz respeito ao envolvimento com o PCB e, especialmente, à influência do partido em sua produção intelectual, destaco a resposta de Jorge Amado quando indagado acerca da divisão comum que parte da crítica especializada costuma fazer de sua obra, diz ele:

Construíram uma teoria, que foi retomada aqui por certas pessoas, segundo a qual minha obra se dividia em suas partes; uma anterior à *Gabriela* e a outra posterior. É uma estupidez, uma bobagem total. Foi então que um amigo, cujo nome não quero citar, e que conhecia a realidade das coisas, escreveu um artigo sobre *Quincas Berro D'água* e *Capitão de longo curso*, para afirmar que eu abandonara todo o interesse pelo povo, pela vida, e que meus heróis eram podres – um artigo ridículo, um tecido de asneiras... A crítica em si era tão boba que não conseguiu me abalar, mas eu estava magoado pelo fato de amigos conseguirem escrever tais coisas, *cumprindo ordens, submetendo-se a elas. Eu sei... Conheço bem o mecanismo... Compreendo como ele e outros chegaram a tomar estas posições*. Falo nisso sem rancor. Explico o que houve, em que condições, acreditando na ideia de que até certo momento eu teria feito uma obra revolucionária, de denúncia social, para um amanhã melhor, uma nova era, uma obra ao lado do povo, e que de repente eu teria modificado minhas posições, abandonado minha atividade militante do Partido! ... Eles não diziam explicitamente que era por isso. Diziam que a obra se tornara folclórica, que era a negação da obra passada, não sei mais o quê, como se os elementos da vida, do folclore não estivessem presentes em livros como *Jubiabá*, *Mar morto*, a presença de lemanjá, do candomblé etc., ou e *Capitães da areia*... Tudo isso é uma tolice incomensurável. Mas perdura até hoje: as duas obras, a do início, revolucionária, denunciando a injustiça social, e a outra. Não, minha obra é uma unidade, do primeiro ao último momento. Só se pode dizer que existe, no início, uma profusão do discurso político, correspondendo ao que eu era então (Amado, 1990 *apud* Raillard, 1990, p. 266-267, grifos meus).

---

Posso assim rir um riso bom com aquele velho companheiro o adolescente que eu fui nas ruas e ladeiras da Bahia plenamente jovem e plenamente rebelde. Rebelde e não ainda revolucionário resulta do conhecimento e da consciência.

Aproveito este momento para falar-vos do perigo a pesar sobre esta Academia e vossa glória pelos idos de 1929. Perigo grave e sério não sei se esta instituição chegou a se dar conta de como esteve de morte ameaçada. Porque naquele ano num primeiro andar do Largo do Terreiro de Jesus, na cidade de Salvador, alguns jovens se reuniram e fundavam a Academia dos Rebeldes. Alguns desses moços são hoje nomes conhecidos e admirados: o poeta Sosígenes Costa, o contista Dias da Costa, mestre Edison Carneiro. Outros não puderam completar sua cara vocação de escritor, levados uns pela morte, como o romancista João Cordeiro, outros pela vida, como o poeta Alves Ribeiro ou o romancista Clóvis Amorim.

Acolhera rebelde Academia num gesto talvez impensado, uma sala destinada a sessões espíritas, atmosfera mística e misteriosa, com um retrato de Alan Kardec e um obsessante desenho de almas transmigradas a impressionar nossas desabrochadas imaginações. Nosso programa era simples, efetivo e imenso: arrasar definitiva e completamente o já existente e construir o monumento de nossa literatura. Meta primeira alcançar a Academia Brasileira, substituí-la por nossa Academia de Rebeldes. Saímos de nossa primeira reunião eufóricos e convencidos: seria assunto de pouco tempo o fim da academia inimigo e a pujança de literatura que transpirava por todos os poros” (Amado, 1961, s/p).



Desse depoimento, destaca-se a recorrente “ambientação sectária” do PCB a que Jorge Amado faz referência quando discorre sobre os motivos de sua ruptura com o Partido, na década de 1950. Além disso, é possível fazer uso desse excerto para nos reportarmos ao primeiro capítulo deste trabalho, quando se discute o “autoexílio” do escritor para a elaboração da biografia de Prestes: “Eu sei... Conheço bem o mecanismo...”, diz em relação ao cumprimento de funções e regras estipuladas pela “diretoria”.

Ainda no que diz respeito às questões contextuais de 1941 e 1942, é pertinente mencionar a provocação de Alice Raillard acerca do “getulismo”: “a coisa mais complicada de se entender, assim como o peronismo!” (Raillard, 1990, p. 69). Em resposta, o escritor justifica:

São fenômenos tópicos do continente latino-americano: os caudilhos. O getulismo é uma projeção do caudilhismo que vem desembocar num movimento muito poderoso no Brasil. O populismo. [...] Getúlio Vargas criou uma legislação trabalhista que representou um progresso importante, depois tirou partido da popularidade que adquirira – era um caudilho no fundo, um gaúcho, e daí vem toda a questão do populismo no Brasil. Em dado momento, tirou partido disso para se tornar ditador, assumir o tom durante oito anos, instaurar a ditadura do Estado Novo – não era realmente fascista, o fascismo é uma ideologia muito precisa, não era este o caso. Era uma ditadura sul-americana, Getúlio se apoiava nos militares – são sempre eles que sustentam as ditaduras: os militares na América Latina têm um papel a meu ver extremamente negativo (1990 *apud* Raillard, 1990, p. 69-71).

Mais adiante, não satisfeita, insiste:

A.R. – Jorge, você me diz que as coisas não devem ser vistas de uma perspectiva europeia, que para entendê-las não se pode partir de uma visão ideológica... Mas, antes que percamos o fio da meada, é sobre o início dos anos 30 que falávamos... E, me parece, as posições, inclusive as suas, eram bastante diferentes...

J.A. – (*quase violentamente*) – Claro, todas elas! De todos nós! Naquele tempo, a divisão do Brasil em esquerda e direita era pivô de tudo. Aquilo a que hoje chegamos estava então começando. Só dava nisso, direita-esquerda. Mas há uma diferença...

“Será que vai ser um romance proletário?” Tudo estava nisso. Todas as coisas que estão lá eram corretas para a época, nada tenho a abolir ou mudar. O que é feito, feito está. Em 1930, estávamos sob uma influência ideológica imediata – eu nunca lera Marx, não sei se muitos entre nós o leram, Prestes talvez; mas a maioria dos líderes do PC sem dúvida jamais leu. Nós nos dizíamos marxistas, e quando escrevi *Cacau* declarei que queria fazer um “romance proletário”, eram todas as influências das quais falei, assim como a onda da época, de um determinado tipo de literatura (Raillard, 1990, p. 74, grifos da autora).

Se nas indagações de Raillard vê-se caminhar lado a lado a provocação (o “enfrentamento”) e a tentativa genuína de se compreender de maneira profunda a

conjuntura histórica, política e social da produção intelectual do escritor baiano, em Jorge Amado vê-se o discernimento e a maturidade em relatar tais recortes do passado. Quero dizer, o afastamento do espaço e do tempo parecem ter dado conta de conter o “entusiasmo” e — porque não? — a inocência que o guiavam, por exemplo, no período da compilação do Acervo. Nesse sentido, essa entrevista tem uma colaboração particular no contexto de investigação em questão, principalmente, ao se comparar o discurso que emerge, de maneira geral, da Mala e o que Jorge Amado aqui apresenta, aquele ambientado por noções mais simplificadoras, dualistas — “eles X nós”, “bom X mal”, “herói X bandido” — e este mais atento à complexidade das (rel)ações humanas. Refiro-me ao discernimento do escritor em pintar os quadros políticos de ontem, em nada semelhantes àquele do jovem e enérgico biógrafo do Cavaleiro da Esperança.

Nesse sentido, essa entrevista biográfica apresenta-se como um dos mais dinâmicos gêneros d’*O espaço biográfico* (Arfuch, 2010) para se pensar a construção do relato da vida. Isto é, se considerarmos a prática de idas e vindas para sua construção material — pergunta-resposta, pergunta-pergunta, resposta-resposta, pergunta-interrupção-pergunta etc. —, aproximamo-nos da própria noção do viver, que não é linear. Ademais, há as interrupções, os direcionamentos, bem como as quebras de expectativas, mas, no final, recebemos um texto coerente e fluido. Ou seja, evidentemente, a obra é decorrente de uma organização prévia, houve cortes e planejamento editorial. Esse exemplo é pedagógico para se fazer ver que a narrativa de vida é construída a partir daquilo quer se quer visto.

Seguindo, no que diz respeito a quarta obra abordada nesta seção, *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (7), publicada em 2002 e, portanto, no ano seguinte à morte do autor, observo que o relato a que farei destaque será apenas o de Zélia Gattai. Recorte motivado em razão da temática discutida pela autora em suas 91 páginas, entre texto e fotografias, que não deixa de discorrer a respeito de episódios da vida de Jorge Amado que antecederam sua relação com o escritor. Quer dizer, metaforicamente, se é que se pode falar nesses termos, Zélia Gattai “criou” memórias que antecedem 1945, ano em que começou a se relacionar com aquele que viria a se tornar o companheiro de uma vida. Isso porque ela “rememora” lembranças anteriores a seu relacionamento que falamos, aliás, ao exílio de 1941 e 1942, quando ainda sequer se conheciam. Para isso, justifica que teria, o próprio Jorge Amado, contado a ela tais fatos para que soubesse de sua boca o que *realmente* aconteceu

quando não compartilhavam uma vida em comum... Ou seja, de imediato, nota-se o esforço da autora (e determinada imposição) em registrar uma onipresença na vida de Jorge Amado, como se quisesse deixar clara sua presença absoluta na vida com o esposo. Inclusive, a representação de tal presença está registrada desde a capa, na qual há uma foto do casal ainda jovem, sorrindo, com os rostos colados, lado a lado. Isto é, mesmo que os filhos também sejam autores, a foto de as capa só traz o casal, A(a)mado.

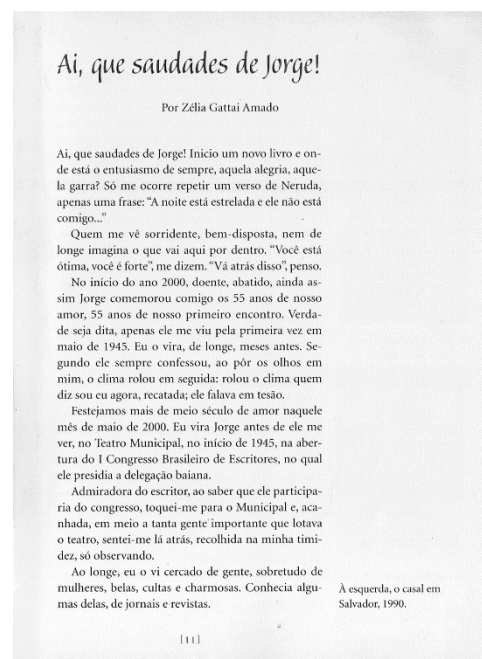
Quanto à obra, estruturalmente, o livro está organizado em três momentos, além da apresentação assinada por Eduardo Portella, presença comum nas escritas de caráter biográfico sobre Jorge Amado, como visto. São eles: i) “Ai, que saudades de Jorge!”, de Zélia Gattai Amado; ii) “A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Jorge Amado, capitão de longo curso”, de João Jorge Amado; e iii) “Meu melhor amigo”, de Paloma Jorge Amado. Juntos, esses relatos somam 231 páginas que fazem jus ao subtítulo da obra, isto é, são “três relatos de amor”. Na décima primeira página do livro, Zélia Gattai inicia suas tratativas textuais. Porém, antes disso, há uma imagem que ocupa toda a página dez: Jorge e Zélia, idosos, em 1990, abraçados, sorrindo; como se um recado semiótico de que o abraço dessas vidas apenas a morte separou.

Figura 25- Jorge e Zélia 1



Fonte: Gattai, 2002, p. 10.

Figura 26- Jorge e Zélia 2



Fonte: Gattai, 2002, p. 11.

Ao lado da imagem, a palavra:

No início do ano 2000, doente, abatido, ainda assim Jorge comemorou comigo os 55 anos de nosso amor, 55 anos de nosso primeiro encontro. Verdade seja dita, apenas ele me viu pela primeira vez em maio de 1945. Eu o vi, de longe, meses antes. Segundo ele sempre confessou, ao pôr os olhos em mim, o clima rolou em seguida: rolou o clima quem diz sou eu agora, recatada; ele falava em tesão (Gattai, 2002, p. 11).

O texto segue nesse estilo até o fim. Zélia vai construindo sua identidade de contadora de histórias espontânea e despretensiosa, por meio de estruturas simples e registros coloquiais — como em “[...] e ai de quem ousasse abrir a boca!” (Gattai, 2002, p. 13) ou “Discreta, entrei direto, dando apenas um alô. Nem me dera conta, burra, de que o rapaz magrinho era Jorge Amado.” (Gattai, 2002, p. 15) —. Do conjunto do depoimento elaborado por ela, chama a atenção o fato de que as ilustrações não ganham status secundário na produção. Pelo contrário, elaboram, independentemente, sua própria narrativa; melhor dizendo, a narrativa de vida do casal Amado, a considerar a frequência da presença de Zélia e dos dois juntos nas imagens. O que se torna óbvio, inclusive, uma vez que o livro é um depoimento dela e dos filhos sobre lembranças da vida em comum.

Sobre esses registros, um longo parêntese: majoritariamente, as fotos são oriundas do “Arquivo Zélia Gattai”, acervo que, ao lado do “Arquivo Jorge Amado”, compõe a Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA), a qual abriga coleção documental diversa (literária, fotográfica, missiva etc.) de ambos os escritores<sup>148</sup>. Considerando o arquivo da própria Casa, a instituição guarida cerca de 200 mil documentos (Cunha, 2003). No entanto, engana-se aquele que imagina Zélia fazendo-se presente somente a partir da incursão do acervo que leva seu nome, pois, mesmo quando tal arquivo não participava à instituição, Gattai fora irrestrita. A começar pela idealização do espaço que, de acordo com Amado, partiu de iniciativa dela; na aba “Histórico”, do site Casa, afirma-se:

Em 1982, Jorge Amado comemorou 70 anos de idade e 50 anos de literatura. Naquela época, algumas instituições, no Brasil e no exterior, faziam pressão para que o autor doasse seu acervo literário, a fim de que este pudesse ser melhor preservado e estudado. Mas sua mulher, a também escritora Zélia Gattai, se opunha à ideia, afirmando que o acervo pertencia aos baianos e, portanto, deveria ficar na Bahia.  
[Jorge Amado:] Quando digo que Zélia é a responsável pela existência da fundação cultural estabelecida no Pelourinho, nascida da doação de meu

<sup>148</sup> Há, ainda, o arquivo da própria instituição, que contém matéria diverso sobre a criação do espaço, desde as primeiras ideias. Essa documentação chega a cerca de 45 mil documentos (Cunha, 2003).

acervo literário leva meu nome, digo a verdade. Não fosse Zélia o acervo estaria a essa hora em universidade (Fundação Casa de Jorge Amado, 2023).

Ademais, é citada quase como um contínuo de Jorge em menções sobre a instituição: lemos sua presença nos créditos de documentos em diferentes obras biográficas, nos agradecimentos dos autores, em publicações sobre a Fundação, além de ser diminuta a publicização de fotografia de Jorge que a autoria não seja atribua à Zélia — Gattai declarou seu amor à fotografia inúmeras vezes, daí, também, decorre a enorme coleção de imagens de Amado, seu “muso” —. Em relação a fotografias, inclusive, é difícil encontramo-nos com obra biográfica que não reitere essa presença ao lado de Amado, prática compreendida pelas mais de cinco décadas de relação em comum, mas não somente.

Acerca da materialidade em si, majoritariamente, a FCJA abriga documentação datada a partir da década de 1950, consequência evidente dos anos de perseguição e exílio com os quais Jorge conviveu — o que também faz do Acervo Mala de Jorge Amado uma resistência física e simbólica à intolerância no país —. Desse material, algumas publicações surgiram, dentre as quais *Toda a saudade do mundo – A correspondência de Jorge Amado e Zélia Gattai* (2012), com organização e notas de João Jorge Amado. Na obra, o primogênito do casal apresenta a ideia do livro como uma sugestão da irmã, Paloma Amado, incapaz de ler as cartas guardadas pela mãe, após sua morte (2008); a partir disso, João Jorge seleciona algumas das correspondências, de 1948 a 1967, para elaboração da obra. Recupero a contextualização feita por ele:

Recebi as pastas de Paloma e, de uma forma totalmente irresponsável, me comprometi a encarar o desafio.

As pastas de cartas merecem uma explicação. Dona Zélia não jogava nada fora. Aprendera com minha vó Angelina que “Quem tem, procura e acha; quem não tem, procura e não acha”. [...] Minha mãe aprendeu bem a lição e, entre as muitas coisas que guardou, está um acervo de cerca de 20 mil fotografias, atualmente na Fundação Casa de Jorge Amado, e o conteúdo dessas cinco pastas que Paloma me entregou. Além de cartas, escritas em sua maioria por meu pai, há muitos cartões-postais, pequenos cartões, dedicatórias e alguns outros escritos.

Jorge Amado era um homem extremamente epistolar. Utilizava muito o correio. [...]. Além das cartas de meu pai, havia na pasta umas tantas de minha avó Angelina, de tia Wanda, de meu avô João Amado, de minha irmã Lila<sup>149</sup> e até bilhetes de meu irmão Luiz Carlos, que estava sendo

<sup>149</sup> Na compilação, há uma carta de Lila; reproduzo-a:

”Brasil – Rio, 27-7-49, segunda-feira.

Papai: como vais? Espero que como sempre bom, não? Eu vou bem. Tanto de férias como de saúde. De férias, tenho passeado muito, e de saúde, quanto ao texto, eu vou indo. Outro dia, fui ao concerto

alfabetizado. Eram cartas que traziam notícias do Brasil pra o casal exilado na Europa (Amado, 2012, p.10-13).

Ao lado dessas cinco pastas guardadas por Zélia, há muitas outras na Fundação, a maioria é correspondência passiva: artistas, intelectuais, políticos, figuras públicas, pessoas comuns, do Brasil e do exterior que escreveram para Jorge ao longo de sua vida, mas esse material está fechado, indisponível, inacessível, mesmo a pesquisadores. Em folheto de divulgação da instituição, lê-se: “O arquivo de correspondência está provisoriamente fechado para consulta. Após o período de reconhecimento e organização técnica, o pesquisador terá acesso à documentação referente à vida profissional do escritor. A correspondência pessoal continuará fechada à consulta (Fundação Casa de Jorge Amado *apud* Cunha, 2003, p. 119). A respeito desse (não) acesso, Eneida Leal Cunha (2003, p. 121) avalia:

Os documentos da atuação política articulada à longa atividade literária de Jorge Amado ultrapassam o panorama nacional, não só graças à diferença cultural dramatizada nos romances, mas pela paradoxal convergência de dados biográficos — os vínculos com o Partido Comunista Brasileiro, a consequente inserção do escritor nas redes que conectavam internacionalmente os intelectuais militantes e, um seu correlato imposto pela

---

de Anna Stella Schic, no Municipal. Ela me disse que esteve no Congresso, e que te falou, é verdade? Recebi o convite para outro concerto que ela vai dar. Eu quero ir. Tenho recebido seus postais. Ótimo. Seu aniversário está perto. Parabéns. E eu que vou fazer 15 anos?

Aqui não há novidades. Tudo, velho. Dia 22, sexta-feira, eu fui ao concerto dado por Anna Stella Schic, na Escola Nacional de Música, por ocasião da Festa Nacional da Polónia. O embaixador da Polónia e senhora mandou-me o convite. No fim do concerto falei com a Anna Stella. Ela vai ficar uns 7 dias ainda aqui. Gostei imensamente. Nessas férias eu tinha feito projeto de ir à Bahia. Porém não foi possível, e ficou para o fim do ano. Eu ia de navio pois há muitos anos que não viajo de navio; seria infernal.

Recebi o postal de Sónia. Lindo. Sabe que já tenho 51 postais? Meu álbum está infernal.

O frio aqui está daqueles. O jornal disse que vem uma onda de frio e que chegará 11 (onze) graus. E aí, agora é verão?

Ah, ia me esquecendo: no concerto da Anna, eu vi Ivan Martins, Barbosa de Mello ou Melo, e Moacir Bernello de Castro ou algo parecido. Falei, quero dizer, cumprimentei-os. Convidei-a (Anna Stella) para vir comer comigo uma comida baiana. Ela virá essa semana.

Estou esperando a carta longa!

Fui ver Terra violenta. E sabe do que mais? Gostei imensamente. Todos trabalham bem, principalmente a Heloísa Helena que faz o papel de ‘Nancy’, a ‘Gatinha’. E o filme foi impróprio até 14 anos. A briga, a morte do fazendeiro, o incêndio do cartório, a festa com banda de música e as crianças foram bem feitos. Principalmente quando os capangas, do coronel chegam e arrasa uma festa. E macumba? O negro trabalhou muito bem, fazendo as caretas. Ela, a Irene, é um amor. E ele, Carlos, também. No fim não, ele está horrível. E ela também. As fotografias da Bahia e de Ilhéus estão formidáveis e lindas.

Eu só tenho uma semana de férias. Dia 1º entrarei em aulas. Mande dizer se tem recebido as, minhas cartas. Nunca se refere a este assunto. E que tal a viagem?

Fui ver o filme do novo Tarzan. Gostei muito. E ele é muito infernal. E mais uma vez está encerrada a seção. Tudo velho usado.

Abraços e lembranças saudosas de

Lila

E favor me avisar quando estiver de volta ao Brasil, pois preciso fazer-lhes umas encomendas. Não se assuste, não vou leva-lo à falência por causa das encomendas não! Continue a me escrever sempre.”

história política brasileira, os anos vividos no exílio e as amizades que então desenvolveu [...].

Infelizmente, tem-se que admitir, com a morte de Jorge Amado, os controles sobre a documentação de caráter mais pessoal tornam-se mais rígidos e mais restritivos ao acesso dos estudiosos interessados, especialmente no que se refere à correspondência. As cartas dos leitores ditos comuns, por exemplo, manipuladas pela equipe de pesquisadores que coordenamos entre 1995 e 1997 sem qualquer restrição, passaram a exigir sequenciadas intermediações junto a bibliotecários da Fundação, ou mesmo a sofrer interdições, por exigência do próprio escritor, segundo declara a administração do acervo.

Em contraste com outros acervos de escritores existentes no país, três aspectos têm forte interferência no acesso de pesquisadores aos documentos depositados na Fundação Casa de Jorge Amado: por um lado, a atenção permanente à circulação da imagem pública e à máquina promocional bem articulada, que estimularam o arquivamento, estão também na origem da publicização do acervo, da constituição e da gerência da Casa; por outro, o grande valor comercial de tudo aquilo que porte o nome de Jorge Amado e a competente administração familiar desse patrimônio; sobre tudo isso, o fato incontornável de que o trabalho com o acervo de um escritor pressupõe um nível alto de dificuldades e permanentes estratégias de negociação com os seus representantes (Cunha, 2003, p. 120-122).

Diante desse panorama, vemos o trabalho objetivo de construção da imagem, isto é, fica evidente o controle arcôntico da narrativa da vida pessoal de Amado. Quanto a sua relação com Zélia, especificamente, os registros decorrentes dessa união buscam perpetuar um imaginário sólido e irreparável do amor romântico entre o casal, que começou a ser visto nas obras anteriormente apresentadas e seguirá se mostrando nas subsequentes. Embora me pareça evidente, é importante que se diga: tal observação não invalida o ocorrido empírico dessa relação que nem a mim, nem a ninguém que não esteja envolvido diz respeito em sua vivência. Isto é, o foco que trago à tela é pura e simplesmente narrativo, é o olhar para a imagem que se quer fazer ver de um sujeito que ganhou interesse por ser uma personalidade da literatura, da cultura e da história do país. Se esta é produto concreto do vivido? Não saberemos. Tal qual Arfuch (2010), a vida contada e vida vivida não são coincidentes.

Quanto à organização, não há fixação de datas. O que o guia a narrativa são fotografias, que não têm ordenação cronológica ou temática. Todas as imagens estão em preto e branco, o que atribui certa materialização poética às imagens, que ilustram uma bonita vida em comum. Feliz e rica, cultural e sentimentalmente falando; rodeada de amigos, lembranças e experiências, mas que se foi, quer dizer, não mais o é. O preto e branco dão a ambientação dúbia do registro e do luto, pois demarcam a dor da saudade. Ilustro:

Figura 27 – Com amigos no castelo de Dobris



Fonte: Gattai, 2002, p. 48.

Figura 28 – Jorge e Zélia na Tchecoslováquia



Fonte: Gattai, 2002, p. 50.

Figura 29 – Jorge e Zélia 3



Fonte: Gattai, 2002, p. 110.



Figura 30- Jorge, Zélia e João Jorge



Fonte: Gattai, 2002, p. 55.

Figura 31- Entre amigos



Fonte: Gattai, 2002, p. 25.

Figura 32- Jorge e Zélia 4



Fonte: Gattai, 2002, p. 97.

Como sugerido na seleção de imagens acima reproduzidas, as fotografias vão desde a mocidade, a partir de quando iniciaram a relação afetiva (1945), até a velhice, com fotos espontâneas e divertidas do casal já idoso. Da mesma forma que as

imagens vão sendo dispostas, o texto de Zélia avança com anedotas a respeito da vida a dois, com episódios felizes, engraçados, sentimentais, amorosos etc., sendo dispostos lado a lado, um a um.

Por fim, destaco que pouco a pouco, palavra a palavra, imagem a imagem, essa narrativa de vida conquista e hipnotiza, de maneira que o discurso do “casal Amado”, como um contínuo um do outro, torna-se consistente e irreparável. Tanto que em certa altura da leitura há um latente desconforto, de minha parte, em continuar a identificar um “discurso da manutenção da imagem”. Como se ao fazê-lo, isto é, ao procurar “pistas” que desconstruam a “aura” da narrativa de vida aqui empreendida, eu estivesse praticando a mais alta ofensa, sendo o sujeito mais petulante. Quero dizer, o texto de Zélia Gattai, como qualquer texto, é uma construção, uma elaboração discursiva em prol de um objetivo, de uma função. E, nesse caso específico, fica evidente na minha avaliação que a autora organiza esse espaço de fala para edificar uma imagem imaculada em torno de seu relacionamento com Jorge Amado, a ponto de obter tanto sucesso que me deixa constrangida ao questionar e/ou problematizar determinados elementos que o compõe.

Seguindo no rol de publicações, temos *A odisseia de Jorge Amado* (8), de Pilgra, pseudônimo de Lourival Pereira Júnior, professor da área de Filosofia na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). De partida, a capa já nos ganha atenção pelo trabalho gráfico de George Pellegrini, professor de literatura espanhola da Universidade Federal do Pará (UFPA). A ilustração é feita pela artista plástica — ainda advogada e professora da UESC — Jane Hilda Badaró. Também do locus acadêmico é sua materialização, já que a obra de 148 páginas é trabalho editorial da Editora da UESC.

A apresentação, assinada pelo professor George Pelegrini, é cumprida na primeira orelha e assim informa o leitor:

Este é um livro de poemas que fala da prosa, metalinguístico, pois. É um livro aparentemente simples: 100 sonetos que contam a trajetória literária do escritor Jorge Amado. Mas que, através de uma análise mais aprofundada, se revela complexo. O autor empreende um vigoroso exercício de criação, tentando atingir as fronteiras dos gêneros (Os sonetos trazem a dicção do cordel ou seria o cordel mais rebuscado, sob a forma estruturada do soneto?). *A odisseia de Jorge Amado* é a viagem criativa de Pilgra através dos romances e biografia de Jorge Amado. Traça o longo e fértil percursos do autor de *Tocaia grande*, desde seus primeiros passos no processo da escritura literária até o domínio completo da arte da narrativa. Nesta odisseia, o leitor terá a oportunidade de percorrer a pé, a nado ou batendo asas, o

universo social, poético e encantado do grande escritor itabuense. (Pellegrini *apud* Piligra, 2012, s/p).

Essa “viagem criativa através dos romances e biografias” é organizada, como dito, em 100 sonetos, divididos em 10 partes — cada qual com 10 poemas — com os seguintes títulos: i) Nascimento e infância, ii) Adolescência e rebeldia; iii) Rio de Janeiro; iv) Fama, tristeza e prisão; v) Nas *Terras do sem fim* da política; vi) Da *Seara vermelha* ao exílio; vii) O retorno ao Brasil e o dilema do escritor; viii) Gabriela e Os pastores da noite; ix) Da *Tenda dos milagres* a *Dona Flor e seus dois maridos*; e, por fim, x) Na rua Alagoinhas, a revelação: o personagem narrou seu criador. Dispõem de índice também as ilustrações, assim denominadas: i) *Gabriela cravo e canela*; ii) *O menino grapiúna*; iii) *Terras do sem fim*; iv) Pescador; v) Bataclan; vi) Capoeira; vii) *Bahia de Todos os Santos*; viii) *O país do Carnaval*, ix) *Dona Flor e seus dois maridos*; e x) *Os velhos marinheiros* ou *Capitão-de-longo-curso*.

Todas as páginas são ilustradas; o projeto prevê, a cada capítulo, uma figura em página única, que, nas seguintes, é parcialmente reproduzida nas margens, à esquerda nas páginas pares e à direita nas páginas ímpares, ilustro:

Figura 33- “Pescador”



Fonte: Badaró *apud* Piligra, 2012, p. 52.

Figura 34- Início de capítulo: Fama, tristeza e prisão



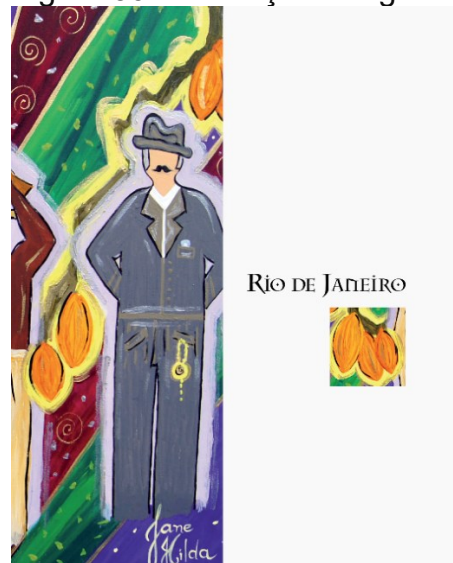
Fonte: Badaró *apud* Piligra, 2012, p. 53.

Figura 35- Início de capítulo



Fonte: Badaró *apud* Pilgra, 2012, p. 39.

Figura 36 - Ilustração margem



Fonte: Badaró *apud* Pilgra, 2012, p. 40.

Nesse formato, lemos Jorge Amado contado em progressão, do nascimento à morte; tal qual se vê na prática clássica do gênero biográfico, o personagem aparece como vida em trajetória: começo, meio e fim. O autor não faz uso de datas ou horas, mas traz indicadores temporais e espaciais — especialmente, locuções adverbiais de tempo e de lugar — que situam o leitor. Por exemplo, no primeiro soneto, lemos:

Conta-se a lenda, lá *nas bandas de Ferradas*,  
Que Jorge Amado nasce *em noite de luar*;  
Menino forte com as vestes camufladas,  
Belo guerreiro preparado pra lutar...

As mãos divinas foram logo abençoadas  
Pelo poder da natureza singular;  
Mãos pela escrita, desde cedo, calejadas;  
Olhos de um gênio contemplando o próprio lar...

Anjos cantaram nesse dia iluminado  
Canções celestes *na Fazenda Auricídia*...  
*No dez de agosto* pelo tempo eternizado,

Longe das tramas recheadas de perfídia...  
— Esse menino logo cedo é batizado  
E protegido de qualquer tipo de insídia...

(Pilgra, 2012, p. 13, grifos meus).

Para uma proposta biográfica, cujo intuito é o compartilhamento narrativo de recortes da vida de seu personagem, a publicação não fornece informações explícitas; ao menos, nem todas. O fato é compreendido em razão do formato adotado, o soneto,

que limita com maior vigor as possibilidades de escrita do autor para cumprir a estrutura exigida pelo gênero: quatro estrofes, das quais as duas primeiras com quatro versos (quartetos) e as duas últimas com três versos (tercetos), todos decassílabos. A partir dessa característica, Piligra concentra-se em visibilizar os pontos tradicionalmente centrais do dizer biográfico — no soneto acima, por exemplo, local e data de nascimento (distrito de Ferradas, em 10/08, na Fazenda Auricídia) — e em narrar episódios da vida e atributos do personagem, alguns mais evidentes, como a atividade de escritor cuja temática parte do seu lugar de origem — “Mãos pela escrita, desde cedo, calejadas/ Olhos de um gênio contemplando o próprio lar — outros mais específicos, como quando sofreu com o pai uma emboscada a tiros e saiu sem um arranhão — “Longe das tramas recheadas de perfídia/ [...] E protegido de qualquer tipo de insídia” —. A narrativa segue a partir dessa lógica, por meio da qual o leitor mais assíduo na vida e na obra de Jorge Amado é privilegiado, uma vez que consegue correlacionar o então narrado do/no verso com o narrado da/na prosa, lido ou ouvido em oportunidade anterior.

Assim, os versos cantam nascimento, infância, juventude, vida adulta e morte de Amado; no percurso, denominam e/ou referenciam seus livros<sup>150</sup>, as cidades com destaque em sua vida e obra<sup>151</sup>, os personagens e cenários comuns de sua narrativa<sup>152</sup>, sua relação com o Candomblé<sup>153</sup>, o casamento com Matilde Garcia, que gerou Eulália Dalila<sup>154</sup>, a militância política e prisão<sup>155</sup>, a separação de Matilde e a união com Zélia<sup>156</sup>, seu engajamento partidário<sup>157</sup>, seus filhos com Gattai<sup>158</sup>, alguns

---

<sup>150</sup> “Cresceu com ele o seu País do Carnaval” (Piligra, 2012, p. 14).

<sup>151</sup> “Ilhéus será, pelo escritor, eternizada;/ Ele a guardava, feito joia, na memória” (Piligra, 2012, p. 22); “No centro antigo dessa velha Salvador/ Jorge encontrou a inspiração que lhe faltava” (Piligra, 2012, p. 29).

<sup>152</sup> “Bebeu sem medo nos bordeis do Pelourinho, / Viu Dona Flor, Dedé, Tieta, Jubiabá/ E o velho Quincas Berro d’água mergulhar/ no mar de sonhos produzido pelo vinho” (Piligra, 2012, p. 27).

<sup>153</sup> “Velho Procópio, Pai de Santo na Bahia/ O ogã de Oxóssi ganha forma de verdade” (Piligra, 2012, p. 35).

<sup>154</sup> “Ele se casa com Matilde numa Estância, / Simples jardim onde cultiva sua rosa, / Pequena Lila, bela pérola da infância” (Piligra, 2012, p. 47).

<sup>155</sup> “A estrela guia passa um tempo na prisão! / Jorge é detido, acusado de um levante/ Marcado a ferro como jovem “socialista” / E nesse instante decisivo, relevante, / Ganha destaque a ‘Intentona Comunista!’” (Piligra, 2012, p. 50).

<sup>156</sup> “Matilde chora o que distante não tem mais” (Piligra, 2012, p. 74); “Jorge conhece uma paixão: Zélia Gattai!” (Piligra, 2012, p. 75).

<sup>157</sup> “Este escritor sobre o perigo deita e dança:/ Pelo Partido Comunista é Deputado!” (Piligra, 2012, p. 78).

<sup>158</sup> “Que ganham peso noutra vida que inicia/ João quer Jorge, Jorge então quer ser criança”; “Se a bela Praga gera a flor que o faz sonhar, / Jorge se encanta e rima a vida com Paloma” (Piligra, 2012, p. 84).

amigos<sup>159</sup>, o exílio para a Europa devido à então ilegalidade do PCB<sup>160</sup>, a morte da filha<sup>161</sup>, a relação com artistas e intelectuais internacionais<sup>162</sup>, algumas homenagens e prêmios que recebeu<sup>163</sup>, dentre diversos outros acontecimentos. À guisa de conclusão, versifica a finitude de seu Ulisses<sup>164</sup> e encerra essa odisseia amadiana.

Por fim, a finalização de leituras desta seção traz a última publicação cronológica do rol das 20 em foco: *Jorge Amado, meu tio*, de Roberto Amado; lançada em 2021, após 20 anos da morte de Jorge Amado, localizei-a em 2022, quando na última busca para certeza do fechamento do *corpus*. A obra é apresentada por Heidi Strecker (2021) como “saborosa crônica de família” e assim parece querer ser vista pelo autor, que faz questão de identificar o texto como um registro de memórias pessoais:

*Esta não é uma biografia. Longe disso, Biografias exigem uma outra dinâmica de execução: é preciso pesquisar muito, documentar, conferir, entrevistar e ser absolutamente isento ao reportar os fatos (o que é bastante difícil). [...] Este é um livro de memórias. Memórias minhas, só minhas: fatos, situações, passagens, conversas, conflitos e, sim, também estudos e pesquisas que eu realizei. E o centro dessas memórias, nessa obra, é Tio Jorge, expandindo-se para a família Amado e até para circunstâncias históricas que envolvem esses personagens, inclusive eu mesmo. (Amado, 2021, p. 15, grifos meus).*

Roberto Amado é, portanto, sobrinho de Jorge Amado; “Sobrinho-escritor”, especifica Strecker (2021). De minha parte, para além do laço consanguíneo e do exercício da escrita compartilhado com o tio, destaco a profissão de jornalista e a formação acadêmica: Roberto é doutorando e mestre em literatura pela USP<sup>165</sup>. Informação pertinente para avaliar suas considerações acerca da prática biográfica como exemplo de escrita árdua e isenta em contraposição à prática aparentemente espontânea do registro memorialístico que oferece ao leitor, dado que, segundo aponta, para o texto biográfico necessita-se “[...] pesquisar muito, documentar,

<sup>159</sup> “Pierre Verger chega à Bahia para viver” (Piligra, 2012, p. 85-92); “Seu velho amigo está doente e o faz chorar:/ O Graciliano é pela morte acometido” (Piligra, 2012, p. 99).

<sup>160</sup> “Conhece a fúria de quem prega o desencanto/ Sofre calado o deputado federal/ Deixando o assento pelo povo concedido/ [...] Segue sozinho para a França de Chagall” (Piligra, 2012, p. 87).

<sup>161</sup> “Eulália deita o frágil corpo sobre a terra;/ Jorge lamenta e chora a dor que o consome, / Não se despede, a própria filha não enterra;” (Piligra, 2012, p. 90).

<sup>162</sup> “Conhece Sartre e por Picasso é recebido (Piligra, 2012, p. 87).

<sup>163</sup> “Conquista prêmios, ganha o mundo [...]” (Piligra, 2012, p. 111); “Septuagenário, volta à Cuba de Fidel, / Outra homenagem ganha, então do presidente;” (Piligra, 2012, p. 131).

<sup>164</sup> “Jorge fechou seus olhos vivos sem chorar, / Beijando os filhos com ternura e gratidão, / Segurou Zélia com carinho singular, / Suspirou fundo e desligou seu coração” (Piligra, 2012, p. 142).

<sup>165</sup> Mestre em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (2020) e doutorando pela mesma instituição, com ingresso em 2021.

conferir, entrevistar e ser absolutamente isento ao reportar os fatos.” (Amado, 2021, p. 15).

Evidentemente, o acadêmico pede licença à teoria para assumir-se enquanto escritor de obra mercadológica pensada no grande público. Quero dizer, a justificativa simplista utilizada para ambientar o formato das *memórias* expressa sua fragilidade e é posta em xeque por ele mesmo quase imediatamente, quando assume ter feito investigações para a redação do texto: “Memórias minhas, só minhas: fatos, situações, passagens, conversas, conflitos e, sim, *também estudos e pesquisas que eu realizei*” (Amado, 2021, p. 15, grifos meus); noção nada longínqua para admitir que não, o registro da memória não é somente espontâneo, também é, pois, uma construção racionalizada, planejada, organizada. De outra parte, ainda, negando o gênero biográfico, em certa medida, o autor aparenta não querer compromisso com a institucionalização da escrita proposta, dado que esta seria “só” consequência do compartilhado de sua vida pessoal com o tio, por ocasião, famoso.

Desse lugar enunciativo, portanto, Roberto Amado diminui as entrelinhas e opta pelo duplo “autor-personagem” prometendo, a partir disso, uma visão privilegiada de Jorge Amado ao leitor. Este, já a postos para assumir o pirata que há em si, ajeita o tapa-olho — pela garantia de continuar a enxergar quando a *memória* despontar à penumbra — e estica luneta — para conseguir visualizar o que antes estava longe de seu alcance —. Essa espécie de pilhagem autorizada ganha status singular porque oferece acesso ao íntimo e pessoal da vivência compartilhada. Tal realidade é explorada pelo autor, que reitera seguidamente sua aproximação pessoal com o protagonista, apresentando-o como um contínuo de seu entorno, em uma realidade assídua de trocas e de proximidade. Isso não significa, todavia, que o discurso empreendido seja coberto pelo protecionismo familiar. Não é. Mesmo nas passagens que se ocupam à contextualizar determinado tempo ou acontecimento cultural/histórico, Roberto Amado não deixa sobrepor o *eu* teórico, o *eu* jornalista ou o *eu* acadêmico. Ao contrário, submete tais componentes de sua subjetividade em função da realidade como sobrinho do sujeito que se quer ver, e é essa ótica que guia a narrativa. O que é muito interessante, devo dizer, dado que há uma preservação na dicção textual, isto é, não se vê quebra explícita de construção textual.

Embora exista, é verdade, a presença contínua, e por vezes, desgastante da reivindicação do laço parentesco, Roberto Amado, paradoxalmente, mostra-nos, a partir desse lugar como sobrinho que, afinal, não é somente... um sobrinho. O autor

desenha bem sua posição, coloca-se no texto de forma contundente e crítica. Não faz hagiografia, tornando a leitura bastante fluida, dado que não existe a construção de um herói. Há, é claro, o reconhecimento de seu tio como o escritor de destaque que foi; justo.

De forma objetiva, *Jorge Amado, meu tio* acontece em 316 páginas assim sumarizadas:

Capítulo 1 – O lançamento de Dona Flor  
 Capítulo 2 – Literatura  
 Capítulo 3 – Os bichos  
 Capítulo 4 – Os palavrões;  
 Capítulo 5 – Os Amados;  
 Capítulo 6 – Celebidades;  
 Capítulo 7 – Encontros no exterior;  
 Capítulo 8 – A fazenda;  
 Capítulo 9 – Com meu pai;  
 Capítulo 10 – Zélia Gattai – Tia Zélia;  
 Capítulo 11 – Os Comunistas;  
 Capítulo 12 – No Exílio;  
 Capítulo 13 – Idealismo e romantismo;  
 Capítulo 14 – A Volta;  
 Capítulo 15 – Bahia;  
 Capítulo 16 – Prosperidade;  
 Capítulo 17 – Vô João e Lalu;  
 Capítulo 18 – O Golpe;  
 Capítulo 19 – Ser Escritor;  
 Capítulo 20 – Morte;  
 QRCode – Vídeo Jorge Amado;  
 Túnel do Tempo – Fotos inéditas.  
 (Amado, 2021, p. 07-08).

Ainda não previsto no sumário, há o prefácio, por Ricardo Ramos Filho — neto de Graciliano Ramos — e uma breve apresentação do autor — denominada “Antes de mais nada” —. Quanto à organização supracitada, inicialmente detenho-me no QRCode, que chama atenção pela marcação dos formatos tecnológicos do contemporâneo, como se demarcando o século XXI lendo o XX. O recurso apresenta-se como meio para acessarmos um “[...] vídeo inédito e exclusivo que o autor fez para registrar um pronunciamento de Jorge Amado em seu aniversário de 83 anos.” (Amado, 2021, p. 283). Abrigado na plataforma Youtube, tem 9 minutos e 37 segundos e começa com Roberto Amado justificando a parte inicial como “pequena animação, uma fusão de imagens” dele, de Jorge Amado, e de Joelson Amado — irmão de Jorge e pai de Roberto — a fim de se conferir uma possível “semelhança fisionômica” entre os três que, devo dizer, não causa impacto. Posteriormente, há a contextualização da fala de Jorge Amado, a qual assistimos em sequência. Na ocasião, o escritor subiu ao



palco do Teatro Municipal de Ilhéus após assistir a apresentação de “O menino grapiúna” — peça homônima à obra autobiográfica que fala da sua infância em Ilhéus — para fazer um agradecimento no qual mencionou a vivência de seus primeiros anos de vida naquela cidade, sua relação com a região e sua opinião a respeito das adaptações serem obras livres, que viram outra peça de arte para além daquela na qual se inspirou. No geral, o vídeo funciona mais como recurso de marketing, que menciona o ineditismo como chamariz de público, do que como recurso para acesso à conteúdo significativo, seja para o leitor comum, seja para o pesquisador, porque o leitor tem acesso a diversas entrevistas e depoimentos de Jorge nas plataformas de vídeo internet afora, e o pesquisador não encontra materialidade significativa de aspecto inédito no conteúdo compartilhado. No fim, a entrega é precária em todos os sentidos, da filmagem ao conteúdo, da abertura do autor à pós-produção.

A última parte do livro, “Túnel do tempo”, traz a concentração das fotografias que se prometem inéditas, fato cumprido, especialmente, porque são oriundas de arquivo familiar, apresentando situações cotidianas de Jorge Amado com a família. No total, deparamo-nos com 59 imagens, distribuídas em 32 páginas, em pares; a exceção fica por conta da primeira e da última páginas, que trazem foto única, cada uma, do casal Zélia e Jorge. São estas:

Figura 37- A(a)mos: primeira página<sup>166</sup>



Fonte: Amado, 2021, p. 285.

Figura 38- A(a)mos: última página<sup>167</sup>



Fonte: Amado, 2021, p. 316.

<sup>166</sup> A imagem traz a seguinte legenda: “Era um casal romântico. Tia Zélia e tio Jorge viveram mais de 50 anos juntos, sempre irradiando uma aura de afeto.” (Amado, 2021, p.285).

<sup>167</sup> A imagem traz a seguinte legenda: “Momento muito íntimo. Tia Zélia e tio Jorge na Bahia, visitando amigos.” (Amado, 2021, p. 316).

Nas demais, como dito, Jorge Amado é clicado com o seu entorno íntimo: irmãos, Joelson e James; cunhadas, Fanny e Luíza; filhos, João Jorge e Paloma; sobrinhos, Roberto, Paulo e André; sobrinhos-netos, Flávia, Felipe, Ricardo e Daniel; abundantemente, Zélia também participa desses registros. De minoria, há as fotos com alguns amigos, como o pintor Casalans Neto, e José Sarney, o “amigo controverso” (Amado, 2021, p. 310). Ainda vemos o protagonista sozinho, em situações que lhe eram comuns, seja pelo ofício, como em noite de autógrafos, seja pela preferência, como em roupas confortáveis para descansar numa rede. Todas as imagens são legendadas, estão em preto e branco e são oriundas das décadas de 1980 e 1990, majoritariamente. Ilustro:

Figura 39- Noite de autógrafos



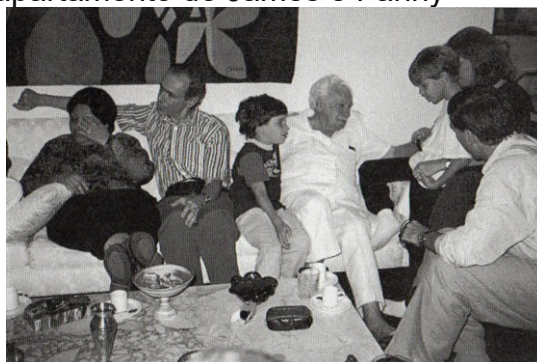
Fonte: Amado, 2021, p. 286.

Figura 40- Os irmãos no apartamento de Higienópolis



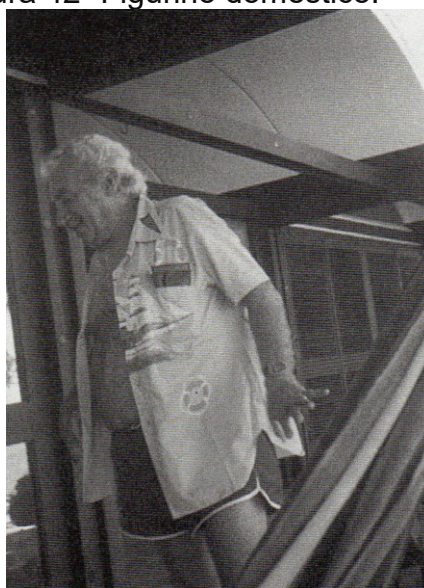
Fonte: Amado, 2021, p. 288

Figura 41- Família no apartamento de James e Fanny



Fonte: Amado, 2021, p. 287.

Figura 42- Figurino doméstico:



Fonte: Amado, 2021, p. 291.

Figura 43- Jorge e Joelson pós-almoço



Fonte: Amado, 2021, p. 291

Figura 44- Jorge, Joelson e Paloma



Fonte: Amado, 2021, p. 302.

Figura 45- Jorge e sobrinhos



Fonte: Amado, 2021, p. 300.

Figura 46- Jorge, Zélia e Heloísa Ramos



Fonte: Amado, 2021, p. 302.

Quanto aos capítulos, organizam-se em recortes temáticos, os quais abraçam tópicos relevantes da vida pessoal e da obra de Jorge Amado. O leitor assíduo na biografia do escritor baiano consegue ter uma ideia prévia do que esperar em cada capítulo a partir de seus títulos, já o leitor recentemente curioso desse universo, precisa seguir as páginas para compreender e localizar as informações acerca do recorte temporal em foco. Quando me refiro ao “recorte temporal” não significa dizer que o texto se prende à lógica passiva da narração da trajetória da vida, não há essa marcação estrutural. Embora seja possível traçar uma sequência lógica na explanação dos fatos, *Jorge Amado, meu tio* (9) não se restringe à sequencialização histórica dos acontecimentos para discorrer sobre os episódios. Há generalizações e minúcias, idas e vindas de recortes históricos, exposições díspares quanto a dedicação da exploração de uma informação e outra e etc. A padronização aparece no tamanho dos capítulos, cuja maior frequência se dá em 12 ou 14 páginas. Quanto aos títulos, a única parte que leva o nome de um romance é o capítulo um, com “O lançamento de Dona Flor”, bem como os únicos sujeitos individualmente mencionados nesses títulos são “Zélia Gattai – Tia Zélia” (capítulo 10), e “Vô João e Lalu” (capítulo 17). Quanto aos espaços, nominalmente, há o “Bahia” (capítulo 15).

A partir desse formato temático, Roberto retoma o atravessamento de Jorge Amado em sua vida, pessoal e cultural, da infância à vida adulta. Enquanto criança, convivendo com o “tio perfeito” (AMADO, 2021, p. 24), que contava piadas, era brincalhão e os presenteava com o que denominou de “presente sem limites” — “Ou seja, nos levava a uma loja de brinquedos (naquela época era a Moderna, que ficava na Rua Augusta) e liberava: podem escolher qualquer coisa” (AMADO, 2021, p. 25) —; e enquanto adulto, compreendendo a relevância desse parente renomado. Nesse ínterim, entrega ao leitor suas apreciações da obra do tio, que começa com:

Devorei aquelas páginas, apesar de não ter ainda 12 anos. “Agora entendi”, lembro de ter comentado com a minha mãe. Sim, eu tinha entendido tudo: tinha entendido o motivo de Jorge Amado ser tão célebre, tinha entendido que eu era apaixonado pela literatura, tinha entendido enfim a ligação visceral da família com as atividades literárias. Graças ao Jorge, eu tinha entendido a mim mesmo (Amado, 2021, p. 32).

Passa por:

Assim, aos 18 anos, ainda que eu admirasse a obra de Jorge Amado, eu já tinha outras referências literárias e tinha elaborado minhas críticas ao trabalho dele. Achava que ele tinha uma temática limitada, que não era um literato caprichoso na palavra, abusando de frases longas desnecessárias e muito prolixo. Descobria àquelas alturas escritores ou escolas literárias que valorizassem mais a linguagem, o perfeccionismo literário e principalmente a inovação, o arrojo [...] (Amado, 2021, p. 33).

E finaliza em:

[...] vim reconsiderar minha opinião sobre a obra dele, percebendo que naqueles defeitos também estavam algumas de suas virtudes. Mais do que isso, reconhecendo, dentro do meu modesto conhecimento, seu talento prodigioso à flor da pele, orgânico, que o impulsionava com uma força constante a criar histórias e personagens como quem respira, como quem vive (Amado, 2021, p. 36).

Além disso, o livro é atravessado por episódios cujo teor passa pela criação literária, às vezes com Roberto no papel de escritor iniciante, ouvindo as considerações do escritor experiente, às vezes na condição de colega, dialogando com o companheiro de ofício. Desses episódios, destaco o seguinte (pela assimilação do aprendiz):

[...] minha relação com ele de escritor para escritor foi se intensificando nos seus últimos vinte anos de vida. E eu me considero muito privilegiado por ter tido acesso e interesse por parte dele em conversar comigo sobre literatura. E daí que veio a segunda lição para um romancista: o mais importante são os personagens. De tanto tio Jorge martelar essa máxima eu acabei aprendendo. Não adianta ter a melhor história, a mais inédita e interessante, se você não dá vida e alma aos personagens. Só eles podem sustentar um romance. (Amado, 2021, p. 259).

As páginas de *Jorge Amado, meu tio* (9) nos mostram que a lição foi absorvida.

Ademais, ainda que os capítulos tragam temas “universais” do entorno Jorge Amado, vê-se uma interessante minúcia das características e preferências pessoais e cenas domésticas do personagem em foco nesse contar. Por exemplo, lemos sua opinião sobre aviões: “[...] uma violência à humanidade fazer voar um artefato mais

pesado que o ar” (Amado, 2021, p. 17) e a preferência pelas viagens de navios nas quais valorizava “[...] o prazer do alto mar por uma semana ou mais” e podia “[...] levar sem limites uma bagagem de rei” (Amado, 2021, p. 89), descobrimos seu gosto por massas, especialmente as do restaurante Bongiovani, que “[...] ficava na rua Augusta, esquina com a Praça Roosevelt, e servia massas caprichosas e suculentas, bem ao gosto do glutão que [Jorge] era” (Amado, 2021, p. 27), encontramos com a descrição de Jorge e Zélia revisando livro na cama de Roberto, onde “[...] [Jorge] lia em voz alto o seu próprio texto para que Zélia observasse possíveis correções” (Amado, 2021, p.21). Desses episódios, o autor ainda comenta as intenções da tia em sugerir mudanças nos enredos, negadas com veemência por Jorge, o qual “[...] alegava que não lhe facultava intervir no destino dos personagens, já que eles tinham vida própria e que ele era apenas um instrumento de seus destinos” (Amado, 2021, p. 23). Também temos contanto com as recordações das visitas ao hóspede ilustre, dentre as quais registram algumas coincidências do universo literário, como em:

Naquela época, ainda no chamado primário, eu estudava no Colégio Rio Branco, em Higienópolis, perto de casa. E um dos meus melhores amigos era um garoto chamado Luiz, também morador do bairro. Como estávamos sempre juntos, e a curiosidade era geral, levei-o certo dia para casa, a fim de conhecer o escritor. Ele foi carregado de livros para serem autografados a pedido da mãe e encontrou tio Jorge em seu estado natural: bermudas, camisa florida, usufruindo de uma preguiça baiana. Tio Jorge autografou os livros, fez algum comentário, arrancou sorrisos do Luiz e provavelmente não fez nenhuma reflexão sobre as impressões que deixou em meu amigo. Muitos anos maios tarde, aquele meu colega passou a ser o Luiz Schwarcz, dono da editora Companhia das Letras e, coincidentemente, detentora dos direitos exclusivos de reprodução de todos os livros de Jorge Amado (Amado, 2021, p. 29-30).

Do interesse pelos animais, o leitor recorrente da vida do autor-protagonista encontra frequentemente informações sobre seus cachorros, os pugs *Capitu* e *Pickwick*, os gatos, com destaque para *Nacib*, e os sapos, que enfeitavam a casa do Rio Vermelho<sup>168</sup>, com diversos tamanhos e materias; mas Roberto também nos conta

---

<sup>168</sup> A Casa do Rio Vermelho, em Salvador, foi a residência de Jorge Amado e de Zélia Gattai por mais de 40 anos, agora funciona como museu (desde 2015); construída no início do século XX, ainda preserva a arquitetura original. Como museu, abriga uma extensa coleção de objetos pessoais, móveis, fotografias e manuscritos do autor, oferecendo aos visitantes uma versão dos espaços cotidianos de Amado. Os quartos e cômodos mantêm sua configuração original, com o objetivo de facultar uma experiência vívida do espaço familiar que ali existiu. Além disso, a Casa conta com exposições temáticas sobre a vida e a carreira do autor, apresentando suas obras no contexto sociocultural do Brasil. A Casa do Rio Vermelho é uma opção interessante para se vivenciar uma ideia de imersão no universo criativo de um escritor com tamanho destaque na literatura do país. Visitei-a em 2016, foi a exposição da Casa que me deu a visão da primeira fotografia de Matilde Garcia. Até então, não a encontrávamos em imagem alguma. Inclusive, nos primeiros anos da pesquisa, ainda na graduação,

sobre o interesse do tio por aves, com destaque ao papagaio *Floro*, “[...] a grande paixão de tio Jorge (Amado, 2021, p. 50). Ainda, lemos sobre os presentes questionáveis de Jorge, a exemplo do papagaio *Papai*, que levou aos familiares de Higienópolis, a contragosto de Fanny, cunhada e dona da casa.

Seguindo, Roberto ainda discorre sobre o hábito de Jorge Amado em manter o bom humor e falar muito palavrão, contando anedotas que trazem esse tópico ao centro, ilustro:

Conta-se que alguns alemães, corneados por alguém conhecido de tio Jorge, aportaram na casa do Rio Vermelho para conhecer a celebridade. Isso acontecia com frequência. Estrangeiros que estavam em Salvador queriam conhecer a figura mais célebre da cidade, pelo menos numa certa época. E era comum a presença de gringos assim, de repente, na casa dele. Mas esses alemães não tiveram sorte e, para falar a verdade, nem souberam o que de fato aconteceu. Quando foram apresentados aos meus tios, ambos repetiram o que seria um cumprimento tipicamente baiano: “puta que pariu”, enquanto solenemente apertavam a mão dos intrusos (Amado, 2021, p. 59).

No geral, as passagens ambientam um sujeito de riso fácil, que faz graça seguidamente com as coisas mais triviais do dia a dia; é como se Jorge assumisse um eterno “espírito da quinta série”, o que não é de se mal julgar para ser honesta, a considerar o assédio ininterrupto de seu cotidiano no curso da vida. Ainda, além de acessarmos episódios jocosos pouco, ou nada, mencionados em outras obras de caráter biográfico, com *Jorge Amado, meu tio* (9) também tomamos conhecimento de particularidades internas da família Amado, como a preferência descarada de Lalu, mãe do protagonista, por Joelson, o do meio, entre os três irmãos. Acerca dessa relação, regista-se:

Seus filhos eram todos gênios, fenômenos da natureza. E não escondia sua preferência por meu pai. Afinal, ele era médico e isso tinha, para ela, muito mais valor do que ser um escritor premiado e de fama internacional. Além disso, tio Jorge era do Partido Comunista (os três irmãos eram) que ela qualificava como um “partidozinho de merda!” (Amado, 2021, p. 70).

Para além da graça do relato, a passagem ilustra o fato de Roberto não se furtrar em mencionar o Partido Comunista em trechos independentes do capítulo no qual se propôs a discorrer nominalmente acerca da relação político-partidária de Jorge Amado com o PCB. Na obra, tal contato não é silenciado, tampouco alarmado; o autor trata da presença do partido com a naturalidade do ocorrido, sem se preocupar em

---

escrevíamos “Matilde Garcia” (e suas variações) em sites de busca na internet e recebíamos como retorno imagens de... Zélia Gattai.



justificar a menção. Fato distinto de outras publicações, que quase se desculpam pela menção. Quero dizer, o receio de textualizar o PCB em obra para o público geral não é gratuito, nem mera coincidência; diz respeito a um imaginário coletivo em torno na agremiação que persiste até os dias atuais. Por décadas, a sigla foi associada à ameaça subversiva iminente, à desordem, à miséria social e à supressão da liberdade e de bens individuais. Esse temor permeia a sociedade, embora nem sempre se saiba — na maioria das vezes não — quais são as efetivas propostas e os ideais defendidos pelo partido. Roberto Amado inicia o capítulo “Os Comunistas”, dedicado à relação partidária da primeira metade da vida do tio, recuperando uma anedota<sup>169</sup> que ilustra essa crença quando se vê, ainda criança, sendo acusado de ser “comunista”.

A partir disso, o autor relaciona o “fantasma do comunismo” ao golpe militar<sup>170</sup>, discorre sobre a imagem dupla de Amado após romper laços com a sigla — ora xingado de “comunista”, identificado como agente da União Soviética, ora xingado “traidor” e “vendido”, em razão do abandono da militância e ingresso em produção literária não panfletária — recupera a ocasião da candidatura a deputado federal, requerida pelo PCB a fim de se aproveitar a fama de escritor — embora a ideia inicial fosse elegê-lo senador, o que não pode ser cumprido em razão da candidatura determinar a idade mínima de 35 anos, e Jorge ter 34 na ocasião —, avalia a produção literária do tio durante o período de militância, traça algumas comparações entre o jovem e o velho Amado — do hábito de fumar três maços de cigarros por dia ao abandono absoluto em fase mais madura, do ser “sectário” e “um tanto arrogante” à desilusão com o partido — apresenta algumas noções básicas do ser militante pcebista — como o centralismo democrático (não utiliza a terminologia, descreve o

---

<sup>169</sup> “Ele é sobrinho de Jorge Amado, ele é comunista”, anunciou um colega de classe, apontando o dedo despudoradamente para mim como se eu tivesse cometido um crime. Na minha cabeça, as ideias se misturavam. Eu devia ser mesmo um criminoso, porque de fato meu tio e minha família em geral estavam ligadas ao Partido Comunista, embora, àquela altura já não estivessem mais. Mas... por que ser comunista é criminoso?

Na escola primária, começo dos anos 60, a aura de comunista me incomodava, principalmente porque ninguém sabia exatamente o que era o comunismo, nem acusados, nem acusadores” (Amado, 2021, p. 141).

<sup>170</sup> Sobre a criação da ideia do “fantasma do comunismo”, Jorge Amado ([1942] 1979) escreve: “A preparação do golpe de 10 de novembro [1937] começou em 1935, quando o governo criou para a palavra ‘comunismo’ a mais ampla acepção. Comunista era todo aquele, democrata, libera ou socialista, homem de esquerda ou homem de centro, que se opunha aos desmandos do poder. Nas prisões abarrotadas estava gente de toda cor política. Agora não eram somente as aliancistas e os revolucionários de novembro que sofriam torturas nos cárceres. Os opositoristas de todos os matizes eram englobados dentro da mesma definição: comunistas. [...] O governo usava agora dessa provocação para se manter no poder” (Amado, 1979, p. 317-318).

procedimento no geral) — e finaliza o capítulo com a fuga de Jorge para Europa após a cassação do partido e decorrente ilegalidade de seus membros<sup>171</sup>.

De recorte relevante, enfatizo as referências à Matilde Garcia e à Eulália Dalila. Como se viu em mais de uma obra até então — e como se verá persistir adiante — Matilde e Lila não costumam ter lugar estimado nas escritas biográficas, geralmente, brevemente mencionadas não participam a uma contextualização mais ampla. No caminho oposto, Roberto Amado fala sobre essas presenças, destacando o que identifica como “incômodo” por não saber delas, ou não poder falar delas, devido a certo velamento compartilhado entre a família a respeito do assunto. Ilustro com as passagens:

Raramente ele comentava alguma coisa de seu primeiro casamento e ninguém da família demonstrava interesse em tocar no assunto — com exceção de Lulu. Por ela eu soube algumas passagens desse momento de vida de tio Jorge.

Ele já morava no Rio de Janeiro e tinha apenas 21 anos quando conheceu Matilde Garcia Rosa, que ainda não tinha completado 18 anos. Casaram-se na surdina, porque familiares de Matilde eram contra o casamento, e foram morar na Urca. Permaneceram juntos onze anos, de 1933 a 1944, e desquitaram-se tiveram a Lila, Eulália Dalila Amado, que morreu de lúpus aos 15 anos, assistida pelo meu pai, já que tio Jorge, a essas alturas, estava exilado na Tchecoslováquia (Amado, 2021, p. 129).

Tio Jorge foi expulso da França, além de não poder voltar para o Brasil — nem para acompanhar a morte e o enterro de sua primeira filha, Lila. Eu ouvia esse relato da minha vó imaginando que tipo de angústia tio Jorge e, em consequência, tia Zélia, tiveram nesses momentos, poucas vezes mencionado por eles. O único comentário que ouvi de tio Jorge é que Lila “morreu de repente”, o que nunca foi exatamente confirmado por meu pai, que a assistia nesses últimos momentos (Amado, 2021, p. 138).

Eu superei a minha fase crítica totalmente. Mas há alguns fatos na sua vida e na de tia Zélia que me deixam intrigado. Principalmente a relação de ambos com os respectivos filhos do primeiro casamento: Lila, por parte de tio Jorge, e Luís Carlos, por parte de tia Zélia. Esse assunto se tornou uma espécie de tabu dentro da família, muito pouco comentado e, quando citado, sempre com reservas e reticências.

Lila foi fruto do casamento de tio Jorge com Matilde que durou onze anos, de 1933 a 1944. Eles se separaram quando a menina tinha cinco anos e o relacionamento entre eles sempre foi meio obscuro. Matilde, que tinha apenas 17 anos quando se casou, era uma moça muito magra, um tipo meio exótico e sensível, uma poetisa. Muito pouco se falava dela dentro da família, mas às vezes escapavam alguns comentários furtivos. Lulu me contava poucos detalhes e dizia que ela tinha ficado “doidja”, com seu sotaque baiano.

---

<sup>171</sup> Em 13 de agosto de 2013, a Câmara dos Deputados devolveu simbolicamente os mandatos dos 14 deputados federais do, na época, Partido Comunista do Brasil cassados em 1948, dentre os quais estava Jorge Amado. Os foram: Carlos Marighella, João Amazonas, Maurício Grabois, Francisco Gomes, Agostinho Dias de Oliveira, Alcêdo de Moraes Coutinho, Gregório Lourenço Bezerra, Abílio Fernandes, Claudino José da Silva, Henrique Cordeiro Oest, Gervásio Gomes de Azevedo, José Maria Crispim e Oswaldo Pacheco da Silva.

Doida mesmo, de ser internada num manicômio, o que sempre me pareceu descabido. Tanto é que Matilde voltou à cena em 1978 para assinar o divórcio, que passou a existir no Brasil, para que tio Jorge e tia Zélia se casassem oficialmente. O fato de Matilde não ser sequer uma lembrança me incomodava, mas nem tanto quanto a omissão em relação à Lila. Houve uma época que isso me incomodou muito. Afinal, ela era minha prima, ainda que eu não a tivesse conhecido — ela nasceu em 1935 e morreu em 1949. Sobre a morte dela, correm versões públicas diferentes. Há registros de que sua morte foi provocada por tifo, por leucemia, por causas desconhecidas e até por erro médico. Mas na verdade é que ela morreu de lúpus, doença autoimune da qual ela passou a sofrer pouco tempo antes de sua morte. [...] Lila estava até planejando ir para Europa visita-los e só não o fez porque já estava doente. Além disso, tio Jorge e tia Zélia não cogitaram em nenhum momento voltar ao Brasil depois da morte dela para estar com as pessoas que conviveram com Lila em seus últimos momentos, como meu pai e minha mãe, por exemplo, que cuidaram dela o tempo todo (Amado, 2021, p. 177-178).

Como se vê, há uma certa incredulidade por parte de Roberto Amado, e até um ressentimento, em minha avaliação, em relação ao narrado nos excertos recém compartilhados. De todo modo, independentemente do posicionamento do autor, é fato que um cônjuge e, especialmente, um filho não são fatores irrelevantes em uma narrativa biográfica. No entanto, pensando nessa perspectiva, quando nos deparamos com o não dizer ou o pouco dizer é inevitável que se coloque em foco as motivações desses movimentos — isso, evidentemente, quando se está atento ao “contar a vida” —. De minha parte, entendo que essa (não) realização é resultante de um projeto discursivo que se fortaleceu no curso de vida de Jorge Amado, especificamente, após sua união com Zélia Gattai. Ao longo deste texto, aponto e desenvolvo com mais demora tal consideração. Por ora, em linhas gerais, cabe dizer que Matilde e Lila não couberam na vida perfeita do eterno “casal A(a)mado”.

Outro ponto interessante a que Roberto faz referência tem relevância diminuta na conjuntura aqui em análise, no entanto, é pertinente para o conjunto do traço biográfico. Refiro-me à informação de que, diferentemente do que se naturalizou falar acerca da vida financeira de Jorge Amado — balizado pela contínua insistência deste em se anunciar como um modesto escritor — Roberto afirma, de forma bastante contundente, que seu tio nunca passou necessidades. Lida isoladamente, a informação pode parecer superficial, mas não o é no conjunto do discurso narrativo dessa vida. Explico: há uma reiteração apelativa no conjunto das obras biográficas que, em sua maioria, constroem a figura de Amado, e seu entorno, como uma família de pouquíssimos recursos que lutou bravamente para ter acesso a quaisquer coisas, o que não foi bem o caso. Verdade é que houve episódios mais justos, sim,

especialmente os vividos por seus pais, João e Eulália, mas as conquistas de suas fazendas de cacau ocorrerem... na bala!, sendo a “bravura” de João Amado — reivindicada por diversas narrativas biográficas — a mesma de qualquer outro jagunço. Jorge Amado, pois, cresceu sem necessidades, foi um jovem *bon vivant* por muitos anos — verdade também que isso em razão do ofício de escritor/jornalista não ser bem valorizado no início de carreira —, sustentado pelos pais, tinha vida errante e boêmia, dessa época veio-lhe a fama de “mulherengo”, também em juventude cursou direito — por condição estipulada pelo pai para continuar a sustenta-lo —, mas não se dignou a buscar o diploma, o que costuma ser narrado com tom de graça nos textos sobre sua vida (muito engraçado mesmo não ter responsabilidade...).

Em idade adulta, aumentava-lhe a idade, aumentava-lhe o reconhecimento: foi um fenômeno de vendas em grande parte da vida, o que lhe permitiu não apenas viver, mas viver muitíssimo bem de literatura. Definitivamente, era um escritor profissional, o que não há do que se envergonhar, ao contrário. Todavia, não raro encontramos-nos com episódios nos quais Amado recupera anedotas que descreviam o “não ter nada”<sup>172</sup> ou aproximavam-lhe da humildade e simplicidade distanciando-lhe do possuir, ou do enriquecer. Mas fato é que enriqueceu; a questão é que não acumulou diversos bens materiais, não viveu uma vida luxuosa materialmente, seu dinheiro não passou pelo ter, mas sim pelo viver.

Como penúltimo tópico de destaque dessa obra — que, como se vê pelo estender da análise, julguei bastante pertinente —, trago a recuperação genealógica construída pelo autor a respeito da relação entre seu bisavó e sua bisavó. A passagem, lamentável e perturbadora, em que o autor descreve o ato do sujeito que “embuchou” a menina “ainda cheirando leite” segue abaixo, recupero-a em seu contexto:

Pelo o que Lalu contava, seu pai não prestava e ela nem o conheceu direito. Era José o nome dele, e vivia pelo sertão em busca do que tivesse valor. Um aventureiro oportunista, malandro, doutor do bom viver, apreciador da fartura e das mocinhas virginais. Certo dia, andando pelas matas com seus jagunços, sabe-se lá por qual motivo, se deparou com um grupo de índios acampados provisoriamente. Não eram muitos. José sabia que conseguiria alguma coisa de valor se assaltasse aquele grupo e não hesitou. Entrou no acampamento com a jagunçada dando tiro pra cima, gritando, criando pavor.

<sup>172</sup> Ilustro com passagem de Roberto Amado (2021, p. 158): “Nesses cinco anos na Europa, ele teve uma experiência de total desapego de suas raízes. Sempre dizia que essa ‘fuga’ emergencial foi tão surpreendente que ele perdeu tudo o que tinha no Brasil. É um exagero. Havia dinheiro de direitos autorais, de argumentos que fez para o cinema e de outros trabalhos, que ele foi recebendo, pelo menos em parte.”

Os índios se assustaram mesmo e saíram na correria, fugindo das bestas enfurecidas, enquanto José e seus capangas rolavam de rir com o sucesso da operação. Foi então que ouviram o choro de uma criança. De tanto procurar, acabaram achando uma pequerrucha com não mais de três anos de idade, bela indiazinha cheia de graça e choro, deixada para trás por alguma mãe assustada e inepta. José, ao contrário, não era de deixar nada para trás que pudesse ter algum valor e pegou para si a menina, a quem batizou de Emília. Minha bisavó, mãe de Lalu.

Como eu já disse, José não era flor que se cheire e “embuchou” a menina ainda cheirando leite, com onze anos de idade. E até os 19 anos, José lhe fez nove filhos, três gestações de gêmeos. Desses, ficaram apenas seis e seriam muito mais se José não tivesse abandonando-a de vez, com todas as crianças, sumindo sertão afora e nunca mais foi encontrado. A família atenuava a história, dizendo que o safado tinha morrido, mas a realidade era outra. José não era Amado, mas também nos deu o sangue que corre pelas veias (Amado, 2021, p. 232-233).

A respeito dessa origem, Roberto Amado pormenoriza sua narrativa para além de qualquer outra obra biográfica que me passou pelas mãos até hoje, é verdade; e também por isso, é possível colocá-lo sob holofote de forma mais enfática. Embora Roberto ambienta o genitor de sua avó como um sujeito vil, se furta em denominar objetivamente suas práticas. José, pois, não era um “apreciador das mocinhas virginais”, José era um pedófilo, um esturador. Ao amenizar e suavizar a gravidade do acontecimento por meio de uma linguagem coloquial e eufemística, o autor demonstra, de certo modo, um protecionismo que ecoa a própria prática da família, que “atenuava a história”, como afirma. Neste XXI, não se pode mais normalizar generosidade discursiva diante de práticas como essas. Não se trata de anacronismo, trata-se consciência linguística, uma vez que o emprego de léxico assertivo e direto fornece uma perspectiva mais clara e precisa da violência perpetrada, evitando qualquer interpretação que minimize a gravidade do ocorrido. E um escritor profissional sabe disso. Um acadêmico da linguagem sabe disso. Um jornalista sabe disso.

Portanto, minimamente, leio o recorte recém compartilhado como um conjunto de escolhas vocabulares equivocadas e ênfase o plural dessa realização em “escolhas”, porque há, ainda, a presença do “índios” no texto... Ora, não precisamos dizer a Roberto Amado o significado da utilização de terminologias revisitadas para o significado das mensagens que emitimos. Genuinamente, fiquei refletindo acerca das motivações para se optar pela reprodução do estereótipo desrespeitoso que coaduna

à opressão colonialista subjacente ao uso da terminologia supracitada, mas não me satisfiz com as possíveis justificativas às hipóteses levantadas<sup>173</sup>...

Por fim, fato curioso, curiosíssimo, julgo avaliar: Jorge Amado efetivamente assinou contrato com um escritor para redigir sua primeira biografia “oficial”, mas ela acabou não saindo; chamar-se-ia *Jorge Amado: Biography*. Sim, era em inglês, sim, o autor era norte-americano. Segundo Roberto, essa foi a única vez em que esteve ofendido com o tio, ele e a mãe, Fanny, ficaram brigados com Jorge, pois julgaram o maior dos ultrajes “[...] ter concordado que um americano, fosse quem fosse, faria sua biografia oficial, em vez de um escritor brasileiro” (Amado, 2021, p. 266). A justificativa era a de que “Haveria tantos tão capazes, precisando fazer um trabalho desses, que não parecia nada justo entregar uma tarefa tão nobre a um estrangeiro” (Amado, 2021, p. 266). Segundo Roberto Amado, Jorge recebera um adiantamento de 100 mil dólares da editora Penguin pela obra não produzida.

Além da opção pela nacionalidade “extra brasileira” para a redação da obra —, o que, por pura especulação de minha parte, poderia ser entendida pela vontade de um sujeito à parte do país, distante ao cotidiano do ser brasileiro —, desperta meu interesse a objetividade (honestidade?) com que Roberto aborda temas do universo financeiro. Aqui, no caso, a observação de que haveria uma porção de escritores brasileiros “*precisando* fazer um trabalho desses”, para usar seus termos. E é isso, a produção intelectual é trabalho e, embora sua motivação também englobe os louros do reconhecimento, não há como se viver de aplausos; o cheque precisa ser assinado — ou, para o agora: o pix precisa entrar —.

Particularmente, em relação a Jorge Amado, a exploração comercial de sua imagem foi constante e sólida tanto quando em vida quanto quando após a morte. O

---

<sup>173</sup> Embora a discussão esteja em voga há muito mais tempo, no Brasil, por exemplo, a partir da Lei nº 14.402/22. O antigo “Dia do Índio” passa a ser denominado “Dia dos Povos Indígenas”. A mudança procura contemplar o reconhecimento da diversidade cultural e étnica dos povos originários. Tal alteração é resultado de uma ampla discussão em voga nas ciências humanas, que busca valorizar a diversidade e a contribuição desses povos para a formação do país, promovendo uma reflexão mais abrangente sobre as questões indígenas e suas lutas por direitos, território, cultura e autodeterminação. No caso, reivindica-se a compreensão de que a palavra “índio” tem raízes na colonização europeia e carrega consigo uma carga histórica de discriminação e desrespeito em relação aos povos originários das Américas. Especificamente, essa terminologia perpetua a visão equivocada de que os indígenas seriam exóticos, primitivos e inferiores, refletindo, portanto, o poder desigual e a violência colonial que foram impostos a esses povos. Há de se destacar também que, naturalmente, a preferência terminológica varia entre os povos. Por exemplo, alguns possuem termos específicos em sua própria língua para se referirem a si mesmos (como “Mbyá”, “Guarani”, “Yanomami” etc.). Ainda, há a adoção de expressões que são traduções literais de sua autodenominação para outros idiomas (como “Povo da Floresta” ou “Povo da Montanha”). Independentemente às especificidades de nomenclatura, “índios”, definitivamente, não está no rol dessa identificação.

entorno familiar não se furtou da benesse da intimidade parental para empreender produtos de suas leituras sobre o personagem. Não apenas Roberto, mas Zélia e os filhos igualmente publicaram textos sobre suas convivências com Jorge Amado. Zélia Gattai, particularmente, construiu sua produção intelectual memorialista, em muito, recuperando da vida íntima do casal/família; ainda com o filhos, João e Paloma, como visto anteriormente, em *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (7), escreveu texto biográfico sobre Jorge. A caçula, Paloma, dedicou-se à produção de obras cujo o mote é o pai, com publicações como “*As frutas de Jorge Amado*” (1997)<sup>174</sup> e “*A comida baiana de Jorge Amado*” (2004)<sup>175</sup>. O próprio Jorge, aliás, empenhou-se em registrar na certidão da prole a herança do status literário: denominou-os João *Jorge Amado*, e Paloma *Jorge Amado* — Lila fora Eulália Dalila Amado, sem o “Jorge” dos irmãos —. A respeito da materialização que propagandeia o convívio íntimo, o próprio Roberto admite a necessidade de escrever sobre o tio.

E por meses, anos, décadas, eu considerei que tenho um crédito com Lyon<sup>176</sup>, o saldo do dinheiro de tio Jorge, que certamente hoje, levando-se em conta os juros e correção monetária, seria quantia suficiente para eu descansar o resto da vida sem me aborrecer em escrever livros e relatos sobre meu tio (Amado, 2021, p. 98).

É isso, a exploração comercial do monumento, nada de novo sob o sol...

<sup>174</sup> A apresentação do livro, no *site* da Companhia das Letras (2023), sua editora, é esta: “O que Jorge Amado dá de comer a seus personagens?” Para responder a essa pergunta, Paloma Jorge Amado dedicou-se a uma pesquisa paciente e amorosa. De livro em livro, coletou nomes de comida, modos de cozinha, sabores apreciados, misturas de ingredientes, combinações de pratos, bebidas leves e fortes, usos do sal e do açúcar, fatos culinários derivados da preferência ou impostos pelas circunstâncias — tudo o que alimenta e sacia a legião de personagens que povoa a literatura de Jorge Amado. O projeto resultou primeiro num livro sobre a culinária cotidiana do povo da Bahia — *A comida baiana de Jorge Amado* ou *O livro de cozinha de Pedro Archanjo com as merendas de Dona Flor* (1994, Maltese) — e prevê também um livro sobre a culinária ritual e mística, aquela que dá sustento aos orixás e seus filhos nos candomblés. Entre um e outro há este, sobre as frutas, que “criam ambientes, aproximam personagens, viram mesmo personagens”. Vestidas com uma espécie de segunda natureza — feita de palavras —, as frutas geradas pela imaginação literária de Jorge Amado são abundantes, variadas e saborosas como as verdadeiras. Recolhidas por Paloma, tornam-se ainda mais convidativas, como se fossem as peças de uma coleção muito preciosa. Disponível em: Acesso em 22/06/2023.

<sup>175</sup> A apresentação do livro, no *site* da Companhia das Letras (2023), sua editora, é esta: “Só de ler Jorge Amado a gente já fica com água na boca cada vez que um personagem resolve comer. Acarajé, vatapá, feijoada, beiju de tapioca, moqueca - e ainda nem chegamos à sobremesa! Paloma Jorge Amado compilou as receitas de pratos que aparecem na obra de seu pai e o resultado é este livro, que ainda apresenta citações, divertidas crônicas e maravilhosas fotos. E mais: receitas testadas com o método Panelinha! Até quem não sabe cozinhar vai conseguir trazer um pouco da Bahia para a cozinha de casa.”

<sup>176</sup> A referência diz respeito a um significativo valor que Jorge Amado enviou a Francisco Lyon de Castro, seu editor em Portugal, a ser entregue para Roberto Amado, que estava mochilando pela Europa em seus então 21 anos (1977). Ocorre que Roberto e o dinheiro se desencontraram: este chegou após sua partida de Portugal.

A partir das observações apresentadas acerca das seis obras analisadas nesta seção: *Jorge Amado: vida e obra* (4), *Jorge Amado: retrato incompleto* (5), *Conversando com Jorge Amado* (6), *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (7), *A odisseia de Jorge Amado* (8) e *Jorge Amado: meu tio* (9), é possível localizar cinco macroelaborações discursivas : i) a primeira, engloba os dois livros (4;5) que se assemelham quando na tentativa de apresentar a vida e a obra de Jorge Amado a partir de recortes temáticos pertinentes, na visão dos autores. Ao que parece, nesses casos, Matilde e Eulália Dalila não são suficientemente relevantes para terem lugares de destaque nos recortes; ii) a segunda, fala à entrevista de Alice Raillard (6) que, em uma proposta muito particular e significativa, orientou seu entrevistado a discorrer acerca de sua vida e obra sob uma perspectiva de contextualização histórica e política; iii) a terceira, corresponde à narrativa de Zélia Gattai (7) que, por meio de uma dicção intimista, organizou seu texto com episódios nos quais sequer esteve presente, a fim de indicar ao leitor, simbolicamente, certa ubiquidade na vida de Jorge Amado; iii) em seguida, embora a quarta proposta, de Piligra (8), cumpra o objetivo de se mostrar odisseia, fazendo jus ao exercício de apresentação da vida de um personagem do mundo, não é capaz de compartilhar nitidamente os desdobramentos biográficos de seu protagonista para um público sem informações prévias dessa narrativa de vida. iv) por fim, *Jorge Amado, meu tio* (9) reivindica um outro lugar que, se fosse ilustrar com objetivo didático eu diria — por um lado — que o título pode ser entendido como a versão íntima de *Conversando com Jorge Amado* (6), no sentido de abordar, com consistência, características e pormenores da vida e da obra do protagonista, agora sob a perspectiva da contextualização familiar via olhar de outrem, dado que o personagem não participa a essa elaboração objetivamente; — por outro lado — também o compararia ao *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (7), mas como sendo sua versão menos idealizada e sem a tentativa de domínio absoluto da narrativa de vida. Quero dizer, consciente do registro do excerto.

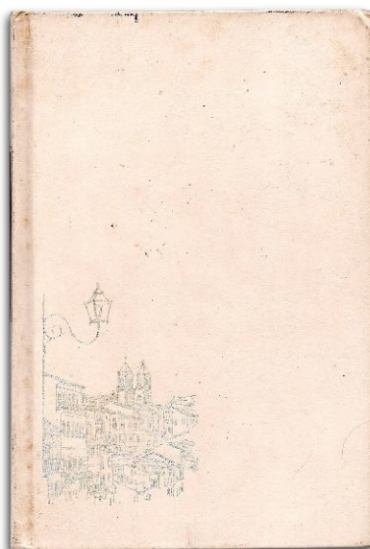
#### **4.1.3 A vida em narrativas híbridas: da cronologia à entrevista**

Esta terceira seção de apresentação e contextualização da obras que falam à vida de Jorge Amado é dedicada a pensar as narrativas que se estruturaram por meio da materialidade múltipla da composição, no sentido de recorrerem a mais de uma



realização de gênero para a elaboração do discurso de vida do personagem biografado. Foram elas: *O baiano Jorge Amado e sua obra*, de Paulo Tavares ([1980] 1982), *Jorge Amado: Literatura comentada* (1981), uma organização de Álvaro Cardoso Gomes, *Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado*, do Instituto Moreira Salles (1997), e os *Cadernos de leitura* em seus dois volumes: *Caderno de leituras – a literatura de Jorge Amado*, organizado por Norma Seltzer Goldstein (2008), e, por fim, *Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado*, cuja organização ficou sob os cuidados de Lilia Moritz Schwarcz Ilana e Seltzer Goldstein. As cinco publicações assim se fazem ver:

Figura 47- Capa *O baiano Jorge Amado e sua obra*



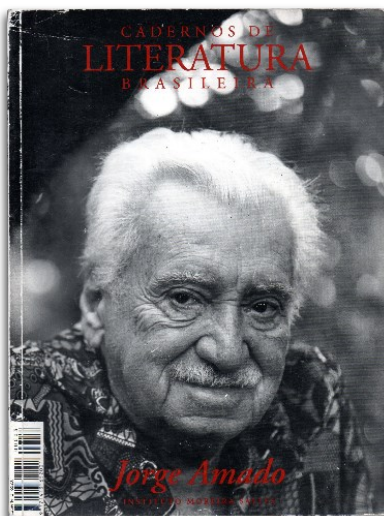
Fonte: Tavares, 1982.

Figura 48- Capa *Jorge Amado: Literatura comentada*



Fonte: Gomes (org.), 1981.

Figura 49- Capa *Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado*



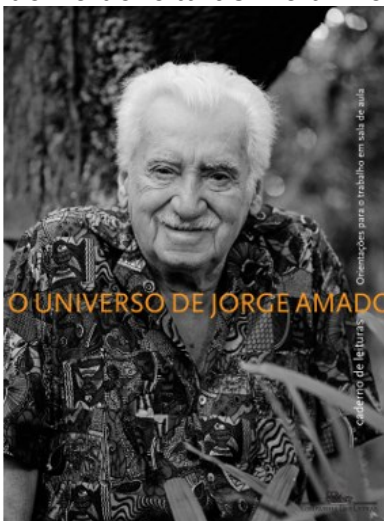
Fonte: Instituto Moreira Salles (org.) 1997.

Figura 50- Capa *Caderno de leituras – a literatura de Jorge Amado*



Fonte: Goldstein (org.), 2008.

Figura 51- Capa *Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado*

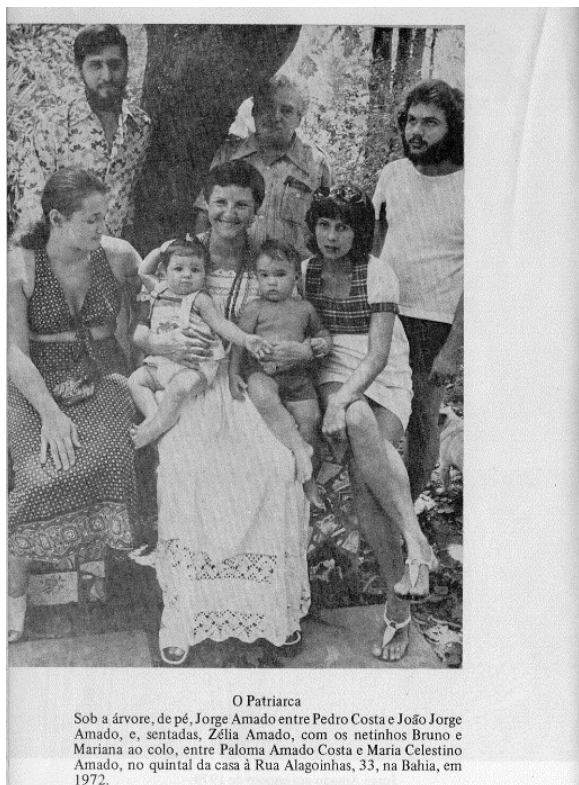


Fonte: Schwarcz; Goldstein (org.), 2009.

No que diz respeito a *O baiano Jorge Amado e sua obra* (10), chamo atenção para a apresentação do organizador do compêndio, Paulo Tavares, que avisa: “Dada a permanência do prazo concedido [para organizar o livro], não será improvável deparar-se com algum anacronismo ou discrepâncias outras entre os elementos citados” (Tavares, 1982, s/p). Quer dizer, de imediato, o leitor é informado de que essa compilação foi devorada pelo mercado editorial, no sentido de ter sido elaborada o mais rápido que se pôde devido à necessidade de circular nas prateleiras ou, sem eufemismos, de faturar. Honesto, porém desestimulante.

O livro de 196 páginas, com capa dura, é dividido em cinco partes, a saber: i) Icnografia; ii) Cronologia; iii) Bibliografias; iv) Antologia; e v) Enfoques. Em relação à “Icnografia”, são reproduzidas dez fotografias em preto e branco que trazem, principalmente, Jorge Amado ao lado de amigos famosos, a exemplo de Pablo Neruda, Ferreira de Castro, Oscar Niemeyer e Anna Seghers. Em meio a personagens de relevância histórica nacional e internacional, Paulo Tavares, registra uma imagem sua com Amado, minimamente, avisando o leitor de sua proximidade com o biografado, o que efetivamente ocorreu em razão da publicação do seu premiado *Criaturas de Jorge Amado* (1969), que mapeia e descreve todos os personagens da obra amadiana criados até aquele momento. A distinção mencionada foi o Prêmio Carlos de Laet, conferido pela Academia Brasileira de Letras, em 1970. Para ilustrar seu recorte fotográfico, todavia, opto pela imagem que traz a família do protagonista: esposa, filhos, nora, genro e netos em fotografia denominada “O Patriarca”:

Figura 52- Família Amado



Fonte: Tavares, 1982, p. 16.

“Cronologia”, sem surpresas, elabora o que o nome sugere, uma relação de informações orientadas por datas. Há indicação, além da marcação dos anos, dos meses em que determinado episódio ocorreu, sendo que ao lado direito da página ficam os textos e ao esquerdo o ano de referência do acontecimento, com fonte maior, mais destacada. Assim, há o indício de que as informações procuram não despertar equívocos temporais quanto às suas realizações.

O texto, que não tem imagens de nenhuma natureza, toma como início o nascimento de Jorge Amado, em 1912, e conclui suas considerações em 1979, data de embarque do escritor para o Senegal. Destaco, das informações apresentadas, que em vários momentos tive a impressão de que esta materialidade fosse um contínuo de *Jorge Amado: vida e obra* (4), de Miécio Táci. Isso porque as referências aos pais de Jorge Amado se aproximam muito no que diz respeito ao “papel” de João Amado como provedor, que monta uma tamancaria, que trabalha para readquirir bens, e de Eulália Leal como uma “figurante” ou uma “ajudante”.

A composição das informações é bastante sintética, de forma que não há uma elaboração em formato de produção textual. O que se encontra é um conjunto de frases informativas concisas, dispostas uma abaixo da outra, e, nesse sentido, não há

tentativa aparente de se complementar os dados de forma a contextualizá-los. Assim, por exemplo, é dito que Jorge Amado em “1933, dez. Casa-se, em Estância, com Matilde Garcia Rosa” (Tavares, 1982, p. 26), da mesma maneira que sua união posterior é informada: “1945, jul. Casa-se na Capital paulista com Zélia Gattai” (Tavares, 1982, p. 36). Isto é, não há uma diferenciação nas formas de dizer, nesse caso.

Chamou-me atenção, ainda, a desinformação quanto à Eulália Dalila, pois, primeiro, a mim me pareceu que o autor creditou o apelido, Lila, como nome, “1935, jan. 25. Nascimento de sua filha Lila” (Tavares, 1982, p. 30). Segundo, quando menciona a morte da menina, diz: “1949, dez, 19. Falece de mau súbito, no Rio, sua filha Lila” (Tavares, 1982, p. 38), o que é um equívoco, já que Eulália morreu de lúpus.

Ainda sobre o livro, é interessante mencionar que sua terceira parte, “Bibliografia”, traz uma relação organizada das obras de Jorge Amado publicadas até a ocasião de elaboração deste compêndio, orientando em cada uma o nome, o gênero, a editora, a cidade e ano tanto da primeira edição quanto da edição “atual” de cada volume (considerando-se 1980, data da publicação do compêndio de Tavares). Todavia, mais interessante, para mim, foi notar o item “coautorias” sem a presença de *A descoberta do mundo* (1936), publicação de Jorge Amado e Matilde Garcia Rosa, como já mencionado anteriormente.

Já em “Antologia”, propõe-se um questionário a Jorge Amado, semelhante àquele da obra de comemoração aos 80 anos, para, seguidamente, oferecer ao leitor “Dezesseis trechos colhidos ao acaso nas obras de Jorge Amado e que bem refletem as características do escritor [...]” (Tavares, 1982, p. 145), na opinião do compilador. Para finalizar, “Enfoques” propõe-se a contextualizar o escritor no cenário da literatura brasileira da época, além de trazer textos que discutem tópicos recorrentes na obra amadiana, como a religião, a terra, e a liberdade.

A segunda publicação abordada neste tópico, *Jorge Amado: Literatura comentada* (11), com organização de Álvaro Cardoso Gomes, possivelmente, é o livro mais conhecido de todos e o mais fininho de todos, com suas 128 páginas. Isso porque faz parte da coleção “Literatura comentada”, uma publicação da Editora Abril, dos anos 1980, que se popularizou facilmente em razão do baixo custo — também devido às grandes tiragens —, da propaganda, com direito a horário nobre na televisão, e da facilidade de localização, porque estava presente senão em toda, em praticamente toda, banca de revista da época.

Cada volume trazia um único autor para ser abordado. Assim, apresentava-se uma pequena biografia do homenageado da edição, excertos de sua obra, com comentários e explicações, entrevista, avaliações críticas, e exercícios de fixação. Ou seja, bem verdade, a coleção constituiu-se, na prática, como uma elaboração paradidática. Especificamente, no que toca à edição dedicada a Jorge Amado, com capa de Vitório de Paulo Gazolli, há as seguintes 11 seções: i) Entrevista biográfica; ii) Cronologia biográfica; iii) Obras do autor; iv) Textos selecionados; v) Panorama da época; vi) Cronologia histórico-literária; vii) Características do autor; viii) Verificação dos conteúdos; ix) Exercícios de fixação; x) Atividades de criação; e xi) Livros para consulta.

Na seção “Entrevista biográfica”, assinada pelo jornalista Antônio Roberto Espinosa, Jorge Amado responde a indagações diversas em torno de sua trajetória de vida. Assim, do ponto de vista das precisões biográficas, essa conversa é esclarecedora no que diz respeito a equívocos que se repetem no tocante à determinadas informações de sua vida, a exemplo do fato de lhe atribuírem nascimento em Ilhéus, ou da influência do Pe. Cabral e da história da redação, “O mar”, sempre romantizada por quem a conta. A esse respeito, Jorge Amado declara: “A influência dele sobre mim não foi tanto pelo fato citado da redação de português [...] veio de outra coisa, da abertura dele, do seu não sectarismo” (Amado, 1981, p. 07).

“Cronologia”, por seu turno, deixa enganar quem se detém apenas ao título. Não porque não segue a ideia de ordenação sucessiva de fatos, mas porque se materializa em apenas uma página, tendo somente 22 datas mencionadas. Ou seja, traz pouquíssimas informações a respeito da vida do autor. No geral, inclusive, o livro tem esse caráter de “resumo”, quer dizer, identifico um discurso de “vender uma ideia geral” do autor-tema, no caso, de Jorge Amado, o que implica uma organização que não reivindica a noção de plenitude do sujeito homenageado, o que não ocorre com a próxima obra que será apresentada, por exemplo.

*Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado*<sup>177</sup> (12) foi publicado no ano de 1997 pelo Instituto Moreira Salles — organização sem fins lucrativos sustentada pelo Unibanco e pela própria família de banqueiros que dá nome ao Instituto — o qual anuncia-se como promotor, ampliador e desenvolvedor de programas culturais das

---

<sup>177</sup> Doravante *Cadernos Jorge Amado*.

áreas de fotografia, música, literatura e iconografia. Detentor de acervos nas distintas áreas mencionadas, publica como objetivo:

[...] difundir esses acervos da maneira mais ampla. Isso requer um ingente trabalho prévio de higienização e digitalização de imagens e sons, e sua melhor catalogação, para servir a exposições e a publicações e atender pesquisadores e outros consulentes. Mas vai além. O IMS tem aperfeiçoado e renovado seu endereço na internet ([ims.com.br](http://ims.com.br)) para propagar de forma ágil e gratuita seus acervos e sua programação. [...] Memória está em quase tudo o que o IMS faz. Ser guardião do passado é missão das mais nobres. De um passado que não fique estagnado, mas que seja também fundamental para entender o presente e enfrentar o futuro. (Pinheiro, 2022).

Assim, *Cadernos Jorge Amado* (12) faz parte de um projeto maior que se propõe dar voz, ou melhor, capa — haja vista que cada volume é destinado a uma única figura expoente da literatura brasileira — ao autor. Em razão de sua “surpreendente dimensão popular e internacional” (Cadernos, 1997, p. 06) e de sua peculiar influência sociocultural, Jorge Amado ocupa o terceiro número da coleção, atrás somente de João Cabral de Melo Neto e de Raduan Nassar, escolhidos para o primeiro e segundo volumes da coleção, respectivamente.

As 170 páginas em papel couchê A4, contando da primeira à última folha do exemplar, seguem o mesmo padrão das demais publicações da *Cadernos de literatura brasileira* desde a apresentação da capa, com uma foto com efeito preto e branco do autor escolhido, até o conteúdo, que propõe uma exploração, que se pretende absoluta – eu diria –, da vida e da obra do escritor. A *Cadernos Jorge Amado*, excluída a apresentação, é dividida em nove seções assim denominadas: i) Memória Seletiva; ii) Confluências; iii) Entrevista; iv) Geografia Pessoal; v) Inéditos; vi) Variantes; vii) Correspondências; viii) Ensaio; e ix) Guia.

Em “Memória Seletiva”, destaca-se o que identifico como uma intenção de se apreender a totalidade da vida do autor, uma vez que a narrativa inicia, em uma perspectiva cronológica linear, com o episódio que antecede o nascimento de Jorge Amado, o casamento dos pais no ano de 1911, até o último registro possível da trajetória do escritor, a escolha de *Tieta do agreste* como tema do Carnaval de Salvador em 1997. No que diz respeito à seção, saliento a padronização das informações: são dispostas em colunas idênticas de texto, nas quais estão contidas as informações da vida do autor, contadas em curtos parágrafos iniciados pelo ano ao qual se referem. As informações, de fácil apreensão, são auxiliadas por inúmeras fotos que dão conta de elucidar o breve texto biográfico.

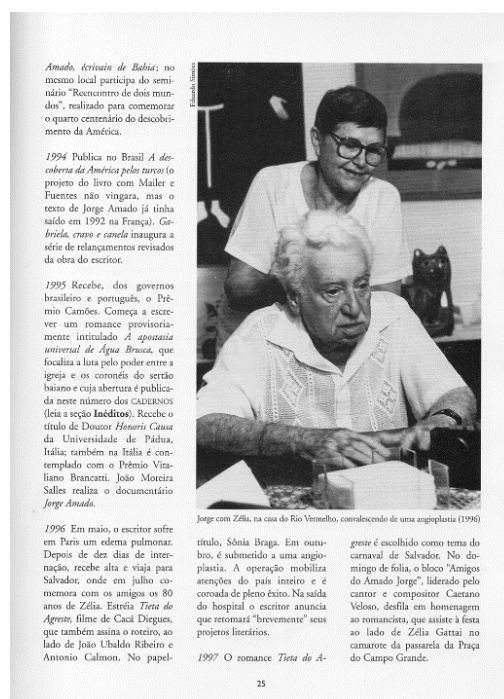
Dessas imagens do compêndio, destaco a presença de Zélia Gattai que, depois de Jorge Amado, é quem aparece com maior frequência nas ilustrações. Assim, nesta parte da obra, tem-se uma descrição sintética, organizada e *visualmente* totalitária da vida do autor, uma vez que todas seguem uma mesma ideia, qual seja a de objetivamente tratar de Jorge Amado de forma que uma perspectiva homogênea (padronização no tamanho das informações acerca de cada ano de informações) prevaleça. Ilustro:

Figura 53 - Cadernos 1



Fonte: Cadernos, 1997, p. 20.

Figura 54 - Cadernos 2



Fonte: Cadernos, 1997, p. 25.

Em "Confluências", o leitor é convidado a admirar Jorge Amado por meio do depoimento de amigos, enquanto escritor, companheiro e ser humano. Nesta seção edifica-se — na minha leitura — uma forma de assinatura que advoga em favor de Amado, como possibilidade de oferecer ao escritor maior credibilidade — se é que o renome do autor não baste por si — via o status do(s) outro(s) que o complementa(m):

Ao lado do escritor peruano Maria Vargas Llosa, escreve sobre Jorge Amado o antropólogo Darcy Ribeiro (no que viria a ser um dos seus últimos textos), o cineasta Nelson Pereira dos Santos, o economista Celso Furtado, a tradutora Francesa Alice Raillard e o arquiteto Oscar Niemeyer. (Cadernos, 1997, p. 06).



Em “Entrevista” Amado fala de sua trajetória ao longo da vida no que toca a assuntos de ordem diversa, como o processo de criação, a crítica em torno da sua produção, suas preferências de leitura, dentre outras questões. A diferença em relação ao livro de Alice Raillard (6), por exemplo, é a forma de abordagem com que se guiam os temas, naquela obra bem mais aprofundados. Seguindo, na seção “Geografia Pessoal” ensaiam-se em 19 páginas, 19 fotos, em distintos tamanhos, que procuram visualizar, literalmente, a produção ficcional de Jorge Amado. As imagens de Salvador e de Ilhéus possibilitam ao leitor mais atento uma desconstrução do estereótipo exclusivamente festivo e turístico destes lugares, dado que além de belas paisagens, deparamo-nos com o povo trabalhador e simples; o mar vem acompanhado de barcos de pescadores e Salvador tem seu momento sarjeta, com edificações insalubres e sujeira na rua. Em Ilhéus a imagem de um trabalhador no cacauzeiro ocupa duas páginas da compilação.

“Inéditos, Variantes e Correspondência” vêm de uma vez só. São 11 páginas que pincelam, ilustram, materializam e certificam tanto a produção ficcional do autor, via imagens de originais, quanto sua vida social, por meio da digitalização de bilhetes recebidos dos famosos Mário de Andrade, Otto Lara Resende e Pablo Neruda. “Inéditos”, especificamente, é reservado para que o público entre em contato com uma pequena parte de *A apostasia universal de água brusca*, romance que o escritor nunca concluiu. “Variantes” é exemplificado com quatro versões de *Do recente milagre dos pássaros acontecido em terras de Alagoas, nas ribanceiras do rio São Francisco*. “Correspondência” segue, para concluir, com imagens dos originais de mensagens, na íntegra, recebidos pelo autor; neste espaço a presença que faço questão de registrar é a da Fundação Casa de Jorge Amado que, escreve *Cadernos* (12), cedeu “gentilmente” para a revista os exemplares para a publicação.

“Ensaaios” traz textos teóricos a respeito da produção ficcional de Jorge Amado, cujos autores são Eduardo de Assis Duarte, Fábio Lucas e Roberto DaMatta. Esta seção me parece reivindicar, por parte da *Cadernos*, a autoridade da crítica especializada para “convencer” o leitor acadêmico de que Jorge Amado é digno de sua atenção. Como se quisesse dizer: “mesmo que Jorge Amado ainda ocupe os primeiros lugares entre os maiores *best-sellers* do país, ainda que escreva com uma linguagem “fácil” as mazelas do mundo, mesmo seus livros tendo sido adaptados para a televisão e cinema, não esquecendo também e que o autor mesmo reconhece-se

*menor* esteticamente, comparado a outros destaques da literatura brasileira<sup>178</sup>, ainda assim deve ser visto como intelectual com espaço na Academia”.

Por fim, nas páginas finais do volume, há o que é denominado “Guia”, um roteiro de todas as produções do autor desde o início da vida até o ano de 1997, período em que *Cadernos* foi às bancas e livrarias. Assim, tendo em vista todas as seções recém-descritas da obra, acredito que a afirmativa: “*Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado* intenta edificar-se enquanto compêndio-referência sobre Jorge Amado” não soará exagerada. Quero dizer, identifico a intenção desse material em passar para o leitor tal impressão, a de que ele, por si, baste para quem quer conhecer tudo na obra do escritor baiano. Isso porque se organiza a partir de um discurso de “integralidade”, da seleção de seções à padronização das informações, que não deixam espaço para, em uma leitura rápida, notar-se possíveis “falhas” informativas, pois sugerem que o leitor, naquela obra, desbravou Jorge Amado de cima a baixo.

Organizada por Norma Seltzer Goldstein, linguista e professora da USP, *Caderno de leituras – a literatura de Jorge Amado* (13), agora entra em foco. Publicação que visa potencializar o aproveitamento da literatura na escola, o livro participa de uma iniciativa da Companhia das Letras cujo foco é o apoio didático-pedagógico aos professores do ensino básico. Dessa forma, além do seu conteúdo ser voltado à sala de aula, seu acesso é totalmente gratuito, tornando a proposta uma forma de popularizar a leitura crítica e biográfica sobre Amado. Especificamente, a coleção *Caderno de Leituras* existe desde 1999, sendo dois títulos dedicados a Amado: o recém citado (13), publicado em 2008, e o *Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado* (14), publicado em 2009, o qual será lido posteriormente.

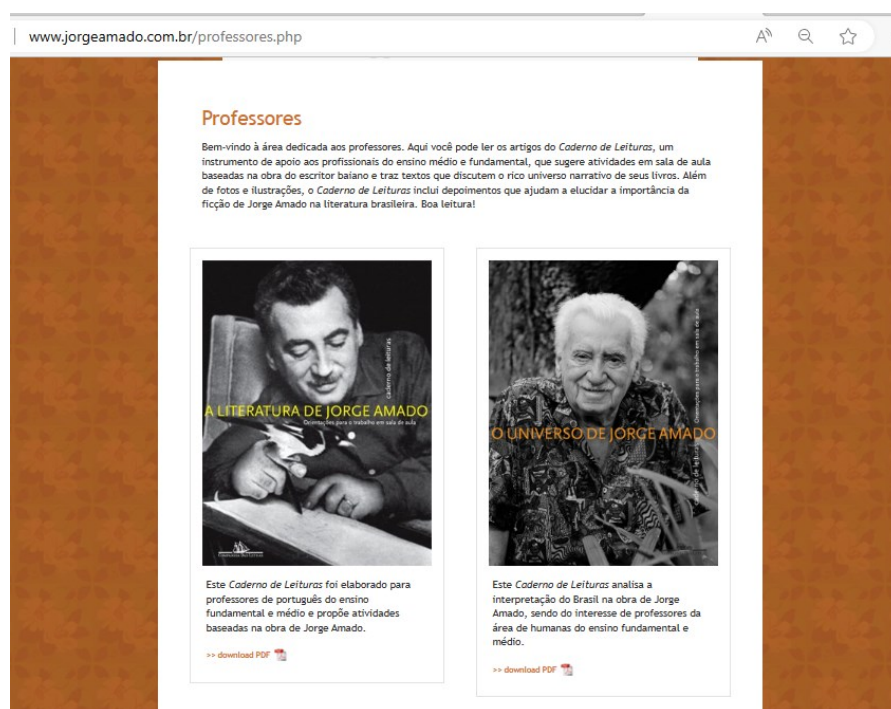
Como se vê pela contextualização, essas não são, objetivamente, obras com foco biográfico. No caso, o texto biográfico aparece como suporte para o trabalho com o texto literário. Todavia, mesmo que diminuta, a presença da narrativa biográfica existe e, para além, participa a uma aparição bastante pertinente, a considerar que os *Caderno de leituras* são as únicas obras neste rol da tese, integral e nominalmente, dedicada ao trabalho em sala de aula. Ou seja, são títulos que se propõe a conversar com docentes para Jorge Amado se fazer presente entre os discentes. Tal iniciativa está inserida em um projeto maior, motivado pela compra dos direitos de publicação da obra de Amado pela

---

<sup>178</sup> “Não sou Guimarães Rosa. O Rosa é o mais importante, um escritor que a gente olha, preza e se sente pequeno diante dele” (Amado, 1997, p. 06).

Companhia das Letras, em 2006. O material decorrente dessa repaginada envolve a reedição da obra do escritor, e demais iniciativas, como essa dos *Cadernos*, que, ainda, está inserida em outra ação: a criação de um site específico para o projeto: < <http://www.jorgeamado.com.br>>. Nele encontramos um material panorâmico, dentre o qual se incluem os dois títulos. Ilustro com a página que disponibiliza o download de ambos (13, 14):

Figura 55- Página para *download* dos *Cadernos*



Fonte: *Site JorgeAmado.com.br* (2023).

Como se vê, após uma breve introdução dedicada aos professores<sup>179</sup>, entre as capas e os links para baixar os arquivos, há um direcionamento de trabalho para cada um, sendo o primeiro — *Caderno de leituras – a literatura de Jorge Amado* (13) — e o segundo volumes — *Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado* (14) — assim descritos, respectivamente:

Este *Caderno de Leituras* foi elaborado para professores de português do ensino fundamental e médio e propõe atividades baseadas na obra de Jorge Amado.

<sup>179</sup> O texto é este: “Professores – Bem-vindo à área dedicada aos professores. Aqui você pode ler os artigos do *Caderno de Leituras*, um instrumento de apoio aos profissionais do ensino médio e fundamental, que sugere atividades em sala de aula baseadas na obra do escritor baiano e traz textos que discutem o rico universo narrativo de seus livros. Além de fotos e ilustrações, o *Caderno de Leituras* inclui depoimentos que ajudam a elucidar a importância da ficção de Jorge Amado na literatura brasileira. Boa leitura!”

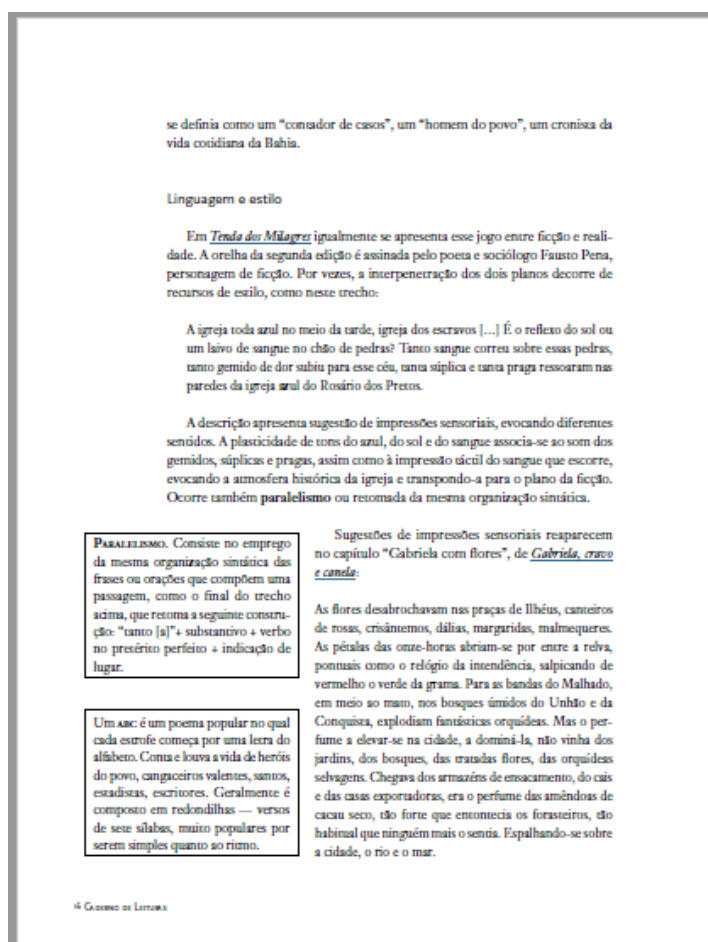
Este *Caderno de Leituras* analisa a interpretação do Brasil na obra de Jorge Amado, sendo do *interesse de professores da área de humanas* do ensino fundamental e médio. (Site JorgeAmado, 2023, grifos meus).

*Caderno de leituras – a literatura de Jorge Amado* (13), dedicado aos professores de língua portuguesa, divide suas 89 páginas em sete partes, a saber: i) *Apresentação*, que cumpre o anúncio de seu título, ii) *Diálogos*, primeiro ensaio de orientação teórico-metodológica — trata das relações da obra amadiana em distintos recortes: ficção e vida real, injustiça social, figuras históricas, valorização da cultura popular etc. —; iii) *Representação do feminino*, segundo ensaio de orientação teórico-metodológica — trabalha com alguns perfis femininos de personagens criados pelo autor e indica algumas dessas personagens como representações genuínas de quebra de estereótipos —; iv) *Sociedade em formação: Terras do sem-fim e Tenda dos Milagres*, terceiro ensaio de orientação teórico-metodológica — ocupa-se em apresentar o que se convencionou identificar como “as duas fases” da obra de Jorge Amado — ; v) *A prosa de Jorge Amado: expressão de linguagem e de costumes*, quarto e último ensaio de orientação teórico-metodológica — dedica-se à explorar a linguagem e o estilo do texto de Amado; vi) *Depoimentos*, seção na qual Antonio Candido, Claude Guméry-Emery e Myriam Fraga dão suas impressões acerca da obra do escritor; e, por fim, vii) *Trajatória de Jorge Amado*, em que se faz um apanhado geral de sua vida e obra. Ao final, ainda há uma breve biografia profissional dos autores que colaboraram para o número, sendo eles: Norma Seltzer Goldstein, Ana Helena Cizotto Belline, Arnaldo Franco Júnior, Ana Elvira Luciano Gebara, e Silvia Helena Nogueira.

Assim, a partir da estrutura recém descrita, almeja-se um o material de grande valia na mediação para o estudo analítico e interpretativo da obra de Jorge Amado; autor relevante, segundo apontam, devido a “[...] sua escrita ser capaz de despertar o gosto pelo gênero narrativo, por ser ele um autor significativo na história da nossa literatura e pelo fato de sua obra apresentar uma concepção da identidade nacional” (Goldstein, 2008, p. 09). Do conjunto dos ensaios deter-me-ei nos títulos que, de uma maneira ou outra, signifiquem ao biográfico, posteriormente, lendo com mais demora a seção *Trajatória de Jorge Amado*, tendo em vista o propósito biográfico deste. Antes, porém, ocupo-me em destacar alguns pontos que chamaram minha atenção no conjunto da obra.

No geral, de saída, destaca-se o projeto formativo instrucional explícito em ambos os *Cadernos* (13 e 14), com linguagem objetiva e simples, em textos contextualizados e marcadamente didáticos: há presença de imagens legendadas, sugestões de leituras para a complementação das temáticas abordadas, sugestões de atividades para o trabalho em sala de aula, e recursos instrucionais, como caixas-extras ao texto, em diagramação distinta à produção central, que trazem explicações sobre tópicos trabalhados no conteúdo principal. Assim, por exemplo, em *Diálogos*, temos tanto informes biográficos sobre Castro Alves quanto explicações de conceitos da área da linguagem, como intertextualidade, variação linguística, paralelismo etc. Ilustro:

Figura 56- Página 14 de *Cadernos*

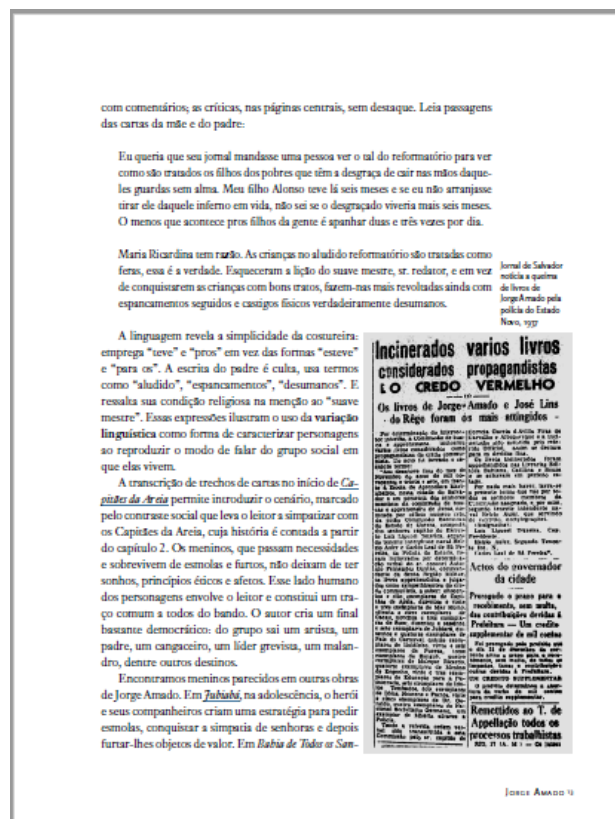


Fonte: Goldstein (org.), 2008, p.14.

Desse ensaio, escrito por Norma Seltzer Goldstein, particularmente ganhou meu interesse a multiplicidade temática recortada pela autora que, efetivamente, procura empreender distintos diálogos com a obra de Amado. Embora o movimento

seja bastante múltiplo e dê condições de nortear as possibilidades do trabalho com a obra do autor, justamente em razão dessa variedade de abordagem ele acaba por ser superficial em certa medida. Nesse sentido, o sucesso do *Cadernos* fica subordinado ao empenho do docente para o cumprimento consistente das sugestões compartilhadas, o que não é uma problema, salvo o profissional se resignar unicamente ao conteúdo facultado. Acerca do material compartilhado por Goldstein, encontramos o recorte de jornal que noticia a queima dos livros do autor, em 1937. Não há, todavia, menção textual objetiva sobre essa imagem, além da legenda<sup>180</sup>, ela apenas está ali, ilustrando a discussão a respeito da temática da injustiça social presente na obra do escritor; quer dizer, levando em conta o contexto do público a quem se destina a obra, entende-se que tal figura não está ali “apenas”, é, na verdade, um recurso semiótico para fomentar a própria percepção do professor; a imagem aparece assim:

Figura 57- Página 13 de *Cadernos*



Fonte: Goldstein (org.), 2008, p. 13.

<sup>180</sup> A legenda é esta: “Jornal de Salvador noticia a queima de livros de Jorge Amado pela polícia do Estado Novo, 1937” (Goldstein, 2008, p. 13).

Seguindo, em *Sociedade em formação – Terras do sem-fim e Tenda dos Milagres*, de Arnaldo Franco Júnior, trata da sociedade em formação, utilizando, para isso, os romances que denominam o título da seção. De início, o autor faz a seguinte consideração a respeito da organização da obra de Amado:

A primeira fase vai de *O país do Carnaval* a *Os subterrâneos da liberdade* e se caracteriza pelo vínculo do escritor com o Partido Comunista Brasileiro (pcb) e suas teses sobre a função do artista engajado em causas sociais e na luta pelo socialismo. *Gabriela, cravo e canela* dá início à segunda fase, em que Amado rompe com o pcb e sua visão da função da arte e do artista. Nessa fase, o romancista se volta para o registro dos costumes que caracterizam o hibridismo da sociedade e da cultura brasileiras. (Júnior, 2008, p. 41).

Nada mais fala sobre o PCB.

Para tratar do tema em foco, elaboram-se noções sobre regionalismo, neorrealismo e romance de 30. A partir disso, o autor toca em pontos biográficos a respeito de Amado, contextualiza-o como partícipe do romance de 30 e compartilha um registro dessa década de Jorge com Rachel de Queiroz (não identifiquei os demais):

Figura 58- Jorge e Rachel



Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, s/d, p.40.

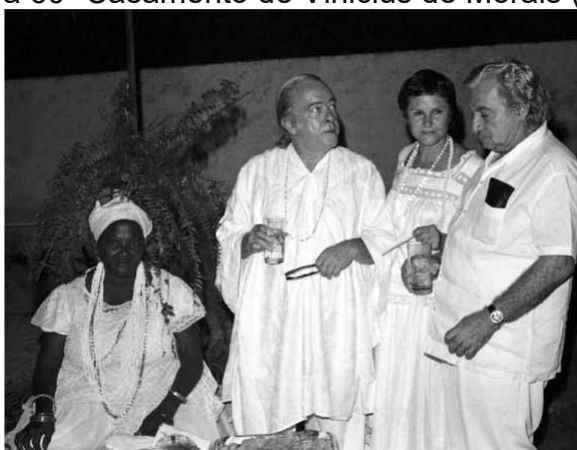
Adiante, sobre *A prosa de Jorge Amado – Expressão de linguagem e de costumes*, de Ana Elvira Luciano Gebara e Silvia Helena Nogueira, destaco as fotografias selecionadas pelas autoras para comporem o ensaio:

Figura 59- Na igreja de Nosso Senhor do Bonfim (1940)



Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, s/d, p.57.

Figura 60- Casamento de Vinicius de Moraes (1972)



Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, s/d, p.60.

Figura 61- Aos 10 anos (1922)



Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, s/d, p.64.



Por um momento, cogitei que a primeira foto, datada de 1940, trouxesse Matilde Mendonça ao lado de Jorge Amado; mas uma fração de segundo de atenção já foi o suficiente para notar que o formato do rosto é totalmente outro — há fotos dela adiante —. Ainda, cogitei que pudesse ser Maria Cruz, com quem Jorge Amado manteve relação afetiva nesse período —há fotos dela adiante, no próximo capítulo —, mas, em análise mais vagarosa, meio titubeante, devo dizer, cheguei à conclusão de que também não é Maria — utilizei um programa de identificação facial, que me deu 30% de chance das fotos trazerem a mesma mulher. A próxima foto, entretanto, traz imagem de Zélia Gattai, inconfundível nos traços e na recorrência de aparições no curso da narrativa de vida de Jorge Amado. Olhando mais detidamente a segunda fotografia, seus elementos e contexto, ocorreu-me que o foco, em verdade, não são seus personagens em si, mas os rituais que ali compartilhando: fé católica e candomblé. Em ambas as imagens, as autoras trazem Jorge Amado participando de alguma simbologia de fé, remetendo-nos, leitores assíduos de sua vida e obra, à célebre frase colocada na boca de Pedro Archanjo, em *Tenda dos milagres*: “meu materialismo não me limita”. Por fim, a fotos de quando criança ilustra as considerações no ensaio sobre *O menino grapiúna*, o livro que Jorge Amado escreveu sobre sua infância.

Chego agora em *Trajetoária de Jorge Amado*, a parte objetivamente biográfica da obra, na qual, em oito páginas, nos são oferecidos 11 subtítulos para tratar da vida do romancista, sendo eles: i) Infância grapiúna: entre a fazenda de cacau e o mar da Bahia; ii) Os anos de aprendizado e a descoberta da paixão pelas letras; iii) Estreia como profissional da palavra; iv) Os primeiros livros; v) O círculo de amizades do Movimento de 30; vi) Militância, censura e perseguições; vii) A união com Zélia e a atividade política; viii) Humor, sensualismo e a contestação feminina; ix) A casa do Rio Vermelho e a vida entre Salvador e Paris; x) Os últimos anos; e xi) A consagração e a recusa da glória.

Antes da narrativa da palavra, a narrativa da imagem: a seção é aberta com fotografia em preto e branco, centralizada, em página única, de Amado na década de 1990. Ilustro:

Figura 62- Jorge Amado nos 1990



Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, 1990.

Nessa construção semiótica, encontramos-nos com a experiência decorrida de uma vida: um Jorge idoso, de olhar penetrante, com indumentária de quem não se preocupa com a formalidade do entorno, diferentemente daquele jovem Jorge Amado, que usava calça de linho, paletó, gravata, e sapato lustrado; outros tempos, outras demandas, outras preocupações, outro sujeito.

O primeiro subtítulo do ensaio dá uma noção geral do entorno dos anos iniciais de vida desse itabunense grapiúna que “Cresceu em meio a lutas políticas, disputas pela terra e brigas de jagunços e pistoleiros” (Goldstein, 2008, p.79). Seguindo, no próximo excerto, apresentam-nos a clássica anedota do Padre Cabral com a premonitória consideração sobre a redação “O Mar”, além de algumas peripécias do biografado, como a fuga do internato. A profissão de jornalista aparece na terceira parte desse texto, que se ocupou em mencionar os primeiros veículos de comunicação ocupados por Amado (*Diário da Bahia* e *O Imparcial*), a fundação da Academia dos Rebeldes e o contato com o candomblé, que, por meio do pai de santo Procópio, lhe concedeu o título de ogã de Oxóssi. Adiante, na passagem quatro, as publicações de *Lenita*, *Rui Barbosa nº- 2* — aqui, no caso, a não publicação —, e *O país do Carnaval* entram em foco para, logo mais, na quinta parte da seção, sermos introduzido aos sujeitos de seu entorno no Movimento de 30: Raul Bopp, José Américo de Almeida, Gilberto Freyre, Carlos Lacerda, José Lins do Rego, Vinicius de Moraes, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, com desta, ainda, havia outra relação, dado

que Rachel “[...] lhe apresentou aos ideais igualitários do comunismo” (Goldstein, 2008, p.81).

Para o sexto subtítulo cabe maior demora, pois nele cita-se o PCB, Matilde, Lila, Estado Novo e seu entorno; reproduzo:

Sensibilizado com as fortes desigualdades sociais do país, em 1932 Jorge Amado filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (pcb). Quatro anos depois foi preso pela primeira vez, no Rio de Janeiro, acusado de participar da Intentona Comunista. O ano era 1936, e Jorge Amado publicou um de seus livros mais líricos, *Mar morto*, protagonizado pelo mestre de saveiro Guma. O livro inspirou o amigo Dorival Caymmi a compor a música “É doce morrer no mar”. O romancista casou-se em 1933 com Matilde Garcia Rosa, na cidade de Estância, em Sergipe. Com ela, Jorge Amado teve uma filha, Eulália Dalila Amado, nascida em 1935 e falecida subitamente com apenas catorze anos. Em meados dos anos 30, Jorge Amado fez uma longa viagem pelo Brasil, pela América Latina e pelos Estados Unidos, durante a qual escreveu *Capitães da Areia*. Ao retornar, foi preso novamente, devido à supressão da liberdade política decorrente da proclamação do Estado Novo (1937-50), regime de exceção instituído por Getúlio Vargas. Em Salvador, mais de mil exemplares de seus livros de foram queimados em praça pública pela polícia do regime.

Libertado em 1938, Jorge Amado transferiu-se do Rio para São Paulo, onde passou a dividir apartamento com o cronista Rubem Braga (Goldstein, 2008, p.81-82).

Como se vê, os dados são sintéticos e objetivos. Não há explicação minuciosa ou descrição dos desdobramentos internos de cada episódio. Mesmo que não dispostos em texto topificado, a informação é recebida quase como uma pauta, na qual as marcações dos acontecimentos são listadas progressivamente, em ordem cronológica crescente. Assim, avalio que os títulos de cada seção não foram organizados a fim de abarcar temáticas comuns de narração, mas sim anos sequenciais, de forma que a denominação de cada um procura reunir as informações que se julgaram expoentes de determinado conjunto de anos.

Ainda, vê-se que os tópicos temáticos do interior do texto iniciam e concluem suas abordagens imediatamente, isto é, não há retorno aos assuntos. A obra, nesse sentido, tem o objetivo de elencar recortes pertinentes para a construção da biografia de um escritor, como obras, relação familiar, envolvimento político etc., mas não se ocupa em adentrar na profundidade do acontecer. Os porquês não são mencionados, os contratempos não são cogitados, as idas e vindas, os desencontros... Nada disso entra em voga. Ao leitor é facultada apenas a sobreposição da informação. Ampla e densa em termos de quantidade, mas breve e superficial em termos de desenvolvimento.

Seguindo, na sétima parte desse breve dizer biográfico, a relação com Zélia é mencionada, sendo esta identificada como “A escritora se tornaria o grande amor de sua vida” (Goldstein, 2008, p.82). Também há a informação sobre o desquite com Matilde, que denominam de separação: “Em 1944, Jorge Amado separou-se de Matilde, após onze anos de casamento” (Goldstein, 2008, p.82). Fala-se sobre algumas obras, nascimento dos filhos, Jorge como Deputado Constituinte pelo PCB, mencionando-se algumas de suas propostas que viraram lei, como como “[...] a que instituiu a liberdade de culto religioso” (Goldstein, 2008, p.82). Em seguida, há o exílio para Europa e o desligamento com o PCB “[...] após as denúncias de Nikita Khruchióv contra Stálin no 20º- Conas denúncias de Nikita Khruchióv contra Stálin no 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética” (Goldstein, 2008, p.82-83).

A oitava seção foca na produção literária, a partir de *Gabriela, cravo e canela* (1958), bem como nas adaptações decorrentes de sua obra, assunto que respinga no tópico posterior, dado que foi o dinheiro da venda dos direitos de *Gabriela* que permitiu à família comprar o terreno e construir a casa no Rio Vermelho, em Salvador. Ainda, é citada a inauguração da Fundação Casa de Jorge Amado, em 1987. A próxima parte desse texto destaca os acontecimentos dos anos finais de Amado, indicando sua morte, em seis agosto de 2001, quatro dias antes de completar 89 anos. Por fim, a última seção discorre sobre sua consagração e a negação da glória: mencionam-se os prêmios, os personagens que viraram nomes de ruas, os títulos do candomblé, as homenagens em desfiles carnavalescos, a entrada na Academia Brasileira de Letras, os *honoris causa* em instituições internacionais, as amizadas consagradas e algumas linhas de *Navegação de Cabotagem*, dentre as quais esta: “Não nasci para famoso nem para ilustre, não me meço com tais medidas, nunca me senti escritor importante, grande homem: apenas escritor e homem” (Amado, 2006, p.11).

Seguindo, leio *Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado* (14) que, como mencionado anteriormente, foi pensado para os professores da área das humanidades. Para isso, assim divide suas 97 páginas: i) Apresentação; ii) Jorge Amado e o Brasil; iii) A militância política na obra de Jorge Amado; iv) O artista da mestiçagem; v) Religião e sincretismo em Jorge Amado; vi) A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado; vii) Depoimentos; e viii) Cronologia. Após a bibliografia, há uma listagem com as adaptações do protagonista para o cinema e tv e trilhas sonoras. Por fim, tem-se breve biografia profissional dos autores que colaboraram para o número, sendo esse organizado por Lilia Moritz

Schwarcz, — antropóloga, professora titular da USP, e uma das criadoras da Companhia das Letras — e Ilana Seltzer Goldstein — antropóloga e professora da Unifesp —, com textos assinados por José Castello, Luiz Gustavo Freitas Rossi, Reginaldo Prandi, além das organizadoras; ainda, tem-se a consideração do próprio Jorge Amado e de Mia Couto na seção “Depoimentos”. Da mesma forma que a *Caderno* anterior, essa publicação não é voltada para o biográfico, apesar disso, esse segundo volume tem pontos de afinidades mais consistentes com a tese, em razão da abordagem explícita do recorte político e ideológico presentes na obra e na vida de Amado. Dos ensaios, destacarei dois, a fim de discorrer acerca do trabalho com os temas de interesse em curso. Início por *Jorge Amado e o Brasil*, de José Castello, para marcar notadamente dois desencontros que chamaram minha atenção ao longo da leitura; o primeiro é este:

### Figura 63- Jorge e Zélia em contexto questionável

busca de suas raízes familiares. A partir do impacto do reencontro com o passado, ainda cheio de dúvidas, Jorge começou a esboçar uma imagem do Brasil.

Esse Brasil mais pobre e mais infeliz continuará a desfilar pelas obras seguintes.

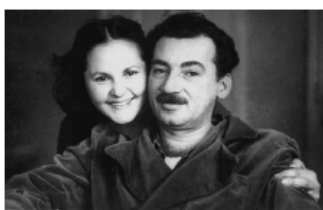
Em 1934, quando lança *Sagar*, desloca o foco da vida no campo para as ruas das cidades — no caso, a cidade de Salvador. O romance conta a vida miserável de moradores de um sobrado do bairro histórico do Pelourinho. De certa forma, muito torta, evoca *O cortiço*, o famoso romance que o escritor maranhense Aluísio Azevedo (1857-1913) publicou em 1890. Tanto no campo como na cidade, as adversidades — e a luta dos homens simples para superá-las — desenham uma imagem áspera, mas calorosa, da vida brasileira. Mais uma vez Jorge se inspirou em uma experiência pessoal: na adolescência viveu algum tempo em um dos casarões do Pelourinho. De sua vida e de sua memória ele arranca, agora, uma fotografia do Brasil. Mais uma vez, literatura e vida se misturam e se alimentam.

Publicado em 1936, o romance *Mar morto* é outro exemplo da relação íntima entre Jorge Amado e nosso país. Cada vez que escreve sobre si, ele escreve sobre o Brasil. Cada vez que retorna às lembranças íntimas em busca das conexões perdidas no passado, são fios da vida brasileira que puxa para perto de si. Depois de tratar da vida no campo e nos bairros populares da cidade, Jorge se debruça, em *Mar morto*, sobre a vida no mar. O livro conta a história e os amores de heróicos pescadores que, em precários saveiros, sobrevivem enfrentando o oceano. A cada madrugada a morte os espera no mar imenso. Nesse livro, a imagem destemida do homem brasileiro se engrandece ainda mais. Ele agora não é só um lutador, mas um homem que — como o herói Cuma, que se afoga no mar — se aproxima do mito. Um herói que, reencenando os relatos da *Odisseia*, de Homero, enfrenta as forças da natureza e as armadilhas do destino nelas guardadas, e sai fortalecido.

Mais um salto se dá quando, em 1937, Jorge Amado publica *Capitães da Areia*, livro em que os personagens são meninos abandonados, que vagueiam pelas ruas da cidade, lutando — como Robin Hoods de calças curtas — para sobreviver. O

romance reafirma as qualidades que Jorge Amado atribui aos filhos de nosso país — coragem, capacidade de extrair força da adversidade, imaginação vigorosa. Ele sugere ainda que elas não são apenas uma conquista, mas algo que já existe naturalmente em nós. Algo que trazemos desde o berço — como a cicatriz que o líder dos meninos, Pedro Bala, tem no rosto. Torna-se

Com Zélia  
Gatta, primeira  
foto tirada pela  
escritora com  
disparador  
automático



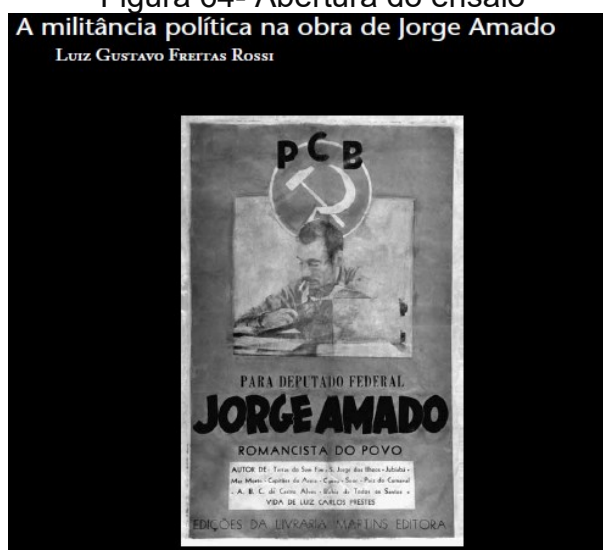
Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, 1995.

Isto é: simplesmente uma foto de Zélia e Jorge em uma página que discorre sobre... Os romances do autor na década de 1930, sendo que nessa altura do texto nada se menciona sobre relacionamentos de Amado, sejam quais forem. No texto, a referência à Zélia Gattai ocorrerá somente na página seguinte, bem abaixo, na última

linha do penúltimo parágrafo — após a inclusão de outra fotografia, agora de Jorge exibindo uma premiação —, sendo ainda o contexto de sua aparição equivocado, pois registra: “[Jorge Amado] Escreve ainda livros de grande importância histórica, embora de menor valor literário, como *O Cavaleiro da Esperança*, biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes, em que trabalhou no ano de 1945 [...]” (Castello, 2009, p. 15). Em seguida, o complemento: “Ainda nesse ano, com o fim do Estado Novo, tornou-se deputado federal pelo PCB e se casou com Zélia Gattai” (Castello, 2009, p. 15). Como já mencionado, a biografia fora publicada em 1942 e Jorge e Zélia oficializaram sua união em 1976 (em razão da legislação anteriormente proibir novo casamento àqueles que já tiveram laço matrimonial). Em verdade, o que ocorreu antes disso foi o desquite de Jorge e Matilde, em 1944.

Seguindo, em *A militância política na obra de Jorge Amado*, de Luiz Gustavo Freitas Rossi, encontramos com um texto determinado a explorar a estreita ligação entre literatura e política na primeira etapa da carreira de Jorge Amado. Dessa forma, do início ao fim, o autor se preocupa demonstrar como o engajamento político e as posições no âmbito das batalhas ideológicas de Amado influenciaram profundamente a concepção e o formato de suas obras literárias. Assim, de saída, para abrir o ensaio, há a recuperação do folheto da eleição do escritor pelo PCB. Isto é, marcadamente, anuncia-se a discussão do atravessamento político-partidário nestas vida e produção intelectual. Ilustro:

Figura 64- Abertura do ensaio



Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, 1945.

Diferentemente do texto anterior, a informação acerca da data de publicação da biografia sobre Prestes é acertada, ainda, Rossi trabalha pontos contextuais da vida de Amado que esclarecem ao leitor os movimentos de sua produção. Assim, por exemplo, traz à tona discussões tanto do plano político-social — como o enfrentamento entre a AIB (Ação Integralista Brasileira) e a ANL (Aliança Nacional Libertadora), a Revolução de 1930 e o governo do Estado Novo etc. — quanto do plano político-literário — como a geração Romance de 30, citando expoentes como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Amado Fontes, Erico Verissimo, Dionélio Machado, José Lins do Rego, Patrícia Galvão (Pagu), Octávio de Farias, Lúcio Cardoso etc. —. Em particular, acerca dos anos do que envolvem o recorte temporal em foco, fala:

A partir da década de 1940 a obra de Jorge Amado sofreu algumas mudanças, especialmente em função de sua maior projeção e influência no interior do PCB. Aliás, pode-se dizer que foi nessa época, com o fim da hegemonia obreirista<sup>181</sup>, que o escritor se tornou um membro partidário efetivo, deixando de ser apenas um aguerrido “simpatizante”: ainda que essa simpatia por si só tenha lhe valido duas prisões na década anterior. Assumindo novas responsabilidades políticas, Amado fortaleceu ainda mais os nexos entre sua prática literária e a militância, transformando seus romances em registros cada vez mais sensíveis, quase “orgânicos”, dos debates e das atividades internas do PCB. Em grande medida, sua literatura passaria a focar personagens e enredos que destacassem nem tanto a ação dos “proletários” em si, mas principalmente a dos “comunistas”, de qualquer origem ou condição de classe (Rossi, 2009, p. 28-29).

Considerações como essa, deixam evidente a opinião do autor a respeito da influência dos posicionamentos políticos de Amado em sua obra; particularmente nesse contexto, fica posta a impossibilidade, segundo Rossi, de se compreender com propriedade a obra amadiana — ao menos em seu primeiro momento — sem se levar em conta as nuances do atravessamento do Partido em sua vida. Dessa forma, não é exagero identificar que a leitura biográfica subtendida no ensaio, portanto, passa a condicionante, de forma que a produção literária do escritor fica subscrita às alterações nas diretrizes internas do Partido Comunista Brasileiro (PCB),

À diferença dos anos de 1930, nos quais a rígida divisão de classes dava o tom de suas narrativas, nos enredos dos romances das décadas de 1940 e 1950 sobressaía o Partido como força civilizadora e organizadora da vida

---

<sup>181</sup> Na obra, o esclarecimento sobre o conceito em vem caixa de destaque: “Obreirismo – Corrente anti-intelectualista que predominou nos partidos comunistas nos anos 1930, a qual pregava que somente os indivíduos de “origem operária” poderiam assumir cargos dirigentes ou de relevância na organização” (Rossi, 2009, p. 29).

social como um todo, vista fundamentalmente a partir de divisões éticas e morais entre os comunistas e os não comunistas (Rossl, 2009, p. 31).

Para finalizar, Rossi retoma os *Subterrâneos* como o auge do borrão entre a barreira “verdade” e “ficção” construído por Jorge, resultando em “[...] uma narrativa na qual a descrição do ‘Brasil real’ nunca conseguiu se livrar por inteiro das imagens do ‘Brasil utópico’ que os comunistas gostariam que fosse.” (Rossi, 2009, p. 31).

Passemos à construção objetivamente biográfica desse *Cadernos* (14), que traz em “Cronologia” uma organização linear da vida de Amado. De imediato, vê-se que as informações entre os volumes do projeto não se repetiram, dado que o título anterior — *Caderno de leituras – a literatura de Jorge Amado* (13) — organizou sua retomada biográfica em seções temáticas, como visto. Já em *Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado* (14) lemos a informação organizada por blocos de textos guiados pela marcação das datas, em pares (à exceção do registro da morte), são eles: i) 1912-1919; ii) 1920-1925; iii) 1926-1930; iv) 1931-1935; v) 1936-1940; vi) 1941-1945; vii) 1946-1950; viii) 1951-1955; ix) 1956-1960; x) 1961-1965; xi) 1966-1970; xii) 1971-1975; xiii) 1976-1980; xiv) 1981-1985; xv) 1986-1990; xvi) 1991-1995; xvii) 1996-2000; e xviii) 2001. Não há padronização de tamanho de registro entre os pares, o maior deles tem 20 linhas e, para meu espanto, é justamente aquele que se ocupa em discorrer sobre o recorte temporal em foco (1941-1945 — descreverei seu conteúdo na seção específica sobre 41-42), enquanto o menor, por sua vez, tem somente uma linha e trata do falecimento do escritor (2001). Visualmente, também se destaca o privilégio da palavra em detrimento da imagem, pois não há figura alguma na seção, unicamente texto sobreposto, um a um. Ilustro:



Figura 65- Organização da seção biográfica



Fonte: Schwarcz; Goldstein, 2009, p. 83.

Do conteúdo anotado, destaco as aparições de Matilde e Lila no bloco 1931-1935:

Em 1932, desata-se em São Paulo a Revolução Constitucionalista. Em 1933, Adolf Hitler assume o poder na Alemanha, e Franklin Delano Roosevelt torna-se presidente dos Estados Unidos da América, cargo para o qual seria reeleito em 1936, 1940 e 1944. Ainda em 1933, Jorge Amado se casa com Matilde Garcia Rosa. Em 1934, Getúlio Vargas é eleito por voto indireto presidente da República. De 1931 a 1935, Jorge Amado frequenta a Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro; formado, nunca exercerá a advocacia. Amado identifica-se com o Movimento de 30, do qual faziam parte José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, entre outros escritores preocupados com questões sociais e com a valorização de particularidades regionais. Em 1933, Gilberto Freyre publica *Casa-grande & senzala*, que marca profundamente a visão de mundo de Jorge Amado. O romancista baiano publica seus primeiros livros: *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933) e *Suor* (1934). Em 1935 nasce sua filha Eulália Dalila. (Schwarcz; Goldstein, 2009, p. 84).

Como se vê, as informações aparecem como se em uma listagem, passam rapidamente sem que haja desenvolvimento dos tópicos. Nesse sentido, Matilde e Lila, por consequência, não recebem atenção pormenorizada, mas essa não é uma exclusividade do excerto compartilhado, dado que a prática se repete ao longo da seção. Levando em conta a quantidade de informações continuadas, o fato não é uma surpresa. Assim, o mesmo ocorre no bloco seguinte, de 1936 a 1940, quando há menção sobre o envolvimento com o PCB e as consequências decorrentes de tal relação. Compartilho a passagem:

Em 1936, militares rebelam-se contra o governo republicano espanhol e dão início, sob o comando de Francisco Franco, a uma guerra civil que se alongará até 1939. Jorge Amado enfrenta problemas por sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro. São dessa época seus livros *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães da Areia* (1937). É preso em 1936, acusado de ter participado, um ano antes, da Intentona Comunista, e novamente em 1937, após a instalação do Estado Novo. Em Salvador, seus livros são queimados em praça pública. Em setembro de 1939, as tropas alemãs invadem a Polônia e tem início a Segunda Guerra Mundial. Em 1940, Paris é ocupada pelo exército alemão. No mesmo ano, Winston Churchill torna-se primeiro-ministro da Grã-Bretanha (Schwarcz; Goldstein, 2009, p. 84).

Em suma, é possível afirmar que “Cronologia” cumpre papel estritamente objetivo no compartilhamento dos recortes de vida de Amado, seu objetivo é o de figurar como espécie de sumário informativo a respeito da vida e obra do protagonista, na medida em que procura abarcar dados tanto sobre as publicações quanto sobre os amplos movimentos de Jorge no curso na vida. Para o docente, público-alvo dessa produção, dá-se um resumo de uma trajetória, sem, contudo, manter preocupação específica de desenvolvimento biográfico.

Afirmo, por fim, que a partir da análise das obras inseridas nessa seção, *O baiano Jorge Amado e sua obra* (10), *Jorge Amado: Literatura comentada* (11), *Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado* (12), *Caderno de leituras – a literatura de Jorge Amado* (13), e *Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado* (14), identifiquei três macro propostas de elaboração narrativa: i) a que se vale do uso variado de gêneros textuais para, abertamente, propor um “resumo” da obra de Jorge Amado, e aqui insiro os dois primeiros livros (10;11) abordados na seção; ii) a que se vale da materialidade múltipla dos gêneros para impor a noção de “totalidade de apreensão” de vida/obra de Jorge Amado, e aqui se insere *Cadernos* (12) do Instituto Moreira Salles; e iii) a que se vale do registro biográfico como recorte pedagógico para justificar a produção literária do autor, e aqui refiro-me às *Cadernos* (13;14) da Companhia das

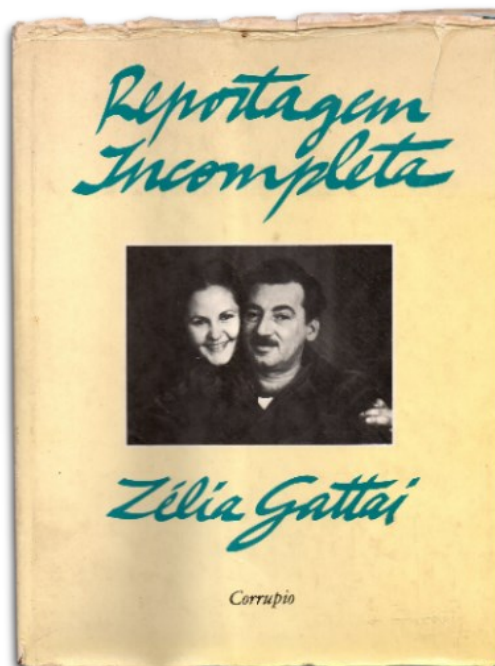
Letras. Dessa forma, enquanto o primeiro grupo assume que sua elaboração é resultado de uma seleção de recortes, o segundo, pelo contrário, advoga em favor de uma ilusão da compreensão máxima do biografado, como se não houvesse, depois daquela determinada publicação, nada mais de relevante para se falar acerca do personagem-protagonista em questão. Por fim, o terceiro grupo sequer reivindica o status biográfico, apenas o utiliza para discorrer acerca da produção literária do escritor.

#### **4.1.4 A vida e(m) imagens: fotobiografias**

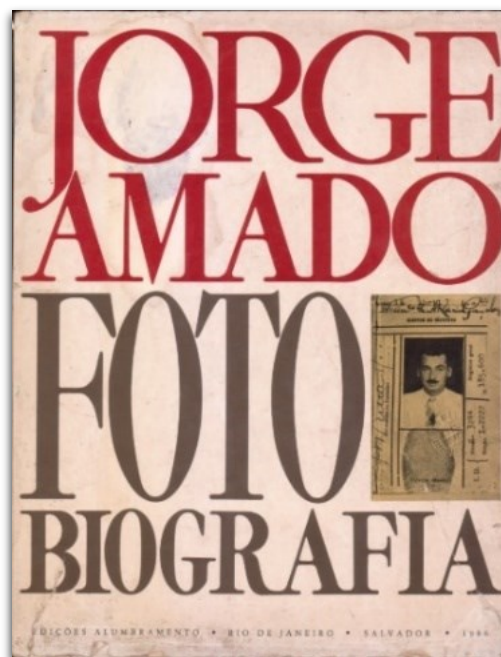
As duas fotobiografias integrantes desta seção compartilham o mesmo ano de lançamento, 1986. São elas: *Reportagem incompleta*, de Zélia Gattai, e *Jorge Amado – Fotobiografia*, com criação editorial e direção gráfica de Salvador Monteiro e Leonel Kaz, e textos de Zélia Gattai e James Amado. Ambas têm sobrecapa e capa dura, sendo a primeira uma obra de 167 páginas, com 143 imagens, publicada pela editora Currupio, e a segunda, um “Livroarte”<sup>182</sup> de 195 páginas, com 350 imagens, publicado pela Edições Alumbramento, editora cujos fundadores eram Monteiro e Kaz. As duas assim se fazem ver:

---

<sup>182</sup> Criada em 1974, a Alumbramento era sediada no Rio de Janeiro; manteve-se ativa até 1998 quando Kaz e Monteiro decidiram-se por seu fim. Nos 25 anos de funcionamento, publicou trinta títulos entre livros artesanais e fotobiografias, cujas edições mantinham um padrão editorial de alto custo.

Figura 66 – Capa *Reportagem Incompleta*

Fonte: Gattai, 1986.

Figura 67 – Capa *Fotobiografia*

Fonte: Monteiro; Kaz, 1986.

O motivo da data de publicação não é coincidência: esse foi o ano de criação da Fundação Casa Jorge Amado (em 2 de julho de 1986). Também nesse ano, Amado iniciou a redação de seu livro de memórias, *Navegação de cabotagem* (2006), o qual publicou em 1992. A respeito das fotobiografias, localizei dissertação “O Memorial A

Casa do Rio Vermelho: a atuação de Zélia Gattai na base do museu-casa”, de Milena Santos (2019), que se propôs a investigar a atuação de Zélia Gattai na construção da memória da Casa do Rio Vermelho. Para isso, Santos (2019, p. 39-40) avaliou a participação de Gattai nas duas fotobiografias em questão:

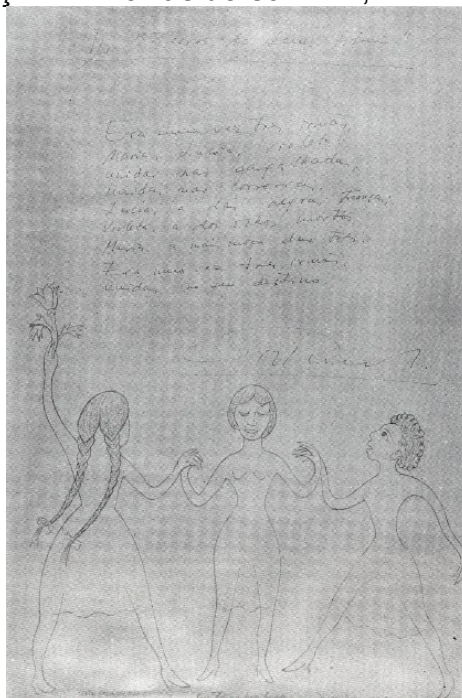
A fim de promover a escrita da história da vida de Jorge Amado por meio de imagens, Zélia Gattai atuou intensamente na produção fotográfica associada a outras ações, como a construção do livro de arte *Jorge Amado: Fotobiografia*, de 1986, organizado por Salvador Monteiro e Leonel Kaz. O projeto contou com a participação ativa da escritora na seleção das imagens. A obra concentra fotos de sua autoria, Claus Meyer e outras personalidades que, juntas, ilustram a vida do escritor de 1914 a 1985, reencenando sua trajetória de vida, evidenciada cinco anos antes pela exposição “Reportagem Incompleta: fotos de Zélia Gattai Amado” (1981). A mostra expográfica levou para a Praça Jorge Amado, do então Shopping Iguatemi, 35 anos de instantes fixados em papel, com 200 imagens de parte da trajetória daquele que se tornou o personagem principal do acervo fotográfico. Os momentos capturados pelas lentes dos fotógrafos flagram o escritor solitário, imerso na produção de seus romances, ou cercado de pessoas que influenciaram os destinos do Brasil e do mundo, como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, Glauber Rocha, Yves Montand, García Marquez, Pablo Neruda, Dorival Caymmi e tantos outros importantes nomes. Após passar por alguns estados do Brasil, a exposição permaneceu na Fundação Casa de Jorge Amado, até que cinco anos depois foi editado o livro, também intitulado *Reportagem Incompleta* (1986).

Quanto à minha leitura, registro que *Reportagem incompleta* (15) tem todas as suas imagens em preto e branco, as quais se dividem entre fotografias (141), ilustração (1) e dedicatória (1). Há legendas nestes três idiomas: português, inglês e francês, sendo que muitas estão para além da função básica de identificação dos fotografados, funcionando como recortes biográficos, ou biografemas, para referenciar o conceito de Barthes (2005). Ilustro:

Após o falecimento do coronel João Amado, Lalu foi morar conosco na Bahia. Um dia surpreendi uma conversa dela com Jarde, seu irmão: “Meu irmão, os homens aqui na Bahia não trabalham, são todos pintores, todos artistas...”. Lalu referia-se a Carybé, Mirabeau, Jenner, Mar Cravo, que volta e meia estavam lá em casa. Lalu fazia uma ressalva para o filho: “Mas Jorge não é pintor, ele trabalha, trabalha até demais, coitadinho” (Gattai, 1986, p. 23).

Há um glossário na última página, apenas em inglês e em francês, com palavras que remetem à cultura brasileira/candomblé. Ex.: berimbau, Exu, feijoada, lemanjá etc. Não há sumário que guie o leitor, sendo este levado pelo caminho de amor construído por Zélia para Jorge, o qual já anuncia nas primeiras páginas em dedicatória: “Para Jorge, esta reportagem que é dele, com amor.” (Gattai, 1986, s/p). Reproduzo as únicas ilustração e dedicatória:

Figura 68- Ilustração de *Terras do sem fim*, de Diego Rivera



Fonte: Rivera, 1953 apud Gattai, 1986, p. 74.

Figura 69- Dedicatória, de Ilya Ehrenbourg

Chère Zélie,  
 je pense souvent  
 à toi et Georges,  
 je ray avec et  
 votre existence  
 me console  
 parfois avec  
 la vie  
 Y. Ehrenbourg  
 le 27 juin 1954  
 Stockholm

Fonte: Ehrenbourg, 1954 apud Gattai, 1986, p. 63.

A obra é apresentada por Arlete Soares, responsável pela Coordenação Editorial e Edição de Fotografia, em forma de dedicatória com o título de “Um presente para Zélia”. Soares assegura que as fotos do livro existem tão somente pelo registro corriqueiro de Zélia, que marcava em *click* alguns dos momentos íntimos e despretensiosos de Jorge Amado, individualmente, em família ou com amigos. Zélia Gattai também toma a palavra para comentar o projeto, frisando a motivação do título, *Reportagem incompleta* (15), como promessa e desejo de fotografar Jorge Amado por muitos anos.

Quanto ao conteúdo selecionado, as fotos não seguem ordenação cronológica e trazem temática diversa: família, candomblé, amigos, viagens, descanso, trabalho... Diversos também são os nomes próprios focalizados pelas lentes de Zélia ao lado de Jorge, de anônimos a famosos dentre os quais Dorival Caymmi, Pablo Neruda, Anna Seghers, Chi-Pai-Che, Diego Riveira, Cora Coralina, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Glauber Rocha, Fernanda Montenegro, Vinicius de Moraes, Tom Jobim, João Gilberto, Maria Betânia, Caetano Veloso além de muitos outros... Ilustro:

Figura 70- Filhos, João Jorge e Paloma (1962)



Fonte: Gattai, 1986, p. 21.

Figura 71- Neta, Mariana (1974)



Fonte: Gattai, 1986, p. 30.

Figura 72- Benção para Mãe Menininha (1972)



Fonte: Gattai, 1986, p. 25.

Figura 73- Renaud de Jouvevel, André Wurmser, Claude Morgan e Paul Eluard – Paris (1949)



Fonte: Gattai, 1986, p. 85.



Figura 74- Medidas para o fardão (1961)



Fonte: Gattai, 1986, p. 136.

Figura 75- Com ilustrador Floriano Teixeira (1980)



Fonte: Gattai, 1986, p. 80.

Figura 76- Alice Raillard (1985)



Fonte: Gattai, 1986, p.117.

Figura 77- Samuel Wayner e os filhos e Yuri Gagarin (1962)



Fonte: Gattai, 1986, p. 95.

Figura 78- Nicolás Guillén e Chi-pai-che (1952)



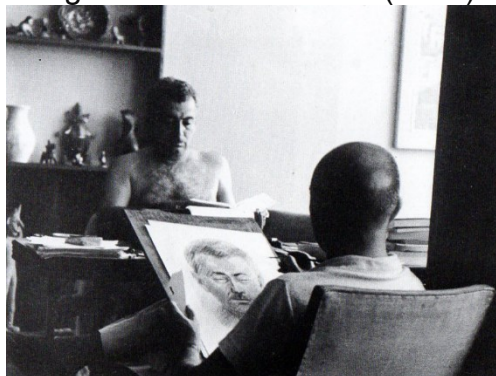
Fonte: Gattai, 1986, p. 71.

Figura 79- Trabalhando (1966)



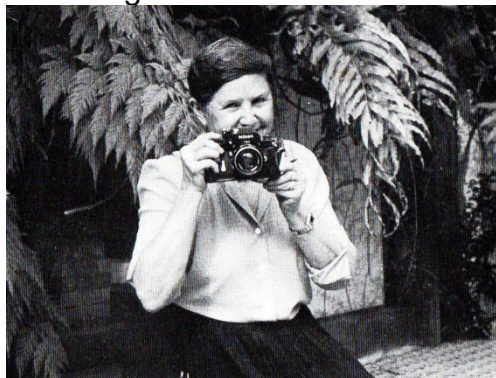
Fonte: Gattai, 1986, p. 137.

Figura 80- Carlos Scliar (1961)



Fonte: Gattai, 1986, p. 75.

Figura 81- Zélia Gattai



Fonte: Gattai, 1986, p. 166.

Para finalizar as considerações sobre *Reportagem incompleta* (15) é válido o registro de que a obra faz jus ao título tanto pelo período de sua publicação, segunda metade da década de 1980 — e, portanto, com Jorge Amado em vida —, quanto por episódios não compartilhados da vida do fotobiografado. E esta, julgo dizer, é uma das qualidades da publicação: sua autora não assume um discurso totalizante, não se preocupa em mapear o “todo” vivido até ali. É um anúncio da fratura que registra e enfatiza a realidade desse como um livro-homenagem, o que, antes de desmerecer a publicação, assume-se como honesto recorte laudatório.

Seguindo, chegamos em *Jorge Amado – Fotobiografia* (16) apresenta-se desta forma:

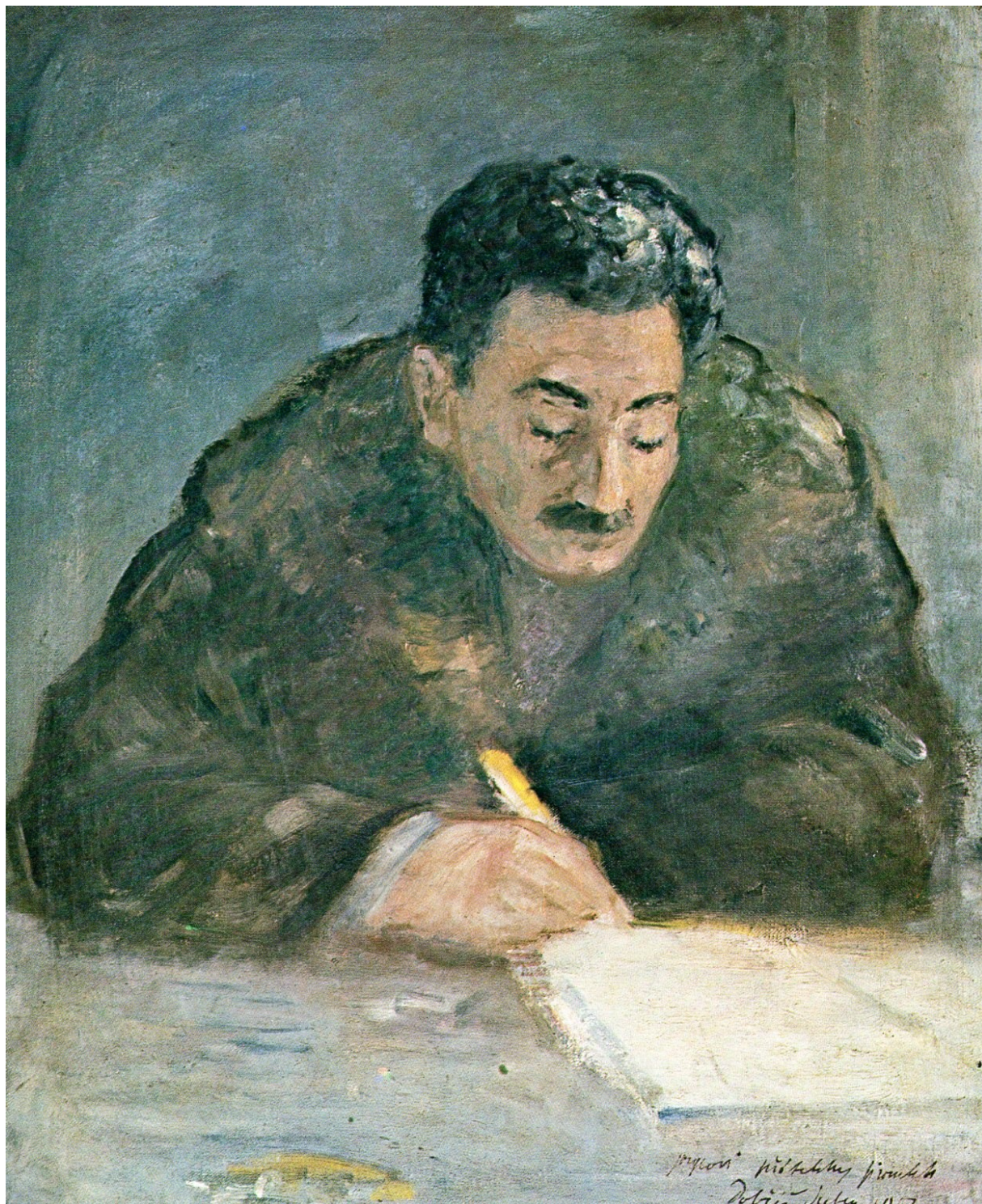
Esta é uma vida contada em imagens: fotos, recordações e documentos extraídos do arquivo de Zélia e Jorge Amado. Aos parentes e amigos, presentes em tantos momentos na trajetória de vida do escritor, mas cujas imagens não foram registradas ou se perderam no tempo, dedicamos nossa participação como editores desta fotobiografia (p. 07).

Suas 196 páginas separam-se em sete seções, denominadas: i) Histórias e fatos de uma vida; ii) “Escrever é, para mim, o mesmo que viver”; iii) Cronologia da vida e obra; iv) A família Amado; v) Jorge Amado da Bahia; vi) Jorge Amado pela vida afora; e vii) Ilustrações de livros de Jorge Amado. Assim como no índice, todos os textos, sejam os ensaios ou as legendas, são escritos tanto em português quanto em espanhol, o que pode ser compreendido devido a publicação ter sido editada especialmente para a Divisão Latino-Americana da Convenção da IBM de 1986.

“Cronologia” é apresentada em pouco menos de três páginas, começando em 1912 e findando em 1985; nem todos os anos entre esse intervalo de tempo são contemplados. O maior registro tem 22 linhas e é de 1944, ano que teve publicação de romance (*São Jorge dos Ilhéus*), retorno à atividade jornalística (em *O imparcial*), organização e exposição de arte moderna em Salvador — trabalha neste projeto com o gravador Manoel Martins —, mudança para São Paulo, e desquite de Matilde. Das informações relevantes para o material de 1941-1942, há o registro da escrita e edição do livro de poemas *Estrada do mar* (sem o “A”). Também menciona Samuel Wainer e o trabalho de Amado em *Diretrizes*.

As imagens são divididas entre 211 fotografias em preto e branco, sete fotografias em cor — de pinturas —, e 32 desenhos (entre ilustrações e caricaturas), cuja autora mais recorrente é de Zélia Gattai, além de nos encontrarmos também com criações de Carybé (seis ilustrações), Cândido Portinari (uma pintura), Di Cavalcanti (uma ilustração), Iberê Camargo (uma ilustração), dentre outros. Reproduzo as fotografias das obras de arte que retratam Jorge Amado, cada qual aparece em página inteira, sendo as únicas coloridas do livro:

Figura 82- “Retrato de Jorge”, de Frantsek Irosek



Fonte: Irosek, 1952 *apud* Monteiro; Kaz, 1986, p. 21.

Figura 83- "Retrato de Jorge Amado", de Quirino da Silva



Fonte: Silva, 1938 *apud* Monteiro; Kaz1986, p. 22.

Figura 84- “Retrato de Jorge Amado”, de Cândido Portinari



Fonte: Portinari, s/d *apud* Monteiro; Kaz, 1986, p. 23.

Figura 85- “Retrato de Jorge Amado”, de José Pancetti



Fonte: Pancetti, 1945 *apud* Monteiro; Kaz, 1986, p. 26.



Figura 86- "Retrato de Jorge Amado", de Flávio de Carvalho



Fonte: Carvalho, 1945 *apud* Monteiro; Kaz, 1986, p. 27.

Figura 87- “Retrato de Jorge Amado”, de Carlos Scliar



Fonte: Scliar, 1941 *apud* Monteiro; Kaz, 1986, p. 28.

Antes dessas imagens, Zélia Gattai, em *Histórias e fatos de uma vida / Historias y fatos de una vida*, toma a palavra para escrever tanto sobre Jorge,

comentando o ofício de escritor, relatando algumas anedotas — uma com um leitor e entusiástico admirador e outra com Dona Lalu e *coronel* João, mãe e pai do personagem fotobiografado — quanto sobe a organização da publicação, que se dispôs a passar por “[...] toda a trajetória de Jorge, de 1914 até hoje” (Gattai, 1986b, p. 12); o “hoje” era 1985. Após a reprodução das obras artísticas acima ilustradas, encontramos-nos novamente com histórias sobre o protagonista em foco, agora pelo olhar do irmão, James Amado, que intitula o texto com frase do homenageado: “*Escrever é, para mim, o mesmo que viver*”. Todavia, enquanto Zélia ocupou-se em enunciar uma dicção mais intimista, com tom de “causo” do cotidiano, James também trouxe ao papel a construção da memória afetiva, mas com outra elocução: lançou mão de uma produção ensaística que, antes de falar do irmão, fala do *escritor* Jorge Amado, isto é do monumento:

Esta coleção de duas centenas de fotografias “conta” a seu modo as sete décadas de vida do escritor. No menino de calças curtas e cabelos compridos ao jovem literato desabusado, do jovem jornalista e escritor, habituado às prisões da ditadura e aos livros apreendidos e queimados em praça pública; do homem público falando na praça ao deputado federal constituinte discursando na tribuna da Câmara Federal; do reconhecimento da importância de sua obra — os prêmios literários nacionais e internacionais, o fardão das academias, os títulos de doutros das universidades — aos galardões de entidades e governos de países diversos, outorgados à personalidade de destaque na defesa da paz e da fraternidade entre os povos — diplomas, colares e comendas, o Prêmio Lênin, a comenda de Santiago da Espada, a Légion d’Honneur; do intelectual incansável na promoção do desenvolvimento cultural ao cidadão comum na sua intimidade: o filho, o pai, o marido, o irmão, o amigo, o avô cercado de netos (Amado, 1986, p. 29).

Após o texto de James sintetizado o fenômeno Jorge Amado, lemos, em três páginas de A4, a *Cronologia da vida e da obra/ Cronologia de la vida y obra*, que fixa 1912 como princípio, para o marco do início da vida, e 1985 como término, ano anterior à publicação:

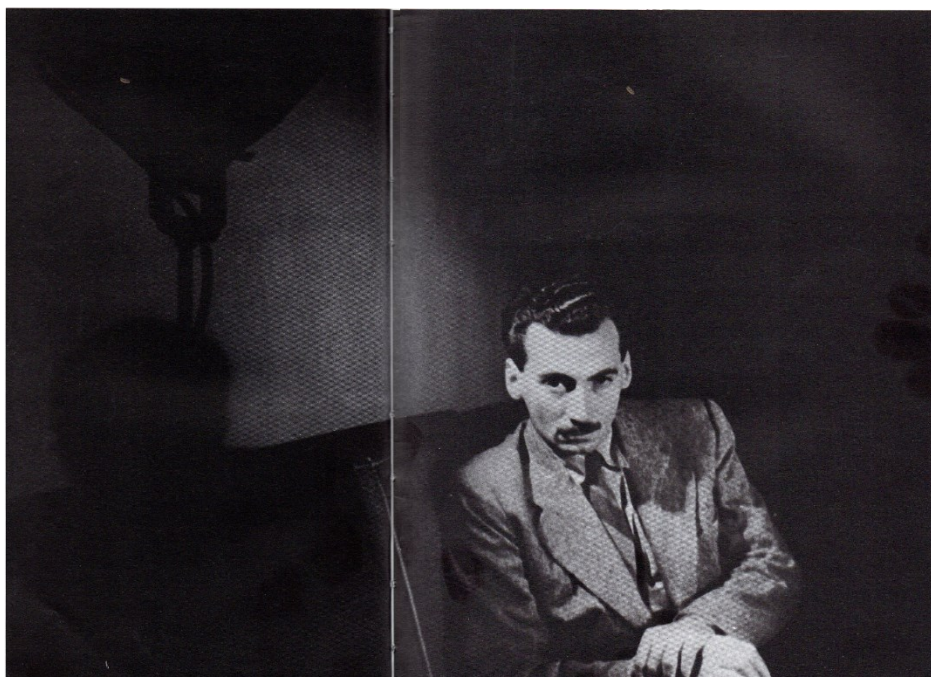
1912 – Agosto, 10. Nasce na Fazenda Auricídia, próxima ao distrito de Ferradas, município de Itabuna, sul da Bahia. Filho de João Amado de Faria, imigrante sergipano, e de sua mulher Eulália Leal Amado, de família do Recôncavo. [...]

1985 – Membro da Comissão Nacional Pró-Constituinte. Recebe do Governo da França a comenda da Légion d’Honneur no grau Commandeur. (Monteiro; Kaz, 1986, p. 45-47).

Seguidamente, passamos às fotografias que, embora iniciem com um “Jorgezinho” de dois anos de idade, não seguem uma ordenação cronológica estrita.

Assim, deparamo-nos ora com o jovem, ora com o adulto, ora com o idoso Jorge Amado; do mesmo modo, ora com a criança e filho, ora com o pai, ora com o avô. No entremeio, fotografias de locais famosos de sua vida ou de sua literatura: Salvador, Ilhéus, Rio de Janeiro, Paris, Moscou... Em paralelo, como se atravessados pela fotobiografia Zélia, em duas páginas, vemos sua família: pai, irmãos e ela criança. Seguindo, documentos de identidade de Jorge são reproduzidos, assim como vemos lugares os lugares tão citados na sua biografia, como o Colégio Antônio Vieira, local de origem da famosa anedota do Padre Cabral, que na infância já teria anunciado Jorge escritor. Em outro momento, em zoom, temos os membros da Academia dos Rebeldes, bem como outros amigos, dos quais os famosos são muitos. Zélia aparece diversas vezes, também vemos fotos íntimas da família, do pai com os filhos, João, Paloma e Lila. Lila, a filha de Jorge e Matilde, aparece em duas páginas, com duas fotografias em um desenho de Sciar (1945). Nesses mais de duzentos momentos capturados pelo *click*, dá-se um panorama de uma vida vivida intensamente, com muito movimento, etapas, contatos, conquistas, experiências... Recorto:

Figura 88- Jorge, Rio, 1939



Fonte: Monteiro; Kaz, 1986, p. 118-119.

Figura 89- Retratos de Jorge<sup>183</sup>

Fonte: Monteiro; Kaz, 1986, p. 120-121.

Figura 90- Conferência em Salvador (1943)



Fonte: Monteiro; Kaz, 1986, p. 125.

<sup>183</sup> Primeira imagem, em 1931, da segunda a sexta imagens: década de 1940, em 1956 na sétima imagem, e em 1974 na oitava.

Figura 91- Pablo Neruda, Luís Carlos Prestes e Jorge, São Paulo (1945)



Fonte: Monteiro; Kaz, 1986, p. 128.

Figura 92- Parte da bancada comunista na Câmara dos Deputados em 1947



Fonte: Monteiro; Kaz, 1986, p. 129.

Figura 93- Geoge Luckás preside a mesa em solenidade em homenagem a Jorge Amado e Umberto Barbaro, Budapeste, Hungria, 1949



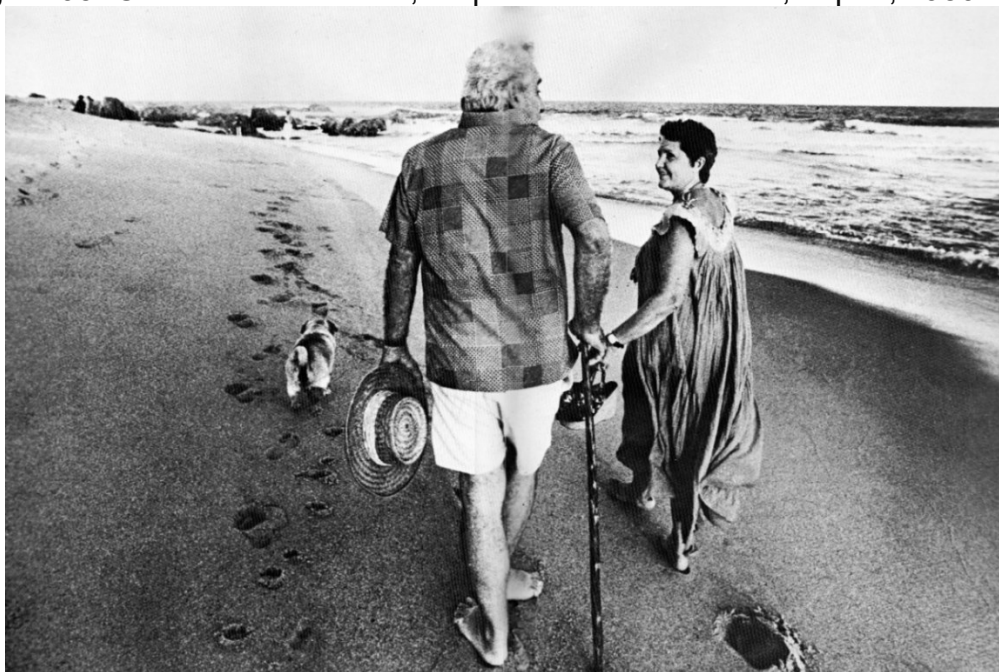
Fonte: Monteiro; Kaz, 1986, p. 132.

Figura 94- Jorge e Pedro Mota Lima, com escritores tchecos nos jardins do Castelo de Dobris, Tchecoslováquia, 1950



Fonte: Monteiro; Kaz, 1986, p. 133.

Figura 95- Com Mister Pickwick, na praia da Pedra do Sal, Itapoã, 1980



Fonte: Monteiro; Kaz, 1986, p. 192-193.

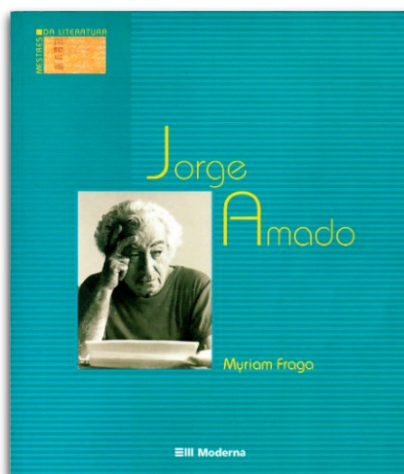
Como se vê na leitura das fotobiografias acima, *Reportagem incompleta* (15) e *Jorge Amado – Fotobiografia* (16), são publicações intimamente relacionadas ao

entorno familiar de Jorge Amado, destacando-se a presença da esposa, Zélia, como autora do primeiro e coautora do segundo. Especialmente na obra que assina sozinha, não há dúvidas para o leitor quanto à proposta de *Reportagem incompleta* (15) ser uma homenagem ao marido; daí justifica-se o recorte subjetivo adotado, sem comprometimento — nem promessa — “totalizantes” do registro de vida. *Jorge Amado – Fotobiografia* (16), por seu turno, traz um planejamento editorial mais evidente, quando, por exemplo, ocupa-se em ser um livro trilingue, consciente do alcance mercadológico internacional de seu fotobiografado, com vistas à Convenção da IBM, como dito.

#### 4.1.5 Bio-grafado

Finalmente, as quatro últimas obras desse corpus, que fecham o rol de obras mapeadas, são as únicas que se reconhecem textualmente como biografias: *Jorge Amado* (17), de Myriam Fraga, *Jorge Amado – uma cortina que se abre* (18), de Rui Nascimento, *Jorge, o amado escritor*, de Lúcia Fidalgo (19), e *Jorge Amado – uma biografia* (17), de Joselia Aguiar. As quatro assim se fazem ver:

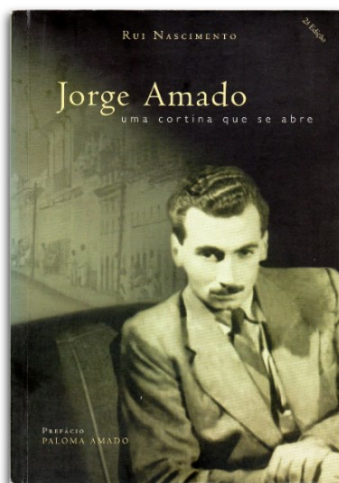
Figura 96 – Capa *Jorge Amado*



Fonte: Fraga, 2003.



Figura 97 – Capa *Jorge Amado – uma cortina que se abre*



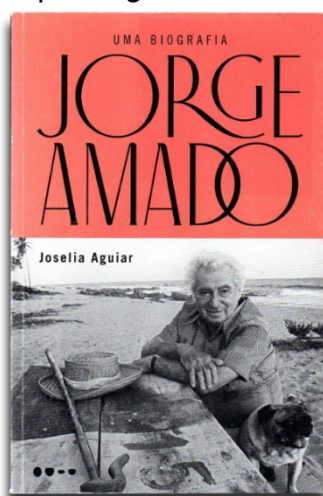
Fonte: Nascimento, 2008.

Figura 98 – Capa *Jorge, o amado escritor*



Fonte: Fidalgo, 2012.

Figura 99 – Capa *Jorge Amado – uma biografia*



Fonte: Aguiar, 2018.

*Jorge Amado* (17) participa a uma coleção da Editora Moderna denominada “Mestres da Literatura”. Projeto interrompido, tem também publicados *Castro Alves* (2004) e *Graciliano Ramos* (2007). No endereço eletrônico da editora, <<https://www.moderna.com.br/>>, não localizei menção às obras nem ao projeto; todavia, no site pessoal da autora, <<https://myriamfraga.com.br/>>, encontramos-nos com a tríade no rol de suas publicações na aba “Biografias”. Como já sinalizado nesta tese, Myriam tem seu nome atrelado à Fundação Casa de Jorge desde o início de sua abertura, em 1986, atuando na direção até 2015, meses antes da sua morte, em 15/02/2016, em decorrência de leucemia. Ao longo desses anos, foi amiga do círculo mais íntimo de Zélia e Jorge, tendo com eles relação literária e afetiva, Jorge Amado, inclusive, foi o apresentador de *A lenda do pássaro que roubou o fogo*, disco-livro publicado por Myriam antes mesmo da Fundação, em 1983<sup>184</sup>.

---

<sup>184</sup> Em *Navegação de Cabotagem*, Myriam é citada em cinco passagens. Em uma delas, a qual compartilharei a seguir, Jorge trata da relação entre os três, ele, ela e Zélia, na idealização da Fundação (adendo: choremos na menção ao “escritor Sarney”; pelo amor de Deus, Jorge!): “Paris, 1992. A poeta e a Fundação —

Da Bahia Rosane me envia o livro de poemas de Myriam Fraga, Os deuses lares, ilustrações de Calasans Neto. A dupla é imbatível, Calá nasceu para ilustrar a poesia de Myriam, os poemas e as monotípias são da mesma matéria, visceral.

Leitor cativo de Myriam Fraga, tomo do livro e constato que seu canto atingiu a maturidade, a densidade dramática, a sabedoria da palavra precisa e mágica. Que poeta, meu Deus! Que Deus a abençoe, o Deus da Fundação, o compadre Exu. Fuso e roca / roca e roca / tinjo e lavo / lavo com água e / mornos sais / o corpo / as feridas / na fimbria / no remoto — vou parar senão transcrevo o livro todo, verso a verso.

Nós o lemos juntos, Zélia e eu, não sei de prazer maior que o de ler poesia com a namorada, em conluio. Invaso de remorsos, acuso Zélia: a culpa é tua, foste tu a inventar a Fundação onde Myriam se encerra dia e noite no trabalho, na luta, na estafa, no planejamento, na realização, na busca mesquinha e heroica de dinheiro para poder levar avante a cultura, no afã de criar condições para a literatura e a arte na Bahia, para o estudo do romance brasileiro, pauta de afazeres pejada de problemas.

Myriam teria escrito e publicado nesses anos pelo menos três livros de poemas, sem falar no lazer abandonado, a casa de praia em Mar Grande, os fins de semana na fazenda, já não lhe sobra tempo para nada, vive amarrada às cadeias de mil dificuldades, carrega nas costas essa tal de Fundação, a tua Fundação. Zélia não se abala, diz estar certa que Myriam o faz com prazer, além de poeta é combatente, as dificuldades não a assustam, ao contrário, a seduzem. Quanto à poesia, que eu não me incomode, a poesia brota e resplandece, vive dentro de Myriam e nada a impedirá. Quando digo que Zélia é a responsável pela existência da fundação cultural estabelecida no Pelourinho, nascida da doação de meu acervo literário leva meu nome, digo a verdade. Não fosse Zélia o acervo estaria a essa hora em universidade norte-americana.

Começara por me desfazer de minha biblioteca, nunca foi grande, mas eu já não tinha, fosse na Bahia, fosse no Rio, onde botar tantos livros. Passei a doá-los a bibliotecas públicas, muitos volumes foram para Lençóis Paulista onde funciona a Biblioteca Orígenes Lessa. A partir de certo momento, atendendo sugestão feita por Carlos Cunha, venho doando os livros à Biblioteca da Academia de Letras da Bahia. Guardo apenas uns poucos tomos de minha preferência absoluta, mestres que me marcaram, amigos a quem quero, uns quantos álbuns, poucas centenas de volumes, bastam e sobram. Também o acervo

Em *Jorge Amado* (17), especificamente, encontramos-nos com 47 páginas, em impressão colorida, de 24x24, tendo como público-alvo jovens leitores. Não há índice em seu texto, que começa imediatamente após a folha de rosto. A narrativa tem linguagem simples, fluida e é inteiramente ilustrada, com pinturas, figuras e fotografias do protagonista e de seu entorno — cidades, familiares, amigos —, das paisagens

---

se acumulava, onde guardar tanta papelada? Pesava eu propostas recebidas de universidades americanas, da Pensilvânia e de Boston, desejavam receber o acervo em doação, propunham-me zelar por ele, colocá-lo à disposição dos interessados em pesquisá-lo, criando para tanto verbas e espaços. Eu testemunhara, durante minha estada na Penn State University, como tais universidades trabalham com eficiência e dedicação. Estava quase a decidir-me, Zélia se opôs com determinação à minha ideia de oferecer à organização estrangeira documentos, correspondência, livros, fotos, diplomas, a massa dos guardados: esse acervo só sairá do Brasil, da Bahia, se passarem por cima de meu cadáver, tem de ficar aqui, é o seu lugar. No decorrer de quase meio século de coabitação aprendi que não adianta discutir com Zélia, perco sempre, até agora não ganhei uma.

O escritor José Sarney, na época Presidente da República, em cerimônia no Palácio do Planalto instituiu a Fundação. Ao agradecer eu disse esperar que a Casa não se transformasse num museu, fosse realmente centro de cultura para o estudo da literatura baiana e do romance brasileiro, trabalhasse em conjunto com os outros organismos culturais. Acrescentei que sendo na Casa apenas personagem, não me envolveria em sua administração nem no planejamento das tarefas. Por fim, referindo-me à doação por James Amado de escultura de Tati Moreno, coloquei a Fundação sob a proteção, os cuidados de Exu, entregue ao seu desvelo.

Sob a grande placa das três raças que se misturaram, os índios, os negros e os brancos, arte de Carybé, erguido diante da Casa, Exu preside o destino da Fundação, ali foi plantado o fundamento na noite de inauguração. Dos diversos axés e ilês vieram as mães e as filhas-de-santo para o canto e a dança em seu louvor. Antes o Presidente da República, acompanhado pelo Ministro da Cultura, Celso Furtado, pelo Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, pelo Governador do Estado, João Durval Carneiro, declarou a Fundação inaugurada. Dom Timóteo aspergiu a água benta da Igreja Católica, o babalorixá Luiz da Muriçoca soltou a pomba branca do culto do candomblé, Casa do sincretismo e da miscigenação. No palco armado no Largo desfilaram à noite os músicos e intérpretes que, de uma ou de outra maneira, estão ligados a meu trabalho de escritor, foram comandados por Nilde Spencer, minha amiga, grande dama do teatro da Bahia. Mais de vinte mil pessoas lotavam o Pelourinho na noite da inauguração. Ao lado de Waldir Pires, governador eleito, e de José Aparecido de Oliveira, governador de Brasília, assisti de uma janela ao começo da festa, não tive condições de ficar até o fim, o coração tem seus limites.

Aqui nestas lembranças desejo apenas agradecer a todos e a cada um dos que concorreram para a existência e a atuação da Casa, são muitos. José Sarney que a instituiu, Antônio Carlos Magalhães, Celso Furtado, Waldir Pires, João Durval Carneiro, ministros e governadores, Lafayette Ponde Filho, presidente do Banco da Bahia, Renato Martins, da Odebrecht, Mário Gordilho, Germano Tabacov, reitor da UFBA, que preside seu destino desde a instalação, os que compõem os Conselhos, os que nela trabalham: Rosane Rubim, Zilá Azevedo, Maria de Lurdes, cito apenas as que começaram com a Casa, ao poeta Claudius Portugal que inventou e dirige a revista Exu, órgão da Fundação. Quando me anunciou o projeto temi pelo futuro do organismo, a revista iria devorar-lhe o patrimônio, ser arauto da sublitteratura, nunca cometi engano tamanho, a revista é uma beleza e não custa um centavo aos cofres magérrimos que Myriam administra.

Diretor[a]-executivo[a], Myriam Fraga moureja buscando solução para os problemas, não se queixa, não se abate por mais difícil pareça e seja a manutenção da Casa, a execução dos projetos. Myriam dirige a Fundação em poesia, em fuso e roca, no embruxedo, na fantasia, dona e comparsa, no esconjuro e na esperança, um ato de amor que ela repete a cada dia, a poeta Myriam Fraga. Agradeço também a Zélia: só passando sobre o meu cadáver! Não fosse ela, a Casa não teria nascido, a papelada estaria nos States” (Amado, 2006, p. 289-292).

que marcaram sua caminhada, ou mesmo das obras e personagens delineados na batida à máquina. Ilustro:

Figura 100- Ilhéus, século XX



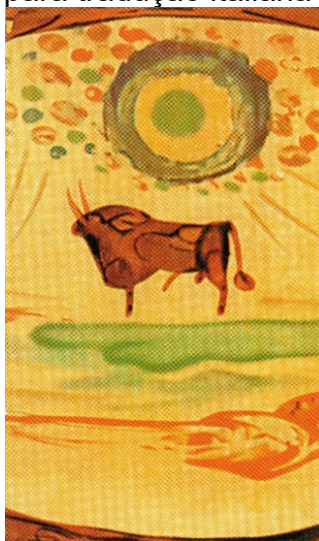
Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, s/d *apud* Fraga, 2003, p.04.

Figura 101- Jorge e Zélia, por Colasans Neto



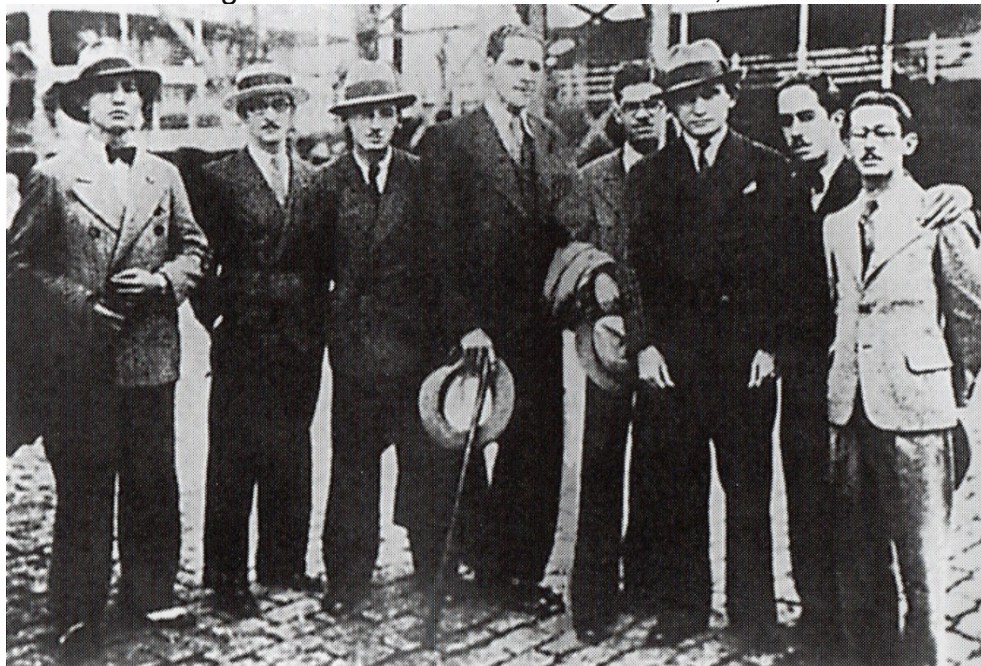
Fonte: Neto, s/d *apud* FRAGA, 2003, p.24.

Figura 102- Picasso para tradução italiana de *Terras do sem fim*



Fonte: Picasso, 1949 *apud* Fraga, 2003, p.23.

Figura 103- Academia dos Rebeldes, 1930



Fonte: Acervo Zélia Gattai, s/d *apud* Fraga, 2003, p.09.

Figura 104- Com Pierre Verger e Carybé



Fonte: Acervo Zélia Gattai, s/d *apud* Fraga, 2003, p.40.

A apresentação fica na quarta capa da publicação e é assinada por Zélia Gattai (2003, s/p), que assim registra:

A coleção mestres da Literatura está enriquecida com o livro de Myriam Fraga — Jorge Amado — para jovens. Escrevendo com arte e delicadeza. Myriam consegue fazer em poucas páginas um relato fiel de quem foi o escritor baiano, resumindo com maestria sua vida, vida longa de tropeços e de glórias, que interessará, com certeza. Aos jovens leitores. Biografia das mais importante, ela mostra a um público novo — leitores que não tiveram o privilégio de participar da presença viva e poderosa de Jorge Amado entre nós — um retrato preciso do escritor.

Esse “retrato preciso” segue a lógica comum da cronologia de vida, inicia com a reprodução da narrativa de seu nascimento e, sucessivamente, apresenta-nos etapas posteriores vivenciadas pelo protagonista. A autora ocupa-se em justificar panoramicamente o entorno da trajetória do personagem em foco, seja referindo-se às dificuldades financeiras encontradas pela família para se instalar nos primeiros anos da vida de Amado<sup>185</sup>, por exemplo, seja mencionando a conjuntura político-social a que o autor inseria-se<sup>186</sup>.

Como dito anteriormente, a linguagem se quer sem empecilhos, a fim de não só convidar o jovem leitor à vida do biografado, como também de fazê-lo permanecer. Assim mescla diferentes tons narrativos: lemos passagens que reproduzem diálogos de acontecimentos, encontramos certos *causos* contados, acessamos excertos de romances, lemos depoimentos do protagonista, além das passagens de folhas serem continuamente ilustradas, como já mencionado. Por fim, em duas páginas, abertas lado a lado, há a relação “Bibliografia de Jorge Amado”; ali citam-se todas as suas obras; ou melhor, todas as produções que não em coautoria. A

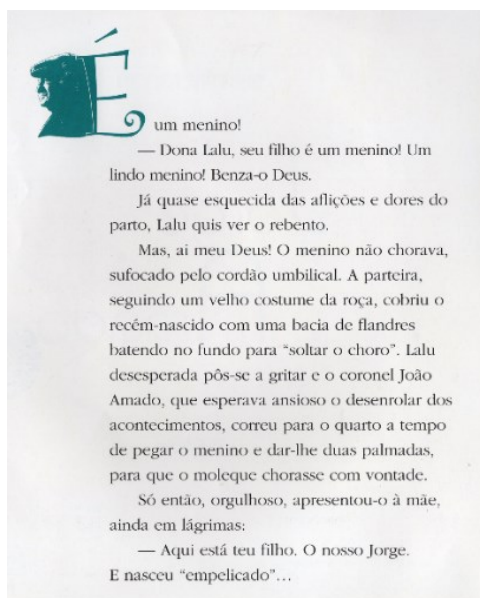
---

<sup>185</sup> Ilustro: “Aqueles eram tempos difíceis. As terras, disputadas a ferro e fogo, estavam infestadas de animais selvagens e mosquitos transmissores de doenças. O coronel João Amado e sua mulher, no entanto, estavam dispostos a vencer a batalha e, embora enfrentassem muitas dificuldades, nunca pensaram em abandonar a luta” (Fraga, 2003, p. 04).

<sup>186</sup> Ilustro: “A situação política do Brasil não era tranquila. Getúlio Vargas, que voltara ao poder em 1951, dessa vez como presidente eleito, pressionado pela oposição, que queria a renúncia, num gesto de desespero suicidou-se com um tiro no peito, no dia 24 de agosto de 1954” (Fraga, 2003, p. 34).

classificação adotada para a divisão foi esta: i) Romance<sup>187</sup>; ii) Biografia<sup>188</sup>; iii) Infantil<sup>189</sup>; iv) Conto<sup>190</sup>; v) Memória<sup>191</sup>; e vi) Outros<sup>192</sup>.

Figura 105- Início do livro: 1.1



Fonte: Fraga, 2003, p. 02.

Figura 106- Início do livro: 1.2



Fonte: Neto, 1987 *apud* Fraga, 2003, p. 03.

<sup>187</sup> *O país do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães da areia* (1937), *Terras do sem fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Seara Vermelha* (1946), *Os subterrâneos da liberdade* (trilogia): *Os ásperos tempos*; *Agonia da noite*; *A luz no túnel* (1954), *Gabriela cravo e canela* (1958), *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* (1961), *Os velhos marinheiros* (1961), *Os pastores da noite* (1964), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos milagres* (1969), *Tereza Batista cansada de guerra* (1972), *Tieta do agreste* (1977), *Tocaia grande* (1984), *O sumiço da santa* (1988), *A descoberta da América pelos turcos* (1992).

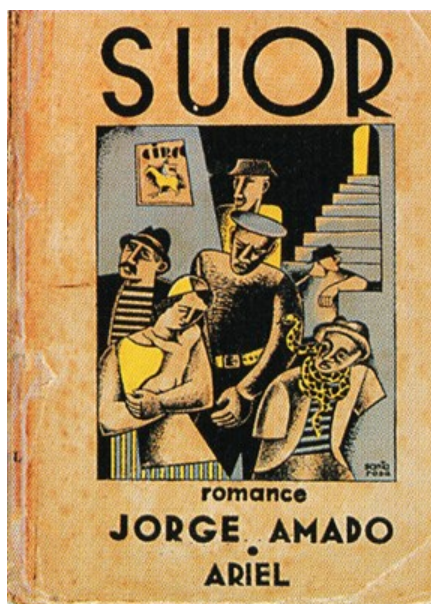
<sup>188</sup> *ABC de Castro Alves* (1941), *O Cavaleiro da Esperança* (1942), *O capeta Carybé* (1986).

<sup>189</sup> *O gato Malhado e a andorinha Sinhá* (1976), *A bola e o goleiro* (1984).

<sup>190</sup> *Compadre de Ogum* (1995), *O milagre dos pássaros* (1977).

<sup>191</sup> *O menino grapiúna* (1981), *Navegação de cabotagem* (1992).

<sup>192</sup> *Bahia de Todos os Santos – guia de ruas e de mistérios* (1945), *O amor de soldado* (1947) – peça teatral.

Figura 107: Excerto de *Suor*

Fonte: Fraga, 2003, p. 02.

Figura 108: Final da biografia



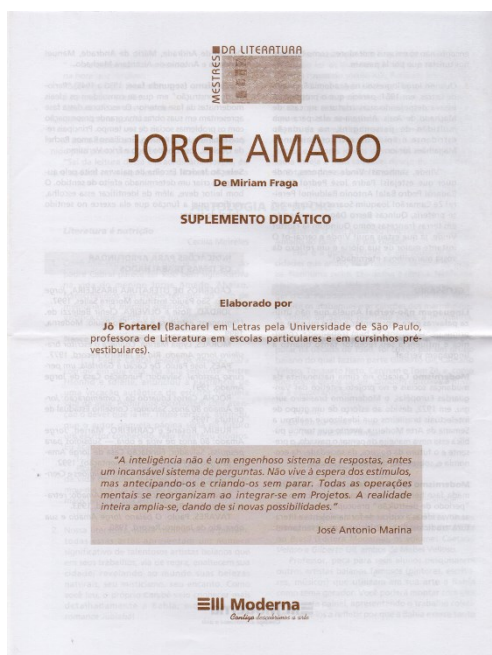
Fonte: Neto, 1987 *apud* Fraga, 2003, p. 45.

A publicação tem em si a Fundação Casa de Jorge Amado – FCJA<sup>193</sup> atravessada do início ao fim, de muitas formas: a começar pela autora, que foi sua curadora cerca de três décadas, seguindo pelas fotografias, que constituem o acervo da instituição, e dos excertos citados, que reproduzem passagens de publicações da Casa, como a da Revista Exú. Com essa construção, não me parece exagero dizer que *Jorge Amado* (17), de Myriam Fraga, é também uma vitrine da FCJA e, ainda, um convite à curiosidade de seu público leitor, pensada para ser motivada, julgo, pela atividade docente, em razão de que o livro traz um suplemento didático para o trabalho em sala de aula. Ilustro:

<sup>193</sup> “Inaugurada em 7 de março de 1987, a Fundação Casa de Jorge Amado, foi idealizada e instituída com o objetivo de preservar e estudar os acervos bibliográficos e artísticos do escritor Jorge Amado, assim como incentivar os estudos e pesquisas acima de toda literatura feita na Bahia, criando um fórum permanente de debates sobre a realidade brasileira, especialmente sobre a luta pela superação das discriminações raciais e socioeconômicas. A criação da Casa contou com a colaboração fundamental do próprio autor e sua companheira, Zélia Gattai, da Universidade Federal da Bahia e da escritora Myriam Fraga – que esteve à frente da Casa por 30 anos (Fundação Casa de Jorge Amado, 2022).

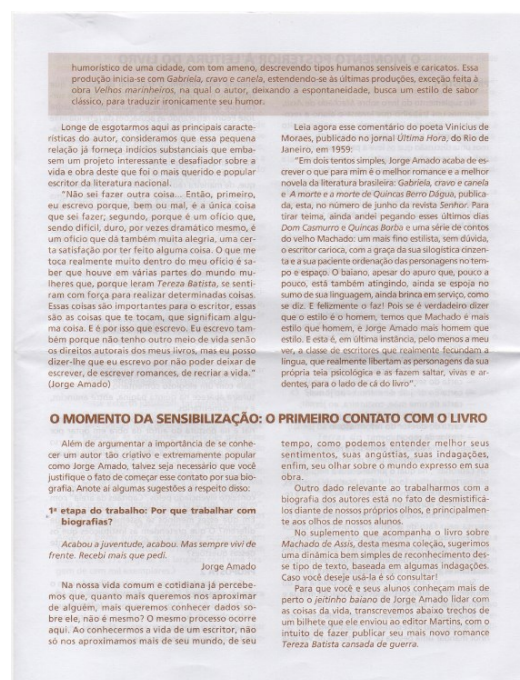


Figura 109 – Suplemento didático 1



Fonte: Fortarel *apud* Fraga, 2003.

Figura 110 – Suplemento didático 2



Fonte: Fortarel *apud* Fraga, 2003.

O anexo tem oito páginas e é assinado pela professora de literatura Jô Fortarel. No material, vemos uma breve contextualização, justificando a escolha do trabalho pedagógico e, no caso específico, do trabalho com Jorge Amado. As partes que guiam o docente estão assim denominadas: i) Por que trabalhar com projetos?; ii) O momento da escolha; iii) O momento da sensibilização: o primeiro contato com o livro<sup>194</sup>; iii) O momento da leitura do livro<sup>195</sup>; iv) O momento posterior à leitura do livro; e v) Antologia de apoio<sup>196</sup>. Destaco as considerações da autora sobre o encaminhamento do trabalho biográfico. Diz ela:

Trabalhe, primeiramente, só com os *dados biográficos*, e, posteriormente, com os *excertos literários* encontrados no livro. [...]. Após essa sensibilização, acreditamos que os alunos se encontrem bastante curiosos sobre o conteúdo apresentado no livro, no sentido de perceberem o quanto, só por meio de

<sup>194</sup> Seção dividida em: 1ª etapa do trabalho: Por que trabalhar com biografias? e 2ª etapa do trabalho: Aproximação com a obra – A leitura não-verbal.

<sup>195</sup> Seção dividida em: 1ª etapa do trabalho: Dados biográficos e 2ª etapa do trabalho: Excertos literários.

<sup>196</sup> Traz considerações gerais sobre literatura somadas a um Glossário e a referências bibliográficas sobre Jorge Amado. No Glossário, conceitua brevemente o Modernismo e classifica a obra do autor em foco na segunda fase do movimento.

ilustrações, eles se aproximaram da vida do autor. [...] Gostaríamos, porém, de destacar a importância de alguns aspectos que devem ser explorados mais demoradamente: • mudança para o Rio de Janeiro / primeiras publicações; • prisões / exílio/ engajamento político; • volta ao Brasil; • desencanto político / nova fase literária (Fortarel, 2003 *apud* Fraga, 2003, s/p, grifos da autora).

Como se vê, há ênfase e destaque na sugestão do debate biográfico em sala de aula, o que confere ao livro de Myriam Fraga uma *utilidade* objetiva nesse contexto, isto é, a obra está inserida em uma proposta delineada de uso, a qual prevê o incentivo e a motivação biográficas e literárias do público-alvo, jovens estudantes, frente ao escritor. Por fim, chamo a atenção para os tópicos selecionados para ênfase, dentre os quais prisões e engajamento político, características relevantes para o contexto de pesquisa em questão.

*Jorge Amado – uma cortina que se abre* (18), de Rui Nascimento, ganha pertinência específica para este estudo. Primeiro, porque a obra auxiliou-me a revisitar considerações anteriores, as quais abordarei mais adiante; segundo porque a publicação traz a mais ampla e pormenorizada narrativa sobre Matilde Mendonça Garcia Rosa em comparação às demais obras lidas até então. Opto por fazer essa demarcação inicial, antes de apresentá-la, para chamar atenção do leitor, desde a partida, sobre tais aspectos. Vamos à obra:

A biografia de Rui Nascimento teve sua primeira edição em 2007. A obra traz 350 páginas e é dedicada inteiramente aos anos de 1936 a 1939. Ou seja, objetivamente, não compreende o intervalo de tempo em foco, 1941-1942, mas participa do rol deste espaço biográfico aqui mapeado por três questões: i) a contextualização política do período<sup>197</sup> — Governo getulista, relação entre produção literária e o/com o PCB, e a consequente necessidade da partida para o exílio nos

---

<sup>197</sup> Ilustro: “De que se falou naquela tarde já tão distante, Jorge no seu pijama listrado se balançando na rede e nós sentados diante dele? De tudo, particularmente de literatura e política. A presença de Jorge ali em Estância tinha seus motivos: com o fracasso da chamada ‘intentona’ de 1935, iniciara-se no Brasil, comandada por Getúlio Vargas e subcomandada por Felinto Muller, seu chefe de polícia, uma furiosa caça aos comunistas e ‘demais elementos subversivos’. Jorge estava incluído nas duas listas e, segundo nos contou, a polícia já estivera à sua procura no Rio, São Paulo, Salvador e até em Ilhéus e Itabuna. Refugiar-se na escondida Estância fora uma opção sensata. — Vou ficando por aqui até a poeira assentar, o que não vai demorar muito. Getúlio está com os dias contados. Ou ele integra o regime democrático ou será chutado pelo povo. Naquela ensolarada tarde de outubro de 1936, na sossegada, pachorrenta Estância, Jorge revelou-se mau profeta” (Silveira *apud* Nascimento, 2008, p. 46).

anos seguintes, ii) a assídua presença de Matilde Mendonça<sup>198</sup>, e iii) a reivindicação de seu autor ao afirmar que o livro apresenta uma “*fase inédita* na biografia de Jorge Amado” (Nascimento, 2008, 4ª capa, grifos meus). Esta última, evidentemente, por aproximação a nosso discurso, pesquisadoras da Mala, com o acervo que classificamos, na partida da investigação, como inédito tanto em materialidade quanto como desdobramento discursivo frente aos anos do exílio em questão.

Detendo-nos na obra, encontramos-nos com duas grandes divisões: a primeira traz a biografia de Jorge Amado nos anos supracitados em um texto organizado em 45 subtítulos<sup>199</sup>; a segunda apresenta um registro documental com cinco subdivisões, excetuando-se a introdução e o índice onomástico<sup>200</sup>. O prefácio do livro é uma carta<sup>201</sup> de Paloma Jorge Amado a Rui Nascimento que, descubro na dedicatória, é seu primo e, portanto, sobrinho de Jorge Amado. Seguindo, na introdução à obra, o autor registra o incômodo pessoal da omissão de fatos vividos pelo personagem-protagonista “em sua biografia e nas fontes de pesquisa à disposição dos estudiosos da vida do romancista” (Nascimento, 2008, p. 20):

Jorge Amado vivera quase dois anos confinado numa pequena cidade do interior sergipano, e até hoje ninguém se dera conta disso. *Ignoraram esse período como se ele não houvesse acontecido na sua vida.* Será que o local

<sup>198</sup> Ilustro: “Jorge Amado, o escritor, com a mulher, Matilde, e a filhinha Lila, haviam chegado de mala e cuia para uma temporada de recolhimento, imposição da polícia política [...]”; “As festinhas no hotel eram frequentes, promovidas pelas filhas de Juca, algumas amigas, com a ajuda de Matilde, mobilizando, também alguns rapazes, não muitos.”; “Jorge Amado e Matilde passaram o Carnaval de 1939 em Estância”; “[...] o italiano Augusto Marozzi, de boa frequência e requintada mesa, preferido de Jorge Amado para almoçar, principalmente quando ia com Matilde e a filhinha Lila” (Nascimento, 2008, p. 78; 107; 112; 188).

<sup>199</sup> São eles: Prefácio, Estância – Artigo de Jorge Amado, Introdução, A oportunidade, A tumultuada década de 1930, O romance de 30, Prêmio Nobel, Joel Silveira visita Jorge Amado, Setenta anos depois, Jorge Amado e a crítica, 1937 – Sete meses depois, A primeira partida, A alegria volta ao cenáculo, A Papelaria Modelo, João Nascimento Filho, Chegada de Jorge Amado em Estância, O Hotel Vitória, Primeiro café da manhã, D. Pedro II em Estância, Nhô Galo, A “queima” de livros, Biblioteca Monsenhor Silveira, Casa da Criança – Lactário, Concurso de Miss Estância, A Neuza Alegre, O Carnaval de 1939, O namoro secreto, O presépio – Natal vermelho, O Vaticano, Segunda temporada de Jorge Amado em Estância, O réveillon de 1938, “A célebre Papelaria Modelo” – Revista Musical, Revista “Alô, Alô, Estância”, As mulheres, Matilde, O centenário do livreiro, Sergipe na obra de Jorge Amado, Sobre personagens, Gabriela, Cravo e Canela, Tereza do Agreste, “Estância foi meu país”, Aracaju, A cidade de Estância, Uma palavra final.

<sup>200</sup> São elas: Artigos de Jorge Amado (com 16 documentos), Artigos de jornais (com 18 documentos), Artigos sobre obras de Jorge Amado (com 20 documentos) Duas crônicas do autor (do próprio Rui Nascimento), e Documentos pessoais (correspondências entre ao autor, Jorge e Zélia, e outros documentos do Jorge Amado, como sua certidão de nascimento com Matilde Mendonça Garcia Rosa).

<sup>201</sup> Assim começa e termina: “Carta, à guisa de prefácio, a Rui Nascimento, Barão de Estância, sobrinho de Jorge, o menino de João. [Assina:] Paloma Jorge Amado, Condessa de Soterópolis, sobrinha de João, a menina de Jorge” (Amado, 2008, p. 15-16).

dessa vivência, uma pequena cidade, não teria qualquer importância que valesse a pena a alguém pesquisar e divulgar?

A cidade de Estância o abrigou em duas temporadas, entre 1936 e 1939. Na época, já se tornando um escritor famoso e com cinco livros já publicados. Além disso, comunista ativo, num país em efervescência política, praticamente em estado de guerra. Perseguições e prisões aconteciam a todo instante. Protagonista daquele momento político, Jorge Amado foi preso e acusado de participar de um levante armado, em 1935, que passou à história como a Intentona Comunista.

*Solto, em 1936, rumou para Estância, pela primeira vez, onde passou sete meses, com a mulher Matilde e a filha Lila* (Nascimento, 2008, p. 19-20, grifos meus).

Realmente, como alegado por Rui Nascimento, pouco, ou nada, se escreveu acerca desse período pós-prisão 1936, menos ainda, li a respeito da permanência de suas primeiras esposa e filha consigo, Matilde e Eulália Dalila, no período: somente nessa biografia há citação e contextualização de ambas, que aparecem como presenças efetivamente partícipes à vida do biografado, em episódios concretamente descritos, seja a partir de narrativas por ele construídas, seja a partir de episódios compartilhados por terceiros. Ilustro:

Estância, Sergipe, outubro de 1936. [...] Vinda lá dos fundos e comboiada pela caboclinha que lhe seguia os passos, Matilde Garcia Rosa, a primeira mulher de Jorge Amado, nos recebeu com um sorriso de fortes de belos e fortes dentes. Era uma moça de seus vinte anos, muito bonita, alta, longilínea, lábios carnudos e cabelos pretos que naquele momento lhe caíam pelos ombros. A pele era muito branca, a contrastar com os olhos de um marrom carregado. Estendi a mão, que ela apertou, sempre sorrindo, repeti o que já havia dito à menina que, desconfiada e colada à saia da patroa, não retirava do grupo os olhos inquiridores.

— Matilde. Sou mulher de Jorge.

— Dona Matilde, somos estudantes do Ateneu Pedro II, de Aracaju, e estamos aqui para uma visita ao romancista Jorge Amado.

Continuando a sorrir, Matilde passeou os olhos pelo grupo, indagou: — Quantos são?

— Somos cinco — respondi. E enfatizei: Toda a diretoria do Grêmio Literário Clodomir Silva, do qual sou presidente.

Afastando-se de lado, Matilde Garcia Rosa convidou: — Por favor, entrem. E sentem-se. Vou avisar o Jorge.

Matilde pertencia a uma família tradicional de Sergipe, os Garcia Rosa, cujo o membro destacado naqueles dias era o poeta Antônio Garcia Rosa, autor de belos sonetos, que todo literato sergipano sabia de cor, particularmente Amélia, presença obrigatória nos recitativos das festas cívicas ou estudantis (Silveira *apud* Nascimento, 2008, p. 43-44)<sup>202</sup>.

<sup>202</sup> A passagem é retirada do livro *Na fogueira*, de Joel Silveira (1988). Passados cerca de 70 anos, em entrevista, Silveira (*apud* Nascimento, 2008, p. 48) diz que “Jorge não era um bom caráter” dada a sua relação com o Partido Comunista.

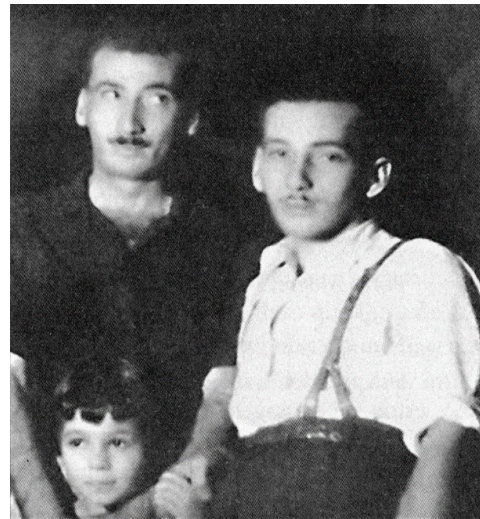
Matilde Mendonça Garcia Rosa também aparece em fotografias, diria eu “muitas” quando comparo com a parca aparição dessa personagem biográfica. Ilustro:

Figura 111- No Hotel do Juca, com Matilde, João Nascimento e Neuza



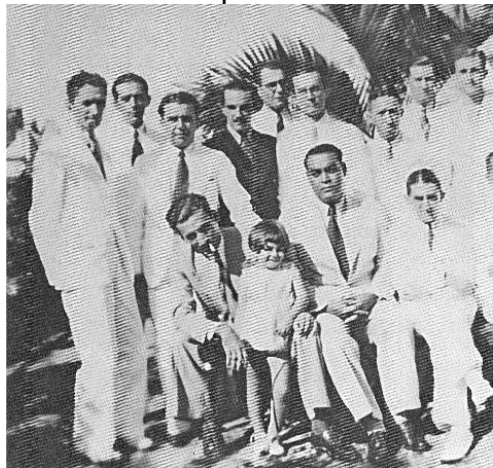
Fonte: Nascimento, 2008, p. 58.

Figura 112- No Hotel do Juca, com Lila



Fonte: Nascimento, 2008, p. 61.

Figura 113- Lila, Jorge e frequentadores da Papelaria Modelo



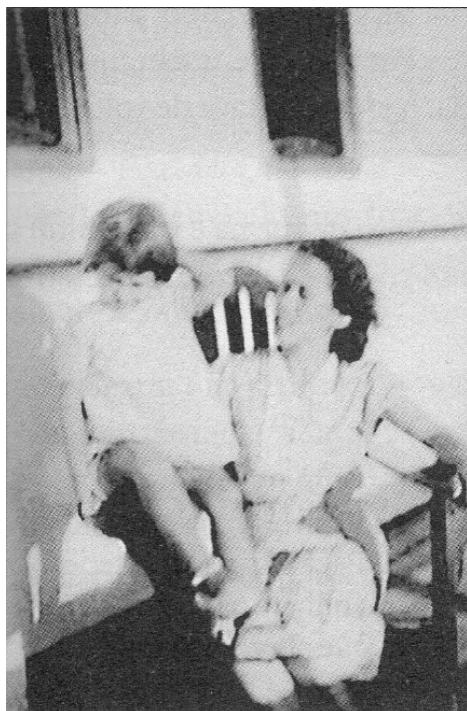
Fonte: Nascimento, 2008, p. 59.

Figura 114- Matilde e Jorge no convés do *Comandante Alcídio*, 1938



Fonte: Nascimento, 2008, p.

Figura 115- Matilde e Lila



Fonte: Nascimento, 2008, p. 61.

Figura 116- Matilde e Neuza, 1936



Fonte: Nascimento, 2008, p. 150.

Um dos 45 subtítulos a que fiz referência anteriormente é denominado “Matilde”. Nele, lemos um pouco da sua história<sup>203</sup>, personalidade<sup>204</sup> e relação com Jorge Amado<sup>205</sup>. Para isso, Rui Nascimento entrevista Osires Faro, sobrinho de Matilde, que afirma uma adulteração na certidão de nascimento da tia, então 17 anos, para que pudesse casar-se com Jorge, com 21. De destaque da seção, trago a passagem sobre *A descoberta do mundo*:

Naquele mesmo ano do casamento, em 1933, Jorge Amado e Matilde escreveram um livrinho infantil. *A Descoberta do Mundo*, contando as aventuras de um garoto, o Tenente, que fugiu de casa e saiu com seus amigos, o galo Esporão Grande, o canário Zé Pinho e o Papagaio, para

<sup>203</sup> “Matilde era uma mocinha de classe média, de famílias tradicionais de Sergipe, os Garcia Rosa [...] Matilde era uma moça típica de classe média, de hábitos comuns, estudiosa, além de ter um pai que, se não era uma fera, era um homem muito austero, mesmo para os padrões da época. Estudou no Instituto Lafayate, na Tijuca, na época um dos melhores colégios do Rio de Janeiro [...]” (Nascimento, 2008, p. 145-147).

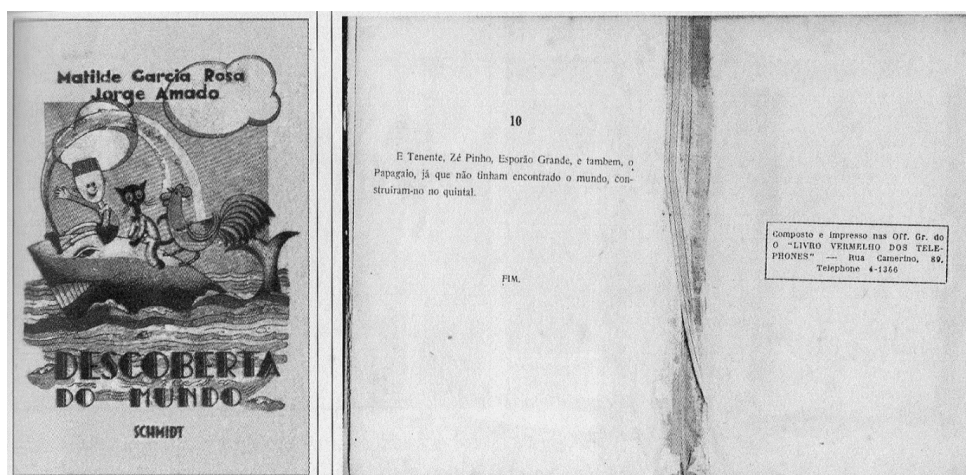
<sup>204</sup> “Matilde era uma dessas moças de temperamento mais para o introspectivo, a cabeça fervilhando de fantasias, idealista, à espera de um jovem herói [...]” (Nascimento, 2008, p. 147).

<sup>205</sup> “Como Jorge Amado não tinha situação financeira estável, tiveram que morar numa suíte deita para eles na casa dos pais de Matilde. [...] Em 1935, nascia Dalila Eulália, a Lila. A vida atribulada de Jorge Amado, sua atividade partidária e profissional o afastou muito da menina que, a partir dos anos 1940, sentia muito essa sua ausência. Ela esteve com eles em Estância, nas temporadas que lá passara” (Nascimento, 2008, p.146-147).

procurar o mundo. E depois de várias peripécias, contadas com muita graça, como o mundo não foi encontrado, eles o construíram no quintal. Este livro teve ilustrações de Santa Rosa e foi editado pela Schmidt, com 58 páginas (Nascimento, 2008, p. 147-148).

Além das informações sobre a obra, a grata surpresa chega em formato de imagem, única da obra encontrada nestes anos de pesquisa. Reproduzo:

Figura 117- *A descoberta do mundo*, de Matilde e Jorge



Fonte: Nascimento, 2008, p. 149.

Por fim, na seção de documentos, há a reprodução da certidão de casamento e, posteriormente, da indicação do desquite do casal na certidão. Ilustro:

Figura 118- Certidão de casamento de Matilde e Jorge

Fonte: Nascimento, 2008, p. 337-338.

Rui Nascimento chama atenção para o fato das datas de ambos estarem coincidentes, 1912, sendo que Matilde nascera em 1917.

Seguindo, chego à única obra que traz as crianças como público-alvo, a Jorge, *o amado escritor* (19). Escrita por Lúcia Fidalgo, contadora de histórias do Grupo Morandubetá, bibliotecária, professora universitária e Autora Revelação de 1997 da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ-RJ), essa biografia de 16 páginas registra seu lugar de enunciação de forma bastante enfática: há um horizonte moralizante em vista. Ilustro com mensagem da orelha dedicada “Aos educadores”:

Vivemos uma grande carência de paradigmas éticos. As tão propaladas “celebridades” dos nossos dias, em grande parte, não têm muitos méritos, nem artísticos, nem éticos (entendendo-se por ética não um conjunto de regrinhas, mas uma maneira de bem orientar a vida, individualmente e em relação aos outros e aos valores humanos). Reina uma mentalidade forte segundo a qual o que vale é a fama e o dinheiro a qualquer custo. Com isso, ficam ocultadas as verdadeiras celebridades, as grandes personalidades que não quiseram fama nem dinheiro a qualquer custo, mas que se dedicaram a edificar um mundo melhor e a elevar o nível da humanidade, pessoas que verdadeiramente “fizeram a diferença” no mundo, seja na arte, na educação, na espiritualidade, no trabalho ou na cultura geral (Alencar, 2012, s/p)<sup>206</sup>.

Jorge Amado, então, entrou nesse rol de “verdadeiras celebridades” de acordo com a avaliação da curadoria do projeto denominado *Brasileirinhos*: uma coleção que biografava “personalidades paradigmáticas de nosso país” (Paulus, 2023). Minha impressão inicial diante desse recorte foi de curiosidade, a princípio, porque vida e obra de Amado são — minimamente — polêmicas quando se trata de defini-lo como uma referência, seja pela linguagem ou temática de sua criação literária, seja pelo seu envolvimento político-partidário, seja por seu apelo popular, seja pela resistência ao reconhecimento do contexto acadêmico etc., quero dizer, é comum o “mas” acompanhar seus predicativos. Em segundo lugar porque a editora cuja obra foi publicada registra em seu site ter “[...] assumido o compromisso de divulgar conteúdos que contribuíssem com a formação moral, intelectual, ética e religiosa do ser humano” (Paulus, 2023) a fim de promover “[...] a evangelização. Ou seja, ajudar

---

<sup>206</sup> No site da editora (Paulus), há a seguinte relação de biografados pela coleção: Paulo Freire, Candido Portinari, Chico Mendes, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Tarsila do Amaral, Clementina de Jesus, Juscelino Kubitschek, Heitor Villa-Lobos, Chiquinha Gonzaga, João Guimarães Rosa, Helder Camara, Cora Carolina, Mário Quintana, João Guimarães Rosa (e Jorge Amado, claro).



as pessoas a se cultivarem e a colaborarem na construção de um ‘mundo melhor’, mais ‘humano’, mais ‘cristão’” (Paulus, 2023). Aqui, no caso, o estranhamento foi despertado pela seleção de um autor explicitamente ligado à religião de matriz africana fazer parte da coleção. Isto é, diante do lugar comum de intolerância religiosa, surpreendi-me. Desconfiada, segui na investigação das entrelinhas desse discurso, e cheguei à categoria “Nossos objetivos”, que publica:

À sociedade: promovendo os valores humanos e resgatando o quanto possível a dignidade humana ferida, procurando atingir também cristãos não católicos, não-cristãos e não-crentes.

Quando falamos de visão cristã, não a reduzimos à doutrina católica, mas levamos em consideração o conjunto dos valores humanos, no espírito do Concílio Vaticano II, que afirmou: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração” (Gaudium et Spes 3).

Mantendo a curiosidade, passo à publicação, que efetivamente, parece-me fazer jus à promessa da benevolência da ação. A começar, a narrativa não tem marcação de datas; seu texto é bastante envolvente, delinea um personagem gentil, justo, amável e... amado. Além disso, os próprios desenhos, feitos pela especialista em ilustração de livros infantis e juvenis, Fabiana Salomão, têm um aspecto carinhoso: as representações trazem cenas de proximidade, abraços, beijos, brincadeiras, conversas e sorrisos. Ilustro:

Figura 119- Páginas de *Jorge, o amado escritor*



Fonte: Fidalgo, 2012, p.11-12.

Quanto ao texto, a perspectiva adotada não polemiza e/ou minimiza as ações do biografado, as apresenta como fato vivido, sem fazer juízo de valor particular. Isto é, as escolhas são apresentadas sob a perspectiva do personagem, no sentido de procurar descrever o que esse sujeito enunciava almejar com determinada escolha. Por exemplo, quando cita a relação com o PCB, diz: “Suas vontades políticas são ligadas ao comunismo, lutando sempre para o Brasil ser um país melhor” (Fidalgo, 2012, p. 11). Ainda, levando em conta que o público-alvo é infantil, é possível dizer que a obra não se furtou em tocar em pontos sensíveis, passíveis a questionamentos por parte das crianças aos pais/responsáveis/professores, como em: “Foi preso pela primeira vez por motivos políticos. E foi preso mais uma vez” (Fidalgo, 2012, p. 11). Isto é, tendo como horizonte a crença maniqueísta do senso comum, indagações sobre as motivações da prisão —por que ele foi preso se é *do bem*? — têm o potencial de fomentar discussões pertinentes.

Quanto aos relacionamentos, registra-se sobre Matilde e Lila “Um dia conheceu o amor. Novo ainda, resolveu se casar com Matilde Garcia Rosa. Tinha só 21 anos, e ela 17; Casados, do amor dos dois nasceu Eulália Dalila, a Lila” (Fidalgo, 2012, p. 11). Ainda, há menções acerca de suas separação e morte: “Um dia, separou-se de Matilde” (Fidalgo, 2012, p. 11) e “Foi então que um dia veio a triste notícia: — Jorge, sua filha Eulália morreu de leucemia” (Fidalgo, 2012, p. 13). Adiante, encontramos-nos com informações sobre a barbárie da censura: “Seus livros foram proibidos, queimados, sumidos” (Fidalgo, 2012, p. 13), além da referência ao candomblé “Acreditava na força dos orixás e tinha o nome de Obá Orolu no (Fidalgo, 2012, p. 16). No final, o conceito pré-concebido era meu.

Finalmente, chego à última obra desse *corpus*, *Jorge Amado – uma biografia* (20). Escrito pela historiadora Joselia Aguiar, o livro ganhou o Prêmio Jabuti na categoria “Biografia, Documentário e Reportagem”, em 2019. O título é o mais vasto material biográfico sobre o escritor, considerando-se a totalidade da linearidade da vida; isto é, a autora preocupa-se em cumprir os limítrofes clássicos da narrativa de vida, descrevendo Jorge Amado do nascimento à morte. Para isso, divide o texto em

40 capítulos temáticos<sup>207</sup>, sem contar a apresentação, os agradecimentos, as notas, as fontes bibliográficas, o índice onomástico, e os créditos das imagens. Estes últimos, juntos, somam 78 páginas; vê-se, especialmente na bibliografia, a extensão do trabalho de pesquisa de Josélia, que não passou apenas por cinco<sup>208</sup> das 16 obras anteriormente apresentadas neste capítulo. Além disso, há duas outras referências pertinentes para este contexto de investigação: a Dissertação de Mestrado *Entre esparsos e inéditos: a Mala de Jorge Amado (1941-1942)* e o Trabalho de Conclusão de Curso *O (invisível) no acervo de Jorge Amado (1941-1942)*, de Thalita Coelho e Ailê Gonçalves<sup>209</sup>, respectivamente, minhas colegas de pesquisa do Acervo no Nulime. Ou seja, a biografia em foco é também resultado da leitura das informações apresentadas nos trabalhos citados e, portanto, a única que trará registros específicos do Acervo Mala de Jorge Amado.

Já nas orelhas, *Jorge Amado – uma biografia* (20) deixa claro o seu alcance de investigação e influência, que descreve o “[...] acesso exclusivo a manuscritos, inéditos do autor, documentos de família, cartas de parentes, amigos e outros escritores, além de exaustivas entrevistas e pesquisas no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos [...]”. Para concluir o projeto, que foi uma encomenda editorial<sup>210</sup> de Alcino Leite Neto, Joselia Aguiar levou sete anos, período condizente com a imensidão vivida pelo personagem Jorge Amado; escritor, político, jornalista, filho, irmão, amigo,

<sup>207</sup> São eles: i) O cordel e as putas; ii) Academia dos Rebeldes; iii) Na gaveta do editor; iv) Juventude comunista; v) Cadernos de aprendiz; vi) A cizânia norte-sul; vii) *Jubiabá*; viii) Atrás das grades; ix) Esconderijo em Estância; x) Giro pelas Américas; xi) Contrabando literário; xii) A interdição nas livrarias; xiii) Os afazeres na guerra; xiv) Exílio ao sul; xv) A vista de Periperi; xvi) Um guia da Bahia; xvii) Zélia; xviii) Escritor do partido; xix) Um deputado ativo; xx) Peji de Oxóssi; xxi) À deriva; xxii) Paris; xxiii) A leste; xxiv) Dobris; xxv) Entre sputniks e exus; xxvi) O desencanto; xxvii) Para todos; xxviii) Gabrielamania; xxix) Os ventos do Nordeste; xxx) De fardão; xxxi) A casa do Rio Vermelho; xxxii) O golpe e a flor; xxxiii) Lisboa; xxxiv) Obá de Xangô; xxxv) Tereza e Tieta; xxxvi) Pedra do Sal; xxxvii) O jogo do dicionário; xxxviii) Outono do patriarca; xxxix) Rive gauche; e xl) Archanjo.

<sup>208</sup> São elas: *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1), da Editora Martins; *A odisseia de Jorge Amado* (8), de Piligra; *Reportagem Incompleta* (15), de Zélia Gattai; *Jorge Amado – Fotobiografia* (16), de Salvador Monteiro e Leonel Kaz; *Jorge Amado* (15), de Myriam Fraga.

<sup>209</sup> Coelho, Thalita da Silva. *Entre esparsos e inéditos: a Mala de Jorge Amado*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Gonçalves, Ailê Vieira. *O (invisível) no acervo de Jorge Amado (1941-1942)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

<sup>210</sup> Em entrevista, Joselia Aguiar (2019, p.04) afirma: “[...] meu livro não surgiu de uma iniciativa de leitora, e sim a partir de uma encomenda de um editor. Recebi o convite de Alcino Leite Neto, que é um jornalista nascido em Minas e radicado em São Paulo [...], estava montando, em 2011, aquela que seria a editora Três Estrelas, pertencente ao Grupo Folha. [...] A ideia inicial era fazer um livro de menor porte, algo em torno de 250 páginas. Só que em pouco tempo percebi que iria precisar de muito mais tempo, dadas as características de vida e obra do meu biografado.”

companheiro, marido, pai, Obá de Xangô, Imortal<sup>211</sup>, fenômeno de publicação, público e vendas.

A narrativa, no geral, é de linguagem fluida e clara, sua autora vai perfilando o biografado e seu entorno em uma proposta minuciosa, que se atenta tanto a fatos históricos quanto a anedotas do cotidiano. De estranhamento, cito uma escolha lexical e outra que, por vezes, a meu juízo, graceja e/ou diminui questões sérias e não risíveis, como em “Da parte de Eulália, a avó fora uma pataxó caçada a laço por um português” (Aguiar, 2018, p. 11): isto é, o eufemístico “caçada a laço” em substituição à menção a uma união forçada com conseqüente estupro não me parece uma troca justa. Quanto aos capítulos, há uma média de 11 páginas entre eles, sendo o último, “Archanjo”, o menor, com uma página, e o maior, “Rive Guache”, com 24.

Quanto às temáticas, Josélia a obra passa pelos tópicos pertinentes à contextualização do recorte em foco: aborda a relação de Amado com a Juventude e o Partido Comunista, o cenário político emergente, sua participação na ANL, a repercussão da Coluna, o reconhecimento como escritor com apelo popular desde os primeiros anos de carreira, o exercício da literatura do romance realista, as prisões, os movimentos do governo varguista, a ida a Estância, a produção de *A estrada do mar*, *Sinhô Badaró* e *Agonia da noite*. O trabalho como jornalista em periódicos como *Diretrizes*, a relação com nomes como Samuel e Bluma Wainer, Pedro Mota Lima, dentre outros.

Das relações amorosas, destaca-se Zélia, sobre a qual Josélia dedica um capítulo inteiro com título homônimo, espaço de direito a esta que foi a companheira de vida de Amado, personagem fundamental na biografia do escritor a partir de 1945, quando se tornaram um casal. “Entre casos grandes ou pequenos” (Aguiar, 2018, p. 79, grifos meus), avalia a autora, estariam Mariá<sup>212</sup> e Matilde, aquela como o primeiro amor e esta como um “compromisso mais sério no Rio” (Aguiar, 2018, p. 79). Josélia

---

<sup>211</sup> Jorge Amado foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras – ABL em 1961 (6 de abril). Ocupou a cadeira de número 23, cujo patrono foi José de Alencar e o primeiro ocupante Machado de Assis.

<sup>212</sup> “Maria Joé Sampaio, a Mariá, apenas oito meses mais jovem, tinha aparência ainda de menina. Um tipo mestiço de pele clara, cabelos ondulados na altura do ombro e rosto delicado, o deixou ‘prostrado de admiração’ na matinê do Cine Jerônimo, da praça da Sé. [Escreve Jorge:] És meu grande amor porque és a primeira mulher a quem amo. E quão feliz eu seria se ao chegar ao inverno da minha vida pudesse afirmar que o meu grande amor fez-me feliz e amou-me um pouco” (Aguiar, 2018, p. 35).

dedica-se à descrição e contextualização de Matilde<sup>213</sup> em cerca de uma página e meia. Mais adiante, a menciona algumas variadas vezes, seja com Jorge, seja com Lila, sobre quem a biógrafa ocupa-se a descrever com significativo detalhamento, o mais abrangente e minucioso encontrado dentre as narrativas do *corpus*. Curioso, no entanto, foi me deparar com uma foto de Mariá e nenhuma de Matilde nas 31 páginas de imagens do título que ambientam uma história de vida cujas temáticas que se atravessam são diversas — família, envolvimento político partidário, influência cultural, amizades ilustres, arte, literatura, religiosidade etc. —. Ilustro:

Figura 120 – Mariá Sampaio, o primeiro amor



Fonte: Aguiar, 2018, p. 277.

<sup>213</sup> “Matilde pertencia a uma família tradicional de Estância. Não eram ricos quando se mudaram para Ilhéus e, depois, para o Rio, como primeiros moradores da Urca. João, o pai com fama de muito austero, era um telegrafista gabaritado, a quem Getúlio confiava as mensagens que precisava enviar. Dalila, a mãe, descobriu quase por acaso seu talento para o corte e a costura quando começou a atender pedidos na rua onde moravam em Ilhéus; só então se deu conta de que eram moças que trabalhavam no Bataclan. Conhecida como Madame Rosa, tinha ateliê na rua do Ouvidor, frequentado por mulheres e filhas de autoridades. Aparentemente o casal passava ao largo da literatura ou da política, mas a filha estudiosa, matriculada no reputado Instituto Lafayette, tinha inclinação intelectual e foi numa festa que teria conhecido Jorge.

Cativar a moça longilínea de pele branca, cabelos pretos crespos às vezes presos com fita vermelha e sorriso de dentes grandes levou Jorge a usar a única arma de que dispunha: a escrita. Fez um caderno de versos — para “ser lido unicamente” por ela, “em honra de um grande e puro amor”, como diz a dedicatória de setembro de 1933 — que batizou de Cancioneiro. Em dupla escreveram um livro infantil, Descoberta do mundo, contando as aventuras de um garoto, cujo apelido era Tenente — o mesmo de James, o irmão mais novo de Jorge —, que foge de casa com os amigos-bichos, o canário Zé Pinho, o galo Esporão Grande e um papagaio sem nome, para conquistar o mundo. Terminam no próprio quintal. O livro saiu com requinte e anúncio nos jornais: 58 páginas, ilustrado por Santa Rosa, editado pela Schmidt. Na capa, o nome de Matilde em cima do seu (Aguiar, 2018, p. 80-81).

Ainda, das demais figuras que ilustram a biografia, destaco uma versão da certidão de nascimento do autor, especialmente porque no Acervo encontramos com outra, a qual apresentarei no próximo capítulo. A de *Jorge Amado – uma biografia* (20) está reproduzida na Fotografia x. Por fim, compartilho uma fotografia de Lila mais velha, com 13 anos, reprodução inédita até então dentre as narrativas biográficas deste corpus.

Figura 121 – Certidão de Jorge



Fonte: Aguiar, 2018, p. 274.

Figura 122 – Lila, 1948



Fonte: Aguiar, 2018, p. 284.

Finalizando a seção do corpus lendo *Jorge Amado* (17), *Jorge Amado – uma cortina que se abre* (18), *Jorge, o amado escritor* (19), e *Jorge Amado – uma biografia* (20), encontramos com as únicas obras que se anunciam com biografias. Como visto, *Jorge Amado* (17) foi pensada como publicação para o público jovem, com uma proposta pedagógica de constituição, *Jorge Amado – uma cortina que se abre* (18), por sua vez, é dedicada ao público geral, com foco pontual de investigação que parte de 1936 e chega em 1939, tendo como destaque a presença assídua e recorrente de Matilde Mendonça Garcia Rosa em uma obra que não o Acervo Mala de Jorge Amado,

fato inédito na investigação biográfica que empreendo. *Jorge, o amado escritor* (19) é um livro pensado para o público infantil, apresentando o personagem sob um perspectiva se sujeito inspiração. *Jorge Amado – uma biografia* (20), por seu turno, ganha importância peculiar especialmente pelo compartilhamento de dados recortados de publicações sobre o Acervo Mala de Jorge Amado, mas também em razão da amplitude da pesquisa feita por sua autora, que se dedicou anos para a compilação e redação da obra, sento esta, com dito, o documento biográfico mais completo analisado até então.

#### 4.2 SOB LUPA: REGISTROS DE 1941-1942

Cumpridas as contextualizações das 20 obras em questão, ocupo-me, nesse espaço, em discorrer acerca das materializações específicas de 1941-1942 presentes no *corpus* supracitado, uma vez que interessa, principalmente, o conteúdo trazido por cada uma das obras. Para isso, reforço a informação de que preferi ordená-las conforme a data de publicação, haja vista a sobreposição de informações que os autores, consecutivamente, puderam receber de acordo com as edições anteriores.

Assim, *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) [1961] é o primeiro livro da lista. Nele, além da data equivocada de desquite de Jorge Amado e Matilde, já mencionada anteriormente, há as seguintes informações:

- 1941 – Junho – Jorge Amado desquita-se da esposa.
- Entrega à Martins os originais de *ABC de Castro Alves*.
- Devido ao ambiente do Estado Novo, transfere-se para a Argentina. Encontra-se aí quando Martins publica, em agosto, o *ABC de Castro Alves*, tornando-se, desde então, editora exclusiva de seus livros em português.
- Publicação, pela mesma editora, de *Brandão entre o mar e o amor*.
- O escritor colabora na Argentina, no jornal *A crítica*, na revista *Sul* e outras publicações literárias importantes. Faz amizade com literatos e artistas argentinos e uruguaios e exilados espanhóis: Raul Gonzales Tuñon, José Portogallo, Jesualdo, Henrique Amorin, Rafael Alberti, Vitoria Ocampo, Maria Rosa Oliver, Hector Agosti.
- Começa a escrever *A vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. A tradução vai sendo feita, simultaneamente, capítulo a capítulo.
- 1942 – Ainda na Argentina, com períodos no Uruguai. Vive a essa época exclusivamente do que lhe dá o seu trabalho de escritor.
- *Vida de Luís Carlos Prestes (o Cavaleiro da Esperança)* é publicado em Buenos Aires, pela Editora Claridad – A mesma que já havia editado *Mar morto* e *Cacau*.
- Escreve, no Uruguai, o romance *Terras do sem fim*.
- Agosto – Entrada do Brasil na guerra.

- 8 de setembro – Resolve o escritor voltar ao Brasil, devido à guerra. Desembarca em Porto Alegre e dias depois é preso e enviado ao Rio.
- Novembro – Posto em liberdade, a polícia lhe dá como residência obrigatória a cidade de Salvador.
- Segue para a Bahia, viajando para o interior. Faz sua primeira viagem pelo São Francisco.
- 24 de dezembro – Chega a Salvador. Passa o Ano Novo na fazenda de seu pai (Martins, 1961, p. 35-36).

Dessa passagem, destaco a preferência lexical por “transferir” no lugar de “exilar”, escolha que, a meu juízo, ambienta um movimento ameno, no sentido de desconsiderar a realidade do Estado Novo. Também nessa direção, considerando-se a forma como se redige o texto, faz parecer que Jorge Amado iniciou de maneira despreziosa a escrita de *A vida de Luís Carlos Prestes*. O que, na prática, não se efetiva, haja vista que a principal motivação para a sua ida aos vizinhos latino-americanos foi a elaboração da biografia do líder comunista a partir da intimização do PCB.

No que diz respeito a 1942, chamo atenção para a afirmação de que o escritor residia na Argentina e passava “períodos” no Uruguai, dado não consensual entre as obras aqui analisadas, como será visto adiante. Além deste, outro ponto emblemático nas narrativas de vida de Jorge Amado se refere ao processo criativo de *Terras do sem fim*, que, nesta obra, aparece como uma produção que se deu, única e exclusivamente, no Uruguai.

Já em *Jorge Amado: vida e obra* (4) [1961] há, em um dos seus ensaios, a seguinte colocação:

Em 1939 Jorge Amado continuou a não nos dar nada. Passando a maior parte do ano em Estância uma cidadezinha do interior sergipano, o escritor de *Jubiabá* tem em preparo dois outros romances: *Sinhô Badaró*, que possivelmente será publicado em dois volumes e *Agonia da Noite*, um romance introspectivo. [...]  
*Agonia da noite* não seria publicado; *Sinhô Badaró* se editaria em dois volumes, com títulos diferentes: *Terras do Sem Fim* (1942) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944) (Táti, 1961, p. 104-105).

Esta elaboração ilustra a consideração recém-descrita sobre *Terras do sem fim*, uma vez que aqui, em *Jorge Amado: vida e obra* (4), o romance é sugerido como uma continuidade de *Sinhô Badaró*, texto iniciado em 1939. Além disso, destaco a informação referente a um possível romance intitulado *Agonia da noite*. É este, enfim,



o título de um inédito e inacabado romance do Acervo Mala de Jorge Amado e que, naturalmente, será mencionado no terceiro capítulo deste trabalho.

Especificamente, sobre os anos do exílio, a obra fala:

Em maio de 1942, surgirá a edição argentina da *Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. [...] Tal como no *ABC de Castro Alves*, aqui temos a “louvação” erigida novamente em sistema biográfico – a louvação de um lutador, que é ao mesmo tempo, e sobretudo, a louvação de uma conduta humana a serviço de uma causa, e, mais profundamente, mais sentidamente, a louvação da própria causa simbolizada pelo Herói. [...] Para escrever a *Vida de Luís Carlos Prestes*, Jorge Amado saiu do Brasil. “No clima policial do Estado Novo – diz ele – não era possível criar este livro. Tampouco publicá-lo.” E a vida de Prestes – sentia-o o romancista – precisava ser contada [...] (Táti, 1961, p. 110-111).

Aqui a realidade do Estado Novo, como se vê, é reconhecida pelo autor do ensaio que, além disso, reproduz a dedicatória da biografia, onde se lê: “À memória de dona Leocádia Prestes, dignidade e heroísmo. Para Anita Leocádia e Lila. Para Rodolfo Ghioldi, o brasileiro. Para Pedro Mota Lima, Pompeu Acioli Borges e Roberto Sisson, lembrança do exílio” (Amado *apud* Táti, 1961, p. 110).

Em *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2) [1972], especificamente em “Sobre o romancista Jorge Amado”, ensaio de Roger Bastide, há uma indicação cronológica, em formato de texto, a respeito do paradeiro do escritor baiano nos anos de 1941 e 1942:

[...] pois nosso escritor, que em 1935 deu sua adesão à Aliança Nacional da Libertação, liderada pelo comunista ou progressista Luís Carlos Prestes, foi preso uma primeira vez em 1936 e uma segunda em 1937, por ordem do presidente Vargas; fixa residência em Buenos Aires, de 1941 até 1943; eleito deputado em 1945 pelo partido comunista, em São Paulo, por ocasião da tentativa de democratização do Brasil, vê seu mandato cassado quando o Partido Comunista foi proibido por lei. Torna então a exilar-se [...] (Bastide, 1972, p. 46-47).

No caso, como visto na contextualização da obra, o objetivo deste texto não é o de figurar, especificamente, como uma narrativa biográfica, o que poderia justificar a rapidez de menção aos fatos. Contudo, de todo modo, há um equívoco quanto na data de regresso ao Brasil, que ocorreu em 1942 e não 1943. Ainda desta breve passagem, chamo a atenção para a construção da última oração do excerto “Torna então a exilar-se”, indicando que o autor localiza, portanto, o período de afastamento de Jorge Amado em 1941-42 como um exílio e não apenas “transferência”, a exemplo da primeira materialização, também organizada pela Martins Editora, dez anos antes.

Mais adiante, quando elabora suas considerações acerca da biografia de Prestes, todavia, registra:

[...] numa obra posterior, *A vida de Luís Carlos Prestes*, o cavaleiro da esperança, o chefe do comunismo brasileiro se verá [...] transformado em São Jorge, destruidor de monstros, mas um São Jorge que escapa à hagiografia católica para ser reestudado através da mentalidade afro-brasileira dos deuses que combatem por seus fiéis (Bastide, 1972, p. 48).

Isto é, não há identificação do período de escritura da biografia, pois esta aparece somente como uma “obra posterior”. Entretanto, no último ensaio do compêndio, “Jorge Amado: notícia biográfica”, também apresentado em um momento anterior de contextualização da obra, Renard Perez (1972, p. 236) publica:

Em 1941, se desquita. Ainda em 1941, tendo em vista o ambiente do Estado Novo o escritor muda-se para a Argentina. (E aí se encontra com Editora Martins, fundada ano anterior, em São Paulo publica o *ABC de Castro Alves* e, pouco tempo depois *Brandão entre o mar e o amor*.) Em Buenos Aires, começa a colaborar na imprensa, iniciando, aí a publicação de *O Cavaleiro da Esperança*, cujos capítulos vão sendo traduzidos à medida que escreve; em 1942, a obra é lançada em volume nesse país. Ao mesmo tempo, passa temporadas no Uruguai, escreve, aí, o seu *Terras do sem fim*. Em setembro de 1942, com a entrada do Brasil na guerra (no mês anterior), decide Jorge Amado retornar ao país, fixando-se na Bahia.

Dessa passagem, ganha meu interesse: i) a impessoalidade com que se descreve a separação de Jorge Amado e Matilde, uma vez que sequer se menciona o nome da primeira esposa; ii) a contextualização da mudança do escritor para a Argentina, “o ambiente do estado Novo”; iii) as colaborações de Jorge Amado na imprensa argentina; iv) a escrita de *O Cavaleiro da Esperança* e sua concomitante tradução; v) a publicação da biografia de Prestes em Buenos Aires; vi) a escrita de *Terras do sem fim* no Uruguai; vii) as “temporadas” de Jorge Amado no Uruguai; viii) a precisão do mês de retorno do escritor ao Brasil, setembro; ix) a menção direta, pulando a chegada em Porto Alegre, de Jorge Amado na Bahia. Assim, tendo em vista a primeira publicação da Martins, este volume se torna incomparável em relação à quantidade de dados no tocante ao exílio, mesmo que, como será identificado posteriormente, alguns deles estejam desencontrados com os documentos do Acervo.

Em *O baiano Jorge Amado e sua obra* (10) [1980], Tavares (1982, p. 33-34) coloca o seguinte:

1941, mar. Conclui, no Rio, a biografia *ABC de Castro Alves*, cujos originais confia à Livraria Martins Editora, de São Paulo, recém-fundada, e que passa a ser editora exclusiva de seus livros no país.

Ago. Transfere-se para a Argentina, devido às condições políticas do Estado Novo. Encontra-se em Buenos Aires quando é lançada, em São Paulo, pela Livraria Martins Editora, a biografia *ABC de Castro Alves*. Colabora no jornal “La crítica” e na revista “Sud”, bem assim em outros órgãos literários portenhos, e faz amizade com literatos e artistas argentinos, uruguaios e espanhóis exilados: Gonzales Tuñon, Portogallo, Jesualdo, Enrique Amarin, Maria Rosa Oliver, Vitória Ocampo, Rafael Alberti, Hector Agosti, etc. Escreve a biografia *A vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, cuja tradução vai sendo feita simultaneamente, capítulo a capítulo, por Pompeu Acióli Borges e publicada em folhetim na imprensa.

1942, jun. Ainda em Buenos Aires, com períodos em Montevidéo, vivendo de suas colaborações na imprensa. *A vida de Luís Carlos Prestes* é publicada em livro, em tradução espanhola, pela Editora Claridad, de Buenos Aires.

Ago. Em Montevidéo, ocupa-se em escrever parte de *Terras do sem fim*.

Set. Desembarca em Porto Alegre, decidido a solidarizar-se com a entrada do Brasil na guerra antifascista. É preso e enviado ao Rio.

De imediato, é o nome próprio “Pompeu Acióli Borges” que ganha ênfase na minha leitura. Isso porque é a primeira vez, até então, que se denomina o tradutor da biografia de Prestes, sujeito tão presente no Acervo Mala de Jorge Amado. Além disso, saliento a indicação do mês de partida de Jorge Amado para a Argentina, “agosto”. Também é pertinente a consciência da “transferência” do escritor à capital Buenos Aires, “condições políticas do Estado Novo.” Ainda, realço a presença da Editora Claridad no excerto, até então não citada. Por fim, novamente, a localização de escrita de *Terras do sem fim* no Uruguai, nesse caso, precisamente em Montevidéo, em agosto.

Seguindo-se a ordem de publicações, *Jorge Amado: Literatura comentada* (11) [1981], traz dados do período de interesse na seção “Entrevista biográfica”, registro:

Em 41, conversando com pessoas, gente do Partido, decidi escrever um livro sobre Prestes. Já pensando em uma campanha pela anistia. Como eu não tinha o material necessário aqui, eu saí do Brasil. Minha ideia era ir pro México, onde estava dona Leocádia Prestes. Mas cheguei à Argentina e fiquei, porque lá tinha o material necessário. Vivi entre a Argentina e o Uruguai, em 41 e 42. No Uruguai terminei *Terras do sem fim*. [...]

Escrevi na Argentina, com o título *A vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. A edição argentina, da Editorial Claridad, entrava no Brasil em quantidades brutais. Mesmo em espanhol, circulava por todo o Brasil.

Quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, nós fizemos uma reunião dos exilados – e eu já não podia voltar depois da publicação do livro sobre Prestes – de Buenos Aires e Montevidéo. Sendo antifascistas, decidimos voltar (Gomes, 1981, p. 19).

Em primeiro plano, julgo pertinente a colocação de Jorge Amado ao assumir que “decidiu escrever um livro sobre Prestes”, não fosse o complemento de “pensando em uma campanha pela anistia” — uma vez que esse era um projeto do Partido e não de Jorge Amado — poderia até parecer que a decisão foi pessoal, antes que uma motivação do Partido. Além disso, diz o autor, que saiu do país por não encontrar material necessário aqui, discurso que irá reelaborar anos mais tarde, em entrevista à Alice Raillard, como será registrado mais adiante. Também é oportuna a menção de chegar ao local de moradia de Leocádia Prestes, mãe do revolucionário biografado. Presença esta, a de Leocádia, muito recorrente no Acervo.

Ainda em *Jorge Amado: Literatura comentada* (11), na seção “Cronologia biográfica”, menciona-se: “[1941] Entrega *ABC de Castro Alves* à Editora Martins. Refugia-se na Argentina e começa a redigir a biografia de Prestes” (Gomes, 1981, p. 36). Informação de destaque para a materialização da seção, que traz apenas 22 datas na cronologia de vida do autor, como visto na contextualização deste livro na seção anterior.

Seguindo na ordenação cronológica, em *Reportagem incompleta* (15) [1986] não há menção direta a 1941 e 1942, fato que não se destaca levando em conta que obra é, antes, um livro afetivo. Nesse caso, sua autora, que passou a viver com Amado em 1945, ocupa-se majoritariamente em trazer registros do personagem mais velho, registrando a vida em comum partilhadas. Em relação a outra fotobiografia apresentada, *Jorge Amado – Fotobiografia* (16) [1986], não se tem notícia dos anos de 1942. Todavia, de 1941 registra:

1941 – O agravamento da situação política no País força-o ao primeiro exílio (dois anos), no Uruguai e na Argentina. Escreve *Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, que não pode publicar no Brasil (Ed. Claridad, Buenos Aires). Escreve novo romance sobre a região cacauzeira, *Terras do sem fim* (Livraria Martins Editora, SP, 1943) (Gattai, 1986, p. 46).

De imediato, destaca-se o reconhecimento da emergência da saída de Amado do país, localizando-o como um exílio forçado. Além disso, destaco a afirmação de que *Terras do sem fim* está localizada inteira em 41.

Posteriormente, em *Conversando com Jorge Amado* (6) [1990], leio Alice Raillard indagando Jorge Amado a respeito do “autoexílio” que aqui interessa; ao

perguntar se houve alguma obrigatoriedade quanto a deixar o Brasil em 1941, o escritor responde:

Fui expressamente obrigado. As dificuldades, eram grandes, a situação se agravava muito em 39. Em 39, Vargas fizeram um série de discursos em Minas Gerais, onde posição, colocando o Brasil praticamente ao lado do Eixo, das forças nazifascistas. Desde então a repressão, muito violenta, foi um momento em que o PC foi praticamente aniquilado, houve torturas e prisões em massa. Nos 39-40, eu era preso sem cessar – a todo momento, fosse pelo 7 de setembro, pelo 1º de maio, em todas estas datas eram detidas quantidades enormes de pessoas a fim de garantir a ordem. E em 41, diante da decisão de escrever um livro sobre Prestes e da impossibilidade de fazê-lo no Brasil, fui para a Argentina, onde fiquei, sem passaporte. Deixei o Brasil sem quaisquer papeis, atravessei a fronteira e ali fiquei. Eu sequer tinha uma identidade. E lá, assim que cheguei, comecei a atuar politicamente; aliás, para mim era impossível retornar ao Brasil. Lá, eu escrevi (Amado, 1990 *apud* Raillard, 1990, p. 125).

Esse depoimento desencontra a consideração mais “amena” elaborada pelo o autor na entrevista em que disse: “Em 41, conversando com pessoas, gente do Partido, decidi escrever um livro sobre Prestes. Já pensando em uma campanha pela anistia. Como eu não tinha o material necessário aqui, eu saí do Brasil” (Gomes, 1981, p. 19); pois lá, em “Entrevista Biográfica”, faz acreditar que sua saída do país fora motivada pela ausência de material para o livro de Prestes, e não também porque o regime do Estado Novo o impossibilitava de continuar tranquilo no Brasil. Seguindo, quando indagado acerca do objetivo de escrever *O Cavaleiro da Esperança*, Jorge Amado responde:

O objetivo fundamental era apoiar uma campanha em favor da anistia – a anistia de Prestes, que estava preso e fora condenado, e a anistia de todos os prisioneiros políticos e exilados. Quando decidi ir para Argentina, este movimento estava apenas no início. Terminou se afirmando como movimento pela democratização e como movimento antinazista (Amado, 1990 *apud* Raillard, 1990, p. 125).

Alice Raillard insiste em colher depoimentos sobre o exílio e, questionado a respeito de seus relacionamentos, Jorge Amado diz:

Os exilados se encontravam lá, na Argentina, no Uruguai; formavam um grupo importante. Havia vários tipos de exilados. Exilados do PC, ou ligados ao PC, que em geral eram ex-oficiais. Sim, a maioria eram oficiais do exército que haviam participado do putsch de 35 e deixaram o Brasil em dado momento para participar da guerra da Espanha, oficiais que foram liberados durante seus processos, antes do julgamento, e que figuram do Brasil para a Argentina – havia o major Costa Leite, havia um grupo bastante grande.

Também havia civis, membros do Partido, mas pouco numerosos; alguns se encontravam ali porque haviam sido condenados no Brasil e fugiram. Enfim, alguns eram simpatizantes, militares ou não, que haviam sido membros da ANL, mas que não eram membros do Partido, e eles também participavam de toda a vida política, que era muito intensa. Havia uma vida política intensa. E havia um outro grupo, de exilados liberais, entre os quais se encontrava Júlio Mesquita, prestigioso personagem, que estava ligado a Armando Salles de Oliveira. Eram pessoas de São Paulo que tinham apoiado a candidatura de Armando à presidência – Armando Salles estava nos Estados Unidos, Júlio Mesquita estava no Uruguai, e mantive com ele excelentes relações. Eu, um membro do Partido, frequentava o grupo de Armando Salles. Durante a guerra, fui o contato entre eles e o Partido.

Assim que fiquei e me misturei a essa gente, travei relações de amizade com Júlio Mesquita Filho e com Julinho Mesquita, diretor e proprietário de *O Estado de São Paulo*, jornal apreendido por Vargas. Mais tarde, seus legítimos proprietários retomaram posse do jornal. E permaneci amigo de Júlio Mesquita até o fim de sua vida. Quando ele morreu, mandei um telegrama à família dizendo que ele fora um homem do qual se podia ser ao mesmo tempo adversário político e amigo (Amado, 1990 *apud* Raillard, 1990, p. 126-127).

Por fim, Raillard (1990, p. 171) pergunta: “Você acha que o fato de ter ficado vários anos sem escrever romances e de estar exilado teve influência sobre a violência de *Terras do sem fim*?”. Eis que o escritor responde:

Fui para a Argentina, escrevi o livro sobre Prestes, não parei de escrever, mas eu estava num contexto tão intenso de atividade política que não me sobrava tempo para a ficção. No momento exato em que foi lançado o livro sobre Prestes, isto é, quando o engajamento político que me fizera deixar o Brasil e ir para a Argentina e o Uruguai terminou, eu respirei. No Uruguai sentei-me diante da máquina de escrever e de um lance fiz *Terras do sem fim* (Amado, 1990 *apud* Raillard, 1990, p. 172).

Assim, vê-se a relevância que essa entrevista traz às indagações a respeito do período do exílio, uma vez que não se restringe, aqui, a informações soltas ou descontextualizadas do período, mesmo que o Acervo tenha uma outra, ou outras, histórias para contar.

Seguindo, em *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3) [1992], vê-se, de saída, assim como em *Jorge Amado: vida e obra* (4), registros relacionados a *Sinhô Badaró* e *Agonia da noite*:

1939 – Deixa a revista “Dom Casmurro”. Publica capítulos de um romance que inicialmente se chamaria *Sinhô Badaró* que posteriormente passa a se chamar *Terras do sem fim*. (Dez.)

1940 – Começa a escrever *ABC de Castro Alves*. O 1º capítulo sai na revista “Diretrizes”, de fevereiro, com texto de apresentação do Editorial da revista. Tempos depois, a revista foi várias vezes apreendida.

O jornal “A notícia” anuncia como próximo livro do escritor o romance *Agonia da noite*, o que não acontece (Rubim; Carneiro, 1992, p. 38).

Quanto a 1941 e 1942, especificamente, o compêndio traz os seguintes dizeres:

1941 – É publicado em Ilhéus, de autoria de Jorge Amado, o livreto de 26 páginas intitulado *Castro Alves, o lírico*, estudo crítico e biográfico lido no ginásio Municipal de Ilhéus em 1940, na edição “Vamos ler!”, pela Empresa A Noite.

Conclui *ABC de Castro Alves*, entrega os originais à Livraria Martins Editora que passa a ser a editora exclusiva de seus livros. (mar.)

Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa campanha pela anistia. Sai do Brasil em busca de material para o livro. Vive entre 1941 e 1942 na Argentina e no Uruguai, pesquisando.

É lançado o *ABC de Castro Alves*, em São Paulo, pela Livraria Martins Editora. Inicialmente sua venda é proibida, mas com o compromisso de não divulgá-lo, o seu editor consegue liberá-lo. Na ocasião do lançamento, o autor encontra-se em Buenos Aires, onde colabora com o jornal “La Crítica” e na revista “Sud”. (ago.)

Adaptação radiofônica de *Mar morto* em espanhol, pela Rádio El Mundo, em Buenos Aires.

O livro sobre Prestes é concluído na Argentina com o título de *A Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. À medida que vai escrevendo, Pompeu Acioli Borges faz a tradução simultânea para o espanhol.

1942 – Continua em Buenos Aires, onde vive às custas de suas colaborações em periódicos. Publica *A Vida de Luís Carlos Prestes* pela Editora Claridad, de Buenos Aires. Mesmo em espanhol, o livro era muito vendido no Brasil, onde entrava clandestinamente. Era vendido no câmbio negro e sua posse dava cadeia. (jun.)

Em São Paulo é publicado o livro *Brandão entre o mar e o amor*, pela Livraria Martins Editora.

Começa a escrever *Terras do sem fim*, em Montevidéu. (ago.)

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, decide voltar a seu país, desembarcando em Porto Alegre, onde é preso e enviado ao Rio de Janeiro. (8 de set.)

No Rio, é solto, mas enviado pela polícia para Salvador, onde fica confinado. (nov.)

*Mar morto* é lançado em inglês, pela Houghton & Muffin, Boston, EUA (Rubim; Carneiro, 1992, p. 39).

*Jorge Amado 80 anos de vida e obra* (3) surpreende pela quantidade de dados biográficos a respeito dos anos do exílio. Fator que se justifica, a meu juízo, em razão de sua proposição em organizar-se como um subsídio de pesquisa, por isso, socializa informações sobre todos os períodos da vida do autor. Lembro que a indicação de referências bibliográficas das autoras do livro é tão somente a Fundação Casa de Jorge Amado, o que me faz supor: i) estes são os esclarecimentos que a instituição tem conhecimento; ou ii) estes são os esclarecimentos que se quiseram ser vistos pela Fundação (tendo em vista a lógica do arconte em organizar cisões e recortes aos acervos).

Com Itazil Benício, em *Jorge Amado: retrato incompleto* (5) [1993], efetiva-se um verdadeiro apagamento de 1941 e 1942. Isso porque o autor simplesmente ignora a ida de Jorge Amado ao exterior e, para não dizer que não cita em nenhum momento esse intervalo de tempo, menciona: “Depois de *Capitães da areia* (1937), só em 1942 viria a publicar outro romance, *Terras do sem fim*, que seria seguido por *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Seara vermelha* (1946)” (Santos, 1993, p. 137). Que dizer, além de não fazer referência alguma ao exílio, apresenta dados errados, já que *Terras do sem fim* foi publicado em 1943 e não em 1942.

Rápida e sintética, por sua vez, é a passagem que *Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado* (12) [1997] oferece ao leitor:

1941 Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa possível campanha por sua anistia. Viaja para o Uruguai a fim de recolher material; também faz pesquisas sobre o tema na Argentina. Lança *ABC de Castro Alves*, que marca o início de seu contrato com a Livraria Martins Editora, de São Paulo (seus últimos livros vinham saindo pela José Olympio).

1942 Publica em Buenos Aires *A vida de Luís Carlos Prestes*. Embora editado em espanhol, o livro é vendido clandestinamente no Brasil. Volta ao país, mas é preso ao desembarcar em Porto Alegre. De lá é enviado para o Rio. Não permanece, porém, na então capital federal: a polícia decide despachá-lo para Salvador, onde fica confinado (Cadernos, 1997, p. 12-13).

Destaco, desse excerto, a sugestão de que Jorge Amado decidiu, por si, escrever a biografia de Prestes. Além disso, também é relevante chamar atenção para a indicação da ida do escritor ao Uruguai com períodos de pesquisa na Argentina, pois essa informação se mostra equivocada quando comparada aos dados do Acervo, que indicam a partida inicial à Buenos Aires e não ao Uruguai.

Em *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (7) [2002], há as seguintes anotações de Zélia Gattai (2012, p. 12-14) no seu “Ai, que saudades de Jorge!”:

Jorge achava-se ilegalmente entre nós. Viera da Bahia, onde fora confinado, havia dois anos, proibido de sair da cidade sem autorização da polícia, sob pena de voltar para o xadrez, coisa que ele conhecia demais e não gostava, claro.

Estivera dois anos exilado na Argentina e no Uruguai, depois de ser preso por suas ideias políticas, sua luta pela liberdade de pensamento e contra o nazifacismo. [...]

Jorge Amado encontrava-se exilado na Argentina e no Uruguai. Lá escrevera *Vida de Luís Carlos Prestes*, que depois recebeu o título de *O Cavaleiro da Esperança*, e *Terras do sem fim*. O livro sobre Prestes só fora editado em espanhol. Em português, nem pensar! Qual editor que se arriscaria, no Brasil,



a ter a edição apreendida? Os livros em castelhano entravam clandestinamente. Paulo mendes conseguiu um exemplar, me emprestou e eu, sem nunca ter falado nem lido espanhol, li o livro todo traduzindo para mamãe. Admiradora de Jorge Amado, assombrada ao ver meu desembarço na tradução, de vez em quando mamãe me interrompia: — Você está inventando... nunca falou espanhol... como é isso?

Ao saber que Getúlio Vargas apoiara os americanos contra o eixo nazifascista, Jorge e o grupo de amigos, também exilados, decidiram voltar para o Brasil. Diante da nova situação, nada de mal lhes poderia acontecer; ao contrário, deviam até ser bem recebidos, poderiam colaborar na luta, ajudar a liquidar de vez aquela guerra odiosa.

Bem recebidos? Foi o que logicamente imaginara. Embora o governo tivesse apoiado os aliados, o regime brasileiro ainda não mudara e, ao chegar a Porto Alegre, Jorge foi preso. Levado de trem, um tira ao lado, viajou até o Rio de Janeiro, indo direto para a Casa de Correção, onde permaneceu três meses. Daí o enviaram à Bahia, como residência obrigatória, sem permissão de sair da cidade. Em Salvador, retomou sua atividade jornalística, colaborando no jornal *O imparcial*, com uma longa série de crônicas sobre a guerra, escreveu ainda um romance, *São Jorge dos Ilhéus*, e iniciava outro, *Bahia de Todos os Santos*, quando, no final de 1944, viajou para São Paulo.

Destaco, dessa passagem, a contextualização elaborada por Zélia de um período anterior a seu relacionamento com o autor, indicando um possível acompanhamento da “fã” ciente dos passos do grande autor por quem se dizia admiradora. Por outro lado, edifica-se o discurso da esposa que detém conhecimento “do todo” da vida do marido, com destaque para a desenvoltura com que aborda essas passagens da vida do Jorge Amado, como se estivesse ciente do todo vivido. Quer dizer, segura de que o que está falando realmente ocorreu.

*Jorge Amado* (17) [2003], por seu turno, traz informações sobre o período, todavia, sem precisar o espaço de tempo. A obra localiza os acontecimentos descritos nos anos de 1940, dando a entender que o narrado se deu no início da década:

Colaborador assíduo de jornais e revistas, publica o primeiro capítulo de *ABC de Castro Alves*, em 1940, nas páginas da revista *Diretrizes*, da qual é redator-chefe. Sempre perseguido pela polícia de Vargas, decide exilar-se no Uruguai e depois na Argentina, onde escreve a biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes. Publicado com o título de *Vida de Luiz Carlos Prestes: el Caballero de la Esperanza*, o livro atravessa a fronteira e passa a ser vendido clandestinamente no Brasil.

Jorge Amado, confiando que a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial diminuiria a pressão sobre os comunistas, resolve voltar ao seu país. Mas, ao desembarcar em Porto Alegre, mais uma vez é preso, enviado ao Rio de Janeiro e, após alguns meses, intimado a viajar para a Bahia, onde ficaria confinado em prisão domiciliar (Fraga. 2008, p. 18).

*Jorge Amado – uma cortina que se abre* (18) [2007], como informado na seção anterior, finda suas considerações em 1939, sendo as informações da sua obra

pertinentes para o contexto desta investigação, com destaque à Matilde Garcia Rosa, seja em descrição ou compartilhamento de fotografias.

Em *Caderno de Leituras – a literatura de Jorge Amado* (13) [2008] registra-se:

[...] e entre 1941 e 1942 exilou-se no Uruguai e na Argentina, onde escreveu a biografia de Luís Carlos Prestes, *O cavaleiro da esperança*, publicada originalmente em espanhol, em Buenos Aires, e proibida no Brasil. Ao retornar ao país, foi detido pela terceira vez, agora em regime de prisão domiciliar, na Bahia. Em 1943, escreveu para a coluna “Hora da guerra”, nas páginas de *O Imparcial*. No mesmo ano, o romance *Terras do sem-fim* foi o primeiro livro a ser publicado e vendido depois de seis anos de proibições às obras do autor (Goldstein, 2008, p. 82).

Seguindo, o segundo volume do projeto, *Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado* (14) [2009], traz os seguinte registros:

A primeira adaptação de um romance de Jorge Amado no exterior aconteceu no ano de 1941, quando *Mar morto* se tornou uma radionovela na Radio El Mundo, da Argentina — e que ajudou os argentinos a entender um pouco mais seus vizinhos brasileiros. Dez anos mais tarde, consequência das fortes ligações de Jorge com o movimento comunista internacional, *O cavaleiro da esperança* se tornou uma radionovela na rádio oficial da Tchecoslováquia. Mas a essa altura a literatura de Jorge Amado estava presente muito além das fronteiras do socialismo (Castello, 2009, p. 17).

Um exemplo eloquente dessas novas “tarefas” que o escritor encampou em seu trabalho foi a biografia romanceada de Luís Carlos Prestes, líder maior dos comunistas brasileiros, que se encontrava preso desde 1936 (solto apenas nove anos depois). Escrito entre 1941 e 1942, trata-se de um verdadeiro libelo pela anistia de Prestes e outros presos políticos, funcionando ao mesmo tempo como um culto aos mais altos valores desses seres “feitos de outro barro” que eram os comunistas [...] (Rossi, 2009, p. 29).

Em 1941, em pleno Estado Novo, Jorge Amado viaja à Argentina e ao Uruguai, onde pesquisa a vida de Luís Carlos Prestes, para escrever a biografia publicada em Buenos Aires, em 1942, sob o título *A vida de Luís Carlos Prestes*, rebatizada mais tarde *O cavaleiro da esperança*. De volta ao Brasil, é preso pela terceira vez e enviado a Salvador, sob vigilância. Em junho de 1941, os alemães invadem a União Soviética. Em dezembro, os japoneses bombardeiam a base norte-americana de Pearl Harbor, e os Estados Unidos declaram guerra aos países do Eixo. Em 1942, o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial, ao lado dos aliados. Jorge Amado colabora na *Folha da Manhã*, de São Paulo, torna-se chefe de redação do diário *Hoje*, do PCB, e secretário do Instituto Cultural Brasil-União Soviética. No final desse mesmo ano, volta a colaborar em *O Imparcial*, assinando a coluna “Hora da Guerra”, e em 1943 publica, após seis anos de proibição de suas obras, *Terras do sem-fim* (Schwarcz; Goldstein, 2009, p. 29).

Como se vê, o fato da obra ser resultado de um conjunto de seções, permitiu que os anos em foco fossem citados em mais de uma ocasião, trazendo discussões muitíssimos pertinentes sobre esse entorno.

Adiante, em *A odisseia de Jorge Amado* (8) [2012] lemos:

Viaja agora a outro País, belo Uruguai;  
Buscando mais inspiração, vai à Argentina;  
Traça o roteiro de uma obra pequenina,  
Pensa feliz no rosto meigo do seu pai...

O Luiz Carlos Prestes, mestre que não cai,  
Senhor maior de toda a luta campesina,  
Ganha destaque pela vida clandestina;  
História plena de quem sabe aonde vai...

Jorge a ira feroz dos governantes,  
Volta a ser preso, em Salvador é confinado,  
Sente-se fraco, espera os beijos das amantes,

Jovem que sofre no porão abandonado...  
— Em sonho gera outro romance e seus rompantes:  
Vem lá das *Terras do sem fim* novo bordado...

(Piligra, 2012, p. 64, grifos meus).

Embora os versos narrem a ida do escritor à Argentina e ao Uruguai, não há data indicativa, o que não contextualiza objetivamente o episódio, sem contar a escolha vocabular, que sugere o afastamento como mera viagem. Ainda, mesmo não precisando o recorte temporal, seu autor ocupa-se a registrar a prisão de Amado quando no seu retorno, o que poderia suggestionar a um leitor mais atento a questão político-partidária envolvida no afastamento. Por fim, chamo a atenção para o registro sobre *Terras*, que dá a entender o romance como produção posterior do retorno ao Brasil.

*Jorge, o amado escritor* (19) não traz citação específica acerca do período pesquisado.

*Jorge Amado – uma biografia* (20) dedica um capítulo com 14 páginas para narrar 1941-1942. Destaco as informações mais pertinentes, a meu juízo, acerca do período em foco:

Jorge se lembrava de ter deixado o Brasil às pressas, sozinho e sem documento para cruzar a fronteira — seu passaporte, no entanto, registra pedido de visto em 3 de junho de 1941. [...] Levava uma carteira profissional do jornais *A noite* com permissão para entrar nos Estados Unidos em 1941, no que parece ser algum tipo de plano extra. [...] Em Buenos Aires, Jorge não só escrevia a salvo da prisão. Encontrava gente importante para seu novo projeto. Contar a história do principal líder comunista brasileiro preso era “a tarefa possível a um romancista na militância”, como justificaria. O livro funcionou como parte da campanha internacional em favor da anistia de todos os presos políticos, um movimento

que também operava pela redemocratização. Ao contrário do que muitos pensavam, a ideia não nascera do partido, e sim de Jorge, dedicado a projetos biográficos e confiante na comoção nos leitores que buscava. Quem confirmava essa informação três décadas depois era o próprio Prestes. [...]. Entre os depoimentos que colheu, incluem-se os de Rodolfo Ghioldi, um dos principais nomes do comunismo da América hispânica, que participou da Intentona Comunista; Teresa Kelman, da campanha pró-liberdade; Rosa Meireles, que colocou à disposição seu arquivo sobre tenentismo de 1922 a 1930; o major Costa Leite, que faria a apresentação do livro sobre Prestes. Por carta recebeu depoimentos de gente como Juarez Távora e Flores da Cunha, e documentos jurídicos do advogado Sobral Pinto para reconstruir a vida na prisão. “Quase um trabalho coletivo”, como definiu. A correspondência se dava por vezes usando codinomes e códigos, para confundir a censura. Ainda assim foi avisado de que seu endereço estava ficando por demais conhecido. [...]

[...] Como Jorge confidenciou ao tenente Antônio Bento Monteiro Tourinho, em 4 de dezembro: “A minha maior dificuldade é reunir material aqui. Com um esforço filho da puta consegui muita coisa, mas ainda me falta muito”.

Jorge sentiu que estava na reta final em 28 de dezembro. Que com 360 páginas prontas, projetava mais cem. Terminaria com 550 páginas. Anotou no fim do livro que o último dia de escrita foi 3 de janeiro de 1942, data do aniversário de Prestes. Provavelmente artifício de romancista, pois, para tanto, precisava ter cumprido quase duzentas páginas em cinco dias.

Pompeu Accioly Borges, outro companheiro de militância no exílio, traduzia a obra para o espanhol conforme Jorge a escrevia. Claridad, editora argentina de esquerda fundada por Antonio Zamora, que se tornara um sucesso com edições populares, fechara contrato para vendê-lo em todos os países de língua espanhola.

Na operação biográfica, Jorge trocou o hotel Pension Carioca por instalações um pouco mais cômodas. Passou a ocupar uma chácara no subúrbio portenho de Santos Lugares. Anos mais tarde, comemoraria com Ernesto Sabato a coincidência de terem vivido na mesma localidade. Diziam que a casa era a mesma, no entanto Jorge ficou no número 1149 da calle Bonifacini, enquanto Sabato, no 3135 da Langeri.

No exílio na foz do rio da Prata não estava sozinho, e não era segredo. Vivia com outra mulher, Maria, uma brasileira que passou a assinar com o sobrenome Amado. A pedido seu, respondia cartas que chegavam para ele, convites para conferências e entrevistas na imprensa local. Os amigos, quando escreviam a Jorge, enviavam saudações a ela. Maria Amado era uma paranaense tão militante quanto ele, somavam à paixão amorosa a luta política. Não se deve deixar de notar uma misteriosa dedicatória que deixara no *seu ABC de Castro Alves*, “a uma mulher que está me dando muita alegria”. Não é difícil imaginar que estivesse no exílio quando enviou ao editor a dedicatória. Intrigante é pensar que Matilde a tivesse lido sem desconfiar de nada.

A notícia de que encontrara um amor novo chegou ao pai no Rio. João Amado, embora carregasse seu próprio histórico de aventuras extraconjugais, de imediato embarcou Matilde e Lila para encerrar o caso. Quando as duas alcançaram Jorge nas primeiras semanas de 1942, ele vivia já em Montevidéu, em busca de condição política mais favorável. O endurecimento da ditadura o fez sair da capital portenha e também o afastara de sua agora ex-mulher Maria Amado, que em poucos meses estaria vivendo com um amigo de ambos, também militante exilado. De pronto, ambos, Maria e o novo companheiro, esclareceram que só tinham se aproximado depois do rompimento com Jorge. Com o amigo a troca de cartas se manteve; ela, no entanto, encerrou a conversa em 21 de maio: “Essa é a última vez que lhe escrevo. Parece que não nos compreendemos nem mesmo por carta”. Chamava de “estúpida trindade” a lei, a igreja e a sociedade pela importância que

davam ao casamento formal acima de qualquer compromisso. O amigo esclareceu a Jorge, em 22 de maio: “Estou convencido de uma coisa: amo a Maria muito mais do que ela pode querer e mesmo do que venha algum dia a querer-me. Me contentaria com que ela gostasse de mim como gostou de você. E isso, de qualquer modo, lhe deve ser agradável de ouvir”. [...]

Colaborou esparsamente com a imprensa dos dois países, foi convidado para eventos em centros feministas e israelitas, em grupos pela paz e de exilados portugueses. Escreveu artigo, conferência, peça de teatro não encenada, prosa poética e versos que tratavam de personagens tão díspares quanto Lampião, o barqueiro do São Francisco e o porto de Tocopila.

Duas colaborações foram as mais importantes. No jornal *La Razón*, de Montevideú, escreveu, em 25 de fevereiro de 1942, sobre o suicídio do escritor Stefan Zweig, dois dias antes em Petrópolis. Na *Sur*, de Buenos Aires, dirigida pela escritora Victoria Ocampo e a mais prestigiosa revista cultural argentina, explicou a diferença entre a sua geração de 30 e a dos modernistas na edição de fevereiro de 1942. A escritora argentina Maria Rosa Oliver, uma comunista que atuava na *Sur*, serviu de ponte. [...]

Colaborações eventuais não eram suficientes para Jorge sobreviver. Contou que pretendia ir para a Colômbia a um amigo que o achou “desanimado, pessimista” por causa da falta de emprego. As coisas de longo curso, porém, andavam. Editor dedicado a autores de língua portuguesa e espanhola, Lewis C. Kaplan tentava autorização para traduzir *Mar morto* e *Jubiabá* para o inglês. Havia outro pedido, esse para uma antologia de autores latino-americanos pela Houghton Mifflin. *Mar morto* saía pela Claridad e se tornava radionovela pela Radio El Mundo. *ABC de Castro Alves* era traduzido para o espanhol por Carmen Alfaya, mulher de Rodolfo Ghioldi e uma das prisioneiras na Frei Caneca, ao lado de Graciliano e Olga Benário, após o fracasso da Intentona de 1935. [...]

Um romance, *Agonia da noite*, um livro de poemas e uma peça de teatro se conservavam inéditos. Informava que, àquela altura, trabalhava em *São Jorge dos Ilhéus*. Quem assinava o trecho de destaque na capa do livro era Gabriela Mistral, poeta, diplomata e feminista chilena que seria agraciada com o Nobel em 1945: “Primeiro romancista do Brasil e talvez da América Latina, um mestre de trinta anos, com muitos livros não somente maduros como também inesperados. Em toda literatura brasileira não há coisa mais rica de brasilidade e na América do Sul não há caso de homem escritor tão fiel a seu povo”. [...]

Matilde e Lila se foram em agosto. Quando o amigo Samuel Wainer lhe escreveu para avisar que as duas haviam chegado bem ao Rio, também deu a notícia de que o Brasil acabara de entrar na guerra contra os nazifascistas (Aguiar, 2018, p. 160-171).

Como se vê, de longe, o registro de *Jorge Amado – uma biografia* (20) se sobressai em relação aos demais. No capítulo, lê-se que o escritor deixou o Brasil em junho de 1941, com documento algum, senão uma carteira profissional do jornal *A noite*. Rumou para a capital argentina, onde se manteve a salvo para a produção da biografia de Prestes, cuja idealização foi tão e somente pessoal, segundo a autora, Joselia Aguiar. Ainda, encontramos-nos com nomes como Rodolfo Ghioldi, Teresa Kelman, Rosa Meireles, Juarez Távora, Flores da Cunha, Antônio Bento Monteiro Tourinho, Pompeu Accioly Borges, Samuel Wainer e Antonio Zamora. Acessamos, também, comentários do próprio Amado acerca das dificuldades para a redação da

biografia, soubemos seus endereços de moradia, as revistas onde publicou, e alguns destinatários para quem escreveu cartas. Ainda, registrou-se a presença de Maria como sua companheira no exílio, embora Matilde e Lila também o acompanharam, só que em 1941, em Montevideu. Alguns de seus escritos literários também foram citados, de modo que o vimos sendo citado como escritor de prosa poética.

*Jorge Amado: meu tio* (9) inicialmente fala da biografia de Prestes sem localizar data, incluindo a redação da obra em um parágrafo cujo contexto dá a entender que Jorge estava em São Paulo quando produziu a obra, cito:

Outro fato importante nessa temporada paulistana foi sua participação no I Congresso dos Escritores, em que foi chefe da delegação baiana. Mas também assumiu a chefia do jornal Hoje, do Partido Comunista, colaborou com artigos para a Folha da Manhã e publicou *O Cavaleiro da Esperança*, biografia de Luís Carlos Prestes – um livro encomendado, de pouca importância literária (Amado, 2021, p. 125).

Especificamente na década de 1940, seu envolvimento com a política e com a causa partidária era enorme – ele praticamente vivia em função das tarefas a ele delegadas pelo PBC (Amado, 2021, p. 145).

Mas isso muda na década de 1940, quando se filia ao Partido Comunista e passa a ter uma militância efetiva. A ponto de irradiar essa militância na sua obra. Especificamente quatro obras refletem essa militância: *O ABC de Castro Alves*, *O Cavaleiro da Paz* (biografia de Luís Carlos Prestes), *O Mundo da Paz* e *Subterrâneos da Liberdade*. São livros importantes porque se consolidam como documentos de uma época e de um pensamento. Mas nada mais. Literariamente, é seu pior momento. Opinião que ouvi dele mesmo algumas vezes e completamente endossada por mim. Nessas obras não se pode dizer que ele foi desonesto, mas não teve liberdade. A militância sufocou sua literatura (Amado, 2021, p. 257).

Desta última passagem, o registro do equívoco do título do livro e a consideração acerca do cerceamento de liberdade para e na produção, à época como militante.

#### 4.3 SEIS DÉCADAS PERSONAGEM: JORGE AMADO EM (DES)ENCONTROS

Findado o mapeamento recém cumprido, destaco inicialmente a pertinência do contexto do espaço biográfico (Arfuch, 2010) para a factualidade da leitura legítima de todas as 20 materializações biográficas, no sentido de não ocuparem categorias secundárias de classificação em razão de algumas de suas construções transbordarem os limites das formas do cânone. Quanto aos excertos reproduzidos,

vê-se que muitas informações não são consensuais entre as obras biográficas em questão. As divergências iniciam desde o reconhecimento do episódio 1941-1942 como um exílio, já que determinadas publicações sequer o consideram como tal, ou até mesmo não o consideram nada, dado a não menção a esse intervalo temporal. Ilustro: i) “transfere-se para a Argentina”; ii) “muda-se para a Argentina”; iii) “Vive entre 1941 e 1942 na Argentina e no Uruguai, pesquisando”; iv) “Viaja agora a outro País, belo Uruguai/ Buscando mais inspiração, vai à Argentina”; dizem tanto as obras que se inserem no grupo das edições comemorativas da obra de Amado (1,2,3) quanto o livro-poema (8) de sua odisseia.

O interessante, nesse sentido, é que essa “amenidade” na descrição do exílio está presente em livros com diferentes propósitos e públicos, isto é, se não espanta *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) e *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2) localizarem os anos supracitados como “transferência” e “mudança”, o mesmo não ocorre quando *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3) diz apenas que o escritor “vive” pesquisando na Argentina e no Uruguai. Isso porque os dois primeiros textos inserem-se num contexto mercadológico e não escondem seu propósito de venda, são “edições comemorativas” afinal de contas. No entanto, o mesmo não se dá na proposta da terceira obra, que foi elaborada com o intuito de atender a pesquisadores especializados na produção intelectual e na vida do escritor. É verdade que esse livro continua trazendo a mais completa fonte de informações quantitativas em relação ao período, mas, por outro lado, com escolhas de registro como a citada, peca em diminuir (ou em não deixar claro) o contexto da partida de Jorge Amado. Quando busco a informação em *Caderno de Leituras – a literatura de Jorge Amado* (13), todavia, há o registro explícito movimento de expatriação: “[...] e entre 1941 e 1942 exilou-se no Uruguai e na Argentina, onde escreveu a biografia de Luís Carlos Prestes, *O cavaleiro da esperança*, publicada originalmente em espanhol, em Buenos Aires, e proibida no Brasil.” Aqui, especialmente, nessa obra dedicada ao trabalho em sala de aula, há a marcação latente da emergência do exílio para a produção da obra, em razão da proibição de circulação.

Também ganham destaque os dados referentes à produção criativa do autor em 1941-1942. Vê-se que, majoritariamente, há menções a dois romances nesse

período, *Terras do sem fim* e *Agonia da noite*. O primeiro, sem dúvidas, é o que mais gera dissenso entre as narrativas de vida, na medida em que diferentes considerações são apresentadas sobre esse livro, como em: i) “*Sinhô Badaró* se editaria em dois volumes, com títulos diferentes: *Terras do sem fim* (1942) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944)”; ii) “só em 1942 viria a publicar outro romance, *Terras do sem fim*”; iii) “No Uruguai sentei-me diante da máquina de escrever e de um lance fiz *Terras do sem fim*”; iv) “Jorge Amado encontrava-se exilado na Argentina e no Uruguai. Lá escrevera [...] *O Cavaleiro da Esperança* e *Terras do sem fim*”; v) “No Uruguai terminei *Terras do sem fim*”; vi) “Um romance, *Agonia da noite*, um livro de poemas e uma peça de teatro se conservavam inéditos. Informava que, àquela altura, trabalhava em *São Jorge dos Ilhéus*”.

Estas passagens, respectivamente de *Jorge Amado: vida e obra* (4), *Jorge Amado: retrato incompleto* (5), *Conversando com Jorge Amado* (6), *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (7), *Jorge Amado: Literatura comentada* (11) e *Jorge Amado – uma biografia* (20), registram o fato de que o processo de escritura desse romance é controversa até mesmo nos depoimentos do próprio escritor, considerando-se que ele localiza o Uruguai tanto como local de elaboração total do livro quanto como local de término do livro, abrindo precedente para se questionar, portanto, o início dessa produção.

Além de *Jorge Amado – uma biografia* (20), *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3), e *Jorge Amado: vida e obra* (4) também mencionam a elaboração de uma publicação que se chamaria *Agonia da noite*, mas que acabou não sendo lançada: i) “*Agonia da noite*, um romance introspectivo [...], não seria publicado”; ii) “O jornal ‘A notícia’ anuncia como próximo livro do escritor o romance *Agonia da noite*, o que não acontece”.

Ainda no que toca à produção literária de Jorge Amado entre 1941 e 1942, novamente *Jorge Amado – uma biografia* (20) traz mais colaborações: cita os poemas *O barqueiro do São Francisco* e *Porto de Tocopila* como escritos de Amado. Seguindo, quanto à biografia de Prestes, nota-se que não há unanimidade entre as narrativas, a exemplo de: i) “O objetivo fundamental era apoiar uma campanha em favor da anistia”; ii) “Escreve a biografia *A vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, cuja tradução vai sendo feita simultaneamente, capítulo a capítulo, por Pompeu Acióli



Borges”; iii) “Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes [...] Viaja para o Uruguai a fim de recolher material; também faz pesquisas sobre o tema na Argentina”; iv) “1941 – O agravamento da situação política no País força-o ao primeiro exílio (dois anos), no Uruguai e na Argentina. Escreve *Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, que não pode publicar no Brasil, v) “Decide exilar-se no Uruguai e depois na Argentina, onde escreve a biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes”; vi) “Um exemplo eloquente dessas novas ‘tarefas’ que o escritor encampou em seu trabalho foi a biografia romanceada de Luís Carlos Prestes [...]. Escrito entre 1941 e 1942, trata-se de um verdadeiro libelo pela anistia de Prestes e outros presos políticos”; vii) [...] colaborou com artigos para a Folha da Manhã e publicou *O Cavaleiro da Esperança*, biografia de Luís Carlos Prestes – um livro encomendado, de pouca importância literária”.

Tais passagens, de *Conversando com Jorge Amado* (6), *O baiano Jorge Amado e sua obra* (10), *Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado* (12), *Jorge Amado – Fotobiografia* (16), *Jorge Amado* (17), *Caderno de Leituras – o universo de Jorge Amado* (14), a *Jorge Amado, meu tio* (9), mostram que há diferentes marcações de intenções e motivações a respeito da elaboração da biografia. Enquanto o primeiro excerto (6) é de Jorge Amado afirmando que redigiu a obra em função de uma tarefa política, pois objetivava a anistia de Prestes, o fragmento seguinte (10) deixa em aberto a intenção da elaboração da biografia, mas registra, por seu turno, que foi traduzida simultaneamente por Pompeu Acciolly Borges. Já o terceiro recorte (12), dá a entender que a ideia da biografia partiu do próprio escritor e afirma que Amado foi inicialmente para o Uruguai coletar material para a obra. O quarto excerto (16), por seu turno, é enfático acerca da emergência do exílio diante da perseguição política e, portanto, da inviabilidade de produção do livro de Prestes em território nacional, a próxima citação (17) ambienta a escrita do livro quase como acidental, em seguida, temos aquele que (14) envolve os exatos anos do exílio, bem como a tarefa da biografia como elemento fundamental para a campanha de anistia e, por fim, lemos a informação que desconsidera a importância literária da obra, além de dar a entender que esta fora escrita no Brasil (9).

Juntas, as considerações acima sobre *Vida de Luís Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* colocam minimamente duas importantes questões quando

se trata do Acervo Mala de Jorge Amado. A primeira, é a menção a Tomás Pompeu de Acioli Borges, pois esse é um nome recorrente nas correspondências do arquivo, mas, como visto, pouquíssimo citado nas narrativas de vida de Jorge Amado; as cartas presentes no material dão a entender que mais que uma relação profissional entre autor e tradutor, Jorge e Pompeu mantinham contato pessoal, eram amigos. A segunda, trata-se da informação de *Cadernos de literatura brasileira* (12) sobre a ida de Amado primeiro ao Uruguai, pois, segundo o cotejamento das correspondências do Acervo, afirmamos que o escritor morou em Buenos Aires em 1941 e só depois, já em 1942, transferiu residência para Montevidéu.

Finalmente, chamo atenção para o fato de somente *Jorge Amado – uma biografia* (20) ter registrado a presença de Matilde Garcia Rosa e de Lila no exílio com o escritor.

Assim, a partir das observações redigidas até então, é ponto passivo afirmar, pelo menos, oito questões: i) não é consenso entre as obras os anos de 1941 e 1942 serem tomados como um exílio político; ii) não existe acordo entre os livros sobre a ordenação de chegada de Jorge Amado na Argentina e no Uruguai, alguns localizam este como primeiro país em que o escritor desembarcou e outros marcam aquele como ponto de partida; iii) os dados sobre a elaboração de *Terras do sem fim* não são precisos, de modo que as informações acerca do período e do local de escritura do romance não coincidem nas produções biográficas; iv) menciona-se uma possível elaboração por parte de Jorge Amado de um romance que se chamaria *Agonia da noite*; v) Matilde Garcia Rosa foi mencionada uma única vez no contexto do exílio; vi) apenas Joselia Aguiar indica a presença de algum relacionamento amoroso no exílio, especialmente, fala em Matilde e Maria; vii) Tomás Pompeu de Acioli Borges, tradutor da biografia de Prestes, foi pouquíssimo citado nos textos, para ser precisa, o foi por três vezes; e viii) *Jorge Amado – uma biografia* (20) amplia as informações sobre o período e levanta o questionamento para o qual já temos resposta: teria esta obra fonte inédita de pesquisa? É, enfim, motivada por essas considerações que me proponho a elaborar minha narrativa biográfica de Jorge Amado em 1941 e 1942 a partir do Acervo a Mala de Jorge Amado no capítulo que se segue.

## 5 DESARQUIVANDO: CONTAR A VIDA

A ideia dessa construção narrativa era a de se aproximar da noção do fluxo de memórias, no sentido de marcar o ir e vir do pensamento. Embora isso não tenha sido efetivado totalmente na prática, a proposta foi pensada para ambientar a imprecisão da continuidade do viver nos saltos de registro. Assim, por exemplo, imaginei falar de um tópico e interrompê-lo para, mais adiante, retomá-lo. Nesse contexto, também, o uso dos discursos indireto e indireto livre foi pensado, com isso, quis trazer a representação da impossibilidade do dizer desses personagens no curso do tempo. Isto é, a não definição das falas, com travessões e afins, mesmo tímida (usei pouco) e pontual, quis marcar os silenciamentos comuns ao recorte em foco.

Quanto às datas, a proposta foi a de fazer uso de marcações “reais”, indicadas pelos documentos, juntamente com criações ficcionais a fim de se destacar a impossibilidade do controle temporal, bem como a permissividade ficcional intrínseca a elas. Por fim, para destacar as materialidades que não correspondem a minha criação, deixei em *itálico* aquilo que reproduzi textualmente do Acervo ou mesmo de outras fontes, como de citações do próprio Jorge Amado em outras obras.

## 5.1 GRAFIAS DO EXÍLIO, BAGAGENS DA VIDA

TEC, TEC. Pausa. TEC, TEC. Pausa. TEC, TEC. Pausa<sup>214</sup>. As compassadas batidas seguiam datilografando mais um dos romances em curso. Jorge Amado chamou-o *Agonia da noite*. Nenhum outro lhe ocorrera; também, é verdade, sequer precisaria que lhe ocorresse, afinal, que título melhor descreveria a história de um grupo de comunistas às voltas de um aparelho de rádio, em uma noite tempestuosa, na expectativa pelo sinal do Levante? Verdade é que a agonia não era só de Augusto, Dalva, Lopes, Mário, Heitor e companhia, a agonia era também de Jorge, pois já não seria a primeira vez que organizaria a pilha de papel que mantinha consigo (dessa vez Kraft), sentaria à máquina, conferiria a fita (agora preta) e continuaria a escrever essa história que imaginara ainda em março de 1939, no período em que esteve em Estância, cidadezinha do interior de Sergipe. O romance maturou por cerca de nove meses em sua cabeça, pois somente em dezembro daquele ano começou a passá-lo para o papel.

Efetivamente, escreveu os primeiros capítulos no Rio, no pequeno apartamento da Urca<sup>215</sup> em que morava com a esposa, Matilde Garcia, e a filha, Eulália Dalila, a quem chamavam de Lila. Começou registrando-o com aquela filha vermelha horrorosa que já estava na máquina, fosse uns anos mais tarde, devido à visão cansada, o início teria que esperar a ida à Mesbla<sup>216</sup> para a compra de nova tinta. De todo modo, o vermelho não vingou, porque Jorge deixou o romance sem continuação. Na verdade, não; não foi bem assim. Ocorre que o grupo não queria concluir sua história, não se manifestavam além da cena em que Heitor entendeu que não iria para o chamado, não estava pronto para morrer, porque *naquela noite de temporal não podia ver a grandeza do motivo da luta. Não enxergava os sem pão que deviam comer, os sem alegria que deviam ter alegria, os sem paz que deviam ter paz,*

---

<sup>214</sup> Por toda a vida Jorge Amado escreveu apenas com os indicadores.

<sup>215</sup> A informação sobre o apartamento na Urca foi retirado da obra de Josélia Aguiar (2018, p. 153): “Esses artistas eram recebidos no pequeno apartamento da Urca onde vivia com Matilde e Lila”.

<sup>216</sup> A Mesbla (Maison Blanche) foi uma tradicional rede de lojas de departamento brasileira fundada em 1912. Sua sede estava localizada no Rio de Janeiro. A empresa comercializava uma ampla variedade de produtos, incluindo roupas, eletrodomésticos, móveis, produtos de beleza e artigos para escritório, como as fitas para máquinas de escrever.

*os sem amor que estavam famintos de amor e bem mereciam ser amados. Só enxergava que a sua casa era boa, um porto na tempestade, que o vento passava em torno mas não entrava, que se derrubava folhas nas árvores da rua, não bulia nas flores dos jarros, que sua mulher era alegre quando era triste a noite, que ele tinha tudo e não podia perder nada disso, que a vida sempre fora assim e nada podia evitar que ela continuasse assim: uns com alegria, outros sem alegria. Que com certeza iria sofrer. Mas sofrer dores, feridas que magoariam a sua carne, pancadas talvez nas suas costas magras. Se não morresse seria depois um doente ou um inútil, cego ou aleijado, incapaz de qualquer maneira de gozar a vida em toda a sua plenitude. Principalmente ele sabia que doeria. Fosse ferida ou pancadas havia de doer. Tinha horror à dor física, pensava que era o que de pior podia acontecer ao ser humano. Não discutiu. Desde que a noite chegou tempestuosa ele sabia que não iria<sup>217</sup>. Jorge Amado então aguardava o desenrolar dos atos. De óbvio, apenas a certeza de que não se meteria, já que eram os personagens donos de seus próprios caminhos<sup>218</sup>. Às 5h59 de uma outra manhã que se mostraria ensolarada, finalmente, chamaram-no!, e lá foi ele sujar os polegares com a cor azul, quase roxa, que agora continha na fita; outra vez, não chegou ao fim e entendeu o porquê assim que viu as 11h47min anunciadas pelos ponteiros<sup>219</sup>. Sequer se deu ao trabalho de insistir, deixou as folhas onde estavam mesmo, acendeu o toco do cigarro noutra e saiu de casa.*

Os 1940 chegaram, mas não lhe resolveram de imediato a *Agonia*, porque a obra fora atravessada por outro projeto: a escrita de *O ABC de Castro Alves*, biografia sobre o maior poeta que os céus da América já iluminaram divulgava a página 44, de fevereiro de 1940, da revista *Diretrizes*. Foi nesse periódico, que se consolidou como uma das maiores publicações contra o regime do Estado Novo, que os capítulos iniciais da narrativa biográfica do poeta abolicionista foram sendo publicados. No entanto, Jorge sequer conseguiu finalizar a redação da biografia antes da revista receber ordem de cessar<sup>220</sup>; há anos na cola do “escritor comuna”, o governo

<sup>217</sup> Excerto das páginas 147 e 148 de *Agonia da noite* (versão azul 2).

<sup>218</sup> Jorge dizia que seus personagens decidiam o próprio destino, ele não se metia, apenas escrevia o que o que já estava posto.

<sup>219</sup> “Segundo tio Jorge, não era só uma questão de hábito, mas também de necessidade. Dizia frequentemente que ele funcionava bem só até as dez horas da manhã, depois disso ‘ficava burro’. De manhazinha, no entanto, acordava como um furacão” (Amado, 2021, p. 121).

<sup>220</sup> A fonte sobre ser uma ordem do Estado Novo a interrupção da publicação da biografia de Castro Alves é de Joselia Aguiar (2018, p. 156): “Nos bastidores, tanto Samuel Wainer quanto Jorge

estadonovista de Getúlio Vargas não dava trégua e mantinha Jorge Amado na mira, prova disso foram suas prisões na década de 1930 e os exemplares de *Capitães da areia*, *Mar morto*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá* e *O país do Carnaval* queimados em praça pública.

Agora, o calendário de mesa a sua direita fazia-lhe perceber que, neste 15 de outubro de 1940, já se passava pouco mais de uma semana desde quando decidiu sentar-se diante de sua Royal<sup>221</sup> para retornar ao romance. Bem, na verdade, passava-se pouco mais de uma semana desde quando havia sido *convencido* a voltar a escutar o que queria dizer a obra por ele abandonada nos primeiros capítulos dos idos 1939. Retornou, pois, a pedido de Maria Cruz, mulher por quem estava perdidamente apaixonado e com quem vivia um romance. Maria também dividia com Jorge sua crença nos preceitos do Partido, daí a insistência para o retorno ao romance. Quando se decidiu pela continuidade, terminou-o num já, nem de um mês inteiro precisou para organizar o que tinha, continuar o enredo e datilografar o último ponto na última página do texto; de oito a 20 de outubro o trabalho foi cumprido.

Mesmo durante o hiato na produção, publicaram-se algumas notas na imprensa prometendo o *Agonia da noite* como romance intimista que sairia pela Livraria José Olympio Editora. As informações eram específicas e continham características relativas à narrativa. Em 13 de janeiro de 1940, por exemplo, o jornal *Dom Casmurro* noticiou, em uma notinha no canto inferior esquerdo da página, o seguinte: *o escritor de Jubiabá tem em preparo dois outros romances: Sinhô Badaró, que possivelmente será publicado em dois volumes, e Agonia da noite, um romance introspectivo*. Uma semana depois, em 20 de janeiro, outra nota: *Jorge Amado, depois de dois anos de silêncio, publicará logo no início do ano o Agonia da noite, romance com seis personagens apenas e que se passa em doze horas todo ele*. Em 13 de abril o tom era de decepção: *Não apareceu o tão esperado Sinhô Badaró. Nem surgiu o anunciado Agonia da noite*. Realmente, nenhum dos dois saíram naquele ano.

---

recordariam que a interrupção dos capítulos do *ABC de Castro Alves* na Diretrizes ocorrera por ordem do Estado novo.”.

<sup>221</sup> Mero palpite, baseado na exposição da Casa do Rio Vermelho, que tem uma máquina da mesma marca.

É bom dizer que, embora o segundo volume da trilogia de *Os Subterrâneos da liberdade*<sup>222</sup> tenha o mesmo título, o *Agonia da noite* sobre o qual se fala aqui não tem o mesmo conteúdo daquele publicado na década 1950; aquele também tem enredo que envolve o Partido Comunista Brasileiro, mas trata da situação política no Brasil como um todo, esmiuçando o terror do regime do Estado Novo e descrevendo a realidade internacional, no contexto da Segunda Guerra e seu entorno. Passadas mais de sete décadas, portanto, esse *Agonia* é obra ausente nas prateleiras, não por ser romance raro, com poucas tiragens, ou por ter alcançado enorme sucesso, fazendo lento o número de impressões em relação à demanda de venda. Não foi e nem é o caso. O motivo é simples: nunca foi publicado e, até relativo pouco tempo atrás, diria que ele sequer havia sido terminado. Mas foi. Jorge deve ter escrito o final derradeiro do levante frustrado a partir do décimo capítulo. “Deve ter” porque, arrisco, não há ser vivo em terra que o tenha lido, já que somente nove partes sobreviveram à força destrutiva daquele tempo. Esses nove capítulos são breves e, juntos, somam pouco menos de 60 páginas de originais datilografados em tamanho A4. A promessa era um romance, Jorge materializou uma novela, José Olympio não publicou nenhum.

---

<sup>222</sup> Volume I: Os ásperos tempos (1954); Volume II: Agonia da noite (1954); Volume III: A luz no túnel (1954).



Figura 123- Dom Casmurro, 13/01/1940.  
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2023.

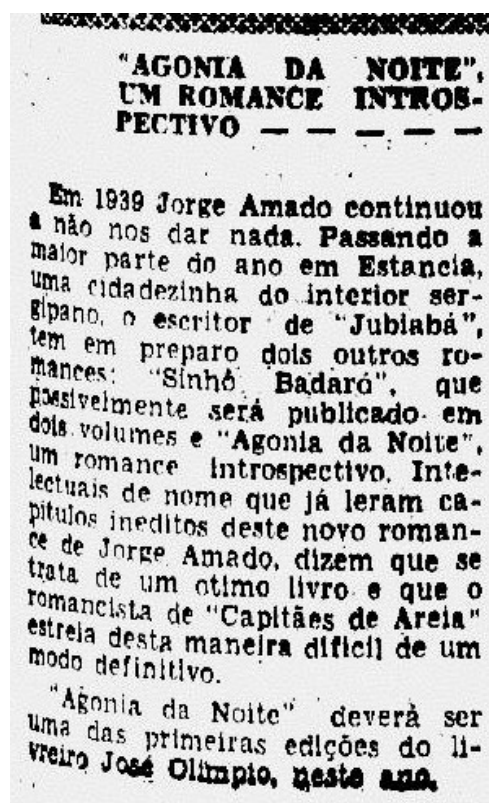


Figura 124<sup>223</sup>- Dom Casmurro, 13/01/1940,  
nota em zoom.  
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2023.

<sup>223</sup> Em 1939 Jorge Amado continuou a não nos dar nada. Passado a maior parte do anos em Estância, uma cidadezinha do interior sergipano, o escritor de Jubiabá tem em preparo dois outros romances: Sinhô Badaró, que possivelmente será publicado em dois volumes e Agonia da noite, uma romance

introspectivo. Intelectuais de nome que já leram capítulos inéditos deste novo romance de Jorge Amado, dizem que se trata de ótimo livro e que o romancista de Capitães da areia estreia desta maneira difícil de um modo definitivo. Agonia da noite deverá ser uma das primeira edições do livreiro José Olympio, neste ano.



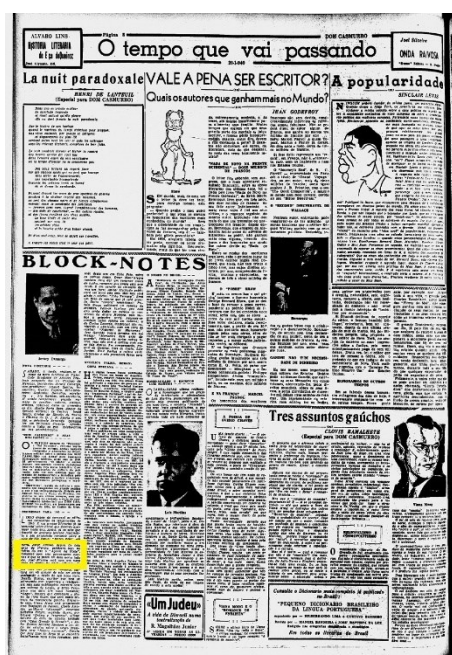


Figura 125- Dom Casmurro, 20/01/1940.  
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2023.

*mam. Jorge Amado, depois de dois anos de silencio, publicará logo no inicio do ano o "Agonia da Noite", romance com seis personagens apenas e que se passa em doze horas todo ele. Joel Silveira está com um novo*

Figura 126<sup>224</sup>- Dom Casmurro, 20/01/1940, nota em zoom.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2023.



Figura 127- Dom Casmurro, 13/04/1940.  
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2023.

*publicou. Jorge Amado nela mesma forma. Não apareceu o tão esperado "Sinhô Badaró". Nem surgiu o anunciado "Agonia da Noite".*

Figura 128<sup>225</sup>- Dom Casmurro, 13/04/1940, nota em zoom.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2023.

<sup>224</sup> Jorge Amado, depois de dois anos de silêncio, publicará logo no início do ano o Agonia da noite, romance com seis personagens apenas e que se passa em doze horas todo ele.

<sup>225</sup> Jorge Amado pela mesma forma. Não apareceu o tão esperado Sinhô Badaró. Nem surgiu o anunciado Agonia da noite.

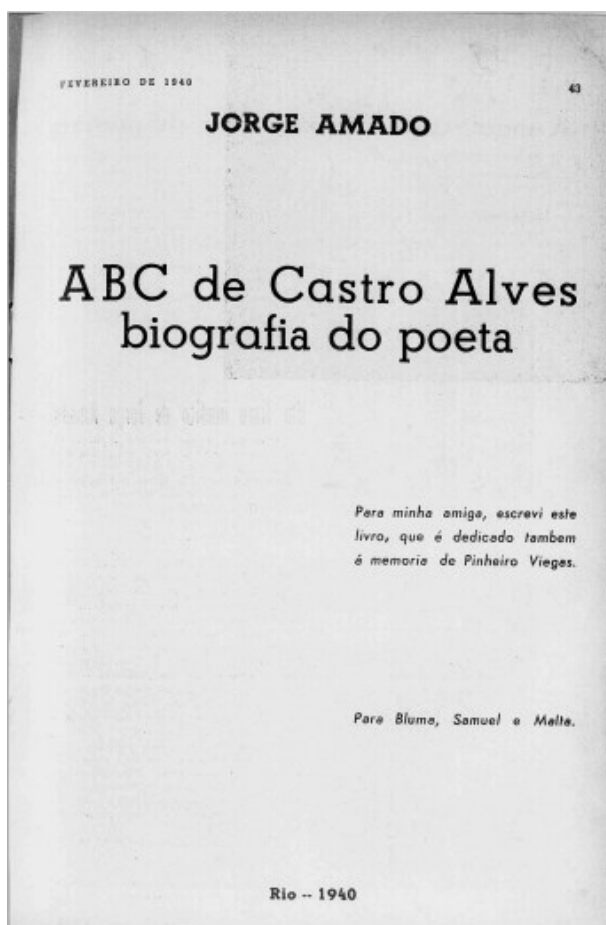


Figura 129<sup>226</sup>- Diretrizes, fevereiro de 1940, p. 43.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2023.

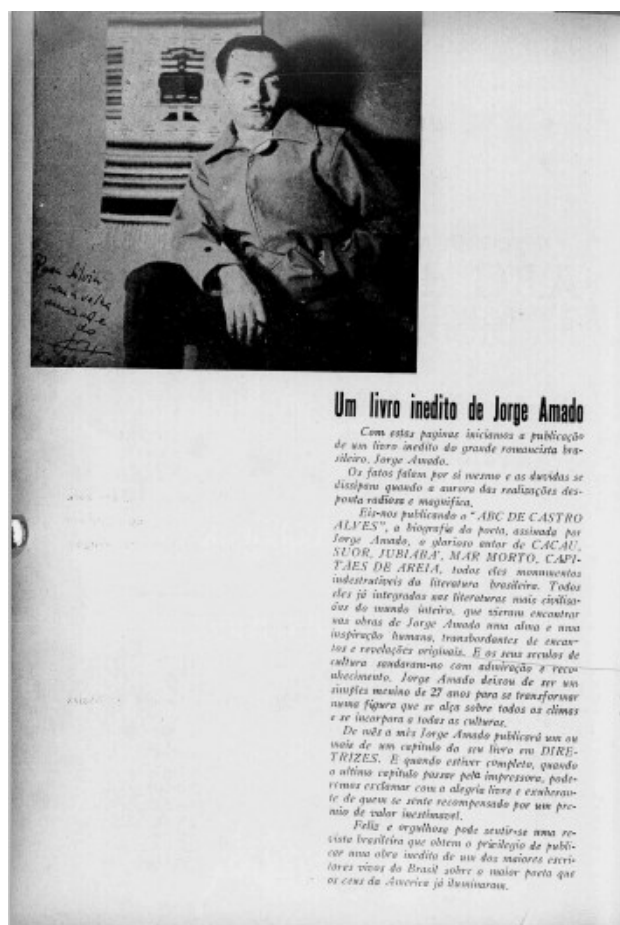


Figura 130<sup>227</sup>- Diretrizes, fevereiro de 1940, p. 44.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2023.

<sup>226</sup> Para minha amiga, escrevi este livro, que é dedicado também à memória de Pinheiro Viegas – Para Bluma, Samuel e Malta. Rio, 1940.

<sup>227</sup> Um livro inédito de Jorge Amado – Com estas iniciamos a publicação de um livro inédito do grande romancista brasileiro, Jorge Amado. Os fatos falam por si mesmos e as dúvidas se dissipam quando a aurora das realizações desponta radiosa e magnífica.

Eis-nos publicando o ABC de Castro Alves, a biografia do poeta, assinada por Jorge Amado, o glorioso autor de Cacau, Suor, Jubiabá, Mar morto, Capitães da areia, todos eles monumentos indestrutíveis da literatura brasileira. Todos os eles já integrados nas literaturas mais civilizadas do mundo inteiro, que vieram encontrar nas obras de Jorge Amado uma alma e uma inspiração humana, transbordantes de encantos e revelações

originais. E os seus séculos de cultura saudaram-no com admiração e reconhecimento. Jorge Amado deixou de ser um simples menino de 27 anos para se transformar numa figura que se alça sobre todos os climas e se incorpora a todas as culturas.

De mês a mês Jorge Amado publicará um ou mais de um capítulo de seu livro em Diretrizes. E quando estiver completo, quando o último capítulo passar pela impressora, poderemos exclamar com a alegria livre e exuberante de quem se sente recompensado por um prêmio de valor inestimável.

Feliz e orgulhosa pode sentir-se uma revista brasileira que obtém o privilégio de publicar uma obra inédita de um dos maiores escritores vivos do Brasil sobre o maior poeta que os céus da América já iluminaram.

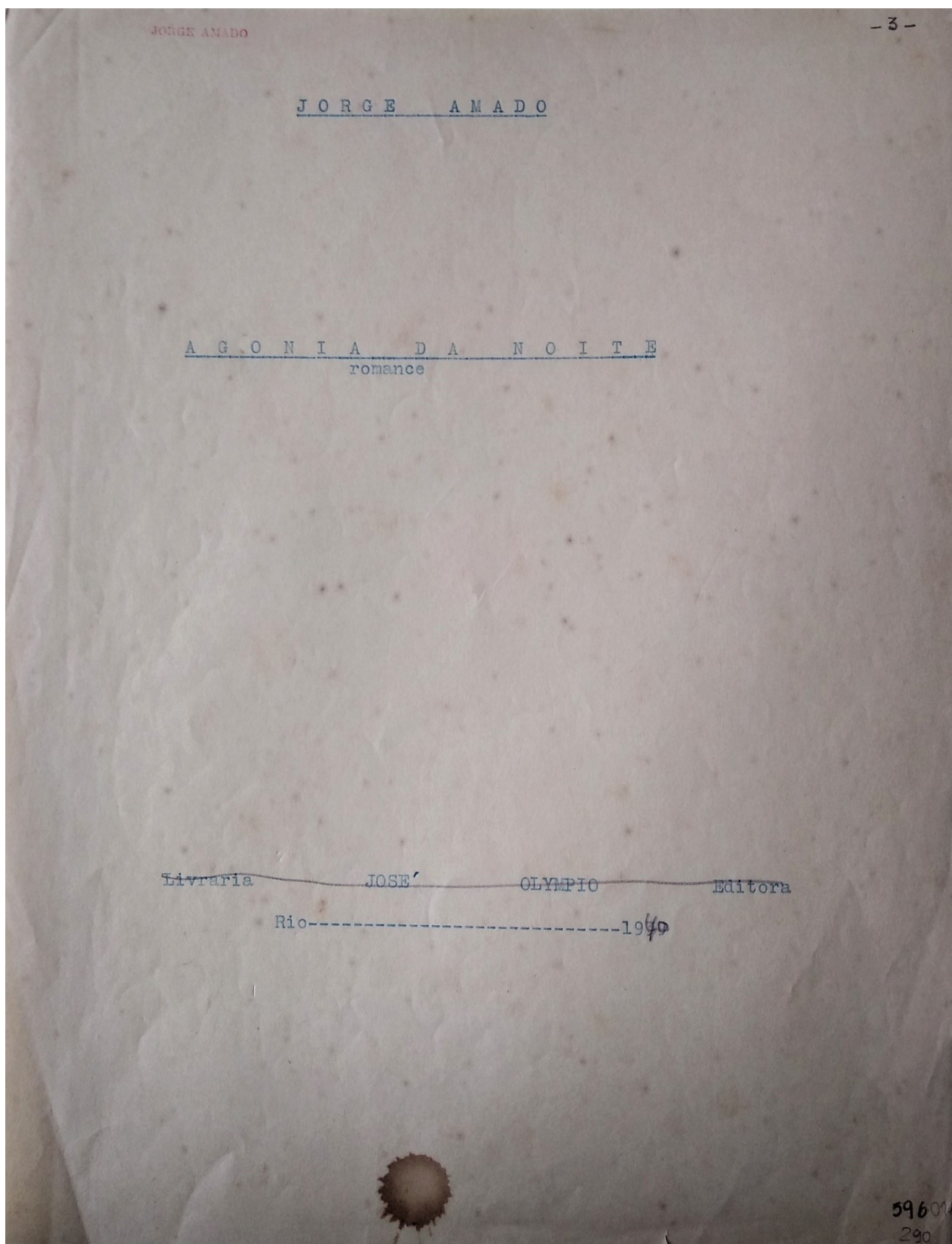


Figura 131- Capa de *Agonia da noite* (versão azul 2).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 596, 2023.

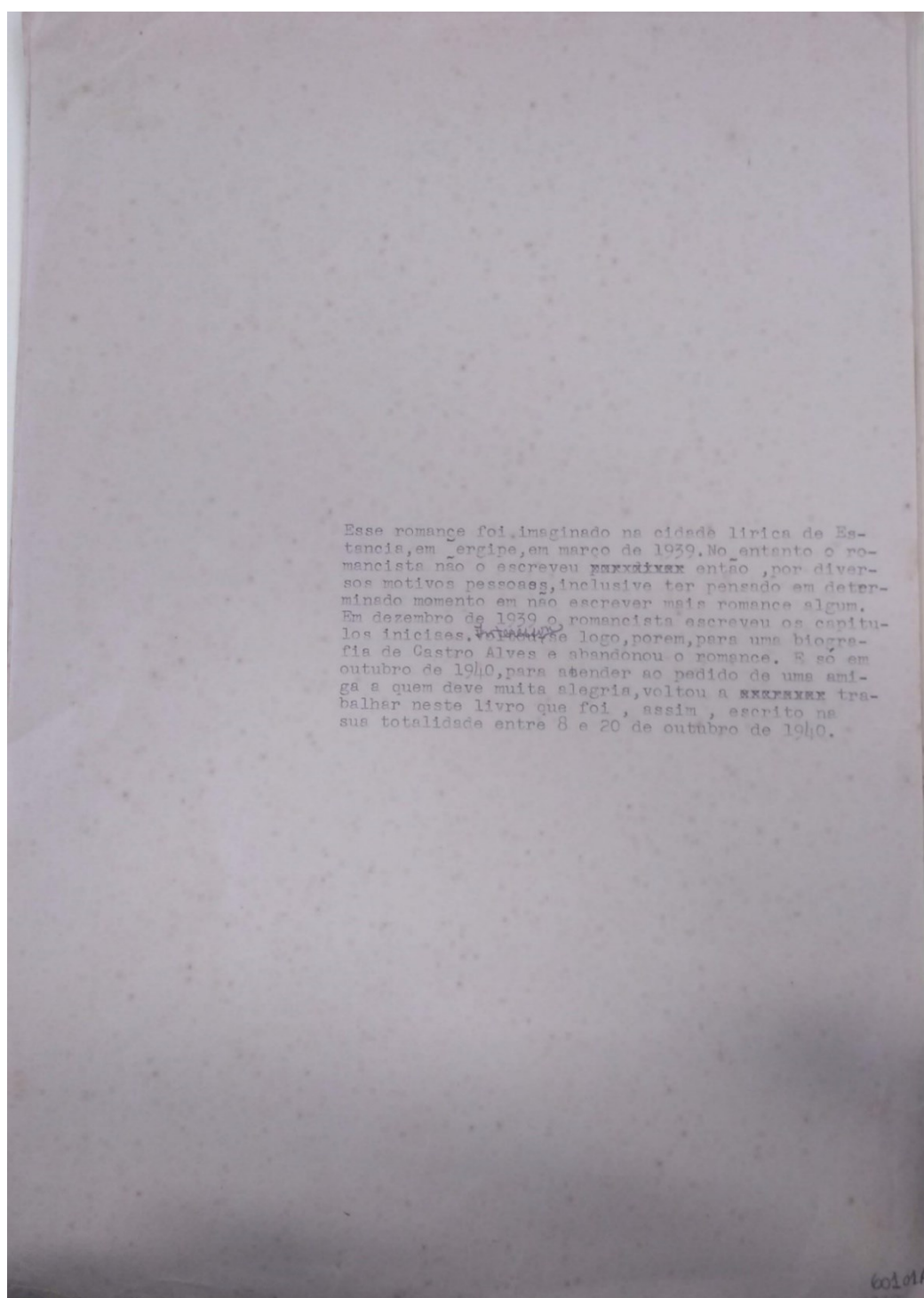


Figura 132<sup>228</sup>- Parte introdutória ao *Agonia da noite* (versão preta).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 601, 2023.

<sup>228</sup> Esse romance foi imaginado na cidade lírica de Estância, em Sergipe, em março de 1939. No entanto, o romancista não o escreveu, então, por diversos motivos pessoais, inclusive por ter pensado em determinado momento em não escrever mais romance algum. Em dezembro de 1939, o romancista escreveu os capítulos iniciais, interessou-se logo, porém, por uma biografia de Castro Alves e abandonou o romance. E só em outubro de 1940, para atender ao pedido de uma amiga a quem deve muita alegria, voltou a trabalhar neste livro que foi, assim, escrito na totalidade, entre 08 e 20 de outubro de 1940.

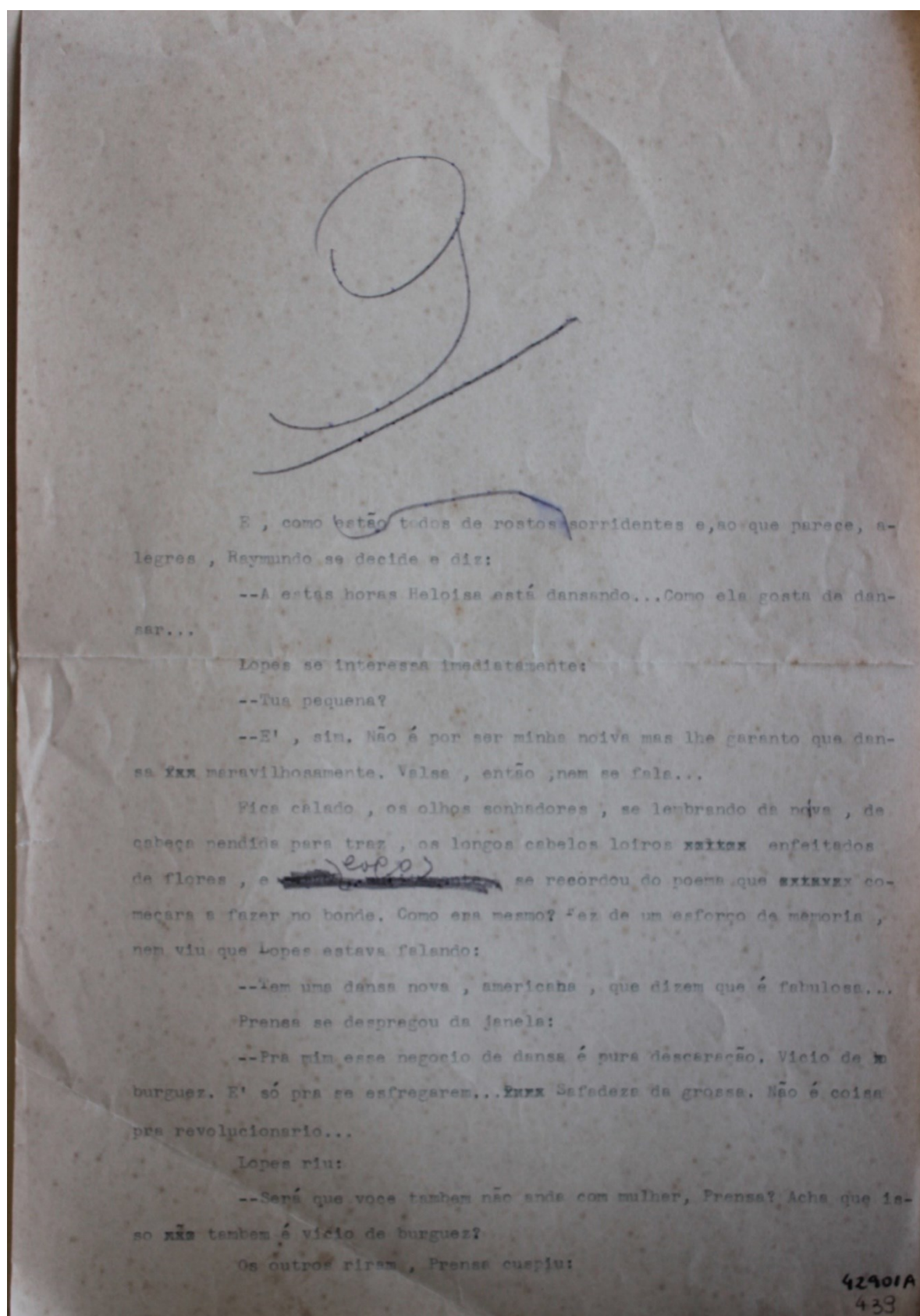


Figura 133- Início do nono capítulo de *Agonia da noite* (versão preta).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 429, 2023.

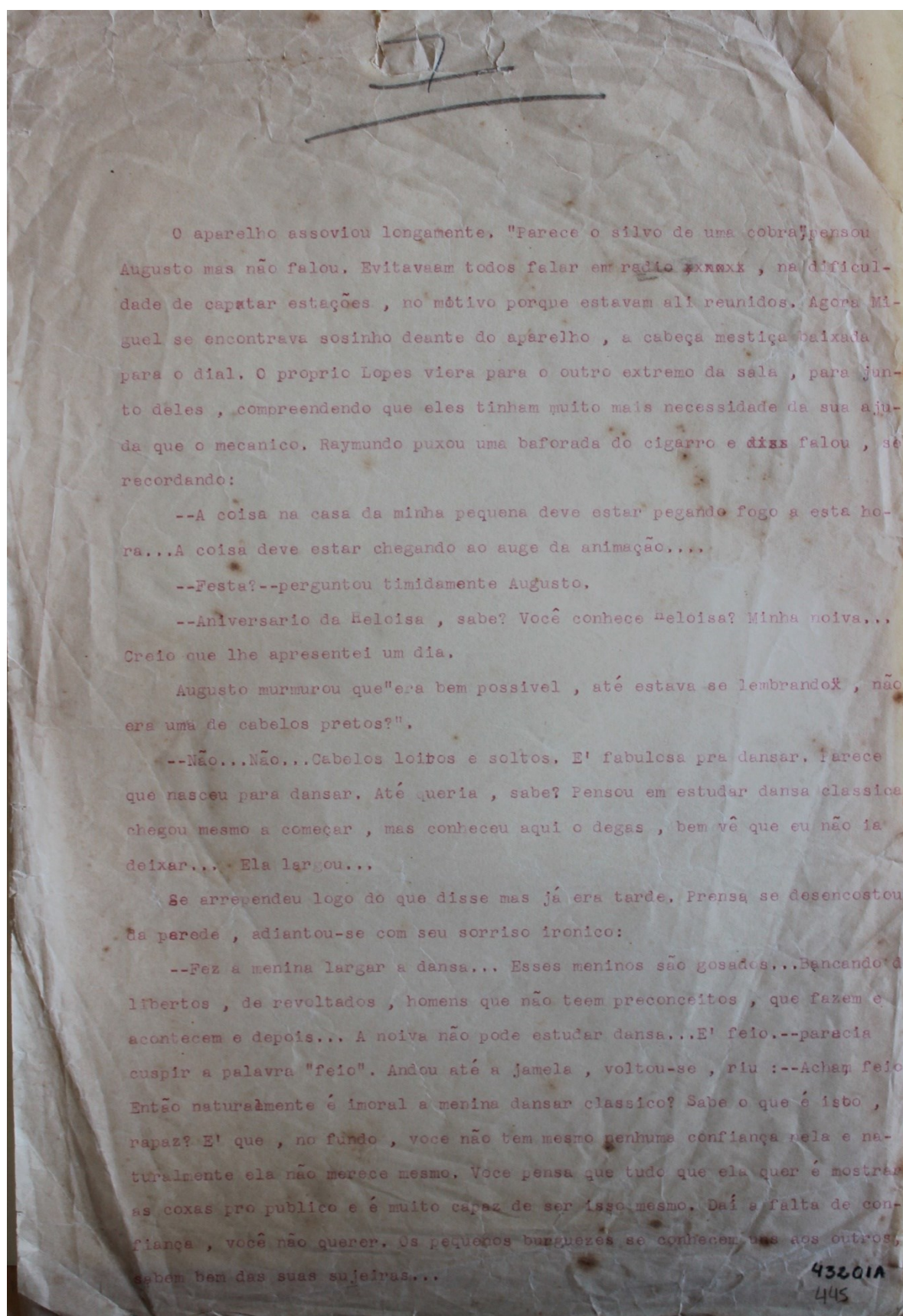


Figura 134- Início do sétimo capítulo de *Agonia da noite* (versão vermelha).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 432, 2023.

63 —

temporal, não havia lua no céu, as estrelas tinham ficado do outro lado do mundo, a morte lhe pareceu mais cruel e sem motivo do que habitualmente. Porque morrer se era tão bom viver, se numa noite tão má e feia o homem tinha uma casa boa e tranquila, flores em lindos jarros, a paz em cada cortina, a alegria em cada gesto da mulher amada? Se a noite fosse bela ele não sentiria quão boa era a vida, quão agradável de ser vivida. Iria como para um passeio, vendo imagens colossais nos farrapos de nuvens brancas, vendo figuras estranhas nas manchas da lua cheia, achando os homens alegres na rua e achando que os tristes e pobres mereciam ser alegres também e talvez, talvez, quem sabe?, teria coragem de morrer pelos outros homens, de deixar a sua tranquilidade para que tudo fosse mais tranquilo ainda e melhor para todos. Não teria sentido talvez que uma ferida dói, que a morte pode ser terrivelmente dolorosa, que de uma luta um homem pode sair deformado ou cego e que um vencido pode ser preso e espancado. Não pensaria nada disso, esses detalhes que o acovardavam não existiriam talvez. Mas naquela noite de temporal não podia ver a grandeza do motivo da luta. Não enxergava os sem pão que deviam comer, os sem alegria que deviam ter alegria, os sem paz que deviam ter paz, os sem amor que estavam famintos de amor e bem mereciam ser amados. Só enxergava que a sua casa era boa, um porto na tempestade, que o vento passava em torno mas não entrava, que se derrubava folhas nas árvores da rua não bolia nas flores dos jarros, que sua mulher era alegre quando era triste a noite, que ele tinha tudo e não podia perder nada disso, que a vida sempre <sup>f</sup> era assim e nada podia evitar que ela continuasse assim: uns com alegria, outros sem alegria. Que com certeza iria sofrer. Mas sofrer dores, feridas que magoariam a sua carne, pancadas talvez nas suas costas magras. Se não morresse seria depois um doente ou um inútil, cego ou alijado, incapaz de qualquer maneira de

19701A  
147

Figura 135- Original de *Agonia da noite* que contém o excerto citado (versão azul 2).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 147, 2023.

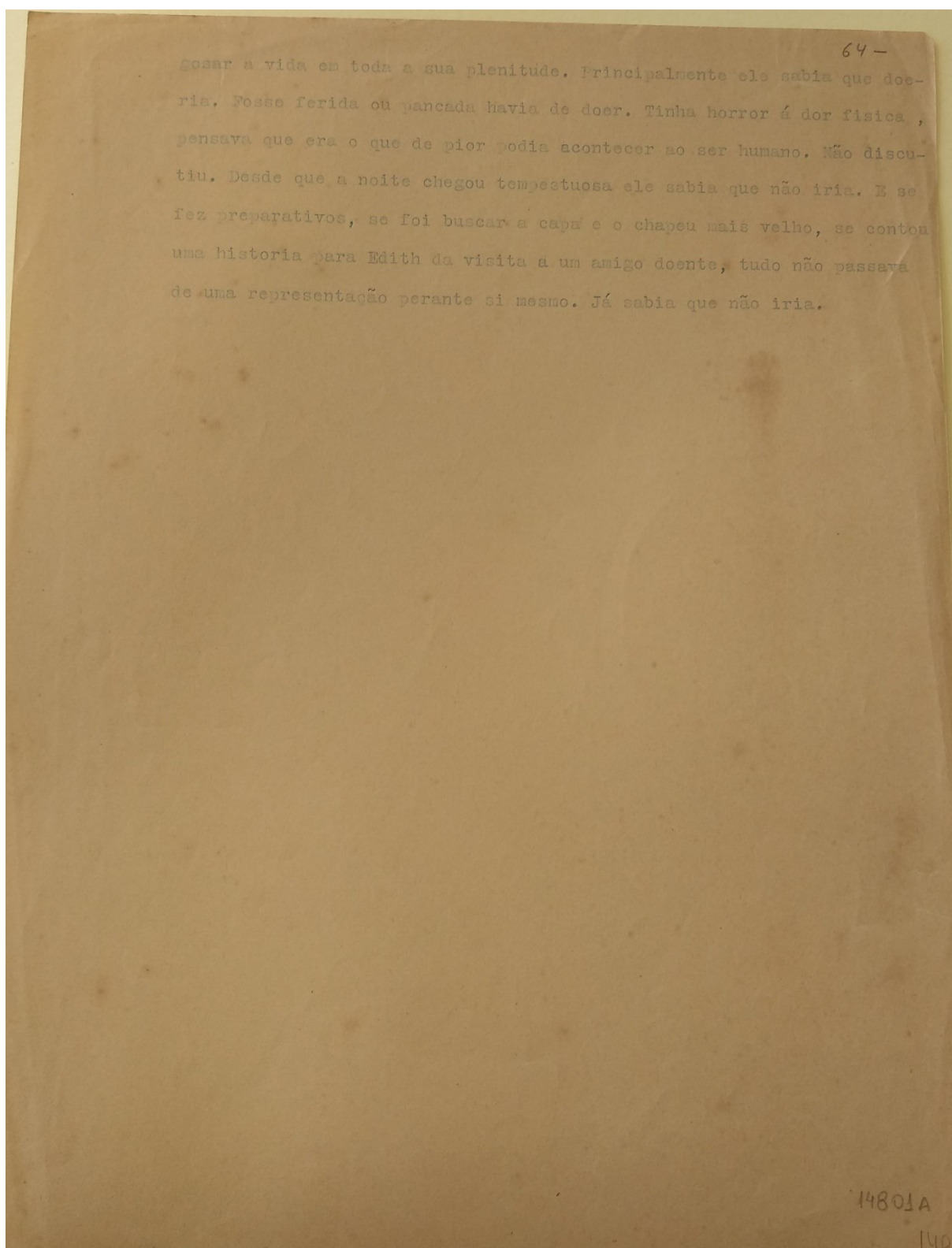


Figura 136- Original de *Agonia da noite* com a continuação excerto citado (versão azul 2).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 148, 2023.



XX

O relógio discordava dos móveis da sala , um relógio pequeno e moderno ao lado dos móveis antigos e pesados. Cantou as nove horas, um som muito cristalino e alegre. Augusto olhou através as vidraças baixadas que a água da chuva embaciava. Não se via nada lá fora. No entanto estava na hora marcada para eles chegarem. Talvez se houvessem atrasado na estrada nessa noite medonha. A rodagem passava um pouco longe da casa e ~~o~~ <sup>o</sup> automovel tinha ~~que~~ ~~atravessar~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ mais ou menos um kilometro quasi que numa picada. Quem ~~se~~ sabe se não havia furado um pneu? Augusto apertou o rosto contra a vidraça , ~~em~~ ~~isto~~ ~~fixou~~ o olhar com força a ver se enxergava alguma coisa. O mais que pode ver , porem , foram asfolhas das duas palmeiras que o vento balançava com violencia. Chegou-se mais para a vidraça , agora tinha o nariz apertado contra o vidro. Procurava enxergar a negrura dos urubús que viviam nas palmeiras. Mas até estes tinham fugido deante da violencia do temporal. A chuva caía com força e as nuvens pareciam não querer sair de cima da casa. Augusto pensou que elas deviam correr com o vento , ir para o Norte , pois a ventania vinha do Sul , talvez já fosse ~~em~~ assassino esse vento. ~~Quem~~ Talvez mais de um saveiro tivesse virado na barra essa noite , mais de um homem

42101A  
4-1

Figura 137- Início do primeiro capítulo de *Agonia da noite* (versão azul 1).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 421, 2023.

No ano seguinte, Jorge carregou consigo os originais da novela juntamente com outros materiais de motivos literários, porque, mesmo em razão de estar agora em solo argentino na missão como biógrafo para a campanha de anistia de Luiz Carlos Prestes, o norte como romancista sempre fora seu mais extenso horizonte. Para chegar até ali, o *Agonia*, então, compartilhou com outros documentos o espaço da pequena mala de couro que o escritor aprontara para a viagem. Assim, no portão de embarque da extinta companhia Varig, na manhã de 18 de julho de 1941<sup>229</sup>, estava a caminho do aeroporto de Jaguarão de onde partiriam para Buenos Aires; em uma mão, tensa e firmemente, levava a bagagem e noutra afagava levemente a palma de Maria.

O vento frio daquele dia da capital gaúcha não impediu o suor que escorria por debaixo do seu colarinho, a transpiração denunciava o stress da ocasião, não apenas pelo voo, que para ele era uma das maiores hostilidades da humanidade<sup>230</sup>, mas especialmente porque, mesmo que provisoriamente, deixaria o ambiente de recorrente violência e repressão em que vivera nesses dois últimos anos, principalmente. Encarcerado sem cessar desde a instauração do Estado Novo, fosse pelo sete de setembro, fosse pelo 1º de maio, já havia perdido a conta da quantidade de pessoas que, assim como ele, eram detidas “em nome da ordem”. Muitas dessas, nunca mais viu, ou soube do paradeiro; diferentemente dele, não tinham a fama para protegê-las, definhavam nos porões da Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESP), comandados por Filinto Müller, ou sequer resistiam à primeira semana de tortura. A brutalidade estava posta, Prestes encontrava-se preso há quase quatro anos. Não havia mais o que se prorrogar. Como bom marxista-leninista centralizado que era, nada tinha a contestar após a unidade de ação que se apresentava a ele: era chegada a hora de abrir mão de sua biografia para trabalhar pela biografia do herói, era tempo do Brasil, da América Latina, e do mundo ouvirem o canto do levante ao *Cavaleiro da Esperança*, entoado por um sem fim de trabalhadores ao sul equatorial, como Adelmo Botto Aparicio, poeta uruguaio que em “*Luiz Carlos Prestes*”, escrevera:

|

---

<sup>229</sup> A fonte sobre a informação da data da partida de Amado para a capital Argentina é de Thalita Coelho, a partir do Acervo Mala de Maria: “Cartões de passagem aérea da Varig nos nomes de Jorge Amado e Maria Marcondes. Saindo de Porto Alegre e indo para Jaguarão, de onde saíam os voos para Buenos Aires. 18 de junho de 1941” (Coelho, 2021, p. 123).

<sup>230</sup> Jorge Amado chava um absurdo um objeto mais pesado que o ar, voar.

Yo te pregunto  
 tierra del Brasil  
 adónde curren tus ríos  
 para qué cresce tu oscuro café  
 para quién mezcla el carbon su negror  
 con e mineral de hierro  
 por quién se elevan las represas y fabricas y altos  
 hornos y telares  
 por quién navegan los barcos  
 y mueren marineros entre olas y peces  
 Por qué te cruzan blancas carreteras  
 y audaces vias ferreas  
 por qué resuenan en tus aires  
 trompasd e máquinas volantes  
 que bajan en tu selvas  
 y levantan montanas de sonidos  
 para qué tus ríos  
 corren hacia el norte hacia el este y el sur  
 cargados de frutas y plantas  
 de barcos y maderas  
 para qué tu sangre de coloso  
 sube y baja  
 se derrama y se cuaja  
 y vuelve a crecer impetuosa para qué  
 si tienes tu esperanza encerrada entre piedras  
 para que  
 si tus hombres esperan la noche  
 para sonar su destino haciéndose en la tierra.

## II

Cuando llega la noche  
 y aparece la primera estrella  
 la estrella del héroe  
 húmeda de esperanzas  
 y el viento le pregunta a la selvapor su voz  
 y las aguas a la selva por su fruto  
 y el nino a la madre por su historia  
 cuando los hombres cansados  
 entran en la noche amiga con las manos vacias  
 entonces la sangre ardiente de la leyenda  
 comienza latir  
 Una columna silenciosa  
 recorre las tierras  
 subir a las montanas  
 y se está en los llanos  
 y esa llama cordial  
 que a veces tiembla y vacila

*se enciende y alumbra los caminos  
por donde el héroe llega a su pueblo*

*III*

*Yo te pregunto  
tierra del Brasil  
no han llegado a tus arenas  
muertos marineros entre peces y olas  
botes astillados  
frutas anegadas de sal  
no llaman a tus puertas  
aceros enemigos y alas destructoras  
no cabalga sobre tu cielo  
la sombría amenaza de los asesinos de pueblos  
no acecha en tus ciudades  
escondida la traicion venal y sórdida  
Y tú  
tu tienes tu héroe  
prisionero del medo  
ahora que los tiempos han llegado  
y lucha por el destino del mundo  
Para que se ericen tu montañas  
y se endurezcan tus selvas  
para que tus puertos afronten  
los negros barcos de la muerte  
para ser soldados de democracia  
dale a tus hombres un arma en las manos  
y el caballero de su esperanza  
en el corazón.<sup>231</sup>*

---

<sup>231</sup> Eu te pergunto/ terra do Brasil/ onde seus rios correm/ por que seu café escuro cresce/ para quem mistura o carvão é preto/ com minério de ferro/ para quem represas e fábricas e altos-fornos e teares surgem/ para quem navegam os navios/ e os marinheiros morrem entre ondas e peixes/ Por que as estradas brancas cruzam você/ e ferrovias arrojadas/ por que eles ressoam em seus ares/ chifres e máquinas voadoras/ que descem em suas selvas/ e erguer montanhas de sons/ por que seus rios/ Eles correm de norte a leste e sul/ carregado com frutas e plantas/ de barcos e madeira/ por que seu sangue colosso /sobe e desce / ele derrama e coalha/ e torna-se impetuoso novamente para o que se você tem sua esperança trancada entre pedras/ para que/ se seus homens esperarem pela noite/ para soar seu destino sendo feito na terra//Quando a noite vem/ e a primeira estrela aparece/ herói estrela/ molhado de esperança/ e o vento pede a selva sua voz/ e as águas para a selva por seus frutos/ e a criança à mãe pela sua história/ quando homens cansados/ eles entram na noite, amigo, de mãos vazias/ então o sangue quente da lenda começa a bater/ uma coluna silenciosa/ vagar pelas terras/ escalar as montanhas/ e é nas planícies/ e aquela chama cordial/ que às vezes treme e hesita/ acende e ilumina as estradas/ onde o herói vem para sua cidade// Peço a você/ terra do Brasil/ eles não alcançaram suas areias/ marinheiros mortos entre peixes e ondas/ barcos lascados/ frutas encharcadas de sal/ eles não batem em suas portas/ aços inimigos e asas destruidoras/ não cavalga em seu céu/ a ameaça sombria dos assassinos de cidades/ não se esconde em suas cidades/ ocultou a traição venal e sórdida/ E você/ você tem seu herói/ prisioneiro do medo/ agora que os tempos chegaram/ e lutar pelo destino do mundo/ Para que suas montanhas se levantem/ e suas selvas endurecem/ para que suas portas fiquem

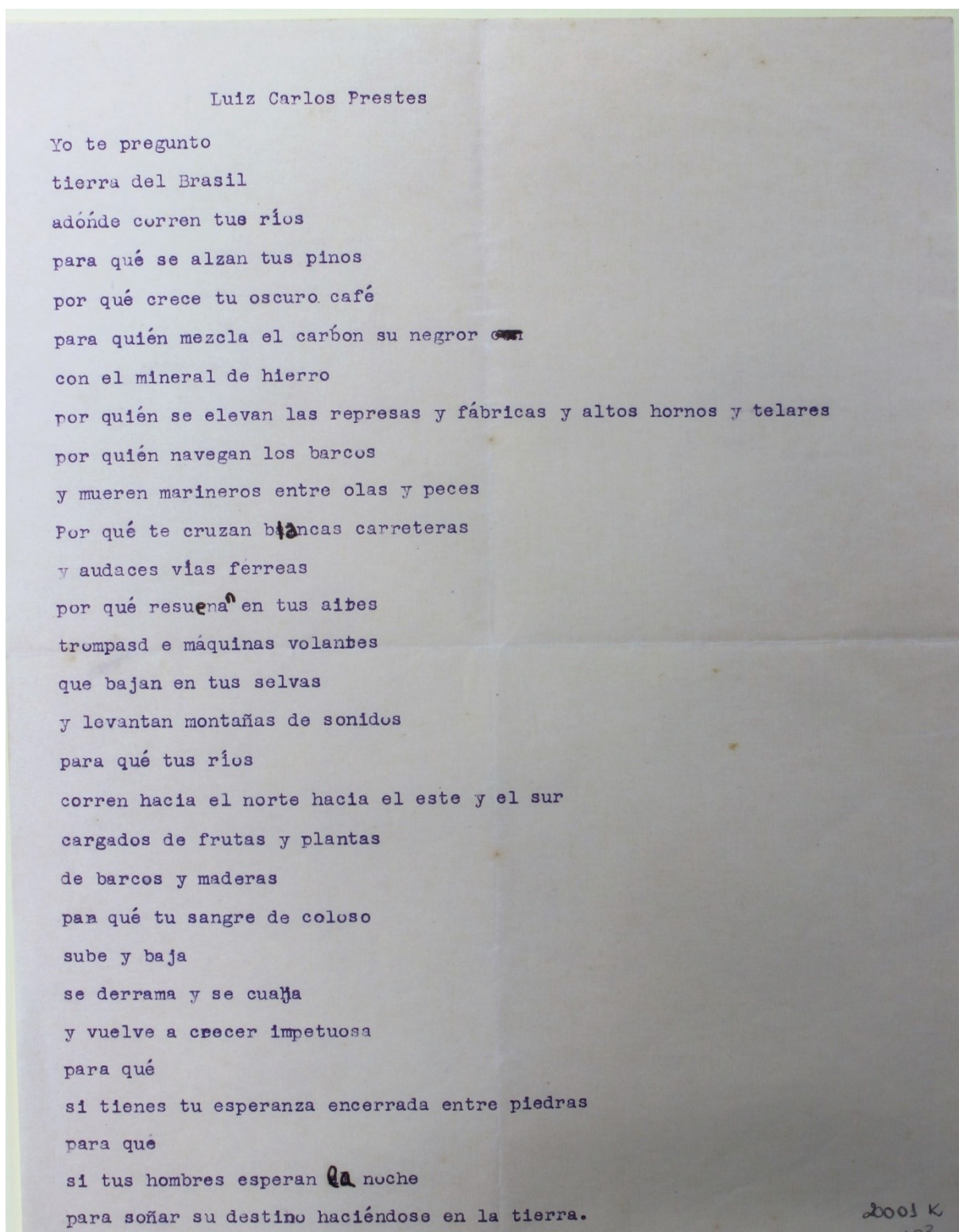


Figura 138- Original de *Luiz Carlos Prestes*, poema de Adelmo Botto Aparicio (1).  
 Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 200, 2023.

voltadas/ os navios negros da morte/ ser soldados da democracia/ dê a seus homens uma arma em suas mãos/ e o de sua esperança/ no coração.

## II

Cuando llega la noche  
y aparece la primera estrella  
la estrella del héroe  
húmeda de esperanzas  
y el viento le pregunta a la selva por su voz  
y las aguas a la selva por su fruto  
y el niño a la madre por su historia  
cuando los hombres cansados  
entran en la noche amiga con las manos vacías  
entonces la sangre ardiente de la leyenda  
comienza la <sup>a</sup> tir  
Una columna silenciosa  
recorre las tierras  
sube a las ~~sierras~~ montañas  
y se está en los llanos  
y esa llama cordial  
que a veces tiembla y vacila  
se enciende y alumbra los caminos  
por donde el héroe llega a su pueblo

20101K  
679

Figura 139- Original de Luiz Carlos Prestes, poema de Adelmo Botto Aparicio (2).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 201, 2023.

## III

Yo te pregunto  
tierra del Brasil  
no han llegado a tus arenas  
muertos marineros entre peces y olas  
botes astillados  
frutas anegadas de sal  
no llaman a tus puertas  
aceros enemigos y alas destructoras  
no cabalga sobre tu cielo  
la sombría amenaza de los asesinos de pueblos  
no acecha en tus ciudades  
escondida la traición venal y sórdida.  
Y tú  
tu tienes tu héroe  
prisionero del miedo  
ahora que los tiempos han llegado  
y luchas por el destino del mundo  
  
Para que se ericen tus montañas  
y se endurezcan tus selvas  
para que tus puertos afronten  
los negros barcos de la muerte  
para ser soldados de democracia  
dale a tus hombres un arma en las manos  
y el caballero de su esperanza  
en el corazón.

Adelmo Botto Aparicio

1-IX- 1942

20201K

680

Figura 140- Original de *Luiz Carlos Prestes*, poema de Adelmo Botto Aparicio (3).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 202, 2023.

Ao chegarem na Argentina, Jorge e Maria estabeleceram-se confortavelmente em uma área suburbana na Província de Buenos Aires. Em sua maioria, a região era composta por casas com estilo Neocolonial, estética que buscava construir uma identidade arquitetônica própria partindo dos elementos da colonização espanhola e nestes imprimir influências locais e contemporâneas; “contemporâneas”, no caso, a partir da década de 1930, quando esse tipo de edificação passou a ser popularizado. Especificamente, o casal ficou numa chácara da *Bonifacini, 1149*, no bairro *Santos Lugares*, que, naquele início dos 1940, passava por emergente crescimento e desenvolvimentos urbanos.

Finalmente, ao desfazerem as malas, Jorge se encostou à porta para largar o corpo cansado, e agora buscava por um cigarro no bolso do paletó, vem cá, Negrinha<sup>232</sup> que, ao encostar o rosto no peito que a chamava, sentiu a textura do objeto meio rígido pressionar-lhe a face: não esqueça de guardá-la em lugar apropriado. Ele cheirou seus cabelos em coque, massageou-a na nuca e desviou sua cabeça do peito para conseguir pinçar com os dedos o forro interno da vestimenta. Dali retirou a carteirinha de couro que registrava o cargo de *enviado especial* do jornal *A Noite* em seu nome; repousou-a sobre a mesa de cabeceira, não posso nem pensar no caso de precisar dela, Negra, tu não poderás estar comigo se chegar a necessidade de utilizá-la. A carteira era uma rota de fuga, com ela tinha permissão para entrar nos Estados Unidos, além de nela levar dois endereços escondidos, ambos em *Moscou, Kouznetski Most, 12 e Boite postale, 527*. Ao que tudo indica, o primeiro é uma construção em tipo de sobrado na famosa rua Ulitsa Kuznetskiy Most, o segundo permanece um mistério, já que não aparece em registro algum de locais na Rússia.

---

<sup>232</sup> Também do Acervo Mala de Maria vêm as informações acerca das formas como Jorge Amado chamava a companheira: “Negra”, “Negrinha”, “Inaê” (Coelho, 2021).



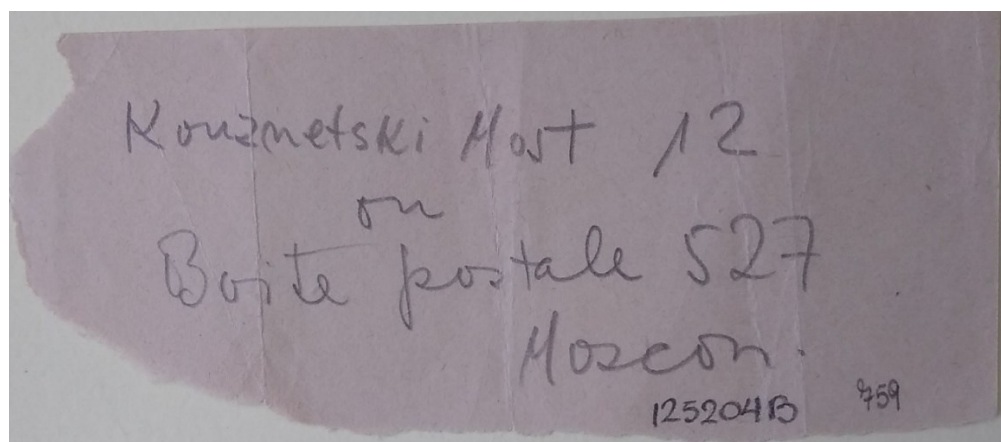


Figura 141- Endereços.

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1252, 2023.

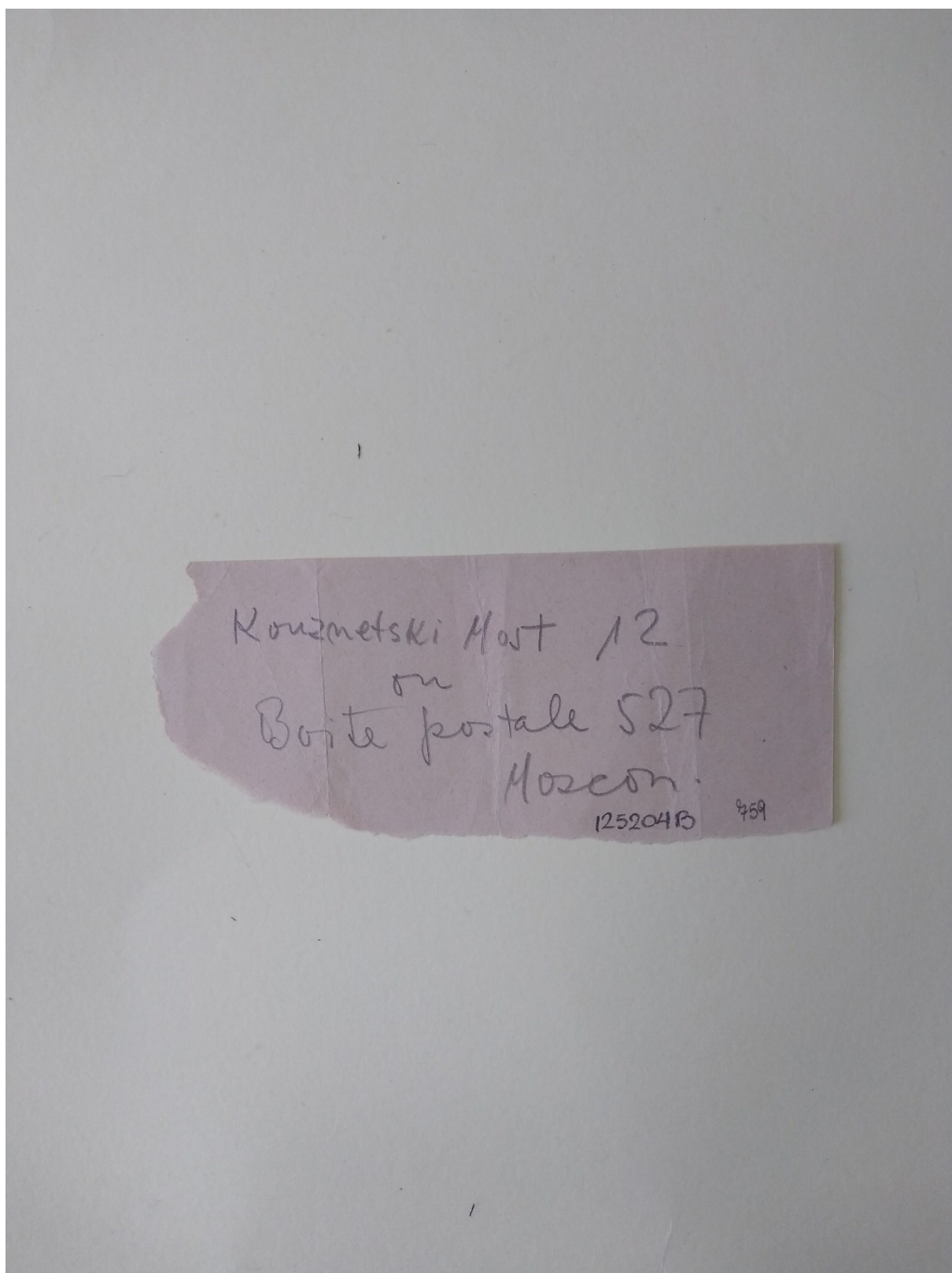


Figura 142- Endereços: em perspectiva.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1252, 2023.

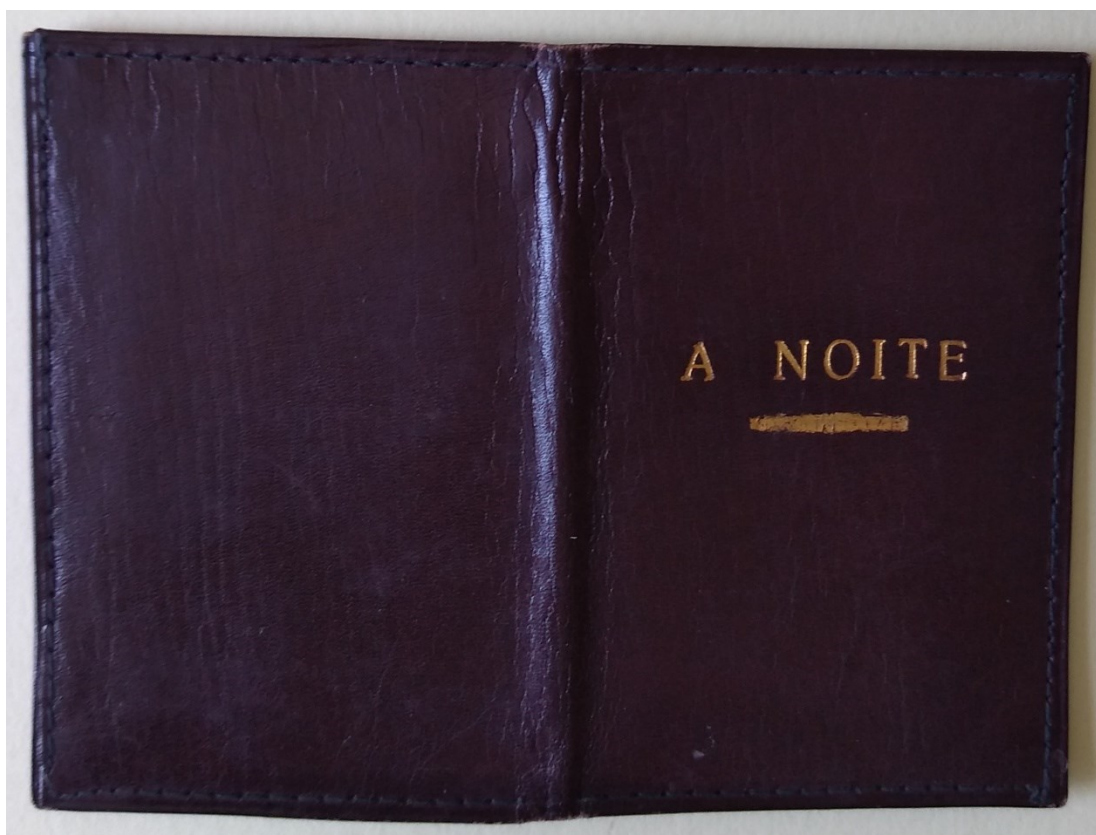


Figura 143- Carteira A Noite: capa.  
 Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1408, 2023.

 A light-colored, rectangular document with the title "A NOITE" at the top in a large, bold, black sans-serif font. Below the title, there are several lines of text, each preceded by a label and followed by a dotted line for a signature or stamp. The text is as follows:
 

- Nome ..... JORGE AMADO
- Idade ..... 28 anos
- Nacionalidade ..... Brasileira
- Cargo ..... Enviado especial aos Estados Unidos
- ..... André Cavazzini
- ..... Diretor 1407 10C

 A large, red, diamond-shaped stamp is overlaid on the document, partially obscuring the text. The stamp contains the word "BRASIL" in a stylized font. On the left side of the document, the number "1419" is handwritten vertically.

Figura 144- Carteira A Noite: interna 1.  
 Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1407, 2023.



Figura 145- Carteira A Noite: interna 2.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1406, 2023.



Figura 146- Carteira A Noite: em perspectiva.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, docs. 1406, 1407, 1408, 2023.

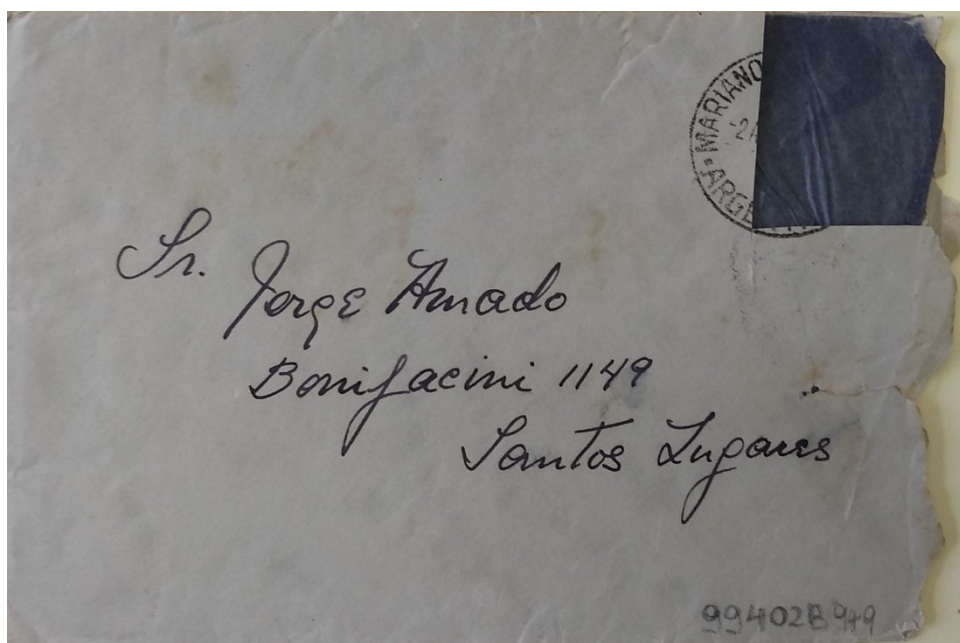


Figura 147- Envelope recibido por Jorge Amado (Buenos Aires).  
Fuente: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 994, 2023.



Figura 148- Envelope a ser enviado por Maria Amado.  
Fuente: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 764, 2023.

Jorge trabalhava dia e noite na biografia. Recolhia, pedia, e produzia material, conversava com camaradas, amigos, e colegas, perseguia as mais minuciosas informações a fim de construir o perfil daquele que para eles deveria ser a representação da luta, resistência, e, um dia, também da insurreição do proletariado. Mas não foi só isso; no ir e vir de uma correspondência e outra, no aguardar de envios e recebimentos, publicou artigos na imprensa, proferiu palestras, esteve envolvido com o planejamento de táticas para entrada clandestina da literatura revolucionária nos países da América, e militou com os grupos dos PCs argentino e uruguaio. Isso, de novo, sem perder aquele seu maior horizonte, embora agora um pouco mais longínquo, de ser um romancista. Talvez para não abrir mão de manter tal norte em vista, concentrava-se em listar a produção literária, fosse pensando em organizá-la para seus editores, fosse pensando em organizá-la para si; fossem textos prontos, fossem textos em preparo, os dois universos entravam no rol, assim:

*a publicar:*

*DO AUTOR:*

*Romances:*

*Os Romances da Bahia:*

1– O PAÍS DO CARNAVAL

2– CACAU

3– SUOR

4– JUBIABÁ

5– MAR MORTO (*Prêmio Graça Aranha*)

6– CAPITÃES DA AREIA

*AGONIA DA NOITE (inédito no Brasil)*

*SÃO JORGE DOS ILHÉUS*

*Biografias:*

*ABC DE CASTRO ALVES*

*O CAVALHEIRO DA ESPERANÇA (inédito no Brasil)*

*Poesia:*

*OS POEMAS DE JORGE AMADO (edição fora do mercado)*

*Teatro:*

*FILADÉLFIO*

*NOITE DE CAES (em preparo)*

## DO AUTOR:

## Romances:

## Os Romances da Bahia:

1--O PAIZ DO CARNAVAL

2--CACAU

3--SUOR

4--JUBIABA'

5--MAR MORTO (Premio Graça Aranha)

6--CAPITÃES DA AREIA

AGONIA DA NOITE (inedito no Brasil)

SÃO JORGE DOS ILHEUS

## Biografias:

ABC DE CASTRO ALVES

O CAVALHEIRO DA ESPERANÇA (inedito no Brasil)

## Poesia:

OS POEMAS DE JORGE AMADO (edição fora do mercado)

## Teatro:

FILADELFIO

NOITE DE CAES (em preparo)

Reservados todos os direitos de reprodução, tradução e adaptação. Copyright by Jorge Amado.

1433 012

475

Figura 149- Listagem da obra I.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1433, 2023.

**DO AUTOR:****Romances:**

*“Os romances da Bahia”*

1 – O PAÍS DO CARNAVAL

2 – CACAU

3 – SUOR

4 – JUBIABÁ

5 – MAR MORTO (*Prêmio Graça Aranha*)

6 – CAPITÃES DA AREIA

AGONIA DA NOITE (*inédito no Brasil*)

SÃO JORGE DOS ILHÉUS

CABARÉ (*em preparo*)

**Biografias:**

ABC DE CASTRO ALVES

O CAVALHEIRO DA ESPERANÇA (*inédito no Brasil*)

**Poesia:**

OS POEMAS DE JORGE AMADO (*edição fora do mercado*)

**Teatro:**

FILADÉLFIO (*inédito no Brasil*)

NOITE DE CAES (*em preparo*)



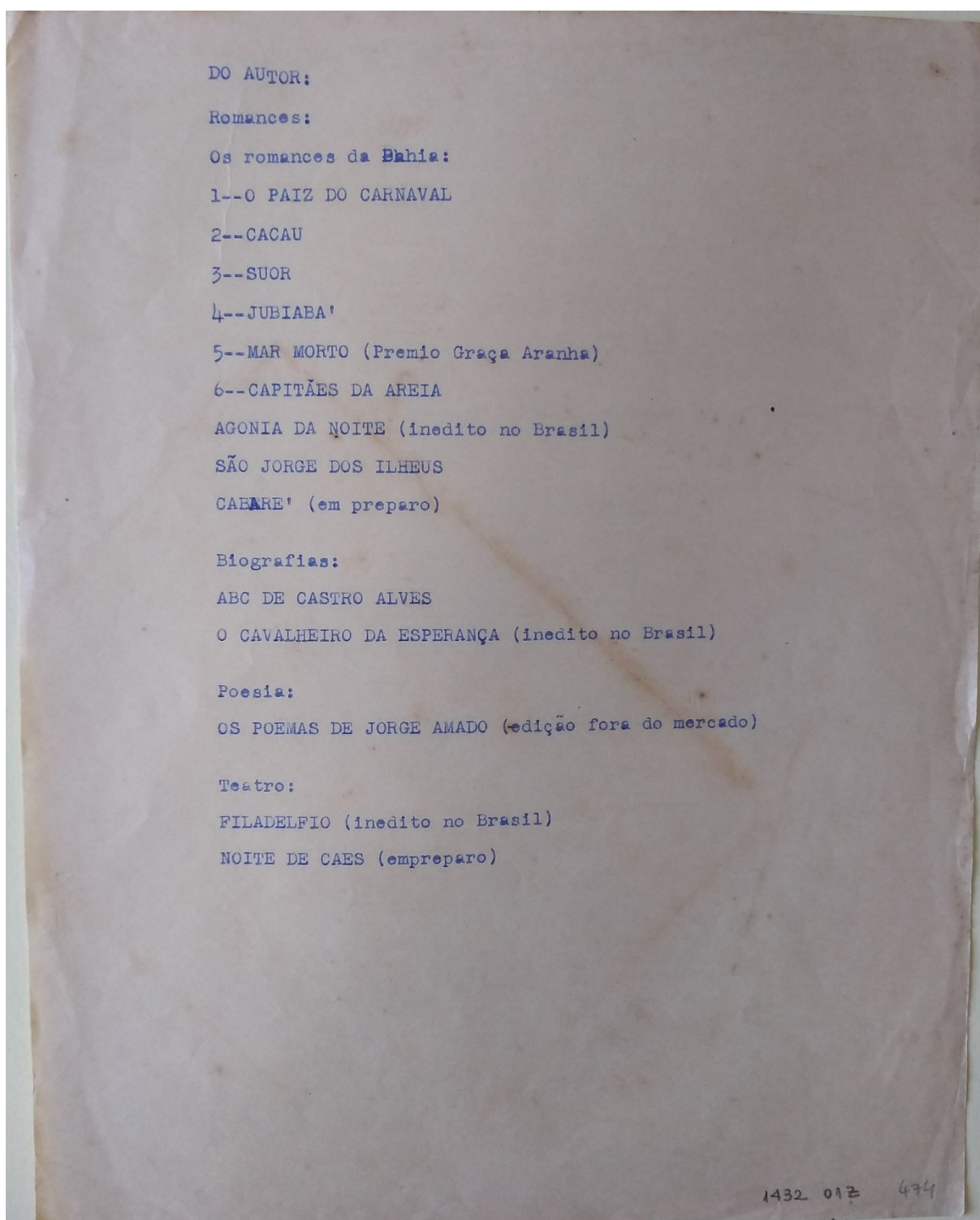


Figura 150- Listagem da obra II.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1432, 2023.

E ainda assim:

do autor:

OS ROMANCES DA BAHIA:

1– O PAÍS DO CARNAVAL

2– CACAU

3–SUOR

4–JUBIABÁ

5– MAR MORTO

6– CAPITÃES DA AREIA

(romances)

A ESTRADA DO MAR – poemas – edição fora do comércio

AGONIA DA NOITE – romance

em preparo:

SINHÔ BADARÓ – romance

ABC DE CASTRO ALVES – biografia do poeta.

traduzidos:

CACAO– tradução espanhola de “Cacau” por Hector F. Miri – Colecion Grandes

Novelas Sociales – Editorial Claridad – Buenos Ayres, 1936

CACAU– tradução russa de D. Vigodsky – Edições do Estado – Moscou, 1935

SLUMS– tradução inglesa de “SUOR” por Ann Martin – New Americas – New York, 1937

SUDOR– tradução espanhola de “SUOR” por Hector F. Miri - Ercila – Chile

BAHIA DE TOUS LES SAINTS – tradução francesa de “JUBIABA” pelos profs. Michel Berveiller e Pierre Hourcade - Edições N.R.F. – Paris, 1938

JUBIABÁ– tradução espanhola de Raul Navarro – Editorial Iman – Buenos Ayres, 1937

MAR MUERTO – tradução espanhola de “Mar Morto” por Hector F. Miri – Editorial Claridad – Buenos Ayres, 1938

CAPITANES DE LA ARENA – tradução espanhola por Raul Navarro de “Capitães da Areia” – Editorial Perseo – Buenos Ayres, 1939

JUBIABÁ – tradução inglesa de Thomas Dwyer, Jr. (em preparo)

MAR MORTO – tradução inglesa de Thomas Dwyer, Jr. (em preparo)

adaptação teatral:

BALDO, O NEGRO – adaptação teatral de “Jubiabá” por Roberto Alvim Corrêa.

adaptação cinematográfica:

MAR MORTO – direitos de filmagem da “Brasil Vita Filme S/A”.

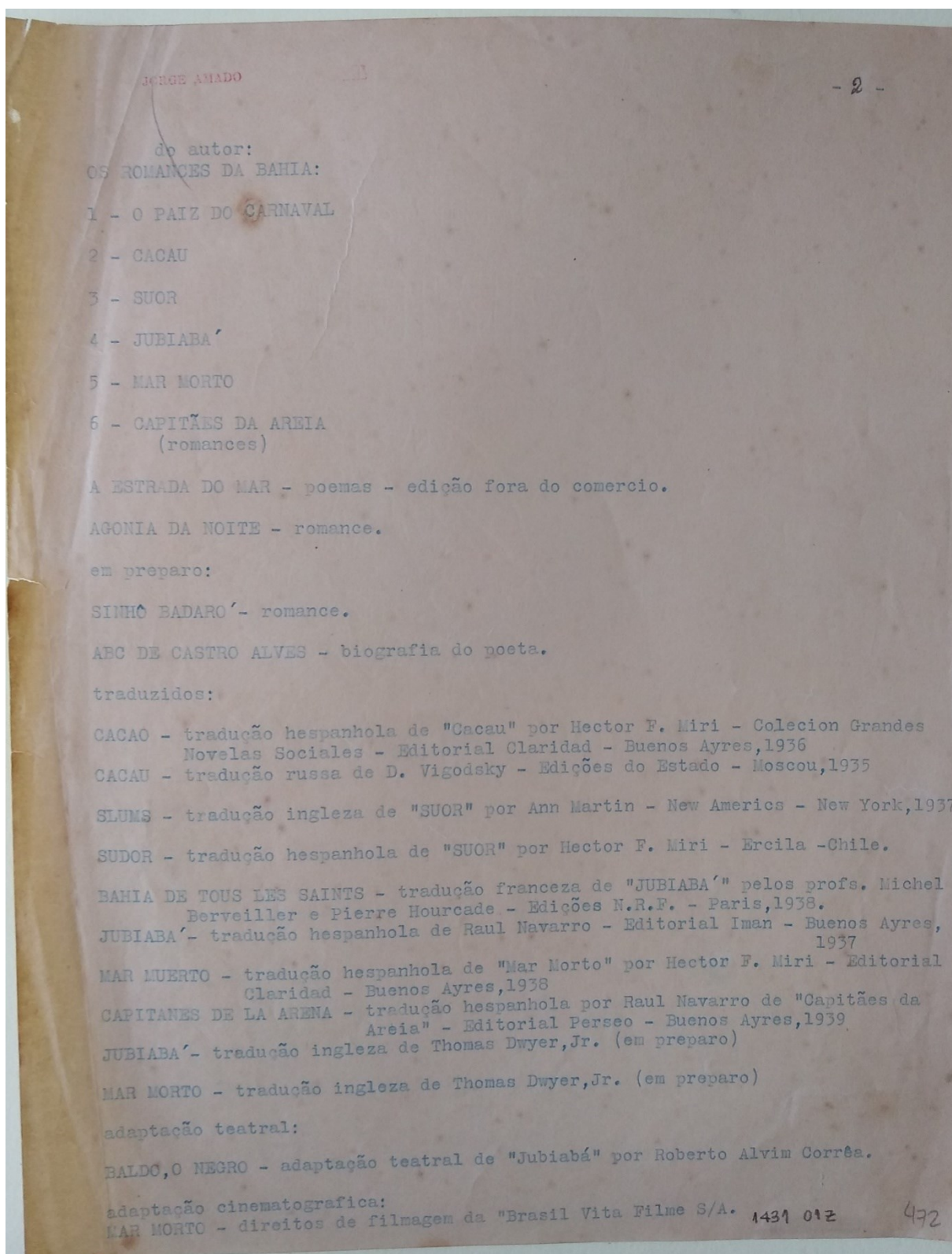


Figura 151- Listagem da obra III.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1431, 2023.

Meio-dia e três. Sentado, Jorge para e contempla as mãos: embora os indicadores tenham sido exercitados nas batidas à máquina, como sempre, esquecera-se de alongar os demais dedos. Manteve as mãos abertas enquanto ajustava o romance que havia começado a trabalhar há uns três anos, enquanto ainda morava no Rio. Sentia câimbras. As palmas semiabertas em conchas, com os dedos marcados do carbono<sup>233</sup>, lembraram-lhe um sanhaçu-azul que vira há cerca de um mês da sua janela e que agora estaria há muitos quilômetros dali, fugido do inverno de junho<sup>234</sup>. Vamos almoçar? Perguntava Matilde, já pronta e de mãos dadas com Lila, então com sete anos de idade. Jorge voltava o pensamento para o presente. Quanto tempo levaria para fazer o coração sarar? Naquela altura, duvidava que seria possível acalmar tão logo o peito. Não, não era o peito, respondia para si em pensamento, era o orgulho, sujo, estropiado, mal resolvido, jogado no chão. O peito não era o problema, o problema era a cabeça, essa maldita que não lhe deixava descansar conjecturando os “e se..?” contínuos, eternos. Resignado, aceitou o pano com álcool que Matilde lhe oferecia, esfregou os dedos, apagou o restante do cigarro que mantinha no canto da boca, vestiu chapéu e sobretudo, e os três desceram as escadas do sobrado salmão *de nº 3138 da Calle José Martí*, do bairro *Pocitos*, em Montevideú.

Já se passava quase três meses desde que os Amados embarcaram Matilde e Lila para Montevideú no endereço que agora Jorge residia após o término da biografia ter sido levado a cabo, assim como fora sua vida em comum com Maria: acabou. Desde que tomaram conhecimento da situação em Buenos Aires, a reação imediata de seu João e de dona Eulália não foi outra senão a de encerrar a sem-vergonhice do herdeiro mandando para perto de si sua *verdadeira* esposa e filha para viverem juntos. O agora casal Amado, Jorge e Matilde, compartilhavam vida em comum de forma amena. Os afetos não eram muitos, assim como a indiferença também não era. Conviviam. Jorge seguia escrevendo, Matilde tomava funções como sua secretária, tratava da correspondência, revisava os textos em leitura dupla, ela lia conforme Jorge empunhava caneta para as correções necessárias. Quanto aos

---

<sup>233</sup> Há cópias em carbono no Acervo, alguma com digitais, indicando que Jorge Amado sujava os dedos com ele.

<sup>234</sup> A indicação ao inverno é inspirada em uma carta dedicada à Matilde, que responde uma reclamação dela sobre o frio do Uruguai.

ânimos, ambos acompanhavam com expectativa o movimento do Brasil no contexto da Segunda Guerra e, de igual forma, o impacto que o *Vida de Luís Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* tomava por onde passava.

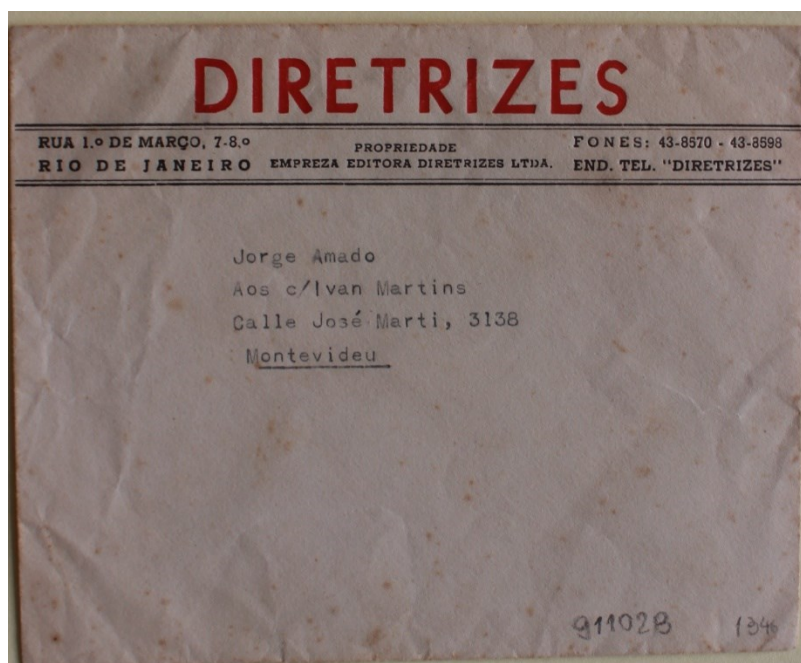


Figura 152- Envelope recebido por Jorge Amado (Montevideú).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 911, 2023.

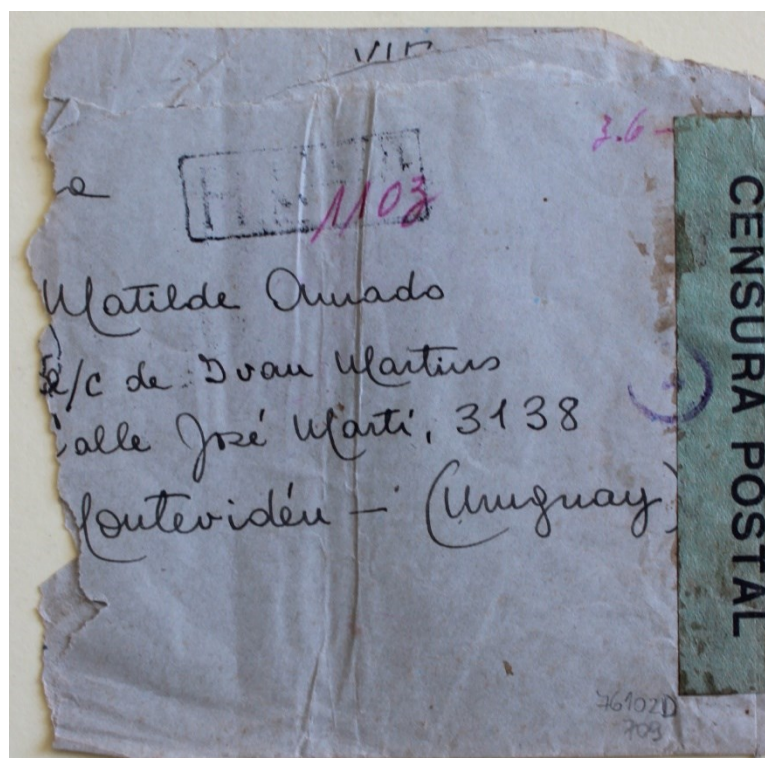


Figura 153- Envelope recebido por Matilde Amado.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc.761, 2023.



Figura 154- Sobrado da Calle José Martí, nº 3138, fachada.  
Fonte: Murilo Ramos.2015.



Figura 155- Sobrado da Calle José Martí, nº 3138, endereço.  
Fonte: Murilo Ramos, 2015.

Não se sabe se por decisão da *Claridad*, Editora pela qual publicou a biografia, ou se por escolha de Amado, mas *O Cavalheiro da Esperança*, como se vê, deu lugar ao *Cavalheiro da Esperança* no momento da publicação do texto laudatório. Isto é, Prestes foi de *gentleman* a herói nacional no título do livro. Ademais, em suas nominatas, na primeira organização mencionada, Amado registra a presença de um *São Jorge dos Ilhéus*, sem nada complementar. Adiante, na terceira listagem, vimos que nada fala sobre ele, mas registra a existência do romance *Sinhô Badaró*. Em verdade, esses dois títulos tratam do mesmo livro que, no final, não foi denominado nem de um, nem de outro jeito; Jorge chamou-o *Terras do sem fim*, e publicou-o em 1943, no Brasil, no ano seguinte ao retorno do exílio. A narrativa contou os conflitos que surgiram entre os irmãos Badaró e o coronel Horácio da Silveira em relação à Sequeiro Grande, região cacauzeira altamente valorizada na Bahia meridional devido sua reputação como a terra mais fértil para o cultivo de cacau da região. Determinados a aumentar ainda mais suas riquezas através do plantio de cacau, os Badaró e o coronel Horácio competem arduamente pela aquisição dessas terras; é essa a história que vimos ser prometida na *Dom Casmurro*, já em 1939, e é essa história que Jorge entrega à Editora Martins, em 1942.

Nesse meio tempo, houve pelo menos quatro momentos de organização dessa escrita, que Amado produziu tal qual colcha de retalhos, juntando partes, costurando pedaços, um a um, de 39 a 42. Quando indagado sobre esse livro, não costumava dizer a mesma coisa. Pilantra e vaidoso, chegou a falar que no Uruguai sentou-se diante da máquina de escrever e, de um só tempo, pá!, produziu o romance<sup>235</sup>. Noutra vez, lembrando-se das fases de escrita, assumia que no Uruguai havia terminado *Terras do sem fim*<sup>236</sup>. Em certa altura, antes da repaginação do site, a Fundação Casa de Jorge Amado trazia a informação de que esse romance começara como *Sinhô Badaró*, em 39, fora continuado em Montevideú, em 1942, e finalizado em Salvador<sup>237</sup>.

---

<sup>235</sup> “No Uruguai, sentei-me diante da máquina de escrever e, de uma vez, produzi *Terras do sem fim*... em dois, três meses, não mais do que isso. Quando voltei para o Brasil, o livro estava pronto” (Amado 1990 *apud* Raillard, 1990, p. 172).

<sup>236</sup> “Vivi entre Argentina e Uruguai em 1941 e 1942. Foi no Uruguai que terminei *Terras do sem fim*” (Amado 1981 *apud* Gomes, 1981, p. 19).

<sup>237</sup> “Publicados inicialmente na imprensa esboços de capítulos sob o título de *Sinhô Badaró*, em dezembro de 1939, o tema foi retomado, em meados de 1942, em Montevideú, onde o autor estava exilado, e concluído em Salvador, Bahia, em maio de 1943” (Fundação Casa de Jorge Amado, 2016).



Ainda, sem julgar pilantrice ou vaidade, seria possível entender que Jorge ajustava sua narrativa sobre o período de escrita de acordo com a importância que atribuía à fase de redação no momento específico da entrevista. Ou seja, quando considerava tê-lo escrito em Montevideu, poderia levar em consideração a precariedade das versões anteriores ao exílio.

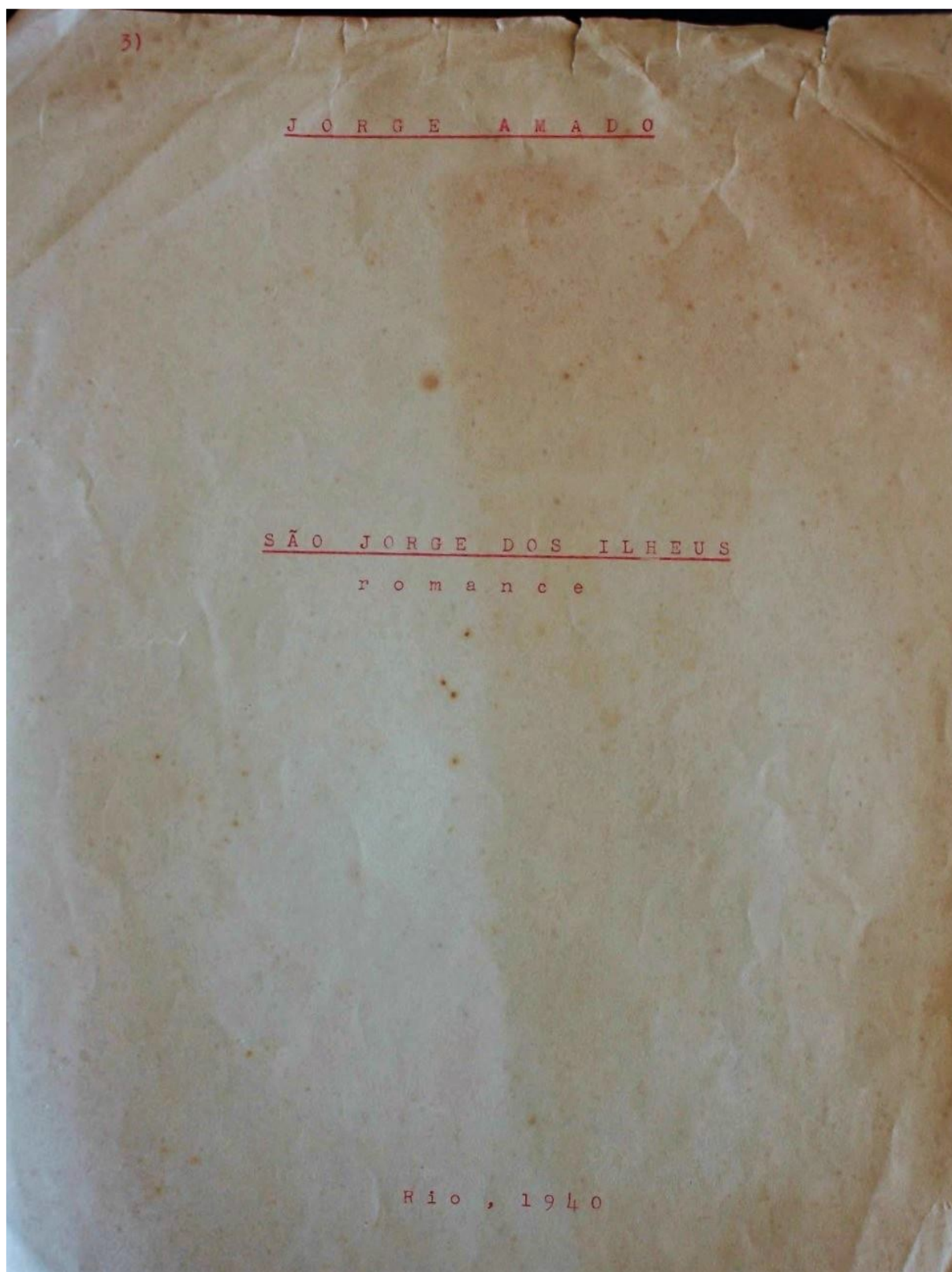


Figura 156- *São Jorge dos Ilhéus*, Rio, 1940.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc.01, 2023.

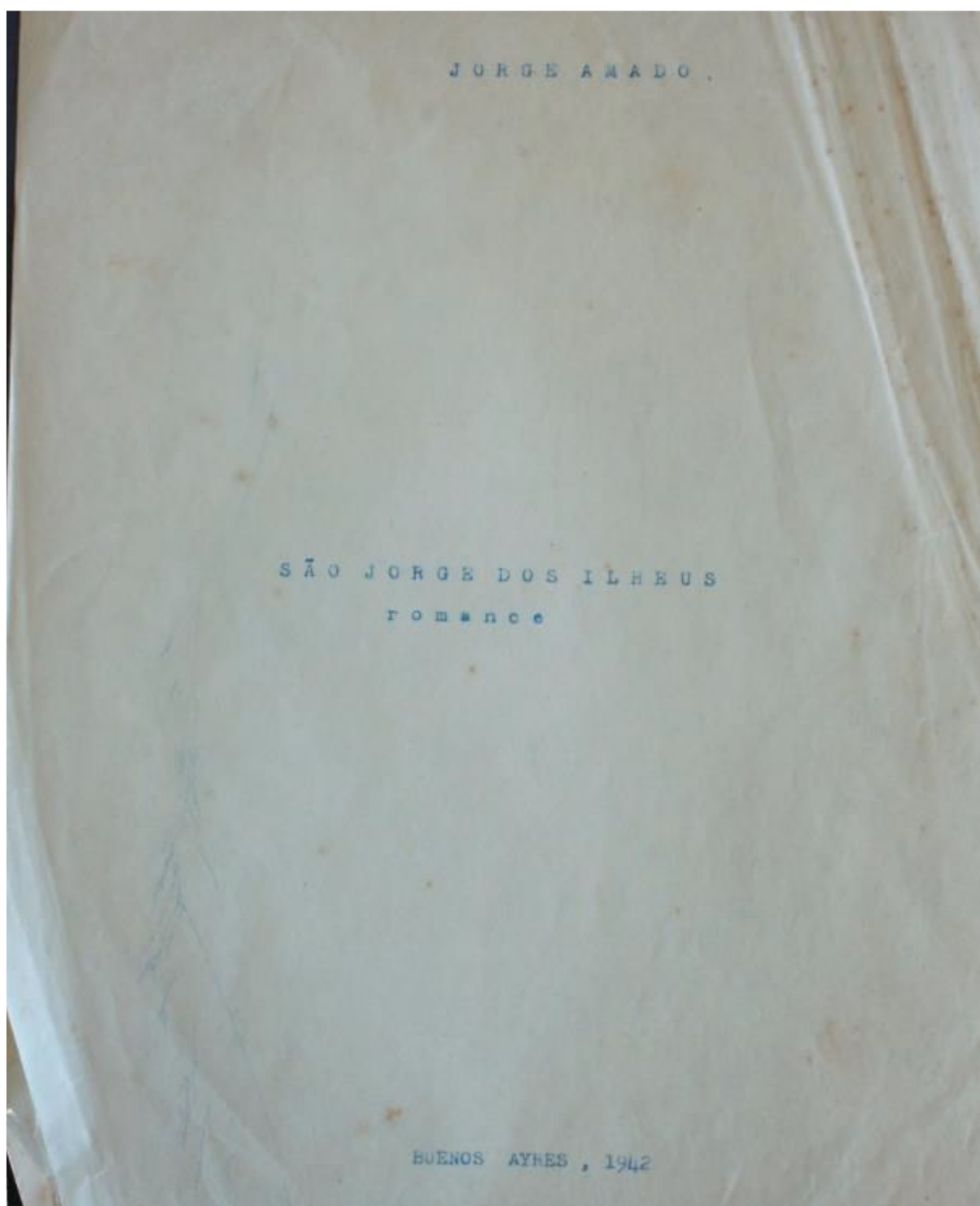


Figura 157- *São Jorge dos Ilhéus*, Buenos Aires, 1942.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc.02, 2023.

Fato é que Amado até pode tê-lo terminado, unido, juntado, e costurado no Uruguai, mas o Brasil e a Argentina também foram terras de sua produção. O conteúdo das versões deixadas no exílio correspondem à história em questão e, inclusive, a maioria traz páginas idênticas ao que foi publicado pela Martins em 1943. Ou seja, definitivamente, a mala que Jorge carregou na companhia de Maria, nos idos junho de 1941, levava a intenção da permanência do ser romancista. Ainda, é importante dizer que, da mesma forma que ocorreu com *Agonia da noite*, o título *São Jorge dos Ilhéus* existe e foi publicado na obra do autor, mas não para o texto ao qual fora atribuído inicialmente. Aqui, no caso, o tempo para o uso foi mais curto, pois tal denominação deu título ao romance posterior ao *Terras* publicado no Brasil em 1944. Sobre quando se deu a decisão pelo momento do retorno à produção do romance que narra a luta dos Badaró, Jorge nunca chegou a falar publicamente, mas lançou o término da biografia de Prestes como marco para retornar ao livro. Em vias de finalizar a biografia, ainda em dezembro de 1941, sinalizou para Joaquim esta intenção:

*Buenos Aires, 8 de dezembro de 1941.*

*Velho Joaquim: um abraço. Danado com você porque você não dá ousadia de escrever umas linhas a seus confrades escritores, nem mesmo para dar lembranças, quero lhe mandar dizer que sua vitória é completa porque o ritmo de trabalho não diminuiu. Apesar de não termos aqui a sua experiência vamos navegando, fazendo algumas coisas, pretendendo fazer ainda mais. Pedi ao Pedro que lhe mandasse meu artigo sobre o Coelho de Souza. Escrevi a ele mandando o artigo, pedindo a conferência completa, etc. Creio que ele gostará. Você que achou? Viu a carta na "La hora" e a notícia de ontem, domingo, sobre os vivos dos estudantes de Fortaleza a esse seu amigo? Essa notícia veio de uma carta do Rio de uma pessoa daquela revista. Prova que os xingamentos de ladrão do rádio não pegaram, não valeram mesmo nada, o que ainda mais me animou na minha intenção de continuar a ser cada vez mais útil a meu povo.*

*Agora, velho, o motivo central dessa carta: estou trabalhando o mais que posso na biografia. Você sabe que a vaidade não é mesmo uma das minhas qualidades e por isso acreditará que ao lhe dizer que ela está me agradando, estou dando a minha opinião e a do engenheiro e do Pedro sobre. Creio que vai ser um livro bom e útil.*

*Penso então em que seria talvez útil fazer aqui uma edição de 500 exemplares, em papel de jornal, do original, para a terra e manda-la, de modo que chegasse, para lá. Poderia ser útil para animar a gente, mostrar o heroísmo da família do biografado, enfim uma multidão de coisas. Sobre isso queria muito saber sua opinião, sobre a coisa em geral e sobre os detalhes. Gostaria que você dedicasse uma parte desse tempo que você sabe espichar como ninguém a pensar nesse assunto e me mandasse dizer algo. Fazemos ou não, aqui ou lá, como a edição, tiragem, como mandar.*

*É uma pena que você não possa ler o livro antes dele ser publicado. Sem dúvida me iria ser muito útil a sua leitura anterior. Mas nem tudo é como a gente quer.*

*Você viu o artigo do Rodo sobre o ABC? Está aí: confesso que fiquei vaidoso. Não adianta mentir. A verdade é que fiquei meio besta quando li o bicho. E o meu poema sobre F. de Noronha? Como você vê estou invadindo seus domínios poéticos. Não é só você quem faz poesia. Sábado faço uma conferência na AIAPE daqui sobre a "moderna literatura brasileira". E o troco que você ficou de mandar sobre o "Jubiabá" e o "Capitães". Tenho interesse nisso porque, acabando a biografia, vou continuar meu romance e seus palpites por vezes que me fazem quebrar a cabeça, dizer nomes feios, mas quase sempre me ensinam algo. E isso é que vale. Maria Ihe manda lembranças, o secretário também, fala muito em você, eu Ihe mando o melhor abraço. Jorge.*

Aparentemente, findado seu tempo de biógrafo, a vontade de retornar à produção romanesca foi grande, pois, em vias de finalizar a biografia, além do registro anterior (Figura 157), vê-se que Jorge já quis iniciar a organização dos pré-textuais do *Terras*, até aquele momento, ainda *São Jorge dos Ilhéus*, antes do prazo que compartilhara com o camarada nessa correspondência (Figura 160). Quanto à biografia, não há dúvidas de que Jorge Amado estava satisfeito com o resultado, mencionando opinião semelhante por parte do “engenheiro” e do “Pedro”. Tratam-se de Tomás Pompeu Acioli Borges e Pedro Mota Lima.

“Pompeu”, “Pom” “Campeão”, “P”, “C”, e “engenheiro” (em alusão a sua profissão), além de Amado, foi quem mais esteve inteirado do conteúdo da biografia laudatória no momento de sua produção: parte a parte, capítulo a capítulo, pois oficialmente foi o encarregado de traduzi-la, assinando contrato com a Editora

Claridad. Pedro Mota Lima também fez parte do grupo de intelectuais brasileiros exilados, assim como Jorge, era um nome extremamente visado pelo regime estadonovista. No Brasil, já em 1927, foi fundador do jornal *A Esquerda* e, em 1929, do *A Batalha* (1929), publicações que, sob a direção de Leônidas Resende e José Augusto Mota Lima, buscaram criar uma ligação entre o movimento tenentista e o movimento operário dentro da Aliança Nacional Libertadora. Estava exilado na Argentina desde o fracasso de 1935, trabalhava ininterruptamente pela liberdade de Prestes e dos presos políticos da ditadura do Estado Novo.

Ademais, a carta para Joaquim dá uma noção da efervescência de produção de Jorge durante o período do exílio, pois ainda menciona sua ideia de *mostrar o heroísmo da família do biografado* a fim de motivar a campanha em prol da anistia em foco. Efetivamente, levou a ideia ao fim, proferindo palestras e escrevendo textos sobre Olga, Leocádia e Anita: companheira, mãe e filha do *Cavaleiro*. Foi, inclusive, palestrante convidado no Liceo Rosarino de Mujeres, em Rosario (Argentina), em 26 de outubro de 1941, com fala intitulada *Leocadia, Olga y Anita, madre, esposa e hija*. Para a propaganda da atividade, falava-se da presença do *grande escritor brasileiro*, explorando-se sua condição de *biógrafo de Prestes*. A relação de Jorge com a família do biografado não era apenas longínqua, como tópico retórico, ele também trocou correspondências com Leocádia e Lygia Prestes. Foi via carta de Lygia, de 20 de junho de 1942, que há o registro de que, finalmente, o exemplar da biografia havia chegado em suas mãos, no México, onde estavam exiladas. Assim, seja no fluxo missivo, textos políticos ou produção literária, Leocádia, Lygia, Olga e Anita viraram personagens constantes na redação de Jorge Amado.

Em relação à carta mencionada, particularmente, a irmã de Prestes contava a Jorge sobre *a pequena estar de cama*: referia-se à Anita Leocádia Benário Prestes que, nascida no Campo de Concentração de Barnimstrasse, na Alemanha, agora estava com a avó e a tia após ser separada da mãe, Olga Benário, quando no desmame aos 14 meses. Na época da carta, Olga já estava morta, fora executada em abril daquele ano (1942) na câmara de gás do Campo de Extermínio de Bernburg, após o fascista Filinto Müller, com a bênção de Vargas, enviá-la, grávida, para a Alemanha nazista. Pouco mais de um ano após a carta de Lygia, ainda no México,

morre Leocádia Prestes. Anita, hoje historiadora, em um posfácio de *O Cavaleiro da Esperança* fala do episódio do recebimento do livro:

*Era a primeira biografia do meu pai, da qual Jorge Amado se dizia orgulhoso, ao escrever de próprio punho uma outra dedicatória no exemplar destinado a Leocádia Prestes e enviado ao México, onde então morávamos minha avó, minha tia Lygia e eu. Vivíamos “os anos tormentosos” de nossas vidas, segundo palavras de Leocádia em carta dirigida ao filho, prisioneiro da ditadura Vargas* <sup>238</sup>.

No prefácio da primeira edição brasileira da biografia, Jorge escreveu: *Traduções para outras línguas foram feitas sobre a tradução espanhola; no Brasil, além dos exemplares daquela edição vendidos clandestinamente, por vezes por preços absurdos, apareceram cópias datilografadas e até em fac-símile fotográfico... Os exemplares aqui vendidos nunca chegaram a ser propriedade individual de alguém, viveram sempre de mão em mão. O povo se referia a este livro com os mais diversos nomes: Vida de são Luís, Vida do rei Luís, Travessuras de Luisinho etc. Depois também sua edição Argentina foi proibida e queimada em Buenos Aires, por ordem do governo Perón. Valorizaram-se ainda mais os exemplares que circulavam no Brasil. Houve quem vivesse do aluguel de exemplares [...] Junta-se a tudo isso a emoção que ele [o livro] despertou na América espanhola, onde quebrou recordes de venda, e pode-se imaginar quanto não me envaideço dele, quanto não me orgulho de ser o seu autor”. Efetivamente, durante meses a fio, a edição espanhola foi o livro mais vendido na América Latina.* <sup>239</sup>

Essa prática não foi coincidência, e o próprio Jorge Amado esteve envolvido, juntamente com outros camaradas. Manteve consigo orientações denominadas *Plan para la entrada de literatura*, as quais diziam o seguinte:

- *Conseguir una o dos librerías en cada región (ya sea en las grandes ciudades o en las pequeñas y pueblos, donde el control de los enemigos de la literatura se afloja) para recibir pequeños paquetes de libros y folletos.*

-*Los libros más importantes podrán ir con tapas especiales, como lo que te envié para ahí, a título de experiencia.*

---

<sup>238</sup> Prestes, 2011, p. 371.

<sup>239</sup> Amado, 1945, prefácio.

*-Si a las libeerias amigas les conviene comercialmente y como medida de defensa, podemos enviarles libros de otras editoriales, dos o tres para cada uno de los nuestros. (Escrebirnos determinando cada caso, según las características locales y la situación del cliente).*

*-Los libros que nos interesen deben ser retirados apenas lleguen, para que las librerias confien em la seguridad del negocio. Estará demás recordar que los encargados de retirar estos libros no deben estar vinculados directamente con nuestros aparatos.*

*-Esperamos conseguir de amigos de otros países (Perú, Bolibia, Colombia, posiblemente Cuba y EE.UU que reciban algunos de estes paquetes para retran reenviarlos a ustedes, variando así la procedência.*

*-Debemos fiscalizar estrechamente la puntualidad en los pagos a la editorial argentina, no solamenté porque el margen de los 50 % que nos es facilitado no cubre todos los gastos (hay que comprender que se trata de un esfuerzo, de una ayuda de nuestros amigos) sino tambien como control del recibimiento.*

*-Aqui tenemos un amigo que se vá dedicar especialmente y con todo interés a esa forma de ayudarnos. Esperamos sugeriones desde adentro<sup>240</sup>.*

Considerando o depoimento sobre *Vida de são Luís, Vida do rei Luís, Travessuras de Luisinho* e afins, o plano para esse título, ao menos, deu certo. Medidas como essa mostram as táticas adotadas pelos militantes nos tempos de chumbo. Resistiram. Bem, às vezes, resistiram. Infelizmente, nem todos os que fugiram dos horrores das perseguições do período da Segunda Guerra conseguiram

---

<sup>240</sup> - Conseguir uma ou duas livrarias em cada região (seja nas grandes cidades ou nas pequenas e vilas, onde o controle dos inimigos da literatura se afrouxa) para receber pequenos pacotes de livros e folhetos.

- Os livros mais importantes podem ir com capas especiais, como o que te mandei lá, a título de experiência.

-Se for conveniente para as livrarias amigas comercialmente e como medida de defesa, podemos enviar-lhes livros de outras editoras, dois ou três para cada um dos nossos. (Escreva-nos determinando cada caso, de acordo com as características locais e a situação do cliente).

-Os livros que nos interessam devem ser retirados assim que chegarem, para que as livrarias confiem na segurança do negócio. Será desnecessário lembrar que os responsáveis pela remoção desses livros não devem estar diretamente ligados aos nossos dispositivos.

-Esperamos conseguir amigos de outros países (Peru, Bolívia, Colômbia, possivelmente Cuba e Estados Unidos) que recebam alguns desses pacotes para reenviar para você, variando assim a origem.

-Devemos monitorar de perto a pontualidade dos pagamentos à editora argentina, não só porque a margem de 50% que nos é fornecida não cobre todas as despesas (você tem que entender que é um esforço, uma ajuda de nossos amigos), mas também como controle de recepção.

-Aqui temos um amigo que vai se dedicar especialmente e com todo interesse a essa forma de nos ajudar. Aguardamos sugestões de dentro.



se mover ou ter êxito nas suas estratégias; fosse ao sul das Américas, fosse no centro Europeu. Um exemplo disso é caso citado no texto *Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Zweig*, escrito por Jorge Amado, cuja publicação saiu no jornal *La Razón* de 25 de fevereiro de 1942. Stefan estava exilado no Brasil e, embora nunca tenham se conhecido pessoalmente, Amado conservava admiração por esse escritor, que, já na década de 1920, era um dos mais traduzidos no mundo. Ocorre que, em Petrópolis, desolado com a Guerra, nada mais havia como saída para Stefan Sweig que não viu outra alternativa além da de tomar uma dose letal de barbitúricos junto com a esposa, Lotte Altam, e ambos se foram. O suicídio do escritor adquiriu ampla dimensão política e simbólica no contexto histórico, marcado pela expatriação de corpos e destruição humana e material. Para o período de vida que se lê sobre Jorge Amado, esse texto ilustra a atividade profissional do autor nesses dois anos de 1940, em que, além de todas as atividades mencionadas e apresentadas até então, também somou a da escrita e publicação em periódicos locais.

Buenos Aires, 8 de dezembro de 1941.

Velho Joaquim: um abraço. Danado com voce porque voce nao da q'sadia de escre-  
ver umas linhas a seus confrades escritores, nem mesmo para dar lembranças,  
quero lhe mandar dizer que sua vitória é completa porque o ritmo de traba-  
lho não diminuiu. Apesar de não termos aqui a sua experiencia vamos navegan-  
do, fazendo alguma coisa, pretendendo fazer ainda mais. Pedi ao Pedro que lhe  
mandasse meu artigo sobre o Coelho de Souza. Escrevíx e ele mandando o ar-  
tigo, pedindo a conferencia completa, etc. Creio que ele gostará. Voce que a-  
chou? Viu a carta na "La Hora" e a noticia de hontem, domingo, sobre os vivos  
dos estudantes de Forteleza a esse seu amigo? Essa noticia veio numa carta  
do Rio de uma pessoa daquela revista. Prova que os chingamentos de ladrão  
do radio não pegaram, não valeram mesmo nada, o que ainda mais me animou na  
minha intenção de continuar a ser cada vez mais útil ao meu povo.

Agora, velho, o motivo central dessa carta: estou trabalhando o mais que posso  
na biografia. Voce sabe que a vaidade não é mesmo uma das minhas qualidades  
e por isso acreditará que, ao lhe dizer que ela está me agradando, ~~está~~ es-  
tá dando a minha opinião e a do engenheiro e do Pedro sobre. Creio que  
vae ser um livro bom e util. Penso então em que seria talvez util fazer a-  
qui uma edição de 500 exemplares, em papel de jornal, do original, para a ter-  
ra e manda-la, de modo que chegasse, para lá. Poderia ser util para animar  
a gente, mostrar o heroismo da familia do biografado, enfim uma multidão de  
coisas. Sobre isso queria muito saber sua opinião, sobre a coisa em geral  
e sobre os detalhes. Gostaria que voce dedicasse uma parte desse tempo que  
voce sabe espichar como ninguem a pensar nesse assunto e me mandasse di-  
zer algo. Fazemos ou não, aqui ou lá, como a edição, tiragem, como mandar.  
E' uma pena que voce não possa ler o livro antes dele ser publicado. Sem  
duvida me iria ser muito util a sua leitura anterior. Mas nem tudo é como a  
gente quer.

Voce viu o artigo do Rodó sobre o ABC? Está aí: confesso que fiquei vaidoso.  
Não adianta mentir. A verdade é que fiquei meio besta quando li o bicho.  
E o meu poema sobre F. de Noronha? Como voce vê estou invadindo seus domi-  
nios poeticos. Não é só voce quem faz poesia. Sabado faço uma conferencia

92402A 1034

Figura 158- Carta para Joaquim – frente.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc.924, 2023.

Buenos Aires, 3 de dezembro de 1931.  
 na Alape daqui sobre a "moderna literatura brasileira".  
 E o troço que voce ficou de mandar sobre o "Jubiabá" e o "Capitães"?  
 não interesse nisso porque, em cabando a biografia, vou continuar meu  
 romance e seus palpites por vezes me fazem quebrar a cabeça, dizer nomes  
 feios, mas quasi sempre me ensinam algo. E isso é que vale.  
 Maria lhe manda lembranças, o secretário também, fala muito em voce,  
 eu lhe mando o melhor abraço do  
 seu  
 e a notícia de ontem, domingo, sobre os vivos  
 dos trabalhos de fortaleza a esse seu amigo? Essa notícia veio numa carta  
 do Rio de uma pessoa daquela revista. Prova que os chingamentos de feição  
 do radio não pegaram, não valeiam mesmo nada, o que ainda mais me animou na  
 minha intenção de continuar a ser cada vez mais útil ao meu povo.  
 Agora, veio o motivo central desse carta: estou trabalhando o mais que posso  
 na biografia. Você sabe que a verdade não é mais uma das minhas qualidades  
 e por isso acredito que se lhe diz que eu não estou me agredendo, que  
 sou dado a minha opinião e a do engenheiro e do leão sobre. Creio que  
 vai ser um livro bom e útil. Penso então em que seria talvez útil fazer a  
 dar uma edição de 500 exemplares, em papel de jornal, ao original, para a ter-  
 ta e manda-la, de modo que chegue, para lá. Poderia ser útil para animar  
 a gente, mostrar o heroísmo da família de biografia, e em uma multidão de  
 coisas. Sobre isso queria muito saber sua opinião, sobre a coisa em geral  
 e sobre os detalhes. Gostaria que voce dedicasse uma parte desse tempo que  
 voce sabe esboçar como ninguém a pensar nesse assunto e me mandasse ói-  
 ter algo. Passamos du não, aqui ou lá, como a edição, tirem, como mandam.  
 E' uma pena que voce não possa ler o livro antes dele ser publicado. Sem  
 dúvida na vida ser muito útil a sua leitura anterior. Mas nem tudo é como a  
 gente quer.  
 Vou vir o artigo de hoje sobre o ADY e a história: confesso que fiquei vaidoso  
 não adianta mentir. A verdade é que fiquei muito contente quando li o bicho.  
 E o meu poema sobre E. de Noronha? Como voce vê estou inventando seus domi-  
 nios poeticos. Não é só voce quem faz poesia. Sabedo faço uma conferência

92502A

Figura 159- Carta para Joaquim – verso.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc.925, 2023.

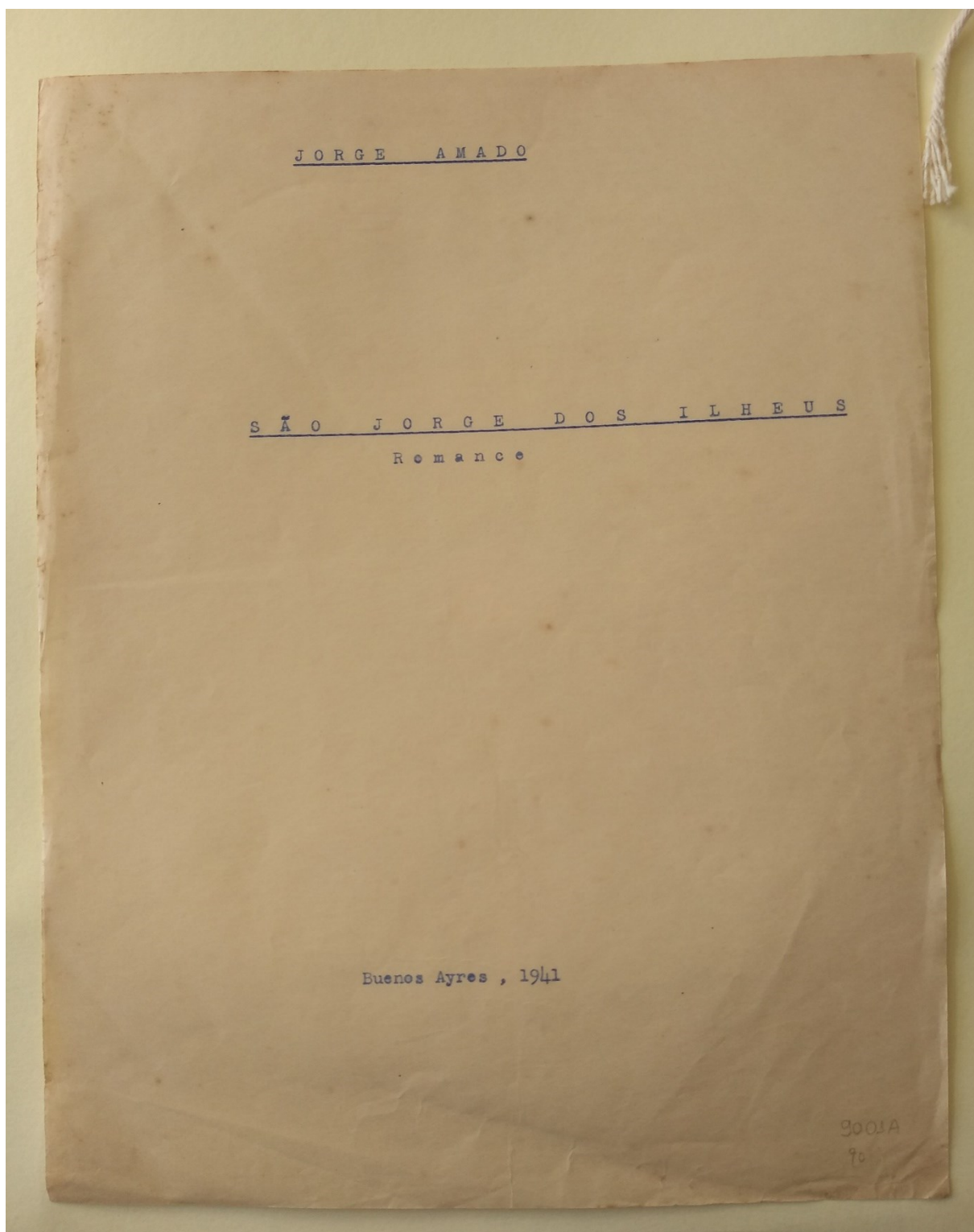


Figura 160- *SJI/Terras* versão Buenos Aires I (1941).  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 90, 2023.

OUVI, SENHORA , A HISTORIA DE UMA FAMILIA.

Por JORGE AMADO

Vos falarei de Leocadia , de Olga e de Anita , avó , mãe e neta. E' uma historia dramatica , cheia de sofrimento , mas , apesar disso , ouvi! , é uma historia bela e heroica. Ha uma filha que nunca viu o pae , apesar dele ainda viver. Uma filha que mal viu a mãe , que apenas a viu sofrer. "menina de cinco anos , o pae numa prisão , a mãe num campo de concentra- ção. Seu coração destribuido pelo mundo , seu pequeno coração. Assim é Anita , senhora que ouvís minha historia , essa historia dramatica mas heroica. Eu queria , senhora , ser dono dos adjetivos mais doces e ternos para vos falar da neta , da pequena Anita , seus olhos puxados para o Brasil onde o pae está preso , seus olhos puxados para ~~o Brasil~~ <sup>a Alemanha</sup> onde diaria e lentamente assinam sua mãe. Olga teve um crime tremen- do , um imperdoavel crime para aqueles que se fecharam na noite da tira- nia. O crime do amor. Eu sei bem , senhora , e vós tambem o sabeis, que não ha nada de mais espândido e magnifico que o amor. E' o sol e é o ceu , é a descoberta de subito de todas as coisas que até então não ha- viamos sentido na sua maxima beleza : a descoberta do luar nas noites ~~de verão~~ de verão , a descoberta da primavera brotando dos ramos , su- bindo da terra , a descoberta das flores , dos versos , das caricias in- genuas e doces. E pelo amor , senhora , nós o sabemos , deixamos tudo pa- ra ~~ganharmos tudo~~. Assim fez Olga. Seguiu o seu amado que era o ser mais digno de amor da terra. Seguiu seus passos que eram os passos da liber- dade , muito tinha ele que fazer , muito precisava do seu amor para cons- truir a sua obra. Ela nada mais fez que ser digna e boa , a melhor das esposas , a mais amante , a mais terna , a mais fiel. Esposa é uma pala- vra bela , todos o dizem.

Mas ha homens , senhora , que o dizem tambem , que falam de voz alta e bem sonante sobre as virtudes da esposa. Que falam em lealdade , em dignidade e doçura. Que dizem que ~~se~~ só para a defesa dessas virtudes

Figura 161- Leocadia, Olga y Anita, madre, esposa e fija.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc.350, 2023.

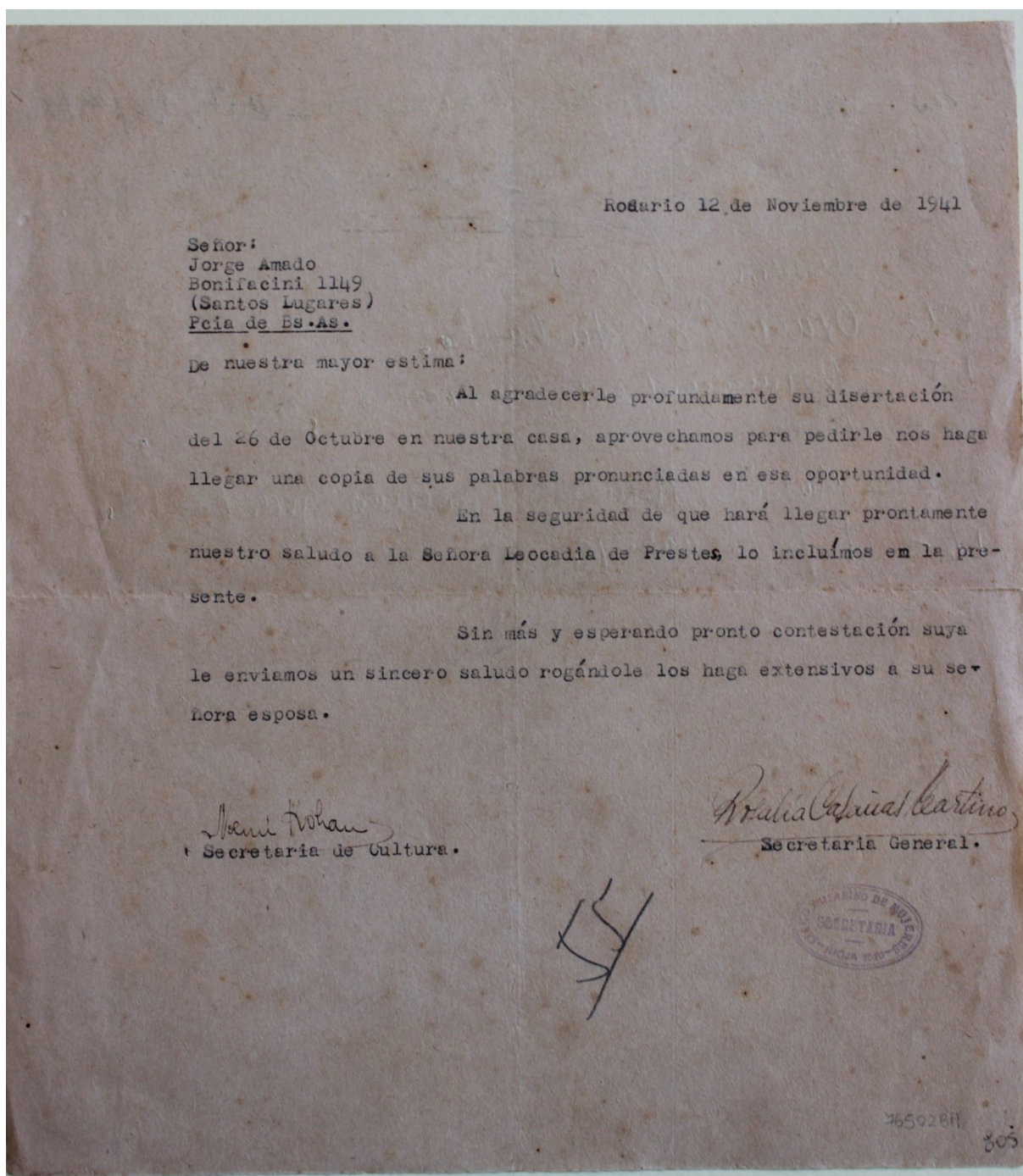


Figura 162- Carta de agradecimiento à Conferência proferida no Liceo Liceo Rosarino de Mujeres.  
 Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc.765, 2023.

México, D.F., 20 de Junho de 1942.

Sr. Jorge Amado  
Calle José Martí 3138  
Montevideo.

Estimado amigo:

Recebemos ha dias um exemplar da biografia do Carlos, assim como uma carta sua de 20 de Maio ultimo, o que foi para nós uma agradável surpresa, pois já desesperavamos de obter noticias de vocês. A sua resposta à minha carta de Março, a que você se refere, aqui não chegou, pelo que é facil de avaliar o desconcerto em que estamos. As vezes chegavamos a pensar que você já estivesse de volta, no Brasil, tão inexplicavel nos parecia o seu silencio.

Mamãe me pede lhe agradeça muito o livro, cuja carinhosa dedicatória muito a emocionou. Infelizmente, o seu livro veio chegar aqui num momento bem difficil para nós, pois estamos com a pequena de cama e a Mamãe mesmo está doente, com uma das suas crises de reumatismo, e por este motivo ainda não nos foi possivel lel-o com atenção. A apresentação é simplesmente magnifica. Alegrou-nos saber o sucesso que tem obtido, pelo que felicitamos sinceramente a você e ao amigo traductor. Entre as pessoas que talvez se interessem pelo livro, recordamos o vice-presidente dos EE.UU., Wallace, que domina perfeitamente o hespanhol, o sr. David Efron, do Council for Pan American Democracy (112 East, 19th Street, Room 506, New York), o poeta Pablo Neruda, que é consul do Chile aqui no México, para não citar muitas.

Falemos agora do seu assumpto. De accordo com o seu pedido, procurei uma pessoa a quem confiar a resolução final do caso. Não me foi muito facil encontral-a, pois vivemos aqui muito isoladas, <sup>quasi</sup> por completo de amigos. Finalmente lembrei-me que você mesmo me havia indicado, em sua primeira carta, o nome do Sr. Ermilo Abreu Gomez, quem, segundo entendi, foi seu amigo em outros tempos. Não temos relações com este senhor, porém um amigo comum prestou-se como intermediario, e o Sr. Abreu Gomez aceitou a incumbencia. Tenho esperanças de que tudo se resolverá sem maiores difficuldades, pois este senhor, como mexicano e bem relacionado, deve estar em excellentes condições para mover os pausinhos, tanto mais que o assumpto já está encarrilado. Falta somente agora que o seu pae mande a necessaria autorização, a nome do Sr. Ermilo Abreu Gomez, residente em Calle de Agrarismo n° 187-C, México, D.F.- Para evitar maiores delongas, é conveniente que a procuração seja feita com todos os requisitos da lei, sellos, firma reconhecida, etc. (Os datos da sua boleta são: N° 3413, valor de 7:324,800, expedida no Rio, a 15 de Junho de 1937, pelo Canciller F. Peribañez Martínez). Não sei como pretende fazer o seu pae, se remeter a procuração por meu intermedio ou directamente ao interessado; porém, seja como fôr, peço a você o favor de avisar-me ao respeito, para que eu possa entregar ao Sr. Abreu Gomez, contra recibo, a referida boleta. Talvez fosse conveniente que você mesmo escrevesse ao Sr. Abreu Gomez, pois um pedido seu teria para elle muito mais valor do que o meu.

Muito obrigadas pelas noticias que nos dá sobre a campanha

em favor do Carlos. A situação deste continua inalteravel. Em quanto à nossa viagem, não vemos possibilidades pelo momento, devido à insegurança nos mares. Em todo o caso, muito obrigada pelo interesse que você tomou pelo assumpto. - Termino aqui, por falta absoluta de tempo. Lembranças aos amigos, um affectuoso abraço de nós tres para você, sua companheira e sua filhinha. Cordialmente,  
Lygia

Figura 163- Carta de Lygia, de 20 de junho de 1942.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 884, 2023.

Pensar en un plan para la entrada de literatura:

- o Conseguir una o dos librerías en cada región (ya sea en las grandes ciudades o en las pequeñas y pueblos, donde el control de los enemigos de la literatura se afloja) para recibir pequeños paquetes de libros y folletos.
  - o Los libros más importantes podrán ir con tapas especiales, como lo que te envié para ahí, a título de experiencia.
  - o Si a las librerías amigas les conviene comercialmente y como medida de defensa, podemos enviarles libros de otras editoriales, dos o tres para cada uno de los nuestros. (Escribirnos determinando cada caso, según las características locales y la situación del cliente).
  - o Los libros que nos interesen deben ser retirados apenas lleguen, para que las librerías confíen en la seguridad del negocio. Estará demás recordar que los encargados de retirar estos libros no deben estar vinculados directamente con nuestros aparatos.
  - o Esperamos conseguir de amigos de otros países (Perú, Bolivia, Colombia, posiblemente Cuba y EE.UU.) que reciban algunos de estos paquetes para retransmitirlos a ustedes, variando así la procedencia.
  - o Debemos fiscalizar estrechamente la puntualidad en los pagos a la editorial argentina, no solamente porque el margen de los 50 % que nos es facilitado no cubre todos los gastos (hay que comprender que se trata de un esfuerzo, de una ayuda de nuestros amigos) sino también como control del recibimiento.
  - o Aquí tenemos un amigo que se va a dedicar especialmente y con todo interés a esa forma de ayudarnos.
- Esperamos sugerencias ===  
desde adentro.

1441 01W 832

Figura 164- Plano para entrada da literatura, drible à censura.

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1441, 2023.



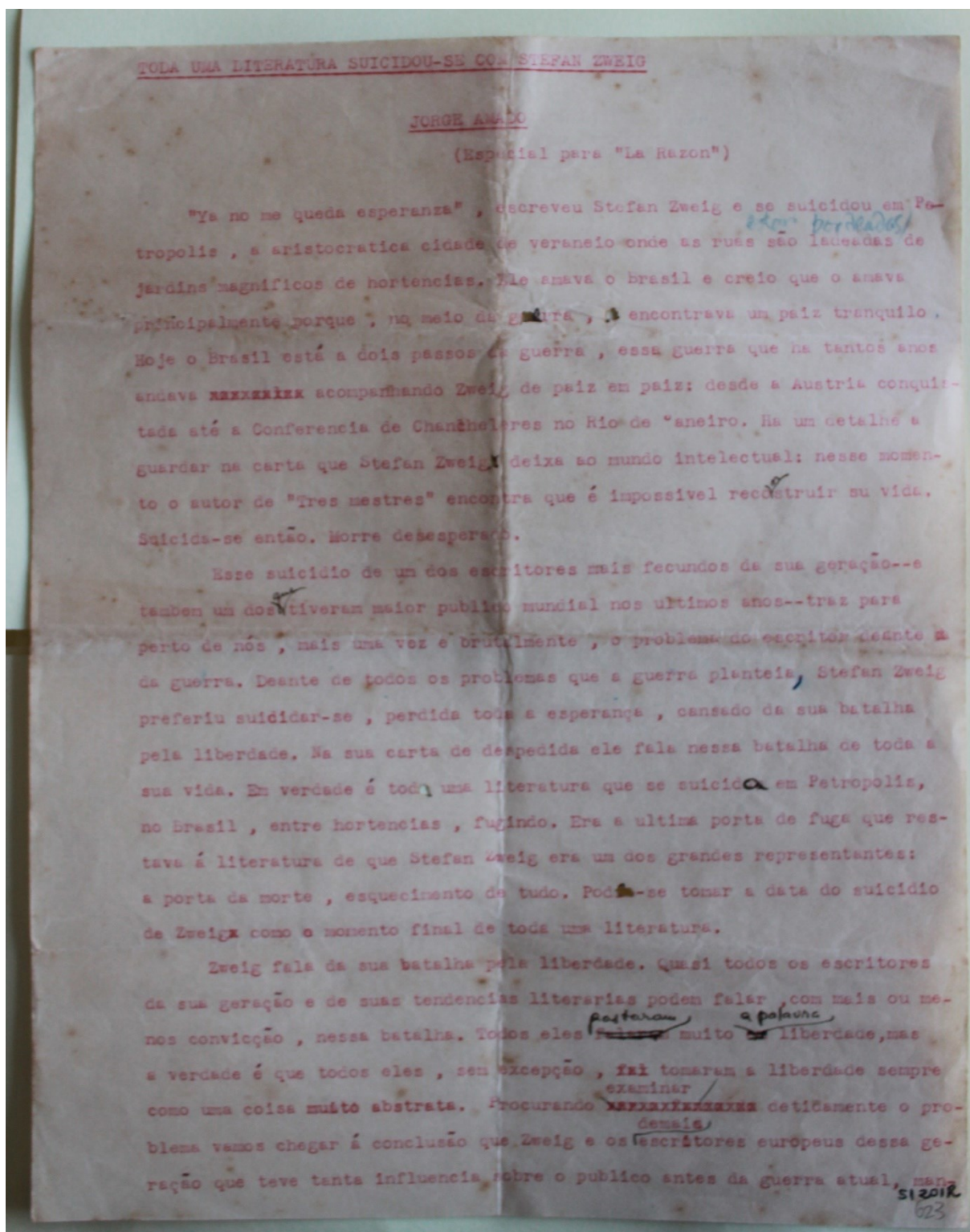


Figura 165- Original *Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Zweig I*.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 512, 2023.

2)

~~tiveram sempre~~ <sup>tiveram sempre</sup> ~~antes de tudo~~ uma atitude de fuga ante todos os problemas concretos. Estes foram homens que , antes da tomada do poder pelo nazismo , preferiram rir ironicamente de Hitler a combater-lo com violencia. Desconheceram o perigo , fecharam os olhos a ele , fugiam para o estudo de intimos problemas freudianos , para o esmiuçar de detalhes psicologicos num momento dramatico do mundo. São homens que viajaram muito--Stefan Zweig ~~conheceu~~ <sup>conheceu</sup> o mundo inteiro--mas que viaja ~~sempre~~ <sup>sempre</sup> ~~nas primeiras classes dos navios de luxo~~ <sup>nas primeiras classes dos navios de luxo</sup> , vendo as ~~paesagens~~ <sup>paesagens</sup> humanas entre cock-tails e conversas espirituaes. São homens da duvida , do mundo interior , homens que viam a beleza das paesagens da natureza e fechavam os olhos á dramatica paisagem humana de um mundo convulsionado onde forçás se chocavam , onde o riso ficava cada vez mais difficil <sup>onde cada cadavez</sup> e mais sombria a face dos homens. Da sua geração poucos ~~tiveram~~ <sup>tiveram</sup> coragem--após 1918--de encarar o terrivel ~~espectaculo~~ <sup>espectaculo</sup> ~~das~~ <sup>das</sup> problemas reaes e concretos. Faltou aos companheiros de jornada de Zweig aquela intrepida coragem que teve um Romain Rolland nos anos de hoje, que teve um Bernard Shaw. E mesmo por isso a propria obra literaria de Zweig ~~sofreu~~ <sup>sofreu</sup> uma brusca decadencia que ~~afastou~~ <sup>afastou</sup> não só de ~~seu~~ <sup>seu</sup> publico <sup>(tanto como tambem das massas mais necessitadas de aprender. Ficou ele sendo lido por aquela enorme porção de leitores que queria fugir da realidade do mundo para um mundo ficticio de sutis problemas espirituaes. Fuga, fuga, sempre fuga, é a atitude marcante dessa literatura. Fuga que a leva a enormes ~~concepções~~ <sup>concepções</sup> de ordem puramente literaria e a ~~concepções~~ <sup>concepções</sup> ainda maiores de ordem politica. Esses escritores--Zweig é um excelente exemplo-- desconheceram o infinito numero de problemas vitaes e quotidianos que clamam pelos escritores de hoje e que comecam a produzir uma impressionante literatura. Fugiram do futuro deante deles , era a sua maneira de procurar a liberdade , uma liberdade impossivel e sem sentido real. Se voltaram então para dentro de si mesmos e deram <sup>ao publico</sup> ~~esses~~ <sup>esses</sup> rapidas--e por vezes tão bem feitas-- anotações de almas inquietas e perdidas em problemas sexuaes , sentimentos e espirituaes . Se voltaram depois , quando o publico pedia algo de mais concreto, para as figuras do passado. Tinham medo do presente dramatico , do futuro que a esses homens fim de seculo parecia de uma brutalidade e de um</sup>

513DIR  
07+

Figura 166- Original Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Sweig II.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 513, 2023.





# Una Muchedumbre Con

## Todo un Ciclo Literario se Suicidó con Stefan Zweig

Por Jorge Amado

Especial para LA RAZON

Entre la última muerte de Stefan Zweig ha escrito Jorge Amado, especialmente para LA RAZON, el siguiente artículo. El que nos trae hoy, traducido al alemán, dramáticamente honesto y ruso y que por su brevedad y precisión es el más adecuado para el lector latinoamericano.



JORGE AMADO

En el artículo del caso de "Lahabá" y "Moi Museo", lo que hoy fundamentalmente es el análisis de la obra de un eminente escritor universal del mundo por su joven representante de la literatura latinoamericana de América.

YA no me queda esperanza", escribió Stefan Zweig y se suicidó. En Petrópolis, la aristocrática ciudad de veraneo donde las calles están bordeadas de magníficos jardines de hortensias. El ama a Brasil y yo creo que lo amaba principalmente porque, en medio de la guerra, encontraba al fin un país tranquilo. Hoy el Brasil está a dos pasos de la guerra, esa guerra que venía, hace años, siguiendo a Zweig de país en país, desde su Austria conquistada hasta la Conferencia de Cancilleres de Río de Janeiro.

Hay un detalle que debe observarse en la carta que Stefan Zweig deja al mundo intelectual: en ese momento el autor de "Tres maestros" piensa que le es imposible reconstruir su vida. Entonces, se suicida. Muere desesperado.

Este suicidio de uno de los escritores más fecundos de su generación —y también de uno de los que tuvieron mayor público universal en los últimos tiempos— acerca a nosotros, una vez más y de manera brutal, el problema del escritor frente a la guerra. Delante de todos los problemas que la guerra plantea, Stefan Zweig prefirió suicidarse, perdida toda esperanza, cansado de su batallar por la libertad. En su carta de despedida habla de esta batalla de toda su vida. En verdad, es toda una literatura la que se suicida en Petrópolis, en el Brasil, entre hortensias, huérfano. Era la última puerta de huida que

quedaba a la literatura de que Stefan Zweig era uno de los grandes representantes: la puerta de la muerte, el olvido de todo. Se puede decir que la fecha del suicidio de Zweig lo es también en la del momento final de toda una literatura.

Zweig habla de su batalla por la libertad. Casi todos los escritores de su generación y de sus tendencias literarias pueden hablar, con más o menos convicción, de esa batalla. Todos ellos han gastado mucho la palabra libertad, pero la verdad es que todos ellos, sin excepción, tomaron la libertad siempre como una cosa muy abstracta.

Preparando examinar detenidamente el problema, vamos a llegar a la conclusión de que Zweig y los demás escritores europeos de su generación, que tanta influencia ejercieron en el público antes de la guerra, tuvieron siempre una actitud de huida frente a todos los problemas concretos. Fueron hombres que, antes de la toma del poder por el nazismo, prefirieron ver trucidamiento de Hitler, a combatir con violencia. Desconocieron el peligro, cerraron los ojos a ello, huyeron hacia el estudio de ínfimos problemas freudianos, hacia el desmenuzamiento de detalles psicológicos en un momento dramático del mundo.



Stefan Zweig, el escritor suicida

Son hombres que viajaron mucho. Zweig ha conocido el mundo entero— pero que siempre viajaron en la primera clase de los barcos de lujo mirando el paisaje humano entre cocktails y pláticas espirituales. Son hombres de la duda, del mundo interior, hombres que velan el paisaje de la naturaleza y cerraban los ojos al mundo paisaje humano de un mundo consumido, donde se entrecrocaban fuertes distancias, la sombra era cada vez más densa y era cada vez más sombría la faz de los hombres. De su generación pocos tuvieron el coraje—después de 1918— de enfrentar el terrible espectáculo de los problemas reales y concretos. Falló a sus compañeros de jornada aquel intraducible con que tuvo un Ronald Holland, que tuvo un Bernard Shaw. Y por eso mismo la obra literaria de Zweig—como de todos ellos— sufrió una brusca decadencia, que lo alejó no solo del público

mas culto, sino también de las masas más necesitadas de aprender. Continuo siendo leído por aquella enorme cantidad de gentes que querían huir de la realidad hacia un mundo ficticio de sutiles problemas espirituales. Huida, huida siempre huida, es la actitud típica de esa literatura. Huida que la lleva a enormes concesiones de orden puramente literario y a concesiones mayores aun de orden político.

Esos escritores—Zweig es un excelente ejemplo— desconocieron el infinito número de problemas vitales y casuales que reclaman a los escritores de hoy y que comienzan a producir una impresionante literatura. Huyeron del futuro que estaba delante de ellos; era su mejor manera de procurar la libertad, una libertad imposible y sin sentido real. Se volvieron entonces hacia dentro de ellos mismos y ofrecieron al público esas rápidas —y a veces bien hechas— anotaciones de almas inquietas y perdidas en problemas sexuales, sentimentales y espirituales. Se volvieron después, cuando el público pedía algo más concreto, hacia las figuras del pasado. Tienen miedo del presente dramático, del futuro que a esos hombres fin de siglo parecía de una brutalidad y de un realismo que los atemorizaba. Y se adhirieron al pasado. Maria Antonieta, Fouché, Magallanes y Casanova —figuras del otro mundo, ejemplos que nada nos pueden decir hoy— son traídos por las manos de Zweig delante del público. Es una vez más, la huida frente a la realidad que se presentaba.

Vino el nazismo, esa literatura lo combatió, pero lo combatió con una sonrisa de escarnio, cuando no era posible vencer al nazismo apenas con el desprecio. Y vino

una vez iba Zweig hacia Belem de Pará, en avión, cuando preparaba su libro sobre el Brasil. Conversamos y yo me admiré que pretendiendo ver la Amazonia para escribir sobre ella, viajara en avión.

—Debia ir —le dije— en un pequeño barco de viaje lento, incomodo, pero capaz de mostrarle una dramática realidad. Zweig me contestó que estaba cansado de ver miseria y dolor y que prefería ver las bellezas brasileñas.

Así era esa literatura, que tenía miedo a la vida y huida. Frente a la realidad de la guerra, esa literatura, en la persona de Stefan Zweig, se suicidó anteayer en Petrópolis, rodeada de hortensias. Sin esperanza en el futuro. Pero hay otra literatura de hombres que viajan en tercera, que miran la vida cara a cara, que ven los problemas de cada instante y no creen en la sutileza de los problemas psicológicos desligados de la realidad ambiente. Esta literatura aún —y más que nunca— continúa. Esta literatura tiene la certeza de que de la guerra saldrá un mundo mejor y más feliz, después del aplastamiento de la bestia nazi. Esta es una literatura creada por un mundo sufrido.

El suicidio de Stefan Zweig marca el momento en que dejó prácticamente de existir una literatura que intentó vivir lejos de la realidad cotidiana de los hombres. Una literatura de estilo bello y bien trabajado, pero sin la fuerza vital de la realidad.

De la Rambla

Figura 169- Texto publicado sobre Stefan em close. Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1150, 2023.

Não apenas na carta para Joaquim, mas na própria organização pessoal da obra lemos a existência de poemas de produção do escritor. Nas listas, Amado indica *A estrada do mar* e *Os poemas de Jorge Amado*. De conhecimento público, desde 1938, sabe-se da existência de *A estrada do mar*<sup>241</sup> livro impresso em Estância em tiragem partícular. Foi, em verdade, uma edição de luxo com restritos dois exemplares<sup>242</sup>. A princípio, seria intitulado *Cantigas do Pacote Voador: Poema de Viagem e de Angústia para Matilde*<sup>243</sup>, legalmente, sua esposa de 1933 a 1944, embora, como visto, Jorge tenha se envolvido amorosamente no exílio com Maria. Sobre o *A estrada*, alguns dos poemas do livro foram publicados em 1939 no *Dom Casmurro*. Uma versão de um dos originais traz o *Presença no porto de Tocopilla*:

*Presença no porto de Tocopilla*

*Eu te procurei nos desertos, nos oceanos a rios, nas montanhas e portos.  
Costa do Pacífico, Golfo do México, oceanos de alga, marinheiros de carvão, e o teu  
rosto se desdobrando num mistério de peixes e tartarugas.*

*Tu vais no mar caminhando, és navio, és peixe, és água, teu rosto já não existe, agora  
é só oceano.*

*No porto de Tocopilla, em todos que vejo te vejo: nos marinheiros do cais, na procissão  
com os santos, no comércio de chineses e no gran poeta chileno, sem cabeleira, sem  
versos, levando um anjo pela mão.*

*Mas só as gaivotas te conhecem, voam em torno do teu rosto de água, beijam teus  
olhos e te trazem peixes.*

Quanto à forma, vê-se que atende ao poema em prosa. Especialmente em relação à análise e a sua recepção, não se ouviu sequer ruído, o que poderia ser justificado pela exígua quantidade de exemplares, não fosse a publicação no periódico mencionado. Além de ter inicialmente dedicado esse livro à Matilde, ambos chegaram também a escrever e a publicar juntos um livro infantil que se chamou *A descoberta do mundo*, em 1933. Independentemente de quem partiu a intenção de carregá-lo para o exílio, de Jorge ou de Matilde, o escritor manteve consigo o original do contrato dessa obra no tempo em que viveu às margens do Prata. Jorge, aliás, manteve consigo o contrato de edição desta obra no exílio. Ainda sobre os poemas,

---

<sup>241</sup> Meu recorte de *A estrada do mar* está a serviço da motivação biográfica em delinear a vida de Amado no contexto e imediações da reunião documental do Acervo Mala de Jorge Amado. A análise crítica dessa produção literária é feita por Roberta de Fátima Martins, companheira de pesquisa no nuLIME, e estará disponível em sua tese de doutorado, a ser defendida em agosto de 2023.

<sup>242</sup> Martins, 1961, p. 34.

<sup>243</sup> Rubim; Carneiro, 1992, p. 36.

efetivamente, há rastro de *Os poemas de Jorge Amado*, inclusive com subtítulos que dão a noção de serem divididos em seções, como *Poemas de amor*.

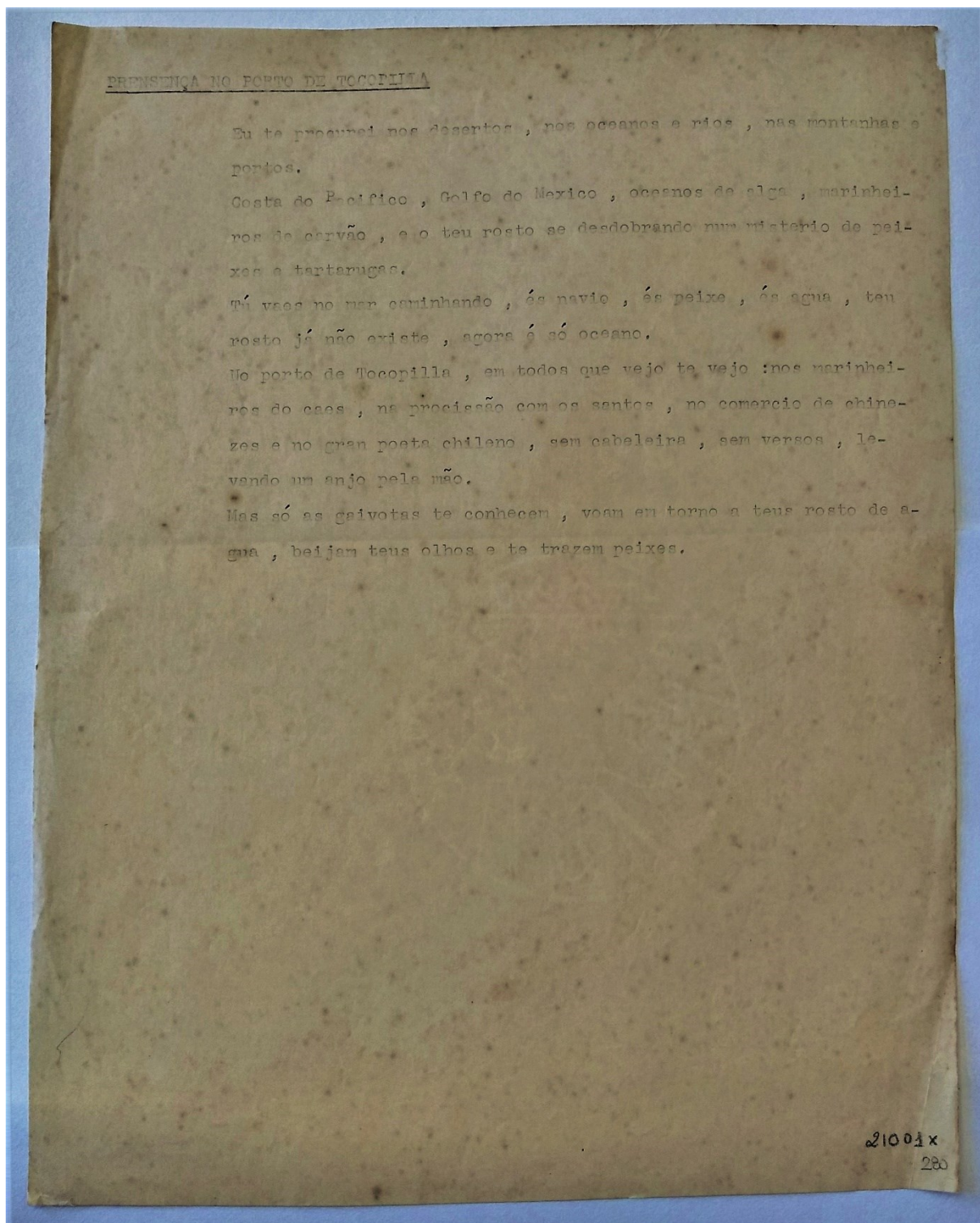


Figura 170- Original de *Presença no porto de Tocopilla*.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 210, 2023.

LIVRARIA SCHMIDT

CASA EDITORA

MAIA &amp; SCHMIDT LTA.

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27

TELEPHONE 3-1172

RIO DE JANEIRO

Contracto que entre si fazem, a Srta MATHILDE GARCIA ROSA e o Sr. JORGE AMADO, autores, e MAIA & SCHMIDT LTDA editores, estabelecidos nesta cidade á TRAV. OUVIDOR, 27, para a publicação do livro intitulado "A DESCOBERTA DO MUNDO" sob as clausulas seguintes:

1ª) MAIA & SCHMIDT LTDA, obrigam-se:

- a- Imprimir 3.000 (treis mil) exemplares do livro "A DESCOBERTA DO MUNDO" correndo as despesas por sua conta.
- b- Pagar aos autores 1:000\$000 (um conto de reis) em duas prestações, sendo a la de 200\$000 (duzentos mil reis) pagavel no dia 5 de Outubro p.y. e as restantes 800\$000 (oitocentos mil reis) até a sahida do livro, que será até Natal do corrente anno, ficando os editores com os direitos autoraes e a propriedade do livro.

2ª) Os autores, obrigam-se:

- a- A não publicar outro livro sobre o mesmo assumpto.

3ª) As partes contractantes dão ao presente contracto o valor de Rs. 3:000\$000 (treis contos de reis).

E por terem assim accordado, justo e contractado, assignam com a presença de duas testemunhas, o presente contracto em duplicata dando uma para o editor e outra para os autores.

Rio de Janeiro 26 de Setembro de 1935

Maia & Schmidt L<sup>ta</sup>

Mathilde Garcia Rosa

Testemunhas:

José Amado  
 Juiz de Direito de 1ª Instância 1381 090

Figura 171- Contrato de A descoberta do mundo.  
 Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 1381, 2023.



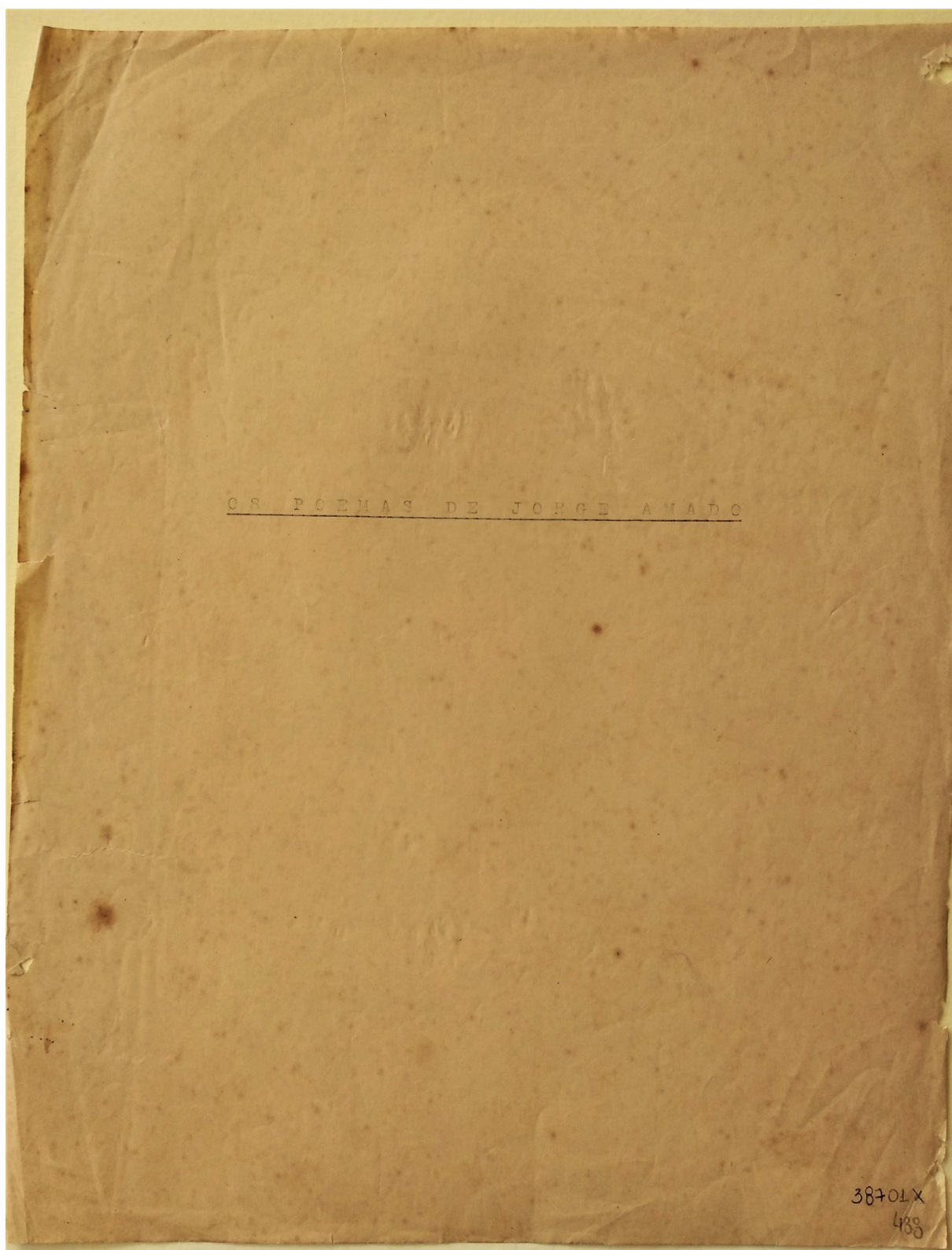


Figura 172- *Os Poemas de Jorge Amado*  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 387, 2023.

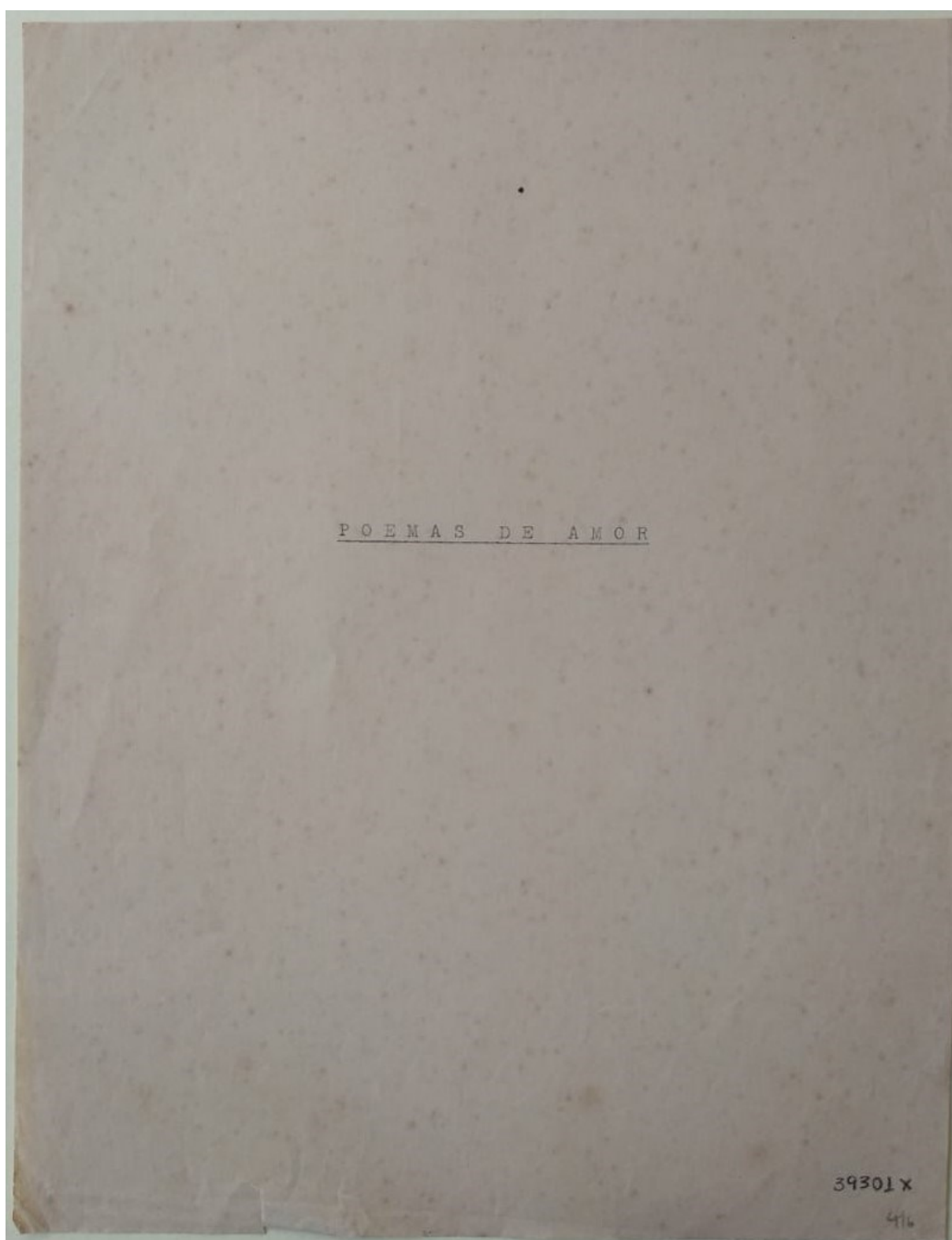


Figura 173- Subtítulo *Poemas de amor*.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 393, 2023.

Se os poemas foram escritos para Matilde ou Maria não se sabe, fato é que ambas estiveram envolvidas com o autor na condição de companheiras no período do exílio e, também ambas, eram reconhecidas como legítimas esposas. Quando Jorge morava em Buenos Aires, sua correspondência chegava com votos de felicidades e beijos para Maria; já quando Matilde chegou com Lila, mudou-se só a destinatária dos cumprimentos, pois os beijos e abraços agora eram dedicados à Matilde e, por extensão, Lila.

Quanto a suas existências, da parte de Maria, vê que assinava *Maria Amado*, denominava-se *esposa*, e questionava o que, em correspondência, chamou de *estúpida trindade* – a lei, a igreja e a sociedade. Fato é que foi uma importante militante do círculo dos exilados. Era Maria, não Jorge, quem se comunicava com Prestes. Em carta que ficou no arquivo, dentre outros tópicos abordados, respondeu ao pedido do escritor para que passasse uma informação ao líder preso: *Vou consultar o pessoal sobre o recado que você me pede para Prestes, se não houver o inconveniente de interceptarem as cartas, fique certo que darei*, disse ela. Seu texto me faz construir o perfil de uma mulher determinada, insubordinada, corajosa; refutou, debochadamente, o que denominou de *status quo divinatório dos romancistas e poetas*, não chamou porta-voz nem se furtou do adeus: falou a Jorge que nunca mais escreveria a ele, pois não se entendiam mesmo nem por carta, e assim o fez. No período em que formavam o então casal Amado, compartilharam eventos sociais distintos. Além disso, assim como fez Matilde, Maria secretariou Jorge nas suas funções de escrita. No caso, especificamente, enquanto ele redigia a biografia de Prestes. Em um rascunho não finalizado, há o início de uma correspondência em que ela escreveu:

*Caríssimas Senhoritas Rosalía e Noemí: Tendo estado Jorge bastante ocupado esses últimos dias com a biografia de Luiz Carlos Prestes (a sair em janeiro próximo) e alguns outros trabalhos urgentes, inclusive o preparo de outra conferência que realizará desta vez na sede da A.I.A.P.E de Buenos Aires, no dia 13 deste, tomei o encargo, para mim bastante agradável, de despachar sua correspondência. Coube a mim, portanto, enviar-vos a cópia da palestra que meu esposo realizou aí no vosso bem organizado Liceo Rosarino de Mujeres.*

Por fim, antes mesmo dos Amado enviarem Matilde, Maria Cruz foi embora, separou-se do seu então Marido – assim como Jorge, Maria era oficialmente casada – e, tempos depois, *disposta a representar pela segunda vez essa pantomima*, como disse, casou-se com... Pompeu Borges; exatamente este: o Pom, o P., Campeão, o tradutor da biografia de Prestes para o espanhol e, até ali, amigo de Jorge.

Quanto à Matilde, encontramos-nos com sua presença como destinatária de três remetentes do Brasil. Sendo um dos envelopes que levou uma dessas cartas já compartilhado anteriormente; é aquele que indica a passagem da correspondência pela revista da censura postal da Bahia, ambientando a conjuntura política em voga no período. Uma de suas remetentes é Bluma Wainer, que escreve:

*Matilde,*

*Recebi sua carta hoje à tarde e aqui está o que me pede.*

*Sobre a longa carta, já a respondi, v. até já a deve ter recebido. Recebemos o livro de Jorge: todo mundo ficou emocionado [impactante]. Ninguém leu, naturalmente, pois só ontem o recebemos. Transmiti as lembranças e todos e todas retribuem. Diga a Jorge que fiquei muito contente com a sua benção – não foi de proposito, mas chegou num dia que bem precisava da benção: hoje comemoramos (o casal Wainer) 7 anos de casados. Tilde, vs. vão sentir diferença na revista: o DIP nos contemplou com “censura prévia” a partir do próximo número. Como vê, as coisas aqui andam 3 passos para frente, e 2 para traz. O resto, por enquanto, nada de novo. Esperamos os acontecimentos.*

*Tenente esteve aqui ontem – cada vez mais parecido com Jorge. Está de passeio e satisfeítíssimo por não estar em S. Paulo esses dias, onde o frio não está para brincadeira.*

*Desculpe estar tão mal escrito, mas esta máquina está terrível. Esperando sempre poder ser-lhes útil, aqui vai o abraço de Bluma.*

A revista a que se faz referência é *Diretrizes*,<sup>244</sup> na época, um veículo de oposição aos governos totalitários de maneira ampla e, por extensão, ao regime de Getúlio Vargas no Brasil. Na ocasião da carta de Bluma, Samuel Wainer, seu esposo, era dono e editor da revista, sendo que o próprio Jorge Amado chegou a colaborar com o compêndio entre o último ano da década de 1930 e o início da década de 1940.

---

<sup>244</sup> A revista surge (1938) originalmente com o objetivo de apoiar o Estado Novo. Seu fundador, Azevedo Amaral, foi um conhecido jornalista defensor do regime do Estado Novo. Somente após Wainer assumir a direção do periódico que a *Diretrizes* ganhou um viés de esquerda.

Foi a semelhança do Estado Novo com os modelos europeus criticados pela *Diretrizes* que fizeram com que a revista não escapasse do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que não somente censurava os órgãos de imprensa se não estivessem alinhados à proposta “do Estado” como também intervinha nos conteúdos publicados.

Além dessa, há outras seis correspondências enviadas à Matilde, seus outros remetentes são Zeriba, Norberto e um sujeito não identificado. No geral, as mensagens pedem livros, tratam de notícias do Rio, e reivindicam informações sobre a biografia. Também há envios de abraços para Lila. De uma dessas correspondências, um dado interessante surge. A princípio, Matilde e Jorge voltariam ao Brasil até o final do ano, juntos. Ao menos, é o que se pode inferir da passagem do datiloscrito carcomido pelo tempo, que diz: *Matilde, fico encantado quando me diz que até o fim do ano você e Jorge estarão de volta*. O que significa supor que o apoio do governo brasileiro aos Aliados, em agosto, somente antecipou o retorno de Jorge Amado, já que ele pretendia voltar ao país no mesmo ano. Além disso, fica a dúvida de o porquê Lila e Matilde terem vindo separadas (e antes) do escritor.

Ainda em correspondência, lê-se a passagem: *Você queixou-se do frio e eu fiquei com muita pena de você. Mas vale o sacrifício porque você colabora com Jorge e algum dia há de se escrever a história dessa grande exemplo de mulher que é a esposa e colaboradora do romancista Jorge Amado*. Talvez, partindo desse discurso, seja possível conjecturar o porquê Matilde foi posteriormente diminuída no discurso corrente da biografia do autor. Isto é, deixou de ser esposa e colaboradora do romancista: perdeu o valor.

Jorge: acabo de ler sua carta e confesso  
 que pelos termos em que foi escrita, cau-  
 son-me uma profunda decepção. Não  
 pelo fato de N. pela terceira vez cumprir-  
 mentar-me o que em cumprindo e justifi-  
 cado nessa ultima, mais que nas primei-  
 ras vezes, uma vez que sempre se di-  
 rigiu, do modo franco e honesto que lhe  
 é commum, a você, pondo-o ao par dos  
 acontecimentos como porque, talvez abusando  
 do do ~~seu~~ proprio intuito divinatorio dos so-  
 muncistas e poetas... "N. tivesse tentado  
 uma falsa interpretação do caso. V.  
 sabe, sem certeza que eu ignorava com-  
 pletamente os sentimentos de sempre por-  
 mim, porque do contrario ele não teria  
 ao menos olhos nenhum valor. O que me  
 aproximou dele foi em parte essa imen-  
 sa capacidade que eu tenho de acreditar  
 nos outros e de querer bem e tambem o  
 desprendimento dele lutando para que  
 N. voltasse para o meu lado. ~~Seus~~ <sup>seus</sup> ~~aguarda~~ <sup>aguarda</sup> assim.  
 "Trate do seu desquite e case. Mas  
 case". Agito o seu conselho. Para dar uma  
 satisficção ás pessoas que ~~colocam~~ <sup>colocam</sup>  
 o casamento acima de qualquor compromissos  
 que não seja aprovado pela lei ou pela lei  
~~da~~ <sup>da</sup> ~~representação~~ <sup>representação</sup> sociedade, estão dispostos  
 a representar pela segunda vez esta par-  
tomimo. E saiba que eu e sempre  
 não nos casamos ainda, dispendendo  
 o consentimento dessa estúpida inda  
de, é porque infelizmente nossas fami-  
 lias tambem fazem parte dela e nós  
 queremos evitar-lhes um preterível de-  
 storgano que a minha ja sofreu uma  
 vez. Trate o seu conselho, meu.  
 Vou consultar o pessoal sobre o  
 da

89402567

651

Figura 174- Carta Maria (frente).

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 894, 2023.

decido que N. me pede para Prestes.  
 Si não houver o inconveniente de  
 interceptarem as cartas, fique certo  
 que o darei. Por mim, creio que o mais  
 mais pratico seja pedir a seu astro-  
 gado que lhe deasse pessoalmente,  
 a noticia.

Soube pelo Pedro que em São Pau-  
 lo os estudantes fizeram um desfi-  
 le com carros alegóricos ~~representan-~~  
 do <sup>em</sup> faulhas as tres letras (V.M.D.) da  
 atualidade e chegando na praça  
 de São Francisco, considerada pelos  
 rapazes qualquer coisa assim co-  
 mo "praca da liberdade" um outro  
 estudante com bigodes fez um dis-  
 curso ás massas dizendo que já  
 era tempo de amargar as letras,  
 etc. Isso foi ocasião do desfile do calouros  
 etc.

Essa é a ultima vez que lhe  
 escrevo. Parece que não nos compre-  
 demos mesmo nem por carta.  
 Agradeço por mim e por José por  
 as felicitações. Sabemos que elas  
 são sinceras. Desejamos tambem que  
 N. seja muito feliz. Esperamos ter  
 o prazer de ler em breve seu ma-  
 nance e que ele resfume as suas  
 passadas noticias.  
 Agore devo dizer-lhe adeus

Bs. As. 21-5-42. Maria

126

632

8950285

Figura 175- Carta Maria (verso).

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 895, 2023.

Carissimas senhoritas Rosalía e Noemí: Tendo estado Jorge bastante ocupado estes ultimos dias com a biografia de Luiz Carlos Prestes, ( a sair em Janeiro proximo) e alguns outros trabalhos urgentes, inclusive o preparo de outra conferencia que realizará desta vez na sede da A.I.A.P.E. de Buenos Aires, no dia 13 deste, tomei a encargo, para mim bastante agradavel, de despachar sua correspondencia. Coube a mim, portanto, enviar-vos a copia da palestra que meu esposo realizou ahí no vosso bem organizado "Liceo Rosarino de Mujeres".

Queremos agradecer tambem

826020  
BIS

Figura 176- Carta abandonada para Rosalía e Noemí.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 826, 2023.



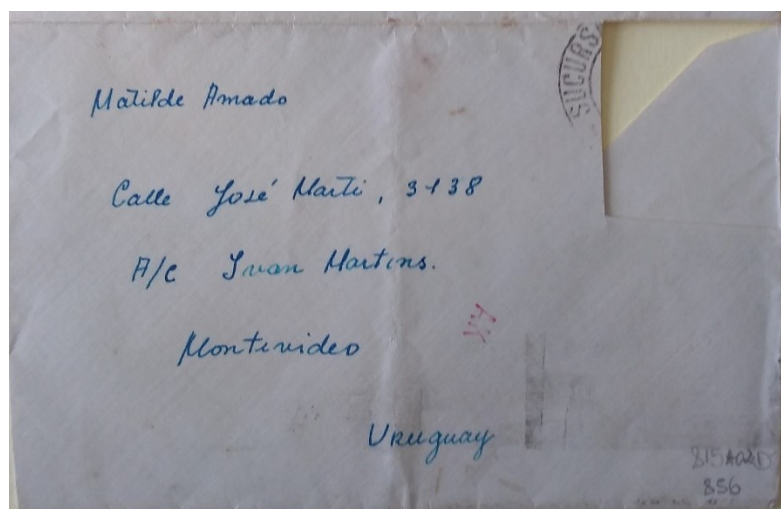


Figura 177- Envelope para Matilde 1.  
 Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 815, 2023.



Figura 178- Envelope para Matilde 2.  
 Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 827, 2023.

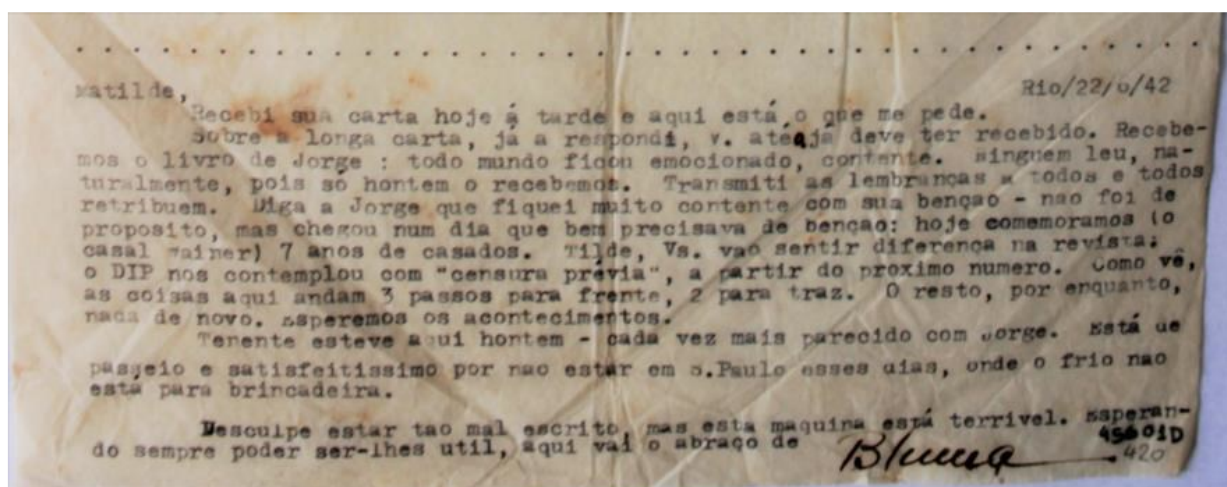


Figura 179- Carta de Bluma.  
 Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc. 456, 2023.

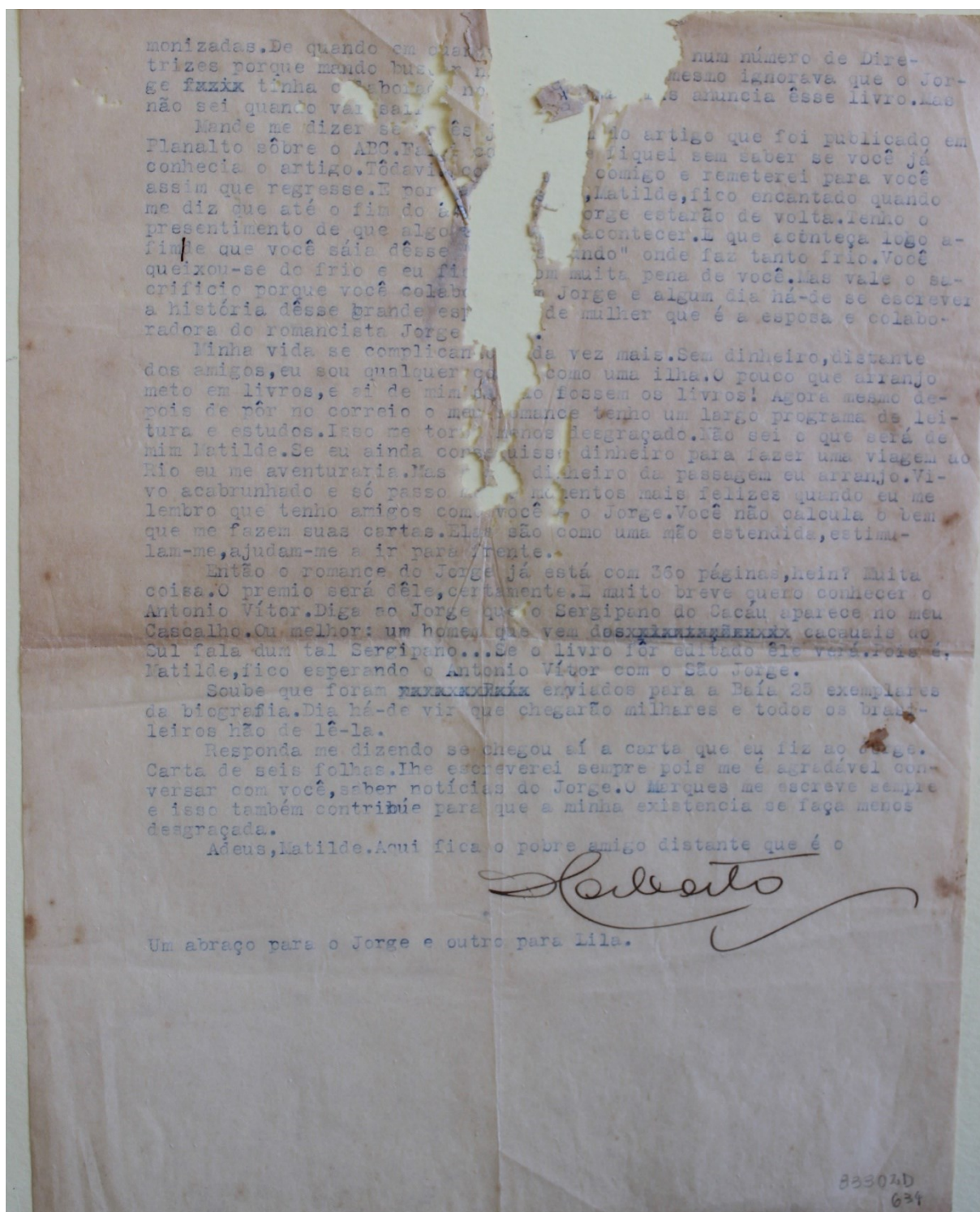


Figura 180- Carta para Matilde.  
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado, doc.833, 2023.

Finalmente, três meses após o lançamento da biografia do *heroi*, Getúlio Vargas declarou seu apoio aos Aliados e o Brasil oficialmente entrou na Segunda Guerra Mundial. Jorge Amado, então, registrou no seu livro de memórias como o episódio repercutiu no grupo de exilados:

*Vou visitar Júlio de Mesquita Filho para comunicar-lhe a decisão tomada na reunião de Montevideu pelos exilados comunistas, ratificada na véspera em Buenos Aires: dado que o Brasil declarou guerra ao eixo nazifascistas, colocou-se ao lado das Nações Unidas, nosso lugar, nosso posto de combates é na pátria, o tempo do exílio terminou, a nova tarefa é ajudar o governo no esforço de guerra. Recito meu relambório com convicção e jactância, Julinho Mesquita, ouve-me com boa educação e ceticismo: – Vocês vão se entregar à polícia? É demais.<sup>245</sup>*

Sim, era muito, e ele especulou sobre os riscos, tanto que deixou no Uruguai, para onde foi após finalizar a biografia, o material que levou, recolheu, recebeu, e produziu nesse período de exílio. Eis, aqui, a síntese do que pode contar esse material deixado para trás.

---

<sup>245</sup> Amado, 2006, p. 53.

## 6 CONCLUSÃO

Essencialmente, este trabalho falou à prática do narrar a vida e, por extensão, às escolhas narrativas selecionadas para tal. Especialmente, ao procurar respaldar a hipótese de que a lacuna biográfica relativa ao período de 1941 e 1942 na biografia de Jorge Amado só pôde ser compreendida na interconexão entre informações biográficas, contexto histórico, recolhimento e existência do Acervo Mala de Jorge Amado e o envolvimento de seus agentes, procurei empreender uma jornada que quis evidenciar a supracitada lacuna como saldo de silenciamentos intencionais e de representações históricas seletivas.

A começar, investiguei o gênero biográfico na sua realidade tanto contemporânea quanto histórica, a fim de melhor compreender a construção de narrativas biográficas e o surgimento de novas formas no gênero. Dessa forma, ao observar a crescente popularidade das biografias do tipo *true crime*, afirmo que há um desejo generalizado na sociedade contemporânea de se conectar com narrativas reais e humanas. Essas histórias, muitas vezes, transcendem os limites da ficção e oferecem uma compreensão mais profunda da complexidade do viver. Isto é, o fascínio pelo lado obscuro da humanidade, pelas mentes criminosas e pelos detalhes mórbidos de crimes reais pode parecer desconcertante, ao primeiro olhar, mas, de forma mais aprofundada, pode nos fazer confrontar a complexidade da natureza humana no que diz respeito a questões como moralidade, justiça e psicologia social. Quero dizer, vimos que o “verdadeiro crime” se tornou parte significativa do entretenimento contemporâneo, seja em filmes, livros, séries ou podcasts. Nessa realidade, a exploração desses casos discute questões de verossimilhança e de elementos comuns à estrutura da narrativa ficcional, de forma que tal predileção pelo *verdadeiro crimes* e por tragédias pode ser compreendida como uma tentativa de enfrentar nossos próprios medos e inseguranças em relação à violência e à morte.

Ainda, foi possível debater o papel da mídia e da indústria do entretenimento na disseminação desse tipo de narrativas. No caso, por meio da publicação de livros, lançamentos de documentários, podcasts etc., a mídia indica seu poder de moldar o discurso público e de direcionar a atenção da sociedade para determinados temas. Nesse ponto, o sensacionalismo e a exploração das tragédias alheias tornam-se

estratégias que atraem audiências e transformam a vida alheia em verdadeiros fenômenos culturais. Em resumo, o interesse pelo universo biográfico, incluindo as narrativas *true crime* do contemporâneo, é um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve questões sociais, econômicas, culturais e individuais.

Seguindo, procurei me ater nos antecedentes históricos e contextuais do Acervo Mala de Jorge Amado, incluindo, especialmente, seu envolvimento político com o Partido Comunista Brasileiro. Nesse sentido, após a incursão proposta, digo que é seguro reconhecer o impacto significativo que a política partidária teve na vida e na obra de Jorge Amado. No caso, a trajetória de cerca de duas décadas como militante do PCB foi capaz de moldar sua produção literária, bem como os contornos de sua vida. Assim, a biografia de Luiz Carlos Prestes, escrita durante o exílio em Buenos Aires, foi a manifestação clara desse engajamento político e de sua produção intelectual estar a serviço do partido citado.

Ainda, não menos importante, foi a percepção de que, essencialmente raso e vulgar, é incorrer em julgamentos simplistas sobre a obra amadiana, classificando-a meramente como “ideológica” ou “populista”. Isto é, a literatura da fase em foco de Amado deixou, minimamente, um legado de valorização da cultura popular e da luta pelos direitos da classe trabalhadora, não esquecendo de seu compromisso em escrever para o povo e de sua participação ativa no cenário político do Brasil; aspectos fundamentais para uma compreensão abrangente de sua obra e de seu papel na literatura brasileira. Sobre esse recorte, destaca-se também, o registro de que, minimamente, é intrigante como, mesmo entre os intelectuais de esquerda, existe um receio ao aprofundamento nos estudos sobre o comunismo, o que, não raro, leva-se à redução e à simplificação de discussões cruciais para a compreensão de um período de tamanha relevância na história brasileira e, por extensão, na própria história da literatura brasileira.

Seguindo, ao mapear e analisar 20 obras do espaço biográfico que tomam Amado como protagonista, a fim de compreender como representam o período de 1941-1942 e, por conseguinte, porque certas lacunas discursivas se estruturam no curso do tempo, pude constatar que há muitas divergências e contradições entre as narrativas. A começar pela nada inocente ou menos relevante: a própria consideração acerca de 1941 e 1942 ser, ou não, um período de exílio político do escritor. Nessa

conjuntura, deparei-me com obras que o descreveram como uma mera transferência ou mudança de país ou, ainda, enquanto período despreocupado de pesquisa literária. Fato é que, de saída, tais registros acabam por perpetuarem a lógica de se minimizar as atrocidades decorrentes de práticas fascistas na história do nosso país, tal qual foi o período do Estado Novo.

Ainda sobre o período, encontrei-me com divergências a respeito de muitas questões relevantes na vida e na obra de Amado, como a escrita de romances, como o *Agonia da noite* e o *Terras do sem fim*, as quais trouxeram informações díspares e, por vezes, equivocadas. Ainda, como se viu, a presença e menções a Matilde Garcia e Lila, por muito, foram diminuídas ou desconsideradas nas produções biográfica, o que identifiquei como um movimento objetivo e sistemático a fim de se solidificar a presença de Zélia Gattai como única esposa *relevante* para o discurso biográfico corrente do autor.

Ademais, nomes como Tomás Pompeu de Acioli Borges e Maria Cruz também entraram em discussão, especialmente, para serem contextualizados no capítulo posterior, o qual me debrucei sobre os registros do Acervo Mala de Jorge Amado. No geral, a respeito das obras lidas, não é leviano afirmar que meu desafio aproximou-se de um efetivo quebra-cabeças, o qual montei, na quinta parte do texto, sob a égide de minha autoridade como arconte. No final, nesse exercício analítico do biográfico, afirmo que a pluralidade de perspectivas e de interpretações faz questionar a própria natureza da biografia e sua relação com a verdade histórica. Afinal, como narrar a vida de alguém quando diferentes fontes oferecem versões tão diversas e até mesmo contraditórias dos mesmos eventos? Como buscar a objetividade em meio a subjetividades tão evidentes? Não há, pois, dúvidas: cada leitura, cada escrita, cada interpretação está totalmente circunscrita a um projeto discursivo consciente e, nos seus limites, ficcional, porque serve a um propósito. Assim, para o leitor, cabe fazer-se sujeito crítico a fim de perceber o processo biográfico como materialidade multifacetada da própria complexidade da vida humana.

Por fim, a meu juízo, a montagem desse quebra-cabeças sem predefinição fixa que é um acervo literário, isto é, o próprio caos, a desordem na sua materialidade, deu conta de sustentar e confirmar a hipótese de que biografia alguma é capaz de narrar o exílio 1941-1942 como o Acervo Mala de Jorge Amado o faz. Não porque

meu registro biográfico preencheu todas as indagações possíveis ou foi capaz de responder todas as perguntas sobre o período. Não, e justamente pelo contrário. Fato é que a montagem do Acervo proposta, ou outra que fosse, facultou a noção de que o arranjo biográfico pode se materializar em um sem fim outro e múltiplo tal qual é a interpretação e ordenação da vida: isto é, vida narrada é sempre escolha, cisão, recorte, *narrativa*.

## 7 REFERÊNCIAS

**Acervo Mala de Jorge Amado.** Núcleo Literatura e Memória (Nulime). Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, 2023. Documentos 01, 02, 90, 147, 148, 200, 201, 202, 210, 350, 387, 393, 403, 421, 429, 432, 512, 513, 514, 596, 601, 761, 764, 765, 815, 826, 827, 833, 856, 884, 894, 895, 911, 924, 925, 926, 958, 994, 1150, 1252, 1381, 1406, 1407, 1408, 1431, 1432, 1433, 1441.

AGUIAR, Josélia. **Jorge Amado – uma biografia.** São Paulo: Todavia, 2018.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Jorge Amado: política e literatura.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

AMADO, Jorge. **Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza.** Buenos Aires: Editora Claridad, 1942.

AMADO, Jorge. Carta a uma leitora sobre romances e personagens. In: MARTINS, José de Barros (org.) **Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura.** São Paulo: Martins, 1972. p. 23-36.

AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

AMADO, Jorge. É preciso viver ardentemente. Entrevista concedida a Antônio Roberto, 1981. In: GOMES, Álvaro Cardoso (org.). **Jorge Amado: Literatura comentada.** São Paulo: Abril, 1981.

AMADO, Jorge. In: RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado.** Tradução Annie Dymetman. Rio de Janeiro, Editora Record. 1990.

AMADO, Jorge. Entrevista. In: **CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado.** São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997.

AMADO, Jorge. **Terras do sem fim.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

AMADO, João Jorge. **Toda a saudade do mundo – A correspondência de Jorge Amado e Zélia Gattai** (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AMADO, Roberto. **Jorge Amado, meu tio.** São Paulo: Ibrasa, 2021.

ARFUCH, Leonor. A auto/biografia como (mal de) arquivo. Tradução Rômulo Monte Alto e Mayla Santos Pereira. In: SOUZA, Maria Eneida de; MARQUES, Reinaldo (orgs.). **Modernidades alternativas na América Latina.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 370-382.



ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BASATIDE, Roger. Sobre o Romancista Jorge Amado. In: MARTINS, José de Barros (org.). **Jorge Amado povo e terra**: 40 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1972. p.39-70.

BECK, Matheus Passos. **Schadenfreude**: o enquadramento da rivalidade no agendamento da dor do outro. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8017>. Acesso em: 27/03/2022.

BENJAMIN, Walter. XXXXXX Tradução Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. In: LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. Tradução João Barrento. In: BARRENTO, João (org.) **O Anjo da História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Willi Bole (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Tradução Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães e Maria Izabel Penna Buarque de Almeida. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.183-192.

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1934.

BRASIL. **Decreto nº702**, de 21 de Março de 1936. Rio de Janeiro, 1936.

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1934.

BRASIL. **Decreto nº702**, de 21 de Março de 1936. Rio de Janeiro, 1936.

CABALLÉ, Anna. Los horizontes epistemológicos de la biografía. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 53, n. 2, p. 203-211, abr.-jun. 2018. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/31499/17019>.  
Acesso em: 26/04/2022.

**CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA:** Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997.

CARR, Edward Hallett. **A Revolução Russa de Lenin a Stalin (1917-1929)**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CARR, Edward Hallett. **The Bolshevik Revolution, 1917-1923**. New York: Penguin Books, 1986.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Tradução Cleonice Paes Barrete Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CUNHA, Eneida Leal. A Casa Jorge Amado. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.117-128.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo:** uma impressão freudiana. Tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOSSE, François. **O desafio biográfico:** escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

DREY, Marina Siqueira. **“Não fiz anotações, morrem comigo”:** o arquivo e a lacuna biográfica de Jorge Amado. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2017. Disponível em:  
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/177774/347082.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10/03/2021.

DREY, Marina Siqueira. Rastros de exílio: literatura e biografia. In: SOUSA, Douglas de. **Itinerário 90 anos de literatura amadiana – navegações pela vida e obra do escritor** (org.). São Luís: Editora da Universidade Estadual do Maranhão; Teresina: Cancioneiro, 2022.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado:** romance em tempo de utopia. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995.

ESPINOSA, Antônio Roberto. É preciso viver ardentemente. Entrevista feita com Jorge Amado, 1981. In: GOMES, Álvaro Cardoso (org.). **Jorge Amado:** literatura comentada. São Paulo: Abril, 1981.

FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu conheci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

FIDALGO, Lúcia. **Jorge, o amado escritor**. São Paulo: Paulus, 2012.

FOUCAUT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGA, Myrian. **Jorge Amado**. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

**FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO**. Disponível em: <<http://.jorgeamado.org.br>>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

GARCIA, Jordi. Imaginación moral y biografía. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 53, n. 2, p. 203-211, abr.-jun 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/31508/17024>. Acesso em: 26/05/2022.

GATTAI, Zélia. **Reportagem incompleta**. Salvador: Editora Currupio, 1986.

GATTAI, Zélia. Ai, que saudades de Jorge! In: GATTAI, Zélia (org.). **Um baiano romântico e sensual**: três relatos de amor. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002. p.11-102.

GIDDENS, Anthony. **A Terceira Via – reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da socialdemocracia**. São Paulo: Editora Record, 1999.

GIRAUDO, JOSÉ EDUARDO FERNANDES; GENRO, TARSO. **A terceira via de que fala a imprensa é um blefe e engodo**. Carta Capital, São Paulo, 05/12/2121. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-terceira-via-de-que-fala-a-imprensa-e-um-blefe-e-engodo/>. Acesso em: 20/04/2023.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer (org.). **Caderno de leituras – a literatura de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOMES, Álvaro Cardoso (org.). **Jorge Amado**: literatura comentada. São Paulo: Abril, 1981.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada**: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MANDEL, Ernest. **Delícias do Crime – História social do romance criminal**. Tradução de Nilton Goldmann. São Paulo: Editora Busca Vida, 1988.

MARTENS, Ludo. **Um Outro Olhar Sobre Stáline**. Lisboa: Para a História do Socialismo, 2009.

MARTINS, José de Barros (org.). **Jorge Amado**: 30 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1961.

MARTINS, José de Barros (org.). **Jorge Amado povo e terra**: 40 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1972.

MARTINS, Roberta de Fátima. **Enlaces**: memória e subjetividade no Acervo Jorge Amado. 2015. 251 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015. Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PLIT0620-D.pdf>. Acesso em: 28/07/2023.

MONTEIRO, Salvador de. KAZ, Leonel. **Jorge Amado – Fotobiografia**. Rio de Janeiro/ Salvador: Edições Alumbramento, 1986.

NASCIMENTO, Rui. **Jorge Amado – uma cortina que se abre**. Salvador: Casa das Palavras, 2008.

NERY, Hermes Rodrigues. A dinâmica criadora de Jorge Amado, 1990. In: RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Editora Record. 1990. p. 09-12.

PEREIRA, Astrojildo. Lutas Operárias que Antecederam a Fundação do Partido Comunista do Brasil. In. **Problemas - Revista Mensal de Cultura Política**, Rio de Janeiro, n. 39, p., mar.-abr., 1952. Disponível em: [https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev\\_prob/39/index.htm](https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/39/index.htm) Acesso em: 04/04/2022.

PEREZ, Renard. Notícia Biográfica. In: MARTINS, José de Barros (org.). **Jorge Amado Povo e terra**: 40 anos de literatura. São Paulo, Martins, 1972. p.231-242.

PILIGRA. **A odisseia de Jorge Amado**. Ilhéus: UESC, 2012.

PORTELLA, Eduardo. A fábula em cinco tempos, 1961. In: MARTINS, José de Barros (org.). **Jorge Amado**: 30 anos de literatura. São Paulo, Martins, 1961. p.13-26.

PRESTES, Anita Leocádia. A atualidade da Aliança Nacional Libertadora (ANL) – 80 anos depois. In: **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v.8, n.1, p. 167-170, jun., 2016.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução Annie Dymetman. Rio de Janeiro, Editora Record. 1990.

**REVISTA GETÚLIO VARGAS**: Edição Histórica. São Paulo: Editora Abril, s/d.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. A militância política na obra de Jorge Amado. In: SCHWARCZ, Lília; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer Goldstein. **Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.22-33.

RUBIM, Rosane. CARNEIRO, Mariéd (orgs.). **Jorge Amado 80 anos de vida e obra**: subsídios para pesquisa. Salvador: Casa das Palavras, 1992.

SANTOS, Itazil Benício dos. **Jorge Amado**: Retrato Incompleto. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

SANTOS, Gildásio Alves dos. A Coluna Prestes e sua passagem pelo município de Condeúba. In: Ciclo de Estudos Históricos, 20., 2009, Ilhéus. **Anais [...]**. Ilhéus: UESC, 2009. p. 01-10.

SANTOS, Hélia Maria Matos Santos. Democratização e universalização da escola pública: um direito de ter direito à diversidade. In: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2021, Sergipe. **Anais [...]**. Sergipe: UFS, 2021. p. 01-18.

SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. In: **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 23-44.

SASSE, Pedro Puro. **As narrativas criminais na literatura brasileira**. 2019. 476 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/handle/1/10095>. Acesso em: 09 mar. 2021.

SCHWARCZ, Lília; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer Goldstein. **Caderno de leituras – o universo de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHWARCZ, Lília; STARLING, Heloisa. **Brasil, uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SIBILA, Paula. **O show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TÁTI. Miécio. **Jorge Amado: vida e obra**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

TAVARES, Paulo. **O baiano Jorge Amado e sua obra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1982.

VAZ-PINTO, Raquel. A Guerra Sino-Japonesa e o fim da República da China. In: **Relações Internacionais (R:I)**. 2015; N.. 48. p. 171-174.